O BESTSELLER INTERNACIONAL

Philippa Gregory



Catarina de Aragão

A Princesa Determinada

Civilização Editora

Catarina de Aragão nasce Catarina, Infanta da Espanha, de pais que eram reis e cruzados. Aostrês anos, foi prometida ao príncipe Artur, filho e herdeiro de Henrique VII da Inglaterra, e é educada para ser Princesa de Gales. Sabe que o seu destino é reinar sobre aquela terra distante, húmida e fria.

A sua fé é posta à prova quando o futuro sogro a recebe no seu novo país com uma grande afronta; Artur parece ser pouco mais do que uma criança; a comida é estranha e os costumes vulgares. Lentamente, adapta-se à sua primeira corte Tudor, e a vida como mulher de Artur vai- se tornando mais suportável. Inesperadamente, neste casamento arranjado começa a nascer um amor terno e apaixonado. Mas, quando o jovem Artur morre, ela tem de construir o seu próprio futuro: como pode ser agora Rainha da Inglaterra e fundar uma dinastia? Só casando com o irmão mais novo de Artur, o alegre, mas mimado, Henrique. O pai e a avó de Henrique são contra; os poderosos progenitores de Catarina revelam-se de pouca utilidade. No entanto, Catarina é filha de sua mãe e o espírito lutador é indomável. Fará qualquer coisa para alcançar o seu objectivo; mesmo que tal implique contar a maior das mentiras, e mantê-la.

Philippa Gregory é uma reconhecida escritora e animadora de rádio e televisão. Possui um Doutoramento em Literatura do Século XVIII pela Universidade de Edimburgo. Foi largamente elogiada pelos seus romances históricos, incluindo *The Other Boleyn Girl* (que foi adaptado para o canal de televisão inglês BBC), *A Espiã da Rainha* (publicado pela Civilização Editora) e *O Amante da Rainha Virgem* (no prelo da Civilização Editora), todos eles *bestsellers* internacionais. Vive no Norte da Inglaterra com a família. Para obter mais informações sobre a autora, visite www.philippagregory.com. Philippa Gregory, em *Catarina de Aragão - A Princesa Determinada,* volta a provar que, por trás do rosto aparentemente familiar da História, se esconde uma história espantosa: de mulheres guerreiras que influenciam o futuro da Europa, de heróis respeitáveis que cometem erros profundos e de uma história de amor por contar que muda o destino de uma nação.

Princesa de Gales

Oficina Sociológica

Granada, 1491



Ouviu-se um grito, seguido do crepitante ruído do fogo que envolvia as cortinas de seda, e em seguida um crescendo de gritos **e** pânico que se spalhou de uma tenda para a outra acompanhando as chamas, saltando de um estandarte de seda para outro, subindo por cordas e irrompendo através de portas de musselina. Depois, os cavalos relincharam aterrorizados e os homens gritaram para os acalmar, mas o terror das suas próprias vozes tornava tudo pior, até que toda a planície se acendeu com milhares de chamas enraivecidas, e a noite se contorceu com o fumo e se encheu de berros e gritos. A menina, que saía da cama com medo, chamava a mãe, em espanhol, e gritava:

- São os Mouros? Os Mouros vieram-nos buscar?

- Meu Deus, salva-nos. Estão a incendiar o acampamento! - gritava a ama. - Virgem Maria, vão violar-me e trespassar-vos com as suas alfanges.

- Mãe! - chamava a criança, esforçando-se por sair da cama. -Onde está a minha mãe?

Correu para o exterior, com a camisa de dormir a bater-lhe nas pernas, as cortinas da tenda agora iluminadas e em chamas atrás de si num interno de pânico. Milhares de tendas do acampamento estavam incendiadas, com faúlhas sendo lançadas para o escuro céu nocturno como fontes de fogo. que se alastravam como uma nuvem de pirilampos para propagar o desastre.

- Mãe! - gritava por ajuda.

Das chamas surgiram dois cavalos pretos, enormes, como bestas míticas gigantes que se moviam como uma só, de um negro intenso, contra a claridade do fogo. Lá em cima, mais alto do que alguém poderia imaginar, a mãe da criança inclinou-se para falar com a filha que tremia e cuja cabeça

não atingia a altura do ombro do cavalo.

- Fica com a ama e porta-te bem - ordenou a mulher, sem vestígios de medo na voz.

- Eu e o pai temos de sair a cavalo e mostrar-nos.

- Deixai-me ir convosco! Mãe! Vou ficar queimada. Deixai-me ir! Os Mouros vão apanhar-me!

- a menina levantava os braços na direcção da mãe.

A luz do fogo cintilava de modo estranho na sua armadura e nas grevas ornamentadas das pernas, como se fosse uma mulher de metal, uma mulher de prata e dourado, enquanto se inclinava para a frente e ordenava:

- Se os homens não me virem, vão desertar - afirmou asperamente. - Não queres que isso aconteça.

- Não quero saber! - A criança choramingava em pânico. - Não me interessa mais nada além de vós! Pegai-me!

- O exército está em primeiro lugar. - A mulher, montada no alto do cavalo negro, decretou: - Tenho de ir.

Virou a cabeça do cavalo no sentido contrário ao da filha apavorada.

- Volto para te vir buscar - disse, por cima do ombro. - Espera aqui. Agora tenho de fazer isto.

Indefesa, a criança observou o pai e a mãe cavalgarem para longe.

- Madre! - protestava. - Madre! Por favor! - mas a mulher não voltou para trás.

- Vamos ser queimadas vivas! - Madilla, a sua ama, gritava atrás de si. - Correi, correi e escondei-vos!

- Podeis calar-vos! - A criança voltou-se para ela com um súbito rancor irritado. - Se eu. a própria Princesa de Gales, posso ser deixada num

acampamento a arder, então vós, que, de qualquer forma, não passais de uma mourisca, podeis seguramente aguentar. Observou os dois cavalos a andar de trás para a frente entre as tendas queimadas. Por todos os sítios onde passavam os gritos eram acalmados e alguma disciplina regressava ao acampamento aterrorizado. Os homens formavam filas, transportando baldes até ao canal de irrigação, passando do terror à ordem. O general corria desesperadamente entre os seus homens, batendo- lhes com a parte lateral da espada, obrigando aqueles que ainda há pouco estavam a fugir a formar um batalhão alinhado, e mandou-os colocar em formação de defesa, na planície, para o caso de os Mouros terem reparado no pilar de fogo. através das suas seteiras negras, e resolverem sair para atacar e tomar o acampamento durante o caos. Mas nenhum mouro apareceu nessa noite; mantiveram-se atrás das altas muralhas do seu castelo, interrogando-se quais seriam as mais recentes maldades que os loucos cristãos estariam a inventar na escuridão, demasiado receosos para surgirem no meio do Inferno que os cristãos haviam criado, suspeitando que se trataria de uma qualquer armadilha dos infiéis.

A criança de cinco anos observou a determinação da mãe vencer o próprio fogo. a sua certeza de rainha extinguir o pânico, a sua fé no êxito sobrepor-se à realidade do desastre e da derrota. A menina, sentada numa das arcas do tesouro, prendeu a camisa de dormir em volta dos pés descalços, e esperou que o acampamento se acalmasse.

Quando a mãe voltou para junto da filha, encontrou-a de olhos secos e calma.

-Catarina, estás bem? - Isabel da Espanha desmontou do cavalo e voltou-se para a sua filha mais jovem e mais preciosa, controlando-se para não se ajoelhar e abraçar a pequenina. A ternura não educaria esta criança como uma guerreira de Cristo, a fraqueza não deve ser incentivada numa princesa.

A criança era tão dura quanto a mãe.

- Eu estou bem agora - disse.

- Não tiveste medo?

- Nenhum.

A mulher inclinou a cabeça em sinal de aprovação.

- Isso é bom - afirmou. - É o que espero de uma princesa da Espanha.

-E Princesa de Gales - acrescentou a filha.



*Esta sou eu, a menina de cinco anos. sentada em cima da arca tesouro , de rosto branco como mármore e olhos azuis escancarados de medo, recusando tremer a morder os lábios para não voltar a chorar Esta sou eu. concebida num acampamento por pais que são rivais e amantes, nascida num momento intercalado entre duas batalhas, num Inverno de cheias torrenciais, educada por uma mulher forte que usara armadura, em campanha durante toda a minha infância. destinada a lutar pelo meu lugar no mundo, lutar pela minha fé contra outra, lutar pela minha palavra contra a de outro: nascida para lutar pelo meu nome. pela minha fé e pelo meu trono. Sou Catarina. Princesa da Espanha, filha dos dois maiores monarcas que o mundo alguma vez conheceu: Isabel de Castela e Fernando de Aragão. Os seus nomes são temidos do Cairo a Bagdade, a Constantinopla e á Índia **e** mais além. por todos os Mouros, em todas as suas inúmeras nações**:** turcos, indianos, chineses; os nossos rivais, admiradores, inimigos até á morte. Os nomes dos meus pais são abençoados pelo Papa como os mais importantes reis a defenderem a fé contra o poder do Islão, são os mais importantes cruzados da Cristandade, assim como os primeiros reis da Espanha; e eu sou a sua filha mais nova. Catarina. Princesa de Gales, e serei Rainha da Inglaterra.*

Desde os três anos estou prometida em casamento ao príncipe Artur, filho do rei Henrique da Inglaterra, e quando fizer quinze anos. navegarei para o seu país num belo navio, com o meu estandarte desfraldado no topo do mastro, e serei sua mulher e depois sua rainha. O seu país e rico e fértil - repleto de fontes e o som de água a correr, pleno de frutas mornas e perfumado por flores, e será o meu país. tomarei conta dele. Tudo isto foi acordado praticamente desde o meu nascimento, sempre soube que seria assim: e apesar de lamentar deixar a minha mãe e a minha casa. afinal, nasci princesa, destinada a ser rainha, e sei qual é o meu dever. Sou uma criança de convicções absolutas, sei que serei Rainha da Inglaterra porque é a vontade de Deus. e a ordem da minha mãe. P. acredito, tal como toda a gente no meu mundo, que Deus e a minha mãe são geralmente da mesma opinião: e a sua

vontade concretiza-se sempre.



De manhã, o acampamento fora de Granada era uma confusão húmida de cortinas chamuscadas, tendas destruídas, pilhas de forragem fumegantes, tudo destruído por uma vela colocada sem cuidado, Não existia alternativa senão a retirada. O exercito espanhol cavalgara com todo o orgulho para montar cerco ao último reino dos Mouros na Espanha, e tudo fora destruído pelo fogo. Teria de voltar para trás. para se reagrupar.

- Não, não vamos recuar - ordenou Isabel da Espanha.

Os generais, convocados para uma reunião de emergência sob um toldo ligeiramente queimado, afastavam as moscas que esvoaçavam em volta do acampamento, a banquetearem-se com os destroços.

- Vossa Majestade, por esta estação, perdemos - disse-lhe calmamente um dos generais. - Não é uma questão de orgulho nem de forca de vontade. Não temos tendas, não temos abrigo, fomos destruídos pela má sorte. Temos de voltar e abastecer-nos novamente, voltar a montar o cerco. O vosso marido - acenou com a cabeça para o homem moreno e bonito que estava ligeiramente â parte do grupo, a ouvir - sabe que é assim. Todos o sabemos. Voltaremos a montar o cerco, eles não nos derrotarão. Mas um bom general sabe quando tem de retirar. Todos os homens assentiram com a cabeça. O senso comum ditava que nada poderia ser feito além de libertar **os** Mouros de Granada do seu cerco durante esta estação. A batalha continuaria.

Já durava há sete séculos. Cada ano vira gerações de reis cristãos aumentar as suas terras, em detrimento dos Mouros. Cada batalha fizera recuar um pouco mais para sul o, durante muito tempo, respeitado domínio muçulmano de *al-Andalus.* Mais um ano, não faria qualquer diferença. A menina, encostada a um poste húmido de uma tenda que cheirava a cinza molhada, observava a expressão serena da mãe. Nunca se alterou.

- De facto, *é* uma questão de orgulho - corrigiu-o. **-** Estamos a lutar contra

um inimigo que conhece o orgulho como nenhum outro. Se tugirmos nas nossas roupas chamuscadas, com as carpetes queimadas enroladas debaixo do braço, vão rir-se até ao al-Yanna, o seu paraíso. Não osso permiti-lo. Mas, acima de tudo: é a vontade de Deus que combatamos os Mouros, é a vontade de Deus que avancemos, Não é a vontade de Deus que recuemos. Por isso, temos de avançar.

O pai da criança voltou a cabeça com um sorriso espantado, mas não manifestou opinião contrária. Quando os generais olharam para ele, fez um pequeno gesto com a mão.

- A rainha tem razão - afirmou. - A rainha tem sempre razão.

- Mas não temos tendas, não temos acampamento! Ele dirigiu a questão â rainha.

- O que pensais?

- Construímos um acampamento - decidiu.

- Vossa Majestade, destruímos tudo o que existia nas várias milhas circundantes. Atrevo-me a dizer que nem sequer um *kamiz* conseguiríamos costurar para a Princesa de Gales. Não temos tecido. Não temos tela. Não há cursos de água. não há colheitas nos campos. Rebentamos os canais e colhemos as culturas. Acabamos com tudo; mas somos nós que estamos destruídos.

- Construímos em pedra. Presumo que tenhamos pedra?

O rei disfarçou uma breve gargalhada com um som de quem limpava a garganta.

- Estamos rodeados por uma planície de rochas áridas, meu amor - afirmou. - Se há algo que temos, é pedra.

- Então, construiremos, não um acampamento, mas uma cidade de pedra.

- Não é possível fazê-lo. Ela voltou-se para o marido.

- Vai ser feito - disse. - E a vontade de Deus e a minha. Ele acenou com a

cabeça.

- Vai ser feito! - Lançou-lhe um sorriso rápido e cúmplice. - É meu dever velar para que a vontade de Deus seja satisfeita; e meu prazer reforçar a vossa.



O exército, derrotado pelo fogo, recorreu, em alternativa, aos elementos terra e água. Trabalharam como escravos sob o calor do sol e o frio das noites. Cultivaram, como lavradores, os campos pelos quais pensaram que avançariam triunfantemente. Esperava-se que todos, cavalaria, oficiais, generais, os grandes senhores do país. os primos do rei, trabalhassem sob o calor do sol e se deitassem no chão duro e frio à noite. Os Mouros, observando das ameias altas e impenetráveis do forte vermelho construído na colina, sobre Granada, admitiram que os Cristãos tinham coragem. Ninguém poderia dizer que não eram determinados. E todos também sabiam que estavam condenados. Nenhuma força conseguiria conquistar o forte vermelho de Granada, nunca caíra em dois séculos. Fora construído no alto de um rochedo, sobre uma planície que era uma bacia ampla e alva. Não poderia ser surpreendida por um ataque sub -reptício. O rochedo de rocha vermelha que ascendia da planície transformava-se imperceptivelmente nas paredes de pedra vermelha do castelo, elevando-se cada vez mais alto; não havia escadas que atingissem o topo. ninguém conseguiria escalar uma encosta tão abrupta.

Talvez pudesse ser atraiçoado por um traidor; mas quem seria louco ao ponto de abandonar o poder firme e sereno dos Mouros, com todo o mundo conhecido atrás de si, com uma fé inegável a apoiá-los. para se juntar à loucura raivosa do exército cristão cujos reis possuíam apenas alguns hectares montanhosos da Europa e que estavam desesperadamente divididos? Quem quereria abandonar al-Yanna, o jardim, que era a imagem do próprio Paraíso, dentro das muralhas do mais bonito palácio da Espanha, o mais belo palácio da Europa, pela anarquia rude dos castelos e fortalezas de Castela e Aragão?

Da África, chegariam reforços para os Mouros, tinham amigos e aliados, de Marrocos ao Senegal. O apoio viria de Bagdade, de Constantinopla. Granada poderia parecer pequena, comparada com as conquistas de Fernando e Isabel, mas, por trás de Granada, estava o maior império do mundo - o império do Profeta, louvado seja o seu nome. Mas, surpreendentemente, dia após dia, semana após semana, aos poucos, combatendo o calor dos dias de Primavera e o frio das noites, os Cristãos fizeram o impossível. Primeiro, foi uma capela construída em círculo, como uma mesquita, uma vez que era o que os construtores locais conseguiam fazer mais rapidamente; em seguida, uma pequena casa, de telhado plano dentro de um pátio árabe, para o rei Fernando, a rainha Isabel e a família real: o Infante, o seu precioso filho e herdeiro, as três filhas mais velhas: Isabel, Maria, Joana, e Catarina, a bebé. A rainha pediu apenas um telhado e paredes, há anos que participava na guerra, não estava à espera de luxos. Depois, havia uma dúzia de abrigos em pedra, em volta, que os grandes senhores aceitaram relutantemente como aposentos. Em seguida, porque a rainha era uma mulher dura, havia estábulos para os cavalos e armazéns protegidos para a pólvora e os preciosos explosivos, comprados em Veneza, pelos quais penhorou as suas próprias jóias; então, e só então, foram construídas as casernas e cozinhas, armazéns e outros edifícios. Assim, surgiu uma pequena cidade, construída em pedra, onde antes existira um pequeno acampamento. Ninguém pensou que seria factível; mas, parabéns! foi feito. Chamaram-lhe Santa Fé, e Isabel voltou a triunfar sobre o azar. O amaldiçoado cerco de Granada, levado a cabo pelos determinados e loucos reis cristãos, iria continuar.



Catarina. Princesa ele Gales, deparou com um dos grandes senhores do acampamento espanhol em conversa sussurrada com os amigos.

- Que estais a fazer, Don Hernán? - perguntou com toda a confiança precoce de uma criança de cinco anos que nunca estivera longe da mãe. cujo pai não era capaz de lhe negar nada.

- Nada. Infanta - respondeu Hernán Pérez del Pulgar com um sorriso que lhe indicava que podia voltar a perguntar.

- Estais sim.

- É segredo.

- Eu não digo nada.Princesa! Iríeis contar. É um segredo tão grande! Um segredo demasiado grande para uma menina pequenina.

- Eu não conto nada! A sério que não conto! - Pensou. -Prometo por Gales.

- Por Gales! Pelo vosso próprio país?

- Por Inglaterra?

- Por Inglaterra? A vossa herança? Ela assentiu com a cabeça.

- **Por** Gales e por Inglaterra e pela própria Espanha.

-Bem, então. Se fazeis uma promessa tão sagrada, vou contar-vos. Jurais que não contais à vossa mãe?

Ela fez sinal com a cabeça, com os seus olhos azuis escancarados.

- Vamos entrar em Alhambra. Conheço uma porta, uma portinha secreta, que não é bem vigiada, onde podemos forcar a entrada. Vamos entrar, e adivinhai?

Ela abanou a cabeça vigorosamente, o seu rabo-de-cavalo castanho a oscilar sob o véu. como uma cauda grossa de um cachorro.

- Vamos dizer as nossas orações na mesquita deles. E eu vou deixar uma Avé-Maria gravada num cartaz que fixarei ao chão com um punhal. O que vos parece?

Era demasiado jovem para perceber que eles se dirigiam para uma morte certa. Não fazia ideia das sentinelas em cada porta, da raiva impiedosa dos Mouros. Os seus olhos brilhavam de entusiasmo.

- Ides?

- Não é um plano maravilhoso?

- Quando ides?

- Esta noite! Hoje mesmo!

- Não vou adormecer ate voltarem!

- Tendes de rezar por mim. e depois ir dormir, e. de manhã, eu próprio voltarei, Princesa, e contarei tudo. a vós e à vossa mãe.

Jurou que nunca adormeceria e manteve-se acordada, bastante rígida na sua cama-berço. enquanto a ama se virava de um lado para o outro sobre o tapete junto da porta. Lentamente, as suas pupilas descaíram até as pestanas repousarem nas bochechas redondas, as mãozinhas descaídas, relaxadas e Catarina adormeceu.

Mas de manhã, ele não apareceu, o seu cavalo não estava nos estábulos e os amigos estavam desaparecidos. Pela primeira vez na vida. a menina tomou consciência do perigo que ele correra -perigo mortal, e por nada, além da glória, e para ser tema de uma canção.

- Onde está ele? - perguntou. - Onde está H**e**rnán? O silêncio da ama. Madilla, avisou-a.

- Vai aparecer? - perguntou, subitamente desconfiada. - Ele vai voltar?



lentamente, apercebo-me de que ele talvez não vá voltar, que a vida não ***é*** *como uma balada, onde uma và esperança triunfa sempre* ***e*** *um homem bonito nunca perde a vida na juventude. Mas se ele pode falhar* ***e*** *morrer, o meu pai tambem pode morrer' A minha mãe pode morrer? E eu, posso? Até eu? A pequena Catarina Infanta da Espanha* ***e*** *Princesa de Gales Ajoelho-me no espaço circular sagrado da recém-construida capela da minha mãe; mas não estou a rezar. Estou a reflectir neste mundo estranho que subitamente se abre diante de mim. Se estivermos certos - e eu tenho a certeza de que estamos; se estes homens jovens* ***e*** *bonitos têm razão -* ***e*** *eu tenho certeza de que têm - se nos e a nossa causa estamos sob a mão especial de Deus. então, como podemos alguma vez falhar? Mas se percebi alguma coisa mal. então,*

algo está muito errado, e somos todos de facto mortais, talvez possamos falhar. Mesmo o belo Hernán Perez del Pulgar e os seus amigos risonhos, mesmo a minha mãe e o meu pai podem falhar. Se Hernán pode morrer, o mesmo pode acontecer à minha mãe e ao meu pai. E se é assim, que segurança existe no mundo? Se a Madre pode morrer, como um soldado comum, como uma mula a puxar uma carroça de equipagem, como tenho visto homens e mulas morrerem, como pode o mundo continuar? Como pode existir um Deus?



Chegara a altura da audição da sua mãe àqueles que pretendiam apresentar pedidos e aos amigos, e subitamente ali estava ele, nos seus melhores trajos, de barba penteada, os olhos a dançar, e toda a história contada: como se haviam vestido com roupas árabes, de modo a passarem por habitantes da cidade no meio da escuridão, entrado sub-repticiamente pela porta das traseiras, corrido até à mesquita, como se haviam ajoelhado e sussurrado uma Avé-Maria e fixado com um punhal a oração, no chão da mesquita, e depois, ao serem surpreendidos por guardas, haviam lutado para escapar, cara a cara, investindo e defendendo-se, as lâminas reluzindo â luz da lua; recuado pela rua estreita, saído pela porta que haviam forçado alguns momentos antes, e escapado para a noite, antes de ser dado o alarme geral. Sem um arranhão, sem perder nenhum homem. Um triunfo para eles e uma bofetada no rosto de Granada.

Era uma grande partida pregada aos Mouros, era bastante engraçado gravar uma oração cristã em pleno coração do seu lugar sagrado. O gesto mais maravilhoso para os insultar. A rainha estava encantada, assim como o rei, a princesa e as irmãs olhavam para o seu guerreiro, Hernán Pérez del Pulgar, como se fosse um herói dos romances, um cavaleiro da época de Artur de Camelot. Catarina batia as palmas deliciada com a história, e pedia-lhe que a contasse e recontasse, vezes sem conta. Mas no seu íntimo, lá bem no fundo, recordava o arrepio que sentira ao pensar que ele não voltaria.

A seguir, aguardaram a resposta dos Mouros. Era seguro que viria. Sabiam que o inimigo encararia a aventura como o desafio que era, iria haver

resposta. Não tardou muito. A rainha e os filhos visitavam Zubia, uma aldeia perto de Granada, para que Sua Majestade pudesse ver, por si mesma, as paredes inexpugnáveis do forte. Haviam cavalgado com uma guarda ligeira e o comandante estava lívido de terror quando correu na sua direcção, na pequena praça da aldeia, e gritou que os portões do forte vermelho se haviam aberto, e os Mouros saíam disparados, o exército completo, armados para atacar. Não houve tempo para voltar ao acampamento, a rainha e as três princesas nunca conseguiriam cavalgar mais depressa do que os cavaleiros mouros, que montavam garanhões árabes, não havia nenhum lugar para se esconderem, nem sequer para pararem.

Numa corrida desesperada, a rainha Isabel subiu para o terraço da casa mais próxima, puxando a princesinha pela mão. pelas escadas que se desfaziam, com as irmãs a correrem atras.

-Tenho de ver! Tenho de ver! - exclamava.

- Madre, estais a magoar-me!

- Silêncio, filha. Temos de ver o que pretendem.

- Vêm buscar-nos? - choramingava a criança, com a vozinha abafada pela sua própria mão rechonchuda.

- Podem vir. Tenho de ver.

Era um grupo de atacantes, não a cavalaria completa. Eram liderados pelo defensor, um gigante, escuro como mogno, de sorriso reluzente sob o elmo, montado num enorme cavalo negro, como se fosse a Noite, cavalgando para os surpreender. O cavalo rosnava como um cão para o guarda de vigia, com os cientes de fora.

- Madre, quem é aquele homem? - perguntava num sussurro a Princesa de Gales, observando do ponto protegido no terraço da casa.

- É o mouro que se chama Yarfe, e temo que tenha vindo buscai o teu amigo, Hernán.

- O cavalo dele é tão assustador, parece que quer morder.

- Cortou-lhe os lábios para fazer com que rosne para nós. Mas não nos assustamos com estas coisas. Não somos crianças assustadiças.

- Não devíamos fugir? - perguntou a criança assustada.

A mãe, observando o desfile dos mouros, nem sequer ouvia os murmúrios da filha.

- Não ides deixá-lo magoar Hernán. pois não. Madre? - choramingava a criança.

Hernán lançou o desafio. Yarfe está a responder. Teremos de lutar - disse, calmamente. - Yarfe é um cavaleiro, um homem de honra. Não pode ignorar o desafio.

- Como pode ser um homem de honra, se é um herege? Um mouro?

- São homens muito honrados. Catarina, apesar de não serem crentes. E Yarfe é um herói para eles.

- Que ides fazer, mãe? Como vamos salvar-nos? Este homem é grande como um gigante.

-Vou rezar - afirmou Isabel. - E o meu defensor. Garallosco de la Vega, vai responder a Yarfe, por Hernán.

Tão calmamente como se estivesse na sua capela em Córdova, Isabel ajoelhou-se no terraço da pequena casa. e indicou por ges tos às filhas que fizessem o mesmo. Contrariada, a irmã mais velha de Catarina. Joana, pôs-se de joelhos, as princesas Isabel e Maria, as suas duas outras irmãs, imitaram-na. Catarina viu, espreitando por entre as mãos cerradas, enquanto se ajoelhava em oração, que Maria tremia de medo. e que Isabel, no seu vestido de viúva, estava pálida de terror.

- Pai-nosso que estais no Céu, rezamos pela nossa segurança, pela da nossa causa e pela donosso exército - a rainha Isabel levantou o olhar para o céu azul brilhante -. rezamos pela vitória do **Nosso** Defensor. Garallosco de la Vega. neste seu momento de provação.

- Amém - disseram as raparigas prontamente, seguindo a direcção do olhar

da mãe para onde as fileiras da guarda espanhola se formavam, atentas e silenciosas.

- Se Deus o proteger... - começou Catarina.

- Silêncio - pediu a mãe gentilmente. - Deixa-o fazer o seu trabalho, deixa Deus fazer o Seu. e deixa-me fazer o meu. - Fechou os olhos em oração.

Catarina voltou**-se** para a irmã mais velha, puxando-lhe a manga.

- Isabel, se Deus o protege, então, como pode estar em perigo? Isabel olhou para baixo, para a irmã mais nova.

Deus não facilita o caminho daqueles que ama - disse num murmúrio seco. - Envia-lhes provações para os pôr à prova. Aqueles a quem Deus mais ama. são os que mais sofrem. Eu sei. Eu, que perdi o único homem que alguma vez amarei. Tu sabes. Pensa em Job, Catarina.

- Então, como poderemos vencer? - perguntou a rapariguinha. - Se Deus ama a Madre, não vai enviar-lhe as piores provações? E se for assim, como é que alguma vez vamos vencer?

- Silêncio - pediu a mãe. - Vejam. Vejam e rezem com fé.

O seu pequeno exército e o grupo atacante dos mouros estavam frente a frente, prontos para a batalha. Então. Yarfe avançou no seu grande cavalo negro. Algo de cor branca oscilava junto ao chão. preso à cauda negra brilhante do cavalo. Ouviu-se um grito sufocado, enquanto os soldados na fileira da frente reconheciam o que transportava. Era o cartaz, com a Avé-Maria que Hernán fixara com um punhal no chão da mesquita. O mouro amarrara-o à cauda do cavalo, como um insulto calculado, e fazia andar a criatura enorme para a frente e para trás.

diante das fileiras de cristãos, sorrindo ao ouvir os seus gritos de raiva

- Herege - sussurrou a rainha Isabel. - Um homem amaldiçoado com o Interno. Que Deus **o** fira de morte **e** castigue o seu pecado.

O defensor da rainha. De la Vega, voltou **o** cavalo e cavalgou direcção da pequena casa onde os guardas reais rodeavam o pátio a minúscula oliveira

e a porta da entrada. Parou o cavalo ao lado da oliveira e retirou o elmo. olhando para cima. para a sua rainha e princesas, que estavam no terraço. O seu cabelo escuro estava encaracolado e suado devido ao calor, os olhos escuros faiscavam de raiva.

-Vossa Alteza, tenho a vossa permissão para responder a este desafio?

- Sim - respondeu a rainha, nunca hesitando. - Ide com Deus, Garallosco de la Vega.

- Aquele homem enorme vai matá-lo - afirmou Catarina, puxando a manga comprida da mãe. -

Dizei-lhe que não pode ir. Yarfe é muito maior. Vai matar De la Vega!

- Será feita a vontade de Deus - manteve Isabel, fechando os olhos em oração.

- Mãe! Vossa Majestade! Ele é um gigante. Vai matar o nosso defensor.

A mãe abriu os olhos azuis e olhou para baixo, para a filha, vendo que o seu rosto estava vermelho de aflição e os olhos cheios de lágrimas.

- Será feita a vontade de Deus - repetiu firmemente. - Tens deter té de que estás a cumprir a vontade de Deus. Por vezes, não compreenderás, por vezes duvidarás, mas se estiveres a cumprir a vontade de Deus. ele não te enganará, nem tu te podes enganar. Lembra-te disso, Catarina. Se ganhamos este desafio ou se o perdemos, é indiferente. Somos soldados de Cristo.

És um soldado de Cristo. Não importa se sobrevivemos ou se morremos. Morreremos pela fé. isso é tudo o que importa. Esta e a batalha de Deus. Ele enviar-nos-á uma vitória, se não for hoje, será amanhã. E seja quem for a vencer hoje. não duvidamos de que Deus vencerá e de que venceremos no final.

Mas De la Vega... - Catarina protestou, com o seu grosso lábio inferior a tremer.

- Talvez Deus o leve para junto de Si, esta tarde - respondeu a mãe

decididamente.

- Devíamos rezar por ele.

Joana fez uma cara na direcção da irmã mais nova. mas quan do a mãe se ajoelhou de novo. as duas meninas deram as mãos para se confortarem. Isabel ajoelhou-se ao seu lado, com Maria junto de si. Todas olhavam de soslaio, por entre as pálpebras cerradas, para a planície onde o cavalo baio de batalha de De la Vega se afastava da linha dos espanhóis, e o cavalo negro do mouro trotava orgulhosamente diante dos sarracenos.

A rainha manteve os olhos fechados até terminar as orações, nem sequer ouviu o rugido, enquanto os dois homens ocupavam as suas posições, baixavam as viseiras, e seguravam as lanças. Catarina pôs-se de pé, inclinando-se no parapeito, para poder ver o defensor espanhol. O seu cavalo partiu disparado na direcção do outro, mal se distinguindo as pernas, o cavalo negro surgiu à mesma velocidade da direcção oposta. O choque das duas lanças a bater contra as sólidas armaduras podia ouvir-se no terraço da pequena casa, enquanto os dois homens eram empurrados para fora das selas pela força do impacto, as lanças esmagadas, as protecções do peito amolgadas. Não se assemelhava nada aos duelos atualizados da corte. Era um confronto selvagem, concebido para quebrar um pescoço ou parar um coração.

- Ele caiu! Está morto! - gritou Catarina.

- Está atordoado — corrigiu-a a mãe. - Vês, está a levantar-se.

O cavaleiro espanhol pôs-se de pé, desequilibrado como se estivesse alcoolizado, devido à forte pancada recebida no peito. O homem maior já estava levantado, tendo posto de lado o capacete e a pesada protecção do peito, e dirigia-se a ele com uma alfange gigante em posição, a luz a reflectir na lâmina afiada. De la Vega desembainhou a sua arma de grande porte. Ouvia-se um ruído tremendo, â medida que as espadas batiam uma na outra e, depois, os dois homens cruzaram as lâminas e lutaram, cada um tentando forçar o outro a pousar a sua. Andaram em círculos, aos tropeções devido ao peso da armadura e â agitação; mas não havia dúvida de que o mouro era o mais forte. Os observadores podiam ver que De la Vega estava a ceder, sob a pressão. Tentou saltar para trás e libertar-se; mas o peso do mouro estava sobre si, e ele tropeçou

e caiu. De imediato, o cavaleiro negro estava em cima dele, empurrando-o para o chão. A mão de De la Vega cerrava inutilmente a longa espada, mas não conseguiu levantá-la.

O mouro ergueu a espada na direcção da garganta da vítima, pronto a desferir-lhe o golpe fatal, o seu rosto era uma máscara negra de concentração, os dentes rangiam. De repente, gritou e caiu para trás. De la Vega rebolou, debatendo-se para se pôr de pé, gatinhando sobre as mãos e joelhos, como um cão que se levanta. O mouro estava no chão, agarrado ao peito, com a enorme espada caída ao lado. A mão esquerda de de la Vega segurava um pequeno punhal manchado de sangue, uma arma escondida, utilizada numa riposta desesperada. Com um esforço sobre-humano, o mouro pôs-se de pé, virou-se de costas para o cristão e caminhou aos tropeções ate às suas fileiras.Estou perdido - disse para os homens que corriam para a frente para o apanhar.

- Perdemos.

Após um sinal dissimulado, os enormes portões do forte vermelho abriram-se e os soldados começaram a surgir em grande número. Joana pôs-se de pé.

-Mãe, temos de fugir! - gritou. - Eles vêm aí! Vêm aos milhares! Isabel manteve-se de joelhos, mesmo quando a filha correu pelo terraço e pelas escadas abaixo.

-Joana, volta aqui - ordenou num tom de voz semelhante a uma chicotada. - Meninas, vão rezar.

Levantou-se e dirigiu-se ao parapeito. Primeiro, olhou para o comando do seu exército, viu que os oficiais estavam a colocar os homens em formação, prontos para a carga, quando o exército muçulmano, aterrorizador no seu avanço, começou a surgir em número elevado. Em seguida, olhou para baixo, para ver Joana, num ataque de pânico, a espreitar em volta do muro do jardim, não sabendo se deveria correr para o cavalo ou voltar para junto da mãe. Isabel, que amava a filha, não pronunciou uma palavra. Voltou para junto das outras e ajoelhou se com elas.

- Vamos rezar - disse, e fechou os olhos.



- Ela nem sequer olhou! - repetia Joana incredulamente nessa noite, quando estavam no quarto, a lavar as mãos e a trocar as roupas sujas. O rosto de Joana, marcado pelas lágrimas, estava finalmente limpo.

- Ali estávamos nós, no meio de uma batalha, e ela fecha os olhos!

- Ela sabia que seria mais útil apelar para que Deus intercedesse do que desatar a correr aos gritos - afirmou Isabel incisivamente. - E vê-la ali, ajoelhada, à vista de todos, transmitiu mais coragem ao exército do que qualquer outra coisa.

- E se tivesse sido atingida por uma seta ou uma espada?

- Não foi. Não fomos. E vencemos a batalha. E tu, Joana, comportaste-te como um camponês semilouco. Senti vergonha de ti.

Não sei o que se passa contigo. És louca ou apenas má?

-Quem se importa com o que pensas, sua viúva estúpida?

6 de Janeiro de 1492

Com o passar dos dias. os Mouros perderam a coragem. A escaramuça da rainha acabou por ser a sua última batalha. O seu líder estava morto, a cidade cercada, estavam a morrer à fome nas terras que os seus antepassados haviam tornado férteis. Pior, o apoio prometido da África falhou, os Turcos haviam jurado amizade, mas os janíçaros não chegaram, o rei enlouquecera, o seu filho estava retém dos Cristãos, e diante deles estavam os Príncipes da Espanha, Isabel e Fernando, com todo o poder da Cristandade por trás de si, com uma guerra santa declarada e uma cruzada cristã que ganhava forma com o odor do sucesso. Alguns dias após o confronto dos líderes, Boabdil, o rei de Granada, acordara as condições de paz. e alguns dias depois, numa cerimónia planeada com toda

a graça típica dos mouros da Espanha, desceu a pé até aos portões de ferro da cidade, com as chaves do Palácio de Alhambra sobre uma almofada de seda e entregou-as ao rei e à rainha da Espanha, numa rendição total.

Granada, o forte vermelho que fica sobre a cidade para a proteger e o lindíssimo palácio escondido dentro das suas muralhas -o Alhambra - foram entregues a Fernando e a Isabel. Vestidos com as maravilhosas sedas do inimigo derrotado, turbantes, chinelos, gloriosos como califas, a família real espanhola, brilhando com o espólio da Espanha, assumiu o controlo de Granada. Nessa tarde. Catarina, a Princesa de Gales, percorreu com **os** pais o caminho íngreme e as curvas através das sombras das árvores altas, até ao mais belo palácio da Europa. Dormiu essa noite no harém coberto de ladrilhos maravilhosos e acordou ao som da água ondulante das fontes de mármore e imaginou-se uma princesa muçulmana, nascida para o luxo e a beleza, assim como Princesa de Gales.



E esta é a minha vida. desde este dia da vitória. Nascera como uma criança de acampamento, seguindo o exército, de cercos para batalhas, observando coisas que talvez nenhuma criança devesse observar, sentindo os temores dos adultos todos os dias. Passara por cadáveres de soldados que apodreciam ao sol da Primavera, porque não havia tempo para os enterrar, cavalgara atrás de mulas chicoteadas para passarem por cima de corpos manchados de sangue. puxando as armas de meu pai peias passagens altas da Sierra. Vira a minha mãe esbofetear um homem que chorara de exaustão. Ouvi crianças da minha idade chorarem pelos fiais, queimados na fogueira, por heresia; mas neste momento, quentão nos vestimos de sedas bordadas e entramos no forte vermelho de Granada e passamos os portões para encontrar ***a*** *pérola branca que é o Palácio de Alhambra, neste momento, tornei-me princesa, pela primeira vez.*

Tornei-me uma menina educada no mais belo palácio da Cristandade, protegida por um forte impenetrável, abençoada por Deus entre todas as outras, tornei-me uma menina de uma confiança imensa e inabalável no Deus que nos conduziu à vitória, e no meu destino como a Sua filha preferida e a filha preferida da minha mãe. O Alhambra provou-me. de urna vez por

todas, que eu fui especialmente favorecida por Deus. tal como a minha mãe. Eu fui a sua filha escolhida, educada no mais belo palácio da Cristandade, e destinada ás coisas mais elevadas.



A família espanhola com os seus oficiais na dianteira e a guarda real atrás, gloriosos como sultões, entrou no forte pela enorme torre quadrada, conhecida como Porta da Justiça. Quando a sombra do primeiro arco da torre incidiu no rosto voltado para cima de Isabel, os trompeteiros tocaram um grito de desafio, tal como Josué diante dos muros de Jericó, como se afastassem assim os demónios do infiel que aí permaneciam. De imediato se ouviu um eco da explosão de som. um suspiro estremecedor de todos os que estavam reunidos depois da porta de entrada, empurrados contra as paredes douradas, as mulheres semiveladas nas suas túnicas, os homens de pé orgulhosos e em silêncio, observando, na expectativa do que os conquistadores fariam a seguir. Catarina olhou por cima do mar de cabeças e avistou as formas fluidas da escrita árabe gravadas nas paredes resplandecentes.

- O que diz? - perguntou a Madilla, a sua ama. Madilla olhou de soslaio para cima.

- Não sei - afirmou mal-humorada. Negava sempre as suas raízes muçulmanas. Sempre tentara fingir que não sabia nada sobre os Mouros ou as suas vidas, apesar de ter nascido e sido criada como moura e de só se ter convertido - segundo Joana - por conveniência.

- Dizei-nos, ou beliscamos-vos - propôs Joana docemente.

A jovem mulher franziu o sobrolho na direcção das duas irmãs.

- Diz: "Deus permita que a justiça do Islão prevaleça aqui dentro".

Catarina hesitou por um momento, ouvindo a aura orgulhosa da certeza, uma determinação para imitar a voz da mãe.

- Bem, Ele não permitiu - comentou Joana de modo inteligente. - Alá

desertou de Alhambra e Isabel chegou. E se vocês, Mouros, conhecessem Isabel como nós conhecemos, saberiam que o maior poder está a chegar e o poder menor está a sair.

- Deus abençoe a rainha - respondeu Madilla prontamente. -Eu conheço suficientemente bem a rainha Isabel.

Enquanto falava, as grandes portas à sua frente, de madeira negra enfeitada com pregos negros, abriram-se nas suas dobradiças negras, e com mais um toque de trompetas, o rei e a rainha entraram a passos largos no pátio interior. Como dançarinos que tivessem ensaiado até obterem uma coreografia perfeita, a guarda espanhola dividiu-se entre o lado direito e esquerdo, no interior das muralhas da cidade, verificando se o local era seguro, e se não haveria soldados desesperados a preparar uma última emboscada. O grande forte de Alcazaba, construído como a proa de um navio, projectando-se sobre a planície de Granada, ficava à esquerda, e os homens afluíram aí, correndo pela praça da parada, rodeando as muralhas, subindo e descendo às torres, a correr. Por fim, Isabel, a rainha, levantou o olhar para o céu, protegeu os olhos com a mão onde retiniam as pulseiras de ouro muçulmanas, e riu-se bem alto ao ver o estandarte sagrado de Santiago e a cruz prateada da cruzada a esvoaçar, onde antes estivera o crescente.

Em seguida, voltou-se para ver os empregados domésticos do palácio aproximando-se lentamente, de cabeça inclinada. Eram liderados pelo grão-vizir, cuja altura era enfatizada pelas roupas fluidas, os olhos negros penetrantes encontraram os seus. observando o rei Fernando ao seu lado, e a família real atrás: o príncipe e as quatro princesas. O rei e o príncipe estavam vestidos ao estilo faustoso dos sultões, vestindo túnicas ricamente bordadas por cima das calças, a rainha e as princesas usavam as túnicas *kamiz* tradicionais, fabricadas com as melhores sedas, por cima de calças de linho brancas, com véus dependurados na cabeça, presos atrás por filetes de ouro.

-Vossa Alteza Real, é minha honra e dever dar-vos as boas-vindas ao Palácio de Alhambra - afirmou o grão-vizir, como se fosse a coisa mais natural do mundo entregar o mais belo palácio da Cristandade a invasores armados.

A rainha e o marido trocaram um breve olhar. _ Podeis levar-nos para dentro - afirmou. O grão- vizir fez uma vénia e indicou o caminho. A rainha olhou para trás. para os seus filhos.

- Venham, meninos - disse e foi à sua frente, passando pelos jardins que rodeavam o palácio, descendo alguns degraus e passando pela discreta porta de entrada.

- Esta é a entrada principal? - hesitava em frente da pequena porta, aberta numa parede disfarçada.

O homem fez uma vénia.

- É sim, Vossa Alteza.

Isabel não disse nada, mas Catarina viu-a levantar as sobrancelhas como se não gostasse muito a ideia, e todos entraram.



Mas a pequena porta de entrada é como um buraco de fechadura que dá para uma arca do tesouro composta por caixas, uma abrindo-se a partir da outra. O homem conduz-nos através delas, como um escravo abrindo portas para um tesouro. Os seus nomes são um poema: a Sala Dourada, o Pátio dos Mirtilos, a Sala dos Embaixadores, o Pátio dos Leões ou a Sala das Duas Irmãs. Levaremos semanas a encontrar o caminho de uma sala decorada com ladrilhos sofisticados para outra. Demoraremos meses a deixar de nos maravilhar com o prazer do som da água a correr pelos regos de mármore nos quartos, fluindo para uma fonte de mármore que está sempre a transbordar, com a mais límpida e fresca água das montanhas. E nunca me cansarei de olhar através do rendilhado de estuque branco para a planície lã longe, as montanhas, o céu azul e as colinas douradas. Cada janela é como uma moldura de um quadro, foram concebidas para nos fazer parar, observar e maravilharmo-nos. Todas as molduras das janelas são como bordados de tenda branca - o estuque é tão fino, tão delicado, como trabalho de açúcar feito por pasteleiros, não se assemelha a nada que seja real.

Passamos ao harém por ser uma das salas mais cómodas e convenientes para mim e as minhas irmãs, e os empregados do harém acendem as brasas nas

noites frias, e espalham as ervas de cheiros, orno se fôssemos as sultanas que viveram recluidas por trás dos biombos, durante tanto tempo. Sempre usámos roupas mouras em casa e, por vezes, em grandes ocasiões de Estado, por isso. ainda lá se ouve um murmúrio de sedas e o bater dos chinelos no chão de mármore, como se nada se tivesse alterado. Agora, estudamos onde as escravas liam, passeamos nos jardins que foram plantados para deleitar as favoritas do sultão. ***C****omemos os seus frutos, adoramos o sabor dos seus sorvetes. prendemos as suas flores em guirlandas para enfeitar as nossas cabeças, e corremos pelas suas alamedas onde o forte perfume a rosas e a madressilvas é doce pela frescura da manhã.*

Banhamo-nos no hammam, *permanecendo imóveis como estátuas, enquanto os empregados nos ensaboam todo o corpo com um sabão rico. que cheira a flores. Depois, vertem jarros dourados de água quente****,*** *um a seguir ao outro, molhando-nos dos pés à cabeça, fuira nos lavar. Somos hidratadas com óleo de rosas, embrulhadas em finos lençóis e deitamo-nos. semiembriagadas de tanto prazer sensual, na mesa morna de mármore que domina a sala. sob o tecto dourado cujas aberturas, em forma de estrela, deixam passar os raios estonteantes de sol para a ombreada paz do lugar. I ma rapariga arranja-nos as unheis dos pés, enquanto outra trabalha as nossas mãos, limando-nos as unhas e pintando padrões delicados de* henna. Deixa *mos a mulher mais velha acertar-nos as sobrancelhas e pintar-nos as pálpebras. Somos servidas como* ***se*** *fôssemos sultanas, com todas as riquezas da Espanha e todos os luxos do Oriente, e rendemo-nos completamente ao prazer do palácio. Cativa-nos****,*** *somos rapidamente submetidos; os denominados vitoriosos. Mesmo Isabel. que chora a morte elo marido, recomecei a sorrir. Até Joana, normalmente tão mal-humorada e rabugenta, está em paz.* ***E*** *eu torno-me a mascote da corte, a preferida dos jardineiros, que me deixa****m*** *apanhar OS pêssegos das árvores, a querida do harém onde me ensinam a brincar, a dançar e a cantar, e a favorita da cozinha, onde me deixam vê-los a preparar os bolos e pratos doces com mel e amêndoas da Arábia.*

*O meu pai reúne-se com emissários estrangeiros na Sala dos Embaixadores****,*** *leva-os para a sala dos banhos para manterem conversações, como qualquer sultão ocioso. A minha mãe senta-se d****e*** *pernas cruzadas no trono dos Nasrid que reinaram aqui por várias gerações, os seus pés despidos, metidos em chinelos ele pele macia, o tecido elo seu* kamiz *caindo em seu redor. Ouve os emissários do próprio Papa, numa sala ele audiências cujas paredes esteio revestidas ele ladrilhos coloridos e onde oscila uma luz pagã. Para ela, é como*

estar em casa, pois foi criada no Alcazar ele Sevilha, outro palácio mouro. Passeamos nos seus jardins, banhamo-nos no seu hammam, *calçamos os seus chinelos de pele macia perfumados e vivemos uma vida mais refinada e luxuosa do que poderiam sonhar em Paris, Londres ou Roma. Vivemos graciosamente. Vivemos, tal como sempre aspirámos virer, como mouros. Os nossos compatriotas cristãos criam cabras nas montanhas, rezam à Nossa Senhora em monumentos à beira da estrada, vivem aterrorizados pelas superstições e cheios de doenças, vivem no meio da sujidade e morrem jovens. Nós tomos ensinados pelos professores muçulmanos, examinados pelos seus médicos, estudamos as estrelas no céu, a que eles deram nome. contamos pelos seus números que começam no zero mágico, comemos os seus frutos doces e deleitamo-nos nas águas que correm pelos seus aquedutos. A sua arquitectura agrada nos. a cada virar de esquina sabemos que riremos no meio da beleza. Agora, o seu poder protege-nos; o Alcazaba é, de facto, invulnerável a ataques, aprendemos a sua poesia, rimo nos dos seus jogos, deliciamo-nos nos seus jardins, com os seus frutos, tomamos banho nas águas que fizeram fluir. Somos os vitoriosos, mas eles ensinaram-nos conto reinar. Por vezes, penso que nos é que somos os bárbaros, como os que vieram depois dos Romanos ou dos Gregos, que podiam invadir os palácios e capturar os aquedutos e, depois, sentar-se como macacos num trono, brincando com a beleza sem a compreender.*

Pelo menos, não mudámos de fé. Todos os empregados do palácio têm de respeitar os credos da Única Igreja Verdadeira. As cornetas da mesquita foram silenciadas, não haverá mais chamamentos para as orações aos ouvidos da minha mãe. E se alguém discordar, pode partir para a África de imediato, converter-se de imediato, ou encarar as fogueiras da Inquisição. Não nos deixamos amolecer com os espólios da guerra, nunca nos esquecemos de que somos os vitoriosos e de que conquistámos a nossa vitória, pela força das armas e pela vontade de Deus. Fizemos uma promessa solene ao pobre rei Boabdil, de que o seu povo, os Muçulmanos, ficaria tão seguro sob o nosso governo como os cristãos estavam sob o seu. Prometemos a "convivência" - um modo de vivermos em conjunto e eles acreditam que construiremos uma Espanha onde qualquer pessoa, mouro, cristão ou judeu, possa viver tranquilamente e com amor próprio, uma vez que todos somos "Povos do Livro". O seu erro foi que pretendiam essas tréguas, e confiaram nelas, e nós- como se verificou - não.

Traímos a nossa palavra em três meses, expulsando os Judeus e ameaçando os

Muçulmanos. Todos têm de se converter à Fé Verdadeira e, depois, se houver alguma sombra de dúvida, ou qualquer suspeição contra eles, a sua fé será testada pela Santa Inquisição. É a única forma de construir uma nação: através de uma fé. É a única forma de criar um povo a partir da grande diversidade que fora Al Anddlus. A minha mãe mandou construir uma capela na sala do conselho e, onde antes estava escrito. "Entrai e perguntai. Não temais procurar a justiça, porque aqui a encontrareis", na bela escrita árabe, reza a um Deus mais inflexível e intolerante do que Alá; e já ninguém vem aqui procurar justiça. Mas nada pode mudar a natureza do palácio. Nem sequer o som dos pés dos nossos soldados a marcharem sobre o chão de mármore pode ameaçar a secular sensação de paz. Pedi a Madilla que me ensinasse o que dizem as inscrições fluidas em todas as divisões, e a minha preferida não é a que se refere à promessa de justiça, mas as palavras escritas no Pátio das Duas Irmãs, que diz: "Alguma vez haveis observado tão belo jardim?", e depois respondem a si mesmas:

"Nunca vimos um jardim com tal abundância de fruta, tão doce nem tão perfumada:" Não é verdadeíramente um palácio, nem sequer como aqueles que conhecemos em Cordova ou Toledo. Não é um castelo, nem um forte. Foi construído inicialmente e sobretudo como um jardim, com salas de um luxo sofisticado, para que fosse possível viver ao ar livre. É uma série de pátios concebidos tanto para flores como para pessoas. P um sonho de beleza: paredes, azulejos, pilares fundindo-se com flores, escadas, fruta e vegetação. Os Mouros acreditam que um jardim é um paraíso na Terra e gastaram fortunas, ao longo dos séculos para conceber este "al-Yanna": a palavra que significa jardim, lugar secreto e paraíso.

Sei que o adoro. Apesar de ser uma criança, sei que este e um local excepcional; que nunca encontrarei um lugar tão bonito. E mesmo sendo criança, sei que não posso ficar aqui. É a vontade de Deus e a vontade da minha mãe que eu deixe al-Yanna. o meu lugar secreto, o meu jardim, o meu paraíso. Seria meu destino encontrar o lugar mais belo do mundo inteiro quando tenho apenas seis anos, e, depois, deixá-lo quando tivesse quinze; com tantas saudades de casa como Boabdil; como se a felicidade e a paz não passassem de um breve período na minha vida.



Palácio de Dogmersfield, Hampshire,

Outono de 1501

- Estou a dizer-vos que não podeis entrar! Mesmo que fôsseis o Rei da Inglaterra em pessoa, não poderíeis entrar.

- Eu *sou* o Rei da Inglaterra, - afirmou Henrique Tudor, pouco contente. - E ou ela sai imediatamente, ou eu entro e **o** meu filho entra a seguir.

- A Infanta já avisou **o** rei de que não pode vê-lo - disse a aia secamente. - Os nobres da sua corte foram ter com o rei para lhe explicar que ela se encontra em reclusão, como senhora da Espanha. Achais que o rei da Inglaterra cavalgaria pela rua abaixo, quando a Infanta se recusou a recebê-lo? Que tipo de homem pensais que ele é?

- Exactamente como este - afirmou e lançou o punho com o enorme anel de ouro na direcção do seu rosto. O Conde de Cabra entrou no vestíbulo apressado, reconhecendo imediatamente o homem magro de quarenta anos que estava a ameaçar a aia da Infanta com um punho cerrado, com alguns empregados assustados e gritou:

- O rei!

Ao mesmo tempo, a aia reconheceu a nova insígnia da Inglaterra, as rosas combinadas de York e Lancaster, e retraiu-se. O conde deteve-se e fez uma grande vénia.

- É o rei - sussurrou, com a voz abafada por estar a falar com a cabeça entre as pernas. A aia soltou um suspiro de horror e mergulhou numa profunda reverência.

- Levantai-vos - disse o rei bruscamente. - E ide buscá-la.

- Mas ela é a Princesa da Espanha. Nossa Graça - respondeu a mulher

levantando-se, mas com a cabeça ainda inclinada. - Deve permanecer em reclusão. Não pode ser vista por vós antes do dia do casamento. É a tradição. Os seus nobres foram explicar-vos...

- É a *vossa* tradição. Não é a *minha* tradição. E uma vez que ela é minha nora no meu país, sob as minhas leis. vai obedecer à minha tradição.

- Ela recebeu uma educação bastante cuidada, modesta e adequada. ...

- Então, vai ficar muito chocada quando encontrar um homem furioso no quarto. Minha senhora, sugiro-vos que a tragais aqui imediatamente.

- Não o farei. Vossa Graça. Eu recebo ordens da própria rainha da Espanha, e ela encarregou- me de me certificar de que era prestado todo o respeito à Infanta e de que o seu comportamento era sempre...

- Minha senhora, ou aceitais as minhas ordens; ou recebereis a minha ordem de despedimento.

Não me interessa. Agora, trazei a rapariga cá fora ou eu juro pela minha coroa que entro e. se a apanho despida na cama, não vai ser a primeira mulher que vi em situação semelhante. Mas é melhor ela rezar para ser a mais bonita. A aia espanhola empalideceu bastante com o insulto.

- Escolhei — disse o rei friamente.

- Não posso ir buscar a Infanta - respondeu com teimosia.

- Deus meu! Está decidido! Dizei-lhe que vou entrar, agora mesmo. Ela andou para trás como uma vaca furiosa, o rosto branco de choque. Henrique deu-lhe alguns momentos para se preparar e. em seguida, enganou-a. entrando atrás dela.

O quarto estava iluminado apenas por velas e pela luz da lareira. Os cobertores da cama estavam puxados para trás, como se a rapariga se tivesse levantado à pressa. Henrique teve a noção da intimidade, de estar no seu quarto, com os lençóis ainda quentes, o seu cheiro que permanecera no espaço fechado, antes de olhar para ela. Estava de pé. ao lado da cama, uma mãozinha pálida em cima do pilar de madeira gravada. Tinha uma capa azul escura sobre os ombros, e a camisa de

dormir branca enfeitada por renda valiosa espreitava pela abertura da frente. O seu forte cabelo castanho, entrançado para dormir, caía-lhe pelas costas abaixo, mas o seu rosto estava completamente protegido por uma mantilha de renda preta, colocada à pressa.

Dona Elvira colocou-se entre a rapariga e o rei.

- Esta é a Infanta - disse. - Usará o véu até ao dia do casamento.

- Não com o meu dinheiro - retorquiu Henrique Tudor amargamente. - Quero ver o que comprei, obrigado.

Deu um passo em frente. A ama desesperada quase se pôs de joelhos.

- A sua modéstia...

- Ela tem alguma marca horrível? - perguntou, dando voz aos seus receios mais profundos. - Alguma cicatriz? Ficou marcada da varíola e não me disseram?

- Juro que não!

Silenciosamente, a rapariga estendeu a mão pálida e retirou a bainha ornamental de renda do seu véu. A ama suspirou em protesto, mas não pôde fazer nada para impedir a princesa de levantar o véu, e de o lançar para trás. Os seus olhos azuis claros fixaram o rosto enrugado e irritado de Henrique Tudor sem hesitações. O rei analisou-a e suspirou de alívio pela sua aparência.

Era muito bonita: um rosto suave, redondo, um nariz direito e longo, uma boca cheia, carnuda, sensual. Pôde ver que o seu queixo estava levantado; o seu olhar era desafiador. Não era uma dama a tremer, temendo ser violada. Era uma princesa lutadora, cheia de dignidade, mesmo no seu mais assustador momento de embaraço.

Ele fez uma vénia.

- Sou Henirque Tudor, Rei da Inglaterra, afirmou. Ela fez uma reverência.

O rei deu um passo em frente e apercebeu-se de que ela estava a

controlar-se para não recuar. Segurou-a firmemente pelos ombros, e beijou-lhe uma bochecha morna e macia, e depois a outra. O perfume do seu cabelo e o odor quente do seu corpo inva-diram-no, e sentiu o desejo a pulsar na sua virilha e têmporas. De imediato, recuou e largou-a. Sede bem-vinda a Inglaterra - disse. Pigarreou. - Perdoareis a minha impaciência em ver-vos. O meu filho também vem a caminho, para vos visitar.

- Perdoai-me - disse geladamente, falando num francês perfeito - Só fui informada de que Vossa Graça insistia na honra desta visita inesperada há alguns momentos.

Henrique conteve-se um pouco perante a chicotada de mau-humor por ela demonstrado. Tenho o direito... Ela encolheu os ombros, um gesto totalmente espanhol.

- Claro. Tendes todos os direitos sobre mim.

Perante as palavras ambíguas e provocadoras, tomava novamente consciência da proximidade dela: da intimidade do pequeno quarto, a cabeceira da cama enfeitada com ricos tecidos, os lençóis convidativamente empurrados para trás, a almofada que ainda tinha a marca da sua cabeça. Era um cenário de violação, não de saudações reais. Voltou a sentir um fluxo secreto de desejo.

- Vejo-vos lá fora - disse abruptamente, como se fosse culpa dela o facto de não conseguir livrar-se daquela imagem, de como seria possuir aquela beleza imaculada que comprara. Como seria se a tivesse comprado para si, em vez de ser para o filho?

- Com todo o prazer - respondeu friamente.

O rei saiu do quarto bruscamente, e quase foi contra o Príncipe Artur, que andava, ansiosamente, de um lado para o outro, diante da porta.

- Louca - comentou.

O príncipe Artur, pálido de nervos, afastou a franja loura do rosto e permaneceu imóvel, sem dizer nada.

- Assim que puder, mando aquela aia embora - disse o rei. -E todos os outros. Ela não pode criar uma Espanha pequena na Inglaterra, meu filho. O país não tolera isso, e eu seguramente também não aceitarei.

- As pessoas não se opõem. Os aldeões parecem adorar a princesa - sugeriu Artur, suavemente.

- A escolta dela diz...

- Porque ela usa um chapéu ridículo. Porque é estranha: espanhola, invulgar. Porque é jovem e - resumiu - bonita.

- É? - suspirou. - Quer dizer: é bonita?

- Não acabei de entrar para me certificar? Mas nenhum inglês vai tolerar qualquer disparate espanhol, quando deixar de ser novidade. Nem eu. Este é um casamento para fortalecer uma aliança; não para adular a sua vaidade. Quer lhes agrade, quer não, ela vai casar convosco. Quer vos agrade quer não, ela vai casar convosco. Quer lhe agrade quer não, ela vai casar convosco. E é bom que venha aqui fora já ou eu não vou gostar dela, e isso é a única coisa que pode fazer diferença.



Tenho de sair, consegui apenas o mais breve dos adiamentos da pena e sei que ele me espera do outro da porta e já demonstrou, de modo bastante persuasivo, que se não for ter consigo a montanha virei a Maomé, e serei novamente envergonhada. Afasto Dona Elvira, como aia não pode proteger-me neste momento, e dirijo-me à porta do quarto. Os meus empregados estão petrificados, como escravos enfeitiçados num conto de fadas, por este comportamento extraordinário vindo de um rei. O coração pulsa-me nos ouvidos e eu conheço o embaraço de uma rapariga, por ter ele se apresentar em público, mas também o desejo de um soldado de deixar que a batalha comece, a avidez de conhecer o pior, mas mais de encarar o perigo do que de lhe escapar.

Henrique da Inglaterra quer que conheça o filho, diante do seu grupo de acompanhantes, sem cerimónias, sem dignidade, como se não passássemos de um bando de camponeses. Assim seja. Não vai encontrar uma Princesa da Espanha a recuar por medo. Cerro os dentes, e sorrio como a minha mãe me

ensinou. Aceno para o meu arauto, que está tão espantado como o resto dos meus companheiros.

- Anunciai-me- ordeno-lhe.

Com o rosto branco de susto, ele abre a porta.

- A Infanta Catarina, Princesa da Espanha e Princesa de Gales - grita.

Esta sou eu. Este é o meu momento. Este é o meu grito de guerra. Dou um passo em frente.



A Infanta Espanhola - de rosto exposto ao olhar de todos os homens - permaneceu na ombreira escurecida da porta e depois entrou na sala, apenas uma pequena chama de cor em ambas as faces denunciava a sua provação. Ao lado do pai, o príncipe Artur engolia em seco. Era bastante mais bonita do que ele imaginara, e um milhão de vezes mais altiva. Estava vestida com um roupão de veludo negro, que se abria para revelar uma camisa de dormir cor de pele, com um decote quadrado e profundo, cobrindo os seus seios fartos, ao pescoço, trazia várias fiadas de pérolas. o cabelo castanho, libertado da trança, caía-lhe pelas costas numa enorme onda de vermelho dourado. Na cabeça, trazia uma mantilha de renda preta atirada determinadamente para trás . esboçou uma grande reverência e voltou a levantar-se de cabeça bem erguida, graciosa como uma bailarina.

- Peço perdão por não estar preparada para vos saudar - disse em francês.
- Se soubesse que viríeis, estaria preparada.

- Surpreende-me que não tenhais ouvido o barulho - respondeu o rei. - Eu estava a discutir à vossa porta, há quase dez minutos.

- Julguei que fossem dois sentinelas a gritar - disse friamente. Artur conteve um suspiro de horror perante a impertinência; mas o seu pai observava-a com um sorriso, como se tratasse de uma nova potra que revelasse um espírito prometedor.

- Não. Era eu; estava a ameaçar a vossa dama de companhia. Lamento ter sido obrigado a forçar a entrada.

Ela inclinou a cabeça.

- Era a minha aia, Dona Elvira. Lamento se foi desagradável convosco. O seu inglês não é muito bom. Não deve ter percebido o que pretendíeis.

- Eu queria ver a minha nora e o meu filho queria ver a noiva, e eu espero que uma princesa inglesa se comporte como uma princesa inglesa, e não como uma maldita rapariga confinada a um harém. Pensei que os vossos pais haviam derrotado os Mouros. Não esperei vê-los transformados em vossos modelos.

Catarina ignorou o insulto com um leve rodar de cabeça.

- Tenho a certeza de que me ensinareis boas maneiras inglesas - afirmou. - Quem poderia ser melhor para me aconselhar? - voltou-se para o príncipe Artur e fez-lhe uma reverência real. - Meu senhor.

Ele hesitou na vénia que lhe devolveu, espantado com a serenidade que ela transmitia neste momento tão embaraçoso. Procurou o presente dela no casaco, brincou com a pequena bolsa de jóias, deixou-a cair, voltou a apanhá-la e finalmente entregou-lha. sentindo-se ridículo.

Ela pegou nas jóias e inclinou a cabeça em agradecimento, mas não as abriu.

-Já haveis jantado. **Vossa** Graça?

- Comeremos aqui - respondeu ele bruscamente. - Já pedi o jantar.

- Posso então ofecerer-vos uma bebida? Ou um lugar para vos lavardes e trocardes de roupa antes de jantar? - observou a sua altura e magreza de modo avaliador, desde a lama que salpicava o seu rosto pálido e enrugado, ás suas botas empoeiradas. Os ingleses formavam uma nação prodigiosamente suja, nem sequer uma **casa** enorme como esta possuía um *hammam* adequado ou água canalizada. - Ou talvez, não queirais lavar-vos?

O rei soltou uma gargalhada áspera.

_ Podeis pedir-me uma cerveja e ordenar que me enviem roupa lavada e

água quente ao melhor quarto, e trocarei de roupa antes do jantar - levantou uma mão. - Não tendes de interpretar isto como um cumprimento a vós. Eu lavo-me sempre antes de jantar.

Artur viu-a morder o lábio inferior com pequenos dentes brancos como se estivesse a controlar para não responder sarcasticamente.

- Sim. Vossa Graça - disse suavemente. - Como desejardes. -Chamou a sua dama de companhia para perto de si e transmitiu-lhe ordens em espanhol, em voz baixa e rápida. A mulher fez uma reverência e conduziu o rei para fora da sala.

A princesa voltou-se para o príncipe Artur.

- *Et tu?* - perguntou em latim. - E vós?

- Eu? O quê? - gaguejou ele.

Sentiu que ela estava a tentar não suspirar de impaciência.

- Também gostaríeis de vos lavar e trocar de casaco?

- Eu lavei-me - afirmou. Mal as palavras lhe saíram da boca, podia ter mordido a própria língua.

Parecia uma criança que estava a receber uma reprimenda de uma ama, pensou. - Eu lavei-me. mesmo. - O que ia fazer a seguir? Mostrar as mãos com as palmas viradas para cima, para ela poder ver que era bem comportado?

- Então, desejais beber uma caneca de vinho? Ou de cerveja? Catarina voltou-se para a mesa. onde os empregados pousavam apressadamente canecas e jarros.

- Vinho.

Ela levantou um copo e um jarro e os dois brindaram uma vez e depois outra. Espantado, apercebeu-se de que as mãos dela estavam a tremer. Ela verteu o vinho rapidamente e estendeu-lho. O olhar dele passou da mão e da superfície ligeiramente borbulhante do vinho para o seu rosto pálido.

Pode verificar que ela não lhe sorria. Não estava nada à vontade com ele. A indelicadeza do pai fizera sobressair o orgulho nela, mas, sozinha com ele, não passava de uma menina, alguns meses mais velha do que ele, mas ainda uma menina. a filha dos dois mais admiráveis monarcas da Europa; mas não deixava de ser uma menina, com as mãos a tremer.

- Não precisais de estar assustada - disse, muito calmamente,- lamento tudo o que aconteceu.

O que queria dizer era - a tua tentativa falhada para evitar este encontro, a informalidade brusca do meu pai, a minha incapacida- de para o deter ou acalmar, e sobretudo, a infelicidade que tudo isto deve representar para ti: vir para longe de casa. para o meio de estranhos, para conheceres o teu marido, e seres arrancada da cama contra a tua vontade.

Ela baixou o olhar. Ele observou a palidez perfeita da sua pele as pestanas louras e as sobrancelhas claras.

Depois, olhou para ele.

- Não faz mal — disse. - Já vi bem pior do que isto, já estive em lugares bem piores, e conheci homens bem piores do que o vosso pai. Não receeis por mim. Não tenho medo de nada.

Nunca ninguém saberá o quanto me custou sorrir, ficar diante do leu pai e não tremer. Ainda nem tenho dezasseis anos. estou longe da minha mãe. num país estranho cuja língua não sei falar e onde não conheço ninguém. Não tenho amigos, à excepção do grupo de damas de companhia e de criados que trouxe comigo, e estes esperam que eu os proteja. Nem sequer pensam em ajudar-me.

Sei o que tenho de fazer. Tenho de ser uma princesa espanhola para os ingleses e uma princesa inglesa para os espanhóis. Tenho de mostrar que estou a vontade quando não estou, e parecer segura quando sinto medo. Podes ser o meu marido, mas mal te conheço, ainda não tenho nenhuma ideia a teu respeito. Não tenho tempo para te analisar, estou concentrada em ser a princesa que o teu pai comprou, a princesa que a minha mãe enviou, a princesa que cumprirá o negócio e garantirá um tratado entre a Inglaterra e

a Espanha.

Nunca ninguém saberá que tenho de fingir estar à vontade, ser segura, ser graciosa. Claro que tenho medo. Mas nunca, nunca o mostrarei. E, quando chamarem pelo meu nome. darei sempre um passo em frente.



O rei, depois de ter feito a sua higiene e bebido alguns copos de vinho antes de ir jantar, tratava a jovem princesa com afabilidade, determinado em fazer esquecer a sua apresentação. Por uma ou duas vezes ela apanhou-o a observá-la de soslaio, como se estivesse a avaliá-la e voltou-se para o olhar, fixamente, com uma das sobrancelhas levemente franzida, como a interrogá-lo. _

Sim? - perguntou ele.

Peço desculpa - disse serenamente. - Pensei que Vossa Graça necessitava de alguma coisa. Olháveis para mim.

Estava a pensar que não sois muito semelhante ao vosso retrato - afirmou.

Ela corou um pouco. Os retratos são concebidos para favorecer aquele que posa. e quando este é uma princesa real. à procura de marido, ainda mais.

- Sois mais bem parecida - afirmou Henrique com relutância, para a acalmar. - Mais jovem, mais agradável e mais bonita.

Ela não se deixou amolecer pelo elogio, como ele esperava. Limitou-se a fazer um sinal com a cabeça, como se tratasse de uma observação interessante.

-Tivésteis uma má viagem - observou Henrique.

- Muito má - respondeu. Voltou-se para o príncipe Artur. -Tivemos de voltar para trás, quando partimos da Corunha em Agosto e de esperar que as tempestades passassem. Quando final mente largamos, o tempo continuava bastante adverso, e então, fomos forçados a atracar em Plymouth. Não conseguíamos chegar até Southampton de forma nenhuma. Todos tínhamos a certeza de que naufragaríamos.

- Bem, não podíeis ter vindo por terra - afirmou Henrique categoricamente, pensando no perigoso estado da França e na hostilidade do rei francês. - Seríeis uma refém preciosa para um rei que seria suficientemente cruel para vos sequestrar. Graças a Deus que nunca caístes em mãos inimigas.

Ela olhou-o pensativamente.

- Deus queira que nunca caia.

- Mas agora os vossos problemas terminaram - concluiu Henrique. - O próximo barco que apanhareis será a barcaça real, quando descerdes o Tamisa. Agrada-vos ser Princesa de Gales? - Eu sou a Princesa de Gales desde os três anos - corrigiu. -Sempre me trataram por Catarina, a Infanta, Princesa de Gales.

Eu sabia que seria esse o meu destino- Olhou para Artur, que permanecia sentado, em silêncio, a observar a mesa. - Toda a vida soube que casaríamos. Foi simpático da vossa parte escrever me com tanta freqüência. Fez-me sentir que não éramos totalmente corou.

- Ordenaram-me que vos escrevesse — disse desajeitadamente - Fazia parte dos meus estudos.

Mas eu gostava de receber as **vos**sas respostas.

- Meu Deus. rapaz, não és lá muito brilhante, pois não? - perguntou o pai em tom critico.

O rosto de Artur tornou-se escarlate até às orelhas.

- Não precisavas de lhe dizer que te tinham mandado escrever-lhe -lhe - ralhou o pai. - Era melhor deixá-la pensar que escrevias por tua iniciativa.

- Não me importo - afirmou Catarina, tranquilamente. - A mim também me mandavam responder. E, a propósito, gostaria que disséssemos sempre a verdade um ao outro.

O rei soltou uma gargalhada.

- Daqui a um ano, já não querereis - previu. - Nessa altura, preferireis a

mentira correcta. A grande salvação de um casamento é a ignorância mútua.

Artur assentiu obedientemente com a cabeça, mas Catarina limitou-se a sorrir, corno se as observações do rei fossem interessantes, mas não necessariamente verdadeiras. Henrique deu por si a sentir-se melindrado com a rapariga, mas também provocado pela sua beleza.

- Atrevo-me a afirmar que o vosso pai não conta à vossa mãe cada pensamento que tem - afirmou, tentando fazer com que ela voltasse a olhar para si.

Conseguiu. Ela lançou-lhe um olhar prolongado, lento e avaliador com os seus olhos azuis.

- Talvez não conte - admitiu. - Não sei. Não é apropriado que eu saiba. Mas, quer ele lhe conte quer não, a minha mãe sabe sempre de tudo.

Ele riu-se. A dignidade dela era bastante agradável numa rapariga cuja cabeça mal lhe chegava ao peito.

- A vossa mãe é uma visionária? Tem o dom da Vidência? Ela não retribuiu o sorriso.

- Ela é sábia - disse simplesmente. - É a mais sábia monarca da Europa.

O rei pensou que seria um disparate refrear a devoção de uma rapariga pela sua mãe, e seria deselegante apontar que a mãe podia ter unificado os reinos de Castela e Aragão, mas que ainda estava bastante longe de conseguir criar uma Espanha pacífica e unida. A capacidade táctica de Isabel e Fernando forjara um único país a partir dos reinos muçulmanos, ainda tinham de conseguir que todos aceitassem a sua paz. A própria viagem de Catarina para Londres perturbada por rebeliões dos mouros e judeus, que não suportavam a tirania dos reis espanhóis. Mudou de assunto.

- Por que não nos mostrais uma dança? - pediu, pensando que gostava de a ver mover-se. - Ou isso também não é permitido na Espanha?

Uma vez que sou uma princesa inglesa, tenho de aprender os vossos

costumes - disse. - Uma princesa inglesa levantar-se-ia a meio da noite e dançaria para o rei, depois de este ter forçado a entrada nos seus aposentos? I [enrique riu-se para ela.

- Se tivesse alguma consciência, dançaria.

Ela esboçou um sorriso, pequeno e reservado.

- Então, dançarei com as minhas aias - decidiu, levantando-se da cadeira junto da mesa principal e indo para o meio do salão. Chamou uma pelo nome, Henrique reparou, Maria de Salinas, uma rapariga bonita, de cabelo escuro, que veio rapidamente colocar-se ao lado de Catarina. Outras três jovens, fingindo timidez, mas ansiosas por se exibirem, avançaram.

Henrique analisou-as. Pedira a Suas Majestades da Espanha que todas as acompanhantes da filha fossem bonitas, e estava satisfeito por comprovar que, por muito que o seu pedido lhes tivesse parecido insensível e inapropriado, haviam acedido a satisfazê-lo. As raparigas eram todas bonitas, mas nenhuma ofuscava a princesa que permaneceu composta e. em seguida, levantou as mãos e bateu palmas, para ordenar aos músicos que tocassem.

Reparou de imediato que ela se movia como uma mulher sensual. A dança era uma pavana, uma dança lenta e cerimonial, e ela movia-se abanando as ancas e de olhos fechados, com um leve sorriso nos lábios. Fora bem ensinada, qualquer princesa seria ensinada a dançar no mundo da corte, onde dançar, cantar, a música e a poesia eram mais importantes do que qualquer outra coisa; mas ela dançava como unia mulher que permitia que a música a conduzis-se, e Henrique, que tinha alguma experiência, acreditava que as mulheres que se deixavam invadir pela música eram as que melhor respondiam aos ritmos do desejo.

Passou do prazer de a observar para uma sensação de irritação, ao pensar que esta peça sofisticada ia ser colocada na cama fria de Artur. Não conseguia ver aquele rapaz sensato e estudioso a brincar e a provocar a paixão nesta rapariga, prestes a tornar-se mulher. Imaginava que Artur seria desajeitado e que talvez a magoasse, e ela cerraria os dentes e cumpriria o seu dever como mulher e rainha, e mais provável seria ela morrer ao dar à luz; e todo aquele esforço de encontrar uma noiva para Artur teria de ser repetido sem benefícios para si próprio, excepto este

desejo irritado e frustrado que ela parecia inspirar-lhe. Era bom que ela fosse desejável uma vez que iria ser um ornamento na sua corte; mas era uma perturbação o facto de ser tão desejável aos seus próprios olhos.

Henrique afastou os olhos da dança e consolou-se com a ideia do seu dote, que lhe traria grandes e duradouros benefícios e lhe seria entregue directamente, ao contrário desta noiva que parecia decidida a perturbá-lo, e teria de ir, por muito que isso fosse errado, para o seu filho. Assim que estivessem casados, o seu tesoureiro entregaria o primeiro pagamento do dote: em ouro sólido. Um ano depois, entregaria a segunda parte em ouro e com as suas pratas e jóias.

Tendo lutado para chegar ao trono com pouco dinheiro e crédito incerto, Henrique acreditava mais no poder do dinheiro do que em qualquer outra coisa na vida; ainda mais do que no trono, porque sabia que podia comprar um trono com dinheiro, e ainda mais do que nas mulheres, porque essas compram-se facilmente; e mais, bastante mais do que na alegria do sorriso de uma princesa virgem, que interrompera a sua dança, lhe fizera uma reverência e se dirigia a ele sorrindo.

- Agradei-vos? — perguntou corada e ligeiramente ofegante.

- O suficiente - respondeu, determinado em que ela nunca soubesse o quanto. - Mas agora é tarde e devíeis voltar à vossa cama. Cavalgaremos um pouco convosco de manhã, antes de par tirmos para Londres.

Ficou surpreendida pela brusquidão da resposta. Voltou a olhar para Artur como se ele pudesse contrariar os planos do pai; talvez ficar junto dela durante o resto da viagem, uma vez que o pai se gabara da sua informalidade. Mas o rapaz nada disse.

- Como desejardes, Vossa Graça - respondeu polidamente.

O rei assentiu com a cabeça e levantou-se. A corte mergulhou em reverências e vénias profundas, enquanto ela passava diante deles, dirigindo-se ao quarto. "Não é assim tão informal", pensava Catalina ao observar o Rei da Inglaterra a circular pela corte, de cabeça erguida. "Pode gabar-se de ser um soldado com os modos de um acampamento, mas insiste na obediência e na exibição da deferência. Tal como devia", acrescentou a filha de Isabel para si mesma.

Artur seguiu o pai com um rápido "Boa noite" dirigido à princesa ao sair. Num instante, todos os homens do seu séquito tinham saído, e a princesa estava sozinha com as aias.

- Que homem extraordinário - observou para a sua preferida, Maria de Salinas.

_ Ele gostou de vós - afirmou a jovem. - Olhava-vos muito.

_ E porque não gostaria? - perguntou com a arrogância instintiva de uma rapariga nascida no maior reino da Europa. - E mesmo que não gostasse, já está acordado, e não pode haver alterações.

Esteve acordado durante a minha vida inteira.



Ele não é o que eu esperava, este rei que lutou para chegar ao trono e apanhou a coroa do meio da lama, num campo de batalha. Esperava que fosse mais como um defensor, um grande soldado, talvez como o meu pai. Ao invés, tem um olhar de mercador, um homem que procura o lucro dentro de casa, não um homem que conquistou o reino e a mulher na ponta da espada. Creio que esperava encontrar um homem como Don Hernán, um herói a quem pudesse admirar, um homem a quem teria orgulho em chamar pai. Mas este rei é magro e pálido como um clérigo, em nada semelhante aos cavaleiros dos romances. Pensava que a sua corte fosse mais grandiosa, esperava um grande desfile e um encontro formal com longas apresentações e discursos elegantes, como teríamos feito no Alhambra. Mas ele é abrupto; na minha opinião, é mal-educado. Terei de me habituar a estes modos do Norte, esta pressa em fazer as coisas, estas ordens bruscas. Não posso esperar que sejam bem feitas ou correctas. Terei de ignorar muita coisa até ser rainha e poder mudá-las.

Mas, de qualquer forma, pouco me importa se gosto do rei ou se ele gosta de mim. Ele assinou este tratado com o meu pai e eu fui prometida ao filho. Pouco interessa o que penso dele. ou o que pensa de mim. Não é que tenhamos de tratar de muitas questões em comum. Eu viverei e governarei Gales e ele viverá e governará a Inglaterra, e quando morrer, será o meu marido a ocupar o trono, o meu filho será o próximo Príncipe de Gales. e eu

serei rainha. Quanto ao meu futuro marido, deixou-me uma primeira impressão diferente. É tão bonito!

Não esperava que fosse tão bonito!É tão louro e pequeno, é como, é como um pajem dos romances antigos. Consigo imaginá-lo acordado a noite inteira, em vigília, ou cantando para uma janela do castelo. Tem uma pele pálida, quase prateada, cabelo dourado e fino, e no entanto, é mais alto do que eu, magro e forte como um rapaz prestes a tornar-se homem. Tem um sorriso invulgar, que surge relutantemente e depois se abre. E é simpático. Isso é muito importante num marido. Foi simpático quando aceitou o copo de vinho que lhe estendi, percebeu que estava a tremer, e tentou confortar-me. O que pensará de mim? Gostava tanto de saber o que pensa de mim.



Tal como o rei decidira, ele e Artur regressaram rapidamente **a** Windsor na manhã seguinte e a comitiva de Catarina, com a bagagem transportada por mulas, o enxoval dentro de enormes arcas de viagem, as damas de companhia, os criados espanhóis e os guardas do tesouro do seu dote. percorreram as estradas lamacentas até Londres, a um ritmo bastante mais lento. Não voltou a ver o príncipe até ao dia do casamento, mas quando chegou à aldeia de Kingston- upon-Thames a comitiva parou, para se encontrar com o homem mais importante do reino, o jovem Edward Stafford, Duque de Buckingham, e Henrique, Duque de York, o segundo filho do rei, que haviam sido designados para a acompanhar até ao Palácio Lambeth.

- Eu saio - disse Catarina à pressa, saindo da liteira, passando rapidamente pelos cavalos que estavam ã espera, não querendo ter mais nenhuma discussão com a estrita aia sobre jovens damas conhecerem homens antes do dia do casamento.

- Dona Elvira, não digais nada. O rapaz é uma criança de dez anos. Não tem importância. Nem a minha mãe pensaria que teria importância.

- Pelo menos, colocai o véu! - implorou a mulher. - O Duque de Buck... Buck... seja qual for o nome dele, também cá está. Colocai o véu antes de aparecer à frente dele, pela vossa própria reputação, Infanta.

- Buckingham - corrigiu Catarina. - O Duque de Buckingham. E tratai-me por Princesa de Cales. E vós sabeis que eu não posso usar o véu, porque deve ter-lhe sido ordenado que contasse tudo ao rei. Vós sabeis o que a minha mãe disse: que ele é o protegido da mãe do rei. recuperado para os destinos da família, e deve ser-lhe prestado o maior respeito.

A mulher mais velha abanou a cabeça, mas Catarina partiu, de rosto destapado, sentindo-se ao mesmo tempo temerosa e irresponsável pela sua própria ousadia, e viu os homens do Duque, em for mação na estrada, e diante deles, um rapazinho: sem elmo, de cabelo claro brilhando ao sol. O seu primeiro pensamento foi que ele era totalmente diferente do irmão. Enquanto Artur era louro, pequeno e de ar sério, de compleição pálida e olhos castanhos calorosos, este era um rapaz alegre que aparentava nunca ter tido um pensamento sério.

Não herdara o rosto magro do pai, tinha a aparência de um rapaz ara quem a vida era fácil. O seu cabelo era vermelho-dourado, o rosto redondo ainda de bebé, o seu sorriso, quando a viu pela primeira vez, foi genuinamente amigável e inteligente, e os seus olhos azuis brilhavam como se estivesse habituado a ver um mundo muito agradável.

- Irmã! - afirmou calorosamente, saltando do cavalo, ouvindo--se o impacto da armadura, e fez -lhe uma pequena vénia.

- Irmão Henrique - disse, devolvendo a reverência precisamente à altura correcta, tendo em conta que ele era apenas um segundo filho da Inglaterra e que ela era a Infanta da Espanha.

- Tenho tanto prazer em conhecer-vos - afirmou rapidamente, num latim rápido, com forte sotaque inglês. - Desejava tanto que Sua Majestade permitisse que eu viesse conhecer-vos, antes de vos levar para Londres, no dia do casamento. Pensei que seria tão estranho entrar na igreja convosco e entregar-vos a Artur, se nem sequer tivéssemos falado.

- Também tenho todo o prazer em conhecer-vos, Irmão Henrique - retorquiu Catarina educadamente, um pouco surpreendida pelo entusiamo dele.

- Tendes prazer? Deveríeis estar a dançar de alegria! - exclamou alegremente. - Porque o Pai disse que eu poderia trazer-vos o cavalo que

deveria ser um dos presentes do dia do casamento, e assim poderemos cavalgar juntos até Lambeth. O Artur disse que deverieis esperar pelo dia do casamento, mas eu perguntei, porque deverá esperar? Não vai poder montar no dia do casamento. Vai estar demasiado ocupada a casar-se. Mas se lho levar agora, vai poder montá-lo já.

-Foi simpático da vossa parte

- Oh, eu nunca ligo nenhuma ao que o Artur diz - afirmou Henrique animadamente. Catarina teve de se controlar para não soltar uma gargalhada.

- Não? Ele fez uma careta e abanou a cabeça. - Sério - disse - ireis ficar espantada de quão sério ele é. E estudioso, claro, mas não dotado. Todos dizem que sou muito dota do, para línguas principalmente, mas também para a música Podemos falar francês, se desejardes, sou extremamente fluente para a minha idade. Sou considerado um músico bastante bom. E é claro, sou um desportista. Caçais?

- Não - respondeu Catarina, um pouco assombrada. - Pelo menos, só acompanho as caçadas quando perseguimos javalis ou lobos.

- Lobos? Gostaria tanto de caçar lobos. Têm mesmo ursos?

- Sim, nos montes.

- Gostaria muito de caçar um urso. Caçais os lobos a pé, como os javalis?

- Não, a cavalo - replicou. - São muito rápidos, temos de levar cães muito rápidos para os cansar. É uma caça horrível.

- Eu não me importaria - afirmou. - Não me importo com nada disso. Todos dizem que sou terrivelmente corajoso em relação a coisas desse género.

- Tenho a certeza que sim - respondeu ela sorrindo.

Um homem bonito com vinte e poucos anos avançou e fez uma vénia.

-Oh, este é Edward Stafford, o Duque de Buckingham - disse Henrique rapidamente. - Posso apresentar-vos?

Catarina estendeu a mão e o homem fez novamente uma vénia sobre ela. O seu rosto inteligente e belo acendeu-se com um sorriso.

- Que sejais bem-vinda ao vosso próprio país! - comentou num castelhano irrepreensível. - Espero que tudo tenha corrido ao vosso agrado durante a viagem. Há alguma coisa que possa fazer para vos ajudar?

- Na verdade, fui muito bem tratada - declarou Catarina, corando de prazer por ser saudada na sua língua. - E o acolhimento que recebi do povo, durante toda a viagem, foi muito simpático.

- Olhai, aqui tendes o vosso cavalo - interrompeu Henrique, enquanto o criado chegava com uma maravilhosa égua negra. -Deveis estar habituada a ter bons cavalos, é óbvio. Tendes sempre cavalos da Barbaria?

- A minha mãe insiste em que os utilizemos para a cavalaria -respondeu.

- Oh! - suspirou. - Por serem muito rápidos?

- Podem ser treinados como cavalos de batalha - disse, avançando e estendendo a mão, com a palma voltada para cima, para que a égua cheirasse e lambesse os seus dedos, com a boca macia e meiga.

- Cavalos de batalha? - continuou ele.

Os Sarracenos têm cavalos que conseguem combater como os donos e os cavalos da Barbaria também podem ser treinados fazer - disse ela. - Levantam-se nas patas traseiras e batem num soldado com as da frente, e também dão coices. Os Turcos têm cavalos que apanham uma espada do chão e devolvem-na ao cavaleiro A minha mãe diz que um bom cavalo vale por dez homens, numa batalha.

_ Gostava tanto de ter um cavalo desses - disse Henrique com um ar sonhador. - Como será que poderei conseguir um?

Fez uma pausa, mas ela não mordeu o isco.

_ Se alguém me desse um cavalo desses, poderia aprender a montá-lo - afirmou transparentemente. - Talvez no meu aniversá**r**io, ou talvez na próxima semana, uma vez que não sou eu que me vou casar, e não vou

receber nenhum presente de casamento. Uma vez que fui um pouco posto à margem e negligenciado.

- Talvez - afirmou Catarina, que já uma vez vira o seu próprio irmão obter o que pretendia, exactamente com o mesmo tipo de comentário.

- Devia ser treinado para montar correctamente - disse ele. -O Pai prometeu-me que. apesar de eu ir para a Igreja, serei autori **za**do a montar na quintana. Mas Sua Alteza, a Mãe do Rei, diz que não posso combater. É muito injusto. Deveria poder combater. Se tivesse um cavalo apropriado, poderia combater, tenho a certeza de que derrotaria toda a gente.

- Tenho a certeza que sim - disse ela.

- Bem, vamos embora? - perguntou, vendo que ela não lhe ofereceria um cavalo, só por ele lho pedir.

- Eu não posso ir a cavalo, as minhas roupas de montar estão na mala. Ele hesitou.

- Não podeis ir assim vestida? Catarina riu-se.

- Isto é de veludo e de seda. Não posso montar com estas roupas. E além disso, não posso andar a galopar pela Inglaterra, com ar de pantomineiro.

- Oh - pronunciou. - Sendo assim, ireis na vossa liteira? Não nos vai atrasar muito?

- Lamento mas recebi ordens para viajar numa liteira - afirmou - Com cortinas corridas.

Imagino que nem o vosso pai que andasse pelo país a montar de saias levantadas. - É evidente que a princesa não pode montar hoje - decidiu o Duque de Buckingham. - Como vos disse. Ela tem de ir na liteira.

Henrique encolheu os ombros.

- Bem, não sabia. Ninguém me disse o que iríeis vestir. Então posso ir à frente? Os meus cavalos serão muito mais rápidos do quê as mulas.

- Podeis ir à frente, mas não desaparecer de vista - decidiu Catarina. -Já

que devíeis escoltar me, deveis estai' comigo.

- Tal como eu disse - observou o Duque de Buckingham tranquilamente, trocando um pequeno sorriso com a princesa.

- Esperarei em todos os cruzamentos - prometeu Henrique. -Vou escoltar-vos, não vos esqueçais. E no dia do vosso casamento, irei escoltar-vos novamente. Tenho um fato branco com costuras douradas.

- Que bonito que ides estar - disse ela. vendo-o corar de prazen

- Oh, não sei...

- Tenho a certeza de que todos repararão no belo rapaz que sois - elogiou ela. enquanto ele parecia satisfeito.

- Todos gritam sempre mais alto por mim - confidenciou. - E agrada-me saber que as pessoas gostam de mim. O Pai diz que a única forma de manter um trono é ser amado pelo povo. Foi o erro do rei Ricardo, diz o Pai.

- A minha mãe diz que a única forma de mantermos o trono é fazermos a obra de Deus.

- Oh - suspirou ele, claramente pouco impressionado. - bem. países diferentes, calculo.

- Devemos, então, viajar juntos - disse ela. - Vou dizer aos que me acompanham que estamos prontos para prosseguir.

- Eu digo-lhes - insistiu ele. - Sou eu quem vos escolta. Eu darei as ordens e vós deveis descansar na liteira - lançou-lhe um olhar rápido de soslaio. - Quando chegarmos a Lambeth, devereis permanecer na vossa liteira, até eu vos chamar. Eu abrirei as cortinas e levar-vos-ei para dentro, e vós devereis segurar a minha mão.

- Gostaria muito - garantiu-lhe e voltou a ver o seu rosto enrubescer.

Voltou-se bruscamente e o Duque fez-lhe uma vénia, sorrindo.

- É um rapaz muito inteligente, muito impaciente - afirmou. -Tendes de

perdoar o seu entusiasmo. Foi muito mimado.

- F o preferido da mãe? - perguntou ela. pensando na adoração que a sua própria mãe sentia pelo único filho.

- Pior ainda - respondeu o Duque com um sorriso. - A mãe adora-o de forma adequada; mas é o menino absoluto dos olhos da avó, e é ela quem manda na cone. Felizmente é um bom rapaz e tem bons modos. Tem uma natureza demasiado boa para se deixar estragar com mimos e a mãe do rei equilibra os seus favores com reprimendas - É uma mulher indulgente?- perguntou ela.

Ele deu uma risada. Só com o filho - afirmou. - Os restantes consideram-na mais majestática do que mãe.

_ Podemos voltar a falar em Lambeth? - pediu Catarina, tentada a saber mais sobre esta família de que iria fazer parte.

Em Lambeth e Londres, terei todo o orgulho em servir-vos - disse o jovem, com os olhos calorosos de admiração. - Tendes de me dar as ordens que entenderdes.Serei vosso amigo na Inglaterra, podeis contar comigo.



Tenho de ter coragem, sou filha de uma mulher audaz e preparei-me para isto toda a vida. Quando o jovem Duque falou comigo, daquela forma tão simpática, não deveria ter sentido vontade de chorar, foi um disparate. Tenho de me controlar e sorrir. A minha mãe disse-me que, se eu sorrir, ninguém saberá que sinto saudades de casa ou medo. vou sorrir e sorrir, por muito adversa que a situação pareça. E apesar de esta Inglaterra agora me parecer estranha, habituar-me-ei. Aprenderei os seus costumes e sentir-me-ei em casa aqui. Os seus modos diferentes tornar-se-ão os meus modos, e as piores coisas- as que não suporto mesmo - mudá-las-ei, quando for rainha. E de qualquer modo, será melhor para mim do que foi para Isabel, a minha irmã. Só esteve casada alguns meses e, depois, teve de voltar para casa, viúva. Será melhor para mim do que para Maria, que teve de seguir Isabel para Portugal, melhor para mim do que para Joana. que está doente de amor pelo marido, Filipe. Terá de ser melhor para mim do que foi para João, o meu pobre irmão, que morreu tão cedo após encontrar a felicidade. E será sempre melhor para

mim do que Para a minha mãe. cuja infância foi passada no fio da navalha.

É evidente que a minha história não será como a dela. Eu nasci numa época muito menos emocionante. Espero entender-me com o u marido Artur e com o seu estranho e estridente pai, e com o seu pequeno irmão, doce e fanfarrão. Esperarei que a sua mãe e avó me amem ou pelo menos , me ensinem como ser uma Princesa de de Gales ou uma Rainha de Inglaterra. Não terei de cavalgar em ataques desesperados durante a noite, de uma fortaleza cercada para outra,como a minha mãe. Não terei de empenhar as minhas próprias jóias para pagar a soldados mercenários, como ela. Não terei de partir a cavalo de armadura para unir as minhas tropas. Não serei ameaçada pelos cruéis Franceses, de um lado, e pelos hereges Mouros, por outro, como a minha mãe. Casarei com Artur, e quando o pai dele morrer- que deverá acontecer breve, porque ele é tão velho e tão mal-humorado - seremos Rei Rainha da Inglaterra e a minha mãe reinará na Espanha, enquanto eu reino na Inglaterra e ver-me-á manter a Inglaterra na aliança com a Espanha, como lhe prometi vai ter-me a manter o meu país num tratado inquebrável com o seu vera que estarei em segurança para sempre.



Londres, 14 de Novembro de 1501

Na manhã do dia do seu casamento, Catarina foi chamada cedo; mas estava acordada há horas, revolvendo-se na cama, mal o sol frio e invernal começara a iluminar o céu pálido. Tinham-lhe preparado uma banheira enorme - as suas aias tinham-lhe contado que os Ingleses estavam admirados por ela tomar banho antes do dia do casamento e que a maior parte deles pensava que ela estava a colocar a vida em risco. Catarina, educada no Alhambra, onde os banhos eram o mais bonito conjunto de salas do palácio, centro de coscuvilhice; risos e águas perfumadas, também ficou espantada por saber que os Ingleses consideravam perfeitamente adequado só tomar banho ocasionalmente, e por os pobres só tomarem banho uma vez por ano.

Já se apercebera de que o cheiro a almíscar e a âmbar-cinzento que acompanhara o rei e o príncipe Artur possuía traços de suor e de cheiro a cavalo, e de que viveria o resto da vida entre pessoas que não trocavam de

roupa interior durante um ano. Encarara-o como mais um aspecto que teria de suportar, como um anjo do céu suporta as privações terrenas. Ela viera de al-Yanna - o jardim, o paraíso - para o mundo normal. Viera do Palácio de Alhambra para a Inglaterra, previra algumas mudanças desagradáveis.

- Presumo que esteja sempre tanto frio que não faça diferença, - comentou pensativamente para Dona Elvira.

- Faz-nos diferença a nós - respondeu a ama. - E vós deveis banhar-vos como uma Infanta da Espanha, apesar de todos os cozinheiros do palácio terem tido de interromper o que estavam a fazer para aquecer água.

Dona Elvira pedira que trouxessem da cozinha, onde se preparava a carne um enorme pote que era normalmente utilizado para escaldar as carcaças dos animais, mandou três criados da cozinha esfregá-lo, revestiu-o com lençóis de linho e encheu-o até cima de água quente, com pétalas de rosa. e perfumou-a com óleo de rosas que trouxera da Espanha. Supervisionou com carinho a lavagem dos membros longos e pálidos de Catarina, a pedicura dos pés, a manicura das mãos, a escovagem dos dentes e por fim a lavagem, com três passagens por água, dos cabelos. Uma e outra vez. as incrédulas criadas inglesas corriam para a porta, para receberem mais um jarro de água quente das mãos de pajens exaustos, e deitavam-no na banheira, para manter a água do banho quente.

- Se pelo menos tivéssemos uma casa de banho como deve ser, **-** lamentou-se Dona Elvira. - Com vapor, um tepidário e um chão de mármore limpo! Água quente na torneira e um lugar para vos sentardes e serdes devidamente esfregada.

- Não vos preocupeis - disse Catarina com ar sonhador enquanto a ajudavam a sair do banho e lhe limpavam todo o corpo com toalhas perfumadas. Uma criada pegou-lhe no cabelo, espre meu a água e esfregou-o cuidadosamente com seda vermelha ensopada em óleo. para lhe dar brilho e cor.

- A vossa mãe teria tanto orgulho em vós - afirmou Dona Elvira, quando conduziam a Infanta para o quarto de vestir e começavam a vesti-la, com camadas e camadas de combinações e vestidos, - Aperta mais aquela renda, rapariga, para que a saia fique direita. É o dia dela, assim como o

vosso, Catarina. Ela disse que casaríeis com ele, custasse o que lhe custasse.



Sim mas não pagou o maior preço. Eu sei que me pagaram este casamento com um resgate ao rei por meu dote. e sei que suportaram longas e difíceis negociações, e eu sobrevivi à pior viagem que alguém alguma vez empreendeu, mas houve outro preço pago que nunca mencionamos - não houve? E a idéia desse preço está hoje na minha mente, como esteve desde durante a viagem, como esteve desde que ouvi falar nele. Havia um homem de vinte e quatro anos, Eduardo Plantageneta, Duque de Warwick e filho dos Reis da Inglaterra, com - verdade seja dita - mais direitos ao trono da Inglaterra do que o meu sogro. Era príncipe, sobrinho do rei. e de sangue real. Não cometeu nenhum crime, não fez nada de errado, mas foi preso por minha causa, foi levado para a Torre para meu benefício, e finalmente morto, decapitado no cepo, em meu proveito, para que os meus país pudessem ter a certeza de que não existiam pretendentes ao trono que haviam comprado para mim.

O meu pai disse pessoalmente ao próprio rei Henrique que não me enviaria para a Inglaterra enquanto o Duque de Warwick fosse vivo, e, assim, eu sou como a própria Morte, transportando a foice Quando encomendaram o barco para eu vir para a Inglaterra: Warwick passou a ser um homem morto. Dizem que era um tonto. Não percebeu que estava realmente preso, pensou que fora instalado na Torre, como forma de lhe ser concedida uma honra. Sabia que era o último dos príncipes Plantageneta, e que a Torre sempre fora um aposento real. mas também uma prisão. Quando encerraram um pretendente, um homem inteligente que tentava fazer-se passar por príncipe real, na sala ao lado da do pobre Warwick, pensou que era para lhe fazer companhia. Quando o outro homem lhe propôs que fugisse com ele. pensou que seria uma atitude inteligente, e como era tão ingénuo, falou dos seus planos em situações em que os guardas conseguiram ouvir. Isso deu-lhes a desculpa de que precisavam para o acusarem de traição. Enganaram-no facilmente, degolaram-no e ninguém protestou.

O país procura a paz e a segurança de um rei inquestionado. O país fechará os olhos a um ou dois pretendentes assassinados. Também esperam que eu os feche. Sobretudo por ser para minha vantagem. Tudo foi feito a pedido do

meu pai, por minha causa. Para facilitar o meu caminho. Quando me disseram que estava morto, não disse nada. porque eu sou uma Infanta da Espanha. Acima de tudo. sou filha da minha mãe. Não choro como uma menina pequena nem conto a todos cada um dos meus pensamentos. Mas quando estava sozinha nos jardins do Alhambra, ao final da tarde, quando o sol se punha e deixava o mundo frio e doce. eu caminhava ao longo de um extenso canal de águas tranquilas, escondida pelas arvores, e pensei que nunca voltaria a caminhar à sombra das árvores, nem apreciaria os raios quentes do sol passando através da verde folhagem, sem pensar que Eduardo, o Duque de Warwick, nunca mais verá o sol, para que eu possa viver no meio da riqueza e do luxo. Rezei, então, para poder ser perdoada pela morte de um inocente.

A minha mãe e o meu pai lutaram ao longo de Castela e Aragão, cavalgaram por toda a Espanha para levar a justiça a todas as aldeias, às povoações mais pequenas - para que nenhum espanhol pudesse perder a vida por um capricho de outro. Nem sequer os maiores senhores podem assassinar um camponês; têm de pudesse perder a vida por um capricho de outro. Nem sequer os maiores senhores podem assassinar um camponês; têm de cumprira lei. Mas quando se tratou da Inglaterra e de mim, esqueceram-se disso. Esqueceram-se de que vivemos num palácio onde a promessa "Entrai e perguntai. Não temais procurar a justiça, pois aqui a encontrareis" está gravada numa parede.

Apenas escreveram ao rei Henrique e disseram que não me enviariam enquanto Warwick não estivesse morto e, momentos depois de terem expressado tal desejo, Warwick foi morto. E por vezes, quando não me lembro de ser a Infanta da Espanha nem a Princesa de Gales, mas apenas a Catarina que transpôs, atrás da mãe, a enorme porta de entrada no Palácio de Alhambra, e percebeu que a mãe era a maior potência que o mundo alguma vez conhecera: por vezes, pergunto-me infantilmente, se a minha mãe não cometeu um grande erro? Se não levou a vontade de Deus longe de mais? Ainda mais longe do que Deus desejaria? Porque este casamento é iniciado sobre sangue, e navega num mar de sangue inocente. Como pode um matrimónio destes alguma vez ser o prelúdio de um bom casamento? Não terá de ser obrigatoriamente- tal como a noite se segue ao pôr do Sol - trágico e sangrento? Como pode advir daqui alguma felicidade para o príncipe Artur e para mim, à custa de um preço de tal modo terrível? E se conseguíssemos ser felizes, não seria uma felicidade totalmente pecaminosa e

egoísta?



O príncipe Henrique, o Duque de York, de dez anos, estava tão orgulhoso do seu fato de tafetá branco que mal olhou para Catarina até estarem diante das portas orientais da Catedral de São Paulo e, então voltou-se para a observar, tentando ver o seu rosto através da sofisticada renda da mantilha branca. À sua frente, estendia-se uma passagem elevada, coberta com uma passadeira vermelha, fixada com grandes pregos dourados; a passagem seguia, à altura da cabeça, desde a grande porta da entrada da igreja, onde os cidadãos de Londres se amontoavam para obterem uma vista melhor e continuava ao longo da comprida ala até ao altar, onde o príncipe Artur permanecia, pálido com os nervos, a seiscentos passos cerimoniais de distância.

Catarina sorriu para o rapazinho ao seu lado, e ele riu de contentamento. A sua mão segurava firmemente o braço que ele lhe oferecera. Ele fez uma pausa por mais alguns momentos, até que todos, na igreja enorme, percebessem que a noiva e o príncipe estavam na porta, à espera de fazer a sua entrada, fez-se silêncio, todos se esticaram para ver a noiva, e depois, no preciso momento, mais teatral, ele conduziu-a para a frente. Catarina ouvia os sussurros da assistência, em volta dos seus pés, enquanto passava por eles, no alto do palco que o Henrique mandara construir para que todos pudessem ver a flor da Espanha encontrar-se com o botão de rosa da Inglaterra. O príncipe voltou-se quando ela chegou perto dele, mas ficou temporiamente cego de irritação ao ver o irmão, que conduzia a princesa como se ele próprio fosse o noivo, olhando em volta quando sava, agradecendo os cumprimentos com o chapéu e os murmúrios das reverências com o seu sorrisinho altivo, como se fosse a ele todos tivessem vindo ver.

Depois, ficavam ambos ao lado de Artur e Henrique, ainda que relutantemente, teve de recuar, enquanto a princesa e o príncipe voltavam para o arcebispo e se ajoelhavam, ao mesmo tempo, almofadas de tafetá branco especialmente bordadas. "Nunca um casal esteve mais casado", pensava o rei Henrique de pé, diante do banco real, junto da mãe e da mulher. "Os pais confiam tanto em mim como numa serpente, e a minha opinião sobre o pai dela sempre foi a de que nào passa de um traficante

semimouro. Foram prometidos nove vezes. Este será um casamento que na poderá quebrar. O pai dela não pode fugir dele, por muitas dúvidas que tenha. Agora, vai proteger-me da França; esta é a herança filha. A simples ideia da nossa aliança assustará os franceses e convencê-los-á a manter a paz, e nós temos de ter paz."

Olhou de relance para a mulher que estava ao seu lado. tinha os olhos marejados de lágrimas, ao observar o filho e a noiva enquanto o arcebispo levantava as suas mãos dadas e as envolvia com a sua estola sagrada. O rosto dela, embevecido pela emoção nào o comovia. Quem poderia adivinhar os seus pensamentos, detrás daquela bela máscara? Pensaria no seu próprio casamento, a união das casas de York e Lancaster que a colocou, como esposa rei, num trono que ela poderia reivindicar de seu próprio direito?' estaria a pensar no homem que preferiria ter tido como marido? rei franziu o sobrolho. Nunca se sentiu seguro da sua mulher. **Isabel-**Em geral, preferia não pensar muito nela.

Por trás dela, a sua mãe, de rosto fechado, Margaret Beaufort, observava o jovem casal com um sorriso contido. Este era **o** triunfo da Inglaterra, o do seu filho, mas muito mais do que isso. este era o seu triunfo - ter arrancado esta família bastarda e ilegítima do desastre, desafiar o poder da casa de York, derrotar um rei reinante, conquistar o próprio trono da Inglaterra, vencendo todos os obstáculos. Isto era obra sua. O seu plano consistira em trazer **o** filho da França, no momento certo para reivindicar **o**trono. Eles foram os seus aliados que forneceram ao filho os soldados para a batalha. Fora o seu plano de batalha que deixara **o** usurpador Ricardo a desesperar em Bosworth, e foi uma vitória sua, que celebrava durante todos os dias da sua vida. E este era o casamento que constituía o culminar dessa longa luta. Esta noiva dar-lhe-ia um neto. um rei Tudor-espanhol para a Inglaterra, e um filho a seguir a esse, e outro ainda, a seguir: construindo assim uma dinastia Tudor que seria interminável.

Catarina repetiu as palavras dos votos matrimoniais, sentiu o peso de uma aliança fria no dedo, voltou **o** rosto para **o** novo marido e sentiu, aturdida, **o** seu beijo frio. Quando voltou a percorrer aquele absurdo passadiço e viu os rostos sorridentes que se estendiam dos seus pés até às paredes da catedral, começou a perceber que estava concluído. E, quando saíram do frio escuro da catedral, para a luz do sol. clara e invernal do exterior e ouviu **o** clamor da multidão por Artur e a sua

noiva, **o**Príncipe e a Princesa de Gales, percebeu que. por fim. cumprira completamente o seu dever. Fora prometida a Artur na infância, e agora, finalmente, estavam casados. Fora denominada Princesa de Gales desde os três anos e, agora, por fim, assumira o seu nome, assim como o seu lugar no mundo. Olhou para cima e sorriu, e a multidão, maravilhada com **o** vinho gratuito, com a beleza da jovem rapariga, com a promessa de protecção contra uma guerra civil que só poderia advir da garantia de sucessão real, gritava a sua aprovação.



Eram marido e mulher mas trocaram apenas algumas palavras durante o resto daquele longo dia. Houve um banquete formal e, Bosword: batalha em que Henrique Tudor, filho de Margaret Beaufort, derrotou o rei Ricardo III, que foi morto na batalha. Henrique acabaria por aceder ao tono de Inglaterra, como Henrique VII (N. da T.)apesar de estarem sentados lado a lado, havia brindes a fazer, discursos aos quais deveriam estar atentos e músicos a tocar. Após o prolongado jantar, no qual foram servidos imensos pratos; houve entretenimento com poesia, cantores e uma representação. Nunca ninguém vira tanto dinheiro ser gasto num único acontecimento. Era uma celebração muito maior do que a do casamento do próprio rei ainda maior do que a sua coroação. Era uma redefinição do estado real inglês e dizia ao mundo que este casamento da rosa dos Tudor com a princesa espanhola era um dos eventos mais importantes da nova era. Duas novas dinastias proclamavam-se através desta união: Fernando e Isabel do novo país que estavam a forjai, a partir do ***al-****-Andalus,* e os Tudor, que se estavam a apoderar da Inglaterra.

Os músicos tocaram uma dança da Espanha e a rainha Isabel, após um aceno da sogra, inclinou- se e disse tranquilamente Catarina:

-Seria um enorme prazer para todos nos se dançásseis.

Catarina, bastante composta, levantou-se da cadeira e dirigiu- -se ao centro do enorme salão, enquanto as suas aias se reuniam em seu redor, formando um círculo e dando as mãos. Dançaram a pavana, a mesma dança a que Henrique assistira em Dogmersfielc e este observou a nora com bastante atenção. Indubitavelmente, ela era a jovem mais desejável da sala. Era uma pena. porque um desligado como Artur não

conseguiria seguramente ensinar-lhe os prazeres que se poderia alcançar debaixo dos lençóis. Se os deixasse ir juntos para o Castelo de Ludlow, ela certamente morreria de aborrecimento ou tomarse-ia completamente frígida. For outro lado, se a mantivesse ao seu lado, ele deleitaria os seus olhos, poderia vê-la dançar e iluminar a corte. Suspirou. Fensou que não tinha coragem.

- Ela é maravilhosa - observou a rainha.

- Esperemos eme sim - disse ele amargamente.

- Senhor?

Ele sorriu perante o olhar interrogativo e de surpresa que ela lhe lançou.

- Não, não é nada. Tendes razão, é realmente maravilhosa. E parece ser saudável, não parece?

Felo que podemos ver?

- Tenho a certeza que é, e a mãe garantiu-me que é muito regular nos seus hábitos.

Ele acenou com a cabeça.

- Aquela mulher diria qualquer coisa.

- Mas de certeza que não diria nada para nos enganar? Não num assunto cie tamanha importância! - sugeriu.

Ele assentiu com a cabeça e esqueceu o assunto. a doçura da natureza da sua mulher e a sua fé nos outros eram algo que ele não poderia mudar. desde que não tivessem influência na política, as opiniões dela não interessavam.

- E Artur? - perguntou ele. - Parece-vos estar a crescer e a tornar-se forte?

Gostaria tanto que tivesse o espírito do irmão. Ambos olharam para o jovem Henrique que observava as dançarinas com a cara enrubescida de emoção, de olhos brilhantes, - Oh, Henrique - disse a mãe indulgentemente. - Mas nunca houve um príncipe mais bonito e divertido do que Henrique. A

dança espanhola terminou e o rei bateu palmas.

- Agora, Henrique e a irmã - ordenou. Não queria obrigar Artur a dançar diante da sua nova noiva. O rapaz dançava como um clérigo, com pernas bamboleantes e muito concentrado. Mas Henrique estava cheio de vontade de dançar e, num instante, estava no meio da sala com a irmã, a princesa Margaret. Os músicos conheciam os gostos musicais dos jovens da família real e tocaram uma galharda animada. Henrique atirou o casaco para o lado e lançou-se na dança, em mangas de camisa, como um camponês.

Ouviu-se um suspiro dos nobres espanhóis perante o comportamento chocante do jovem príncipe, mas a corte inglesa e os pais sorriam da sua energia e entusiasmo. Quando os dois chegaram ao fim das voltas e saltos, todos aplaudiram, rindo. Todos, excepto o príncipe Artur,que fixava um ponto longínquo, determinado em não observar a dança do irmão. Surpreendeu-se quando a mãe pousou a mão no seu braço.

-Deus seja louvado por ele estar a sonhar acordado com a noite de núpcias - observou opai para Lady Margaret, a sua mãe. - Apesar de ter as minhas dúvidas.

Ela lançou uma gargalhada aguda.

- Não posso dizer que tenha uma boa impressão da noiva - disse em tom de crítica.

- Nao tendes? - perguntou ele. - Mas vistes o tratado.

- Gosto do preço, mas o artigo não é do meu agrado - afirmou com o seu habitual sentido de humor apurado. - Ela é uma coisinha pequena e bonita, não é?

- Preferiríeis uma criada maltrapilha?

- Gostaria de uma rapariga com anca, para nos dar filhos - afirmou secamente. - Uma creche de filhos.

- Para mim, parece suficientemente adequada - decidiu. Sabia que nunca seria capaz de dizer como ela lhe parecia bem. Mesmo para si próprio, nunca deveria sequer pensar nisso.



Catarina foi colocada no leito nupcial pelas suas aias. Maria de Salinas deu-lhe um beijo de boas-noites, e Dona Elvira deu-lhe a bênção de uma mãe; mas Artur tinha de passar por mais uma série de pancadinhas nas costas e humor grosseiro, antes de os amigos e companheiros o escoltarem até ã porta dela. Colocaram-no na cama, ao lado da princesa, que permanecia imóvel e em silêncio enquanto homens estranhos se riam e lhes desejavam boa noite, e depois veio o arcebispo para salpicar os lençóis com água benta e rezar pelo jovem casal. Só teria sido um acto mais público se tivessem aberto as portas para os cidadãos de Londres verem os jovens, lado a lado, desajeitados como travesseiros, no seu leito matrimonial. Pareceu a ambos que várias horas tinham passado até que as portas finalmente se fecharam sobre os rostos sorridentes e curiosos, e os dois ficarem suficientemente sozinhos, sentados muito direitos mencostados às almofadas, paralisados como um par de bonecas tímidas.

Fez-se silêncio.

-Quereis um copo de cerveja? - sugeriu Artur numa voz fina, devido aos nervos.

Não gosto muito de cerveja - disse Catarina.

- Esta é diferente. Chamam-lhe cerveja matrimonial, é adoçada com mel e especiarias. É para nos dar coragem.

Precisamos de coragem?Sentiu-se encorajado pelo sorriso dela e saiu da cama para lhe ir buscar um copo.

-Penso que sim - respondeu. - Sois uma estranha numa terra nova, e eu nunca conheci nenhuma rapariga, além das minhas irmãs. Ambos temos muito que aprender.

Ela tirou-lhe o copo de cerveja quente da mão e experimentou a bebida, bastante forte.

-Oh, isto é bom.

Artur engoliu um copo e bebeu outro. Depois, voltou para a cama. Levantar os cobertores e deitar-se ao lado dela parecia-lhe uma imposição; a ideia de lhe levantar a camisa e de se pôr em cima dela era algo que estava além das suas forcas.

-Vou apagar a vela - anunciou. A escuridão repentina envolveu-os, apenas as cinzas da lareira produziam uma luz vermelha. - Estais muito cansada? - perguntou, desejando que ela respondesse que estava demasiado cansada para cumprir o seu dever. - Nada_ respondeu ela educadamente, com uma voz irreal saída da escuridão. -Vós estais? _ Não.

_ Quereis dormir já? - perguntou ele.

Eu sei o que temos de fazer - afirmou ela abruptamente. -s as minhas irmãs se casaram. Sei tudo sobre esse assunto. - Eu também sei - respondeu ele, magoado.

- Não queria dizer que não sabíeis, queria dizer que não tendes de ter medo de começar. Eu sei o que temos de fazer.

- Eu não tenho medo, é só que...

Para seu horror absoluto sentiu-a levantar-lhe a camisa de dormir e tocar-lhe a pele nua da barriga.

- Não queria assustar-vos - disse ele, com a voz a tremer, sentindo-se invadido pelo desejo, apesar de morrer de medo de ser incompetente.

- Eu não tenho medo - disse a filha de Isabel. - Nunca tive medo de nada.

No silêncio e na escuridão sentiu-a agarrá-lo e segurá-lo firmemente. Com o seu toque, ele sentia o desejo a aumentar com tanta intensidade que temia ejacular na sua mão. Com um longo suspiro, pôs-se em cima dela e descobriu que ela se despira até à cintura, tendo tirado a camisa de dormir. Apalpou desajeitadamente e sentiu-a retrair-se quando se empurrava contra ela.

Todo o processo parecia bastante impossível, não havia forma de saber o

que deveria um homem fazer, nada para o ajudar ou orientar, nenhum conhecimento da geografia misteriosa do corpo dela, e depois ela soltou um pequeno grito de dor, abafado com a mão, e ele soube que o fizera. O alívio foi tão grande que ejaculou de imediato, um impulso semidoloroso, semiaprazível que lhe indicou que, independentemente da idéia do pai a seu respeito, do que Henrique pensava sobre si, a tarefa estava cumprida e ele era um homem e um marido a princesa era a sua mulher e já não uma virgem intocada. Catarina esperou até ele adormecer e, depois, levantou-se e lavou-se nos seus aposentos privados. Estava a sangrar, mas sabia que pararia em breve, a dor não era pior do que esperava, Isabel,a sua irmã, dissera-lhe que não era tão doloroso como cair de um cavalo, e tinha razão. Margot, a cunhada, dissera-lhe que era o paraíso; mas Catarina não conseguia imaginar como tão profundo embaraço e desconforto podiam ser divinais - e concluiu que Margot estava a exagerar, como fazia com frequência.

Catarina voltou para o quarto. Mas não voltou para a cama invés, sentou-se peno da lareira, abraçando os joelhos e observa do as cinzas.



"*Não foi um dia mau", digo para mim mesma e sorrio; é uma frase da minha mãe. Quero tanto ouvir a sua voz que estou a pronunciar as suas palavras para mim mesma. Muitas vezes, quando era pouco mais que um bebé. e ela passara um longo dia em cima da sela, inspeccionando os grupos de exploradores avançados cavalgando de volta para dar ânimo à comitiva mais lenta, entrava na tenda, descalçava as botas de montar deitava-se nos ricos tapetes e almofadas mouros, ao lado da braseira de bronze, e dizia: Não foi um dia mau ".*

- Alguma vez tendes um dia mau? - perguntei-lhe numa ocasião.

- Não. quando estamos a fazer o trabalho de Deus - respondeu gravemente. - Há dias em que é fácil e há dias em que é difícil. Mas, se estamos a fazer o trabalho de Deus, nunca há dias maus.

Nem por um momento duvido que dormir com Artur, apesar da minha ousadia em ser eu a tocar-lhe e a puxá-lo para mim. seja o trabalho de Deus. É obra de Deus que exista uma aliança inquebrável entre a Espanha e a

Inglaterra. Só tendo a Inglaterra como aliado fiável é que a Espanha pode desafiar a expansão da França. Apenas com a riqueza da Inglaterra, e sobretudo os navios ingleses podemos nós, Espanhóis, levar a guerra contra a crueldade até coração dos impérios muçulmanos na África e na Turquia. Os príncipes italianos são uma confusão de ambições rivais. os franceses são um perigo para qualquer vizinho, tem de ser a Inglaterra a aderir a Cruzada com a Espanha, para manterá defesa da Cristandade contra o poder aterrorizador dos Mouros; quer eles sejam mouros negros da África, o papão da minha infância, ou mouros de pele clara, do temível Império Otomano. E, quando estes forem derrotados, os Cruzados têm de prosseguir, para a Índia, para o Oriente, até onde tiverem de ir. para desafiar e derrotar a crueldade que é a religião dos Mouros. O meu grande receio é que os reinos sarracenos se estendam interminavelmente, até ao fim do mundo e nem sequer Cristóvão Colombo sabe onde fica tal lugar.

-E se não tiverem fim? - perguntei uma vez à minha mãe, quando nos debruçávamos nas paredes aquecidas pelo sol do forte observávamos a partida de um novo grupo de mouros que abandonava a cidade de Granada, om a bagagem transportada por mulas, as mulheres a chorar, os homens de cabeça vergada, a bandeira de Santiago a esvoaçar, então, no forte vermelho, onde o crescente ondulará durante sete séculos, os sinos a tocar para a Missa, onde outrora as cornetas haviam soado para as rezas hereges.

- e agora, que derrotamos estes, eles regressam a África e voltam no próximo ano?

- É por isso que tens de ser corajosa, minha Princesa de Gales. _ respondera a minha mãe na altura. - É por isso que tens de estar pronta para combatê-los sempre que vierem, para onde vierem. Isto é uma guerra até ao fim do mundo, até ao fim dos tempos, quando Deus finalmente lhe puser um fim. Vai assumir muitas formas. Nunca cessará. Vão voltar uma e outra vez. e terás de estar preparada, em Gales, assim como nós estaremos preparados na Espanha.

Concebi-te para seres uma princesa lutadora, assim como eu sou uma Princesa Militante. Eu e o teu pai pusemos-te na Inglaterra como Maria foi posta em Portugal, como Joana foi colo cada junto dos Habsburgos. na Holanda. Vocês estão lá para defenderas terras dos vossos maridos, e para manterem as alianças connosco. É a tua tarefa deixar a Inglaterra preparada

e mantê-la segura. Certifica-te de que nunca desapontarás o teu país, assim como as tuas irmãs não podem desapontar os delas, como eu nunca desapontei o meu.



Catarina foi despertada bastante cedo por Artur, que exercia uma pressão suave entre as suas pernas. Ela permitiu, ressentida, sabendo que esta era a forma de conseguir um filho e de tornar a aliança segura. algumas princesas, como a sua mãe, tinham de combater em guerra aberta para proteger o reino. A maioria das princesas, como ela, tinha de suportar provações dolorosas em privado. Não demorou muito, e depois, ele adormeceu. Catarina permaneceu imóvel como uma pedra congelada, para não voltar a acordá-lo. Ele só acordou ao nascer do dia, quando os criados de quarto bateram ruidosamente à porta. Ele levantou-se dizendo-lhe um "Bom dia" ligeiramente embaraçado; e saiu. receberam-no com saudações elevaram-no triunfantemente para os seus aposentos,Catarina ouviu-o comentar em tom vulgar, gabando-se:

-Cavalheiros, esta noite estive na Espanha - e ouviu a gar lhada que aplaudiu a sua piada. As aias entraram com o roupão e ouviram os risos dos homens. Dona Elvira levantou as sobran lhas finas para o céu, pelos modos destes ingleses.

-Não sei o que a vossa mãe diria - observou Dona Elvira

-Diria que as palavras são menos importantes do que a vontade de Deus, e a vontade de Deus foi cumprida - afirmou Catarina com firmeza.



C*om a minha mãe não foi assim. Ela apaixonou-se pelo meu pai assim que o viu e casou com ele com grande felicidade. Depois de crescer, comecei a compreender que sentiam um desejo autêntico um pelo outro - não era apenas uma parceria poderosa de um grande rei e uma grande rainha. O meu pai podia ter outras mulheres como amantes: mas precisava da mulher, não conseguia ser feliz sem ela. E a minha mãe nem sequer conseguia estar com outro homem. Não tinha olhos para mais ninguém que não fosse o meu pai. A Espanha era a única, de todas as cortes da Europa, que não tinha*

tradição de jogos amorosos ou de namoriscos, de adoração da rainha, na prática do amor cortesão. Teria sido uma perda de tempo. A minha mãe simplesmente não reparava noutros homens e, quando eles suspiravam por ela, e diziam que os seus olhos eram tão azuis como o céu, ela limitava-se a sorrir e dizia: "Que disparate".E tudo acabava aí.

Quando os meus pais tinham de estar separados, escreviam-se todos os dias, ele não dava um passo sem lhe dizer, sem lhe pedir a opinião. Quando ele estava em perigo, ela não conseguia dormir. Ele nunca teria conseguido atravessar a Serra Nevada se ela não lhe enviasse homens e equipas de escavadores para abrir a estrada. Mais ninguém teria conseguido abrir uma estrada nesse local. Ele não teria confiado em mais ninguém para o apoiar, para manter o reino unido, á medida que avançava. Ela não poderia conquistar as montanhas para mais ninguém, ele era o único que conseguia atrair o seu apoio. O que parecia uma união admirável de dois jogadores previdentes, era enganador- era a sua paixão que jogavam no palco político.

Ela era uma grande rainha, porque era assim que conseguia suscitar o seu desejo. Ele era um grande general para poder estar à altura dela. Era o seu amor. o seu desejo, que os movia; quase tanto como Deus.Somos uma família passional. Quando Isabel, a minha irmã agora com Deus, voltou de Portugal, jurou que amara tanto o marido que nunca casaria com outro homem. Estivera com ele apenas seis meses, mas afirmou que, sem ele a vida não tinha sentido.Joana, a minha segunda irmã. está tão apaixonada pelo marido, Filipe, que não suporta perdê-lo de vista, quando sabe que ele está interessado por outra mulher,jura que envenenará a rival, é bastante louca de amor por ele. E o meu irmão... o meu querido irmão,João.. simplesmente morreu de amor. Ele e a sua bonita mulher, Maraarida, eram tão apaixonados, tão cegos um pelo outro, que a sua saúde começou a fraquejar, morreu seis meses depois do casamento. Haverá algo mais trágico do que um jovem morrer seis meses após o casamento? Eu venho de uma família passional - e eu? Alguma vez me apaixonarei?

Não por este rapaz desajeitado, seguramente. A minha primeira impressão positiva a seu respeito desvaneceu-se bastante. É demasiado tímido para falar comigo, murmura e finge não conseguir pensar nas palavras. Obrigou-me a liderar no quarto, e eu tenho vergonha de ter tido de ser eu a tomar a iniciativa. Ele transforma-me numa mulher sem vergonha, uma mulher vulgar, quando quero ser adorada como uma dama de um romance. E se eu

não o tivesse convidado - que poderia ele ter feito? Agora, sinto-me uma tonta, e culpo-o pelo meu embaraço.

Na Espanha". de facto! Nem sequer se teria aproximado das Índias se eu não lhe mostrasse como fazê-lo. Que cachorrinho estúpido! Quando o vi pela primeira vez, pensei que era tão bonito como um cavaleiro dos romances, como um trovador, como um poeta. Pensei que podia ser como uma dama numa torre e ele poderia cantar sob a minha janela e persuadir-me a amá-lo. Mas apesar de ter a aparência de um poeta, falta-lhe a inteligência. Nunca consigo arrancar-lhe mais de duas palavras, e começo a sentir que estou a abaixar-me ao tentar agradar-lhe.

É evidente que nunca esquecerei que é meu dever suportar este jovem Artur. A minha esperança é sempre a de um filho, e o aconteça o que acontecer serei Rainha da Inglaterra protegida dos Mouros. Fá-lo-ei: aconteça o que acontecer, serei Rainha da Inglaterra e protegerei os meus dois países: a Espanha da minha nascença e a Inglaterra do meu casamento.





Londres, Inverno de 1501

Artur e Catarina, de pé, hirtos, lado a lado. na barcaça real, mas não trocando nem uma palavra, lideravam uma grande frota de barcaças que descia o rio em direcção ao Castelo de Baynard, que seria a sua residência em Londres, nas semanas seguintes. Era um palácio enorme e rectangular, num edifício sobre o rio, com jardins que se estendiam até à beira da água. O *Mayor d* e Londres, os conselheiros e toda a corte seguiam a barcaça real; e os músicos tocavam, enquanto os herdeiros do trono ocupavam a sua residência no centro da cidade.

Catarina reparou que os enviados escoceses haviam comparecido em grande número, para negociar o casamento da sua nova cunhada, a princesa Margaret. O rei Henrique usava os filhos como peões no seu jogo de poder, como todos os reis têm de fazer. Artur estabelecera a ligação vital com a Espanha. Margaret. apesar de ter apenas doze anos, transformaria a Escócia em miga, em vez da inimiga que fora durante gerações. A princesa Mary também se casaria, quando chegasse a sua altura, com o maior inimigo que o país enfrentava ou com o maior amigo, ue esperavam manter. Catarina sentia-se feliz por ter sabido desde a infância que seria a próxima Rainha da Inglaterra. Não houvera mudanças na política nem alterações nas alianças.

Fora a-próxima-rainha da Inglaterra quase desde o nascimento. Isso tornou muito mais fácil a separação da sua casa e família. Reparou que Artur estava muito contido nos cumprimentos, quando se encontrou com os lordes escoceses ao jantar, no Palácio de Westminster. Escoceses são os nossos inimigos mais perigosos - disse a Catarina, Edward Stafford, Duque de Buckingham, num castelhano murmurado, quando se encontravam ao fundo da sala, aguardando que a companhia ocupasse os seus lugares. - O rei e o príncipe esperam que este casamento os torne nossos amigos eternos, que ligue os Escoceses a nós. Mas é difícil, para qualquer um de nós esquecer como nos perseguiram constantemente. Todos fomos educados sabendo que temos um inimigo constante e cruel a norte.

- Com certeza eles não passam de um reino pobre e pequeno - interrogou-se ela. - Que mal nos podem fazer?

Aliam-se sempre à França - explicou ele. - Sempre que entramos numa guerra com a França, eles estabelecem alianças e invadem as nossas fronteiras a norte. E, podem ser pequenos e pobres, mas representam a porta de entrada para o perigo terrível de a França nos invadir a partir do Norte. Penso que Vossa Graça sabe desde a vossa infância que. mesmo um pequeno país na fronteira, pode constituir um perigo.

- Bem. os Mouros, no final, só tinham um pequeno reino -observou. - O meu pai sempre disse que os Mouros eram como uma doença. Podiam ser uma pequena irritação, mas estavam sempre lá.

- Os Escoceses são a nossa praga — concordou ele. - Uma vez em cada três anos, mais ou menos, invadem-nos e fazem uma pequena guerra, e nós perdemos meio hectare de terra ou recuperamo- lo. E todos os Verões assediam as regiões da fronteira e roubam aquilo que eles próprios não conseguem cultivar ou produzir. Nenhum camponês do Norte alguma vez esteve a salvo deles. O rei está determinado em ter paz.

- Vão tratar bem a princesa Margaret?

- A sua maneira rude - sorriu. - Não como vós fostes recebida, Infanta.

Catarina devolveu o sorriso. Sabia que tinha tido um acolhimento caloroso na Inglaterra. Os habitantes de Londres abriram os corações á princesa espanhola, apreciavam o *glamour* ostentador da sua comitiva, a estranheza das suas roupas e gostavam da forma como a princesa sorria para a multidão. Catarina aprendera com a mãe que as pessoas são um poder superior a um exército de mercenários e nunca voltou a cabeça a uma saudação. Acenava sempre, sorria sempre e se lançassem um grande alarido de aplausos, ela encenaria ainda uma bonita reverência.

Olhou de relance para o local onde a princesa Margaret, uma rapariga frívola e precoce, estava a alisar o vestido e a colocar o t cado. antes de entrar no salão. - Em breve ireis casar-vos e partireis para longe, como eu observou Catarina divertidamente em francês. - Espero sinceram te que vos traga felicidade. A rapariga mais jovem olhou para ela com ar seguro.

- Não foi como vós, porque vós viestes para o melhor rei da Europa, enquanto eu tenho de ir para longe, para o exílio - afirmou.

- A Inglaterra pode ser excelente para vós. mas para mim ainda é um país estranho - respondeu Catarina, tentando não provocar os maus modos da rapariga. - E se tivésseis visto a minha casa na Espanha, ficaríeis surpreendida por ver quão fabuloso é o nos palácio lá.

- Não há nenhum lugar melhor do que a Inglaterra - dis Margaret com a convicção serena de uma das crianças mimac Tudor. - Mas vai ser bom ser rainha. Enquanto vós sois apenas uma princesa, eu serei rainha. Serei igual á minha mãe. - Pensou por momento. - Na verdade, serei igual à vossa mãe.

A cor subiu ao rosto de Catarina.

- Nunca seríeis igual à minha mãe - respondeu. - Sois ui tonta só de o dizer. Margaret arfou.

- Vá lá. Vossa Alteza Real - interrompeu o Duque rapidamente. - O vosso pai está pronto para ocupar o lugar. Podeis segui- lo até ao salão?

Margaret voltou-se e, num rompante, afastou-se de Catarina.

- Ela é muito jovem - afirmou o Duque apaziguadoramente. E apesar de nunca o admitir, tem medo de deixar o pai e a mãe | ir para tão longe.

- Tem muito para aprender - afirmou Catarina entre dentes. Deveria aprender os modos de uma rainha, se vai sê-lo - Voltou- se para Artur que estava ao seu lado, pronto para a conduzir para dentro do salão, atrás dos pais.

A família real ocupou os seus lugares. O rei e os dois filhos : taram-se na mesa mais alta, sob a cobertura de dossel do EstaO voltada para o salão; à sua direita estavam a rainha e as prince Sua Alteza, a Mãe do Rei, Margaret Beaufort, estava sentada ao **la** do rei, entre este e a sua mulher.

- Margaret e Catarina tiveram uma discussão quando entrava - contou-lhe ela com uma satisfação sarcástica. - Calculei que a Infanta iria irritar a nossa princesa Margaret, não suporta ver demasiada atenção ser dada a outra., e todos fazem tanto alarido em volta de Catarina.

-Margaret vai partir em breve – disse Henrique curtamente. – Então, poderá ter a sua própria corte, e a sua própria lua-de-mel.

- Catarina tornou-se o centro da corte – queixou-se a mãe do rei. – O palácio está cheio de pessoas que vêm observá-la a jantar. Todos querem vê-la.

- Ela não passa de uma novidade, uma maravilha com sete dias. E, de qualquer forma, quero que as pessoas a vejam.

Ela tem algum encanto - reparou a mulher idosa. O criado que trazia o jarro apresentou uma taça dourada cheia de água perfumada e Lady Margaret mergulhou as pontas dos dedos, limpando-as em seguida ao guardanapo.

- Eu acho-a muito agradável - afirmou Henrique enquanto limpava as mãos. - Passou pelo casamento sem dar um passo em falso, e as pessoas gostam dela.

A mãe fez um gesto pequeno de rejeição.

-Está doente com a própria vaidade, não foi educada da forma como eu educaria uma filha minha. A sua vontade não foi contrariada para a obrigar a obedecer. Considera-se algo de especial.

Henrique olhou para a princesa que estava do outro lado. Inclinara a cabeça para ouvir algo que estava a ser dito pela mais jovem princesa Tudor, a princesa Mary; viu-a sorrir e responder. Sabeis? Eu penso que ela **é** algo de especial - afirmou.



As celebrações continuaram durante vários dias e, depois, a corte mudou-se para o recém- construído e glamoroso Palácio de Richmond, edificado num grande parque grande e bonito. Para Catarina, numa espiral de rostos estranhos e apresentações, foi como um combate e uma festa fundidos num só, consigo no centro de tudo, uma rainha tão celebrada como

qualquer sultana, com um país dedicado à sua diversão. Mas, uma semana depois, a festa foi concluída com o rei a dirigir-se-lhe para lhe dizer que era chegada a altura de as suas aias espanholas voltarem para casa.

Catarina sempre soubera que a pequena corte que a acompanhara através de tempestades e de um naufrágio iminente, pra a entregar ao seu novo marido, a deixaria quando o casamento estivesse terminado e a primeira metade do dote paga; mas foram dias tristes, aqueles em que fizeram as suas malas e se despediram da princesa. Ficaria com o pequeno grupo de criados domésticos damas de companhia, o camareiro, o tesoureiro e os seus criad directos, mas o resto do seu séquito teria de partir. Mesmo sabendo como sabia, que a vida era assim, que o grupo de convidados para o casamento partia sempre após o mesmo, isso não a fazia sentir-se menos despojada. Enviou-os com mensagens para todos em Espanha e com uma carta para a mãe.

'Da filha, Catarina, 'Princesa de Gales, para Sua Alteza Real de Castela e Aragão, e a mais querida Madre, Oh, Madre!

Tal como estas damas e cavalheiros vos dirão, o principe e eu dispomos de uma boa casa perto do rio. Chama-se Castelo de Baynard, apesar de não ser um castelo, mas um palácio e recém- construído. Não há casas de banho, nem para mulheres nem para homens. Sei o que estais a pensar. Nem podeis imaginar. A Dona Elvira mandou o ferreiro fazer-me um grande caldeirão que aquecem na lareira da cozinha, e seis criados trazem-no para o meu quarto, para eu tomar banho. Por outro lado, não existem jardins lúdicos com flores, nem regatos, nem fontes, é bastante invulgar. Tudo parece estar ainda por acabar. Na melhor das hipóteses, têm um pátio a que chamam jardim dos nos, onde posso dar voltas e voltas até ficar tonta. A comida não é boa e o vinho é muito azedo. Só comem jrutas de conserva e penso que nunca ouviram falar de legumes.

Não deveis pensar que me estou a queimar, queria que soubésseis que, mesmo com estas pequenas dificuldades, estou contente por ser a princesa. O príncipe Artur e simpático e atencioso comigo, quando estamos junto.-, que é geralmente ao jantar. Ofereceu-me uma égua muito bonita de raça da Barbária, misturada com inglesa, e eu monto-a todos os dias. Os nobres da corte combatem (mas não os príncipes); o meu defensor é frequentemente o

Duque de Buckingham, que e muito sim pático comigo, aconselha-me em matérias relacionadas com a corte, e diz-me como avançar.

Com frequência, jantamos todos juntos, a o estilo inglês. A s mulheres t e os seus próprios aposentos, mas as visitas masculinas ou os criados entram e saem como se fossem públicos, não há reclusão das mulheres. O único lugar onde posso ter a certeza de estar sozinha é s e m e trancar n os sanitários - caso contrario,há gente por todo o lado.

A rainha Isabel, apesar de muito calada, é bastante simpática comigo quando nos encontramos, e agrada-me. estar na companhia dela. Sua Alteza, a Mãe do muito fria; mas penso que é assim com toda a gente, excepto com o rei e com príncipes. Centra as atenções nofilho e nos netos. Dirige a corte como se ela própria fosse a rainha. É muito devota e séria. Tenho a certeza de que é muito admirável em todos os sentidos devereis querer saber se estou grávida. Ainda não há sinais. Gostareis de saber se leio a minha Bíblia ou os meus livros sagrados durante duas horas, todos os dias, mandou, que vou à Missa três vezes por dia e comungo todos os domingos. O padre Alessandro Geraldini está bem, é um guia espiritual tão importante na Inglaterra como era na Espanha, e eu confio nele e em Deus para me manterem forte n a f é , para cumprir a obra de Deus na Inglaterra, tal como a mãe faz na Espanha.

A Dona Elvira mantém as minhas aias em ordem e eu obedeço-lhe como vos obedeceria a vós. A Maria de Salinas é a minha melhor amiga, aqui como em casa, apesar de nada aqui ser como Espanha, e eu não suporto que ela fale de casa. Serei a princesa que queríeis que eu fosse. Não vos desiludirei, nem a Deus. Serei rainha e defenderei a Inglaterra dos Mouros.

Por favor, escrevei-me em breve, e dizei-me como estais. Parecestes-me tão triste e deprimida quando parti, espero que estejais melhor agora. Espero que a escuridão que vistes na vossa mãe passe por vós, e não se instale na vossa vida como se instalou na dela. Seguramente, Deus não vos infligiria tamanha tristeza, a vós, que sempre fostes a Sua favorita? Rezo por vós e pelo Tai todos os dias. Ouço a vossa voz na minha cabeça, a aconselhar-me a toda a hora. Tor favor, escrevei em breve à vossa filha que vos ama tanto.

Catarina

PS. Apesar de estar feliz por me ter casado, e por ter sido chamada a cumprir o meu dever pela Espanha e por Deus, tenho muitas saudades vossas. Sei que antes de mãe sois rainha, mas ficaria tão feliz por receber uma carta vossa. C-



A corte organizou uma despedida alegre para os espanhóis, mas para Catarina era difícil sorrir e acenar. Depois de eles partirem. dirigiu-se à beira-rio para ver a ultima das barcaças tornar-se mais pequena e depois desaparecer no horizonte e foi aí que o rei Henrique a encontrou, uma figura solitária, no embarcadouro, a olhar para a água que corria rio abaixo, como se também desejasse partir. O rei conhecia demasiado bem as mulheres para lhe perguntar qual era o problema: solidão e saudades de casa, algo bastante natural numa jovem de quase dezasseis anos. Ele fora um exilado da Inglaterra durante quase toda a vida, conhecia muito bem os altos e baixos da nostalgia que surge com um odor inesperado, a mudança de estações, uma despedida. Pedir-lhe uma explicação só iria desencadear um rio de lágrimas e não teria qualquer utilidade. Ao invés, prendeu a sua pequena mão gelada sob o seu braço e disse que ela tinha de ver a biblioteca que reunira recentemente no palácio e de onde poderia levar livros emprestados, para ler em qualquer altura. Deu uma ordem por cima do ombro a um dos pajens, enquanto conduzia a princesa para a biblioteca e lhe mostrava as bonitas prateleiras, indicando-lhe não apenas os autores clássicos e as histórias do seu próprio interesse, mas também as histórias de romance e heroísmo que considerava mais apropriadas para a divertir.

Ela não se queixou e limpou os olhos assim que o vira dirigir-se a ela. Fora educada numa escola rígida. Isabel da Espanha fora mulher de um soldado e ela própria um soldado, não educara nenhuma das filhas para se permitirem ser indulgentes consigo mesmas. Pensou que não existia uma jovem na Inglaterra que pudesse comparar-se, que tivesse o autocontrolo desta rapariga.

Mas havia sombras sob os olhos azuis da princesa e, apesar de aceitar os volumes que lhe indicara com um agradecimento, continuava a não sorrir.

- E gostais de mapas? - perguntou-lhe ele. Ela assentiu com a cabeça.

- Claro - disse. - Na biblioteca do meu pai temos mapas do mundo inteiro, e Cristóvão Colombo desenhou-lhe um mapa para lhe mostrar as Américas.

- O vosso pai tem uma grande biblioteca? - perguntou, enciumado da reputação dele como estudioso.

A sua hesitação educada, antes de lhe responder, disse tudo, disse-lhe que aquela biblioteca ali, de que estava tão orgulhoso, não era nada, comparada com o conhecimento dos Mouros da Espanha.

- É claro que o meu pai herdou muitos livros, não são todos da sua colecção pessoal - acrescentou Catarina com tacto. - Muitos deles são de autores mouros, de estudiosos mouros.

Sabeis que os Árabes traduziram os autores gregos, antes sequer de estes serem traduzidos para francês, italiano ou inglês? Os Árabes dominavam todas as ciências e matemáticas quando foram esquecidas na Cristandade. Ele possui todas as traduções mouras de Aristóteles. Sófocles e de todos.

Ele sentia o anseio por uma nova aprendizagem como uma fome.

- Ele tem muitos livros?

- Milhares de volumes - respondeu ela. - Em hebraico e árabe, latim e também em todas as línguas cristãs. Mas não os lê todos, tem estudiosos árabes para os estudar.

_ E os mapas? - perguntou ele.

- É aconselhado sobretudo por navegadores e cartógrafos árabes - respondeu ela. - Percorrem distâncias tão grandes, que aprenderam a traçar a rota através das estrelas. As viagens por mar são, para eles, o equivalente a uma viagem pelo meio do deserto. Dizem que uma extensão de água é o mesmo que uma planície de areia, utilizam as estrelas e a lua para medirem a viagem, em ambas as situações.

_ E o vosso pai pensa que retirará muito proveito das suas novas descobertas? - perguntou o rei com curiosidade. - Ouvimos falar das

grandes viagens de Cristóvão Colombo e dos tesouros que trouxe consigo.

Admirou a forma como as suas pestanas se fecharam para ocultar o brilho.

- Oh, não poderia dizê-lo - evitou a pergunta de uma forma inteligente. - Com certeza, a minha mãe pensa que existem muitas almas a salvar para Jesus.

Henrique abriu a enorme pasta que continha a sua colecção de mapas e abriu-os diante dela. Nos cantos, surgiam monstros marinhos, em belas iluminuras. Mostrou-lhe a costa da Inglaterra, as fronteiras do Sacro Império Romano, o conjunto de regiões da França, as novas fronteiras alargadas do seu próprio país, a Espanha, e as terras papais na Itália.

- Percebeis agora porque é que eu e o vosso pai temos de ser amigos? - disse-lhe. - Ambos enfrentamos o poder da França à nossa porta. Nem sequer podemos negociar um com o outro, se não mantivermos a França longe dos mares estreitos.

- Se o filho de Joana herdar as terras dos I Habsburgos, terá dois reinos - indicou ela. - A Espanha e também a Holanda.

- E o vosso filho terá toda a Inglaterra, uma aliança com a Escócia e todas as nossas terras na França - afirmou, passando com a palma da mão aberta por cima do mapa. - Serão dois primos poderosos.

Ela sorriu com a ideia, e Henrique detectou nela a ambição.

- Gostaríeis de ter um filho que governasse metade da Cristandade?

- Que mulher não gostaria? - perguntou ela. - E o meu filho e o e Joana conseguiriam seguramente derrotar os Mouros, poderiam obrigá-los a recuar muito para além do mar Mediterrâneo?

- Ou talvez conseguissem encontrar uma forma de viverem em paz - sugeriu ele. - Só porque um homem Lhe chama Alá e outro Lhe chama Deus. não há motivos para os crentes serem inimigos, certo

Catarina abanou a cabeça de imediato.

- Creio que esta terá de ser uma guerra eterna. A minha mãe diz que esta é a grande batalha entre Deus e o Mal, que se prolongará até ao final dos tempos.

- Então, estareis em perigo eternamente - contestou, quando se ouviu uma pancada na enorme porta de madeira da biblioteca. Era o pajem a quem Henrique ordenara que saísse rapidamente, e que trazia um ourives baralhado, que esperava há vários dias para apresentar o seu trabalho ao rei e estava bastante surpreendido por ter sido chamado tão de repente.

- Agora - disse Henrique à nora - tenho uma surpresa para vós. Ela levantou o olhar para ele.

- Deus me valha - pensou ele. - Só um homem de pedra não desejaria ter esta florzinha na sua cama. Juro que conseguiria fazê--la sorrir, e de qualquer forma, adoraria tentar.

- Tendes?

Henrique fez um gesto para o homem que retirou um pedaço de veludo cor-de-vinho do bolso, e despejou o conteúdo da mochila sobre o fundo escarlate. Uma confusão de jóias, diamantes, esmeraldas, rubis, pérolas, correntes, cadeados, brincos e broches foi rapidamente espalhada diante dos olhos deslumbrados de Catarina.

- Podeis escolher - disse Henrique, num tom caloroso e íntimo. - É o meu presente privado, para devolver o sorriso ao vosso rosto bonito.

Mal o ouviu, num instante estava sentada à mesa, diante do ourives que lhe mostrava um item valioso a seguir ao outro. Henrique observou-a com indulgência. Ela poderia ser uma princesa com uma linhagem pura de aristocratas de Castela, enquanto ele era neto de um trabalhador; mas era uma rapariga que se deixava comprar, tão facilmente como qualquer outra. E ele dispunha dos meios para lhe agradar.

- Prata? - perguntou.

Ela olhou-o com um rosto sorridente

- Prata, não - respondeu decididamente.

Henrique recordou que esta era uma rapariga que vira o tesouro dos Incas ser posto aos seus pés.

- Ouro, então?

- Sim, prefiro ouro.

- Pérolas?

Esboçou um trejeito com a boca.

"Meu Deus, ela tem uma boca que apetece beijar", pensou.

- Não quereis pérolas? - perguntou em voz alta

- Não são as minhas preferidas - afiançou. Sorriu para ele. -Qual é a vossa pedra favorita?

Ela está a provocar-me", disse para si mesmo, espantado com ideia. "Está a brincar comigo, como faria com um tio indulgente. Está a lançar-me um isco como a um peixe."

- Esmeraldas?

Ela sorriu novamente.

- Não. Isto - disse ela simplesmente.

Tinha escolhido, num instante, a peça mais valiosa do conjunto do joalheiro, um colar de safiras do azul mais profundo, que fazia conjunto com uns brincos. Graciosamente, colocou o colar sobre as bochechas macias para que ele pudesse olhar para os seus olhos e para as jóias. Deu um passo para se aproximar dele, de forma a que ele pudesse sentir o cheiro do seu cabelo, a água de flor de laranjeira dos jardins do Alhambra. Cheirava como se ela própria fosse uma flor exótica.

- Combinam com os meus olhos? - perguntou-lhe. - Os meus olhos são tão azuis como as safiras?

Ele respirou fundo, surpreendido com a violência da sua reacção.

- São. Serão vossos - respondeu, quase sufocando no seu desejo por ela. - Tereis estes e tudo o que desejardes. Só tereis de dizer qual é o vosso... vosso... desejo.

O olhar que ela lhe lançou foi de felicidade pura.

- E as minhas damas de companhia, também?

- Chamai as vossas damas de companhia, elas que escolham. Ela riu-se de prazer e correu para a porta. Ele deixou-a ir.

Não confiava em si próprio para ficar sozinho com ela na sala. À pressa, retirou-se para a sala e encontrou a mãe, que voltava da missa.

Ajoelhou-se e ela pousou-lhe os dedos na cabeça em sinal de bênção.

- Meu filho.

- Senhora, minha mãe.

Levantou-se. Ela apercebeu-se rapidamente do rubor na sua face e da sua energia contida.

- Alguma coisa vos perturbou?

- Não!

Ela suspirou.

- E a rainha? É Isabel? - perguntou sem paciência. - Está a queixar-se do casamento de Margaret com o escocês?

- Não - respondeu ele. - Ainda não a vi hoje.

- Vai ter de se acostumar - disse ela. - Uma princesa não pode escolher com quem vai casar e quando sai de casa. Isabel sabê-lo--ia. se tivesse sido devidamente educada. Mas não foi.

Ele esboçou o seu sorriso cínico.

- Mas isso não é culpa dela.

O desdém da mãe era evidente.

- Nenhum bem poderia alguma vez advir-lhe da mãe - disse secamente. - Má linhagem, osWoodville.

Henrique encolheu os ombros e não disse nada. Nunca defendera a mulher perante a mãe - a sua malícia era tão permanente e tão impenetrável, que era uma perda de tempo tentar fazê-la mudar de ideias. Nunca defendera a mãe perante a mulher; nunca teve de fazê-lo. A rainha Isabel nunca teceu qualquer comentário a respeito da sua difícil sogra ou do marido exigente. Aceitou-o, à sua mãe. ao seu governo autocrático, como se fossem riscos naturais, tão desagradáveis e inevitáveis como o mau tempo.

- Não deveis permitir que ela vos perturbe - disse-lhe a mãe.

- Ela nunca me perturbou - respondeu ele, pensando na princesa que o perturbava.



Agora, tenho a certeza de que o rei gosta de mim, muito mais do que de todas as filhas, e isso deixa-me feliz. Estou habituada a ser a filha preferida, o bebé da família. Agrada-me quando sou a favorita do rei. gosto de sentir que sou especial. Quando ele percebeu que eu estava triste, por o meu séquito ir voltar para a Espanha e por me deixarem na Inglaterra, passou a tarde comigo, mostrando-me a sua biblioteca, falando sobre os seus mapas, e por fim. oferecendo-me um requintado colar de safiras. Deixou-me escolher exactamente aquele que eu queria, da colecção do joalheiro, e disse que as safiras eram da cor dos meus olhos.

A princípio, não gostei muito dele, mas estou a habituar-me ao seu discurso abrupto e aos seus modos bruscos. É um homem cuja palavra é lei nesta corte, e nesta terra, e não deve agradecimentos a ninguém, excepto talvez à Senhora Sua Mãe. Não tem amigos próximos, nem intimos, à excepção dela e dos soldados que combateram com ele. que são agora os grandes senhores da sua corte. Não é meigo com a mulher nem caloroso com as filhas, mas agrada-me que me dê atenção, talvez venha a gostar dele. como uma filha, já

fico contente por ele reparar em mim. Numa corte conto esta. que gira em volta da sua aprovação, faz-me sentir mesmo uma princesa, quando me elogia, ou passa tempo comigo.

Se não fosse ele, julgo que me sentiria ainda mais só. O príncipe, meu marido, trata-me como se eu fosse uma mesa ou uma cadeira Nunca fala comigo, numa sorri para mim, nunca inicia uma conversa, limita-se a responder. Penso que fui uma tonta quando pensei que parecia um trovador. Parece um efeminado, e essa é a verdade. Nunca levanta a voz acima de um murmúrio, nunca diz nada que tenha interesse. Até pode saber falar francês e latim e uma dúzia de línguas, mas se não tem nada para dizer- para que servem? Vivemos como estranhos e se ele não viesse ao meu quarto ã noite, uma vez por semana, como se estivesse a cumprir uma obrigação, não me aperceberia de que estou casada.

Mostrei as safiras à irmã, a princesa Margaret, e ela roeu-se de inveja. Terei de confessar ter cometido o pecado da vaidade e do orgulho. Não é correcto da minha parte estar a exibi-las diante dela; mas se ela alguma vez tivesse sido simpática comigo, por palavras ou actos, não lhas teria mostrado. Quero que saiba que o pai me aprecia, mesmo que ela, a avó e o irmão não o façam. Mas tudo o que fiz foi aborrecê-la e comportar-me mal, e terei de confessar e de cumprir uma penitência.

O pior de tudo é que não me comportei com a dignidade que uma princesa da Espanha deve sempre demonstrar. Se ela não fosse tão vulgar eu poderia ter sido melhor. Esta corte dança em volta do rei como se, no mundo, nada fosse mais importante do que o seu favor, e eu não devia adoptar o mesmo tipo de atitude. No mínimo, não devia estar a comparar-me com uma rapariga que é quatro anos mais nova do que eu e apenas uma princesa da Inglaterra, mesmo que se autodenomine Rainha da Escócia em todas a oportunidades.



Os jovens Príncipe e Princesa de Gales terminaram a visita a Richmond e começaram a constituir a sua residência real no Castelo de Baynard. Catarina tinha os seus aposentos na parte de trás da casa, voltados para o jardim e o rio. com os seu criados, as damas e companhia espanholas, o capelão espanhol e a ama, e os aposentos de Artur estavam voltados para a cidade, com os criados, o seu capelão e o seu tutor. Encontravam-se

formalmente, uma vez por dia, para jantar, enquanto os seus dois séquitos permaneciam em lados opostos do salão e se entreolhavam com desconfiança mútua, mais como inimigos, no meio de umas tréguas forçadas, do que como membros de um lar unido.

O castelo era gerido de acordo com as ordens da Lady Margaret, a mãe do rei. Os dias de festa e de jejum, os entretenimentos e o horário diário, eram todos dirigidos por ela. Mesmo as noites em que Artur deveria visitar a mulher, no seu quarto, haviam sido designadas por ela. Não queria que o jovem casal ficasse exausto, mas também não pretendia que negligenciassem os seus deve- res. Por isso, uma vez por semana, os criados e os amigos do príncipe escoltavam-no solenemente até ao quarto da princesa e deixavam-no passar lá a noite. Para os dois jovens, a experiência era uma provação e um embaraço. Artur não se tornara mais habilidoso, Catarina aguentava a sua determinação silenciosa, o mais educadamente que conseguia. Mas um dia, no início de Dezembro, Catarina estava com o período menstrual e disse-o a Dona Elvira. A ama transmitiu imediatamente ao criado de quarto do príncipe que este não poderia visitar a cama da princesa durante uma semana; a Infanta estava indisposta. Meia hora depois, todos, desde o rei, em Whitehall, ao criado da escarradeira do Castelo de Baynard, sabiam que a Princesa de Gales estava com o período e que, assim, nenhuma criança fora ainda concebida, e todos, desde o rei ao criado da escarradeira, se interrogaram, uma vez que a rapariga era ardente e forte e uma vez que tinha os seus períodos - obviamente era fértil - se Artur seria capaz de cumprir a sua parte da obrigação.

Em meados de Dezembro, quando a corte se preparava para a grande festa de doze dias do Natal, Artur foi chamado pelo pai, sendo-lhe ordenado que se preparasse para partir para o seu castelo de Ludlow.

-Presumo que pretendais levar a vossa mulher convosco - afirmou o rei, sorrindo para o filho, esforçando-se por parecer despreocupado.

-Como desejardes, senhor - respondeu Artur cuidadosamente.

- O que desejais vós?

Depois de aguentar uma semana em que não lhe foi permitido aproximar-se da cama de Catarina, com todos a comentarem entre si que não fora

concebida nenhuma criança - mas para ter a certe za, ainda era cedo, e poderia não ser culpa de nenhum dos dois -Artur sentia-se embaraçado e desencorajado. Não voltara ao quarto dela, e ela não enviara nenhuma mensagem convidando-o.

Não podia esperar por uma mensagem - sabia que era ridículo - uma da Espanha não podia chamar o príncipe da Inglaterra; mas ela sorrira nem o incentivara de forma alguma. Não recebera nenhuma mensagem a dizer-lhe para retomar as suas visitas, e não fazia ideia de quanto tempo duravam estes mistérios. Não havia ninguém a quem pudesse perguntar, e não sabia o que deveria fazer. -Ela não parece muito feliz - observou Artur.

_Tem saudades de casa - disse o pai rapidamente. - Cabe-vos distrai-la. Levai-a convosco para o Castelo de Ludlow. Comprai-lhe presentes. E uma rapariga igual as outras. Elogiai a sua beleza.

Contai-lhe piadas. Namoriscai-a. Artur parecia bastante desorientado.

- Em latim?

O pai lançou uma gargalhada ruidosa.

-Rapaz. Podeis fazê-lo em galês, se os vossos olhos sorrirem e estiverdes com uma erecção. Ela perceberá o que quereis dizer. Juro. É uma rapariga que sabe muito bem o que significa um homem. Não houve alegria na resposta do filho.

- Sim, senhor.

- Se não a quereis junto de vós, não sois obrigado a levá-la este ano, sabeis. Era suposto casarem e passarem o primeiro ano separados.

- Isso era quando eu tinha catorze anos.

- Foi há um ano.

- Sim, mas...

- Então, quereis que ela vá convosco?

O filho corou. O pai olhava para o rapaz com pena.

- Vós desejai-la, mas tendes medo de que ela goze convosco?- sugeriu. A cabeça loura inclinou-se e assentiu.

-E pensais que se vós e ela estiverdes longe da corte e de mim, ela vai poder atormentar-vos.

Mais um sinal afirmativo com a cabeça.

- E todas as suas aias. E a sua ama.

- E o tempo vai custar a passar.

o rapaz levantou o olhar, o seu rosto era um retrato da infelicidade. - E vai aborrecer-se e ficar triste e transformar a vossa pequena corte em Ludlow numa prisão miserável para ambos.

Se ela não gostar de mim... - disse, numa voz muito baixa.

Henrique pousou a mão pesada no ombro do filho. De vós - disse.

- Oh, meu filho. Não importa o que ela pensa de vós - disse - talvez a vossa mãe não tenha sido uma escolha minha, talvez eu não tenha sido a dela. Quando um trono está envolvido, o coração vem sempre em segundo lugar, se é que tem alguma importância. Ela sabe o que tem de fazer; e isso é a única coisa que importa.

- Oh, ela sabe tudo acerca disso! - rebentou o rapaz ressentidamente. - Ela não tem... Não tem... o quê?

- Vergonha nenhuma. Henrique ficou sem ar.

- Ela é desavergonhada? É apaixonada? - tentou disfarçar o desejo na voz, com uma repentina imagem lasciva da nora, nua e atrevida, em mente.

- Não! Ela comporta-se como um homem que domina u cavalo - confessou Artur, com ar infeliz,

- Como se fosse uma tarefa a cumprir.

Henrique controlou-se para não se rir às gargalhadas.

- Mas, pelo menos, fá-lo - afirmou. - Não tendes de lhe implorar, ou de a convencer. Ela sabe o que tem de fazer.

Artur voltou-se para a janela e observou o rio Tamisa gelado através da abertura em forma de seta.

- Não me parece que ela goste de mim. Só gosta dos amigos espanhóis, e de Mary, e talvez do Henrique. Vi-a rir-se e dançar cor eles, como se sentisse feliz na companhia deles. Conversa com os seus. é educada com todos os que encontra. Tem um sorriso para toda a gente. Eu raramente a vejo, e também não a quero ver. Henrique deixou cair a mão no ombro do filho.

- Meu filho, ela não sabe o que pensa a vosso respeito - assegurou-lhe. — Está muito ocupada no seu pequeno mundo de vestidos e jóias e aquelas malditas espanholas coscuvilheiras. Quanto mais depressa vós e ela estiverdes sozinhos, mais depressa se vão entender. Podeis levá-la convosco para Ludlow e podeis conhecer-vos.

O rapaz assentiu com a cabeça, mas não parecia convencido.

- Se é esse o vosso desejo, senhor - afirmou formalmente.

- Pergunto-lhe se ela quer ir?

A cor invadiu as bochechas do jovem.

- E se ela disser que não? O pai riu-se.

-Não vai dizer - prometeu. - Ides ver.

Henrique estava certo. Catarina era demasiado princesa, para responder sim ou não a um rei. Quando este lhe perguntou se queria ir para Ludlow com o príncipe, ela respondeu que faria tudo o que o rei desejasse.

- Lady Margaret Pole ainda vive no castelo? - perguntou, com uma voz um pouco nervosa.

Ele franziu o sobrolho. Lady Margaret estava agora seguramente casada

com Sir Richard Pole, um dos sólidos cavaleiros Tudor e guardião do Castelo de Ludlow. Mas Lady Margaret nascera Margaret Plantageneta, filha amada do Duque de Clarence, prima do Rei Eduardo e irmã de Edward de Warwick, cujo direito ao trono era muito superior ao do rei.

- Qual é o problema?

- Nenhum - respondeu ela apressadamente.

- Não tendes motivos para a evitar - disse ele bruscamente. -O que foi feito, foi-o em meu nome, por ordens minhas. Não tendes culpa nenhuma.

Ela corou como se estivessem a falar de um assunto vergonhoso.

- Eu sei.

- Não posso admitir que ninguém conteste o meu direito ac trono - declarou abruptamente. - Há demasiados a tentá-lo, do: York e Beaufort, e também dos Lancaster, e uma série interminável deles que tentam a sua sorte como pretendentes. Não conhecei este país. Somos todos casados dentro das mesmas famílias come muitos coelhos, dentro de uma coelheira. - Fez uma pausa para ve se ela se ria, mas ela franzia o sobrolho, seguindo o seu rápide francês. - Não posso admitir que alguém reivindique, supostamen te por pretensão de direitos, o que eu conquistei através da guerr - afirmou. - E também não admito que ninguém tente conquistá-k

- Pensei que fôsseis o rei legítimo - afirmou Catarina hesitar temente.

- Sou agora - respondeu Henrique Tudor imediatamente. -isso é a única coisa que interessa.

- Fostes sagrado?

- Sou agora - repetiu com um sorriso amarelo.

- Mas sois de linhagem real?

- Tenho sangue real nas veias - respondeu, numa voz dura. Não ô preciso medir se é muito ou pouco. Recolhi, literalmente, coroa do meio do campo

de batalha, estava aos meus pés, no meio da lama. Por isso, soube; todos souberam - todos viram que Dei 1Ylt~' concedeu a vitória, porque eu era o rei que Ele escolheu. O arcebispo ungiu-me, porque também o sabia. Sou tão rei como qualquer outro cia Cristandade, e muito mais do que a maioria, porque não me limitei a herdar enquanto bebé, o fruto da luta de outro homem. Deus concedeu-me o meu reino quando já era um homem. É a minha recompensa justa.

- Mas tivestes de a reclamar...

- Eu reclamei o que era meu - disse por fim. - Eu conquistei o que era meu. Deus concedeu-me o que era meu. E fim de conversa.

Ela inclinou a cabeça perante a energia das suas palavras.

- Eu sei, senhor.

A sua submissão, e o orgulho que escondia, fascinavam-no. Pensou que nunca conhecera nenhuma jovem cujo rosto suave conseguisse ocultar as suas ideias como esta.

- Quereis ficar aqui comigo? — perguntou Henrique docemente, sabendo que não devia pedir- lhe tal coisa, rezando, mal as palavras lhe saíram da boca, para que ela respondesse "não" e silenciasse o seu desejo secreto por ela.

- Eu desejo o que Vossa Majestade desejar - respondeu friamente.

- Presumo que quereis estar com Artur? - perguntou, desafiando-a a negar.

- Como desejardes, Senhor - disse firmemente.

- Dizei-me! Preferis ir para Ludlow com Artur, ou ficar aqui comigo?

Ela sorriu levemente, e não se deixava comprometer.

- Vós sois o rei - respondeu calmamente. - Tenho de proceder como me ordenares.



Henrique sabia que não devia mantê-la na corte junto de si, mas não resistia a brincar com a ideia. Consultou os conselheiros espanhóis, e percebeu que estes estavam desesperadamente divididos, e que discutiam entre si. O embaixador espanhol, que trabalhara tão arduamente para conseguir o difícil contrato de casamento, insistia que a princesa deveria ir com o marido, e que deveria ser vista como uma mulher casada, em todas as circunstâncias. O seu confessor, que parecia ser o único a nutrir alguma ternura pela pequena princesa, defendeu que se deveria permitir que o jovem casal permanecesse junto. A sua ama, a temível e difícil Dona Elvira, preferia não sair de Londres. Ouvira dizer que Gales ficava a cerca de cento e sessenta quilómetros de distância, e que era uma terra de montanhas e rochedos. Se Catarina permanecesse no Castelo de Baynard, e a casa se visse livre de Artur, poderiam formar um pequeno enclave espanhol no centro da cidade, e o poder da ama seria inquestionável, poderia dominar a princesa e a miniatura de corte espanhola.

A rainha ofereceu a sua opinião de que Catarina consideraria Ludlow demasiado frio e solitário,em meados de Dezembro, e sugeriu que talvez o jovem casal pudesse ficar junto, em Londres,até à Primavera.

- Só quereis ter Artur junto de vós, mas ele tem de partir -disse-lhe Henrique bruscamente. -Tem de aprender a reinar e não há melhor forma de aprender a governar a Inglaterra do que governando o Principado.

- Ele ainda é muito jovem, e é tímido com ela.

- Também tem de aprender a ser um marido.

- Vão ter de aprender a entender-se um com o outro.

- Então, é melhor que o aprendam em privado. Por fim, foi a mãe do rei a dar a opinião decisiva.

- Mandai-a ir - disse para o filho. - Precisamos de um filho dela. Não vai fazê-lo, em Londres, sozinha. Mandai-a ir, com Artur, para Ludlow.

Sorriu ligeiramente.

- Deus sabe que lá não haverá mais nada para fazer.

- A Isabel teme que ela se sinta triste e só - observou o rei. -E o Artur tem medo que não se entendam.

- O que é que isso interessa? - perguntou a mãe. - Que diferença faz? São casados e têm de viver juntos e conceber um herdeiro.

Ele dirigiu-lhe um sorriso rápido.

- Ela só tem dezasseis anos - disse ele - e é o bebé da família, ainda tem saudades da mãe. Não fazeis concessões perante a sua juventude, pois não?

- Eu casei-me aos doze anos, e vós nascestes no mesmo ano -respondeu. Ninguém me fez qualquer tipo de concessão. E, no entanto, sobrevivi.

- Duvido que fosses feliz.

-Não fui. Duvido que ela seja. Mas, de certeza, esse é o aspecto menos importante.



Dona Elvira disse-me que tenho de me recusar a ir para Ludlow. O Padre Geraldini disse que era meu dever acompanhar o meu marido. O Dr. de Puebla afirmou que, seguramente, a minha mãe desejaria que eu vivesse com o meu marido, que fizesse tudo para mostrar que o casamento é pleno, em palavras e actos. Artur o imprestável suporte de feijoeiro, não disse nada, e o pai parece querer que seja eu a decidir; mas ele é um rei e eu não confio nele.

Tudo o que queria realmente era voltar para casa, para Espanha. Quer estejamos em Londres ou a viver em Ludlow. vai fazer frio e vai chover a toda a hora, o próprio ar é húmido, não consigo encontrar nada de agradável para comer, e não percebo uma palavra do que as pessoas dizem.

Eu sei que sou a Princesa de Gales e que serei Rainha da Inglaterra. Isso é verdade, e será verdade. Mas, hoje, não consigo sentir-me muito feliz por isso.



-Devemos partir para o meu castelo em Ludlow - afirmou Artur desajeitadamente para Catarina. Estavam sentados lado a lado à mesa de jantar, o salão por baixo e a galeria por cima, e as largas portas estavam repletas de pessoas que tinham vindo da cidade para o entretenimento gratuito de assistir ao jantar da corte. A maioria das pessoas observava o Príncipe de Gales e a sua jovem noiva.

Ela fez uma vénia com a cabeça, mas não olhou para ele.

- São essas as ordens do vosso pai? - perguntou.

- Sim.

- Então terei todo o gosto em ir - respondeu.

- Estaremos sozinhos, ã excepção do guardião do castelo e da sua mulher. - Artur prosseguiu. Queria dizer que esperava que ela não se importasse, que desejava que ela não se aborrecesse nem ficasse triste ou - o pior de tudo - zangada com ele.

Ela olhou-o sem sorrir.

- E então?

- Espero que fiqueis satisfeita - gaguejou.

- Tudo o que o vosso pai desejar - respondeu, sem hesitações, como que a lembrar-lhe que eles não eram mais do que o príncipe e a princesa, e não tinham quaisquer direitos, nem poder.

Ele tossiu.

- Esta noite, vou visitar-vos no vosso quarto - afirmou.

Ela lançou-lhe um olhar tão azul e duro como as safiras que trazia em volta do pescoço.

- Como desejardes - respondeu no mesmo tom neutro.

Ele chegou quando ela já estava deitada e Dona Elvira deixou--o entrar no quarto, com um rosto de pedra, transmitindo a sua desaprovação em cada gesto. Catarina sentou-se na cama e observou enquanto o criado de quarto dele lhe tirava o roupão dos ombros e saía rapidamente, fechando a porta atrás de si.

- Vinho? - perguntou Artur. Temia que a sua voz tremesse ligeiramente.

- Não, obrigada - respondeu ela.

Desajeitadamente, o jovem chegou à cama, puxou os lençóis para trás, e deitou-se ao lado dela. Ela voltou-se para olhar para ele, e ele soube que estava a corar sob o seu olhar inquiridor. Apagou a vela para ela não poder ver o seu pouco à-vontade. Uma ténue luz da tocha da sentinela, no exterior, entrava pelas ranhuras das venezianas, e depois desapareceu, à medida que o guarda se movia. Artur sentiu a cama mexer-se enquanto ela se deitava de costas e levantava a camisa de dormir. Sentiu-se como se fosse uma coisa para ela, um objecto sem importância, algo que tinha de suportar, para poder ser Rainha da Inglaterra.

Atirou os cobertores para trás e saltou da cama.

- Não fico aqui. Vou para o meu quarto - disse bruscamente.

- O quê?

- Não vou ficar aqui. Não sou desejado...

- Não sois desejado? Nunca disse que não éreis...

- E óbvio. Pelo vosso ar...

- Está escuro como breu! Como sabeis qual é o meu ar? E, de qualquer forma, vós também estais com ar de quem foi forçado a vir para aqui!

- Eu? Não fui eu quem enviou uma mensagem, que metade da corte leu, a dizer para não vir para a vossa cama.

Ouviu o suspiro dela.

- Não vos disse para não virdes. Tinha de lhes dizer para vos dizerem... -

exclamou embaraçada.

- Estava naquela altura... tínheis de saber...

- A vossa ama disse ao meu criado que eu não podia vir para a vossa cama. Como achais que isso me fez sentir? O que pensais que pareceu aos olhos de todos?

- De que outra forma poderia dizer-vos? - perguntou ela.

- Dizíeis-me vós! - respondeu furioso. - Sem que o mundo inteiro ficasse a saber.

- Como é que eu podia? Como podia dizer uma coisa dessas? Ficaria tão envergonhada!

- Em vez disso, eu é que fiz uma figura ridícula!

Catarina saiu da cama e acalmou-se, pousando a mão no pilar gravado da cama.

- Meu senhor, peço desculpa se vos ofendi, não sei como estas coisas se fazem aqui... No futuro farei como desejardes...

Ele não disse nada. Ela esperou.

- Vou embora - anunciou ele e foi bater na porta, chamando o criado.

- Não! - o grito foi-lhe arrancado

- O quê? - ele voltou-se.

- Todos ficarão a saber - disse ela desesperadamente. - Vão saber que há alguma coisa errada entre nós. Todos saberão que viestes ter comigo. Se sairdes já, todos vão pensar...

- Eu não vou ficar aqui! - gritou ele. O seu orgulho veio ao de cima.

- Ides envergonhar-nos a ambos - gritou ela. - O que quereis que as pessoas pensem? Que eu vos desagrado, ou que sois impotente?

- Porque não? Se ambas são verdade? - Bateu à porta com mais força.

Ela arfou aterrorizada e caiu contra os pés da cama.

- Vossa Graça? - ouviu-se um grito da sala exterior e a porta abriu-se para revelar o criado de quarto e dois pajens e. atrás deles, Dona Elvira e uma dama de companhia.

Catarina cambaleou até à janela, de costas voltadas para o quarto. Inseguro. Artur hesitou, olhando para trás, num pedido de ajuda, à espera de um sinal de que, afinal, podia ficar.

-Que vergonha! - exclamou Dona Elvira, passando por Artur a correr, para cobrir os ombros de Catarina com um roupão. Quando estava ao seu lado. rodeando-a com o braço, olhando-o fixamente. Artur não podia voltar para a noiva; passou o limiar da porta e dirigiu-se aos seus aposentos.



*Não **a** suporto**.** Não suporto este país. Não consigo viver aqui o resto da minha vida. Dizer-me que e**u** lhe desagrado! Ter-se atrevido a falar comigo dessa maneira! Terá enlouquecido como um aos seus cães nojentos que andam por todo o lado? Esqueceu-se de quem **eu** sou? Esqueceu-se de quem é?*

Estou tão furiosa com ele que me apetecia pegar numa cimitarra e cortar-lhe aquela estúpida cabeça. Se tivesse pensado por um momento, saberia que todos no palácio, todos em Londres, provavelmente todos neste país vulgar, se vão rir de nós. Dirão que sou feia e que não consigo agradar-lhe

Estou a chorar de raiva, não é de sofrimento. Enfio a cabeça na almofada da minha cama. para ninguém me ouvir e dizer a toda a gente que a princesa adormeceu a chorar, porque o marido não quis dormir com ela. Sufoco com as lágrimas e a raiva, estou tão zangada com ele! Pouco depois paro, limpo o rosto e sento-me. Sou uma princesa por nascimento e por casamento, não devo desistir. Terei dignidade, mesmo que ele não tenha nenhuma. Ele é jovem, um jovem inglês -como saberia como comportar-se? Penso na minha casa sob o luar, de como as paredes e os rendilhados resplandecem de branco e a pedra amarela está tingida de creme.

Aquele é um palácio, onde as pessoas sabem como se comportar, com graça e dignidade. Desejava de todo o coração ainda lá estar. Recordo-me que costumava observar uma grande lua amarela reflectida na água do jardim da sultana. Como uma tonta, costumava sonhar que era casada.

Oxford, Natal l501



Partiram alguns dias antes do Natal. Decididamente, falavam um com o outro, em público, com toda a cortesia, e ignoravam-se completamente, quando ninguém estava a ver. A rainha pediu que ficassem. pelo menos, para a festa dos doze dias, mas Sua Alteza, a Mãe do Rei decidira que deveriam passar o Natal em Oxford, concederia uma oportunidade ao país de ver o príncipe e a nova princesa de Gales, e a palavra da mãe do rei era lei. Catarina viajou em liteira, abanada por solavancos impiedosos, estradas congeladas, com as mulas a esforçarem-se para atravessar baixios, gelada até aos ossos, por muitos tapetes e peles em que estivesse embrulhada. A mãe do rei decidira que ela não deveria montar, para evitar que sofresse uma queda. A esperança não confessada era que Catarina estivesse grávida. A própria Catarina não disse nada para confirmar nem para negar a esperança. Artur era o retrato do próprio silencio.

Ficaram em quartos separados durante a viagem até Oxford, e em quartos separados no Magdalene College, quando chegaram. Os coristas estavam prontos, as cozinhas estavam preparadas, a extraordinariamente rica hospitalidade de Oxford estava pronta para fazer a recepção; mas o Príncipe e a Princesa de Gales estavam tão frios e apáticos como o tempo. Jantaram juntos, sentados na enorme mesa voltados para o salão, e o número máximo de habitantes de Oxford que conseguiu entrar na galeria ocupou os seus lugares, e observou a princesa colocar pequenos pedaços de comida na boca e voltar as costas ao marido, enquanto ele procurava companhia e alguém com quem pudesse conversar, como se estivesse a jantar sozinho.

Mandaram entrar os bailarinos e os acrobatas, os mímicos e os actores. A princesa sorriu de modo agradável, mas nunca soltou nenhuma gargalhada, oferecia pequenas bolsas com moedas espanholas a todos os artistas, agradeceu-lhes pela sua presença; mas não se voltou uma

única vez para o marido, para lhe perguntar se estava a gostar da noite. O príncipe andava pela sala, tra tando afavelmente e com simpatia os grandes senhores da cidade. Falou sempre em inglês, e a sua noiva de língua espanhola teve de esperar que alguém falasse com ela em francês ou latim, se o fizessem. Mas, em vez disso, amontoavam-se em volta do príncipe, conversando e contando piadas e rindo-se, quase como se rissem dela e não quisessem que compreendesse a anedota. A princesa sentou-se sozinha, rigidamente, na sua cadeira de madeira maciça gravada, de cabeça erguida e um leve sorriso desafiador nos lábios.

Por fim, chegou a meia-noite e a longa noite podia terminar. Catarina levantou-se da cadeira e observou a corte a mergulhar em vénias e reverências. Dirigiu uma pequena reverência espanhola ao marido, enquanto a sua ama permanecia atrás dela, com um rosto de pedra. - Desejo-vos boa noite, Vossa Graça - disse a princesa em latim, numa voz clara e numa pronúncia perfeita.

- Eu irei ao vosso quarto - disse ele. Ouviu-se um murmúrio de aprovação; a corte queria um príncipe ardente.

A cor aflorou ao seu rosto perante o anúncio tão público. Não havia nada que pudesse dizer. Não podia recusá-lo; mas o modo como se levantou e saiu da sala não lhe augurava uma recepção calorosa, quando estivessem a sós. As suas aias fizeram reverências e seguiram-na. num acesso ligeiramente ofendido, seguindo-a apressadamente como se fosse um véu multicolor que ela arrastava. A corte sorriu para dentro, perante o mau feitio da princesa. Artur foi ter com ela, meia hora depois, impulsionado pela bebida e pelo ressentimento.

Encontrou-a ainda vestida, à espera, junto da lareira, com a ama ao lado, o quarto iluminado por velas, as aias ainda conversavam e jogavam às cartas, como se estivessem a meio da tarde. Ela não era, claramente, uma jovem que pretendia deitar-se

- Meu Senhor, boa noite - disse, levantando-se e fazendo uma reverência quando ele entrou.

Artur teve de corrigir o passo atrás que dera, ao retirar-se no primeiro encontro. Estava pronto para ir para a cama, de camisa de dormir, apenas com um roupão por cima dos ombros. Tinha consciência dos seus pés

descalços e dos dedos vulneráveis. Catarina estava resplandecente, com o seu melhor vestido de noite. As aias voltaram-se todas e olharam para ele, com expressão pouco amigável. Ele tinha consciência da sua camisa de dormir e das suas pernas nuas e de uma gargalhada mal disfarçada, de um dos seus homens atrás de si.

- Pensava que já estivésseis deitada - disse.

- Claro, eu posso ir para a cama - respondeu ela com uma cortesia gelada. - Eu ia para a cama. Já é muito tarde. Mas quando anunciastes tão publicamente que viríeis visitar-me nos meus apo sentos, julguei que estivésseis a pensar trazer toda a corte convosco. Pensei que estivésseis a dizer a toda a gente para vir aos meus aposentos. Por que outro motivo o anunciaríeis em voz alta, para todos poderem ouvir?

- Não o anunciei em voz alta!

Ela franziu a sobrancelha, num sinal silencioso de contradição.

-Vou passar aqui a noite — disse ele teimosamente. Dirigiu-se a porta do quarto dela. - Estas senhoras podem ir para a cama, já é tarde. - Fez sinal com a cabeça aos seus homens. - Deixem- nos. -Entrou no quarto dela fechando a porta atrás de si.

Ela seguiu-o e fechou a porta atrás de si, deixando para trás os rostos brancos e escandalizados das aias. De costas para a Porta, viu-o despir o roupão e camisa para ficar nu, e subir para a cama.

Aconchegou as almofadas e encostou-se. de braços cruzados contra o peito, como um homem que aguardava pelo entretenimento.

Chegou a vez de ela se sentir desconfortável.

-Vossa Graça...

- É melhor despires-vos - ameaçou-a. - Como dizeis, já é muito tarde.

Ela voltou-se para um lado e depois para o outro.

-Vou chamar a Dona Elvira.

- Ide. E chamai também seja quem for que vos despe. Não vos preocupeis comigo, por favor.

Catarina mordeu o lábio. Ele conseguiu perceber a sua insegurança. Ela não suportava ficar nua diante dele. Voltou-se e saiu do quarto. Ouviu-se um tagarelar irritante em espanhol no quarto ao lado. Artur sorriu, calculou que ela deveria estar a desimpedir o quarto das aias e a despir-se aí. Quando ela voltou, viu que estava certo. Trazia vestida uma camisa branca enfeitada com renda sofisticada o cabelo estava preso numa longa trança, que lhe caía pelas costas abaixo. Parecia mais uma menina do que a princesa altiva que fora há apenas alguns momentos, e sentiu o desejo invadi-lo, juntamente com outro sentimento: ternura.

Ela olhou para ele, com ar irritado.

-Tenho de dizer as minhas orações - disse. Dirigiu-se para junto do oratório e ajoelhou-se diante dele. Ele observou-a a baixa* a cabeça sobre as mãos unidas e começar a murmurar. Pela primeira vez, a irritação abandonou-o e pensou no quão difícil deveria ser para ela. Seguramente, o seu pouco à-vontade e receio não deveriam ser nada, quando comparados com os dela: sozinha numa terra estranha, à mercê de um rapaz, alguns meses mais novo do que ela, sem amigos verdadeiros e sem família, muito longe de tudo e de todos que conhecia. A cama estava quente. O vinho que bebera, para lhe dar coragem, estava a fazer-lhe sono.

Recostou-se na almofada. As orações dela estavam a demorar bastante tempo, mas era bom para um homem ter uma mulher espiritual. Fechou os olhos ao pensar nisso. Quando ela voltasse para a cama, pensou que iria possuí-la de forma confiante, mas com gentileza. Era Natal, devia tratá- la bem. Provavelmente ela sentia-se só e com receio. Seria generoso. Pensou calorosamente em como iria ser amoroso com ela, e no quão grata ela lhe ficaria. Talvez aprendessem a dar prazer um ao outro, talvez ele a fizesse feliz. A sua respiração tornou-se mais intensa, e começou a ressonar bem alto. Adormeceu.

Catarina olhou em volta, no meio das suas orações e sorriu em puro triunfo. Em seguida, em silêncio absoluto, subiu para a cama, deitando-se ao lado dele e, compondo-se para que nem sequer a bainha da sua camisa

de dormir lhe pudesse tocar, preparou-se para dormir.



Pensavas que me irias embaraçar diante das minhas aias. diante de toda a corte. Pensaste que me podias envergonhar e dominar. Mas eu sou uma princesa da Espanha, conheci e vi coisas que tu. neste país pequeno e seguro, neste minúsculo refúgio presunçoso, nunca sonharias. Sou a Infanta, a filha dos dois monarcas mais poderosos da Cristandade que, sozinhos, derrotaram a maior ameaça que alguma vez marchou contra ela. Durante setecentos anos os Mouros ocuparam a Espanha, um império muito mais poderoso do que o dos Romanos, e quem os repeliu? A minha mãe! O meu pai! Por isso, não deves pensar que tenho medo de ti - seu príncipe pétala de rosa, ou seja o que for que te chamam. Nunca me rebaixarei ao ponto de fazer alguma coisa que uma princesa da Espanha não devesse fazer. Nunca serei subordinada nem vingativa. Mas se me desafiares, derrotar-te-ei.



De manhã, Artur não lhe dirigiu a palavra, o seu orgulho de rapaz estava profundamente ferido. Ela envergonhara-o na corte do pai, recusando admiti-lo nos seus aposentos, e agora envergonhava--o em privado. Sentia que ela lhe preparara uma cilada, o fizera passar por idiota e que ainda estaria a rir-se dele. Levantou-se e saiu, num silêncio taciturno. Foi à missa e não a olhou nos olhos, foi à caça e esteve fora o dia inteiro. Não falou com ela à noite. Assistiram a uma peça, sentados lado a lado. sem trocar uma única palavra. Permaneceram uma semana inteira em Oxford e não dirigiram mais de doze palavras um ao outro em cada dia. Ele fez uma promessa amarga a si mesmo, a de que nunca mais voltaria a falar com ela. Teria um filho dela, se pudesse, humilhá-la-ia de todas as formas Possíveis, mas nunca mais lhe dirigiria uma palavra directamente, e nunca mais voltaria a dormir na sua cama.

Quando chegou a manhã em que deveriam mudar-se para Ludlow, o céu estava coberto de nuvens cinzentas, pesadas, indicando neve. Catarina passou a porta do College e encolheu-se, ao sentir o ar gelado e húmido bater-lhe no rosto. Artur ignorou-a. Saiu para O pátio onde a comitiva estava preparada e a aguardava. Hesitou em frente da liteira.

Ele pensou que ela era como uma prisioneira, hesitando diante de uma carroça. Ela não tinha outra opção.

- Não vai estar muito frio? - perguntou ela. Ele olhou para ela de rosto fechado.

- Tereis de vos habituar ao frio, já não estais na Espanha.

- Com certeza.

Fechou as cortinas da liteira. Lá dentro, havia mantas nas quais se poderia embrulhar e almofadas nas quais se poderia recostar, mas não tinha um ar muito acolhedor.

- Vai ficar bastante pior do que está agora - disse ele. alegremente. - Muito mais frio, chove ou saraiva ou neva, e fica mais escuro. Em Fevereiro, só temos algumas horas de luz. do dia. na melhor das hipóteses, e depois, há os nevoeiros gelados, que transformam o dia em noite, por isso está sempre cinzento.

Ela voltou-se e olhou-o.

- Não podemos partir noutro dia?

- Concordastes vir - censurou-a. - Eu teria ficado contente por vos deixar em Greenwich.

- Eu fiz o que me ordenaram.

- E aqui estais. A prosseguir a viagem, como nos foi ordenado.

- Vós, pelo menos, podeis mexer-vos e manter-vos quente -disse, queixando-se. - Não posso ir a cavalo?

- Sua Alteza, a Mãe do Rei, disse que não podíeis.

Ela fez uma expressão de desagrado, mas não discutiu.

- A escolha é vossa. Quereis que vos deixe aqui? - perguntou-lhe bruscamente, como se tivesse pouco tempo para aquelas incertezas.

- Não - respondeu ela. - Claro que não - subiu para a liteira, puxando as mantas para cobrir os pés e colocando-as em volta dos ombros.

Artur ia á frente, quando saíram de Oxford, fazendo vénias e sorrindo para as pessoas que vieram para a rua para o saudar. Catarina fechou as cortinas da liteira, para se proteger do vento trio e dos olhares curiosos, e não queria mostrar o rosto. Pararam para almoçar numa casa enorme, a meio do caminhei, e Artur foi comer sem sequer esperar para a ajudar a sair da liteira. A dona da casa. baralhada, saiu e dirigiu-se à liteira, encontrando Catarina com dificuldade em sair. pálida e com os olhos vermelhos.

- Princesa, estais bem? - perguntou-lhe a mulher.

- Tenho frio - respondeu Catarina, com ar infeliz. - Estou gelada. Acho que nunca senti tanto frio. Praticamente não comeu, não conseguiram convencê-la a beber vinho. Parecia estar prestes a cair de exaustão; mas assim que acabaram de comer. Artur queria continuar a viagem, ainda tinham de percorrer trinta e dois quilómetros, antes de cair a noite, que no Inverno chegava tão cedo.

- Não podeis recusar? - perguntou-lhe Maria de Salinas num sussurro apressado.

- Não - respondeu a princesa. Levantou-se cia cadeira sem dizer mais nada. Mas quando abriram a enorme porta de madeira, para saírem para o pátio, pequenos flocos de neve esvoaçaram na direcção deles.

- Não podemos viajar com este tempo, em breve será noite e perdemo-nos no caminho! - exclamou Catarina.

-Eu não perco o caminho - exclamou Artur, e começou a andar no seu cavalo. - Vós deveis eguir-me!

A dona da casa mandou que um criado fosse, de imediato, buscar uma pedra aquecida para colocar sob os pés de Catalina, na liteira. A princesa subiu, embrulhou as mantas em redor dos ombros e escondeu as mãos lá dentro.

- Tenho a certeza de que ele está impaciente por ir para Ludlow para vos

mostrar o seu castelo - afirmou a mulher, tentando dar a melhor interpretação a uma situação miserável.

- Ele está impaciente por me mostrar o seu menosprezo -desabafou Catarina; mas teve o cuidado de dizê-lo em espanhol.

Deixaram o calor e as luzes da casa grande e ouviram as portas a bater atrás de si. enquanto voltavam as cabeças dos cavalos para ocidente, e para o sol pálido que mergulhava no horizonte. Passavam duas horas do meio-dia, mas o céu estava tão coberto de nuvens de neve que caía uma luz cinzenta, sinistra, sobre a paisagem irregular. A estrada serpenteava à frente da comitiva, estradas castanhas sobre campos castanhos, ambos resplandecentemente brancos sob a névoa provocada pela queda de neve. Artur cavalgada a frente, cantando, feliz, a liteira de Catarina avançava lentamente atras dele. A cada passo, as mulas inclinavam a liteira para um dos lados e depois para o outro, ela tinha de manter uma mão de para se segurar, e os seus dedos começaram a ficar gelados e. Posteriormente, com cãibras, roxos por causa do frio. As cortinas protegiam-na da maior parte dos flocos de neve, mas não dos insis tentes e penetrantes pingos. Se afastasse um pouco as cortinas para olhar para os campos, veria uma espiral de brancura, á medida que os flocos de neve dançavam e rodeavam a estrada, o céu parece cada vez mais cinzento, a cada momento que passava.

O sol brilhava palidamente contra um céu branco e o mundo tornava-se mais sombrio. A neve e as nuvens densificavam-se sob o pequeno grupo que cavalgava abrindo caminho, com dificuldade por uma terra alva sob um céu cinzento. O cavalo de Artur seguia à frente, o príncipe montava com facilidade na sela. com uma mão protegida por uma luva a segurar rédeas, a outra, o chicote. Vestia roupa interior resistente de lá. baixo da jaqueta de pele espessa, e botas quentes de pele macia. Catarina observava-o, a montar, à frente. Sentia demasiado frio e tristeza para ficar ressentida com ele. Mais do que qualquer outra coisa desejava que ele voltasse atrás para lhe dizer que a viagem esta quase a terminar, que tinham chegado.

Passou uma hora, as mulas continuavam pela estrada fora, cabeças vergadas, para se protegerem do vento que lhes atirava flocos de neve contra as orelhas, assim como para dentro da liteira, neve estava a tornar-se mais espessa, enchendo o ar e esvoaçar! em direcção às marcas

deixadas pelas carroças. Catarina esta encolhida sob os cobertores, deitada como uma criança, com pedra que arrefecia rapidamente sobre o estômago, de joelhos dobrados, com as mãos geladas metidas lá dentro, de rosto volta para baixo, envolvida nas peles e mantas. Tinha os pés complet' mente gelados, havia uma abertura nos cobertores, na zona das costas, e de vez em quando tremia, ao sentir uma corrente de ar gelado.

A toda a volta, do lado de fora da liteira, conseguia ouvir homens a conversar e a rir do frio, jurando que comeriam bem, quando o séquito chegasse a Burford. As suas vozes pareciam vir de muito longe: Catarina adormeceu devido ao frio e à exaustão.

Acordou tonta quando a liteira foi pousada no chão e as cortinas se abriram. Uma corrente de ar gelado percorreu-a, e ela baixou a cabeça, gritando de desconforto.

- Infanta? - chamou Dona Elvira. A ama havia cavalgado na sua mula, o exercício mantivera-a quente. - Infanta? Graças a Deus, chegamos, finalmente.

Catarina não queria levantar a cabeça.

- Infanta, estão à espera para vos saudar.

Mesmo assim, Catarina não queria levantar a cabeça.

- O que é isto? - Era a voz de Artur, vira a liteira ser pousada no chão e a ama a inclinar-se lá para dentro. Percebeu que sob a pilha de cobertores não se vislumbrava qualquer movimento. Por momentos, assustado, pensou que a princesa poderia ter adoecido. Maria de Salinas lançou- lhe um olhar reprovador.

- Que se passa?

- Não é nada - Dona Elvira endireitou-se e colocou-se entre o príncipe e a sua jovem mulher, protegendo Catarina, enquanto ele saltava do cavalo e se dirigia para junto dela.

- A princesa esteve a dormir, está a arranjar-se.

- Vou vê-la - disse ele. Afastou a mulher para o lado com uma mão firme e ajoelhou-se ao lado da liteira.

- Catarina? - perguntou tranquilamente.

- Estou gelada de frio - disse ela numa voz muito fina. Levantou a cabeça e ele viu que ela estava branca como a própria neve e tinha os lábios roxos.

- Tenho tanto f... frio que morrerei e depois ficareis feliz. Podeis s... sepultar-me neste país horrível e c... casar com uma estúpida e gorda mulher inglesa. E eu nunca verei... - começou a soluçar.

- Catarina? - ele estava completamente baralhado.

- Nunca mais vou voltar a ver a minha m... mãe. Mas ela saberá que me matastes com o vosso país miserável e a vossa crueldade.

- Eu não fui caiei - disse ele de imediato, completamente cego à multidão de cortesãos que se juntavam à volta deles. - Por Deus. Catarina, não fui eu!

- Fostes cruel - ela levantou a cara do meio dos cobertores. -Fostes cruel porque... Foi o seu rosto triste, pálido, coberto de lágrimas que lhe tocou mais do que as suas palavras alguma vez poderiam fazê-lo. Parecia uma das suas irmãs, quando a avó as repreendia. Não parecia uma princesa da Espanha irritante e insultuosa, mas uma rapariga que fora provocada até às lágrimas - e ele percebeu que fora ele quem a provocara, a fizera chorar, e a deixara na liteira gelada, a tarde inteira, enquanto cavalgava à frente, deliciado com a ideia de ela estar desconfortável.

Debruçou-se sobre os cobertores e puxou a sua mão gelada para ora. Os seus dedos estavam entorpecidos pelo frio. Ele sabia que Procedera mal. Levou os dedos roxos dela à boca e beijou-os, depois encostou-os aos seus lábios e soprou ar quente para cima deles.- Deus me perdoe - disse. - Esqueci-me de que era marido, ao sabia que tinha de ser um marido.Não percebi que vos podia fazer chorar. Nunca mais o farei. Ela pestanejou, com os olhos azuis cheios de lágrimas por

- O quê?

- Eu procedi mal. Estava zangado, mas bastante errado. Deixai--me levar-

vos para dentro e vou dizer-vos como lamento e nunca mais voltarei a ser indelicado convosco. De imediato ela tentou libertar-se das mantas e Artur retirou-as das pernas dela. Ela estava com tantas caibras e tão gelada que tropeçou, quando tentou pôr-se de pé. Ignorando os protestos murmurados da ama, ele pegou-lhe em braços e levou-a como a uma noiva, para o salão.

Pousou-a, com cuidado, diante das chamas da lareira, gentilmente retirou-lhe o capuz, desapertou-lhe a capa, esfregou-lhe as mãos. Com um gesto, mandou embora as criadas que viriam despir--lhe a capa, e ofereceu-lhe vinho. Criou um pequeno círculo de paz e silêncio em volta deles, e observou a cor a voltar à sua face pálida.

- Desculpai-me - disse ele, com sinceridade. - Eu estava muito, muito zangado convosco, mas nunca deveria ter-vos trazido ate tão longe com um tempo tão mau e nunca deveria ter-vos deixado apanhar frio. Foi tão errado da minha parte.

- Eu perdoo-vos - murmurou ela, com um pequeno sorriso a iluminar-lhe o rosto.

-Não sabia que tinha de tomar conta de vós. Não sabia. Tenho-me comportado como uma criança, uma criança desagradável. Mas agora sei, Catarina. Nunca mais voltarei a ser desagradável convosco.

Ela assentiu com a cabeça.

- Oh, por favor. E vós também tendes de me perdoar. Tenho sido antipática para convosco.

- Tendes?

- Em Oxford - murmurou ela, muito baixinho. Ide fez um sinal afirmativo com a cabeça.

- E o que tendes a dizer-me?

Ela levantou os olhos e olhou-o fugazmente. Ele não estava a fingir-se ofendido. Ainda era um rapaz, com o sentido apurado de justiça de um rapaz. Precisava de um pedido de desculpas apropriado.

- Peço imensa, imensa desculpa - disse ela, pronunciando apenas a verdade. - Não me portei bem. e de manhã arrependi-me. mas não vos podia dizer.

- Vamos para cama. agora? - sussurrou-lhe, com a boca muito perto do ouvido dela.

- Podemos?

- Se eu disser que estais doente!

Ela aceitou com a cabeça, e não disse mais. nada.

- A princesa não se sente bem por causa do frio - anunciou Artur vagamente. - A Dona Elvira vai levá-la para o quarto, e eu janto lá, sozinho com ela, mais tarde.

- Mas as pessoas vieram para vos ver, Vossa Graça... — interveio o seu anfitrião. - Organizaram entretenimentos, e alguns diálogos que gostavam que ouvísseis...

- Eu vejo-os a todos, agora, no salão, e amanhã também cá ficamos. Mas a princesa tem de ir já para os seus aposentos.

- Com certeza.

Houve um corrupio em volta da princesa, enquanto as suas damas de companhia, conduzidas por Dona Elvira, a escoltavam até ao quarto. Catarina olhou para trás. para Artur.

- Por favor, vinde jantar aos meus aposentos - disse de forma suficientemente clara para todos ouvirem. - Quero ver-vos, Vossa Graça.

Era tudo para ele: ouvi-la admitir em público o seu desejo por ele. Fez uma vénia perante o elogio e, em seguida, dirigiu-se ao grande salão, pedindo uma caneca de cerveja e recebendo, com simpatia, a meia dúzia de homens que se haviam reunido para o ver, e depois, pedindo desculpas, saiu e dirigiu-se ao quarto dela.



Catarina esperava-o, sozinha, ao pé da lareira. Mandara embora as damas de companhia, as criadas, não havia ninguém para os servir, estavam bastante sozinhos. Ele quase se retraiu ao ver o quarto vazio; os príncipes e princesas Tudor nunca eram deixados a sós. Mas ela banira os criados que deviam servir à mesa. dispensara as damas de companhia que jantariam com eles.

Até mandara embora a ama. Não havia ninguém para ver o que ela fizera com os seus aposentos, nem como pusera a mesa. Cobrira a mobília de macieira maciça com faixas de tecido de cores vivas, chegara mesmo a cortar tiras de tecido das tapeçarias Para cobrir as paredes geladas, para que o quarto se assemelhasse a uma tenda magnificamente decorada.

Ordenara-lhes que serrassem as longas pernas da mesa, para que esta ficasse da altura de um escabelo, uma peça de mobiliário extremamente ridícula. Colocara grandes almofadas em ambas as Pontas, como se fossem reclinar como selvagens para comer. O jantar estava na mesa, ao nível dos joelhos, próximo do calor dos troncos que ardiam, como se tratasse de uma festa barbara, havia velas por todo o lado e um forte cheiro a incenso, tão pesado corno o de uma igreja num dia de festa.

Artur ia começar a queixar-se da extravagância selvagem de serrar a mobília; mas fez uma pausa. Talvez isto não fosse uma loucura infantil; ela estava a tentar mostrar-lhe alguma coisa. Ela estava vestida de modo bastante extraordinário. Na cabeça trazia um cordão entrançado, feito com as melhores sedas, torcidas e amarradas como um diadema, com uma ponta caída atrás, que prendera ao acaso, num dos lados do toucado, como se fosse puxá-lo para a frente da cara. como um véu. Em vez de um vestido decente trazia uma simples camisa da melhor, e mais leve seda. em tom azul fumado, tão fina que quase conseguia vislumbrar, através do tecido, a palidez da sua pele. Sentiu as batidas do coração a acelerar quando percebeu que ela estava nua,

sob aquela camada de seda. Por baixo da camisa, usava meias - como as meias para homem -mas nada semelhantes às meias para homem, porque eram onduladas e partiam das suas ancas magras, onde estavam

apertadas com um fio dourado, indo até aos pés, onde eram novamente apertadas, deixando-lhe os pés semi-descalços, metidos nuns elegantes chinelos carmim, trabalhados com fio dourado. Olhou-a de cima a baixo, do turbante bárbaro aos chinelos turcos,e ficou sem fala.

- Não gostas das minhas roupas? - perguntou Catarina, sem rodeios, e ele era demasiado inexperiente para reconhecer a dimensão do embaraço que ela estava quase a sentir.

- Nunca vi nada assim antes - gaguejou ele. - São roupas árabes? Mostra-me!

Ela voltou-se imediatamente, olhando-o por cima do ombro, voltando-se novamente para o olhar de frente.

- Todos as usamos em Espanha - disse. - A minha mãe também. São mais confortáveis do que os vestidos, e mais higiénicas. Tudo pode ser lavado, ao contrário dos veludos e do damasco.

Ele assentiu com a cabeça, sentiu, então, um leve odor a água de rosas que emanava da seda.

- E são frescas quando faz calor, durante o dia - acrescentou

- São... lindas. - Quase disse "bárbaras" e ficou bastante satisfeito por não o ter dito, quando os olhos dela se iluminaram.

- Achas?

- Sim.

De imediato, ela levantou os braços e deu uma volta para mostrar a sensação das meias e a leveza da camisa.

_ Costumas usá-las para dormir? Ela riu-se.

_ Usamo-las quase sempre. A minha mãe usa-as sempre debaixo da armadura, são bastante mais confortáveis do que qualquer outra coisa, e ela não poderia usar vestidos, debaixo daquele ferro todo_ Pois não...

_ Quando recebemos embaixadores cristãos, ou em grandes ocasiões de

Estado, ou quando a corte está em festa, usamos vestidos principalmente no Natal, quando está frio. Mas nos nossos aposentos, e sempre, no Verão, quando partimos em campanha, vestimos roupas mouriscas. São fáceis de fazer e de lavar, fáceis de transportar e mais confortáveis para vestir.

-Aqui, não as podes usar - disse Artur. - Lamento. Mas a Sua Alteza, a Mãe do Rei. opor-se-ia, se soubesse sequer que as tens contigo.

Ela fez um sinal com a cabeça.

- Eu sei. A minha mãe foi opôs-se a que eu as trouxesse. Mas eu queria alguma coisa que me lembrasse a minha casa e pensei que poderia guardá-las no armário sem dizer nada a ninguém. E esta noite, pensei que tas poderia mostrar. Mostrar-me a ti, e como costumava ser.

Catarina afastou-se para o lado e chamou-o para a mesa com um gesto. Ele sentiu-se demasiado grande, demasiado desajeitado, e num instinto, parou e tirou as botas de montar e caminhou despico sobre os ricos tapetes. Ela fez um ligeiro gesto de aprovação e pediu-lhe que se sentasse. Ele sentou-se numa das almofadas bordadas a ouro.

Serenamente, ela sentou-se em frente a ele e passou-lhe uma taça de água perfumada, com umguardanapo branco. Ele mergulhou os dedos e limpou-os. Ela sorriu e ofereceu-lhe uma travessa dourada com comida. Era um prato da sua infância, pernas de frango assadas, rins apimentados, com fatias de pão branco; um jantar tipicamente inglês. Mas fizera-os servir doses pequenas, em pratos individuais, em cubos apetitosos, habilidosamente dispostos. Cortara rodelas de maçã que servira com a carne e adicionara algumas carnes preciosamente condimentadas, ao lado de rodelas de ameixas doces. fizera todos os possíveis para lhe servir uma refeição espanhola, com todas as delícias e luxos do gosto mouro. Artur foi perdendo os preconceitos.

- Isto está...lindo - afirmou,procurando uma palavra para o descrever - É ...como um quadro. Tu és como... - Não conseguia lembrar-se de nada que alguma vez tivesse visto, que se assemelhasse a ela. Depois, ocorreu-lhe uma imagem. - És como uma pintura que uma vez vi numa travessa -disse ele. - Um tesouro da minha mãe, que veio da Pérsia. És igual. Estranha e muito amorosa.

Ela sorriu com os elogios.

-Quero que percebas - disse, falando lentamente em latim. Quero que percebas o que eu sou. *Cuiusmodi sum.*

- O que tu és?

-Sou a tua esposa - assegurou-lhe ela. - Sou a Princesa de Gales, serei a Rainha da Inglaterra. Serei uma mulher inglesa Esse é o meu destino, além disso, sou a Infanta da Espanha, do ***al****-Andalus.*

- Eu sei.

- Tu sabes, mas não sabes. Não sabes nada sobre a Espanha, não sabes nada sobre mim. Quero explicar-me a ti. Quero que saibas como é a Espanha. Sou uma princesa da Espanha. Sou a favorita do meu pai. Quando jantamos a sós, comemos assim. Quando estamos em campanha, vivemos em tendas e sentamo-nos diante de braseiros como estes, e andamos em campanha durante todos os anos da minha vida, até aos meus sete anos. - Mas sois uma corte cristã - protestou ele. - Sois uma potência da Cristandade. Tendes cadeiras, cadeiras normais, deveis comer sentados a mesas normais.

- Só nos banquetes de Estado - respondeu ela. - Quando estamos nos nossos aposentos privados, vivemos assim, como mouros. Oh, damos as graças, agradecemos ao Deus Único na divisão do pão. Mas não vivemos como vocês vivem aqui, na Inglaterra. Temos bonitos jardins repletos de fontes e de água corrente. Temos salas nos nossos palácios com embutidos de pedras preciosas e inscrições em letras de ouro contando belas verdades, através de poemas. Temos casas de banho com água quente para nos lavarmos e com vapor espesso para encher a sala perfumada, temos casas de gelo que são abastecidas, no Inverno, com neve da serra, para que **a** nossa fruta e bebidas estejam frescas no Verão.

As palavras eram tão sedutoras quanto as imagens.

- Tu fazes-te soar tão estranha - disse ele. relutantemente. -como um conto de fadas.

- Estou a aperceber-me de quão estranhos somos um para outro - disse

Catarina. - Pensei que o teu país fosse como o meu mas é bastante diferente. Começo a pensar que somos mais parecidos com os Persas do que com os Alemães. Somos mais árabes do que visigodos. Talvez pensasses que eu seria uma princesa como as tuas irmãs, mas sou muito, muito diferente.

Ele acenou afirmativamente com a cabeça.

- Vou ter de aprender os teus costumes - propôs ele de forma hesitante. - Como tu vais ter de aprender os meus.

- Eu serei Rainha da Inglaterra, terei de me tornar inglesa. Mas quero que conheças o que eu era, quando era criança.

Artur anuiu com a cabeça.

- Tiveste muito frio hoje? - perguntou. Estava a ser invadido por um sentimento novo, estranho,como um peso no estômago. Percebeu que era desconforto, pela ideia de ela se sentir infeliz.

Ela olhou-o nos olhos, sem rodeios.

-Sim - respondeu. - Tive muito frio. E, depois, pensei que tinha sido desagradável contigo e senti-me muito infeliz. E, então, pensei que estava longe de casa. do calor, do sol e da minha mãe e que tinha muitas saudades de casa. Hoje foi um dia horrível. Hoje tive um dia horroroso.

Ele procurou a mão dela.

- Posso confortar-te?

Os dedos dela encontraram os dele.

- Tu confortaste - disse. - Quando me trouxeste para junto da lareira e me pediste desculpa. Tu confortas-me. Vou aprender a acreditar que vais fazê-lo sempre.

Ele puxou-a para si; as almofadas eram macias e confortáveis, deitou-a ao seu lado e puxou cuidadosamente a seda que trazia enrolada em volta da cabeça. Esta desapertou-se logo e os ricos entrançados vermelhos

soltaram-se. Ele tocou-lhes com os lábios, em seguida, na sua boca doce que tremia ligeiramente, nos olhos, com pestanas cor de areia, nas sobrancelhas claras, nas veias azuis das têmporas, nos lóbulos das orelhas. Depois, sentindo o desejo invadi-lo, beijou-lhe a cavidade na base do pescoço, os ossos delicados das clavículas, a carne quente e sedutora do pescoço até ao ombro, a concavidade do cotovelo, o calor das suas palmas da mãos, as axilas de odor forte e erótico, tirou-lhe a camisa pela cabeça e ela ficou nua, nos seus braços, e era sua mulher e, de facto, uma mulher amorosa, por fim.



Amo-o. Não pensei que fosse possível, mas eu amo-o. Apaixonei-me por ele. Olho-me ao espelho, em admiração, como se estivesse mudada, como se todo resto tivesse mudado. Sou uma mulher jovem, apaixonada pelo meu marido. Estou apaixonada pelo Príncipe de Gales. Eu. Catarina da Espanha, estou apaixonada. Queria este amor. pensei que fosse impossível, e tenho-o. Estou apaixonada pelo meu marido e vamos ser Hei e\ Rainha da Inglaterra. Quem pode duvidar que fui escolhida por Deus para me conceder o Seu especial favor? Levou-me dos perigos da guerra para a segurança e a paz do Palácio de Alhambra e,\ agora, concedeu-me a Inglaterra e o amor de um homem jovem, que vai ser o seu rei.

Subitamente emocionada, junto as mãos e rezo: "Oh. Meu Deus. deixai-me amá-lo para sempre, não nos afasteis um do outro, como Juan foi afastado de Margot, nos seus primeiros meses de felicidade. Deixai-nos envelhecer juntos, permiti que nos amemos para sempre."



Castelo de Ludíoiv, Janeiro de 1502

O sol de Inverno brilhava baixo e vermelho sobre as colinas redondas enquanto eles transpunham o enorme portão que perfurava a muralha de pedra, em volta de Ludlow. Artur,que cavalgara ao lado da liteira, gritou para Catarina, para se lazer ouvir sobre o ruído dos cascos a bater no empedrado.

- Finalmente, chegámos a Ludlow.

À frente deles, os soldados gritaram: "Abram alas para Artur! Príncipe de Gales!", as portas abriram-se de par em par. e as pessoas saíram das suas casas para verem o cortejo passar. Catarina viu uma cidade tão bela como uma tapeçaria. Os segundos andares revestidos de madeira dos edifícios apinhados de gente projectavam-se sobre as ruas empedradas, com pequenas e prósperas lojas e pátios de trabalho entalados entre ambos, com ar acolhedor, no rés-do-chão. As mulheres dos lojistas saltaram das suas bancas, no exterior das lojas, para lhe acenar e Catarina sorria e retribuía a saudação. Dos andares superiores, as raparigas das fábricas de luvas e os aprendizes de sapateiro, os rapazes dos ourives e as fiandeiras inclinavam-se e chamavam-na pelo nori Catarina ria-se, e susteve a respiração, quando um dos rapazes pareceu desequilibrar-se, mas foi puxado para trás por um dos colegas.

Passaram por uma grande praça de touros, com uma estalagem de madeira escura, enquanto os sinos da igreja da meia dúzia casas religiosas, universidade, capelas e no hospital de Ludlow começaram a tocar, para desejar as boas-vindas a casa, ao príncipe e à sua noiva. Catarina inclinou-se para a frente para ver o seu castelo, e reparou na barreira inquestionável da muralha exterior do castelo. O portão estava totalmente aberto, entraram e encontraram os homens mais importantes da cidade, o *Mayor,* os presbíteros da igreja, os líderes das afluentes guildas de comerciantes, reunidos para os receber.

Artur desmontou do cavalo e ouviu educadamente um longo discurso em galês e depois em inglês.

- Quando vamos comer? - murmurou-lhe Catarina ao ouvido em latim e viu-lhe os lábios a tremer, como se estivesse a reter um sorriso.

- Quando vamos para a cama? - suspirou ela. e teve a satisfação de ver a sua mão que segurava as rédeas tremer de desejo. Dirigiu-lhe um pequeno sorriso e dobrou-se para voltar a entrar na liteira até. finalmente, os intermináveis discursos de boas vindas estarem concluídos e a comitiva real poder prosseguir o caminho e transpor o enorme portão do castelo, para o pátio interior.

Era um castelo admirável, tão seguro como qualquer castelo de fronteira

na Espanha. A muralha exterior que rodeava o pátio interior era elevada e resistente, construída numa pedra curiosa de cor rosada que tornava as poderosas muralhas mais calorosas e domésticas. O olho de Catarina, apurado pela sua formação, passou das espessas muralhas para o fosso na muralha exterior e para o fosso na muralha interior, admirando-se como uma área protegida conduzia à outra, e pensou que um cerco poderia ser suportado durante vários anos. Mas era pequeno, era como um castelo de brincar, algo que o pai construiria para proteger uma passagem sobre um no ou uma estrada vulnerável. Algo a que um nobre muito insignificante da Espanha teria orgulho em chamar sua casa.

- E isto? - perguntou confusa, pensando na cidade albergada no interior das muralhas da sua casa, nos jardins e terraços, na colina e na vista, na vida fervilhante do centro da cidade, todos dentro de muralhas protegidas. Da longa volta dos guardas: se dessem a volta completa às ameias, estariam ausentes durante mais e uma hora. Em Ludlow, a sentinela concluiria a volta em alguns minutos.

- É isto?

Ele ficou logo assustado.

- Estavas à espera de mais? O que esperavas?

Ela teria acariciado o seu rosto ansioso, se não houvesse centenas de pessoas a assistir. Obrigou-se a manter as mãos quietas.

- Oh. estava a ser tonta. Estava pensar em Richmond. - Nada no mundo a teria feito admitir que estava a pensar no Alhambra.

Ele sorriu, confortado.

- Oh, meu amor. Richmond foi recentemente construído, é grande orgulho e a alegria do meu pai. Londres é uma das maio" cidades da Cristandade, e o palácio equivale à sua dimensão M Ludlow é apenas uma cidade, uma grande cidade nos Marches, seguramente, mas não é mais do que uma cidade. Mas é rica, vais ver, a caça é boa e as pessoas são hospitaleiras. Vais ser feliz aqui.

- Tenho a certeza disso - retorquiu Catarina sorrindo, afastando a ideia de

um palácio construído para ser bonito, apenas para esse eleito, onde os construtores pensaram primeiro onde iria incidir a luz e quais os reflexos que originaria nos tranquilos lagos de mármore. Ela olhou em seu redor e viu, no centro do pátio interior, u curioso edifício circular semelhante a uma torre de esconderijo.

- O que é aquilo? - perguntou, esforçando-se por sair da liteira, enquanto Artur lhe segurava na mão.

Ele olhou de relance por cima do ombro.

- É a nossa capela redonda - respondeu negligentemente.

- Uma capela redonda?

- Sim, como a de Jerusalém.

Com alegria, ela reconheceu imediatamente o formato t radiei nal de uma mesquita - desenhada e construída em círculo, para que nenhum crente ficasse em posição privilegiada em relação a outros, porque Alá é venerado tanto pelos pobres como pelos rico

- É linda.

Artur olhou-a surpreendido. Para ele era apenas uma torr redonda, construída com a bonita pedra cor de ameixa regional, ma viu que brilhava sob a luz da tarde, e irradiava uma sensação de paz

- Sim - respondeu ele, mal reparando na capela. - Agora é - apontou para o grande edifício à sua frente, com um belo lance de escadas que subiam até à porta aberta -. este é o grande salão. À esquerda, ficam os paços do concelho de Cales e. por cima, meus aposentos. À direita, ficam os quartos de hóspedes e os aposentos do guardião do castelo e da sua mulher: Sir Richard e

Lady Margaret Pole. Os teus aposentos são por cima, no andar superior. Viu a sua expressão alterada.

- Ela está aqui agora?

- De momento, está ausente do castelo.

Ela abanou a cabeça.

- Há edifícios por trás da grande muralha?

- Não. Está encostada à muralha exterior. Isto é tudo. Catarina obrigou-se a manter um rosto

sorridente e satisfeito.

- Temos mais quartos de hóspedes no pátio exterior - acrescentou ele defensivamente. - Etambém temos uma hospedaria. É um lugar movimentado, alegre. Vais gostar.

- Tenho a certeza que sim - ela sorriu. - E quais são os meus aposentos?Ele apontou para as janelas mais altas.

- Estás a ver, ali em cima? Do lado direito, iguais aos meus, mas do lado oposto da ala.Ela pareceu um pouco desmotivada.

- Mas como vais para os meus aposentos? - perguntou tranquilamente.

Pegou-lhe na mão e conduziu-a. sorrindo á direita e à esquerda, até às grandes escadas de pedra, e às portas duplas do grande salão. Ouviu-se uma onda de aplausos e os companheiros deixaram-se ficar para trás.

- Tal como Sua Alteza, a Mãe do Rei me ordenou, virei ao teu quarto quatro vezes por mês, emprocissão formal, passando pelo grande salão - explicou ele. Levou-a pelas escadas acima.

- Oh! - exclamou ela.

Olhou para baixo, para ela, e sorriu.

- E, todas as outras noites, virei ter contigo pelas ameias - murmurou. - Há uma porta secreta que liga os teus aposentos às ameias que circundam o castelo. Os meus aposentos também dão para aí. Podes ir dos teus aposentos aos meus. sempre que quiseres, e ninguém saberá se estamos juntos ou não. Nem sequer saberão em que quarto estaremos.

Adorou a forma como o rosto dela se iluminou.

- Podemos estar juntos sempre que quisermos?

- Vamos ser felizes aqui.



*Sim, serei; eu serei feliz aqui. Não vou chorar, como uma persa, Pelos bel**os** pátios da sua casa e declarar que não existe mais nenhum lugar apropriado para viver. Não vou dizer que estas montanhas são um deserto sem oásis, como um berbere com saudades dos seus direitos de nascença. Vou habituar-me a Ludlow, e aprenderei a viver aqui. na fronteira, e mais tarde na Inglaterra. A minha mãe não é apenas uma rainha, é um soldado, e educou-me para saber qual era o meu dever e para o cumprir. É meu dever aprender a ser feliz aqui. e viver neste lugar, sem me queixar.*

Posso nunca usar armadura como ela. posso nunca lutar pelo meu país, como ela fez-, mas há muitas formas de servir um reino, e ser uma rainha alegre, honesta e determinada é uma delas. Se Deus não me chamar às armas, pode chamar-me para o servir conto legisladora, como aquela que traz justiça. Quer defenda o meu povo, combatendo por ele contra um inimigo, quer lute pela sua liberdade perante a lei, serei a sua rainha, de alma e coração, a Rainha da Inglaterra.



Era de noite, já passava da meia-noite. Catarina resplandecia luz da lareira. Estavam na cama, ensoñados, mas sentiam demasiado desejo um pelo outro para adormecerem.

- Conta-me uma história.

- Já te contei dezenas de histórias.

- Conta-me outra. Conta-me aquela sobre Boabdil a entregar o Palácio de Alhambra e a chave dourada em cima de uma almofada de seda, e ir-se embora a chorar.

-Essa, tu já sabes. Contei-ta ontem à noite.

- Então conta-me a história de Yarfa e o seu cavalo que rangia os dentes aos cristãos.

- És uma criança. E o nome dele era Yarfe.

- Mas tu viste-o ser assassinado?

- Eu estava lá; mas não o vi mesmo a morrer.

- Como podes não ter visto?

- Bem, em parte porque estava a rezar, como a minha mãe me mandou, e porque era uma menina e não um rapaz monstruoso e sedento de sangue.

Artur atirou-lhe uma almofada bordada à cabeça. Ela apanhou-a e atirou-lha de volta.

- Bem, então conta-me a história da tua mãe a empenhar as jóias para pagar a cruzada.

Ela riu-se novamente e sacudiu a cabeça, fazendo o cabelo castanho abanar de um lado para o outro.

- Vou contar-te uma história sobre a minha casa - propôs-lhe.

- Está bem - ele aconchegou o cobertor púrpura em volta de ambos e esperou.

- Quando se atravessa a primeira porta do Alhambra, parece uma divisão muito pequena. O teu pai não desceria ao ponto de entrar num palácio daqueles.

- Não é grandioso?

- É do tamanho de um pequeno salão de mercadores desta cidade. É um bom salão para uma casa pequena de Ludlow, nada mais que isso.

- E depois?

- E depois entra-se num pátio e. daí, passa-se a um salão dourado.

- Um pouco melhor?

- Está repleto de cor, mas também não é muito maior. As paredes são decoradas com azulejos coloridos e folheado a ouro. e existe uma varanda alta, mas não deixa de ser um espaço pequeno.

- E, depois, onde vamos hoje?

- Hoje, vamos virar à direita e entramos no Pátio dos Mirtilos. Ele fechou os olhos, tentando recordar as suas descrições.

- Um pátio em forma de rectângulo, rodeado por edifícios altos, de ouro.

- Com uma porta enorme, de madeira escura, com uma soleira de belos azulejos, ao fundo.

- E um lago. um lago com a forma simples de um rectângulo, e de cada um dos lados, uma sebe de mirtilos, de odor doce.

- Não uma sebe como vocês têm - disse ela com ar sério, pensando nos arbustos irregulares dos campos galeses, na sua confusão de espinhos e ervas daninhas

- Então, como são? - perguntou ele, abrindo os olhos.

- Uma sebe como um muro - respondeu ela. - Aparada geometricamente, como um bloco de mármore verde, como uma estátua viva, verde e de cheiro adocicado. E o portão ao fundo reflecte-se na água. assim como o arco em volta dele, e o próprio edifício. De forma a que todo o conjunto seja reflectido em ondas, aos teus pés. E todas as paredes são perfuradas com alvas janelas de estuque, tão leves como papel, como se fosse bordado branco. E os Pássaros...

- Os pássaros? - perguntou ele, surpreendido, porque ela não lhe falara deles antes.

Ela fez uma pausa enquanto procurava a palavra.

- *Apodes?* **-** disse em latim.

- *Apodes?* Gaivões? Ela assentiu com a cabeça.

- Voam como um rio turbulento cie pássaros mesmo por cima das nossas cabeças, dando voltas e voltas no estreito pátio, gritando enquanto voam, tão rápidos como uma carga de cavalaria, movem-se como o vento, dão voltas e voltas, desde que o sol brilhe na água. eles voam em círculo, o dia inteiro. E à noite...

- À noite?

Ela fez um pequeno gesto com as mãos, como uma feiticeira

- À noite desaparecem, nunca os vês descansar ou fazer ninho Desaparecem - partem com o sol, mas quando amanhece, voltam novamente para lá, como um rio, como uma enchente. - Fez umapausa. - É difícil de descrever - disse numa voz muito ténue. - Mas eu via-os a toda a hora.

- Tens saudades? - perguntou ele bruscamente. - Por muito feliz que eu te possa fazer, terás sempre saudades da tua casa.

Ela fez um pequeno gesto.

- Claro. É normal. Mas eu nunca me esqueço de quem sou. Do que nasci para ser.

Artur esperou.

Ela sorriu para ele, o seu rosto tornou-se mais caloroso pelo sorriso e pelos olhos azuis que brilhavam.

-Princesa de Gales - disse. - Desde a infância que o sabia. Sempre me chamaram Princesa de Gales. E, assim, Rainha Inglaterra, como me foi destinado por Deus. Catarina, Infanta Espanha, Princesa de Gales.

Ele retribuiu-lhe o sorriso e puxou-a para perto de si, deitaram -se para trás. ela com a cabeça no ombro dele, o cabelo castanho avermelhado escuro dela espalhado. Como um véu, no peito dele.

- Eu sabia que casaria contigo, quase desde que nasci - disse ele pensativamente. - Não me consigo lembrar de um tempo em que não te estivesse prometido. Não recordo nenhuma época em que não te

escrevesse cartas e não as levasse ao meu tutor, para que as corrigisse.

- Ainda bem que te agrado, agora que estou aqui. Ele colocou-lhe o dedo sob o queixo e levantou-lhe o rosto para a beijar.

- O que ainda é melhor, é que eu te agrado a ti - disse ele.

- De qualquer forma, eu teria sido uma boa esposa - insistiu ela. - Mesmo sem isto...

Ele pegou-lhe na mão sob os lençóis de seda, para que ela voltasse a acariciar-lhe o membro, novamente erecto.

- Queres dizer, sem isto?

- Sem esta... alegria - respondeu ela e fechou os olhos e deitou-se para trás. à espera das caricias dele.



Os criados acordaram-nos ao amanhecer e Artur foi escoltado cerimoniosamente da cama dela. Voltaram a ver-se na missa, mas estavam sentados de lados opostos da capela, cada um com o seu séquito, e não puderam falar.



A missa devia ser o momento mais importante do meu dia. e deveria trazer-me conforto - sei-o. Mas sinto-me sempre sozinha durante a missa. Rezo a Deus e agradeço-lhe pela Sua atenção especial comigo, mas só o facto de estar nesta capela - com o formato de uma pequena mesquita - lembra-me tanto a minha mãe! O cheiro a incenso é tão evocador dela como se fosse o seu perfume. Não consigo acreditar que não estou ajoelhada ao lado dela. como fiz quatro vezes por dia. durante quase todos os dias da minha rida. Quando digo "Avé Maria, cheia de graça", é o rosto redondo, sorridente e determinado da minha mãe que vejo. E quando rezo a pedir coragem para cumprir o meu dever, nesta terra estranha, com este povo severo e reservado, é da força da minha mãe que necessito.

Deveria dar graças por Artur mas nem me atrevo a pensar nele quando me ajoelho perante Deus. Não consigo pensar nele sem cometer o pecado do desejo. A simples imagem dele na minha mente e um segredo profundo, um prazer pagão, lenho a certeza de que não se trata da alegria sagrada do matrimónio. Um prazer tão intenso tem de ser pecado, Um desejo e uma satisfação tão obscuros e profundos não podem ser simples concepção de um pequeno príncipe, principal objectivo e a finalidade deste casamento. Fomos postos na cama por um arcebispo, mas a nossa união apaixonada é tão animal como duas serpentes aquecidas pelo sol, enroladas uma na outra para seu próprio prazer. Eu mantenho os meus sentimentos por Artur como um segredo de todos, ale mesmo de Deus.

Não poderia confiar em ninguém, mesmo que quisesse. É-nos expressamente proibido estarmos juntos as rezes que desejarmos. A avó dele, Sua Alteza, a Mãe do Rei. ordenou que assim fosse, tal como ordena tudo. mesmo tudo aqui nos Marches Galeses. Ela disse que ele deveria vir ter comigo ao quarto uma vez por semana, excepto durante as minhas regras, deveria chegar antes das dez horas e sair antes das seis da manhã. Nós obedecemos-lhe, claro, todos lhe obedecem. Uma vez por semana, como ela ordenou, ele atravessa o salão grande, como um homem jovem relutantemente obediente, e de manhã, deixa-me em silêncio e vai-se embora tranquilamente como um jovem que cumpriu o seu dever, não como alguém que esteve acordado toda a noite num delírio ofegante.-Nunca se gaba de ter tido prazer, quando o vêm buscar aos meus aposentos, não diz nada, ninguém sabe o prazer que temos na paixão um do outro. Nunca ninguém saberá que estamos juntos todas as noites. Encontramo-nos nas ameias que vão dos seus aposentos até aos meus, na parte mais alta do castelo, com o céu azul- acinzentado fechando-se sobre nós, e passamos tempo juntos em segredo, como amantes, escondidos pela noite, vamos para o meu quarto ou jmra o dele. e criamos um mundo privado em conjunto, cheio de uma felicidade secreta. Mesmo neste pequeno castelo, cheio de gente, de bisbilhoteiros e de espiões da mãe do rei, ninguém sabe que estamos juntos, e ninguém sabe o quanto nos amamos.



Depois da missa o casal real foi quebrar o jejum, separada mente, nos respectivos aposentos, apesar de que teriam preferido fazê-lo juntos. O Castelo de Ludlow era uma pequena reprodução da formalidade da corte do rei. A mãe do rei ordenara que, a seguir ao pequeno- almoço, Artur

teria de trabalhar com o seu tutor nos seus livros e desportos, conforme o tempo; e Catarina teria de trabalhar com o seu tutor, costurar, ler ou passear no jardim.

- Um jardim! - murmurou Catarina, na pequena extensão verde com o banco de turfa encharcado de um dos lados de uma sebe fina, num dos cantos das muralhas do castelo.

- Pergunto-me se alguma vez terá visto um jardim a sério?

De tarde, podiam montar juntos a cavalo, para caçar nos bosques que rodeavam o castelo. Era uma zona rural rica, o rio corria rapidamente por um amplo vale de arvoredos espessos nas encostas das colinas. Catarina pensou que acabaria por amar as pastagens em volta do rio Teme e, no horizonte, a forma como a escuridão dos montes dava lugar ao céu. Mas, com aquele clima do meio do Inverno, era uma paisagem de cinzento e branco, apenas a geada ou a neve traziam claridade à negrura dos frios bosques. Com frequência, o tempo estava demasiado invernoso para a princesa sair. Ela detestava o nevoeiro húmido ou quando caía saraiva acompanhada de chuva gelada. Artur saía muitas vezes sozinho a cavalo.

- Mesmo que eu ficasse para trás, não poderia ir contigo -lamentava-se ele.
- A minha avó teria estipulado que eu fizesse outra coisa qualquer.

- Então, vai - disse ela, sorrindo, apesar de lhe parecer que faltava muito, muito tempo até ao jantar e de não ter mais nada que fazer, além de esperar que a caça voltasse para casa.

Iam à cidade uma vez por semana, para assistirem à missa na Igreja de São Lourenço, ou para visitarem a capela ao lado da muralha do castelo, para comparecerem num jantar organizado por uma das grandes guildas, ou para assistirem a uma luta de galos, uma pega de touros, ou a representações. Catarina estava impressionada com a beleza impecável da cidade; o lugar escapara à violência das guerras entre os York e os Lancaster às quais, finalmente, Henrique

Tudor havia posto fim.

- A paz é tudo para um reino - comentou com Artur.

- Agora, a única coisa que pode constituir uma ameaça para nós são os Escoceses - disse ele.

- A linhagem de York são os meus antepassados, assim como a dos Lancaster, por isso, a rivalidade termina comigo. Tudo o que temos a fazer é manter o Norte protegido.

- E o teu pai pensa que conseguiu isso com o casamento da Princesa Margaret?

- Deus permita que esteja certo, mas eles são um grupo de infiéis. Quando eu for rei, manterei a fronteira forte. Tu aconselhar-me-ás, saímos juntos e certificamo-nos de que os castelos da fronteira são reparados.

- Gostarei de o fazer - disse ela.

- Claro, passaste a infância com um exército a combater pelas terras de fronteira, deves saber melhor do que eu o que procurar.

Ela sorriu.

- Fico contente por ser uma qualidade minha que te pode ser útil. O meu pai sempre se queixou de que a minha mãe estava a criar amazonas e não princesas.

Jantaram juntos ao anoitecer e felizmente a noite chegava muito cedo naquelas frias noites de Inverno. Por fim, podiam estar perto, sentados lado a lado, na mesa alta. voltada para o salão do castelo, lá em baixo, a grande lareira com troncos amontoados, junto da parede lateral. Artur sentava sempre Catarina à sua esquerda, mais perto do fogo. e ela vestia uma capa forrada com pele. assim como várias camadas de camisas de linho, sob o vestido ornamentado. Mesmo assim, continuava a ter frio quando descia as escadas geladas, vinda dos seus aposentos aquecidos para o salão repleto de fumo. As suas aias espanholas, Maria de Salinas, a sua ama Dor Elvira e algumas outras, sentavam-se numa mesa. As damas inglesas que deveriam ser as suas damas de companhia, e o seu séquito de criados espanhóis sentavam-se noutra. Os grandes lordes do conselho de Artur, o seu camareiro, Sir Richard Pole, guardião do castelo, o Bispo William Smith of Lincoln, o seu médico, o Dr. Bereworth, o seu tesoureiro, Sir Henrique Vernon, o mordomo dos seus aposentos, Sir Richard Croft, o

criado dos seus aposentos privados. Sir William Thomas of Carmarthen, e todos os dirigentes do Principado, estavam sentados no salão.

Atrás e na galeria, qualquer coscuvilheiro, qualquer intrometido de Gales poderia apinhar-se, para ver a princesa espanhola jantar, e especular se ela agradava ao jovem príncipe ou não. Não havia forma de adivinhar. A maioria pensava que ele não conseguira dormir com ela. Tinha de ser analisado! A Infanta estava sentada como uma pequena boneca rígida e raramente se inclinava para o seu jovem marido. O Príncipe de Gales falava com ela quase mecanicamente, de dez em dez minutos. Eram como pequenos exemplos de bom comportamento, e quase nem olhavam um para o outro. Comentava-se que ele a visitava nos seus aposentos tal como lhe fora ordenado, mas apenas uma vez por semana nunca por iniciativa própria. Talvez não apreciassem a companhia um do outro. Eram jovens, talvez demasiado jovens para o casamento.

Ninguém poderia adivinhar que as mãos de Catarina estavam muito apertadas no colo. para se impedir de tocar no marido, nem que a cada meia hora ele a olhasse, aparentemente indiferente, e murmurasse tão baixinho que só ela conseguia ouvir: "Quero-te imediatamente". Depois do jantar haveria danças e talvez mímica ou um contador de historias, um bardo galês ou actores itinerantes para ver. Por vezes os poetas viriam dos montes e contariam contos antigos, estranhos, na sua própria língua, que Artur seguia com alguma diticul dade, mas que tentava traduzir para Catarina.

Quando o longo e amarelo Verão chegar e a vitória for nossa, E a expansão das velas da Britânia,

E quando o calor vier e quando a febre começar a subir

Há prenúncios de que a vitória nos será concedida.'

- Qual é o tema deste poema? - perguntou-lhe ela.

- "O longo e amarelo Verão" é quando o meu pai decidiu invadir a partir da Britânia. O percurso levou-o até Bosworth e à vitória.

Ela acenou com a cabeça.

- Fazia calor, nesse ano, e as tropas voltaram com a Doença do Suor, uma doença nova, que agora ameaça a Inglaterra, assim como a Europa, com o calor de todos os Verões.

Ela voltou a assentir com a cabeça. Um novo poeta apresentou-se, tocava uma corda da sua harpa e cantava.

- E este?

- Fala de um dragão vermelho que sobrevoa o Principado -respondeu ele. - Mata o javali.

- O que significa? - perguntou Catarina.

- O dragão representa os Tudor: nós - respondeu ele. - Deves ter visto o dragão vermelho no nosso estandarte. O javali é o usurpador. Ricardo. É um elogio ao meu pai, baseado num conto antigo. Todas as canções deles são antigas. Provavelmente foram cantadas na arca - ele sorriu. - Canções de Noé.

- As pessoas acreditam que os Tudor sobreviveram ao dilúvio? Noé era um Tudor?

- Provavelmente. A minha avó assumiria a responsabilidade pelo próprio Jardim do Éden - retorquiu ele. - Esta é a fronteira de Gales, nós vimos de Owen ap Tudor, de Glendover. ficamos felizes por assumir a responsabilidade de tudo. Tal como Artur previra, quando a lareira se começou a apagar, começariam a cantar antigas canções galesas sobre feitiçarias nos bosques escuros que ninguém podia conhecer. E falariam de batalhas e de vitórias gloriosas conquistadas através da perícia e da coragem. Na sua língua estranha, contariam histórias sobre Artur e Camelot, Merlin, o príncipe, e Guinevere: a rainha que traiu o marido por um amor culpado.

- Eu morreria se tivesses um amante - sussurrou-lhe ele ao Ouvido, enquanto um pajem os tapava do resto do salão e lhes servia vinho.

- Não consigo olhar para mais ninguém, quando tu estás aqui disse-lhe ela. - Só te vejo a ti.

Todas as noites havia música ou algum entretenimento para Corte de Ludlow. A mãe do rei ordenara que o príncipe tivesse uma casa alegre - era uma recompensa pela lealdade de Gales, que pusera o seu filho Henrique Tudor num trono incerto. O neto deveria recompensar os homens que tinham vindo dos montes para combater pelos Tudor e lembrar-lhes que era um príncipe galês, e que continuaria a contar com o apoio deles para governar os Ingleses, com quem ninguém poderia contar. Os Galeses deviam unir-se à Inglaterra e juntos, os dois poderiam repelir os Escoceses, e dominar os Irlandeses.

Quando os músicos tocavam as lentas danças formais da Espanha, Catarina dançava com uma das suas aias, consciente do olhar de Artur fixado nela, mantendo um rosto pudico, como uma máscara de respeitabilidade de um mímico; apesar de ter vontade de rodopiar e de abanar as ancas, como uma mulher no serralho, como uma escrava moura dançando para um sultão. Mas os espiões de Sua Alteza, a Mãe do Rei observavam tudo, mesmo em Ludlow, e comunicar-lhe- iam de imediato qualquer comportamento indiscreto da jovem princesa. Por vezes, Catarina olhava de relance para marido e via os olhos dele fixados em si, o seu olhar era o de u homem apaixonado. Ela estalava os dedos como se fizesse parte da dança, mas na verdade era para o avisar de que estava a olhá-la de um modo que a avó não aprovaria; e ele voltava-se para o lado e falava com alguém, afastando o olhar dela.

Mesmo depois de a música terminar e de os artistas partirem, o jovem casal não podia ficar a sós. Havia sempre homens que pediam para falar com Artur, que pretendiam pedir favores, terras ou influências, e aproximavam-se dele, falando em voz baixa, em inglês, que Catarina ainda não percebia perfeitamente, ou em galês, que ela achava que ninguém conseguiria compreender. O estado de direito praticamente não existia nas terras fronteiriças, cada proprietário de terras era como um senhor da guerra no seu próprio domínio. Nas zonas mais remotas da montanha havia pessoas que ainda pensavam que quem ocupava o trono era Ricardo, que não sabiam que o mundo se alterara, que não falavam inglês, que não obedeciam a quaisquer leis.

Artur discutia, elogiava e sugeria que os feudos deveriam ser perdoados, que as violações do direito de propriedade deveriam ser validadas, que os chefes de clãs galeses deveriam trabalhar em conjunto para tornar a sua

terra tão próspera como a da vizinha Inglaterra, em vez de perderem o seu tempo com invejas. Os vales e terras costeiras eram dominados por uma dúzia de lordes insignificantes, e nas altas montanhas, os homens viviam em elas semelhantes a tribos selvagens. Aos poucos, Artur estava determinado a fazer com que a lei tosse aplicada em todo o território.

- Todos os homens têm de saber que a lei é superior ao seu senhor - disse Catarina. - Foi o que osMouros fizeram na Espanha, e a minha mãe e o meu pai seguiram-lhes o exemplo. Os Mouros não se preocupavam em mudar as religiões das pessoas nem as suas línguas, só traziam a paz e a prosperidade e impunham o estado de direito.

- Metade dos meus lordes pensaria que isso era uma heresia -provocou-a ele. - E a tua mãe e o teu pai estão agora a impor a religião deles, já expulsaram os Judeus, os Mouros vão ser os próximos.

Ela franziu o sobrolho.

- Eu sei - respondeu. - E eles estão a sofrer muito. Mas a intenção era permitir que as pessoas praticassem a sua própria religião. Quando conquistaram Granada, essa foi a promessa que fizeram.

- Não achas que, para construir um país, as pessoas têm de ter todas a mesma religião? - perguntou ele.

- Os hereges podem viver assim - disse ela decididamente. -Em al-Andalus, mouros, cristãos e judeus viviam em paz e amizade, ao lado uns dos outros. Mas quando se é um rei cristão, é nosso dever conduzir os súbditos para Deus,

Catarina observava Artur enquanto ele falava com um homem e depois com outro, e então, ao receber um sinal de Dona Elvira, fazia uma reverência e retirava-se do salão. Lia as orações da noite, vestia as roupas de dormir, sentava-se na companhia das aias, ia para o quarto e esperava, esperava e esperava.

- Podeis ir, eu vou dormir sozinha esta noite - disse para Dona Elvira.

- Outra vez? - a ama franzia o sobrolho. - Não tivestes companheira de quarto desde que viemos para o castelo. E se acordais durante a noite e

precisardes de alguma coisa?

- Eu durmo melhor sem ninguém no quarto - respondia Catarina - Agora, podeis ir.

A ama e as aias davam-lhe as boas-noites e saíam, as criadas entravam e desapertavam-lhe o corpete. retiravam os ganchos do toucado, desapertavam-lhe os sapatos e tiravam-lhe as meias. Entregavam-lhe a sua camisa de dormir de linho aquecida e ela Pedia a capa e dizia que iria sentar-se alguns momentos diante da lareira, mandando-as embora.

No silêncio, enquanto o castelo se preparava para a noite, ela esperava-o. Depois, por fim, ouvia o som tranquilo dos seus passos. à porta do quarto que dava para o exterior, onde este comunicava com as ameias que iam da torre dele. à dela. Ela corria para a porta e destrancava-a, o rosto dele estaria rosado do trio. trazia a capa por cima da sua própria camisa de dormir enquanto entra va aos tropeções, o vento gelado a acompanhá-lo. enquanto ela se lançava nos seus braços.

- Conta-me uma história.

- Que história queres ouvir hoje?

- Sobre a tua família.

- Queres que te conte uma sobre a minha mãe, quando pequena?

- Sim. Era uma princesa de Castela, como tu? Catarina abanou a cabeça.

- Não, de forma nenhuma. Ela não era protegida, nem vivia em segurança. Vivia na corte do irmão, o pai tinha morrido, e o irmão não a amava como deveria. Ele sabia que ela era a sua única herdeira legítima. Ele favorecia a filha; mas todos sabiam que ela era uma bastarda, que lhe foi impingida pela rainha. Até lhe puseram, como alcunha o nome do amante da rainha. Chamavam- lhe La Beltraneja. por causa do pai. Consegues imaginar algo mais vergonhoso?

Artur abanou a cabeça obedientemente.

- Nada.

- A minha mãe não passava de uma prisioneira na corte irmão; a rainha ocliava-a, claro, os membros da corte tratavam- na mal e o irmão planeava deserdá-la. Nem sequer a própria mãe conseguia chamá-lo à razão.

- Forque não? - perguntou ele, e depois pegou-lhe na mão quando percebeu que o seu rosto se tornou mais sombrio. - Amor, desculpa. O que se passa?

- A mãe dela estava doente - disse. - Doente de tristeza. Não percebo muito bem porquê, ou porque era tão grave. Mas ela quase não conseguia falar nem mover-se. Só chorava.

- E a tua mãe não tinha nenhum protector?

- Não, e depois, o rei. o irmão dela, ordenou que fosse prometida a Don Pedro Girón - respondeu ela sentando-se e apertando os joelhos com as mãos. - Diziam que ele vendera a alma ao Diabo, era um homem muito cruel. A minha mãe jurou que ofereceria a sua alma a Deus e Deus salvá-la-ia, virgem, desse destino.

Ela dizia que seguramente nenhum Deus misericordioso aceitaria uma rapariga como ela. uma princesa que sobrevivera a uma das piores cortes da Europa, para. no fim. a atirar para os braços de um homem que queria a sua ruína, que só a desejava porque era jovem e intocada, que queria espoliá-la.

Artur escondeu um sorriso, pelo ritmo romântico da história.

- Tu tens muito jeito para isto - disse ele. - Espero que tenha um final feliz.

Catarina levantou a mão como um trovador, a pedir silêncio.

- A sua maior amiga e dama de companhia, Beatriz, tinha uma faca e jurou que mataria Don Pedro, antes de ele pôr as mãos em cima de Isabel; mas a minha mãe ajoelhou-se diante do oratório, por três dias e três noites, e rezou sem parar, para ser poupada àquela violação. Ele estava em viagem, para vir ter com ela, chegaria no dia seguinte. Comeu e bebeu bem, anunciando aos companheiros que no dia seguinte estaria na cama da virgem mais notável de Castela. Mas morreu nessa mesma noite - a voz de Catarina transformou-se num murmúrio assustador. - Morreu antes de

terminar o vinho do jantar. Caiu morto, como se Deus houvesse descido dos Céus para lhe roubar a vida, como um bom jardineiro esmaga um pulgão verde.

- Com veneno? - perguntou Artur, que sabia alguma coisa sobre os métodos de alguns reis. e que considerava Isabel de Castela bastante capaz de cometer um assassínio.

- Foi a vontade de Deus - respondeu Catarina seriamente. -Don Pedro descobriu, como toda a gente, que a vontade de Deus e os desejos da minha mãe estão em consonância. E. se conhecesses Deus e a minha mãe tão bem como eu. saberias que a vontade deles se concretiza sempre.

Ele levantou o copo e fez-lhe um brinde

- Essa é uma boa história - disse. - Gostava que pudesses contá-la no salão.

- E é tudo verdade - relembrou-lhe ela. - Eu sei que é. Foi a minha própria mãe que ma contou.

- Então, ela também lutou pelo trono - concluiu ele. pensativamente.

- Primeiro pelo seu trono, e depois para construir o reino da Espanha.

Ele sorriu.

- Apesar de nos dizerem que somos de sangue real, ambos provimos de uma linhagem de guerreiros. Obtivemos os nossos tronos por conquista.

Ela levantou as sobrancelhas.

- Eu sou de sangue real - disse. - A minha mãe herdou o trono por direito legítimo.

- Sim. Mas se não tivesse lutado pelo seu lugar no mundo, seria Dona fosse qual fosse o nome dele.

- Girón.

- Girón. E tu nascerias como uma insignificante.

Catarina abanou a cabeça. A ideia era bastante impossível de aceitar.

- Teria sido a filha da irmã do rei, independentemente do que tivesse acontecido. Teria sempre sangue real nas veias.

- Não terias sido ninguém - disse ele friamente. - Ima insignificante com sangue real. Assim como eu, se o meu pai não tivesse lutado pelo seu trono. Provimos ambos de famílias que lutam pelo que é seu.

- Sim - acedeu ela com relutância.

- Ambos somos filhos de pais que reivindicam o que era de outras pessoas por direito - continuou.

Ela levantou imediatamente a cabeça.

- Isso não é verdade. Pelo menos no que diz respeito à minha mãe. Ela era a herdeira legítima.

Artur discordou.

- O irmão nomeou a filha sua herdeira, reconheceu-a. A tua mãe obteve o reino por conquista.

Assim como o meu pai conquistou o dele.

Ela enrubesceu.

- Ela não fez nada disso - insistiu. - Ela é a herdeira legítima do trono. Tudo o que fez foi

defender o seu direito de uma pretendente.

- Não percebes? - disse ele. - Todos somos pretendentes até vencermos. Quando vencemos, podemos reescrever a História e as árvores genealógicas, e executar os nossos rivais, ou prendê- los. ate podermos alegar que sempre houve um único herdeiro legítimo: nos próprios. Mas antes disso, somos um entre muitos pretendentes. E nem sempre somos o melhor pretendente, com o direito mais forte.

Ela franziu a testa.

- O que estás a dizer? - perguntou. - Estás a dizer que eu não a sou a princesa legítima? Que tu

não és o herdeiro legítimo da Inglaterra?

Ele pegou-lhe na mão.

- Não, não. Não te zangues comigo - acalmou-a. - Estou a dizer que nós temos e mantemos aquilo que e nosso por direito. Estou a dizer que somos nós quem faz a nossa herança.

Reclamamos o que queremos, dizemos que somos Príncipe de Gales, Rainha da Inglaterra. Que decidimos o nome e o título pelo qual somos conhecidos. Tal como toda a gente faz.

- Estás errado - disse ela. - Eu nasci Infanta da Espanha e vou morrer Rainha da Inglaterra. Não é uma questão de escolha, é o meu destino.

Ele pegou na mão dela e beijou-a. Percebeu que não valia a pena continuar com a sua convicção de que um homem ou uma mulher podiam fazer o seu próprio destino através das suas próprias convicções. Ele poderia ter as suas dúvidas; mas para ela, a tarefa estava concluída. Ela estava totalmente convencida de que o seu destino estava traçado. Ele não tinha dúvidas de que ela o defenderia até à morte. O seu título, o seu orgulho, o seu sentido de personalidade eram um só.

- Catarina, Rainha da Inglaterra - disse ele, beijando-lhe os dedos, e vendo o sorriso voltar ao rosto dela. *Amo-o tão profundamente, não sabia que alguma vez poderia amar alguém assim. Sinto que estou a crescer em paciência e sabedoria, só pelo meu amor por ele. Afasto-me da irritabilidade e da impaciência, até suporto as saudades de casa sem me queixar. Sinto que estou a tornar-me uma mulher melhor, uma esposa melhor, à medida que tento agradar-lhe e torná-lo orgulhoso de mim. Quero que se sinta sempre feliz por ter casado comigo. Quero que sejamos sempre tão felizes como hoje. Não existem palavras para o descrever... não existem palavras.*



Chegou um mensageiro da corte do rei trazendo presentes para recém-casados: dois veados da floresta de Windsor, uma caixa com livros para Catarina, cartas de Isabel, a rainha, e ordens de Sua Alteza, a Mãe do Rei que soubera, não se sabia através de quem, que a caçada do príncipe destruíra algumas vedações, e que ordenava a Artur que as mandasse reparar e que indemnizasse o proprietário das terras.

Ele levou a carta para o quarto de Catarina, quando foi ter com j à noite.

- Como é que ela consegue saber tudo? - perguntou ele.

- O homem deve ter-lhe escrito - respondeu ela. lamentando.

- Porque nào veio falar directamente comigo?

- Talvez a conheça? É um feudatário dela?

- Pode ser - respondeu ele. - Ela tem uma rede de alianças semelhante a uma teia de aranha, por todo o país.

- Devias ir falar com ele - decidiu Catarina. - Podíamos ir os dois. Levávamos-lhe um presente, alguma carne ou algo parecido, e pagávamos-lhe o que lhe devemos.

Artur abanou a cabeça perante o poder da sua avó.

- Sim, podemos fazer isso. Mas como é que ela consegue saber tudo?

- E assim que vocês governam - respondeu ela. - Não é? Certificam-se de que sabem de tudo e de que alguém que tenha um problema vem falar convosco. Depois, eles habituam-se a obedecer, e vocês a ordenar.

Ele riu-se.

- Estou a ver que casei com outra Margaret Beaufort - disse. Deus me valha para não ter mais nenhuma na família.

Catarina sorriu.

- Devo avisar-te - admitiu. - Sou filha de uma mulher forte. Até o meu pai faz aquilo que ela lhe diz.

Ele pousou a carta e puxou-a para junto de si.

- Desejei-te o dia inteiro - disse com a boca encostada à sua nuca quente.

Ela desapertou a parte da frente da camisa de dormir dele. para poder encostar a cara à sua pele, que tinha um odor doce.

- Oh, meu amor.

Num gesto dirigiram-se para a cama.

-Oh, meu amor.



- Conta-me uma história.

- Que história queres que te conte hoje?

- Conta-me como o teu pai e a tua mãe se casaram combinado, assim como foi connosco?

Não! - exclamou ela. - De maneira nenhuma. Ela estava bastante sozinha no mundo e, apesar de Deus a ter salvo de Don Pedro, ainda não estava segura. Sabia que o irmão a casaria com qualquer um que garantisse impedi-la de herdar o trono.

- Foram anos difíceis para ela. contou-me que, quando apelava à mãe. era a mesma coisa que estar a falar com os mortos. A minha avó estava perdida no mundo do seu sofrimento, não podia fazer nada para ajudar a própria filha.

- O primo da minha mãe, a sua única esperança, era o herdeiro do trono vizinho: Fernando de Aragão. Veio ter com ela. disfarçado. Sem quaisquer criados e sem soldados, cavalgou a noite inteira e foi ao castelo onde ela lutava para sobreviver. Arranjou forma de entrar, e atirou a capa e o

chapéu para o lado, para que ela o visse e conhecesse de imediato.

Artur estava extasiado.

- A sério? Catarina sorriu.

- Não é como um romance? Ela contou-me que se apaixonou logo por ele, à primeira vista, como uma princesa de um poema. Ele propôs-lhe, logo ali. casamento e ela aceitou-o de imediato. Ele apaixonou-se por ela nessa noite, à primeira vista, que e algo que nenhuma princesa pode esperar. A minha mãe e o meu pai foram abençoados por Deus. Fez com se apaixonassem e os corações de ambos seguiram os seus interesses.

- Deus toma conta dos reis da Espanha - observou Artur, gracejando.

Ida assentiu com a cabeça.

- O teu pai tem razão em procurar a nossa amizade. Estamos a construir o nosso reino a partir do *al-Andalus***,** as terras dos príncipes mouros. Temos Castela e Aragão, agora temos Granada, e teremos mais. O coração do meu pai estipulou que seria Navarra, e ele não vai parar por aí. Sei que está determinado em conquistar Nápoles. Não me parece que vá ficar satisfeito até todas as regiões do Sul e o Ocidente da Franca serem nossas. Vais ver. Ele ainda não conseguiu as fronteiras que deseja para a Espanha.

- Eles casaram-se em segredo? - perguntou ele, ainda deslumbrado com este casal real que moldara as suas vidas com as próprias mãos e traçara o seu destino.

Ela estava com um ar ligeiramente submisso.

- Ele disse-lhe que tinha uma dispensa que não estava devidamente assinada. Creio que a enganou.

Ele franziu a testa.

- O teu maravilhoso pai mentiu a sua santa esposa? Ela esboçou um sorriso triste.

- E verdade, ele é capaz de fazer tudo para conseguir o que 3 quer.

Apercebes-te rapidamente disso quando falas com ele. Ele está sempre mais à frente, dois, talvez três passos mais á frente.

Ele sabia que a minha mãe era devota, e que não casaria sem a dispensa *olé/* — lá estava uma dispensa na mão dela.

- Mas depois emendaram a situação?

- Sim, e apesar de isso desagradar ao pai dele e ao irmão dela, era a atitude correcta a tomar.

- Como poderia ser a atitude correcta? Desafiar a família? Desobedecer ao próprio pai? Isso é pecado. É infringir um mandamento. É um pecado mortal. Nenhum Papa poderia abençoar ura casamento como esse

- Era a vontade de Deus - disse ela confiante. - Nenhum deles sabia que era a vontade de Deus. Mas a minha mãe sabia. Ela conhece sempre as vontades de Deus.

- Como pode ela ter tanta certeza? Como é que podia ter tanta certeza naquela aluna, quando era apenas uma menina?

Ela riu-se.

- Deus e a minha mãe sempre pensaram em consonância. Ele riu-se e esticou um caracol do cabelo dela.

- Mas tomou, definitivamente, a atitude correcta ao enviar-te para junto de mim.

- Pois tomou - respondeu Catarina. - E nós iremos fazer o que está certo pelo país.

- Sim - disse ele. - Tenho tantos planos para nós. quando chegarmos ao trono.

- O que vamos fazer? Artur hesitou.

- Vais pensar que sou uma criança, com a cabeça cheia de historias dos livros.

- Não vou nada. diz-me.

- Gostava de criar um conselho, como o primeiro que Artur fez. Não como o do meu pai, que está cheio de amigos que lutaram por ele, mas um conselho como deve ser, com representantes de todo o reino. Um conselho de cavaleiros, um de cada condado. Não escolhidos por mim por gostar da sua companhia, mas escolhidos pelo seu próprio condado - como os melhores homens para os representar. E gostava que se sentassem à mesa e que cada um deles soubesse o que se está a passar no seu condado, e deveria relatar-mo. E, assim, se Lima colheita não vai correr bem e se vai haver fome, saberíamos atempadamente e enviaríamos alimentos.

Catarina sentou-se, interessada.

- Seriam nossos conselheiros. Os nossos olhos e os nossos ouvidos.

- Sim. E eu gostaria que cada um deles fosse responsável pela construção de defesas, principalmente no Norte e no litoral.

- E para passar revista às tropas uma vez por ano, para estarmos sempre prontos para o ataque - acrescentou ela. - Eles virão, tu sabes.

- Os Mouros?

Ela assentiu com a cabeça.

Estão a ser derrotados na Espanha por enquanto, mas estão mais fortes do que nunca na África, na Terra Santa, na Turquia e nas terias para além dessas. Quando precisarem de mais terras, invadirão novamente a Cristandade. Uma vez por ano, na Primavera, o sultão otomano vai para a guerra, como os outros homens cultivam as terras. Eles atacar-nos-ão. Não poderemos saber quando virão, mas podemos ter a certeza de que o farão.

- Quero defesas ao longo de toda a costa sul contra a França, e contra os Mouros - disse Artur.

Uma série de castelos, e de faróis atrás deles, para que, quando estivermos a ser atacados, por exemplo, em Kent, possamos sabê-lo em Londres, e todos possam ser avisados.

- Terás de construir navios - disse ela. - A minha mãe encomendou navios de guerra aos estaleiros de Veneza.

- Nós temos os nossos próprios estaleiros - respondeu ele. -Podemos construir os nossos navios,

- Como vamos angariar dinheiro para todos esses castelos e navios? - a filha de Isabel fez a pergunta prática.

- Uma parte, cobrando impostos ao povo - retorquiu ele. - A outra parte, cobrando impostos aos mercadores e às pessoas que utilizam os portos. É para segurança deles, devem pagar. Sei que as Pessoas detestam impostos, mas é porque não vêem o que é feito com esse dinheiro.

- Vamos precisar de cobradores de impostos honestos - disse Catarina. - O meu pai diz que cobrar os impostos que são devidos e não perder metade pelo caminho, é melhor do que ter um regimento de cavalaria.

- Sim, mas como se encontra homens em quem se possa confiar? - Artur pensou em voz alta. - Neste momento, qualquer homem que queira fazer fortuna arranja um trabalho como cobrador de impostos. Deviam trabalhar para nós. não para eles. Devi receber um salário e não cobrar por conta própria.

- Nunca ninguém o conseguiu, a não ser os Mouros - disse ela - Os Mouros, em *al-Andalus*, criaram escolas e universidades para os filhos dos pobres, para poderem ter funcionários em quem pudessem confiar. E os grandes ofícios da corte são sempre executados pelos jovens estudantes, por vezes, os filhos mais novos do rei.

- Será que deveria arranjar cem mulheres, para obter mil funcionários para o trono? - brincou ele com ela.

- Nem mais uma.

- Mas temos de encontrar homens de confiança - disse ele c ar pensativo. - Precisas de ter funcionários leais na corte, aqueles que devem o seu salário e obediência à coroa. Caso contrário, trabalham para si mesmos, aceitam subornos e todas as suas Iami" se tornam poderosas.

- A Igreja poderia ensiná-los - sugeriu Catarina. - Tal como os imãs ensinam os rapazes para os Mouros. Se cada paróquia da Igreja fosse tão erudita como uma mesquita, com Lima escola, se cada padre soubesse que tem de ensinar a ler e a escrever, então poderíamos fundar novos colégios nas universidades, para que os rapazes pudessem progredir e aprender mais.

- Isso é possível? - perguntou ele. - Não é apenas um sonho Ela assentiu com a cabeça.

- Podia ser real. Fazer um país é a obra mais real que alguém pode fazer. Criaremos um reino do qual nos possamos orgulhai, tal como a minha mãe e o meu pai fizeram na Espanha.

Podemos decidir como deverá ser, e podemos fazer com que aconteça.

- Camelot - disse ele simplesmente.

- Camelot - repetiu ela.



Castelo de Ludlow, Primavera de 1502

Nevou durante uma semana em Fevereiro, e depois veio gelo, a neve derreteu e agora está a chover outra vez. Não posso passear no jardim nem montar a cavalo nem sequer ir à cidade de mula. Nunca vi tanta chuva na minha vida. Não é como a nossa chuva que cai sobre a terra quente e liberta um odor rico e morno, ã medida que o pó assenta e as plantas bebem a água.

Esta é uma chuva fria que cai numa terra gelada, e não tem qualquer perfume, apenas poças de água que se mantêm cobertas de gelo escuro, como uma pele gelada. Sofro com as saudades da minha casa, nestes dias frios e escuros. Quando conto histórias a Artur sobre a Espanha e sobre o Alhambra, ocorre-me o desejo de que ele os pudesse ver pelos seus próprios olhos, e conhecer a minha mãe e o meu pai. Quero que eles o vejam, e que conheçam a nossa felicidade. Estou sempre a perguntar-me se o pai não o deixaria sair da

Inglaterra... mas sei que estou a sonhar. Nenhum rei, alguma vez, deixaria o seu precioso filho e herdeiro sair das suas terras. Depois começo a imaginar se poderei ir a casa sozinha, numa visita breve. Não suporto estar sem Artur, nem sequer por uma noite, mas depois penso que, a não ser que vá a Espanha sozinha, nunca mais voltarei a ver a minha mãe, e essa ideia, de nunca mais voltar a sentir o toque da sua meio no meu cabelo ou de nunca mais a poder ver a sorrir para mim - não sei como suportaria nunca mais voltar a vê-la.

Sinto-me feliz e orgulhosa de ser Princesa de Gales e a futura Rainha da Inglaterra, mas nunca pensei, não tinha consciência Sei que é um disparate da minha parte! - mas não percebi que **i** *sso significaria que iria viver aqui para sempre, que nunca voltaria a casa. De alguma forma, apesar de saber que casaria com o Príncipe de Gales e que um dia seria Rainha da Inglaterra, não compreendi bem que esta seria a minha casa agora, e para sempre; e que posso nunca mais voltara ver a minha mãe, o meu pai ou a minha casa.*

Pelo menos esperava (que nos escrevêssemos, pensei que teria notícias deles com frequência. Mas foi como ela se comportou com a Isabel, com a Maria,

com a Joana; envia instruções através do embaixador, eu recebo as minhas ordens, como uma princesa da Espanha Mas como uma mãe para a filha, raramente tenho notícias. Não sei como suportá-lo. Nunca pensei que uma coisa destas pudesse acontecer. A minha irmã Isabel voltou para casa. depois de enviuvar, apesar de ter casado novamente e de ter de partir mais uma vez. E Joana escreve-me dizendo que vai a casa, de visita, com o marido. Não é justo que ela vá e eu não seja autorizada a fazê-lo Só tenho dezasseis anos. Não estou preparada para viver sem os conselhos da minha mãe. Não sou suficientemente crescida para viver sem uma mãe. Procuro-a, para que me diga todos os dias o que devo fazer- e ela não está aqui.

A mãe do meu marido, a rainha Isabel, e insignificante na sua própria casa. Não pode ser uma mãe para mim. nem sequer pode decidir como ocupar o seu tempo, como pode aconselhar-me? E a mãe do rei, Lady Margaret, quem decide tudo; e é uma mulher muito considerada e dura. Não pode ser uma mãe para mim, nunca poderia ser uma mãe para ninguém. Ela venera o filho porque, graças a ele, é a mãe do rei; mas não o ama, não sente qualquer ternura por ele. Nem sequer ama Artur, e uma mulher que não é capaz de o amar, é porque não tem coração. Na verdade, estou convencida de que ela não gosta de mim, apesar de não saber porquê.

E, de qualquer modo, tenho a certeza de que a minha mãe tem tantas saudades minhas como eu dela. Seguramente, muito em breve, vai escrever ao rei e pedir-lhe para me deixar ir a casa, em visita. Antes de ficar muito frio aqui. E já faz um frio e uma humidade terríveis. Estou segura de que não vou conseguir passar aqui todo o longo Inverno. Tenho a certeza de que vou adoecer.Estou convicta de que ela deve querer que eu vá a casa...



Catarina, sentada à mesa, diante da janela, tentando apanhar a fraca de uma tarde cinzenta de Fevereiro, pegou na sua carta, onde perguntava à mãe se podia ir visitá-la, a Espanha, e rasgou-a cuidadosamente ao meio, e novamente em dois, e atirou os pedaços a lareira do quarto. Não era a primeira carta que escrevia à mãe a pedir para ir a casa, mas - assim como as outras - nunca chegaria ser enviada. Não trairia a formação que a mãe lhe facultara, fugindo dos céus cinzentos, da chuva gelada e das pessoas cuja língua ninguém entendia e cujas alegrias e tristezas eram um mistério.

Não podia saber que, mesmo que tivesse enviado a carta para o embaixador espanhol em Londres, esse diplomata astuto tê-la-ia aberto e lido, e teria sido ele próprio a rasgá-la, e em seguida transmitiria o teor da mesma ao rei da Inglaterra. Rodrigo Gonsalvi de Puebla sabia, apesar de Catarina ainda não perceber, que o seu casamento forjara uma aliança entre o poder emergente da Espanha e o poder emergente da Inglaterra, contra o poder emergente da França. Não seria permitido que uma princesa com saudades de casa e da mãe causasse instabilidade.



- Conta-me uma história.

- Sou como a Xerazade. queres que te conte mil histórias.

- Oh, sim! - respondeu ele. - Quero ouvir mil e uma histórias. Quantas é que já me contaste?

- Contei-te uma história todas a noites, desde que estamos juntos, desde aquela primeira noite, em Burford - disse ela.

- Quarenta e nove dias - disse ele.

- Apenas quarenta e nove histórias. Se eu fosse a Xerazade. ainda me faltariam novecentas e cinquenta e duas.

Ele sorriu.

- Sabes. Catarina, tenho sido mais feliz nestes quarenta e nove dias do que alguma vez fui na vida.

Ela pegou-lhe na mão e levou-a aos seus lábios.

- E nas noites!

Os olhos dela escureceram de desejo.

-Sim, as noites - disse calmamente.

-Desejo cada uma das novecentas e cinquenta e duas. ainda mais - disse

ele. - F depois, quero mais mil. a seguir a essas.

-E outras mil a seguir a essas?

-E mais mil a seguir a essas, para sempre, ale ambos morrer mos.

Ela sorriu.

- Deus permita que tenhamos longos anos juntos - desejou ternamente.

- Então, o que vais contar-me esta noite? Ela pensou.

- Vou dizer-te um poema mouro.

Artur encostou-se às almofadas, enquanto ela se inclinava p-a frente e fixava os olhos azuis nas cortinas da cama, como pudesse ver para além destas, para qualquer lugar.

-Ele nasceu nos desertos da Arábia - explicou ela. - For i quando foi para a Espanha, sentia saudades de tudo na sua te natal. Escreveu este poema.

"Existe uma palmeira no meio de Rusafa, Nascida no Ocidente, longe da terra das palmeiras. Disse-lhe és Ido parecida comigo, distante e no exílio Há tanto tempo separada da tua família e amigos. Cresceste num solo onde és uma estranha E eu, como tu. estou longe de casa. "

Ele permaneceu em silêncio, assimilando a simplicidade poema.

- Nào é como a nossa poesia - afirmou.

- Não - respondeu ela tranquilamente. - São um povo com u grande amor pelas palavras, adoram dizer uma verdade de foi simples.

Abriu os braços e ela encostou-se a ele e ficaram deitados, lad a lado, com as pernas unidas.

Tocou-lhe no rosto, ela tinha as tac molhadas.

- Oh, meu amor! Estás a chorar? Ela nào disse nada.

- Sei que tens saudades de casa - disse-lhe com ternura, pegando-lhe na

mão e beijando-lhe as pontas dos dedos. - Mas va' habituar-te à tua vida aqui, aos teus mil, milhares de dias aqui.

- Sou feliz contigo - disse Catarina rapidamente. - Só que... -A voz arrastou-se. - A minha mãe- disse, muito baixinho. - Tenho saudades dela. E preocupo-me com ela. Forque... eu sou a mais nova, percebes? E ela manteve-me junto dela o máximo de tempo que pôde.

-Ela já passou... por muito. Perdeu o filho, o meu irmão Juan, e era o nosso único herdeiro. É tão horrível perder um príncipe, não podes imaginar quanto. Não é apenas a sua perda, mas a impossibilidade de tudo que poderia ter sido. A sua vida desapareceu, mas seu reino e o seu futuro também deixaram de existir. A mulher já não vai ser rainha, tudo o que ele esperou já não vai acontecer. E, depois, o herdeiro seguinte, o pequeno Miguel, morreu com apenas dois anos. Era tudo o que nos restava da minha irmã Isabel, a mãe dele e foi vontade de Deus levá-lo também de junto de nós. A pobre da Maria morreu longe de nós, em Portugal, para onde foi para se casar e nunca voltamos a vê-la.

Era natural que a minha mãe me mantivesse perto dela, para seu conforto. Fui o último dos filhos a sair de casa. E agora não sei como ela estará sem mim. Artur pôs-lhe o braço em volta dos ombros e puxou-a para si.

- Deus confortá-la-á.

- Deve sentir-se tão só - disse baixinho.

- De certeza que ela, mais do que qualquer outra mulher no mundo, sente o conforto de Deus.

- Não me parece que isso aconteça sempre - afirmou Catarina. - A própria mãe dela foi atormentada pela tristeza, sabes. Muitas das mulheres da nossa família podem ficar bastante doentes, devido à tristeza. Sei que a minha mãe teme afundar-se na tristeza, como a mãe: uma mulher que via as coisas de uma forma tão obscura que preteriria ter sido cega. Sei que ela receia nunca mais voltar a ser feliz. Eu sei que ela gostaria de me ter junto dela, para a fazer feliz. Da dizia que eu era uma criança nascida com predisposição para a alegria, que podia adivinhar que eu seria sempre feliz.

- O teu pai não a conforta?

- Sim - respondeu ela vagamente. - Mas ele está muitas vezes longe. E, de qualquer forma, eu gostava de estar com ela. Mas tu deves saber como me sinto. Não sentiste saudades da tua mãe. quando toste mandado para longe pela primeira vez? E do teu pai. **das** tuas irmãs e do teu irmão?

- Tenho saudades das minhas irmãs, mas não do meu irmão -respondeu ele. de um modo tão decidido que ela não conseguiu deixar de rir.

- Porque não? Achei-o tão divertido.

- É um gabarolas - respondeu Artur irritado. - Está sempre a evidenciar-se. Pensa no nosso casamento, teve de estar sempre no centro do palco, lembra-te da festa desse dia, teve de dançar para que todas as atenções estivessem concentradas nele. A puxar a Margaret para dançar e a fazer uma representação daquelas.

- Oh. não! Foi só porque o teu pai lhe disse para dançar, e el# estava feliz. É um rapazinho.

- Quer ser um homem. Tenta ser um homem e faz-nos rã2 uma figura ridícula, sempre que o tenta. F ninguém lhe diz nada! Viste como olhava para ti?

- Eu não vi nada - respondeu ela com sinceridade. - Para mim foi tudo muito disperso.

- Fantasiou que está apaixonado por ti e sonhou que era el quem te ia levar ao altar.

Ela riu-se.

- Oh, que disparate!

- Ele sempre foi assim - respondeu, ressentidamente. - E porque é o preferido de todos, permitem que faça e diga tudo o que lhe apetece. Eu tenho de estudar direito e línguas, tenho de viver aqui e preparar-me para assumir a coroa; mas o Henrique fica Greenwich ou emWhitehall. no meio da corte, como se fosse embaixador e não um herdeiro que deveria

receber formação. Tem de ter um cavalo quando eu tenho um cavalo - apesar cie eu ter ti; o mesmo palafrém durante anos. Fie teve um falcão quando cleram o meu primeiro falcão - ninguém o obriga a treinar um liancelho e depois um açor, ano após ano, depois, tem de ter o mesmo tutor que eu, e tenta ultrapassar-me, tenta ser melhor do que eu, sempre que pode, e obtém sempre o melhor.

Catarina percebeu que ele estava verdadeiramente irritado.

- Mas ele é apenas o segundo filho - comentou.

- É o favorito de todos - disse Artur mal-humorado. - Tem tudo o que pede e tudo é fácil para ele.

- Ele não é o Príncipe de Gales - observou ela. - Pode apreciado, mas não é importante. Só fica na corte porque não é st cientemente importante para ser enviado para aqui. Não tem o seu próprio Principado. O teu pai terá planos para ele. Provavelmente casará e será mandado para longe. Um segundo filho tem tanta importância como uma filha.

- Ele vai para a Igreja - disse ele. - Vai ser padre. Quem casaria com ele? Portanto, vai ficar para sempre na Inglaterra. Sou caf. de adivinhar que vou ter de o suportar como meu arcebispo, se ná conseguir tornar-se Papa.

Catarina riu-se perante a ideia de o rapaz loiro, de rosto rosado e inteligente, vir a ser Papa

- Vamos ser todos importantes quando formos adultos - disse. - Tu e eu. Rei e Rainha da Inglaterra, e Henrique, arcebispo; talvez até cardeal.

_ O Henrique nunca crescerá - insistiu ele. - Será sempre um az egoísta. E porque a minha avó e o meu pai sempre lhe deram tudo o que ele quis, bastava ele pedir, vai ser uma pessoa gananciosa ciosa e difícil.

- Talvez mude - disse ela. - Quando a minha irmã mais velha, pobre da Isabel, foi para Portugal pela primeira vez, era a rapariga mais vaidosa e mundana que possas imaginar. Mas quando o marido morreu e ela voltou para casa, não lhe interessava mais nada a não ser ir para um convento. Ficou com o coração despedaçado.

- Ninguém partirá o coração de Henrique - afirmou o irmão mais velho. - Ele não tem nenhum.

- Terias pensado o mesmo da Isabel - argumentou Catarina. -Mas ela apaixonou-se pelo marido no dia do casamento e disse que nunca mais voltaria a amar. Teve de casar pela segunda vez, claro. Mas casou contrariada.

- E tu? - perguntou ele, mudando repentinamente de estado de espírito.

- E eu, o quê? Se casei contrariada?

- Não! Se te apaixonaste pelo teu marido no dia do casamento?

- No dia do casamento não foi. de certeza - retorquiu. - Por falar em gabarolas! O Henrique não é nada, comparado contigo! Ouvi-te dizer a toda a gente, na manha seguinte, que ter uma mulher era um excelente desporto.

Artur teve a delicadeza de ficar envergonhado.

- Posso ter dito alguma coisa na brincadeira.

- Que tinhas estado na Espanha toda a noite?

- Oh, Catarina, perdoa-me. Eu não sabia nada. Tens razão, era uma criança. Mas agora sou um homem, o teu marido. E tu apaixonaste-te pelo teu marido. Por isso. não negues.

- Mas demorou algum tempo - respondeu ela pausadamente. **-** Não foi, de forma alguma, amor à primeira vista.

- Eu sei quando aconteceu, por isso não me podes enganar. Foi naquela noite, em Burford, quando tinhas estado a chorar e eu te beijei a sério pela primeira vez, e enxuguei-te as lágrimas com as minhas mangas. E depois, nessa noite, fui ter contigo e a casa estava tão silenciosa, que era como se fôssemos as únicas pessoas vivas, no mundo inteiro.

Ela enroscou-se mais nos braços dele.

- E contei-te a minha primeira história - disse. - Lembras-te qual foi?

- Foi a história do incêndio em Santa Fé - respondeu ele. - **A** única vez que a sorte esteve contra os Espanhóis.

Ela assentiu com a cabeça.

- Normalmente, éramos nós que levávamos o fogo e a espada O meu pai tem fama de ser impiedoso.

- O teu pai era impiedoso? Apesar de ser terra que estava reivindicar para si? Como esperava convencer as pessoas da sua vontade?

- Através do medo - respondeu ela com simplicidade. - E qualquer modo, não era a sua vontade. Era a vontade de Deus, por vezes Deus não tem misericórdia. Aquela não era uma guerra normal, era uma cruzada. As cruzadas são cruéis. Ele acenou com a cabeça.

-

Escreveram uma canção sobre o avanço do meu pai. Mouros tinham.uma canção. Inclinou a cabeça para trás e numa voz sinistra e baixa, traduzindo as palavras para francês, cantou:

"Cavaleiros atravessam a galope a porta Elvira, sobem até Alhambra, Trazem notícias temerosas, o rei. O próprio Fernando lidera um exército, a flor da Espanha. Ao longo das margens do Jenil; com ele traz Isabel, rainha que tem um coração de homem."

Artur ficou encantado.

-Canta outra vez! Ela riu-se e voltou a cantar.

- E chamavam-lhe mesmo assim: "Rainha que tem um coração de homem"?

- O meu pai diz que, quando ela estava num acampamento era melhor do que dois batalhões, para dar forças ás tropas e para assustar os Mouros. Em todas as batalhas que travaram, nunca derrotada. O exército nunca perdeu uma batalha quando ela estava presente.

-Ser um rei desses! Haver pessoas a escrever canções sobre nós.

- Eu sei - respondeu Catarina. - Ter uma mãe que é uma lenda Não admira que tenha saudades dela. Naquele tempo, ela não tinha medo de nada. Nem quando as chamas quase nos destruíram e teve medo. Nem das chamas durante a noite, nem da derrota.

Mesmo quando o meu pai e todos os seus conselheiros concordaram que teríamos de recuar para Toledo, rearmarmo-nos e voltar no ano seguinte, a minha mãe disse que não.

- Ela discute com ele em público? - perguntou Artur fascinado pela idéia de uma mulher que não era submissa.

_ Não discute, propriamente - retorquiu ela, com ar pensativo. Nunca o contradiria ou desrespeitaria. Mas ele sabe muito bem quando ela não está de acordo. E, a maior parte das vezes, fazem o que ela quer.

Ele abanou a cabeça.

- Sei o que estás a pensar, uma mulher deve obedecer. Ela própria o diria. Mas a dificuldade é que ela tem sempre razão - afirmou Catarina. - De todas as vezes que me recordo, sempre que se punha a questão de o exército dever ou não avançar, ou de haver alguma coisa a ser feita, é como se Deus a aconselhasse, é mesmo assim; ela sabia melhor o que devia ser feito. Até o meu pai tem noção de que ela sabe melhor.

- Deve ser uma mulher extraordinária.

- É a Rainha - respondeu Catarina simplesmente. - Rainha de pleno direito. Não é uma mera rainha por casamento, nem uma plebeia educada para ser rainha. Nasceu Princesa da Espanha como eu. Nasceu para ser rainha. Foi salva por Deus dos mais terríveis perigos para ser Rainha da Espanha. Que mais poderia fazer senão comandar o seu reino?



Nessa noite, sonho que sou um grande pássaro, uma andorinha, um gaivão, sobrevoando alto e destemidamente o reino da nova Castela, para sul de Toledo, sobre Córdova, para sul, para o reino de Granada; o terreno sob mim, estendido como uma tapeçaria escura, tecida com a lá dourada das ovelhas dos Berberes, a terra de latão perfurada por penhascos de bronze, os montes

tão altos que nem sequer as oliveiras conseguem fixar-se nas suas encostas íngremes. E continuo a voar, com o meu pequeno coração de Pássaro a tremer, até avistar as paredes rosadas do Alcazar, o grande forte que rodeia o Palácio de Alhambra, e voando mais baixo e rápido, ***toco*** *ao de leve na esquadria brutal da torre de vigia, onde a bandeira da lua crescente em tempos esvoaçou, para descer em direção ao Pátio dos Mirtilos e esvoaçar, em círculos, no ar quente, rodeado de edifícios delicados de estuque e azulejos, olhando para baixo, para o reflexo na água, e vendo por fim, aquela que procuro-a, minha mãe, Isabel da Espanha, a passear no ar morno da noite, pensando na filha, na Inglaterra distante.*



Castelo de Ludlow, Março de 1502

- Quero pedir-vos que conheçais uma senhora que é muito minha amiga e que também quer ser vossa amiga - disse Artur, escolhendo cuidadosamente as palavras.

As damas de companhia de Catarina, aborrecidas, numa tarde fria sem distracções, inclinaram- se para a frente, para ouvirem, tentando parecer concentradas nos seus trabalhos de costura.

Ela ficou imediatamente branca como o linho que bordava.

- Meu senhor? - perguntou ansiosamente. Ele não mencionara nada a este respeito, de manhã, quando tinham acordado e feito amor. Não esperava vê-lo antes do jantar. O facto de aparecer assim, nos seus aposentos, indicava que algo acontecera. Ela estava preocupada, à espera de saber o que se estava a passar.

- Uma senhora? Quem é?

- Deveis ter ouvido as outras falar dela, mas suplico-vos que vos lembreis que ela está disposta a ser vossa amiga, e sempre foi uma boa amiga minha.

Catarina levantou a cabeça num rompante e respirou fundo Por momentos,

por um momento terrível, pensou que ele estava a apresentar uma antiga amante na sua corte, suplicando por um lugar entre as damas de companhia para alguma mulher que fora sua amante, para poderem continuar a sua ligação.



Se é isso que ele está a fazer, sei qual é o meu papel. Vi a minha mãe ser assombrada pelas raparigas bonitas a quem o meu Deus lhe perdoe, não conseguia resistir. Vezes sem conta, v í a m o - l o prestar atenção a algum rosto novo na corte. De todas as vezes, minha mãe comportava-se como se não tivesse visto nada. ***ofere****cia um dote elevado a rapariga, casara-a com um membro da corte incentivava-o a levar a sua nova mulher para longe, para muito longe. Era tão freqüente, que se tornou uma anedota: se uma rapariga quisesse fazer um bom casamento, com a bênção da rainha e viajar para uma província remota, tudo o que tinha de fazer era captar as atenções do rei, e muito rapidamente ver-se-ia a sair do Alhambra, num excelente cavalo, com um conjunto de roupa nova.*

Sei que uma mulher sensata olha para o outro lado e tenta suportar a sua dor e humilhação, quando o marido decide levar outra mulher para a cama. O que ela não deve fazer é comportar-se como a minha irmã Joana, que se envergonha a si mesma e a todos nós gritando, chorando histericamente e ameaçando vingar-se.

- Não resolve nada-, disse-me uma vez a minha mãe, quando um dos embaixadores nos contou uma cena terrível na corte de Filipe, na Holanda. Joana ameaçara cortar o cabelo da mulher, atacando-a com uma tesoura e depois jurando que se esfaquearia.

- Queixar-se só agrava a situação. Se um marido se afasta, lemos de voltar a trazê-lo para a nossa vida e para a nossa cama, independentemente do que tenha feito; não há escapatória ao casamento. Se fores rainha e ele rei. têm de tratar de assuntos em conjunto. Se ele se esquecer do seu dever para contigo, isso não é motivo para te esqueceres do teu para com ele. Por muito doloroso que seja, continuas a ser a sua rainha e ele não deixa de ser teu marido.

- Independentemente do que ele fizer? - perguntei-lhe. - Seja qual for o

comportamento dele?

Ele é livre, apesar de eu estar presa?

Ela encolheu os ombros.

- Seja o que for que ele faça, não pode quebrar o vínculo matrimonial. Vocês foram casados perante Deus. ele será sempre o teu marido, e tu serás sempre a sua rainha. Aqueles que Deus juntou, nenhum homem pode separar. Por muito sofrimento que o teu marido te traga, contínua a ser teu marido. Pode ser um mau marido; mas não deixa de ser o teu marido.

- E se ele desejar outra?- perguntei, com a minha curiosidade infantil aguçada.

- Se ele desejar outra, pode tê-la ou ela pode recusá-lo, isso é entre eles. Isso é um problema dela e da consciência dela - respondera a minha mãe firmemente. - O que não deve mudar és tu.

Seja que for que ele disser, seja o que for que ela quiser: continuas a ser sua mulher e sua rainha.



Catarina recordou estes conselhos e encarou o jovem marido.

- Fico sempre contente por conhecer uma amiga vossa, meu senhor - disse num tom uniforme, esperando que a voz não lhe tremesse. - Mas. como sabeis, tenho um séquito muito reduzido. O vosso pai foi bastante explícito em dizer que não poderia ter mais damas de companhia do que aquelas de que disponho actualmente. Como é do vosso conhecimento, ele não me paga nenhum mesada. Não tenho dinheiro para pagar a mais uma dama pelos seus serviços.

Resumindo, não posso ter mais nenhuma dama. mesmo que seja uma amiga especial vossa, na minha corte.

Artur vacilou ao lembrar-se da discussão feroz com o pai por causa da comitiva dela.

- Oh, não, não estais a perceber. Não é uma amiga que quer um lugar. Ela não quer ser vossa dama de companhia - disse ele apressadamente. - Trata-se de Lady Margaret Fole, que está à espera para vos conhecer. Finalmente regressou a casa.



Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós. Isto é pior do que se se tratasse de uma amante. Sabia que teria de encarada um dia. Esta é a sua casa, mas estava fora quando cheguei e pensei que me menosprezara, afastando-se deliberadamente e mantendo-se longe. Pensei que estava a evitar-me por ódio, como eu a evitaria por vergonha. Lady Margaret Pole é irmã daquele pobre rapaz, o Duque de Warwick, decapitado para tornar a sucessão segura para mim, e para a minha linhagem. Temo o momento em que terei de a conhecer. Tenho rezado aos santos para que permaneça longe, odiando -me, culpando-me, mas mantendo a sua distância.



Artur viu a sua fugaz expressão de rejeição, mas não encontrara uma forma de a preparar para isto.

- Por favor - disse apressadamente. - Tem estado longe a tomar conta dos filhos ou teria cá vindo com o marido, dar-vos boas-vindas ao castelo, assim que chegamos. Disse-vos que ela iria voltar. Quer cumprimentar-vos agora. Todos temos de viver aqui em conjunto. Sir Richard é um amigo de confiança do meu pai, lorde do meu conselho e o guardião deste castelo.

Teremos de meu conselho e o guardião deste castelo. Teremos de viver todos juntos. Catarina estendeu-lhe uma mão a tremer e ele aproximou-se logo. ignorando a atenção fascinada das damas de companhia.

- Não posso encontrar-me com ela - sussurrou ela. - Sinceramente, não sou capaz. Sei que o irmão dela foi executado por minha causa. Eu sei que os meus pais insistiram nisso, antes de me enviarem para Inglaterra. Sei que ele estava inocente, como uma flor, e que foi detido na Torre pelo teu pai, para que os homens não se juntassem em seu redor e reivindicassem o trono em seu nome. Podia ter vivido aqui em segurança toda a vida, se os meus pais não tivessem exigido a sua execução. Ela deve odiar-me.

- Não te odeia - respondeu ele com sinceridade. - Acredita em mim, Catarina, não te exporia à crueldade de ninguém. Ela não te odeia, não me odeia, nem sequer odeia o meu pai, que ordenou a execução. Sabe que estas coisas acontecem. É uma princesa, sabe tão bem como tu que não são as escolhas, mas a política, quem nos governa. Não foi uma escolha tua, nem minha. Ela sabe que o teu pai e a tua mãe tinham de se assegurar de que não havia príncipes rivais a reivindicar o trono, que o meu pai desimpediria o meu caminho, custasse o que custasse. Está resignada.

- Resignada? - suspirou ela incrédula. - Como pode uma mulher resignar-se com o assassínio do irmão, do herdeiro da família? Como pode receber-me com amizade, quando ele morreu para minha conveniência? Quando perdemos o meu irmão, o nosso mundo acabou, as nossas esperanças morreram com ele. O nosso futuro foi enterrado com ele. A minha mãe, que é uma santa viva, ainda não consegue suportá-lo. Nunca mais voltou a ser feliz desde ° dia da morte dele. É insuportável para ela. Se ele tivesse sido executado por algum estranho, juro que ela teria cobrado uma vida em troca. Como pode Lady Margaret perder o irmão e suportar isso?

Como consegue suportar-me?

- Esta resignada - disse ele simplesmente. - É uma mulher bastante espiritual e. se procurava uma recompensa, encontrou-a no acto de estar casada com Sir Richard Pole, um homem em que o meu pai confia plenamente, e vive aqui na maior das considerações. e minha amiga e espero que também seja tua.

Pegou-lhe na mão e sentiu-a a tremer, -Vamos, Catarina, isto nem parece teu. Sê corajosa, meu amor.

Ela não te vai culpar.

- Ela deve culpar-me respondeu ela num murmúrio angustiado - os meus pais insistiram em que não deveria haver dúvidas quanto à tua herança. Eu sei que o fizeram. O teu próprio pai prQ_ meteu que nào haveria príncipes rivais. Sabiam o que ele pretendia fazer. Nào lhe disseram para preservar a vida de um homem inçv cente. Permitiram que o fizesse. Queriam que o fizesse. C) sangue de Eduardo de Plantageneta está na minha cabeça. O nosso casamento está amaldiçoado pela morte dele.

Artur recuou, nunca a vira tào perturbada.

- Meu Deus, Catarina, nào podes dizer que estamos amaldiçoados.

Ela acenou com a cabeça tristemente.

- Nunca falaste disso.

- Nào suportava dizê-lo.

- Mas pensaste nisso?

- Desde o dia em que me disseram que ele fora executado minha causa.

- Meu amor, nào podes estar realmente convencida de que estamos amaldiçoados?

- Neste caso.

Ele tentou rir-se da intensidade das suas palavras.

- Não. Tens de pensar que fomos abençoados. - Puxou-a par si e disse muito baixinho, para que mais ninguém pudesse ouvir Todas as manhas, quando acordas nos meus braços, sentes-te amaldiçoada?

- Nào - respondeu, contrariada. - Não, não sinto.

- Todas as noites, quando vou ter contigo ao quarto, sentes a sombra do pecado sobre ti?

- Não - admitiu.

- Não fomos amaldiçoados - respondeu ele firmemente. Fomos abençoados com o favor de Deus. Catarina, meu amor. cor fia em mim. Ela perdoou o meu pai, seguramente nunca te culpar Juro-te, é uma mulher com um coração do tamanho de uma cate dial. Quer conhecer-te.

Vem comigo e deixa-me apresentar-ta.

- Então, sozinha - disse ela, ainda temendo uma cena terrível.

- Sozinha. Neste momento, está nos aposentos do guardião castelo. Se vieres já, podemos deixá-las todas aqui e ir, sozinhos tranquilamente falar com ela.

Ela levantou-se da cadeira e pôs a mão no cotovelo dele.

- Vou sozinho com a princesa - comunicou Artur às damas companhia dela.
- Podeis ficar todas aqui.

Elas ficaram surpreendidas por serem excluídas, e algur delas abertamente desapontadas. Catarina passou por elas levantar o olhar. Depois de transpor a porta, ele seguiu à sua frente pelas escadas estreitas em espiral, com uma das mãos pousada no corrimão central de pedra, outra na parede. Catarina seguiu-o. demorando-se cada janela em forma de seteira, olhando lá para baixo, para o vale onde o Teme ultrapassara as margens e parecia um lago prateado sobre os prados alagados. Estava frio. mesmo para Março, nos Borders. e Catarina sentiu um arrepio, como se um estranho estivesse a caminhar sobre a sua campa.

- Meu amor - disse ele, olhando de baixo para cima, nas escadas estreitas, para onde ela se encontrava. - Coragem. A tua mãe seria corajosa.

- Foi ela que ordenou isto - respondeu ela de mau humor. -Pensou que era para meu bem. Mas um homem morreu por causa da ambição dela. e agora eu tenho de encarar a irmã.

- Ela fê-lo por ti - relembrou-lhe ele. - E ninguém te culpa. Chegaram ao andar por baixo dos aposentos da princesa e, sem hesitação, Artur bateu à porta de madeira maciça dos apartamentos do guardião e entrou.

A sala quadrada, que dava para o vale, era semelhante à sala de estar de Catarina no andar de cima. revestida a madeira e decorada com tapeçarias de cores vivas. Estava lá uma senhora à espera deles, sentada perto da lareira, e, quando a porta se abriu, levantou-se. Trazia um vestido cinzento-claro e um toucado cinzento na cabeça. Tinha aproximadamente trinta anos; olhou para Catarina com um interesse amigável e depois fez uma grande e respeitosa reverência. Desobedecendo ao aperto de dedos da noiva, Artur retirou o braço e recuou até à porta. Catarina olhou para trás, para ele, com ar reprovador e, em seguida, dirigiu uma

pequena reverência à mulher mais velha. Levantaram-se ao mesmo tempo.

- Muito prazer em conhecer-vos - disse Lady Fole, com ar doce. - E peço desculpa por não ter cá estado, para vos receber. Mas um dos meus filhos estava doente e eu fui certificar-me de que estava a ser bem tratado.

- O vosso marido tem sido muito simpático - conseguiu dizer Catarina.

- Espero que sim, deixei-lhe uma longa lista de indicações; queria tanto que os vossos aposentos estivessem quentes e conformeis- Tereis de dizer-me se houver alguma coisa que desejardes.

Não conheço a Espanha, por isso não sei o que vos agradaria.

- Não! Esta tudo... absolutamente.

A mulher mais velha olhou para a princesa.

- Então, espero que sejais muito feliz aqui connosco - dis«» :

- Espero que... - Catarina respirou fundo. - Mas eu... Eu...

- Sim?

- Fiquei muito triste por saber da morte do vosso irmão Catarina foi directa. O seu rosto, que estivera branco de desconforto. passara agora a escarlate. Fodia sentir as orelhas a arder e, para seu horror, ouvia a voz a tremer. - De verdade, fiquei com muita pena. Muita...

- Foi uma grande perda para mim, e para os meus - respondeu a mulher com firmeza. - Mas o mundo é assim.

- Temo que a minha vinda...

- Nunca pensei que fosse uma escolha vossa ou que fosse por vossa culpa, Princesa. Quando o nosso querido príncipe Artur foi prometido em casamento, o pai tinha de se certificar cie que a herança dele estava segura. Eu sei que o meu irmão nunca teria ameaçado a paz dos Tudor, mas eles não poderiam sabê-lo. E ele foi mal aconselhado por um jovem perverso, arrastado para uma conspiração disparatada... - Começou a chorar e a sua voz tremia; mas recompôs-se rapidamente. - Perdoai-me.

Ainda é difícil para mim. O meu irmão estava inocente. A sua conspiração ridícula era a prova da sua inocência, não da sua culpa. Não tenho qualquer dúvida que agora se encontra junto de Deus. com todos os inocentes.

Sorriu para a princesa.

- Neste mundo, nós. mulheres chegamos à conclusão, com quência, de que não temos qualquer poder sobre os actos d homens. Tenho a certeza de que não desejaríeis nenhum mal ao meu irmão e. na verdade, tenho a certeza cie que ele não vos teria enfrentado a vós, nem ao nosso querido príncipe, aqui. Porém, as coisas são mesmo assim e por vezes são tomadas medidas cruéis. O meti pai fez algumas más escolhas na vida, e Deus sabe que pagou por todas elas. O filho, apesar de inocente, seguiu os passos do pai. Se saísse a outra face da moeda, tudo poderia ter sido diferente Creio que uma mulher tem de aprender a viver com as probabili des. mesmo que estas lhe sejam desfavoráveis.

Catarina ouviu-a atentamente.

- Sei que a minha mãe e o meu pai queriam ter a certeza que a linhagem dos Tudor não era contestada - suspirou. - Sei q o disseram ao rei.

Sentia que tinha de garantir que aquela mulher conheces, profundidade da sua culpa.

- Como eu poderia ter feito, se estivesse no lugar deles – disse a Lady Margaret simplesmente. - Princesa, não vos culpo, n a vossa mãe, nem ao vosso pai. Não culpo o nosso grande rei. Se eu fosse qualquer um deles, poderia ter tido exactamente a mesma atitude, e só daria explicações a Deus. Tudo o que tenho a fazer, urna vez que não sou uma dessas pessoas importantes, mas apenas urna humilde esposa de um grande homem, é preocupar-me com o meu comportamento e com a forma como me explicarei perante Deus.

- Sinto que vim para este país com a morte dele na minha consciência - admitiu Catarina num repente.

A mulher mais velha abanou a cabeça.

-A morte dele não deve estar na vossa consciência - respondeu firmemente. - E é errado que vos culpeis pelos actos de outros. Na verdade, penso que o vosso confessor vos diria: é uma forma de orgulho. Esse deve ser o único pecado que deveis confessar, não tendes de assumir a culpa pelos pecados de outros.

Catarina levantou o olhar pela primeira vez, para deparar com o olhar fixo de Lady Pole. e viu-a sorrir. Recatadamente, retribuiu--lhe o sorriso, e a mulher mais velha estendeu a mão, como um homem ofereceria um aperto de mão num negócio.

- Sabeis - disse ela brincando -, eu própria também fui uma Princesa Real. Fui a última princesa Plantageneta, educada pelo rei Ricardo, na creche, com o seu filho. De todas as mulheres do mundo, eu deveria saber que há muitas coisas na vida que uma mulher não pode controlar.

Existe a vontade do nosso marido, dos nossos pais, do nosso rei e do nosso Deus. Ninguém pode culpar uma princesa pelos actos de um rei. Como pode alguém pôr isso em causa? Ou fazer alguma diferença? A nossa atitude deve ser a de obediência. Catarina envolvida no caloroso e firme aperto de mão. sentiu--se maravilhosamente reconfortada.

- Receio nem sempre ser muito obediente - confessou. A mulher mais velha riu-se.

- Oh, sim, seríamos tontas se não pensássemos por nós -admitiu**. -** A verdadeira obediência só pode acontecer quando estamos convencidas de que temos razão, e escolhemos baixar a cabeça.

Tudo o que seja menos que isso não passa de acordo, e qualquer tontinha-de-companhia pode estar de acordo. Não pensais? E Catarina, gracejando, pela primeira vez, com uma mulher inglesa, riu**-se** alto e afirmou: - Nunca quis ser uma tontinha-de-companhia.

- Nem eu - disse Margaret Pole. que fora uma Plantageneta, Princesa Real e era agora uma simples esposa, escondida na solidez das fronteiras Tudor.

- Sempre soube que era eu própria, no meu coração, seja qual for o título que me for atribuído.



Estou tão surpreendida por descobrir que a mulher cuja presença temi está afazer o castelo de Ludlow parecer-se mais com uma casa. Lady Margaret Pole é uma companhia e uma amiga para me consolar pela perda da minha mãe e irmãs. Percebo agora que sempre vivi num mundo dominado por mulheres: a rainha minha mãe, as minhas irmãs, as nossas damas de companhia, e todas as criadas do serralho. No Alhambra vivíamos quase à parte dos homens, em divisões concebidas para o prazer e o conforto das mulheres. Vivíamos praticamente em reclusão, na privacidade das salas frescas, e corríamos pelos pátios, reclinando-nos nas varandas, seguras na convicção de que metade do palácio era exclusivamente propriedade nossa.

Comparecíamos na corte, com o meu pai, não estávamos escondidas; mas o desejo natural das mulheres por privacidade era respeitado e enfatizado pela planta do Alhambra, onde as salas mais belas e os melhores jardins nos estavam reservados. É estranho chegar a Inglaterra e encontrar um mundo dominado por homens. É evidente que tenho os meus próprios aposentos e as minhas damas de companhia, mas qualquer homem pode aparecer e pedir para ser recebido, em qualquer momento. Sir Richard Pole ou qualquer um outro dos membros do séquito de Artur pode entrar nos meus aposentos sem avisar e pensar que me estão a fazer um cumprimento. Os Ingleses parecem considerar normal que os homens e as mulheres devam misturar-se. Ainda não vi nenhuma casa com salas exclusivas para as mulheres, e nenhuma mulher usa véu, como por vezes fazíamos na Espanha, nem sequer quando viajam, nem sequer no meio de estranhos.

Até a Família Real está aberta a toda a gente. Homens, mesmo estranhos, podem passear pelos palácios reais, desde que sejam suficientemente inteligentes para que os guardas os deixem entrar. Podem esperar na antecâmara da rainha e vê-la sempre que ela passar, olhando para ela como se fizessem parte da família. O grande salão, a capela, os aposentos públicos da rainha estão abertos a qualquer um que tenha um bom chapéu e uma capa e se faça passar por nobre. Os Ingleses tratam as mulheres como se fossem rapazes ou criados, podem ir a qualquer lado, podem ser observadas por qualquer pessoa. Durante algum tempo pensei que isto era uma grande liberdade, e durante algum tempo congratulei-me por isso- depois, percebi que as mulheres inglesas podem mostrar os seus rostos, mas não são ousadas como os homens, não são livres como os rapazes; continuam a ter de

permanecer em silêncio e obedecer.

Agora que Lady Margaret Pole voltou aos aposentos do guardião, parece que este castelo voltou a ser governado por mulheres. As noites no salão são menos pesadas, até a comida ao jantar é diferente. Os trovadores cantam canções sobre amor e menos sobre batalhas, fala-se mais francês e menos galês. Os meus aposentos são no andar de cima, e os dela no andar de baixo, e passamos o dia a subir e a descer as escadas, para estarmos juntas. Quando Artur e Sir Richard saem para caçar, a guardiã do castelo continua a estar em casa e esta já não parece vazia. De alguma forma, ela transforma-o num castelo feminino, só pela sua presença. Quando Artur está fora, a vida do castelo não é silenciosa, ã espera que regresse. É um lugar caloroso, feliz e movimentado nas suas rotinas diárias.

Sentia falta de ter uma mulher mais velha como amiga. Maria de Salinas é uma rapariga tão nova e tonta quanto eu, é uma companhia, não uma mentora. Dona Elvira foi nomeada pela minha mãe, a rainha, para a substituir; mas não é uma mulher com quem possa estabelecer uma relação muito afectiva, apesar de ter tentado gostar dela. ***E*** *rígida comigo, tem ciúmes da influência que Maria de Salinas tem sobre mim, ambiciosa por gerir toda a corte. Ela e o marido, que dirige o meu séquito, querem dominar a minha vida. Desde aquela primeira noite em Dogmersfield, quando contradisse o próprio rei, tenho dúvidas em relação ao seu bom- senso. Ainda agora, está sempre a avisar-me para ter cuidado, para não me tornar demasiado próxima de Artur, como se fosse errado amar um marido, como se eu conseguisse resistir-lhe!*

Ela pretende criar uma pequena Espanha na Inglaterra. ***quer*** *que continue a ser a Infanta. Mas eu estou certa de que o caminh* o *que tenho pela frente na Inglaterra é tornar-me inglesa. Dona Elvira não quer aprender inglês. Finge não perceber francês, quando é falado com pronúncia inglesa. Trata os Galeses com grande desprezo, como se fossem bárbaros no limiar da civiliza****ção,*** *o que não é agradável para mim, quando estamos a visitar os habitantes de Ludlow. Para ser honesta, por vezes, tem um com parlamento mais altivo do que qualquer outra mulher que conheço, é mais orgulhosa do que a minha própria mãe. É seguramente mais altiva do que eu. Tenho de admirá-la, mas não consigo amá-la verdadeiramente.*

Mas Margaret Pole foi educada como sobrinha de um rei e é tão fluente em

latim como eu. Falamos francês com facilidade, está a ensinar-me inglês, e quando encontramos uma palavra que não conhecemos, numa das línguas que partilhamos, fazemos mímicas que nos fazem rir ás ngargalhadas. Fi-la chorar a rir quando tentei mostrar-lhe o que significava indigestão, e os guardas vieram a correr, pensando que estávamos a ser atacadas, quando ela recorreu todas as aias da corte e às suas criadas, para me demonstrar o protocolo correcto para uma caçada inglesa no campo.



Com Margaret, Catarina pensou que podia colocar a questão do seu futuro, e do seu sogro, em relação a quem se sentia muito ansiosa.

- Ele ficou zangado antes de virmos embora - disse. - Foi questão do dote.

- Ai sim? - respondeu Margaret. As duas mulheres estavam sentadas junto de uma janela, à espera que os homens voltassem da caça. Estava muito frio e húmido lá fora. nenhuma das duas quisera sair Margaret achou melhor não dizer nada acerca do incómodo tema do dote de Catarina; já soubera pelo marido que o rei da Espanha era perfeito na arte das negociações dúbias. Acordara um dote substancial pela Infanta, mas depois, enviou-a para a Inglaterra apenas co metade da quantia. O resto, sugeriu, poderia ser completado com a baixela e o tesouro que trouxera, como bens para a casa. Escandalizado. o rei Henrique reclamara a quantia total. Graciosamente Fernando da Espanha respondeu que o séquito da princesa tora abas tecido com tudo do melhor, Henrique poderia escolher.

Era uma péssima maneira de começar um casamento que. de qualquer modo, estava baseado em ganância e ambição, e num receio partilhado da França. Catarina foi apanhada entre a determinação de dois homens frios. Margaret adivinhou que uma das razões pelas quais Catarina fora enviada para o Castelo de Ludlow com o marido era obrigá-la a usar os seus bens para diminuir o respectivo valor Se o rei Henrique a tivesse mantido em Windsor, Greenwich ou Westminster, teria comido nos seus pratos e o pai teria argumentado que a baixela espanhola estava nova e teria de ser aceite como dote. Mas, agora, comiam todas as noites nos pratos em ouro de Catarina e cada risco de uma faca usada com menos cuidado reduzia ligeiramente o seu valor. Quando chegasse a altura de pagar a segunda

parte do dote, o rei da Espanha descobriria que teria de fazê-lo em dinheiro. O rei Fernando poderia ser um homem duro e um negociante astuto, mas encontrara um semelhante em Henrique Tudor.

- Ele disse que eu deveria ser como uma filha para ele - relatou Catarina cuidadosamente. - Mas não posso obedecer-lhe como uma filha, se tenho de obedecer ao meu pai. O meu pai disse-me para não usar a minha baixela e para a entregar ao rei. Mas ele não a aceita. E uma vez que o dote está por pagar, o rei mandou-me para aqui sem provisões, nem sequer me paga a mesada.

- O embaixador espanhol não vos aconselha? Catarina fez uma careta.

- Ele é um aliado do rei - respondeu ela. - Não me ajuda nada. Não gosto dele. É judeu, mas convertido. Um homem que se adapta facilmente. É espanhol, mas vive cá há muitos anos.

Tornou-se um homem que serve os Tudor, não Aragão. Tenho de contar ao meu pai que é muito mal representado pelo Dr. de Puebla, mas entretanto, não recebo bons conselhos, e no meu séquito, a Dona Elvira e o meu tesoureiro estão sempre a discutir. Ela diz que os meus bens e o meu tesouro têm de ser entregues a joalheiros para obtermos dinheiro, ele diz que não permitirá que saiam da sua vista até serem pagos ao rei.

- E não perguntastes ao príncipe o que deveis fazer? Catarina hesitou.

- É um assunto entre o meu pai e o dele - disse com precaução. - Não quero que isso nos perturbe. Ele pagou todas as minhas des pesas de viagem até aqui. Vai ter de pagar os salários das minhas aias até ao solstício do Verão e, em breve, vou precisar de vestidos novos. Não quero pedir-lhe dinheiro. Não quero que pense que sou gananciosa.

- Vós amai-lo, não amais? - perguntou Margaret, sorrindo, e observou o rosto da jovem animar-se.

- Oh, sim - a rapariga respirou fundo. - Amo-o muito. A mulher mais velha sorriu.

- Sois abençoada - disse gentilmente. - Ser uma princesa e encontrar o amor com o marido com quem vos obrigaram a casar.

Sois abençoada, Catarina.

- Eu sei. Penso realmente que é um sinal do favor especial de Deus para comigo.

A mulher mais velha fez uma pausa diante da grandiosidade da afirmação, mas não a corrigiu.A confiança da juventude desvanecer-se-ia em breve, sem necessidade de quaisquer avisos.

- E tendes alguns indícios? Catarina pareceu baralhada.

- De uma criança vir a caminho? Sabeis o que procurar? A jovem corou.

- Sei. A minha mãe disse-me. Ainda não há indícios.

- Ainda é cedo - disse Lady Margaret, com ar confortador. - Mas se houvesse uma criança a caminho, julgo que não haveria problemas em relação ao dote. Creio que nada seria demasiado bom para vós, se estivésseis à espera do próximo príncipe Tudor.

- Deveria receber a minha mesada, quer estivesse à espera de um filho, quer não - observou Catarina. - Sou a Princesa de Gales, devia receber uma mesada para me sustentar.

- Sim - respondeu Margaret secamente. - Mas quem vai convencer o rei disso?

- Conta-me uma história.

Estavam mergulhados na luz dourada da vela e da lareira. Era meia-noite e o castelo estava silencioso, o único som que se ouvia era o das suas vozes falando baixinho, todas as luzes estavam apagadas, à excepção da lareira dos aposentos de Catarina, onde os dois jovens amantes resistiam ao sono.

- Que história queres que te conte?

- Conta-me uma história sobre os Mouros.

Ela reflectiu por uns instantes, colocando um xaile sobre os ombros nus para se proteger do frio. Artur estava esticado na cama. mas quando ela se mexeu, puxou-a para si, de modo a que acabeça dela repousasse no seu

peito despido. Passou-lhe a mão pelo cabelo forte e vermelho e apanhou-o com a mão.

Vou contar-te uma história sobre uma das sultanas - disse ela. - Não é uma história. É verdade. Ela estava no harém; sabes que as mulheres vivem à parte dos homens nos seus próprios aposentos?

Ele acenou com a cabeça, observando a luz da vela tremeluzente que incidia no pescoço *dela, na* concavidade da clavícula. - Ela olhava pela janela, e maré do rio debaixo da sua janela estava baixa. As crianças pobres da cidade brincavam na água. Estavam na rampa dos barcos e tinham espalhado lama por todo o lado e escorregavam e deslizavam na lama. Ria-se enquanto os observava e dizia para as suas aias que gostava de poder brincar daquela forma.

- Mas ela não podia sair?

- Não, ela nunca podia sair As suas aias disseram aos eunucos que guardavam o harém, os eunucos disseram ao grão-vizir e ele disse no sultão, e quando ela se afastou da janela e sedirigiu à sala de estar, adivinha o que aconteceu? Ele abanou a cabeça, sorrindo.

- O que foi?

- A sua sala de estar era um grande salão de mármore. O chão era de mármore com veios rosados. O sultão ordenara que trouxessem grandes jarros de óleos perfumados e que os espalhassem no chão. Foi ordenado a todos os perfumistas da cidade que trouxessem óleo de rosas para o palácio. Trouxeram pétalas de rosa e ervas de cheiro doce e fizeram uma massa espessa de óleo, de pétalas de rosas e de ervas e espalharam numa camada com alguns centímetros de espessura, por todo o chão da sua sala de estar. A sultana e as suas aiasdespiram as camisas e escorregaram e brincaram na lama. atiraram água de rosas e pétalas e brincaram a tarde inteira como os miúdos na lama.

Ele estava abismado.

- Fantástico.

Ela sorriu para ele.

- Agora é a tua vez. Conta-me tu uma história.

-Não tenho histórias dessas - São todas sobre combates e vitórias. Essas são as que gostas mais que eu conte - lembrou-lhe.

- Pois são. E agora o teu pai vai voltar a entrar em guerra.

- Vai?

- Não sabias?

Catarina abanou a cabeça.

- O embaixador espanhol, por vezes, envia-me uma carta com noticias, mas não me disse nada.É uma cruzada?

- És um soldado de Cristo sedento de sangue. Pensar-se-ia que infiéis tremem nas sandálias.

Não, não é uma cruzada. É uma causa bastante menos heróica. O teu pai, surpreendentemente para nós, fez uma aliança com o rei Luís da Franca. Aparentemente, planeiam invadir a Itália juntos e partilhar o espólio.

- O rei Luís? - perguntou ela. surpreendida - Nunca! Pensei que seriam inimigos até à morte.

- Bem. parece que o rei francês não se preocupa com quem se alia. Primeiro os Turcos e agora o teu pai.

- Bem. mais vale o rei Luís fazer alianças com o meu pai do que com os Turcos - disse ela firmemente. - Qualquer coisa é melhor do que eles serem convidados a entrar.

- Mas porque é que o teu pai se uniria ao nosso inimigo?

- Pie sempre quis Nápoles - confessou-lhe ela. - Nápoles e Navarra. De uma forma ou de outra, ele tê-las-á. () rei Luís pode pensar que tem um aliado, mas existe um preço elevado a pagar. Eu conheço-o. Ele joga um jogo demorado, mas normalmente obtém o que quer. Quem te contou isso?

- O meu pai. Penso que ele está irritado por não fazer parte do conselho

deles. Os únicos que receia mais do que os Escoceses são os Franceses. F uma desilusão para nós que o teu pai se alie com eles, seja para o que for.

- Pelo contrário, o teu pai devia ficar satisfeito por o meu pai manter a França ocupada no Sul.

O meu pai está a fazer-lhe um favor.

Ele riu-se para ela.

- Tu és uma grande ajuda.

- O teu pai não vai juntar-se a eles? Artur abanou a cabeça.

- Talvez, mas o seu maior desejo é manter a Inglaterra em paz. A guerra é algo terrível para um país. És filha de um soldado e devias sabê-lo. O meu pai diz que ver um país em guerra é terrível.

- O teu pai só travou uma grande batalha - disse ela. - Às vezes é preciso lutar. Às vezes é preciso derrotar o inimigo.

- Eu não lutaria para ganhar terras - disse ele. - Mas lutaria para defender as nossas fronteiras. E julgo que teremos de lutar contra os Escoceses, a não ser que a minha irmã consiga modificar a natureza deles.

- E o teu pai está preparado para a guerra?

-Ele tem a família Howard para lhe proteger o Norte - respondeu ele. - E tem a confiança de todos os senhores das terras do Norte. Reforçou os castelos e mantém a grande estrada do Norte aberta, para conseguir levar para lá os soldados, se necessário.

Catarina parecia pensativa. Se ele tem de combater, seria melhor invadi-los - disse ela. -modo, pode escolher a data e o local para combater e não ser obrigado a defender-se.

_ Essa é a melhor forma? Ela acenou com a cabeça.

_ O meu pai diria que sim. Ter o exército a avançar confiantemente é tudo. Tens a riqueza do país à tua frente, para teu abastecimento; tens o movimento de progresso: os soldados gostam de sentir que estão a fazer

progressos. Não há nada pior do que ser forçado a voltar e a lutar.

- És uma estratega - disse ele. - Deus tivesse permitido que eu tivesse tido a tua infância e que soubesse as coisas que tu sabes.

- Mas tu tens - afirmou ela com doçura. - Porque tudo que eu sei e teu. e tudo o que sou

também. E se tu e o teu país alguma vez precisarem de mim, para lutar por vocês, eu estarei lá.



Está a ficar cada vez mais frio e a longa semana de chuva transformou-se em aguaceiros de granizo e, agora, de neve. Mesmo assim, não está um tempo claro e frio de Inverno, mas um nevoeiro baixo e húmido, com nuvens que passam rapidamente e ventos que trazem lama que se agarra às árvores e torreões e se aloja no rio como algodão-doce.

Quando Artur vem ao meu quarto, desliza ao longo das ameias como um patinador e esta manhã, quando voltava para o quarto dele. estávamos certos de que iríamos ser descobertos, porque ele escorregou no gelo recente, caiu e praguejou tão alto, que a sentinela da torre a seguir pôs a cabeça de fora e gritou: "Quem está aí?" e eu tive de responder que era só eu. que estava a dar de comer aos pássaros de Inverno. Então, Artur assobiou-me. e disse que era o canto de um pintarroxo; ambos nos rimos tanto que mal nos aguentávamos de pé. Tenho a certeza de que a sentinela sabia, mas fazia tanto frio que nem veio cá fora.

Hoje. Artur saiu a cavalo com o seu conselho, que pretende procurar uma localização para um novo moinho de milho, enquanto o está cheio e parcialmente bloqueado pela neve e pelo gelo, e eu e Lady Margaret ficamos em casa a jogar às cartas.

Está frio e cinzento, está sempre tudo molhado, ate as parede do castelo choram com a humidade gelada, mas eu estou feliz. Amo -o, viveria com ele em qualquer lado, e a Primavera rira. e depois Verão. Sei que. então, também seremos felizes.



A batida na porta surgiu a horas tardias da noite. Ela abriu-a

- Ah, amor, meu amor! Onde estiveste? Ele entrou no quarto e beijou-a. Ela sentiu o odor a vinho hálito dele.

- Eles nunca mais iam embora - disse ele. - Pelo menos há três horas que estou a tentar escapar- me, para vir ter contigo.

Pegou-lhe ao colo e levou-a para a cama.

- Mas Artur, não queres...?

- Quero-te a ti. Conta-me uma história.

- Não estás com sono?

- Não. Quero que me cantes a canção sobre os Mouros, quando perderam a batalha de Málaga.

Catarina riu-se.

- Foi a batalha de Alhama. Vou cantar-te alguns versos; nunca mais acaba.

- Canta-mos todos.

- Levaria a noite inteira - protestou ela.

- Temos a noite inteira, graças a Deus - respondeu ele. cc alegria na voz. - Temos a noite inteira e todas as noites, para o resto das nossas vidas, graças a Deus.

- É uma canção proibida - disse ela. - Foi proibida pela minha própria mãe.

- Então, como a aprendeste? - perguntou Artur, subitamente divertido.

- Foram os criados - respondeu despreocupadamente. - Tinha uma aia mourisca e esquecia-se de quem eu era. e de quem era, e cantava para mim.

- O que é um mourisco? E porque é que a canção foi proibida? - perguntou com curiosidade.

- Um mourisco quer dizer um pequeno mouro, em espanhol -explicou ela. - É o que chamamos aos mouros que vivem na Espanha. Não são mesmo mouros como os da África. Por isso chamamos-lhes mouriscos o u *moros.* Quando eu vim embora, estavam começar a autodenominar-se *mudajjan* - aqueles a quem era permitido ficar.

- Aqueles a quem era permitido ficar? - perguntou ele. - Na sua própria terra?

- A terra não é deles - disse imediatamente. - É nossa.É terra espanhola.

_ Foi deles durante setecentos anos - assinalou ele. - Quando vocês, Espanhóis, não faziam mais do que criar cabras nas montanhas, eles construíam estradas, castelos e universidades.

Foste tu mesma quem mo disse.

- Bem. mas agora é nossa - disse ela secamente. Ele bateu as palmas, como um sultão.

- Canta a canção, Xerazade. E canta-a em francês, mulher bárbara, para que eu possa perceber.

Catarina uniu as mãos, imitando uma mulher que se preparava para rezar e fez-lhe uma pronunciada vénia.

- Assim é que deve ser - elogiou Artur, divertido. - Aprendeste isso no harém?

Ela sorriu, levantou a cabeça e cantou:

“Um idoso grita para o rei: Porque este chamamento repentino?

- Ai de mim! Alhama!

Aí de num. meus amigos, os cristão conquistaram Alhama

- Ai de mim! Alhama!

Um imã de barba branca responde: Isto é o que haveis merecido, oh Rei!- Ai de mim! Alhama! Numa hora amaldiçoada Vós haveis matado os Abencerragens. flor de Granada - Ai de mim! Alhama!

Nem Granada, nem o reino, nem a vossa vida durara muito

-Ai de mim! Alhama!"

Ela ficou em silêncio.

- E era verdade - disse. - O pobre Boabdil saiu do Palácio de Alhambra, do forte vermelho, que disseram que nunca cairia, com as chaves sobre uma almofada de seda, fez uma vénia e entregou-as a minha mãe e ao meu pai, e partiu a cavalo. Dizem que, quando passou na montanha, olhou para trás, para o seu reino, o seu belo reino, e chorou, e a mãe disse-lhe que chorasse, como uma mulher, por aquilo que não podia manter como um homem.

Artur soltou uma gargalhada infantil.

- Ela disse o quê?

Catarina olhou para cima, com uma expressão grave.

- Foi muito trágico.

- É mesmo o tipo de observações que a minha avó faria - disse ele deliciado. - Graças a Deus que o meu pai conquistou a coroa A minha avó seria tão doce quanto a mãe de Boabdil, perante a derrota. Deus me valha: "chora como uma mulher, por aquilo que **na** podes manter como homem". Que coisa para se dizer a um homem que é obrigado a partir, após uma derrota.

Catarina também se riu.

- Nunca vi as coisas desse modo - respondeu. - Não é muito consolador.

- Imagina que partes para o exílio com a tua mãe. e ela está muito zangada contigo.

- Imagina o que é perder o Alhambra, nunca mais poder lá voltar.

Ele puxou-a para junto de si e beijou-lhe o rosto.

- Sem remorsos! - pediu ele. Ela sorriu de imediato.

- Então, distrai-me - ordenou ela. - Conta-me acerca da tua mãe e do teu pai.

Ele ficou pensativo.

- O meu pai nasceu como herdeiro dos Tudor, mas havia dúzias, na linha para o trono, antes dele - relatou. - O pai queria que ele se chamasse Owen, Owen Tudor. um bom nome galês, mas morreu antes de ele nascer, na guerra. A minha avó era apenas uma criança de doze anosquando ele nasceu, mas levou a sua avante, e chamou--lhe Henrique - um nome real. Podes imaginar qual era a ideia dela. já nessa altura, apesar de ser pouco mais que uma criança, e do marido ter morrido. Os destinos do meu pai subiam e desciam, a cada batalha da guerra civil.

Uma vez era o filho da família reinante, na outra estavam em fuga. O tio. Jasper Tudor - lembras-te dele - manteve a fé no meu pai e na causa dos Tudor, mas houve uma batalha final e a nossa causa foi perdida, e o nosso rei executado. Eduardo chegou ao trono e o meu pai era o último da linhagem. Estava em tão grande perigo que o tio Jasper saiu do castelo onde haviam sido detidos e fugiu com ele para fora do país. para a Britânia.

- Para um lugar seguro?

- Mais ou menos. Uma vez disse-me que acordava todas as manhãs à espera de ser entregue a Eduardo. E uma vez, o rei Eduardo disse que ele deveria voltar para casa, que seria recebido como um rei e que lhe arranjariam um casamento. O meu pai fingiu ter adoecido durante a viagem e fugiu. Teria voltado a casa para

Catarina pestanejou.

- Então, na sua época, ele também foi um pretendente ao trono.

Ele sorriu para ela.

- Como eu disse. É por isso que os teme tanto. Ele sabe muito bem o que

um pretendente pode fazer, se a sorte estiver do seu lado. Se o tivessem apanhado, tê-lo-iam trazido para casa para ser executado na Torre. Tal como ele fez a Warwick. O meu pai teria sido assassinado, assim que Eduardo o apanhasse. Mas fingiu estar doente e escapou, pela fronteira com a França.

- E eles não o entregaram? Artur riu-se.

- Apoiaram-no. Ele era o maior desafio para a paz da Inglaterra, é evidente que eles o incentivaram. Convinha aos Franceses apoiarem-no: enquanto ele não era rei, mas apenas um pretendente ao trono.

Ela acenou com a cabeça, era filha de um príncipe elogiado pelo próprio Maquiavel. Qualquer ilha de Fernando nascera conhecendo a arte de enganar.

- E depois?

- Eduardo morreu jovem, no auge da vida, apenas com um filho pequeno como herdeiro. O irmão, Ricardo, primeiro, ocupou o trono como regente e, depois, reivindicou-o para si e pôs os próprios sobrinhos, os filhos de Eduardo, os pequenos príncipes, na Torre de Londres.

Ela acenou com a cabeça, esta história fora-lhe contada na Espanha, e a história maior - da rivalidade mortal por um trono -era um tema comum aos dois jovens.

- Foram para a Torre e nunca mais saíram - disse Artur friamente. - Deus abençoe as suas almas, pobres rapazes, ninguém sabe o que lhes aconteceu. O povo revoltou-se contra Ricardo, e Pediu ao meu pai que voltasse da França.

- A sério?

- A minha avó reuniu os grandes lordes, um a seguir ao outro, ela era uma arquiconspiradora. Ela e o duque de Buckingham juntaram-se e prepararam os nobres do reino. É por isso que o meu pai a respeita tanto: deve-lhe o trono. E esperou até poder enviar uma mensagem à minha mãe, a dizer-lhe que casaria com ela, se conseguisse o trono.

- Forque a amava? - perguntou Catarina esperançada. - Ela é tão bonita.

Ele não. Nem sequer a tinha visto. Não te esqueças de que viveu quase toda a vida no exílio. Foi uni casamento arranjado rw. que a mãe dele sabia que. se conseguisse casá-los. t< >d- isvertam na herdeira da Casa de York casara com o herdeiro da Casa "d Lancaster e a guerra poderia terminar. E a mãe dela viu o casamento como a única forma de obter segurança.
As duas mães fize acordo entre si, como duas velhas em volta de um caldeirão Sàõ duas mulheres que não eleves contrariar.

- Ele não a amava? - ela estava desapontada. Artur sorriu.

Não, não é um romance. E ela não o amava. Mas sabiam que tinham de fazer.Quando o meu pai avançou, derrotou Rica e apanhou a coroa da Inglaterra de entre os cadáveres e os destroços do campo de batalha, sabia que casaria com a princesa, *w* miria o trono e fundaria uma nova linhagem.

- Mas ela não era, de qualquer forma, a seguinte na linha sucessão ao trono? - perguntou ela, baralhada. - Uma vez que o dela fora o rei Eduardo? E se o tio morreu na batalha, e os irmã estavam mortos?

Ele confirmou com a cabeça.

- Ela era a princesa mais velha.

- Então, porque não reivindicou o trono para si própria?

- Ah. és uma rebelde! - disse ele. Agarrou num punhado de cabelos dela e puxou-lhe o rosto para junto do seu. Beijou-lhe a boca, a saber a vinho e a frutas cristalizadas.

- Uma rebelde de York, o que ainda é pior.

- Só achei que ela devia ter reclamado o trono para si.

- Não neste país - afirmou Artur. - Não temos rainhas regentes nesta Inglaterra. As mulheres não podem herdar. Não podem herdar o trono.

- E se um rei só tivesse uma filha? Fie encolheu os ombros.

- Seria uma tragédia para o país. Tens de me dar um rap meu amor. Mais

nada serve.

- E se só tivéssemos uma rapariga ?

- Casaria com um príncipe e ele seria Rei Consorte Inglaterra, e reinaria em conjunto com ela. Como a tua mãe fez. Ela reina com o marido.

- Em Aragão, sim, mas em Castela, ele governa em conjunto com ela. Castela é o país dela e Aragão o dele.

- Nunca o admitiríamos na Inglaterra - disse Artur.

Ela afastou-se dele indignada. Estava a fingir.

- Vou dizer-te uma coisa, se só tivermos uma filha c se for uma rapariga, será uma rainha tão eficiente como qualquer homem que rapariga, será uma rainha tão eficiente como qualquer homem que possa ser rei.

_ Bem, ela vai ser uma inovadora - respondeu ele. - Não acreditamos que uma mulher seja capaz de defender o país, como um rei tem de fazer.

_ Uma mulher sabe combater - afirmou ela imediatamente. -Devias ver a minha mãe de armadura. Até eu era capaz de defender o país. Eu assisti a guerras, que é mais do que tu fizeste. Eu poderia ser uma rainha tão eficiente como qualquer homem. Ele sorriu-lhe, abanando a cabeça.

- Não se o país fosse invadido. Não serias capaz de comandar um exército.

- Eu poderia comandar um exército. Porque não?

- Nenhum exército inglês seria comandado por uma mulher. Não aceitariam ordens de uma mulher.

- Aceitariam receber ordens do seu comandante - disparou ela. - E se não o fizerem, é porque não são bons soldados, e têm de ser treinados.

Ele riu-se.

- Nenhum inglês obedeceria a uma mulher - disse ele. Viu pela sua expressão obstinada que não estava convencida.

- O que interessa é que venças a batalha - disse ela. - O importante é que o país esteja defendido. Não interessa quem lidera o exército, desde que os soldados obedeçam.

- Bem, de qualquer modo, a minha mãe não tinha intenções de reivindicar o trono em seu nome. Nunca sonharia com uma coisa dessas. Casou com o meu pai e tornou-se Rainha da Inglaterra através do casamento. E por ser a Princesa de York e por ele ser o herdeiro da Casa Lancaster, os planos da minha avó foram bem-sucedidos. O meu pai pode ter conseguido o trono através de conquista e por reconhecimento; mas nós tê-lo-emos por herança. Catarina acenou com a cabeça.

- A minha mãe dizia que não havia nada de errado num homem que conquista o trono. O que é importante não é conseguido, mas mantê-lo.

- Nós vamos mantê-lo - disse ele de forma decidida. - Tu e eu amos construir aqui um grande país. Construiremos estradas e mercados, igrejas e escolas. Colocaremos um círculo de fortes em volta

- Nós vamos mantê-lo - disse ele de forma decidida - Tu e eu vamos construir aqui um grande pais. Construiremos estradas e mercados, igrejas e escolas. Colocaremos um círculo de fortes em volta da linha costeira e construiremos navios. - Criaremos tribunais de justiça, como o meu pai e a minha mãe fizeram na Espanha - disse ela, agradada com o prazer de planear um futuro em que pudessem estar de acordo -, para que nenhum homem possa ser tratado cruelmente por outro. Para que todos os homens saibam que podem dirigir-se ao tribunal e fazer com que o seu caso seja ouvido. Ele levantou o copo para ela.

- Devíamos começar a tomar nota destas ideias - sugeriu - p devíamos começar a planear como será feito.

- Ainda faltam muitos anos para chegarmos ao trono.

- Nunca se sabe. Nào o desejo. Deus sabe que honro o meu pai e a minha màe e nào quero nada antes do tempo Mas nunca se sabe. Sou o Príncipe de Gales, tu és a Princesa. Mas seremos Rei e Rainha da Inglaterra. Deveríamos saber quem vamos ter na nossa corte, devíamos conhecer os conselheiros que escolhermos, devíamos saber como vamos tornar este país verdadeiramente grande. Se for um sonho, entào poderemos falar

sobre ele a noite, como fazemos. Mas se for um plano, devíamos escrevê-lo durante o dia, aceitar conselhos a este respeito, pensar como poderemos fazer o que pretendemos.

O rosto dela iluminou-se.

- Quando tivermos terminado as nossas lições do dia. talve pudéssemos fazê-lo. Talvez o teu tutor nos ajude, e o meu confessor.

- E os meus conselheiros - disse ele. - E poderíamos começar aqui. Em Gales. Posso fazer o que quiser, desde que seja racional. Podíamos criar uma universidade e construir algumas escolas. Podíamos mandar construir aqui um navio. Existem estaleiros em Gales, podíamos construir o nosso primeiro navio de defesa.

Ela bateu palmas como a menina que ainda era.

- Podíamos começar o nosso reinado! - afirmou.

- Salve Rainha Catarina! Rainha da Inglaterra! - disse Artur, em tom de brincadeira, mas ao pronunciar as palavras, parou e olhou-a com mais gravidade. - Sabes, vais ouvi-los dizer, meu amor. *Vivati Vivai! Catarina Regina.* Rainha Catarina, Rainha da Inglaterra.



É como uma aventura, imaginar o tipo de país que poderemos criar, que tipo de rei e rainha seremos. É natural que pensemos em Camelot. Era o meu livro preferido da biblioteca da minha mãe e eu encontrei uma copia de Artur, com bastantes marcas de dedadas, na biblioteca do pai dele Sei que Camelot é uma história, um ideal, tão irreal como o amor de um trovador, ou um castelo de conto de fadas ou lendas sobre ladrões, tesouros e génios. Mas existe algo na ideia de governar um reino com justiça, com o consentimento do poro. que é mais do que um conto de fadas.

Eu e Artur herdaremos um grande poder, o pai procurou que assim fosse. Julgo que herdaremos um trono forte e um grande tesouro Herdaremos com a boa vontade do poro; o rei não é amado, mas é respeitado, e ninguém deseja um regresso ás batalhas intermináveis Estes ingleses têm horror a guerras civis. Se chegarmos ao trono caiu este poder, esta riqueza, e a sua boa

vontade, não tenho duvidas de que poderemos criar aqui um grande país. E será um grande país em aliança com a Espanha. O herdeiro dos meus pais é o filho de Joana, Carlos. Será o Sagrado Imperador Romano e Rei da Espanha. Será meu sobrinho e teremos a amizade de parentes. Como será poderosa esta aliança: o grande Sagrado Império Romano e a Inglaterra. Ninguém conseguirá opor-se a nós poderemos dividir a França, poderemos dividir a maior parte da Europa. Depois, levantar-nos-emos, o Império e a Inglaterra, contra os Mouros, venceremos e todo o Oriente, a Pérsia, os Otomanos, a Índia, até a China ficarão abertos para nós.



A rotina do castelo mudou. Quando os dias começavam a ficai" mais quentes e mais claros, os jovens príncipes transferiram os seus escritórios para os aposentos dela. arrastaram uma mesa enorme para perto da janela, para apanharem a luz da tarde, e penduraram mapas do principado nos painéis revestidos de linho.

- Parece que estão a planear uma campanha - disse Lady Margaret, gracejando.

- A princesa devia estar a descansar - observou Dona Elvira, com ar ressentido, sem se dirigir a ninguém em particular.

- Estais indisposta? - perguntou Lady Margaret rapidamente. Catarina sorriu e abanou a cabeça, começava a ficar habituada ao interesse obsessivo pela sua saúde. Até poder dizer que trazia no útero o herdeiro da Inglaterra, não teria paz. as pessoas não deixariam de lhe perguntar como se sentia.

- Não preciso de descansar - disse ela. - E, amanhã, se me levardes, gostava de ir ver os campos.

- Os campos? - perguntou Lady Margaret, bastante surpreendida. — Em Março? Só serão cultivados daqui a uma semana ou mais não há praticamente nada para ver.

- Tenho de aprender - disse Catarina. - De onde vim, ficava tudo tão seco no Verão que tínhamos de abrir valas em todos os campos, até à raiz de cada árvore, para canalizar a agua para as plantas, para nos certificarmos

de que conseguiam beber e sob viver. A primeira vez que cavalgamos por esta região e eu vi regos nos campos, era tão ignorante que pensei que eram p trazer água - riu-se alto ao lembrar-se. - E, depois, o príncipe disse-me que eram valas, para escoar a água. Eu não podia a ditar! Por isso, é melhor irmos dar um passeio e tendes de explicar tudo.

- Uma rainha não precisa de saber nada sobre os campos afirmou Dona Elvira, do seu canto, num tom desaprovador. - Para que precisais de saber o que os agricultores cultivam?

- É claro que uma rainha precisa de saber - respondeu Catarina, irritada. - Devia saber tudo acerca do seu país. De q outra forma poderá governar?

- Tenho a certeza de que sereis uma excelente Rainha Inglaterra - afirmou Lady Margaret, apaziguadora.

Catarina sorriu.

- Eu serei a melhor Rainha da Inglaterra que puder - anuncio - Tomarei conta dos pobres e ajudarei a Igreja e, se alguma vez estivermos em guerra, partirei e combaterei pela Inglaterra, tal como minha mãe fez pela Espanha.



Ao planejar o futuro com Artur, esqueço as saudades da Espanha. Todos os dias pensamos numa melhoria que poderem trazer, numa lei que deveríamos alterar. Lemos juntos, livros de filosofia e de política, falamos sobre se será possível confiar nas pessoas ao ponto de lhes conceder liberdade, se um rei deverá ser um bom tirano ou se deve afastar-se do poder. Falamos da minha casa: da convicção dos meus pais de que se constrói um país com base numa só igreja, numa língua e numa lei. Ou sobre se seria possível fazê-lo como os Mouros: criar um país com uma lei, mas com muitas fés muitas línguas, e partir do princípio de que as pessoas são suficientemente inteligentes para fazer a melhor escolha.

Discutimos, conversamos. Por vezes, rimo-nos às gargalhadas,por vezes discordamos. Artur é sempre o meu amante, o meu marido inegavelmente. E agora está a tornar-se meu amigo.



Catarina estava no pequeno jardim do Castelo de Ludlow, que se estendia ao longo da muralha oriental, conversando animadamente com um dos jardineiros do castelo. Em canteiros impecáveis, à sua volta, encontravam-se as eivas que os cozinheiros utilizavam, e algumas ervas e flores, com propriedades medicinais, cultivadas por Lady Margaret. Artur, ao ver Catarina quando voltava da confissão na capela redonda, olhou para cima, para a grande muralha, para se certificar de que ninguém o impediria, e fugiu, para estar com ela. Enquanto se aproximava, ela gesticulava, tentando descrever qualquer coisa. Artur sorriu.

- Princesa - disse ele, saudando-a formalmente.

Ela fez-lhe uma reverência, mas os seus olhos tinham uma expressão calorosa de prazer, ao vê-lo.

- Senhor.

O jardineiro ajoelhara-se na lama. ao ver o príncipe chegar.

- Podeis levantar-vos - disse Artur, brincando. - Não me parece que ireis encontrar muitas flores bonitas, nesta altura do ano, Princesa.

- Estava a tentar falar com ele sobre cultivar legumes para saladas - disse ela. - Mas ele fala galês e inglês e eu tentei latim e francês e não conseguimos entender-nos.

- Penso que estou como ele. Também não percebo. O que é uma salada?

Ela reflectiu por um momento. *"Acetaria"*

- *Acetaria;*- perguntou ele.

- Sim, salada.

- O que é, exactamente?

- São legumes que crescem da terra e que se podem comer ser cozinhados - explicou ela. - Estava a perguntar-lhe se podia plantar alguns para mim.

- Comei-los crus? Sem os ferver? - Sim, porque não? - Porque ireis ficar terrivelmente doente, se comerdes alimentos cozinhados neste

país.

- São como a fruta, como as maçãs. Comem-se crus, Ele não estava convencido.

- Como-as mais vezes cozinhadas, ou em conserva ou se E, de qualquer forma, é uma fruta e não folhas. Mas que tipo de legumes quereis?

- *"Lactuca"* - disse ela.

- *"Lactuca"'-'*- repetiu ele. - Nunca ouvi falar nisso. Ela suspirou.

- Eu sei. Nenhum de vocês parece saber nada sobre legurn A *lactuca* é como... - procurou na sua mente o nome do legu verdadeiramente horrível que fora obrigada a comer, cozido e papa, num jantar, em Greenwich. - Perrexil - disse ela. - A coisa mais parecida que vós tendes com a *lactuca* é provavelmente perrexil. Mas a *lactuca* come-se sem ser cozinhada e é estaladiço e doce.

- Um legume? Estaladiço?

- Sim - respondeu ela pacientemente.

- E vós comei-lo na Espanha? Ela quase se riu da sua expressão horrorizada.

- Sim. Vós gostaríeis.

- E podemos cultivá-lo aqui?

-Julgo que ele me está a dizer que não. Nunca ouviu falar tal coisa. Não tem sementes. Não sabe onde poderemos encontrar essas sementes. Acha que não se desenvolveriam aqui. - Olhou para cima, para o céu azul, com as nuvens de chuva que eram como um escudo. - Talvez tenha razão - disse ela, com um pouco de enfado na voz. - Tenho a certeza de que necessitam de muito sol.

Artur dirigiu-se ao jardineiro.

- Alguma vez ouvistes falar de uma planta denominada ***lactuca***

- Não, Vossa Graça - respondeu o homem, com a cabeça baixa. - Lamento, Vossa Graça. Talvez seja uma planta espanhola. Soa a algo bastante bárbaro. Sua Alteza Real está a dizer que lá comem erva? Como as ovelhas?

O lábio de Artur tremeu.

-Não, é um legume, penso eu. Vou perguntar-lhe. Voltou-se para Catarina, pegou-lhe na mão e pô-la debaixo seu braço.

- Sabeis, às vezes, no Verão, faz muito sol e fica muito calor aqui. A sério. Iríeis achar o sol do meio-dia demasiado quente. Teríeis de vos sentar á sombra.

Ela parecia não acreditar, devido à lama fria e às nuvens, cada vez mais pesadas.

- *agora não, eu sei; mas no Verão.* Já me encostei a esta parede achei que estava quente ele mais para lhe tocarmos. Sabeis que cultivamos morangos, framboesas e pêssegos? Todas as frutas que cultivais na Espanha. _ E laranjas?

_ Bem. laranjas talvez não - admitiu ele. _ Limões? Azeitonas?
Ele empertigou-se. _ Sim. temos.

Ela olhou para ele desconfiada.

- Tâmaras?

- Na Cornualha - afirmou, directamente. - Claro que na Cornualha faz mais calor.

- Cana-de-açúcar? Arroz? Ananás?

Ele tentou dizer que sim, mas não conseguia reprimir as gargalhadas e ela desatou a rir e caiu em cima dele. Quando se voltaram a acalmar, ele olhou em volta para o pátio interior e disse:

- Vem, ninguém vai sentir a nossa falta por alguns minutos - e levou-a pelas

escadas abaixo, até à pequena porta de saída, que lhes permitia sair pela porta secreta.

Um pequeno caminho levava-os até à colina cuja encosta íngreme descia do castelo até ao rio. Algumas ovelhas fugiram quando eles se aproximaram, com um rapaz a correr atrás delas. Artur colocou-lhe o braço em volta da cintura e ela deixou-se conduzir por ele.

- Nós cultivamos mesmo pêssegos - assegurou-lhe ele. - As outras coisas não, claro. Mas tenho a certeza de que poderemos plantar a tua ***lactuca,*** seja lá o que isso for. Só precisamos de um jardineiro que possa trazer as sementes e que já tenha cultivado o que tu queres. Porque não escreves ao jardineiro do Alhambra e lhe Pedes para te enviar algumas?

- Posso mandar vir um jardineiro? - perguntou incrédula.

- Meu amor, vais ser Rainha da Inglaterra. Podes mandar vir um regimento de jardineiros.

- A sério?

Artur riu-se pela felicidade que surgia no rosto dela.

- De imediato. Não sabias?

- Não! Mas onde vai ele plantar? Não há espaço encostado à muralha do castelo, e se vamos cultivar fruta e legumes...

- És a Princesa de Gales! Podes plantar o teu jardim onde te apetecer. Se quiseres, tens todo o Condado de Kent, minha querida.

- Kent?

- Cultivamos lá maçãs e lúpulo, penso que podemos tenta plantar lá ***lactuca.***

Catarina riu-se com ele.

- Nem pensei nisso. Nunca sonharia em mandar vir um jardineiro. Se pelo menos eu tivesse trazido logo um comigo. Tenho todas aquelas damas de

companhia inúteis e não tenho um jardineiro.

- Podias trocá-lo por Dona Elvira. Ela deu uma gargalhada.

- Ah, Meu Deus, somos abençoados - disse ele simplesmente

- Por nos termos um ao outro e pelas nossas vidas. Terás sempre tudo o que quiseres, sempre. Juro-te. Queres escrever à tua mãe? Ela pode mandar dois homens bons e eu vou mandar arar um pedaço de terra imediatamente.

- Vou escrever à Joana - decidiu ela. - Para a Holanda. Está na parte norte da Cristandade, como eu. Deve saber o que se pode plantar num clima destes. Vou escrever-lhe e saber o que ela fez.

- E comeremos *lactuca**!*** - exclamou ele, beijando-lhe os dedos.

- Todo o dia. Não comeremos mais nada além da *lactuca,* como as ovelhas que pastam relva, seja lá o que isso for.



- Conta-me uma história.

- Não, conta-me tu qualquer coisa.

- Se me contares sobre a queda de Granada, mais uma vez.

- Eu conto, mas tens de me explicar uma coisa.

Artur esticou-se e puxou-a de modo que ela se encontrava atravessada na cama. com a cabeça no ombro dele. Conseguia sentir o seu peito macio a subir e a descer, enquanto ele respirava, assim como o bater suave do coração, constante como o amor.

- Vou explicar tudo.

Ela conseguia ouvir o sorriso na sua voz.

- Hoje estou extraordinariamente sábio. Devias ter-me ouvido, depois do

jantar, a ministrar a justiça.

- Tu és muito justo - admitiu ela. - Eu gosto muito quando proferes uma sentença.

- Sou um Salomão - disse ele. - Chamar-me-ão "Artur, o Bom I

- "Artur, o Sábio" - sugeriu ela.

- "Artur, o Magnífico". Catarina riu-se.

- Mas quero que me expliques uma coisa que ouvi sobre a tua mãe

_ Ai sim?

_ Uma das damas de companhia inglesas disse-me que ela fora prometida ao tirano Ricardo. Pensei que devia ter percebido mal Estávamos a falar francês e eu pensei que devia ter percebi-do mal.

- Oh. essa história - disse ele, voltando ligeiramente a cabeça.

- Não é verdade? Espero não te ter ofendido.

- Não, não ofendeste nada. É uma história frequente.

- Não pode ser verdade?

- Quem sabe? Só a minha mãe e o tirano Ricardo podem saber o que aconteceu. E um deles está morto e a outra silenciosa como um túmulo.

- Contas-me? - pediu ela experimentando-o. - Ou não deveríamos falar sobre isso?

Ele encolheu os ombros.

- Há duas histórias. A mais conhecida e a sombra dessa. A história que todos conhecem é que a minha mãe fugiu para um santuário, com a mãe e as irmãs, estavam escondidas numa igreja, todas juntas. Sabiam que, se saíssem, seriam detidas por Ricardo, o Usurpador, e desapareceriam na Torre, como os seus irmãos mais novos. Ninguém sabia se os príncipes estavam vivos ou mortos, mas ninguém os vira, todos temiam que

estivessem mortos. A minha mãe escreveu uma carta ao meu pai - bem, foi-lhe ordenado pela mãe dela - e disse-lhe que, se ele viesse para a Inglaterra, um Tudor da linhagem de Lancaster, ela, uma princesa de York, casaria com ele, e a antiga rivalidade entre as duas famílias terminaria para sempre. Disse-lhe que viesse, que a salvasse, e que conhecesse o seu amor. Ele recebeu a carta, juntou um exército, veio à procura da princesa, casou com ela e trouxe a paz à Inglaterra.

- Isso foi o que já me contaste. É uma história muito boa. Artur assentiu com a cabeça.

- E a história que não me contaste?

Ele riu-se contra a sua vontade, -É bastante escandalosa. Dizem que ela não estava em nenhum santuário. Que abandonou o santuário, a mãe e as irmãs.

Que foi para a corte. A mulher do rei Ricardo tinha morrido e ele do procurava outra. Ela aceitou a proposta do rei Ricardo. Teria casa- do com o tio, o tirano, o homem que matou os irmãos. Catarina tapou a boca com a mão para abafar a sua expressa de choque, com os olhos muito abertos.

- Não!

- É o que dizem.

- A rainha, a tua mãe?

- Ela mesma - respondeu ele. - Na verdade, até dizem pior. Que ela e Ricardo foram prometidos, quando a mulher dele ain^ se encontrava no leito da morte. É por isso que existe uma inimiza de tão grande entre ela e a minha avó. A minha avó nào confia ne' mas recusa-se a dizer porquê.

- Como é que ela foi capaz?

- Como é que poderia não ser? - respondeu ele. - Se analisares a situação do ponto de vista da minha mãe, ela era Princesa de York, o pai estava morto, a mãe era inimiga do rei, presa num santuário, tão presa como se estivesse na Torre. Se pretendia viver, te de encontrar uma forma de obter os favores do rei. Se alguma v quisesse ser reconhecida como princesa,

teria de ter o seu reconh cimento. Se queria ser Rainha da Inglaterra, tinha de casar com ele - Mas ela poderia, certamente, tu... - começou, calando-se e seguida.

- Nào - ele abanou a cabeça. - Percebes? Ela era uma princesa, não tinha grande escolha. Se quisesse viver, teria de obedecer a rei. Se quisesse ser rainha, teria de casar com ele.

- Podia ter reunido o seu próprio exército.

- Não na Inglaterra - lembrou-lhe ele. - Teria de casar com Rei da Inglaterra para ser a sua rainha. Era a sua única saída.Catarina permaneceu em silêncio por momentos.

- Graças a Deus que tive de casar contigo para ser rainha, **qu** o meu destino me trouxe tão facilmente para aqui.

Ele sorriu.

- Graças a Deus que somos felizes com o nosso destin Porque teríamos casado, e tu terias sidoRainha da Inglaterra, que gostasses de mim, quer nào. Não é verdade?

- Sim - disse ela. - Uma princesa nunca tem escolha. Ele acenou com a cabeça.

- Mas a tua avó, Sua Alteza, a Mãe do Rei, deve ter planea ó casamento da tua mãe com o teu pai. Porque nào lhe perdoa? fazia parte do plano.

- Aquelas duas mulheres poderosas, a mãe do meu pai e a da minha mãe, combinaram o acordo entre elas, como duas la deiras a vender linhos roubados.

Ela deu um gritinho de choque.

Artur riu-se, apercebendo-se do quanto gostava de a surpreender.

-É terrível, não é? - respondeu calmamente. - A mãe da minha mãe foi provavelmente a mulher mais odiada da Inglaterra, em determinada altura.

_ E onde está agora? Ele encolheu os ombros.

- Durante algum tempo viveu na corte, mas Sua Alteza, a Mãe do Rei, detestava-a tanto que se livrou dela. A beleza dela era famosa sabes, e era uma conspiradora. A minha avó acusou-a de conspirar contra o meu pai e ele preferiu acreditar nela.

- Ela ainda não morreu? Nunca a executaram?

- Não. Ele pô-la num convento e ela nunca vem à corte. Ela estava assombrada.

- A tua avó mandou prender a própria mãe da rainha num convento?

Ele acenou com a cabeça, com um ar grave.

- A sério. Ficas avisada com esta história, meu amor. A minha avó não recebe bem na corte quem possa constituir uma ameaça ao seu poder. Assegura-te de que nunca a contrarias.

Catarina abanou a cabeça.

- Nunca o faria. Tenho um pavor absoluto dela.

- E eu também! - ele riu-se. - Mas eu conheço-a, e estou a avisar-te. Nada a deterá para manter o poder do filho, e da família. Nada a afasta dessa ideia. Não ama ninguém, além dele. Nem a mim, nem aos maridos, ninguém, senão ele.

- Nem a ti?

Ele abanou a cabeça.

- Ela nem sequer o ama, da forma que tu entendes o amor. Ele e o rapaz que ela decidiu que nasceu para ser rei. Mandou-o embora, quando ele era pouco mais do que um bebé, para o proteger. Viu-o sobreviver à infância. Depois, ordenou-lhe que enfrentasse um perigo terrível, para reivindicar o trono. Ela só podia amar um rei.

Ela acenou com a cabeça.

- Ele é o pretendente dela.

- Exactamente. Ela reivindicou o trono para ele. Fez dele rei. é rei.

Ele viu a sua expressão séria.

- Agora, basta deste assunto. Tens de me cantar a tua cantiga.

- Qual?

- Há mais alguma sobre a queda de Granada?

- Acho que deve haver dúzias delas.

- Canta-me uma - pediu ele. Empilhou mais duas almofadas atrás da cabeça, e ela ajoelhou-se diante dele. atirou para trás a cabeleira avermelhada e começou a cantar numa voz baixa e doce:

"Ouviam-se gritos em Granada quando o Sol se estava a pôr Alguns chamavam pela Trindade,outros clamavam por Maomé, Aqui desapareceu o Corão e ali nasceu a Cruz, E aqui se ouviu o sino cristão e ali a corneta moura. Te Deum Laudamus! *Cantou-se, lã em cima, em Alcalá: Do alto dos minaretes do Alhambra foram arremessados todos os crescentes. A partir daí serão exibidas as armas de Aragão, juntamente com as de Castela Um rei chega triunfante, outro parte chorando."*

Ele permaneceu em silêncio durante longos minutos. Ela esticou-se para trás ao lado dele,deitando-se de costas, olhando sem ver, o dossel bordado da cama, por cima das suas cabeças.

- É sempre assim, não é? — observou. - A ascensão de um é a queda de outro. Eu serei rei. mas só depois da morte do meu pai. E após a minha morte, o meu filho reinará.

- Vamos chamar-lhe Artur? - perguntou ela. - Ou Henrique, como o teu pai?

- Artur é um bom nome - respondeu ele. - Um bom nome para uma nova família real na Inglaterra. Artur por Camelot, e Artur por mim. Não queremos mais um Henrique; o meu irmão já é suficiente. Vamos pôr-lhe o nome de Artur, e a irmã mais velha vai chamar-se Maria.

- Maria? Eu queria chamar-lhe Isabel, como a minha mãe.

- Podes pôr o nome Isabel à próxima rapariga. Mas quero que a nossa primogénita se chame Maria.

- O Artur tem de ser o primeiro. Ele abanou a cabeça.

- Primeiro, teremos a Maria, para podermos aprender a fazer tudo com uma rapariga.

- Como fazer tudo? Ele gesticulou.

- O baptismo, o puerpério, o nascimento, todas essas confusões e preocupações, a ama de leite, as embaladeiras, as aias. A minha avó escreveu um livro enorme para indicar como tudo deve ser feito. É terrivelmente complicado. Mas, se tivermos primeiro a nossa Maria, o quarto da nossa criança estará pronto, e no teu puerpério seguinte colocaremos o nosso filho e herdeiro no berço. Ela levantou-se e voltou-se para ele, fingindo-se indignada.

-E ias praticar a paternidade com a minha filha! - exclamou ela.

- Não quererias começar com o meu filho - protestou ele. - Ele vai ser a rosa das rosas da Inglaterra. É o que me chamam a mim, lembra-te: "a rosa da Inglaterra". Penso que devias tratar o meu pequeno botão de rosa, a minha florzinha, com um grande respeito.

- Então, ela vai ser Isabel - estipulou Catarina. - Se ela nascer primeiro, será Isabel.

- Maria, como a Rainha dos Céus.

- Isabel, como a Rainha da Espanha.

- Maria, para dar graças por teres vindo para junto mim. O presente mais doce que o céu podia ter-me oferecido.

Catarina aninhou-se nos seus braços.

- Isabel - disse, enquanto ele a beijava.

- Maria - sussurrou ele ao seu ouvido. - E vamos fazê-la agora.



É de manhã. Estou deitada, acordada, é de madrugada e consigo ouvir os pássaros que, lentamente, começam a cantar. O sol está a subir e pela gelosia da janela vislumbro o céu azud. Talvez vá ser um dia quente, talvez o Verão esteja finalmente a chegar. Ao meu lado, Artur respira tranquila e regularmente. Sinto o meu coração inchado de amor por ele, passo a mão pelos caracóis louros da sua cabeça e pergunto-me se alguma mulher, alguma vez, terá amado um homem como eu o amo. Mexo-me e pouso a outra mão no meu ventre redondo e morno. Será possível que tenhamos concebido uma criança, a noite passada? Já estará, protegido no meu ventre, um bebé que se chamará Maria, Princesa Maria, que será a rosa da rosa da Inglaterra?

Ouço os passos da criada a andar de um lado para o outro na minha antecâmara, trazendo lenha para a lareira, juntando as as. Artur continua sem se mexer. Ponho suavemente a mão no seu ombro.

- Acorda dorminhoco - digo-lhe num tom caloroso de amor. -As criadas estão lá fora, tens de ir embora.

Ele está encharcado em suor, a pele do seu ombro está fria e pegajosa - Meu amor?-pergunto. - Estás bem? Ele abre os olhos e sorri para mim.

- Não me digas que já é de manhã. Estou tão cansado que era capaz de dormir mais um dia.

- f á é de manhã.

- Oh. porque não me acordaste mais cedo? Gosto tanto de ti de manhã e agora só te posso voltar a ter à noite. Encosto o rosto ao seu peito.

- Não digas isso. Eu também adormeci. Estivemos acordad até tarde. E agora tens de ir embora.

Artur abraça-me, como se não suportasse ter de me deixar; eu ouço o criado de quarto abrir a porta de fora, para trazer água quente. Eu afasto-me dele. É como arrancar uma camada da mini própria pele. Não suporto estar longe

dele.

De repente, apercebo-me da temperatura do seu corpo, do cal dos lençóis emaranhados à nossa volta.

- Estás tão quente!

- É de desejo - responde ele, sorrindo. - Tenho de ir à miss para me acalmar.

Sai da cama e põe o roupão sobre os ombros. Tropeça.

- Amor, estás bem?—pergunto-lhe.

- Um pouco tonto, nada de especial- responde. - Cego de desejo, e a culpa é toda tua. Vejo-te na capela. Reza por mim, minha querida.

Levanto-me da cama, e destranco a porta que dá para ameias, para o deixar sair. Elie desequilibra-se ligeiramente ao subi os degraus de pedra, depois, vejo-o endireitar os ombros para respirar o ar puro. Fecho a porta atrás dele, e volto para a minha cama. Olho em volta do quarto, ninguém pode saber que cá esteve. Alguns momentos depois, Dona Elvira bate à miriha porta e entra com dama de companhia e atrás algumas criadas que trazem o jarro com água quente, e a minha roupa para esse dia.

-Dormistes até tarde, deveis estar muito cansada - diz Do Elvira com ar reprovador; mas eu estou tão tranquila e feliz que n me dou ao trabalho de responder.



Na capela não podiam fazer mais do que trocar sorrisos disfarçados. Depois da missa, Artur foi Passear a cavalo e Catarina foi quebrar o seu jejum. Após o pequeno-almoço, era altura de estudar com o capelão e Catarina sentou-se com ele na mesa junto da janela. com os livros à frente, e estudou as Cartas de São Paulo.

Margaret Pole entrou quando Catarina fechava o livro.

_ O Príncipe pede a vossa presença nos seus aposentos - informou.

Catarina levantou-se.

- Aconteceu alguma coisa?

_ Penso que não se sente bem. Mandou todos embora, à excepção do criado particular e dos criados.

Catarina saiu imediatamente, seguida por Dona Elvira e Lady Margaret. Os aposentos do príncipe estavam cheios dos frequentadores habituais da pequena corte: homens que procuravam favores ou atenção, que vinham fazer pedidos e procurar justiça, os curiosos que vinham observar, e o séquito de criados menos importantes e funcionários. Catarina passou por todos eles dirigindo-se para as portas duplas dos aposentos privados de Artur, e entrou.

Ele estava sentado numa cadeira junto da lareira, com o rosto muito pálido. Dona Elvira e Lady Margaret esperaram á porta, enquanto Catarina se aproximou rapidamente dele.

- Estás doente, meu amor? - perguntou ansiosa.

Ele conseguiu sorrir, mas ela percebeu que ele estava a fazer um esforço.

- Acho que apanhei uma espécie de constipação - respondeu. - Não te aproximes. Não ta quero pegar.

- Tens febre? - perguntou receosa, pensando na Doença do Suor que surgia como uma febre e deixava um cadáver.

- Não, tenho frio.

- Bem, não me espanta, neste país onde ou neva ou chove constantemente. Ele conseguiu esboçar outro sorriso. Catarina olhou em volta e viu Lady

Margaret.

- Lady Margaret, temos de chamar o médico do príncipe.

- Já mandei os meus criados chamá-lo - respondeu ela. aproximando-se.

- Não quero que façam um grande alarido - disse Artur irritado. - Só queria dizer-vos, Princesa, que não posso ir jantar.

Os olhos dela fixaram-se nos dele.

- Que podemos fazer para ficarmos a sós? - era a pergunta que não pronunciou.

- Posso jantar nos vossos aposentos? - perguntou ela. -Podemos jantar a sós, em privado, uma vez que estais doente?

- Sim, vamos fazer isso — disse ele.

- Primeiro, consultai o médico - aconselhou Lady Margaret Se Vossa Craca permitir. Ele poderá aconselhar**-vos** o que podei comer, e se é seguro para a Princesa estar convosco.

- Ele não tem nenhuma doença - insistiu Catarina - Diz que só se sente cansado. É do ar frio daqui ou da humidade. Ontem estava frio e ele saiu a cavalo durante meio dia.

Alguém bateu à porta e uma voz anunciou:

- O Dr. Bereworth está aqui, Vossa Graça.

Artur levantou a mão, fazendo sinal para o deixarem entra Dona Elvira abriu a porta e o homem entrou no quarto.

- O Príncipe sente frio e cansaço. - Catarina aproximou-se de" de imediato, falando muito depressa, em francês. - Está doent Creio que não está doente. Que achais?

O médico dirigiu-lhe uma vénia, assim como ao príncipe. F mais duas vénias a Lady Margaret e a Dona Elvira.

- Peço desculpa, não percebo - disse, pouco à vontade, e inglês, para Lady Margaret. - O que é que a princesa está a dize..

Catarina bateu as palmas em sinal de frustração.

- O Príncipe... - começou a dizer em inglês. Margaret Pole veio pôr-se ao

seu lado.

- Sua Graça não se sente bem - disse ela.

- Posso falar com ele a sós? - perguntou ele. Artur acenou com a cabeça. Tentou levantar-se da cadeira, quase cambaleou. O médico correu para junto dele, apoiando-o conduzindo-o para o quarto de dormir.

- Ele não pode estar doente. - Catarina voltou-se para Do Elvira, falando-lhe em espanhol. - Ele estava bem, ontem à noite, hoje de manhã é que estava com febre. Mas disse que estava a; nas cansado. Agora, quase não se segura em pé. Ele não pode está doente.

- Quem sabe as doenças que se pode apanhar com esta chuva e este nevoeiro? - replicou a aia com severidade. - Admira-me como vós não estais também doente. Não sei como conseguimos todos aguentar isto.

- Ele não está doente - disse Catarina. - Só está demasia cansado. Andou a montar muito tempo, ontem. E estava frio, um vento muito frio. Eu própria reparei.

- Um vento desses pode matar um homem - comentou Elvira sombriamente. - É tão frio e tão húmido!

- Parai com isso! - disse Catarina, tapando os ouvidos com as mãos. – Não quero ouvir nem mais uma palavra. Ele está apenas cansado, exausto. E talvez tenha apanhado uma constipação. Não há necessidade de se falar em ventos e humidades mortais.

Lady Margaret avançou e pegou carinhosamente nas mãos de Catarina.

_ Tendes de ser paciente. Princesa - aconselhou. - O Dr. Bereworth é um excelente médico e conhece o Príncipe desde a infância. O Príncipe é um homem forte e tem uma boa saúde.

Provavelmente, não é nada de cuidado. Se o Dr. Bereworth estiver preocupado, mandamos vir de Londres o médico do rei. Em breve voltará a estar junto de nós. Catarina assentiu com a cabeça e voltou-se para se sentar perto da janela, a olhar lá para fora. O céu cobrira-se de nuvens, o sol desaparecera. Estava novamente a chover, as gotas da chuva corriam

pelos pequenos vidros da janela. Catarina observava-as. Tentava não pensar na morte do irmão que amara tanto a mulher, que esperava ansiosamente o nascimento do filho de ambos. Juan morrera alguns dias depois de adoecer, e ninguém conseguira saber o que lhe acontecera.

- Não vou pensar nele, não no pobre Juan - murmurou Catarina para si mesma. - São casos completamente diferentes. Juan sempre foi magro, pequeno; mas Artur é forte.

O médico parecia estar a demorar bastante e, quando saiu do quarto de dormir, Artur não o acompanhava. Catarina, que se levantara da cadeira mal a porta se abrira, espreitou, e viu Artur deitado na cama, semidespido, meio a dormir.

- Penso que os criados particulares o elevem preparar para se deitar - disse o médico. - Está muito fraco**.** É melhor descansar. Se tiverem cuidado, conseguem metê-lo na cama sem o acordar.

- Está doente? - perguntou Catarina, falando devagar, em Latim. **-** *Aegrotaf?* Está muito doente?

O médico abriu os braços.

- Tem lebre - respondeu cuidadosamente, num francês lento. - Posso dar-lhe uma bebida para lhe fazer baixar a febre.

- Sabe o que ele tem? - perguntou Lady Margaret. falando muito baixo. - Não é a Doença do Suor, pois não?

- Deus queira que não. E não há mais casos na cidade, tanto quanto sei. Mas ele deve ficar sossegado e devem deixá-lo descansar. Vou preparar-lhe a bebida e já volto. O inglês, falado em voz baixa, era incompreensível para Catarina.

- Que é que ele está a dizer? Que é que ele disse? - perguntou a Lady Margaret.

- Nada mais do que ouvistes - assegurou-lhe a mulher mais velha. - Tem febre e precisa de descansar. Vou pedir aos criados que o dispam e o metam na cama como deve ser. Se esta noite estiver melhor, podeis jantar

com ele. Sei que ele gostaria.

- Onde é que ele vai? - Gritou Catarina enquanto o medico fazia uma vénia e saía. - Tem de ficar aqui e observar o Príncipe!

- Vai fazer um medicamento para lhe baixar a febre. Volta já O Príncipe receberá o melhor tratamento, Vossa Graça. Nós amamo-lo tanto como *vós.* Não o negligenciaremos.

- Sei que não o fariam... É só porque... O médico demora muito!

- Vai ser o mais rápido que puder. E vede, o Príncipe está a dormir. O sono vai ser o melhor remédio. Pode descansar e fortalecer-se e jantar convosco esta noite.

- Pensais que ele estará melhor logo à noite?

- Se for apenas um pouco de febre e cansaço, daqui a alguns dias estará melhor - respondeu Lady Margaret firmemente.

- Vou velar o sono dele - afirmou Catarina.

Lady Margaret abriu a porta e chamou o séquito do príncipe. Deu-lhe as ordens e levou a princesa através da multidão para os seus aposentos.

- Vinde, Vossa Graça - disse. - Vinde dar um passeio no pátio interior comigo e depois eu volto aos aposentos do Príncipe e vejo se ele está confortável.

- Vou lá voltar agora - respondeu Catarina. - Vou velá-lo enquanto dorme.

Margaret olhou para Dona Elvira.

- Devíeis manter-vos afastada dos seus aposentos, no caso de ele ter mesmo uma febre - disse, falando devagar e claramente em francês, para que a aia pudesse compreender.

- A vossa saúdee muito importante, Princesa. Eu não me perdoaria se alguma coisa acontecesse a algum de vós. Dona Elvira aproximou-se e apertou os lábios. Lady Margaret sabia que podia confiar nela para manter a princesa fora de perigo-

- Mas vós dissestes que ele só tinha uma febre ligeira. Posso ir vê-lo?

- Vamos esperar e ver o que o médico tem para dizer - Lady Margaret baixou a voz. - Se estiverdes à espera de uma criança, que rida Princesa, não quereríamos que apanhásseis esta febre.

- Mas eu vou jantar com ele.

- Se ele estiver melhor.

- Mas ele vai querer ver-me!

- Depende - Lady Margaret sorriu — Quando a febre tiver baixado e estiver melhor, esta noite, e se sentar para jantar, vai querer ver-vos. Tendes de ser paciente.

Catarina acenou com a cabeça.

- Se eu me for embora, jurais que ficareis sempre junto dele?

- Eu volto para lá agora, se fordes passear lá fora e depois para o vosso quarto ler. estudar ou coser.

- Eu vou! - respondeu Catarina, subitamente obediente. - Vou para os meus aposentos, se ficardes com ele.

- De imediato - prometeu Lady Margaret.



Este pequeno jardim é como um pátio de uma prisão, dou voltas e voltas no jardim das ervas, e a chuva cai sobre tudo, como lágrimas. Os meus aposentos não são melhores, o meu quarto privado é como uma cela, não suporto ter ninguém junto de mim, mas também não suporto estar sozinha. Mandei as damas sentarem-se na sala de estar, as suas conversas intermináveis fazem-me querer gritar de irritação. Mas quando estou só no meu quarto, apetece-me ter companhia. Quero que alguém me dê a mão e me diga que vai ficar tudo bem.

Desço as estreitas escadas de pedra e atravesso o caminho empedrado para

me dirigir para a capela redonda. Existe uma cruz. num altar de pedra incorporado na parede redonda, e uma vela a arder ã frente deste. É um lugar de perfeita paz, mas eu não a encontro. Enfio as mãos geladas nas mangas, abraço-me e ando em volta da parede circular, são trinta passos até à porta, e volto a percorrer o círculo, como um burro num moinho. Rezo: mas não tenho fé de estar a ser ouvida.

"Sou Catarina, Princesa da Espanha e de Gales" relembro a mim mesma. "Sou Catarina, amada por Deus. especialmente favorecida por Deus. Nada me pode correr mal. Nada de tão negativo quanto isto me pode. alguma vez, acontecer. Foi vontade de Deus que eu casasse com Artur e unisse os reinos da Espanha e da Inglaterra. Deus não permitirá que alguma coisa aconteça a Artur ou a mim. Sei que Ele favorece a minha mãe, e a mim, acima dos outros. Este temor deve ter-me sido enviado para me pôr à prova. Mas eu não terei medo. porque sei que nunca nada me correrá mal "



Catarina aguardou nos seus aposentos, mandando as s damas, de hora a hora, perguntar como estava o marido. Nas primeiras horas, disseram-lhe que ele ainda estava a dormir, o medi tinha preparado o medicamento e estava de pé. junto da cama dei à espera que acordasse. Depois, às três da tarde, disseram que ele acordara, mas nu estava muito quente e febril. Tomara o medicamento e estavam à espera, para ver se a febre baixava. Às quatro, estava pior melhorara, e o médico estava a preparar um medicamento d: rente.

Não jantaria, beberia apenas cerveja gelada e os remédios d médico para a febre.

- Ide perguntar-lhe se deseja ver-me - ordenou Catarina a uma das suas aias inglesas. - Não vos esqueçais de falar com Lady Marga Ela prometeu-me que eu poderia jantar com ele. Relembrai- lho.

A mulher saiu e voltou com um rosto sério.

- Princesa, estão todos muito ansiosos - disse. - Mandara chamar um médico de Londres. O Dr. Bereworth, que tem estado observá-lo, não sabe porque é que a febre não baixa. Lady Marga está lá, assim como Sir

Richard Pole, Sir William Thomas, Sir He Vernon e Sir Richard Croft, estão todos à espera, à porta do quart e vós não podeis entrar para o ver. Dizem que está a sofrer de alr cinações.

- Tenho de ir para a capela. Tenho de rezar - disse Catari imediatamente.

Cobriu a cabeça com um véu e voltou à capela redonda. Pa sua consternação, o confessor do Príncipe estava no altar, de ca' ça vergada, em súplica, alguns dos homens mais importantes cidade e do castelo estavam sentados à sua volta, de cabeças ba' Catarina entrou e ajoelhou-se. Apoiou o queixo nas mãos e analisou as costas arqueadas padre, tentando vislumbrar algum sinal de que as suas preces e vam a ser atendidas. Não havia forma de adivinhar. Fechou olhos.



Meu Deus, poupai o meu querido marido, Artur. Ainda é menino, e eu sou apenas uma menina, não tivemos tempo para estar juntos, nenhum. Vós sabeis o tipo de reino que construiremos, sefor poupado. Conheceis os planos que temos para este país, o castelo sagrado em que transformaremos esta terra, como derrotaremos os Mouros como defenderemos este reino dos Escoceses. Querido Deus.

Vossa misericórdia, poupai Artur e permiti que ele volte para mim. Queremos ter os nossos filhos: Maria, que vai ser a rosa da rosa, e o nosso filho Artur, que será o terceiro rei Tudor sagrado católico romano da Inglaterra. Deixai-nos fazer o que prometemos. Oh Meu Senhor, sede misericordioso e poupai-o! Minha Nossa Senhora, intercedei por nós e poupai-o. Querido Jesus, poupai-o. Sou eu, Catarina quem Vos pede, e peço-o em nome da minha mãe, a Rainha Isabel, que trabalhou toda a sua vida ao Vosso serviço, que é a rainha mais cristã, que prestou serviço nas Vossas cruzadas. Ela é amada por Vós, eu sou amada por Vós. Suplico-vos que não me desaponteis.



Escureceu enquanto Catarina rezava, mas ela nem reparou. Já era tarde quando Dona Elvira lhe tocou levemente no ombro e disse:

- Infanta, deveis comer alguma coisa e ir-vos deitar. Catarina voltou um

rosto pálido para a aia.

- Quais são as notícias? — perguntou.

- Dizem que está pior.



Querido Jesus, salvai-o, salvai-me, querido Jesus, poupai a Inglaterra. Dizei que Artur não está pior.



De manhã, disseram que ele passara bem a noite, mas, entre os seus criados, comentava-se que estava a piorar. A febre subira tanto que estava a sofrer de alucinações, por vezes, pensava que estava no seu quarto de criança com as irmãs e o irmão, outras, Pensava que estava no próprio casamento, vestido com um fato de cetim branco brilhante, e outras, o que era mais estranho, pensava que estava num palácio fantástico. Falava de um pátio de mirtilos, de um rectângulo de água que reflectia, como um espelho, um edifício de ouro. e um movimento circular de bandos de gaivões que davam voltas e voltas, voando, durante todo o dia ensolarado.

-Vou vê-lo - anunciou Catarina para Lady Margaret ao meio-dia

- Princesa, ele pode ter a Doença do Suor - respondeu a si dama de companhia friamente. - Não posso permitir que vos aproximeis dele. Não posso permitir que fiqueis infectada. Não estaria a cumprir o meu dever, se vos deixasse aproximar dele.

- O vosso dever é para comigo! - respondeu Catarina asperamente.

A mulher, ela própria também uma princesa, nunca vacilou.

- O meu dever é para com a Inglaterra - respondeu ela. - E vós estais à espera de um herdeiro Tudor, então, o meu dever é para com essa criança, assim como para convosco. Por favor, não discutais comigo, Princesa. Não posso permitir que vos aproximeis mais do que dos pés da cama dele.

- Deixai-me ir lá, então - pediu Catarina, como uma menina pequena. - Por favor, deixai-me apenas vê-lo.

Lady Margaret inclinou a cabeça na direcção dela e conduziu--a até aos aposentos reais. As multidões na antecâmara haviam aumentado em número, e corria a notícia na cidade de que o príncipe estava a lutar pela vida; mas permaneciam em silêncio, como uma multidão em luto. Esperavam e rezavam pela rosa da Inglaterra Alguns homens viram Catarina, de rosto tapado pela sua mantilha de renda, e pediram uma bênção para ela, depois, um homem aproximou-se e ajoelhou-se.

- Deus vos abençoe, Princesa de Gales - disse. - E que o príncipe se levante da cama e volte a ser feliz convosco.

- Amem - respondeu Catarina através dos lábios gelados, **e** prosseguiu.

As portas duplas que davam para o quarto estavam abertas Catarina entrou. Fora montada uma espécie de laboratório farmacêutico nos aposentos privados do príncipe, uma mesa sobre cavaletes com grandes frascos de vidro contendo ingredientes, um pilão e um almofariz, uma tábua de cortar, e meia dúzia de homens co batas de médico estavam reunidos. Catarina fez uma pausa, procurando o Dr. Bereworth.

- Doutor?

Ele veio imediatamente ter com ela e ajoelhou-se. Tinha u: expressão grave.

_ Princesa.

_ Quais são as notícias sobre o meu marido? - perguntou ela, falando devagar e claramente, em francês. - Lamento, ele não está melhor.

- Mas também não piorou - sugeriu ela. - Está a melhorar. Ele abanou a cabeça.

- *Il est três malade* **-** respondeu simplesmente. Catarina ouviu as palavras, mas foi como se tivesse esquecido a língua Não conseguia traduzidas. Voltou-se para Lady Margaret.

- Está a dizer que ele está melhor? - perguntou. Lady Margaret abanou a cabeça.

- Está a dizer que ele está pior - respondeu, com honestidade.

- Mas devem ter alguma coisa para lhe dar? - virou-se para o médico.
- *Vous avez un médicament?*

Ele apontou para a mesa atrás de si, para o farmacêutico.

- Oh, se ao menos tivéssemos um médico mouro! - gritou Catarina. - São os mais competentes, não há ninguém como eles. Tinham as melhores universidades de farmácia antes... Se ao menos eu tivesse trazido um médico comigo! A medicina árabe é a melhor do mundo!

- Estamos a fazer tudo o que podemos - disse o médico rigidamente.

Catarina tentou sorrir.

- Tenho a certeza que sim - disse. - Só queria... Bem, posso vê-lo?

Uma troca rápida de olhares entre Lady Margaret e o médico revelou que este assunto fora tema de discussões ansiosas.

- Vou ver se está acordado - respondeu ele, e saiu.

Catarina esperou. Não podia acreditar que ainda no dia anterior, de manhã, Artur saíra da sua cama, queixando-se de que ela não o acordara suficientemente cedo para fazerem amor. Agora, estava tão doente que ela nem sequer lhe podia tocar na mão.

O médico abriu a porta.

- Podeis vir até à ombreira da porta, Princesa - respondeu ele. - Mas pela vossa saúde, e pela de qualquer criança que possais ter dentro de vós, não vos aproximeis mais.

Catarina dirigiu-se rapidamente para a porta. Lady Margaret colocou-lhe na mão uma caixa com cravinhos e ervas medicinais. Catarina levou-a ao nariz. O cheiro ácido encheu-lhe os olhos de 8nmas, enquanto espreitava para o quarto escurecido. Artur estava estendido na cama, com a camisa

de dormir puxada para baixo por decência, a face enrubescida por causa da febre. O seu cabelo loiro estava escuro devido ao suor, o rosto macilento. Parecia muito mais velho do que os seus quinze anos. Os olhos estavam encovados nas faces, tinha a pele sob os olhos manchada de castanho

- A vossa mulher está aqui - comunicou-lhe o médico calmamente.

Os olhos de Artur abriram-se e ela viu-os fecharem-se, enquanto ele tentava olhar para a entrada iluminada e para Catarina, que estava de pé à sua frente, com o rosto branco do choque.

- Meu amor - disse ele. - Amo-te.

- Amo-te - sussurrou ela. - Dizem que não me posso aproximar

- Não te aproximes - disse com a voz a tremer. - Eu amo-te

- Eu também te amo! - a sua voz saía com esforço por entre as lágrimas, - Vais ficar bom?

Ele abanou a cabeça, demasiado fraco para falar.

- Artur? - chamou ela, exigente. - Vais ficar bom? Ele encostou a cabeça para trás na almofada quente, para recuperar as forcas.

- Vou tentar, meu amor. Vou tentar muito. Por ti. Por nós,

- Há alguma coisa que queiras? - perguntou ela. - Alguma coisa que possa fazer por ti? - olhou em volta. Nào havia nada que pudesse fazer por ele. Nào havia nada que pudesse ajudar. Se tivesse trazido um médico mouro consigo, se os seus pais não tivessem destruído o ensino das universidades árabes, se a igreja tivesse permitido o estudo da medicina, e não tivesse apelidado o conhecimento de heresia.

- Tudo o que quero é viver contigo - respondeu ele. com uma voz muito apagada.

Ela soltou um pequeno soluço.

- E eu contigo.

- O Príncipe tem de descansar, e vós não deveis ficar aqui. O médico aproximou-se.

- Por favor, deixai-me ficar! - suplicou em voz baixa. - Por favor, permiti que ficasse. Suplico- vos. Deixai-me estar com ele.

Lady Margaret pôs-lhe o braço em volta da cintura e puxou-para trás.

- Vireis cá outra vez, se sairdes agora - prometeu. - O Príncipe precisa de descansar.

- Eu vou voltar - disse Catarina para ele, e viu o pequeno gesto da sua mão, que lhe indicou que ele a ouvira. - Não te falharei.

Catarina foi para a capela rezar por ele, mas não era capaz. Só conseguia pensar nele, no seu rosto branco sobre as almofadas brancas só conseguia sentir a vibração do desejo por ele. Estavam casados há apenas cento e quarenta dias, eram amantes apaixonados há somente noventa e quatro noites. Tinham prometido que passariam a vida juntos, não podia acreditar que, naquele momento estava ajoelhada a rezar pela vida dele.



Isto não pode estar a acontecer, ainda ontem ele estava bem. Isto é um pesadelo terrível e, daqui a alguns momentos, vou acordar e ele vai beijar-me e chamar-me tonta. Ninguém pode ficar doente tão de repente, ninguém pode passar da vitalidade e da beleza para um estado desesperadamente doente num período tão curto. Daqui a pouco, vou acordar. Isto não pode estar a acontecer. Não consigo rezar, mas não importa que eu não consiga rezar, porque isto não está a acontecer realmente. Uma prece em sonhos não significaria nada. Uma doença em sonhos não significa nada. Não sou uma ateia supersticiosa, para temer os sonhos. Daqui a pouco vou acordar e vamos rir-nos dos meus medos.



A hora do jantar, levantou-se, mergulhou o dedo em água benta, benzeu-se, e com a água ainda húmida na testa, dirigiu-se aos aposentos dele, com Dona Elvira seguindo-a, de perto. As multidões nas salas, fora dos

aposentos, e na antecâmara eram cada vez mais numerosas, mulheres, assim como homens, silenciosos, numa dor muda. Abriram caminho para a princesa sem uma palavra, para além de um murmúrio de bênçãos Catarina passou por eles. sem olhar para a direita nem para a esquerda, atravessando a antecâmara, a mesa do farmacêutico, até à porta do quarto de dormir.

O guarda afastou-se para o lado. Catarina bateu levemente à Porta e empurrou-a, para a abrir. Alguém estava debruçado sobre ele. Catarina ouvi-o tossir, uma tosse áspera, como se a sua garganta estivesse cheia de água.

- *Madre de Dios* **—** disse suavemente. - Santa Mãe de Deus mantende Artur em segurança.

O médico voltou-se ao ouvir os seus sussurros. O seu rosto estava pálido.

- Não vos aproximeis! - disse, aflito. - É a Doença do Suor. Ao ouvir a palavra mais receada, Dona Elvira recuou e puxou o vestido de Catarina, como se a fosse arrastar para longe do perigo.

- Deixai-me! - Catarina deu uma palmada e puxou o vestido das mãos da ama. - Não me aproximo mais, mas tenho de falar com ele — disse firmemente.

O médico sentiu a resolução na voz dela.

- Princesa, ele está demasiado fraco.

- Deixai-nos - disse ela.

- Princesa.

- Tenho de falar com ele. São assuntos do reino. Uma olhadela á sua expressão determinada disse-lhe que ela não aceitaria ser contrariada. Passou por ela, de cabeça vergada, e o assistente seguiu-o. Catarina fez um pequeno gesto com a mão. e Dona Elvira retirou-se. Catarina passou o limiar da porta e fechou-a. Viu Artur mexer-se, em protesto.

- Eu não me aproximo mais - assegurou-lhe. - Juro. Mas tenho de estar

contigo. Nào suporto... - começou a chorar.

O rosto dele, quando o voltou para ela, estava brilhante por causa do suor, o cabelo tão molhado como quando regressava de uma caçada à chuva. A sua face jovem e redonda estava esgotada, à medida que a doença lhe sugava a vida.

- *Amo-te* - disse ele através dos lábios gretados e escuros por causa da febre.

- *Amo-te* - respondeu ela.

- Estou a morrer - disse ele tristemente. Catarina nào o interrompeu nem o contradisse. Ele viu-a endireitar-se um pouco, como se tivesse sido atingida por um golpe mortal.

Ele respirou fundo.

- Mas tu tens de ser a Rainha da Inglaterra.

- O quê?

Respirou ofegantemente.

- Amor, obedece-me. Tu juraste obedecer-me.

- Farei qualquer coisa.

- Casa com Henrique. Sê rainha. Tem os nossos filhos.

- O quê? - sentia-se tonta com o choque. Quase nào consegui ouvir o que ele estava a dizer.

- A Inglaterra precisa de uma grande rainha - disse ele. -Sobretudo com ele. Não está preparado para governar. Tens de ensiná-lo. Constrói os meus fortes. Constrói a minha marinha. Defende- nos dos Escoceses. Tem a minha filha, Maria. Tem o meu filho. Artur. Deixa-me viver através de ti.

- Meu amor...

- Deixa-me fazê-lo - suspirou prolongadamente. - Deixa-me manter a

Inglaterra em segurança através de ti. Deixa-me viver através de ti.

- Sou tua mulher - respondeu ela furiosamente. - Não dele. Ele acenou com a cabeça.

- Diz-lhes que não és.

Ela cambaleou ao ouvi-lo, e procurou a porta para se apoiar.

- Diz-lhes que não fui capaz - um indício de um sorriso assomou ao seu rosto esgotado. - Diz- lhes que eu não era homem. E depois casa com Henrique.

- Tu detestas o Henrique! - explodiu ela. - Não podes querer que eu case com ele. É uma criança.

E eu amo-te.

- Ele vai ser rei - disse ele desesperadamente. - E tu vais ser rainha. Casa com ele. Por favor. Querida. Por mim.

A porta atrás dela abriu-se um pouco e Lady Margaret disse calmamente:

- Não deveis cansá-lo. Princesa.

-Tenho de ir embora - disse Catarina desesperadamente, para a figura imóvel na cama.

- Promete-me...

- Eu volto. Vais ficar melhor.

- Por favor.

Lady Margaret abriu mais a porta e pegou na mão de Catarina.

- Para o bem dele - disse calmamente. - Tendes de deixá-lo. Catarina voltou-se para sair do quarto, olhou para trás por cima do ombro. Artur levantou uma mão a alguns centímetros da colcha trabalhada.

- Eu prometo - saiu da sua boca.

A mão dele caiu, ela ouvi-o soltar um suspiro de alívio. Foram as últimas palavras que disseram um ao outro.



Costelo de Ludlow, 2 de Abril de 1502

Às seis horas, hora das Vésperas, o confessor de Artur, o Dr. Eldenham. administrou-lhe a extrema-unção e Artur morreu pouco depois. Catarina ajoelhou-se na soleira da porta, enquanto o padre ungia o marido com o óleo e inclinou a cabeça para a bênção. Não se levantou dessa posição até lhe dizerem que o seu marido-menino morrera e que ela era uma viúva de dezasseis anos.

Lady Margaret de um lado e Dona Elvira do outro transportaram e quase arrastaram Catarina para o seu quarto de dormir. Catarina deitou-se entre os lençóis gelados da cama, sabendo que por muito que esperasse, não ouviria os passos tranqüilos de Artur nas ameias, do lado de fora do seu quarto, nem o bater na porta. Nunca mais lhe abriria a porta para correr para os seus braços.

Nunca mais ele voltaria a pegar-lhe ao colo e a levá-la para a cama, depois de ela ter desejado estar nos seus braços durante o dia inteiro.

- Não posso acreditar - disse ela entrecortadamente.

- Bebei isto - disse Lady Margaret. - O médico deixou-o para vós. É um remédio para dormir. Eu acordar-vos-ei ao meio-dia.

- Não posso acreditar.

- Princesa, bebei.

Catarina bebeu, ignorando o sabor amargo. Mais do que qualquer coisa, queria adormecer e não voltar a acordar.

Nessa noite sonhei que estava no topo do maior portão do forte vermelho que protege e rodeia o Palácio de Alhambra. Por cima da minha cabeça, os estandartes de Castela e Aragão esvoaçavam como relas dos navios de Cristóvão Colombo. Protegendo os olhos do sol de Outono, olhando para a grande planície de Granada, observo a beleza simples e familiar da terra, o solo amarelo-acastanhado atravessado por mil pequenos canais que levam a água de um campo para outro. Sob mim estava a cidade de muros brancos de Granada, ainda agora, dez anos depois da nossa conquista, inconfundivelmente uma cidade moura: as casas todas dispostas em volta de terraços com sombra, uma fonte a jorrar sedutoramente no meio com jardins enriquecidos pelo perfume das roseiras têmporas, e as copas das árvores pesadas com os frutos.

Alguém chamara por mim.

- Onde está a Infanta?

E, no meu sonho, eu respondia:

- Sou Catarina. Rainha da Inglaterra. Esse é o meu nome agora.

Sepultaram Artur. Príncipe de Gales, no dia de São Jorge, este primeiro príncipe de toda a Inglaterra, depois de uma viagem de pesadelo, de Ludlow até Worcester, em que a chuva era tão forte que mal conseguiam avançar. Os caminhos estavam inundados, os prados alagados com água por altura do joelho e o Teme extravasara as margens e não conseguiam atravessar os baixios. Tiveram de utilizar carros de bois para o cortejo fúnebre, os cavalos não conseguiam avançar pelo lamaçal das estradas, e todas as plumagens e tecidos negros estavam ensopados, quando finalmente conseguiram chegar a Worcester.

Compareceram centenas de pessoas para ver o cortejo infeliz atravessar as ruas até à Catedral. Centenas de pessoas choraram a perda da rosa da Inglaterra. Depois de descerem o seu caixão para dentro da câmara mortuária, sob o coro, os criados dos seus aposentos quebraram os

seus bastões-insígnia e atiraram-nos para dentro da sepultura, juntamente com o seu senhor. Para eles, terminara. Tudo o que haviam esperado ao serviço de um príncipe tão jovem e tão promissor acabara. Estava tudo terminado para Artur. Parecia que tudo terminara e nunca poderia ser reparado.

Não, não, não.

No primeiro mês de luto. Catarina permaneceu nos seus aposentos. Lady Margaret e Dona Elvira informaram que estava doente, mas não em perigo. Na verdade, receavam pela sua razão. Elanão se enraiveceu, nem chorou, não se revoltou contra o destino nem chorou pelo consolo da sua mãe, manteve-se em silencio absoluto, o rosto voltado para a parede. A tendência da sua família para o desespero tentava-a como um pecado. Sabia que não podia ceder ao choro nem **à** loucura, porque se perdesse o controlo por urna vez, nunca mais conseguiria parar. Durante esse longo mês de reclusão. Catarina cerrava os cientes e necessitou de toda a sua força de vontade e de todas as suas energias para se impedir de gritar de dor Quando a despertavam, de manhã, dizia que estava cansada Não sabiam que mal se atrevia a mexer-se. com receio de começar a gemer em voz alta. Depois de a vestirem, sentava-se na cadeira como uma pedra. Assim que lho permitiam, voltava para a cama deitava-se de costas, e olhava para cima, para o dossel de cores vivas que observara com os olhos semic errados pela paixão, e sabia que Artur nunca mais voltaria a puxá-la para que se aninhasse nos seus braços.

Chamaram o médico, o Dr. Bereworth, mas quando ela o viu, a sua boca tremeu e os olhos encheram-se de lágrimas. Virou-lhe a cara e dirigiu-se apressadamente para o quarto de dormir, fechando a porta a todos. Não suportava vê-lo, o médico que deixara Artur morrer, os amigos que haviam visto tudo acontecer. Não aguentava falar com ele. Sentia uma raiva homicida, assim que via o médico que não conseguira salvar o rapaz. Desejava que fosse ele a morrer, e não Artur.

- Receio que a mente dela esteja afectada - disse Lady Margaret para o

médico quando ouviram o trinco da porta cios aposentos privados fechar-se. - Não fala, nem sequer chora por ele.

- E come?

- Se lhe pusermos a comida à frente, e se lhe dissermos para comer.

- Tragam alguém, alguém que lhe seja familiar, talvez o confessor, para que leia para ela. Palavras encorajadoras.

- Ela não quer ver ninguém.

-Será que está grávida? - murmurou. Era o único assunto interessava naquele momento.

- Não sei - respondeu. - Não disse nada.

- Está a fazer o luto por ele - observou. - Está a fazer o como uma mulher jovem, pelo marido jovem que perdeu. Devieis deixá-la em paz. Deixai-a sofrer. Em breve, terá de se recompor NJ1 voltar à corte?

- Foi o que o rei ordenou - disse Lady Margaret. - A rainha vai enviar a sua própria liteira.

Bem então, quando chegar, ela vai ter de modificar o seu comportamento - disse confortavelmente. - É muito nova. Vai recuperar. Os jovens têm corações fortes. E vai ser bom para ela sair daqui, de onde guarda memórias tão tristes. Se precisardes de conselhos chamai-me. Mas não vou impor-lhe a minha presença, pobre criança.

Não, não, não.

Mas Catarina nào se parecia com uma pobre criança, pensou Lady Margaret. Parecia uma estátua, uma princesa de pedra esculpida na dor. Dona Elvira vestira-lhe as suas roupas novas e escuras de luto e convencera-a a sentar-se junto da janela, onde poderia ver as árvores

verdes e os ramos de cor creme, com as flores de Maio, o sol ou os campos, e ouvir o canto dos pássaros.

O Verão chegara, tal como Artur prometera, estava calor como ele jurara que estaria; mas ela não andava a passear à beira-rio com ele, cumprimentando os gaivões, à medida que estes chegavam da Espanha. Não estava a plantar os legumes para salada nos jardins do castelo e a convencê-lo a experimentá-los. O Verão chegara, o sol viera, Catarina estava lá, mas Artur jazia frio na escura câmara mortuária da Catedral de Worcester.

Catarina sentou-se em silêncio, com as mãos cruzadas sobre a seda negra do vestido, os olhos voltados para fora da janela, mas não via nada, os seus lábios apertados sobre os dentes cerrados, como se estivesse a controlar-se para não pronunciar uma tempestade de palavras. - Princesa - disse Lady Margaret hesitantemente. Lentamente, a cabeça sob o pesado toucado preto voltou-se para ela.

- Sim, Lady Margaret? - a sua voz estava rouca.

- Gostaria de falar convosco. Catarina inclinou a cabeça.

Dona Elvira recuou e saiu silenciosamente do quarto. lenho de vos perguntar sobre a vossa viagem para Londres. A liteira real chegou e vós tendes de partir. Não houve indícios de entusiasmo nos olhos azuis profundos de Catarina. Voltou a acenar com a cabeça, como se estivessem a falar do transporte de uma encomenda.

-Não sei se estais suficientemente forte para viajar.

- Não posso ficar aqui? - perguntou Catarina.

- Sei que o rei mandou buscar-vos. Peço desculpa. Escreve dizendo que podeis ficar aqui até vos sentirdes suficientemente para viajar.

- Porquê, o que me vai acontecer? - perguntou Catarina, como se lhe fosse completamente indiferente. - Quando chegar a Londres?

- Não sei. - A antiga princesa não fingiu por um único momento que uma rapariga de uma família real poderia escolher o seu futuro. - Lamento. Não

sei o que está planeado. Não disseram nada ao meu marido, a não ser para vos preparar para a vossa viagem até Londres.

- O que pensais que pode acontecer? Quando o marido da minha irmã morreu, mandaram-na de volta para junto de nós, de Portugal. Ela voltou para a Espanha.

- Penso que vos mandarão para casa - disse Lady Margaret. Catarina voltou novamente a cabeça.

Olhava por uma das janelas

, mas os seus olhos não viam nada. Lady Margaret esperou, perguntava-se se a princesa iria dizer mais alguma coisa.

Uma Princesa de Gales tem uma casa em Londres, assim como aqui? - perguntou. - Vou voltar para o Castelo de Baynard?

- Não sois a Princesa de Gales - respondeu Lady Margaret, a explicar, mas o olhar que Catarina lhe lançou era tão irado que a levou a hesitar. - Peço desculpa - disse. - Creio que não haveis percebido...

- Percebido o quê? - o rosto pálido de Catarina estava lentamente a tornar-se rosado de raiva.

- Princesa?

- Princesa de quê? - retorquiu Catarina asperamente. Lady Margaret fez uma reverência e manteve-se curvada.

- Princesa de quê? - berrou Catarina. A porta abriu-se atrás delas e Dona Elvira entrou apressadamente no quarto, detendo-se ao ver Catarina de pé, com o rosto vermelho de fúria, e Lady Margaret de joelhos. Saiu novamente, sem pronunciar palavra.

- Princesa da Espanha - disse Lady Margaret, muito tranquilamente.

Fez-se um silêncio profundo.

_ Sou a Princesa de Gales - afirmou Catarina lentamente. -Toda a vida fui a Princesa de Gales.

Lady Margaret levantou-se e encarou-a. _ Agora sois a Princesa Viúva.

Catarina tapou a boca com mão para reter um grito de dor.

-Lamento. Princesa.

Catarina abanou a cabeça, sem palavras, com o punho na boca, para abafar o seu choro de dor. A expressão de Lady Margaret era

inflexível.

- Vão chamar-vos Princesa Viúva.

- Nunca responderei por esse nome.

- É um título de respeito. É apenas a expressão utilizada para referir uma mulher que perdeu um marido que era príncipe.Catarina cerrou os dentes e voltou as costas ã amiga, para olhar pela janela.

- Podeis levantar-vos - disse entre dentes. - Não tendes de vos ajoelhar perante mim.

A mulher mais velha levantou-se e hesitou.

- A rainha escreveu-me. Querem saber como está a vossa saúde. Não apenas se vos sentis bem, e suficientemente forte para viajar; precisam realmente de saber se podeis estar à espera de uma criança.

Catarina apertou as mãos uma contra a outra e voltou o rosto, para que Lady Margaret não pudesse ver a sua raiva.

- Se estiverdes à espera de uma criança, e se essa criança for um rapaz, ele será o Príncipe de Gales, e depois Rei da Inglaterra, e vós podereis ser Sua Alteza, a Mãe do Rei - relembrou-lhe

Lady Margaret tranquilamente.

- E se não estiver à espera de uma criança?

- Então, sois a Princesa Viúva, e o príncipe Henrique é o Príncipe de Gales.

- E quando o rei morrer?

- O príncipe Henrique será rei.

- E eu?

Lady Margaret encolheu os ombros em silêncio. "Praticamente nada", dizia o gesto. Em voz alta disse:

- Continuais a ser a Infanta - Lady Margaret tentou sorrir. -Como sereis sempre.

- E a próxima Rainha da Inglaterra? - Será a mulher do príncipe Henrique. A raiva de Catarina explodiu e ela dirigiu-se à lareira, apoiando-se na parte superior para se acalmar. As pequenas chamas não emitiam calor que pudesse sentir através da espessa saia preta d seu vestido de luto.

Olhou para as chamas como se. assim. pudes se compreender melhor o que lhe acontecera.

-Tornei-me novamente o que era. quando tinha três anos -disse lentamente. - A Infanta da Espanha, nào a Princesa de Gales Um bebé. Sem qualquer importância.

Lady Margaret, cujo sangue real fora cuidadosamente diluído por um casamento abaixo da sua condição, para que nào pudesse constituir uma ameaça para o Trono Tudor da Inglaterra, acenou com a cabeça.

- Princesa, assumis a posição do vosso marido. Para as mulheres, é sempre assim. Se não tiverdes marido nem filho, nào tendes qualquer posição. Apenas aquela com que nascestes.

- Se voltar para a Espanha como viúva, e me casarem com um Arquiduque, serei a Arquiduquesa Catarina, e nào uma princesa. Não serei Princesa de Gales, e nunca serei Rainha da Inglaterra.

Lady Margaret assentiu.

- Como eu - afirmou. Catarina voltou a cabeça.

- Vós?

- Eu era uma Princesa Plantageneta, sobrinha do rei Eduardo, **irmã** de Eduardo de Warwick, o herdeiro do trono do rei Ricardo. Se o rei Henrique tivesse perdido a batalha no Campo de Bosworth, seria o rei Ricardo a ocupar o trono agora, o meu irmão, como seu herdeiro e Príncipe de Gales, e eu seria a Princesa Margaret. tal como nasci para ser.

- Em vez disso, sois Lady Margaret. esposa do guardião de um pequeno castelo, que nem sequer é dele, na fronteira da Inglaterra.

A mulher mais velha confirmou com a cabeça a fria descrição da sua condição.

- Porque não recusastes? - perguntou Catarina rudemente. Lady Margaret olhou para trás de si, para se certificai de que a porta da antecâmara estava fechada e de que nenhuma das damas de companhia de Catarina podia ouvi-la.

- Como poderia recusar? - perguntou simplesmente. - O meu irmão estava na Torre de Londres, só por ter nascido príncipe. Se *t* tivesse recusado casar com Sir Richard, ter-me-ia juntado a ele. meu irmào teve de pousar a sua querida cabeça no cepo. só por t o nome que tinha. Sendo rapariga, tive oportunidade de mudai meu nome. E foi o que fiz.

- Tínheis hipótese de ser Rainha da Inglaterra' - protesto Lady Margaret distanciou-se da energia da jovem mulher.

_ Foi a vontade de Deus - respondeu simplesmente. - A minha oportunidade, tal como era, desapareceu. A vossa também. Tereis de encontrar uma forma de viver o resto da vossa vida sem lamentos. Infanta. Catarina não disse nada, mas o rosto que mostrou à amiga era fechado e frio.

- Encontrarei uma forma de concretizar o meu destino - afirmou. - Ar... - Interrompeu-se, nãoera capaz, de pronunciar o nome dele, nem com a amiga. - Uma vez tive uma conversa sobre reivindicar aquilo que é nosso - disse. - Agora compreendo-a. Terei de ser a minha própria pretendente. Insistirei naquilo que é meu. Sei qual é o meu dever e o que tenho de fazer.

Cumprirei a vontade de Deus, sejam quais forem as dificuldades que tenha de enfrentar. A mulher mais velha acenou com a cabeça.

- Talvez a vontade de Deus seja que aceiteis o vosso destino. Talvez seja a vontade de Deus que vos resigneis - sugeriu.

- Não é - respondeu Catarina firmemente.



Não contarei a ninguém o que prometi. Não contarei a ninguém que, no meu coração, continuo a ser a Princesa de Gales, serei sempre a Princesa de Gales até assistir ao casamento do meu filho e ver a minha nora ser coroada. Não revelarei a ninguém que agora compreendo o que Artur me disse: que mesmo sendo uma princesa por nascimento, posso ter de reivindicar o meu título.

Não disse a ninguém se estou, ou não, à espera de um filho. Mas eu sei. muito bem. Tive as minhas regras em Abril, não tenho nenhum bebé. Não existe nenhuma princesa Maria, nenhum príncipe Artur, o meu amor, o meu único amor está morto e não resta nada dele. nem sequer o seu filho por nascer.Não direi nada, apesar de as pessoas estarem constantemente a intrometer- se e a quererem sempre saber. Tenho de pensar no que o fazer, e como vou reivindicar o trono que Artur queria que e meu. tenho de pensar como vou cumprir a minha promessa, como vou contar a mentira que ele queria que coutasse. Gomo posso torná-la convincente, como posso enganar o próprio rei. e a sua mãe inteligente e de olhar duro.

Mas fiz uma promessa, não retiro a minha palavra. Ele suplicou-me que lhe prometesse e ditou a mentira que tenho de contar eu respondi que sim. Não o desiludirei. Foi a última coisa que me pediu, e eu fá-lo-ei. Vou fazê-lo por ele, e pelo nosso amor.

Oh, meu amor, se soubesses a vontade que tenho de te ver.



Catarina viajou para Londres com as cortinas ela sua liteira debruadas a preto, fechadas, impedindo-a de admirar a beleza do campo, que atingia o seu esplendor. Não viu as pessoas retiraremos chapéus ou fazerem reverências, enquanto o cortejo atravessava as pequenas aldeias inglesas. Não ouviu os homens e mulheres gritarem: "Deus vos abençoe, Princesa!", enquanto a liteira avançava lentamente pelas ruas das aldeias. Não soube

que cada mulher jovem da região se benzeu e rezou para não ter a má sorte da bela princesa espanhola, que viera de tão longe por amor. e perdera o seu homem, cinco meses depois.

Mal se deu conta da verdura da região, da protuberância fértil das colheitas nos campos e do gado robusto nos piados alagados. Quando o caminho se fez através de florestas densas, reparou na frescura da sombra verde, e na espessa folhagem das copas das árvores, entrelaçando-se por cima da estrada. Manadas de veados desapareciam nas manchas de sombra e podia ouvir o canto de um cuco e o matraquear de um pica-pau. Era uma terra bonita, uma terra rica, uma excelente herança para um casal jovem. Pensou no desejo de Artur de protegê-la dos Escoceses, dos Mouros. Da sua vontade de reinar aqui, de um modo melhor e mais justo do que alguma vez se reinara.

Não falou com os seus anfitriões ao longo da viagem, que atribuíram o seu silêncio ao sofrimento, e se apiedaram dela por isso. Não trocou uma palavra com as aias, nem sequer com Maria, que permanecia ao seu lado, numa compaixão silenciosa, nem com Dona Elvira que, nesta crise espanhola, tratava de tudo: o seu mando organizava as casas onde se alojariam ao longo do percurso, ela própria organizava as refeições da princesa, o leito, as damas de companhia, a dieta. Catarina não falava, e deixava que fizessem com ela o que lhes aprouvesse.

Alguns dos seus anfitriões consideraram que estava tão afundada na dor que não era capaz de pronunciar uma palavra, e rezavam para que recuperasse as forças, que voltasse à Espanha e fizesse um novo casamento, que lhe trouxesse um novo marido, para substituir o antigo. O que não sabiam era que Catarina guardava a dor pela perda do marido num lugar oculto, no mais profundo de si mesma. Atrasou deliberadamente o luto até ter a certeza de que dedicar-se a ele.

Durante a sua atribulada viagem na liteira, não chorava por Artur, esforçava-se por encontrar uma forma de concretizar o sonho do marido. Perguntava-se como poderia obedecer-lhe, tal como ele lho pedira. Questionava-se sobre como seria possível cumprir a promessa que fizera, no seu leito de morte, ao único jovem que alguma vez amara.



Vou ter de ser inteligente. Terei de ser mais astuciosa do que o rei Henrique Tudor, mais determinada do que a sua mãe. Diante daqueles dois, não sei se conseguirei o que pretendo.

Mas tenho de conseguir. Fiz a promessa, vou contar a minha mentira. A Inglaterra será governada como Artur pretendia. A rosa viverá de novo, construirei a Inglaterra que ele queria. Quem me dera poder ter trazido Lady Margaret comigo, para me aconselhar, sinto falta da sua amizade, da sua sabedoria experiente. Gostava de poder fixar o seu olhar franco e ouvir os seus conselhos para me resignar, para me vergar ao meu destino, para me entregar à vontade de Deus. Não seguiria os seus conselhos - mas gostaria de poder ouvi-los.





Verão de 1502

Croydon, Maio de 1502

A princesa e a sua comitiva chegaram ao Palácio ele Croydon Dona Elvira levou Catarina para os seus aposentos privados. Desta vez, a rapariga não foi para o seu quarto de dormir, nem fechou a porta atrás de si, ficou na sumptuosa antecâmara, olhando em volta.

- Uma sala adequada a uma princesa - disse.

- Mas não é a vossa - respondeu Dona Elvira, preocupada pelo estatuto da sua protegida. - Não vos foi concedida. E apenas para que a utilizeis.

A jovem acenou com a cabeça.

- É adequada - afirmou.

- O embaixador espanhol aguarda-vos - comunicou-lhe Dona Elvira. - Quereis que diga que não o recebereis?

- Eu recebo-o - respondeu Catarina tranquilamente. - Dizei-lhe que entre.

- Não tendes de...

- Pode trazer notícias da minha mãe - disse ela. - Gostava de receber os conselhos dela.

A ama fez uma vénia e saiu, para ir ter com o embaixador. Este conversava animadamente na galeria exterior â antecâmara da princesa, com o padre Alessandro Geraldini, o capelão da princesa. Dona Elvira olhou-os com desagrado. O capelão era um homem alto, bonito, a sua compleição morena contrastava com a do acompanhante. O embaixador, Dr. de Puebla,

parecia pequeno ao lado dele, e estava encostado a uma cadeira para suportar a sua coluna deformada, a sua perna aleijada estava entalada atrás da outra, o seu rosto claro estava animado de emoção.

- Ela está à espera de uma criança? - confirmou o embaixador um murmúrio. - Tendes a certeza?

- Rezo a Deus para que esteja. Ela espera seguramente que assim seja - confirmou o confessor. _ Dr. de Puebla! - chamou a ama, incomodada com o ar de secretismo entre os dois. - Vou levar-vos à princesa agora.

- Com certeza, Dona Elvira - respondeu ele, com o mesmo ar. _ imediatamente.

De Puebla entrou no quarto a coxear, com o chapéu preto ricamente orlado na mão, o rosto emoldurado num sorriso pouco convincente. Inclinou-se numa vénia com um floreio, e levantou- se para analisar a princesa.

De imediato, ficou surpreendido pelo quanto ela havia mudado em tão pouco tempo. Viera para a Inglaterra ainda menina, com o optimismo de uma menina. Considerara-a uma criança mimada, que fora protegida das dificuldades da vida real. No palácio de contos de fadas do Alhambra, aquela fora a filha mais nova e mais mimada dos poderosos monarcas da Cristandade. A sua viagem para a Inglaterra fora a primeira contrariedade que fora obrigada a suportar, e queixara- se dela amargamente, como se ele pudesse alterar as condiçoes climatéricas. No dia do casamento, ao lado de Artur e ao ouvir as saudações por ele, fora a primeira vez que estivera em segundo lugar em relação a alguém que não fossem os seus heróicos pais.

Mas, diante de si, estava agora uma rapariga que fora impelida pela infelicidade a tomar-se madura. Esta Catarina era mais magra e mais pálida, mas com uma nova beleza espiritual, moldada pelas dificuldades. Susteve a respiração. Esta Catarina era uma jovem com presença de uma rainha. Através da dor, tornara-se, não apenas a viuva de Artur, mas a filha da sua mãe. Esta era uma princesa da linhagem que derrotara o inimigo mais poderoso da Cristandade. Era o próprio osso do osso e sangue do sangue de Isabel de Castela. Era fria, dura. Desejava bastante que não fosse ser difícil lidar com ela.

De Puebla lançou-lhe um sorriso que pretendia ser reconfortante, e viu-a analisá-lo sem lhe retribuir a expressão calorosa, endeu-lhe a mão e sentou-se na cadeira de madeira de costas direitas. diante da lareira.

- Podeis sentar-vos - disse-lhe graciosamente, apontando para uma cadeira mais baixa, a alguma distância.

Ele fez mais uma vénia e sentou-se.

- Tendes alguma mensagem para mim?

- De condolências, do rei e da rainha Isabel, e de Sua Alteza a Mãe do Rei. e minha, claro. Vão convidar-vos a comparecer na corte, quando estiverdes recomposta da vossa viagem e tiverd— concluído o luto.

- Quanto tempo deverei guardar o luto? - perguntou Catar

- Sua Alteza, a Mãe do Rei, afirmou que devíeis permanecer reclusão por um mês após o funeral. Mas, uma vez que nào e.; vestes na Corte durante esse tempo, decidiu que permanecer aqui, até ela vos ordenar que regresseis a Londres. Está preocupa com a vossa saúde...

Fez uma pausa, esperando que ela dissesse espontaneamen' se estava, ou nào, à espera de uma criança, mas a princesa prologou o silêncio.

Pensou que devia perguntar-lhe directamente.

- Infanta...

- Deveríeis chamar-me princesa - interrompeu-o. - Sou a Princesa de Gales.

Ele hesitou, sem saber o que fazer.

- Princesa Viúva - corrigiu-a calmamente.

- Com certeza. Já percebi. Tendes alguma carta da Espanha? Ele fez uma vénia e entregou-lhe a carta que trazia no oculto da sua manga. Ida nào lha arrancou das mãos, como ur criança, para a abrir. Acenou com a cabeça em sinal de agrade: mento e pegou nela.

- Quereis abri-la agora? Nào quereis responder?

- Quando tiver escrito a minha resposta, mando chamar-v respondeu simplesmente, afirmando o seu poder sobre ele. Mandarei chamar-vos, quando precisar de vós,

- Com certeza. Vossa Graça. - passou a mão pelo veludo d calções pretos para esconder a sua irritação, mas no seu inten considerou uma impertinência o facto de a Infanta, agora uma viu dar ordens, em situações em que, enquanto Princesa de Gales, pe educadamente. Pensou que, afinal, talvez nào lhe agradasse nova e refinada Catarina.

- Tivestes notícias da Espanha, de Suas Majestades? - pergunt ela. - Aconselharam-vos, indicando quais seriam os seus desejos.

- Sim - respondeu ele, perguntando-se o quanto lhe deve contar. - Claro. A rainha Isabel está preocupada que vós não estejais bem. Pediu-me que me informasse da vossa saúde e que transmitisse.

Uma sombra secreta atravessou o rosto de Catarina.

- Vou escrever à rainha, minha mãe e dar-lhe notícias minhas, _ disse ela.

- Ela estava ansiosa por saber... - começou ele, tentando obter a resposta à principal questão:

"Havia um herdeiro? A princesa estava à espera de um filho?"

_ Não confiarei em mais ninguém, além da minha mãe.

- Não poderemos continuar a tratar da vossa herança, com as negociações, até sabermos - respondeu ele friamente. - Isso faz toda a diferença.

Ela não se exaltou como ele pensara que aconteceria. Inclinou a cabeça, controlando-se.

- Vou escrever à minha mãe - repetiu, como se os seus conselhos não tivessem importância nenhuma.

Percebeu que não obteria mais nenhuma informação dela. Mas. pelo menos, o capelão dissera- lhe que ela poderia estar à espera de uma criança, ele deveria saber. O rei ficaria feliz por saber que havia, pelo

menos, a possibilidade de existir um herdeiro. De qualquer forma, ela não o negara. Poderia tirar-se algum partido do seu silêncio.

- Então, deixar-vos-ei, para que possais ler a vossa carta - fez uma vénia.

Ela esboçou um gesto casual, indicando que ele podia sair, e voltou-se para olhar para as chamas da pequena lareira de Verão. Ele voltou a fazer uma vénia e. quando ela já não estava a olhar para ele, analisou a sua silhueta. Não apresentava sinais de gravidez, mas algumas mulheres passavam muito mal nos primeiros meses. A sua palidez poderia ser provocada pelos enjoos matinais. Era impossível para um homem adivinhar. Teria de confiar na opinião do seu confessor, e transmiti-la com precaução.



*Abro a carta da minha mãe com as mãos a tremer tanto que quase não consigo quebrar o lacre. A primeira coisa que vejo é a Cidad**e** da carta, apenas uma página.*

- Oh, Madre - suspiro. - Só isto?Talvez tivesse sido escrita à pressa; mas sinto-me muito magoada que me escreveu tão pouco! Se soubesse **o** *quanto quero ouvir a sua voz, ter-me-ia escrito o dobro do que escreveu. Deus é a minha testemunha de que penso que não serei capaz de fazer isto sem ela; só tenho dezasseis anos e meio, preciso da minha mãe.*

Leio a breve carta de uma vez, e depois, quase incrédula, volto a lê-la. Não é uma carta de uma mãe extremosa para a filha. Não é uma carta de uma mulher para a sua filha preferida, quando essa filha se encontra no limiar do desespero. Fria, poderosamente, escreveu-me uma carta de uma rainha para uma princesa. Escreve apenas sobre o negócio. Poderíamos ser dois mercadores que negoceiam uma transacção. Afirma que devo ficar em qualquer casa que me seja disponibilizada, até ter o meu próximo período e saber que não estou grávida. Se for esse o caso, devo ordenar ao Dr. de Puebla que solicite o meu quinhão, na qualidade de Princesa Viúva de Gales e, assim que tenha recebido todo o dinheiro, e não antes (sublinhado para que não haja enganos), devo apanhar um navio para a Espanha.

Se, por outro lado, Deus for gracioso, e eu estiver à espera de uma criança, então, devo assegurar ao Dr. de Puebla que o montante do meu dote será

pago em dinheiro e de imediato, ele deve garantir-me a minha mesada como Princesa Viúva de Gales, e eu devo descansar e esperar ter um rapaz. Devo escrever-lhe imediatamente e dizer-lhe se penso que estou ã espera de uma criança. Devo escrever-lhe, assim que tiver a certeza, de uma coisa ou da outra, e devo confiar igualmente no Dr. de Puebla, e manter-me sob a protecção de Dona Elvira.

Dobro a carta cuidadosamente, juntando as extremidades, como se o aprumo fosse de extrema importância. Penso que se ela soubesse do desespero que rodeia a minha mente, como um rio de escuridão, ter-me-ia escrito num tom mais simpático. Se soubesse como me sinto só, como estou desesperada, as saudades que tenho dele, não me falaria de acordos, pensões ou títulos. Se soubesse quanto o amava e como não suporto viver sem ele. escrever-me-ia ***e*** *dir-me-ia que me ama, que devo voltar já para casa. para junto dela, sem esperar mais.*

Meto a carta no bolso da cintura, e ponho-me de pé. como se ***me*** *apresentasse para o meu dever. Já não sou nenhuma criança. Não vou chorar pela minha mãe. Vejo que não estou nas graças especiais de Deus. uma vez que pôde deixar Artur morrer. Vejo que não estou nas graças especiais da minha mãe. visto que ela foi capaz de deixar sozinha, numa terra estranha.*

Ela não é apenas mãe, é a Rainha da Fspanha. e tem ***de*** *certificar de que tem um neto, ou se não tiver um neto, quer um tratado perfeito. Não sou apenas uma jovem que perdeu o homem que ama. Sou a Princesa da Espanha e tenho de gerar um neto, ou, se isso não for possível, um tratado perfeito. E, além disso, estou vinculada por uma promessa. Prometi que voltaria a ser Princesa de Gales, e Rainha da Inglaterra. Prometi-o ao jovem a quem prometi tudo. Cumpri-la-ei, por ele, independentemente da vontade alheia.*



O embaixador espanhol não entrou logo em contacto com Suas Majestades da Espanha. Ao invés, fazendo o seu habitual jogo duplo, transmitiu primeiro a opinião do capelão ao Rei da Inglaterra.

- O confessor afirma que ela está à espera de uma criança -alegou. Pela primeira vez em muitos dias, o rei Henrique sentiu o coração tornar-se mais leve.

-Óptimo, Meu Deus, se isso fosse verdade, mudava tudo.

- Deus permita que assim seja. Eu congratular-me-ia - concordou de Puebla. - Mas não posso garanti-lo. Ela não mostra sinais nesse sentido.

- Ainda pode ser cedo - concordou Henrique. - E, sabe Deus, e eu sei que, uma criança no berço não equivale a ter um príncipe no trono. Há um longo caminho a percorrer até chegar à coroa.

Mas seria um grande conforto para mim, se ela estivesse à espera de uma criança, assim como para a rainha - acrescentou como uma reflexão.

- Então, ela vai ter de ficar aqui na Inglaterra até termos a certeza - concluiu o embaixador. - E se não estiver grávida, acertaremos as nossas contas, vós e eu, e ela regressará a casa. A mãe pede que seja levada para casa, logo que possível.

- Esperemos para ver - disse Henrique, não admitindo nada. -mãe vai ter de esperar, como todos nós. E se estiver ansiosa para ter a filha de volta a casa, é melhor que pague o resto do dote.

-Não atrasaríeis a devolução da princesa à mãe por uma questão de dinheiro - sugeriu o embaixador.

- Quanto mais depressa tudo se resolver, melhor - afirmou Henrique suavemente. - Se ela estiver à espera de uma criança, então, é nossa filha e a mãe do nosso herdeiro; nada seria demasiado bom para ela. Se isso não se verificar, pode voltar para casa, junto da mãe, assim que o dote esteja pago.



Eu sei que não há nenhuma Maria a desenvolver-se no meu útero, não há nenhum Artur, mas não direi nada até saber o que fazer. Atrevo-me a não dizer nada, até ter a certeza do que devo fazer. A minha mãe e o meu pai estarão a fazer planos em prol do que será melhor para a Espanha, o rei Henrique deve estar a planear o melhor para a Inglaterra. Sozinha, terei d e encontrar uma forma de cumprir a minha promessa. Ninguém me ajudará. Ninguém pode, sequer, saber o que estou a fazer. Só Artur, no céu, compreenderá o que estou a fazer e sinto- me longe, muito longe dele. É tão

*doloroso, é uma dor que eu não podia imaginar. Nunca precisei tanto dele como agora, agora que está morto, e só ele pode acons **e**lhar-me sobre como cumprir a promessa que lhe fiz.*



Catarina passara menos de um mês em reclusão no Palácio de Croydon quando o capelão do rei veio dizer-lhe que a Casa de Durham, na Strand, fora preparada para ela e que poderia mudar-se para lá quando quisesse. É aí a residência habitual de uma Princesa de Gales? - perguntou Catarina, urgentemente a de Puebla, que fora chamado de imediato aos seus aposentos privados. - Seria na Casa de Durham que uma princesa moraria? Porque não posso voltar a viver no Castelo de Baynard?

- A Casa de Durham é perfeitamente adequada - insistiu ele, retraindo-se pelo fervor dela. - E o vosso séquito não foi reduzido. O rei não mandou despedir ninguém. Ireis ter uma corte adequada. E ele vai pagar-vos uma mesada.

- O meu quinhão, como viúva do príncipe? Ele evitou o olhar dela.

- Por enquanto, será uma mesada. Não vos esqueçais de que ele ainda não recebeu o vosso dote, por parte dos **VOSSOS** pais, por isso, não vai pagar-vos o vosso quinhão. Mas vai dar-vos uma boa quantia, que vai permitir-vos manter a vossa condição.

- Eu devia receber o meu quinhão.

Ele abanou a cabeça.

- O rei não vos pagará o quinhão até receber o dote completo. Mas é uma boa mesada, ireis manter um bom nível de vida.

Percebeu que ela estava imensamente aliviada.

- Princesa, não há dúvida de que o rei respeita a vossa posição _ indicou cuidadosamente. - Não deveis ter receios quanto a esse aspecto. Claro, se ele pudesse ter certezas relativamente ao vosso estado de saúde...

Mais uma vez, a expressão fechada desceu sobre o rosto de Catarina.

-Não sei a que vos referis - disse secamente. - Eu estou bem. Podeis dizer-lhe que estou bem. Nada mais.



Estou a ganhar tempo, deixando-os pensar que estou à espera de uma criança. É uma agonia tão grande, saber que o meu período chegou e partiu, que estou pronta para a semente de Artur, mas ele está frio e partiu e nunca voltará à minha cama, e nunca faremos a filha dele, Maria, nem o filho dele, Artur.

Não suporto dizer-lhes a verdade: não fui fecundada, não tenho um bebé para educar por ele. E enquanto eu não digo nada, eles também têm de esperar. Não me vão enviar de volta para a Espanha, enquanto tiverem esperanças de que ainda possa ser Sua Alteza, a Mãe do Príncipe de Gales. Têm de esperar.

E, enquanto esperam, posso planear o que direi, e o que farei. Tenho de ser esperta, como a minha mãe seria, e matreira, como a raposa, o meu pai. Tenho de ser determinada como ela, e dissimulada como ele. Tenho de pensar como e quando vou começar a contar esta mentira, a grande mentira do príncipe Artur. Se conseguir contá-la de forma a convencer toda a gente, se conseguir colocar-me numa posição em que possa cumprir o meu destino, então Artur, querido Artur, pode fazer como desejava. Pode governar a Inglaterra através de mim, posso casar com o seu irmão e tornar-me rainha. Artur pode viver através do filho que eu conceber com o irmão, podemos construir a Inglaterra que ele jurou que construiríamos, apesar do infortúnio, apesar da loucura do irmão, apesar do meu próprio desespero.

Não vou entregar-me ao desgosto, entregar-me-ei ã Inglaterra. Cumprirei a minha promessa. Serei fiel ao meu marido e ao meu destino. Planearei, conspirarei e analisarei como vou poder dominar esta infelicidade e ser o que nasci para ser. Como serei a pretendente ao trono que se torna rainha.



Londres, Junho de 1502

A pequena corte mudou-se para a Casa de Durham nos finais de Junho e o resto do séquito de Catarina foi chegando aos poucos vindo do Castelo de Ludlow, falando de uma cidade em silêncio e de um castelo em luto. Catarina não parecia particularmente entusiasmada com a mudança de cenário, apesar de a Casa de Durham ser um palácio bonito, com jardins agradáveis, que se estendiam até ao rio, com as suas próprias escadas e um molhe para os barcos. O embaixador veio visitá-la e encontrou-a na galeria em frente de casa, que dava para o pátio de entrada e, lá em baixo, a Ivy Lane.

Deixou-o apresentar-se diante dela.

- Vossa Graça, a rainha vossa mãe vai enviar um emissário para vos escoltar até casa, assim que o vosso quinhão de viúva seja pago. Uma vez que não nos haveis dito que esperais uma criança, ela está a tratar dos preparativos para a vossa viagem.

De Puebla viu os seus lábios cerrados, como se tentassem refrear uma resposta apressada.

- Quanto é que o rei tem de me pagar, como viúva do se filho?

- Tem de pagar-vos um terço das receitas de Gales, da Cornualha e de Chester - respondeu ele. - E os vossos pais solicitam agora que, além disso, o rei Henrique devolva a totalidade do vosso dote.

Catarina pareceu consternada.

- Ele nunca o fará - disse friamente. - Nenhum emissário será capaz de convencê-lo. O rei Henrique nunca pagará um valor desses por mim. Nem sequer me pagava a mesada quando o filho era vivo. Porque haverá de me devolver o dote e pagar-me o meu quinhão, se não ganha nada com isso?

O embaixador encolheu os ombros.

- Está no contrato.

- Assim como a minha mesada, e não conseguistes obrigá-lo a pagar-ma - disse ela de modo cortante.

- Devíeis ter entregue a vossa baixela, assim que chegastes.

_ E comia com quê? - perguntou irritada.

De um modo insolente, manteve-se de pé diante dela. Ele sabia, o que ela ainda não compreendera, que não tinha qualquer poder. A cada dia que passava sem que anunciasse que estava à espera de um filho, a sua importância diminuía. Ele tinha a certeza de que ela não estava grávida. Considerava-a uma louca; conseguira ganhar algum tempo graças à sua discrição - mas para quê? O facto de ela não gostar dele tinha muito pouca importância: em breve ela teria desaparecido. Poderia ficar enfurecida, mas nada mudaria.

- Porque é que alguma vez concordastes com um contrato destes? Devíeis saber que ele não o honraria.

Ele encolheu os ombros. A conversa não fazia qualquer sentido.

- Como poderíamos imaginar que algo de tão trágico aconteceria? Quem poderia imaginar que o príncipe morreria, mal entrasse na idade adulta? É tão triste.

Sim, sim - retorquiu Catarina. Prometera a si mesma que nunca choraria por Artur diante de ninguém. As lágrimas tinham de ser controladas. - Mas agora, graças a este contrato, o rei está bastante endividado para comigo. Tem de devolver o dote que lhe foi pago, não pode ficar com a minha baixela, e deve-me o meu quinhão. Embaixador, eleveis saber que ele nunca pagará tudo isso, E é evidente que jamais me entregará as rendas de - onde? - Gales e. e Cornualha? - nunca.

- Só até voltardes a casar - observou ele. - Tem de pagar-vos o vosso quinhão até voltardes a casar. E temos de pressupor que voltareis a casar em breve. Suas Majestades quererão que regresseis a casa, para vos

arranjar um novo casamento. Estou convencido de que o emissário vem buscar-vos, exactamente por esse motivo. Provavelmente já têm um novo contrato de casamento elaborado. Talvez, já estejais prometida.

Por um momento, de Puebla viu o choque no rosto dela. depois, ela voltou-lhe abruptamente as costas para olhar para fora da janela, para o pátio à frente do palácio e os portões abertos para as movimentadas aias no exterior. Observou os seus ombros contraídos e a tensa curva do pescoço, surpreendido por a sua alusão a um segundo casamento a ter atingido tão violentamente. Porque ficaria ela tão chocada com a menção do casamento? Com certeza, devia saber que só iria voltar para casa para se casar novamente.

Catarina permitiu que o silêncio se prolongasse enquanto observava a rua para lá do portão da Casa de Durham. Era tão diferente da sua casa. Não havia homens morenos com belas túnicas não havia mulheres com véus. Não havia vendedores de rua cç>-ricas pilhas de especiarias, nem vendedores de flores, a cambale sob pequenas montanhas de flores. Não havia ervanários, físicos astrónomos, dedicando-se ao seu ofício, como se o conhecinie estivesse disponível, gratuitamente, para todos. Não havia mo mentações silenciosas em direcção à mesquita para as oraçoi cinco vezes por dia, não se ouvia o ruído constante cias fontes. A invés, havia a azáfama de uma das maiores cidades do mundo, implacável, imparável burburinho da prosperidade e do comércio, o repicar dos sinos de centenas de igrejas. Esta era uma cidade rebentar de confiança, rica no seu próprio comércio, exuberam mente rica.

- Agora, esta é a minha terra - disse. Decididamente, pusera parte as imagens na sua mente de uma cidade mais quente, de u comunidade mais pequena, de um mundo mais tranquilo e m ' exótico. - O rei não deve pensar que eu vou voltar para casa e cas novamente, como se nada disto tivesse acontecido. Os meus pa: não devem pensar que podem mudar o meu destino. Eu fui educa da para ser a Princesa de Gales e Rainha da Inglaterra. Não vou s afastada como uma dívida não saldada.

O embaixador, que pertencia a uma raça que conhecera desapontamento, bastante mais velho e sábio do que a rapariga q estava, de pé, junto da janela, sorriu nas suas costas.

- Claro que tudo será como desejais - mentiu com facilidad - Escreverei ao vosso pai e ã vossa mãe e dir-lhes-ei que prefe aguardar aqui, na Inglaterra, enquanto o vosso futuro se decide.

Catarina contra-atacou.

- Não, eu decidirei o meu futuro. Teve de se refrear para esconder o sorriso.

- Claro que decidireis, Infanta.

- Princesa Viúva.

- Princesa Viúva.

Ela respirou fundo; mas quando a voz lhe saiu era bastante firme.

- Podeis comunicar ao meu pai e à minha mãe. e direis ao que não estou à espera de nenhuma criança.

- Com certeza - suspirou ele. - Obrigado por nos infon Isso torna tudo muito mais claro.

- De que forma?

- O rei libertar-vos-á. Podeis voltar para casa. Não terá qu quer reivindicação a fazer a vosso respeito, nenhum interesse e Vós.Não há nenhum motivo para ficardes. Terei de tratar dos preparativos, mas o vosso quinhão pode ir depois de vós. Podeis partir imediatamente.

- Não - respondeu ela friamente. De Puebla ficou surpreendido.

- Princesa Viúva, podeis ser libertada deste fracasso. Podeis voltar para casa. Sois livre para partir.

- Quereis dizer que os Ingleses pensam que já não sino para nada?

Ele encolheu ligeiramente os ombros, como se perguntando: "Para que serviria, visto já não ser donzela, nem ser mãe?"

- Que mais podereis fazer aqui? O vosso tempo aqui acabou. Ela ainda não

estava preparada para lhe apresentar o plano completo.

- Escreverei à minha mãe - foi tudo o que respondeu. - Mas não eleveis tratar de quaisquer preparativos para a minha partida. Pode muito bem acontecer que eu fique na Inglaterra um pouco mais. Se tenho de voltar a casar, posso fazê-lo na Inglaterra.

- Com quem? - perguntou ele. Ela desviou o olhar dele.

- Como posso saber? Devem ser os meus pais e o rei a decidir.



Tenho de descobrir uma forma de colocar o meu casamento com Henrique na cabeça do rei. Agora que sabe que não estou à espera de um filho, seguramente vai ocorrer-lhe que a solução de todos os nossos problemas será casar-me com Henrique? Se confiasse mais no Dr. de Puebla, deveria pedir-lhe para sugerir cio rei que eu poderia ser prometida a Henrique. Mas não confio nele. fez uma grande confusão com o contrato do meu primeiro casamento. não quero que faça o mesmo com o outro.

Se conseguisse enviar uma carta à minha mãe. sem que de Puebla a risse, poderia contar-lhe o meu plano, o plano de Artur.

Mas não posso. Estou sozinha nisto. Sinto-me tão temerosamente sozinha.



- Vão nomear Henrique como o novo Príncipe de Gales -informou Dona Elvira, calmamente à princesa, enquanto lhe escovava o cabelo, na última semana de Junho. - Ele vai ser o Príncipe Henrique, Príncipe de Gales.

Esperava que a rapariga desatasse a chorar com este último corte das ligações ao passado, mas Catarina não fez nada senão olhar em volta do quarto.

- Deixai-nos - disse secamente para as criadas que estavam a preparar a camisa de dormir e a abrir a cama. Saíram calmamente, fechando a porta atrás de si. Catarina atirou o cabelo para trás e fixou os olhos de Dona Elvira no espelho. Devolveu-lhe a escova do cabelo e fez-lhe um gesto com

a cabeça, para que continuasse.

- Quero que escrevais aos meus pais e lhes conteis que o meu casamento com o príncipe Artur não foi consumado - disse, suavemente. - Sou virgem, tal como era quando saí da Espanha.

Dona Elvira ficou espantada, suspendendo a escova no ar, de boca aberta.

- Vós dormistes juntos diante de toda a corte - disse ela.

- Ele era impotente - afirmou Catarina, com uma expressão tão dura como um diamante.

- Estivestes juntos uma vez por semana.

- Sem qualquer efeito - retorquiu ela, sem vacilar. - Era uma grande tristeza para ele, e para mim.

- Infanta, nunca dissestes nada. Porque não me haveis dito? Os olhos de Catarina estavam cheios de lágrimas.

- O que poderia dizer? Tínhamos acabado de nos casar. Ele era muito jovem. Pensei que tudo se comporia com o tempo.

Dona Elvira nem sequer fingiu acreditar nela.

- Princesa, não necessitais de dizer uma coisa dessas. Só porque fostes esposa, não precisais de estragar o vosso futuro. Ser viúva não é obstáculo para um bom casamento. Encontrarão alguém para vós. Encontrarão um bom companheiro para vos. não tendes de fingir...

- Não quero "alguém" - respondeu Catarina ferozmente. Deveis sabê-lo tão bem como eu. Eu nasci para ser Princesa Gales e Rainha da Inglaterra. O maior desejo de Artur era que e fosse Rainha da Inglaterra. - Impediu-se de pensar nele, ou acrescentar mais alguma coisa. Mordeu o lábio; não devia ter tentado dizer o nome dele. Forçou as lágrimas a cair e respirou fundo Sou uma virgem intocada, agora, tal como era na Espanha. Deve dizer-lhes isso.

- Mas não precisamos de dizer nada, de qualquer forma, podemos voltar

para a Espanha - relembrou-lhe a mulher mais velha.

- Vão casar-me com um lorde qualquer, talvez um arquiduque, _ disse Catarina. - Não quero que me mandem embora. Quereis administrar o meu séquito num pequeno castelo espanhol? Ou na Áustria? Ou num sítio pior? Tereis de vir comigo, não vos esqueçais. Quereis acabar na Holanda, ou na Alemanha?

Os olhos de Dona Elvira afastaram-se, pensava furiosamente.

- Ninguém acreditaria em nós, se disséssseis que sois virgem.

- Acreditariam sim. Tendes de lhes dizer. Ninguém se atreveria a perguntar-mo. Podeis dizer- lhes. Tendes de ser vós a contar-lhes. Acreditarão em vós, porque me sois próxima, como uma mãe.

- Eu não disse nada até agora.

- E procedestes bem. Mas direis agora. Dona Elvira, se fingirdes não saber, ou se disserdes uma coisa e eu outra, todos saberão que não sois da minha confiança, que não haveis cuidado de mim como deveríeis. Pensarão que sois negligente com os meus interesses, que perdestes o meu apoio. Eu penso que a minha mãe vos desacreditaria se pensasse que eu era virgem e que vós nem sequer soubésseis. Nunca voltaríeis a prestar serviços numa corte real, se pensassem que me havíeis negligenciado.

- Todos perceberam que ele estava apaixonado por vós.

- Não, não perceberam. Todos viram que estávamos juntos, como príncipe e princesa. Todos viram que ele vinha ao meu quarto, apenas como lhe haviam ordenado. Não passou disso.

Ninguém pode saber o que se passou para além da porta do quarto. Ninguém, além de mim. E eu digo que ele era impotente. Quem sois vós para o negar? Atreveis-vos a chamar-me mentirosa?

A mulher mais velha inclinou a cabeça para ganhar tempo.

- Se o afirmais - disse cuidadosamente. - O que quer que digais, Infanta.

- Princesa.

- Princesa - repetiu a mulher.

- E afirmo-o. É o caminho que tenho diante de mim. Na verdade, é o vosso também. Podemos fazer esta afirmação simples e Permanecer na Inglaterra; ou podemos regressar a Espanha, de luto, e tornarmo-nos insignificantes.

- Claro, posso dizer-lhes o que quiserdes. Se desejais dizer que vosso marido era impotente e que ainda sois uma donzela, posso dizê-lo. Mas como é que isso fará de vós rainha?

- Uma vez que o casamento não foi consumado, não poderá haver qualquer objecção ao facto de eu casar com o irmão do príncipe Artur, o príncipe Henrique - afirmou Catarina num tom duro e determinado.

Dona Elvira soltou um suspiro, chocada ao ouvir a fase seguinte Catarina prosseguiu.

- Quando este novo emissário chegar da Espanha, podeis informado de que é a vontade de Deus, e meu desejo, que eu volte a ser Princesa de Gales, como sempre fui. Deverá falar com o rei Negociará, não o meu quinhão de viúva, mas o meu próximo casamento.

Dona Elvira estava boquiaberta.

- Não podeis decidir o vosso próprio casamento.

- Posso - afirmou Catarina agressivamente. - Vou fazê-lo e vos ireis ajudar-me.

- Não podeis pensar que permitirão que o príncipe Henrique se case convosco?

- Porque não permitiriam? O casamento com o irmão não foi consumado. Sou virgem. Metade do dote para o rei já foi paga. Ele pode ficar com a metade que já recebeu e podemos entregar-lhe o restante. Não precisa de pagar o meu quinhão. O contrato foi assinado e selado, só têm de mudar os nomes, e aqui estou eu, já na Inglaterra. É a melhor solução para todos.

Sem ela, torno- me insignificante; vós certamente sois insignificante. A vossa ambição, a do vosso marido, tudo acabará em nada. Mas se conseguirmos convencê-lo, vós sereis a ama de uma casa real e eu serei o que devo ser: Princesa de Gales e Rainha da Inglaterra.

- Não nos deixarão! - suspirou Dona Elvira, aterrada pela ambição da sua protegida.

- Vão deixar-nos - afirmou Catarina ferozmente. - Temos de lutar por isso. Temos de ser o que deveríamos ser, nada menos.



Princesa à Espera

Inverno de 1503

O rei Henrique e a rainha, motivados pela perda do filho, estavam à espera de outra criança, e Catarina, esperando receber o seu apoio, estava a costurar um requintado enxoval de recém- nascido, diante de uma pequena lareira, na sala mais pequena do Palácio de Durham, nos primeiros dias de Fevereiro de 1503. As suas aias, fazendo as bainhas conforme as suas habilidades, estavam sentadas a alguma distância; Dona Elvira podia falar com privacidade.

- Este devia ser o enxoval do vosso bebé - afirmou a ama, ressentidamente.
- Viúva há um ano e ainda não há progressos. Que vai ser de vós?

Catarina levantou o olhar do seu trabalho delicado, com fio preto.

- Calma, Dona Elvira - disse tranquilamente. - Será como Deus e os meus pais decidirem.

-Já tendes dezassete anos - afirmou Dona Elvira, insistindo teimosamente no mesmo tema. decabeça baixa. - Quanto tempo ficaremos neste maldito país. sem serdes noiva nem esposa? Sem ser ninguém na corte, nem em parte nenhuma? Com contas a acumularem-se e o quinhão por pagar?

- Dona Elvira, se soubésseis o quanto as vossas palavras me magoam, não me parece que as dissesses - disse Catarina claramente - Só porque as murmurais para a vossa costura, como se fosseis um egípcio a rogar pragas, isso não significa que eu não as ouça. Se eu soubesse o que vai acontecer, seria eu própria a dizer-vos imediatamente. Não ficareis a saber mais, só por murmurar os vossos receios.

A mulher levantou a cabeça e fixou os olhos nus de Catarina

- E em vós que estou a pensar - respondeu friamente Mesmo que mais ninguém o faca

Mes mo que aquele ridículo embaixador e aquele idiota daquele emissário não o façam. Se o rei não ordenar que caseis com o príncipe, o que vai ser de vós? Se ele não vos deixar partir, se os vossos pais não insistirem no vosso regresso, o que vai acontecer? Vai manter-vos aqui pari sempre? Sois uma princesa ou uma prisioneira? Já passou quase um ano. Sois refém, em nome da aliança com a Espanha? Quanto tempo pode esperar? Tendes dezassete anos, quanto tempo mais podeis es

- Estou à espera - retorquiu Catarina com tranquilidade. - Pacientemente. Ate estar tudo resolvido.

A ama não disse mais nada, Catarina não tinha energia para cutir. Sabia que durante aquele ano de luto por Artur, fora pe tentemente empurrada para as margens da vida da corte. A sua gação de ainda ser virgem não dera lugar a um novo comproml como ela pensara que daria; tornara-a ainda mais irrelevante. Só convocada para comparecer na corte em grandes ocasiões, e de estava dependente da simpatia da rainha Isabel.

A mãe do rei, Lady Margaret, não tinha interesse na empo cida princesa espanhola. Não provara ser fértil, agora dizia que nunca tivera relações sexuais, era viúva e não trouxe mais dinheiro para o tesouro real. Não tinha qualquer utilidade para a Casa Tudor, excepto como uma base de licitação, na eterna luta com a Espa Bem podia permanecer na sua casa na Strand. em vez de ser o macia para a corte. Além disso, Sua Alteza, a Mãe do Rei, não tava da forma como o novo Príncipe de Gales olhava para a cunhada viúva.

Sempre que o príncipe Henrique a encontrava, cravava olhos nela, com uma devoção de cachorrinho. Sua Alteza, a Mãe Rei, decidira em privado que os manteria afastados. Considera que o sorriso da princesa para o jovem príncipe era demasiado cal roso, que ela incentivava a sua adoração juvenil para alimentar a própria vaidade. Sua Alteza, a Mae do Rei. ressentia-se da influência de qualquer pessoa sobre o único filho e herdeiro sobrevivente. Por outro lado, não confiava em Catarina. Porque e que a jovem vfuv ciaria atenção a um cunhado que era quase seis anos mais jove que ela? O que esperava obter desta amizade? Com certeza sabia que ele era mantido tão vigiado como uma criança: dormia no quarto do pai, tinha companhia dia e noite, e estava constantemente sob supervisão? O que esperava a viúva espanhola conseguir, enviando livros, ensinando-

lhe espanhol, rindo da sua pronúncia e observando-o a montar na quintana, como se estivesse a treinar para ser 0seu cavaleiro andante?

Não ganharia nada com aquilo. Não poderia ganhar nada com aquilo. Mas Sua Alteza, a Mãe do Rei, não permitira que ninguém tornasse íntimo de Henrique, além de si própria, e ordenou que as visitas de Catarina à corte fossem raras e breves. O próprio rei era suficientemente simpático para Catarina quando a via. mas sentia-o olhá-la como se ela fosse uma espécie de tesouro que tivesse furtado. Com ele. sentia-se sempre como uma espécie de troféu - não uma mulher jovem de dezassete anos, totalmente dependente da honra dele, sua filha por casamento.

Se tivesse conseguido falar de Artur com a sogra ou com o rei. talvez eles a tivessem procurado para partilhar a sua dor. Mas não podia servir-se do nome do marido para obter o apoio deles. Mesmo tendo passado um ano da sua morte, não conseguia pensar nele sem sentir um aperto no peito, tão grande que pensava que poderia impedi-la de respirar, de tanto sofrimento. Continuava a não conseguir pronunciar o seu nome em voz alta. E seguramente não podia contar com a sua dor, para obter os favores da corte.

- Mas, o que vai acontecer? - continuou Dona Elvira. Catarina voltou a cabeça para o outro lado.

- Não sei - respondeu secamente.

Talvez, se a rainha tiver outro filho, com este bebé, pode ser que o rei nos mande regressar a Espanha - continuou a ama. Catarina acenou com a cabeça.

- Talvez.

A ama conhecia-a suficientemente bem, para detectar a determinação silenciosa de Catarina.

- O vosso problema é que continuais a não querer partir - sussurrou. - O rei pode manter-vos como refém com o pretexto do dote, os vossos pais podem deixar-vos ficar; mas se insistísseis.

Poderíeis voltar para casa. Continuais a pensar que conseguireis convencê-

los a casar-vos com Henrique; mas se isso tivesse de fornecer, já estaríeis prometida. Tendes de desistir. Já estamos aqui há um ano e não fizestes progressos. Ireis manter-nos aqui encurraladas, ao serdes derrotada.

As pestanas cor de areia de Catarina fecharam-se para lhe cobrir os olhos.

- Oh não - disse. - Não me parece.

Ouviu-se bater a porta.

- Mensagem urgente para a Princesa Viúva de Gales! – gritou a voz.

Catarina deixou cair as peças que estava a costurar e levantou -se. As suas aias também se puseram ele pé. Era tão invulgar acontecer alguma coisa na tranquila corte da Casa ele Durham. que ficaram muito agitadas.

- Bem, deixai-o entrar! - exclamou Catarina.

Maria de Salinas abriu a porta e um dos criados reais entrou ajoelhou-se diante da princesa. - Más notícias - disse resumidamente. - A rainha teve um filho um príncipe, que faleceu. Sua Graça, a Rainha, também morreu. Deus reze por Sua Graça, o rei, no seu sofrimento real.

- O quê? - perguntou Dona Elvira, tentando perceber sequência voraz dos acontecimentos

- Deus proteja a alma dela - respondeu Catarina correctamente. - Deus salve o rei.



Pai Nosso, levai a Vossa filha Isabel para junto de Vós. Tendes de amá-la, era uma mulher de grande gentileza e graça. Sento-me sobre os calcanhares e abandono a minha prece. Penso que a vida da rainha, que terminou de um modo tão trágico foi triste. Se a versão de Artur do escândalo for verdade, então,ela fora preparada para casar com ***o*** *rei Ricardo, por muito desprezível e tirano que ele fosse. Quisera casar-se com ele e ser sua rainha, sua mãe e Sua Alteza, a Mãe do Rei. e a vitória de Bosworth haviam -na forçado a aceitar* ***o*** *rei Henrique. Nascera para ser Rainha da Inglaterra, e casara com o homem que podia dar-lhe o trono. Pensei que. se tivesse sido*

capaz de lhe contar a promessa que fizera, saberia a dor que me corta como gelo. sempre que penso em Artur, e saberia que lhe prometi que casaria com Henrique. Penso que teria compreendido que, quando nascemos para ser Rainha da Inglaterra, temos de ser Rainha da Inglaterra, seja quem for o rei Quem quer que lenha de ser ***o****nosso marido.*

Sem a sua presença tranquila na corte, sinto que me encontro mais em perigo, mais longe do meu objectivo. Ela era atenciosa comigo, era uma mulher amorosa. Eu esperava que passasse o meu ano de luto e acreditava que ela me ajudaria a casar com Henrique porque ele seria um refúgio para mim, e porque eu seria uma boa Esposa para ele. Estava confiante dee que ela sabia que uma pessoa pode casar com um homem por quem só sente indiferença e, ainda assim, ser uma boa esposa.

Mas, agora, a corte será dirigida por Sua Alteza, a Mãe do Rei. ha é uma mulher terrível, não é amiga de ninguém, à excepção sua própria causa, sem afecto por ninguém, além do filho, fique, e do filho deste, o príncipe Henrique.

Não ajuda ninguém, mas defende os interesses da sua família primeiro lugar. Considerar-me-á apenas mais uma candidata, c muitas, à mão dele. em casamento. Deus lhe perdoe, pode até procurar-lhe uma noiva francesa e, então, eu terei falhado, não só com Artur, mas com a minha própria mãe e o meu pai, que precisam de mim. para manterá aliança entre a Inglaterra e a Espanha fa inimizade entre a Inglaterra e a França.

Este ano foi difícil para mim. previra um ano de luto, seguido de um novo compromisso; cada vez me sinto mais ansiosa, uma vez que ninguém parece estar a planear nada de semelhante. E agora receio que tudo vá piorar. E se o rei Henrique decidir devolver a segunda parte do dote e me mandar para casa? E se prometerem Henrique, aquele miúdo disparatado, a outra pessoa? E se apenas se esquecerem de mim? Se me mantiverem como refém, para garantir **o** *bom comportamento da Espanha, e me negligenciarem? E se me deixarem na Casa de Durham, como uma princesa sombra numa corte sombra, enquanto o mundo real continua a viver noutro lugar?*

Detesto esta altura do ano na Inglaterra, o modo como o Inverno se arrasta interminavelmente, com nevoeiros frios e céus cinzentos. No Alhambra, a água dos canais descongelará e começará novamente afluir, gelada, correndo profunda, com água derretida dus neves da sierra. A terra começará a

aquecer nos jardins. f« homens plantarão flores e árvores jovens, o sol será quente de "taithà e as cortinas espessas serão retiradas das /anelas, para que as brisas mornas possam correr novamente pelo palácio.

Os pássaros do Verão voltarão às elevadas colinas e as oliveiras tremeluzirão com folhas em tons de verde e cinzento. Por todo o ado. os agricultores estarão a revolver o solo vermelho, e sentir-se-á ° odor da vida e do crescimento. Tenho saudades de estarem casa; mas não abandonarei o meu Posto. Não sou um soldado que se esquece do seu dever, sou uma sen-tnela que permanece de vigília a noite inteira. Não desapontarei o meu amor. Eu disse "Prometo", e não o esqueço. Ser-lhe-ei fiel. O jardim que representa a vida imortal. al-Yanna, esperara por mim, a rosa esperará por mim em al-Yanna.

Artur esperará lá por mim. Vou ser Rainha da Inglaterra como nasci para ser, como lhe prometi que seria. A rosa florescerá na Inglaterra, assim como no céu.



Foi organizado um grande funeral de estado pela rainha Isabel e Catarina estava novamente de luto. Através da renda preta da mantilha, observava as ordens de precedência, as disposições para a cerimónia, via como tudo era disposto, segundo as orientações do enorme livro da mãe do rei. Até o seu próprio lugar fora estipulado, atrás das princesas, mas à frente das outras damas da corte.

Lady Margaret, a mãe do rei. indicara todos os procedimentos a seguir na corte Tudor, desde o quarto do nascimento até à forma como o corpo seria exposto, para que o seu filho e as gerações, que ela rezava para que viessem a seguir a ele, estivessem preparadas para todas as ocasiões, para que cada ocasião fosse semelhante à anterior, e para que todas as ocasiões, por muito distantes no futuro, fossem comandadas por ela.

Assim, a sua primeira cerimónia fúnebre, pela nora de quem não gostava, correu com a ordem e a elegância de um bem planeado baile de máscaras na corte, e como grande organizadora de toda a celebração, subiu, visível e inquestionavelmente, para o seu lugar, como a mais importante dama da corte.

2 de Abril de 1503

Fazia um ano do dia em que Artur morrera e Catarina passou o dia sozinha, na capela da Casa de Durham. O padre Geraldini rezou uma missa em memória do jovem príncipe, de madrugada, e Catarina ficou na pequena igreja, sem quebrar o seu jejum, sem beber sequer um pequeno copo de cerveja, todo o dia. Durante algum tempo, esteve ajoelhada diante do altar, com os lábios a moverem-se em preces silenciosas, lutando contra a perda dele, contra uma dor que era tão aguda e tão real, como no dia em que permanecera de pé, no limiar da porta do quarto dele, e soube que não era possível salvá-lo, que ele iria morrer, que teria de viver se m ele. por algumas das longas horas, andou em volta da capela zia parando para admirar as imagens de devoção nas paredes ou as gravuras sofisticadas das extremidades dos bancos e do anteparo do crucifixo. O seu horror era que estava a esquecê-lo. Havia manhãs em que acordava e tentava ver o rosto dele, e descobria que não era capaz de ver nada sob as pálpebras fechadas, ou pior, tudo o que conseguia ver era uma imagem vaga dele, uma fraca semelhança: o simulacro e já não o autêntico. Nessas manhãs, sentava-se rapidamente, apertava os joelhos contra o estômago, e abraçava-se com força, para não ceder ao seu agonizante sentido de perda.

Depois, mais tarde, durante o dia, conversava com as suas amas de companhia, costurava ou passeava á beira rio, e alguém lhe diria qualquer coisa, ou veria o sol a bater na água e, de repente, ele estaria ali, diante dela, tão nítido como se estivesse vivo, a iluminar a tarde. Ela ficava parada, sem se mexer, por momentos, absorvendo-o em silêncio, e depois continuava a conversar, ou a passear, sabendo que nunca o esqueceria. Os seus olhos traziam a imagem dele nas pálpebras, o seu corpo possuía o toque dele na pele, ela era dele. até á morte: não - como acabou por acontecer -ate a morte dele; mas até à dela. Só quando os dois partissem desta vida, terminaria o seu casamento neste mundo.

Mas naquele dia, o aniversário da morte dele, Catarina prometera a si mesma que ficaria sozinha, não se permitira a indulgência do luto. ou de se revoltar com Deus por o ter levado.

Sabeis, nunca compreenderei qual era o Vosso objectivo", digo para a estátua de Cristo crucificado, pendurado pelas palmas das mãos, manchadas de sangue, por cima do altar.

"Podeis dar-me um sinal? Não podeis mostrar-me o que devo fazer?" Espero, mas Ele não diz nada. Tenho de me perguntar se o Deus que falara tão claro com a minha mãe está adormecido ou se desapareceu. Porque é que ele lhe dava instruções a ela, e comigo permanece em silêncio? Porque é que eu, educada como uma criança ferverosamente cristã, uma filha apaixonada da Igreja Católica Romana, não tenho a sensação de estar a ser ouvida, enquanto rezo a minha dor mais profunda? Porque é que Deus me abandonaria, quando preciso tanto Dele?

Volto para o banco bordado. diante do altar, mas não me ajoelho em posição de prece, volto-o ao contrário e sento-me neto se estivesse em casa, uma almofada puxada para perto de uma braseira quente, pronta para falar, preparada para ouvir. Mas agora ninguém fala comigo. Nem sequer o meu Deus.

"Sei que é Vossa vontade que eu seja rainha". digo pensativa mente, como se Ele pudesse responder, como se de repente pudesse contestar num tom tão razoável quanto o meu Sei que também é essa a vontade da minha mãe. Sei-o. meu querido"- interrompo final da frase. Mesmo agora, um ano depois, não posso correr o ris de pronunciar o nome de Artur, mesmo numa capela vazia, mesmo, para Deus. Ainda receio um ataque de choro, entrar em histeria loucura. Para além do meu controlo, está unia paixão por Artur como o lago profundo de um moinho, por trás de uma comporta Não me atrevo a deixar passar nem uma gota Haveria uma inundação de dor. uma torrente.

"Sei que ele desejava que eu fosse rainha. No seu leito morte, pediu-me que lhe fizesse uma promessa. Diante de Vós. fiz--lhe essa promessa. Em Vosso nome. fi-la. Foi sincera. Jurei que iria ser rainha. Mas como vou fazê-lo? Se essa e a Vossa vontade, assim como a dele, como acredito que é, então, Deus. ouvi-me. Fiquei sem estratagemas. Tendes de ser vós. 'Tendes de me mostrar a forma de o fazer ."

Há um ano que faço este pedido a Deus. cada vez com ma urgência; enquanto as negociações intermináveis sobre a devolução do dote e o pagamento do meu quinhão se arrastam sem fim. Sétima palavra clara da minha mãe. acabo por pensar que esta jogar o mesmo jogo que eu. Sem dúvida, sei que o meu pai lerá alguma estratégia táctica, a longo prazo, em mente. Se pelo menos dissessem o que devo fazer! No seu silêncio discreto, tenho de adivinhar que me deixam aqui, como isco para o rei. Estão a deixar-me aqui, até o rei ver, como eu vejo, como Artur viu, que a melhor resolução para esta dificuldade seria casar-me com o príncipe Henrique

O problema é que. a cada mês que passa, a estatura e importância de Henrique na corte aumenta: torna-se um pretenda, cada vez mais atractivo. O rei francês irá Jazer-lhe uma proposta centenas de principezinhos da Europa, com as suas filhas bonitas, farão ofertas, até o Sagrado Imperador Romano tem uma filha solteira, Margaret, que podia ser apropriada.

Temos de decidir este assunto rapidamente, neste mês de Abril, quando termina o meu primeiro ano de viuvez. Agora que estou livre do meu ano de espera. Mas o equilíbrio do poder mudou. O rei Henrique não tem pressa, o seu herdeiro é jovem - um rapaz com apenas onze anos. Mas eu tenho dezassete. Já devia estar casada. Já era altura de ser novamente Princesa de Gales.

Suas Majestades da Espanha pedem a lua: a restituição total do investimento e a devolução da filha, o quinhão completo da viúva a ser pago por um período indefinido. Oelevado preço ele indo isto foi pensado para convencer o Rei da Inglaterra a encontrar outra forma. A paciência dos meus país com a negociação permite que a Inglaterra me mantenha, a mim, e ao dinheiro.

Demonstram que não estão ci espera da minha devolução, nem da do dinheiro. Esperam que o Rei da Inglaterra perceba que não tem de me devolver, nem ao dinheiro. Mas estão a subestimá-lo. O rei Henrique não precisa que eles lhe dêem sugestões. Deve ter percebido tudo muito bem. Uma vez que não está a avançar, deve estará resistir a ambos os pedidos. E porque não deveria fazê-lo? E ele quem tem o poder. Tem metade do dote e tem-me a mim.

E não é nenhum tolo. A calma do novo emissário, Don Gutierre Comez de

Fuensalida. e a lentidão das negociações, alertou este rei extremamente astuto para o facto de a minha mãe e o meu pai estarem contentes por me deixarem nas mãos dele, na Inglaterra. Não é preciso ser-se Maquiavel para concluir que os meus pais estão à espera que outro casamento inglês - tal como quando Isabel ficou viúva, e a enviaram novamente para Portugal, para casar com o cunhado. Estas coisas acontecem. Mas só se todos estiverem de acordo. Na Inglaterra, onde o rei acabou de subir ao trono e é bastante ambicioso, pode ser necessária mais perícia do que aquela de que somos capazes, para fazer com que isso aconteça.

A minha mãe escreve-me para me dizer que tem um plano, mas que demorará algum tempo a dar frutos. Entretanto, diz-me para ser paciente e nunca fazer nada que ofenda o rei ou a sua Mãe. Sou a Princesa de Gales", respondo-lhe. "Nasci para ser icesa de Gales e Rainha da Inglaterra. Educastes- me com esses títulos.*Seguramente, não vou negar as minhas origens? '*

Seguramente. posso ser Princesa de Gales e Rainha da Inglaterra, "mesmo assim?" "Sê paciente", escreve-me ela de volta, num bilhete manchado pela viagem, que demora semanas a chegar até mim e que foi aberto; qualquer pessoa pode tê-lo lido. Concordo que o teu destino Rainha da Inglaterra. É o teu destino, a vontade de Deus e o meu desejo. Sê paciente.

Quanto tempo vou ter de ser paciente."?, pergunto a Deus ajoelhada diante Dele na Sua capela, no aniversário da morte de Artur. "Se essa é a Vossa vontade, porque não o fazeis de uma vez? Se é essa a Vossa vontade, porque não me destruístes juntamente, Artur? Se me estais a ouvir neste momento- porque me sinto tão terrivelmente só?"



A uma hora tardia da noite foi anunciada uma visita rara na tranquila antecâmara cia Casa de Durham.

- Lady Margaret Fole - anunciou o guarda a porta. Catarina pousou a Bíblia e voltou o rosto pálido para ver a amiga, hesitando timidamente à entrada.

- Lady Margaret!

- Princesa Viúva! - fez uma reverência e Catarina atravessou

apressadamente a sala na direcção dela, ergueu-a e abraçou-a.

- Não choreis - disse-lhe Lady Margaret baixinho ao ouvido.-Não choreis, ou juro que farei o mesmo.

- Não choro, não choro, prometo que não - Catarina virou-se para as damas de companhia. -

Deixai-nos - disse.

Elas saíram contrariadas, uma visita era uma novidade na casa calma, e além disso, as lareiras estavam apagadas em todas as outras salas. Lady Margaret olhou em volta da sala. em mau estado.

- O que é isto?

Catarina encolheu os ombros e tentou sorrir.

- Receio não ser boa gestora. F Dona Elvira não ajuda. Para dizer a verdade, só tenho o dinheiro que o rei me dá. E não é muito.

- Era isto que eu temia - disse a mulher mais velha. Cata puxou-a para perto da lareira e sentou-a na sua própria cadeira.

- Pensei que ainda estáveis em Ludlow?

- Estávamos. Temos estado. Uma vez que nem o rei,nem o príncipe vão a Gales, tudo caiu em cima dos ombros do meu marido. príncipe vão a Gales, tudo caiu em cima dos ombros do meu marido. Pensaríeis que voltei a ser princesa, se vísseis a minha pequena corte lá.

Catarina tentou sorrir novamente.

_ Sois importante?

- Bastante. E sobretudo falando galês. Sobretudo a cantar.

- Posso imaginar.

- Viemos para o funeral da rainha. Deus a abençoe, e depois ficar um pouco mais, e o meu marido sugeriu que podia vir-vos. Hoje tenho estado a

pensar em vós, todo o dia.

_ Estive na capela - disse Catarina inconsequentemente. - Nem parece que já passou um ano.

_ Não parece, pois não? - concordou Lady Margaret, apesar de, em privado, pensar que a rapariga envelhecera muito mais do que um ano. A dor refinara a sua beleza de menina, tinha o aspecto claro e decidido de uma mulher que vira as esperanças destruídas. _ Estais bem?

Catarina fez uma careta.

- Estou suficientemente bem. E vós? E as crianças? Lady Margaret sorriu.

- Graças a Deus. estamos. Mas sabeis quais são os planos cio rei para vós? Ides...? - hesitou. - Tendes de voltar para a Espanha? Ou ficais aqui?

Catarina aproximou-se dela.

- Estão a falar, sobre o meu dote, sobre o meu regresso. Mas não se faz nada. E não se decide nada. O rei está a segurar-me e a segurar o meu dote. e os meus pais estão a permitir que o faça.

Lady Margaret parecia preocupada.

- Soube que consideraram a hipótese de vos prometer ao príncipe Henrique - disse. - Não sabia. - E a escolha óbvia. Mas não parece óbvia para o rei - disse Catarina secamente. - O que pensais? Pensais que ele é homem para 'Snorar uma solução óbvia?

- Não - respondeu Lady Margaret, cuja vida fora posta em risco pela consciência, por parte do rei, de que o direito da sua família ao seu trono era um facto óbvio.

- Então, devo supor que ele considerou esta escolha e está á espera de ver se é a melhor que pode fazer - afirmou Catarina.

Suspirou - Meu Deus. e um trabalho cansativo, estar à espera.

- Agora, o vosso luto terminou, não há dúvidas de que ele tratará dos preparativos - disse a amiga esperançosa.

- Sem dúvida - respondeu Catarina.



Após ter passado várias semanas sozinho, de luto pela mulher o rei voltou à corte no Palácio de Whitehall, e Catarina foi convidada para jantar com a família real e sentada ao lado da princesa Mary e das damas da corte. O jovem Henrique. Príncipe de Gales recolocado em segurança, entre o pai e a avó. A viagem fria até a Castelo de Ludlow e a formação rigorosa de um príncipe à espera não eram para este príncipe. Lady Margaret decidira que este príncipe, o único herdeiro sobrevivente, devia ser educado sob o seu controlo, com à-vontade e conforto. Não devia ser mandado embora, devia ser permanentemente vigiado. Nem sequer lhe era permitido participar em desportos violentos, torneios ou combates, apesar de ter bastante vontade de participar, e de ser um rapaz que adorava a actividade e a emoção. A avó decidira que ele era demasiado precioso, para o pôr em risco.

Ele sorriu para Catarina e ela lançou-lhe um olhar que esperava ser discretamente caloroso. Mas não houve oportunidade para trocarem uma única palavra. Foi colocada mais ao fundo da mesa e mal o conseguia ver, graças a Sua Alteza, a Mãe do Rei. que o mimava com os melhores pedaços do seu próprio prato, e interpunha o seu ombro largo entre ele e as damas.

Catarina pensou que era como Artur dissera, que o rapaz era estragado com as suas atenções. A avó encostou-se para trás durante alguns momentos, para falar com um dos indicadores de lugares, e Catarina viu o olhar de Henrique dirigir-se-lhe. Sorriu para ele e baixou os olhos. Quando levantou o olhar, ele continuava a fixá-la e enrubesceu ao ser apanhado. "É uma criança", dirigiu-lhe um sorriso disfarçado, apesar de o criticar em silêncio. "Uma criança de onze anos, um gabarolas e um envergonhado. E porque é que este rapaz gorducho e mimado foi poupado quando Artur...", interrompeu imediatamente o seu pensamento.

Comparar Artur com o irmão era desejar a morte deste rapazinho, e não o faria. Pensar em Artur em público era correr o risco de começar a chorar, e nunca o faria.

"Uma mulher pode mandar num rapaz como aquele", pensou. "Uma mulher poderia ser uma grande rainha, se fosse casada co um rapaz como este. Nos primeiros dez anos ele não saberia nada, e nessa altura, talvez já tivesse adquirido o hábito de obedecer, ao ponto de permitir que a mulher continuasse a dar as ordens, poderia ser, como Artur me disse, um preguiçoso. Um jovem desperdiçado. Podia ser tão preguiçoso que podia divertir-se com jogos e caça, desportos e entretenimentos, para que o reino pudesse governado pela sua mulher."

Catarina nunca esqueceu que Artur lhe dissera que o rapaz, fantasiava estar apaixonado por ela. Se lhe dão tudo o que ele quer, talvez seja ele quem escolhe a noiva pensou. "Têm o hábito de o mimar. Talvez ele possa suplicar para casar comigo e eles sentir-se-ão obrigados a dizer que 'sim'."

Viu-o corar ainda mais, até as orelhas ficarem cor-de-rosa. Fixou os olhos nos dele por instantes, inspirou um pouco e abriu os lábios como se fosse sussurrar-lhe uma palavra. Viu os olhos azuis centrarem-se na sua boca e escurecer de desejo, e depois, calculando o efeito, ela baixou o olhar.

Que rapaz tão estúpido", pensou.

O rei levantou-se da mesa e todos os homens e mulheres que estavam sentados nos bancos apinhados do salão também se levantaram, e fizeram uma vénia com as cabeças.

- Agradeço-vos por terem vindo cumprimentar-me - afirmou o rei Henrique. - Camaradas em guerra e amigos em paz. Mas agora perdoai-me, porque desejo estar sozinho.

Acenou com a cabeça para Henrique, estendeu a mão à mãe, e a família real saiu pela pequena porta ao fundo do grande salão, dirigindo-se aos aposentos privados.

- Devíeis ter ficado mais tempo - observou a mãe do rei. enquanto se sentavam em cadeiras perto da lareira e o criado com o jarro lhes trazia vinho. - Parece mal. sair tão cedo. Havíeis dito ao Mestre do Cavalo que ficaríeis, e que iam cantar.

- Estava exausto - disse o rei Henrique. Olhou para onde Catarina e a princesa Margaret estavam sentadas. A mulher mais jovem tinha os olhos

vermelhos, a perda da mãe atingira-a bastante. Catarina era - como de costume - fria como aço. Pensou que ela tinha um grande poder de autocontrolo. Nem esta perda da sua única amiga na corte, a sua última amiga na Inglaterra, parecia perturbá-la.

- Ela pode voltar para a Casa de Durham amanha – observou mãe dele, seguindo a direcção do seu olhar. - Não lhe faz bem nenhum vir para a corte. Não conquistou o seu lugar aqui através de um herdeiro. e não pagou a sua posição aqui com o dote.

- Ela é determinada - disse ele. - É determinada nas suas atenções para convosco e para comigo.

- Determinada como uma praga - retorquiu a mãe.

- Sois muito dura com ela.

- O mundo é duro - respondeu ela simplesmente. - Sou apenas justa. Porque não a mandamos para casa?

- Não a admirais mesmo?

Ela ficou surpreendida com a pergunta.

- O que há nela que seja digno de admiração?

- A coragem, a dignidade. É bonita, claro, mas também tem encanto. É educada, é graciosa. Penso que, noutras circunstâncias poderia ter sido feliz. E agüentou, sob esta desilusão, como uma rainha.

- Ela não tem qualquer utilidade para nós - disse ela. - Era a nossa Princesa de Gales; mas o nosso menino morreu. Agora não nos serve de nada, por muito encantadora que possa parecer.

Catarina levantou os olhos e viu-os observarem-na. Esboçou um pequeno sorriso controlado e inclinou a cabeça. Henrique levantou-se, dirigiu-se sozinho a soleira da janela, e chamou-a com o dedo. Ela não foi a correr ter com ele, como qualquer uma das mulheres da corte teria feito. Olhou para ele. levantou uma sobrancelha, como se estivesse a pensar se devia ou não obedecer, e depois, pôs-se de pé. graciosamente, e dirigiu-se a ele.

"Meu Deus, ela é desejável", pensou para si mesmo. "Só tem dezassete anos. Totalmente sob o meu poder, e. no entanto, anda pela sala como se fosse a Rainha da Inglaterra coroada."

- Atrevo-me a dizer que ireis sentir saudades da rainha - disse abruptamente em francês quando ela chegou perto dele.

- Sim, vou sentir - respondeu claramente. - Sofro por vós, pela perda da vossa esposa. Tenho a certeza de que o meu pai e a minha mãe quereriam que vos transmitisse os sentimentos deles. Ele acenou com a cabeça, sem desviai os olhos do rosto dela.

- Agora partilhamos uma dor - observou. - Perdestes o vos companheiro na vida e eu a minha. Observou os seus olhos a estreitarem-se.

- É verdade - respondeu ela firmemente. - Partilhamos. Ele perguntou-se se ela estaria a tentar descobrir o que ele que ria dizer. Se aquela mente rápida estava a trabalhar por trás daquele rosto bonito e claro, não havia sinais disso. Tendes de me ensinar o segredo da vossa resignação - afirmou

- Oh. não penso que me resigno. Henrique estava intrigado.

- Não?

- Não. Creio que confio em Deus e no facto de Ele saber o que está certo para todos nós, e a Sua vontade cumprir-se-á.

- Mesmo quando os seus meios são ocultos, e nós, pecadores temos de tropeçar no escuro?

- Eu sei qual é o meu destino - disse Catarina calmamente. Ele foi gracioso ao ponto de mo revelar.

- Então, sois uma das muito poucas - disse ele, pensando fazer que ela se risse de si mesma.

- Eu sei - respondeu ela, sem indícios de um sorriso. Ele percebeu que ela confiava totalmente na sua crença de que Deus lhe revelara o futuro. - Sou abençoada.

- E qual é esse grande destino que Deus tem para vós? - perguntou ele sarcasticamente. Desejava tanto que ela dissesse que deveria ser Rainha da Inglaterra, e depois poderia pedir-lhe, ou aproximar-se dela, ou deixá-la perceber o que tinha em mente.

- Fazer a vontade de Deus, claro, e trazer o Seu Reino para a Terra - respondeu com inteligência, e evitando-o mais uma vez



.

Falo com muita confiança na vontade de Deus. e lembro ao rei que fui educada para ser a Princesa de Gales, mas, na verdade, Deus está silencioso para comigo. Desde o dia da morte de Artur, não consigo ter uma convicção autêntica de ser abençoada. Como posso dizer que sou abençoada, se perdi a única coisa que completava a minha vida? Como posso ser abençoada, se penso que não ierei voltar a ser feliz? Mas vivemos num mundo de crentes - tenho de dizer que me encontro sob a protecção especial de Deus. tenho de transmitir a ideia de que estou segura do meu destino. Sou 'ha de Isabel da Espanha. A minha herança é a certeza.

Mas na realidade, é claro, estou cada vez mais só. Sinto-me vez mais solitária. Não há nada entre mim e o desespero, excepto a minha promessa a Artur, e a linha ténue, como um fio de ouro num tapete, da minha determinação.



Maio de 1503

O rei Henrique não se aproximou de Catarina durante um mês, nome da decência, mas quando se livrou do casaco negro, fez-lhe uma visita formal na Casa de Durham. O seu séquito fora avisado de que ele viria, e trajavam as suas melhores roupas. Ele viu os sinais do desgaste nas cortinas, tapetes e decorações, e sorriu para dentro. Se ela tivesse o bom senso que ele considerava que tinha, ficaria satisfeita por encontrar uma resolução para aquela situação desconfortável. Felicitou-se por não lhe ter facilitado a vida no ano que transcorrera. A esta altura, ela já devia perceber que estava totalmente sob o seu poder, e os seus pais nada podiam fazer para a

libertar.

0 seu arauto abriu as portas duplas da antecâmara e gritou:

- Sua Graça, o Rei Henrique da Inglaterra... Henrique fez-lhe um gesto para que ele omitisse os restantes títulos e entrou, dirigindo-se à nora.

Ela trazia um vestido escuro com cordoes azuis nas mangas um peitilho ricamente bordado e um toucado azul-escuro. O conjunto salientava o tom âmbar do seu cabelo e o azul dos olhos, ele sorriu instintivamente de prazer ao vê-la, enquanto se inclinava numa reverência formal e se levantava.

- Vossa Graça - disse ela agradavelmente. - Isto é de facto uma honra.

Ele teve de se forçar a não olhar para a linha creme do pescoço dela, para o rosto suave e liso que olhava para ele. Vivera toda a vida com uma mulher bonita da sua idade; agora aqui estava uma rapariga com idade para ser sua filha, que ainda mantinha o odor rico do apogeu da juventude, e seios cheios e firmes. Estava realmente pronta para o casamento, estava mais do que pronta. Aquela era uma rapariga que devia ter companhia na cama. Voltou a controlar-se e de imediato concluiu que era em parte devasso e em parte amante, para olhar para a noiva jovem do seu malogrado filhe com tanto desejo.

- Posso oferecer-vos um refresco? - perguntou ela. Havia um sorriso ao fundo dos seus olhos. Ele pensou que ela fosse uma mulher mais velha, mais sofisticada, teria assumido que estava a provocá-lo, de uma forma tão conhecedora como um pescador que consegue apanhar um salmão.

- Obrigado. Aceito um copo de vinho. E foi dessa forma que ela o apanhou.

- Receio não ter nada adequado para vos oferecer - respondeu ela suavemente. Já não tenho nada na cave, e não tenho dinheiro para comprar vinhos bons.

Henrique não revelou um único sinal de que sabia que ela lhe preparara uma armadilha, para lhe poder falar das suas dificuldades financeiras.

- Lamento, vou ordenar que vos enviem alguns barris - afirmou. - A vossa

governanta deve ser muito descuidada.

- É muito rigorosa - respondeu ela simplesmente. - Aceitais uma caneca de cerveja? Fazemos a nossa própria cerveja e fica muito barato.

- Obrigado - respondeu ele, mordendo o lábio para esconder um sorriso. Ele não imaginara que ela tinha tanta autoconfiança. O ano de luto avivara a sua coragem, pensou. Sozinha numa terra estranha, não fora abaixo como teria acontecido com outras raparigas, da reunira as suas forças e tornara-se mais forte.

- Sua Alteza, a Mãe do Rei. encontra-se de boa saúde e a princesa Mary está bem? - perguntou, com tanta confiança, como se estivesse a recebê-lo no salão dourado do Alhambra.

- Sim, graças a Deus - respondeu ele. - F vós? Ela sorriu e inclinou a cabeça.

- E nem é preciso perguntar como vai a vossa saúde - comentou ela. - listais sempre igual.

- Ai sim?

- Desde a primeira vez que nos vimos - disse ela. - Quando eu acabara de chegar a Inglaterra e vós cavalgastes para ir ao meu encontro, no meu caminho para Londres. - Era extremamente difícil para Catarina não pensar em como estava Artur, naquela noite, aterrorizado pela rudeza do pai, a tentar falar com ela num tom submisso, olhando para ela às escondidas.

Com determinação afastou o seu jovem amante da sua mente e sorriu para o pai dele, dizendo:

- Fiquei tão surpreendida com a vossa visita, e tão assustada convosco.

Ele riu-se. Percebeu que ela invocara a imagem de quando ele a vira pela primeira vez, uma virgem ao lado do seu leito, com uma camisa branca e uma capa azul, o cabelo apanhado numa trança que lhe caía pelas costas abaixo, e de como pensara na altura que lhe aparecera como um violador, que forçara a entrada no seu quarto de dormir e que também podia tê-la forçado.

Voltou-se e puxou uma cadeira, para esconder os seus pensamentos, indicando-lhe por gestos que devia sentar-se. A ama dela, a mesma mula espanhola, de expresso azeda, reparou ele irritado. Permanecia ao fundo da sala com outras duas damas.

Catarina sentou-se perfeitamente composta, os dedos brancos entrelaçados no colo, de costas direitas, todos os seus modos eram os de uma jovem segura do seu poder de atracção. O rei enrique não disse nada e olhou-a por momentos. De certeza que ela sabia o que provocava nele ao relembrar-lhe a primeira vez que a vira? E. no entanto, seguramente a filha de Isabel de Espanha e viúva do seu próprio filho não podia estar conscientemente a provocá-lo.

Uma criada entrou trazendo duas pequenas canecas de cerveja. O rei foi servido primeiro e depois Catarina tirou uma canec Deu um pequeno gole e pousou-a.

- Continuais a não gostar de cerveja? - estava espantado com a intimidade da sua própria voz. De certeza que. para Deus. não havia problema em perguntar à nora o que gostava de beber.

- Só bebo quando tenho muita sede - respondeu ela. - Mas não aprecio o gosto que deixa na boca. - Pôs a mão na boca e tocou no lábio inferior. Fascinado, ele observou a ponta do seu dedo tocar na ponta da sua língua. Ela fez um trejeito. - Acho que nunca vai ser uma das minhas bebidas preferidas - disse.

- O que bebíeis na Espanha? - descobriu que quase não conseguia falar. Continuava a olhar para a sua boca macia, brilhando no sítio onde passara a língua pelos lábios.

- A água podia-se beber - respondeu ela. - No Alhambra, Mouros canalizaram água doce desde as montanhas até ao palácio. Bebíamos água de nascentes das montanhas, nas fontes, e ainda estava fria. E sumos de frutas, claro, tínhamos frutas maravilhosas n Verão, gelados e sorvetes, e também vinhos.

- Se partirdes em viagem comigo este Verão, podemos visitar lugares onde a água é potável - disse ele. Pensou que parecia um rapaz estúpido, prometendo-lhe que podia beber água. como se fosse um prémio. Persistiu,

obstinadamente. - Se vierdes comigo podemos ir caçar, podemos ir a Hampshire. e mais longe, a New Forest. Lembrais-vos da região em volta? Perto de onde nos vimos pela primeira vez?

- Gostaria tanto - disse ela. - Se ainda cá estiver, claro.

- Se ainda cá estiverdes? - Ficou assustado, quase se esquecera de que ela era sua refém, devia regressar a casa no Verão. Duvido que eu e o vosso pai tenhamos chegado a acordo em relação às condições, nessa altura.

- Porquê, como pode demorar tanto tempo? - perguntou ela, com os olhos azuis abertos de surpresa assumida. - De certeza que conseguimos chegar a um acordo? - hesitou. - Entre amigos? Se na conseguirmos chegar a acordo relativamente ao valor da diva deve haver outra forma? Qualquer outro acordo que possamos fazer. Uma vez que já fizemos um acordo antes?

Aquilo aproximava-se tanto do que ele pensara que o fez levantar-se, desconcertado. Ela também se levantou imediatamentamente. A parte de cima do seu belo toucado azul-escuro só lhe chegava aos ombros, pensou que teria de inclinar a cabeça para a beijar, e que ela estivesse debaixo dele na cama, teria de ter cuidado para não magoar. Sentiu a cara arder, só de pensar nisso.

- Vinde cá - disse-lhe bruscamente e levou-a até ao vão da janela onde as damas não podiam ouvi-los.

_ Tenho andado a pensar no tipo de acordo que podemos fizer **-** disse - O mais fácil seria que ficásseis aqui. Eu certamente gostaria que ficásseis.

Catarina não levantou os olhos para ele. Se o tivesse feito, ele assumi-la-ia como garantida. Mas continuou a olhar para o chão, com o rosto baixado.

- Oh, claro, se os meus pais concordarem - respondeu ela, tão baixo que ele quase não conseguiu ouvir.

Sentiu-se encurralado. Acreditava que não seria capaz de continuar, enquanto ela mantivesse a cabeça inclinada de uma forma tão delicada, e lhe mostrasse apenas a curva do pescoço e as pálpebras, e no entanto não fora capaz de recuar, quando ela lhe perguntara se não havia outra forma

de resolver o conflito entre ele e os seus pais.

- Deveis achar-me demasiado velho - disse subitamente. Os olhos azuis dela fixaram-no e baixaram novamente.

- De forma alguma - disse vagamente.

- Tenho idade para ser vosso pai - afirmou ele. esperando que ela discordasse. Ao invés, ela olhou-o.

- Nunca penso em vós desse modo - declarou. Henrique permaneceu em silêncio. Sentia-se completamente Perdido por esta jovem elegante que, num momento, parecia tão deliciosamente encorajadora, e noutro bastante opaca.

- Que gostaríeis de fazer? - perguntou-lhe.

Por fim, ela levantou a cabeça e sorriu-lhe, os seus lábios curvando-se, mas os seus olhos não transmitiam calor.

- O que decidirdes - respondeu. - Acima de tudo, gostaria de vos obedecer, Vossa Graça.



O *que é que ele quer dizer? O que está a fazer? Pensei que estava oferecer-me Henrique e ia responder aue "sim", auando ele E é claro que é. de facto, parece bastante mais relho do que o meu pai, é por isso que nunca penso nele como um pai. talvez como um avô, ou um padre idoso. O meu pai é bonito, um mulherengo terrível; um soldado valente; um herói no campo de batalha. Este rei lutou numa única batalha indiferente e aniquilou uma dúzia de revol pouco heróicas de homens pobres, demasiado fartos do seu reina para aguentarem mais. Por isso, não é como o meu pai. e eu só d! a verdade. quando respondi que nunca o vira desse modo.*

Mas depois olhou-me como se eu tivesse dito algo muito interesante, e perguntou-me o que eu queria. Não consegui dizer-lhe directamente que queria que esquecesse o meu casamento com filho mais velho, e me voltasse a casar com o mais novo. Por isso disse que lhe queria obedecer. Não pode haver nada de errado niss Mas, de alguma forma, não era o que ele queria. E

não me levo onde eu pretendia. Não faço ideia do que ele quer. Nem de como reverter a situacão a meu favor.



Henrique voltou para o Palácio de Whitehall. com o rosto arder e o coração em sobressalto, dividido entre a frustração e o cálculo. Se conseguisse convencer os pais de Catarina a autorizar casamento, poderia reivindicar o resto do seu dote substancial livrar-se do pagamento do quinhão, reforçar a aliança com a Espanha, no preciso momento em que procurava garantir novas alianças com a Escócia e a França, e talvez, com uma mulher tão jovem, ter mais um filho e herdeiro. Uma filha no trono da Escócia uma filha no trono da França deviam assegurar a paz às duas nações durante uma vida inteira. A Princesa da Espanha, no trono da Inglaterra, devia prender os reis mais cristãos da Espanha a uma aliança. Teria unido os grandes poderes da Cristandade numa aliança pacífica com a Inglaterra, não por uma geração, mas por várias gerações futuras. Teriam herdeiros comuns; estariam seguros. A Inglaterra estaria segura.

Melhor ainda, os filhos da Inglaterra poderiam herdar os tronos da França, Escócia e Espanha. A Inglaterra poderia conceber o seu caminho para a paz e a grandeza. Fazia todo o sentido ficar com Catarina; tentou concentrar-se nas vantagens políticas e não pensar na linha do seu pescoço, nem na curva da sua cintura. Tentou acalmar-se. pensando na pequena fortuna que pouparia, ao não ter de lhe entregar o quinhão a que tinha direito, nem de lhe pagar as despesas de manutenção, por pão ter de enviar um navio, provavelmente vários navios, para a escoltar de volta a casa. Mas a única coisa em que conseguia pensar era que ela tocara na boca macia com o dedo, e lhe dissera que não gostava do prolongado sabor a cerveja. Ao pensar na ponta da sua língua encostada ao lábio, gemeu em voz alta e o criado que estava a segurar no cavalo para que desmontasse, olhou para cima e disse:

- Senhor?

- É a bílis - respondeu amargamente.

O que o afligia parecia ser o preço demasiado alto, decidiu, enquanto caminhava em direcção aos seus aposentos privados, com os cortesãos

afastando-se à sua passagem com sorrisos bajuladores. Pensou que não podia esquecer-se de que ela era pouco mais do que uma criança, era sua nora. Se desse ouvidos ao bom senso que o levara tão longe, deveria simplesmente prometer pagar o quinhão, devolvê-la aos pais e. depois, adiar o pagamento até a casarem com outro louco real, noutro sítio qualquer, e poderia sair da situação sem ter de pagar nada.

Mas a simples ideia dela casada com outro homem obrigou-o a parar e a encostar a mão aos painéis de madeira, para se apoiar.

- Vossa Graça? - alguém perguntou. - Estais doente?

- É a bílis - repetiu o rei. - Alguma coisa que comi. O seu criado privado aproximou-se dele.

- Desejais que chame o vosso médico, Vossa Graça?

- Não - respondeu o rei. - Mas enviai alguns barris do melhor vinho para a Princesa Viúva. Não tem nada na adega, e quando tenho de a visitar, gostava de beber vinho e não cerveja.

- Sim. Vossa Graça - respondeu o homem, fazendo uma vénia e saindo. Henrique endireitou-se e foi para os seus aposentos.

Como de costume, estavam cheios de pessoas: peticionistas, corte-os, pessoas que procuravam obter favores, caçadores de fortunas, Runs amigos, alguns membros da pequena nobreza, nobres que lhe prestavam assistência, a troco de amor ou dinheiro. Henrique olhou-os com amargura. Quando era apenas Henrique Tudor, em fuga na Britânia, não era abençoado com tantos amigos.

- Onde está a minha mãe? – perguntou a um deles.

- Nos aposentos dela, Vossa graça – respondeu o homem.

- Vou falar com ela – afirmou – Comunicai-lhe.

Deu-lhe alguns momentos para se aprontar, e depois entrou nos aposentos dela. Após a morte da nora, mudara-se para o apartamento que era anormalmente atribuído à rainha. Encomendara novas tapeçarias e

mobílias e, agora, o local estava mobilado na mais opulência do que alguma rainha alguma vez tivera.

- Eu anuncio-me - disse o rei para o guarda que estava **à** porta e entrou sem cerimónias.

Lady Margaret estava sentada a uma mesa junto da janela co as contas da casa espalhadas à sua frente, inspeccionando os cu tos da corte real, como se tratasse de uma quinta bem gerida Havia muito pouco desperdício e não eram permitidas extravagâncias na corte gerida por Lady Margaret. e os criados reais que pensaram que alguns dos pagamentos que lhes passavam pelas mãos poderiam deixar qualquer coisa no seu bolso, ficaram rapidamente desiludidos. Henrique acenou com a cabeça, em sinal de aprovação, ao ver a supervisão que a mãe fazia à empresa real. Nunca se livrara da ansiedade de que a riqueza ostentatória do trono da Inglaterra acabasse por não passar de uma mera aparência, financiara uma campanha para o trono com base em dívidas e favores; não queria ter de voltar a pedir empréstimos

Ela olhou-o enquanto ele entrava.

- Meu filho.

Ele ajoelhou-se para pedir a bênção, como fazia sempre, todos os dias, quando a cumprimentava pela primeira vez, e sentiu os seus dedos tocarem suavemente no topo da sua cabeça.

- Pareceis perturbado - observou.

- E estou - respondeu ele. - Fui falar com a Princesa Viúva.

- Ai sim? - Uma expressão fingida de desdém atravessou-lhe o rosto. - O que estão a pedir agora?

- Nós - interrompeu ele e recomeçou novamente. - Temos de decidir o que vai ser dela. Falou em regressar à Espanha.

- Quando nos pagarem o que nos devem - disse ela de imediato. - Eles sabem que têm de pagar o resto do dote. antes de ela poder ir embora.

- Sim, ela sabe disso. Fez-se um breve silêncio.

- Ela perguntou se não podemos fazer outro acordo - disse ele. - Uma resolução.

- Ah, estava ã espera disto - disse Lady Margaret exultante. -Sabia que andavam atrás disto. Só me surpreende que tenham esperado tanto. Suponho que pensaram que deviam esperar até ela sair do luto.

- Atrás de quê?

- Vão querer que ela fique cá - respondeu ela

Henrique conseguia sentir um sorriso a aflorar-lhe no rosto e fechou, deliberadamente, a expressão. _ Achais?

_ Tenho estado à espera que mostrem o jogo deles. Sabia que estavam à espera que déssemos o primeiro passo. Ah! Fizemo-los declararem-se primeiro!

Ele levantou as sobrancelhas, desejando que ela pusesse em palavras o que ele queria ouvir.

- À espera de quê?

- De uma proposta nossa, claro - respondeu ela. - Sabiam que nunca deixaríamos passar uma oportunidade destas. Ela era o par perfeito, na altura, e é-o agora. Fizemos um bom negócio com ela antes, e continua a sê-lo. Principalmente se pagarem a totalidade. E, agora, é mais rentável do que nunca.

Enrubesceu ao perguntar-lhe:

- Pensais que sim?

- Claro. Ela está aqui, metade do dote já está pago, só temos de cobrar o resto. Já nos livrámos da escolta, a aliança já está a funcionar em nosso benefício - nunca teríamos o respeito dos Franceses se não temessem os pais dela, os Escoceses também têm receio de nós - ela continua a ser o melhor negócio da Cristandade para nós.

A sua sensação de alívio era assombrosa. Se a mãe não se opusesse ao plano, então, podia levá-o em frente. Ela era a sua melhor e mais segura conselheira há tanto tempo, que não poderia ter agido contra a sua vontade.

- E a diferença de idades? Ela encolheu os ombros.

- Qual é? Cinco, quase seis anos? Isso não é nada para um príncipe. Ele encolheu-se corno se ela o tivesse esbofeteado.

- Seis anos? - repetiu.

- F o Henrique é alto e forte para a idade. Não vão ficar mal ao lado um do outro.

- Não - disse ele secamente. - Não. Não é o Henrique. Não estava a falar do Henrique!

A fúria na voz dele alertou-a.

- O quê?

- Não. Não. Não é o Henrique. Maldição! O Henrique, não!

- O quê? O que estais a dizer?

- E óbvio! De certeza que é óbvio!

O olhar dela atravessou-lhe todo o rosto, interpretando-o rapidamente, como só ela era capaz.

- Não estáveis a falar de Henrique?

- Pensei que estivésseis a falar de mim.

- De vós? - ela reavaliou rapidamente a conversa. - De vf**—TP** para a Infanta? - perguntou incrédula.

Ele sentiu-se corar novamente.

- Sim.

- A viúva de Artur? A vossa própria nora?

- Sim. Porque não? Lady Margaret olhou para ele alarmada. Nem sequer precisava de enumerar os obstáculos.

- Ele era demasiado jovem. Não foi consumado - disse ele repetindo as palavras que o embaixador espanhol ouvira de Dona Elvira, e que haviam sido espalhadas por toda a Cristandade.

Ela estava com um ar céptico.

- É o que ela diz. É o que a ama diz. É o que dizem Espanhóis. E o que todos dizem.

- E acreditais neles? - perguntou ela friamente.

- Ele era impotente.

- Bem... - era típico dela não dizer nada enquanto estava a pensar. Olhou para ele. reparando na cor das suas bochechas e na perturbação do seu rosto. - Provavelmente estão a mentir. Vimo-los casar e deitarem-se juntos e. na altura, não houve qualquer indício de que não se concretizara. - Isso é um assunto deles. Se todos contam a mesma mentira e se a mantêm, é o mesmo que dizer a verdade.

- Só se o aceitarmos.

- Nós aceitamos - decidiu ele. Ela levantou as sobrancelhas.

- É esse o vosso desejo?

- Não é uma questão de desejo. Preciso de uma mulher - disse Henrique serenamente, como se pudesse ser qualquer pessoa. - E> convenientemente, ela está aqui, como vós haveis dito.

- Ela seria adequada pelo nascimento - concordou a mãe mas não pela relação que tem convosco. É vossa nora. mesOT o casamento não tenha sido consumado. E é muito nova.

- Tem dezassete anos - contestou ele. - l ma boa idade **p** uma mulher. E é viúva. Está pronta para um segundo casamento-

- Ou ela é virgem, ou não é - comentou Lady Margaret irritada. É melhor chegarmos a acordo.

- Ela tem dezassete anos - corrigiu-se. - Uma boa idade p se casar. Está pronta para um casamento completo.

- As pessoas não vão gostar - observou ela. - Vão lembrar do casamento dela com Artur, demos um espectáculo tão grande As pessoas gostam dela. Gostavam dos dois. A romã e a rosa. Ela conquistou-os com a sua mantilha de renda.

- Bem. mas ele está morto - respondeu ele bruscamente. - E ela tem de casar com alguém.

- As pessoas vão achar estranho. Ele encolheu os ombros.

_ Vão ficar suficientemente alegres, se ela me der um filho. _ Oh. sim. se ela o conseguir. Mas ela não conseguiu ser fecundada pelo Artur.

- Como acordamos, o Artur era impotente. O casamento não foi consumado.

Ela cerrou os lábios, mas não disse nada.

- Assim, conseguimos o dote e não teremos de pagar-lhe o quinhão - assinalou ele. Ela assentiu com a cabeça. Adorava a ideia da fortuna que Catarina lhes traria.

- E ela já cá está.

- Uma presença muito determinada - disse ela amargamente.

- Uma princesa determinada - ele sorriu.

- Pensais mesmo que os pais dela vão aceitar? Suas Majestades da Espanha?

-É uma forma de resolver o dilema deles, assim como o nosso. E mantém a nossa aliança. - Reparou que ela estava a sorrir, e tentou manter uma expressão séria, como de costume. - Ela própria pensaria que é o seu destino. Acredita que nasceu para ser Rainha da Inglaterra.

- Bem, então, é uma louca - observou a mãe inteligentemente.

- Foi educada para ser rainha, desde criança.

- Mas vai ser uma rainha estéril. Nenhum dos filhos dela servirá para nada. Nunca poderá ser rei. Se chegar a ter um, ele virá a seguir a Henrique - relembrou-lhe. - Virá mesmo a seguir aos filhos de Henrique. É uma união muito mais fraca para ela do que o casamento com um Príncipe de Gales. Os Espanhóis não vão gostar.

- Oh, o Henrique ainda é uma criança. Os filhos dele ainda estão muito longe. A anos de distância.

- Mesmo assim. Isso pesará para os pais dela. Preferirão Henrique. Desse modo, ela será rainha e o filho que tiver será rei, a seguir a ela. Porque concordariam com menos do que isso? O rei Henrique hesitou. Não havia nada que pudesse dizer para contrapor ao raciocínio dela, excepto que não desejava segui-lo.

- Oh, estou a perceber. Vós desejai-la - disse ela secamente, quando o silêncio se prolongou tanto que ela tomou consciência de que havia algo que ele não era capaz de dizer. - É uma questão do vosso desejo.

Ele aproveitou a deixa.

- Sim - confirmou.

Lady Margaret olhou-o de forma calculada. Por medida de segurança, fora afastado dela quando não passava de um bebé. Desde então, ela sempre o vira como um pretendente, um potenc' herdeiro do trono, como o seu passaporte para a grandeza. Mal o conhecera como bebé, nunca o amara na infância. Planeara o futuro como homem, defendera os seus direitos como rei, organizara a sua campanha como uma ameaça a Casa de York - mas nunca sentira ternura por ele. Não conseguia aprender a ser indulgente com ele, nesta fase tão tardia da vida; jamais era indulgente cor quem quer que fosse, nem consigo própria.

- Isso é muito chocante - disse ela calmamente. - Pensei que estávamos a falar num casamento de interesses. Ela é como uma filha para vós. Esse desejo é um pecado carnal.

- Não é nada e ela não é minha filha - respondeu ele. - N há nada de errado com o amor honrado. Ela não é minha filha. É viúva dele. E o casamento não foi consumado.

- Precisareis de uma dispensa papal, é um pecado.

- Ele nem sequer esteve com ela! - exclamou ele.

- A corte inteira foi pô-los na cama - observou ela secamemente.

- Ele era demasiado jovem. Era impotente. E morreu, pobre rapaz, poucos meses depois.

Ela acenou com a cabeça.

- Isso é o que ela diz agora.

- Mas não me aconselhais o contrário - disse ele.

- É um pecado - repetiu ela. - Mas se conseguirdes obter a dispensa e se os pais dela concordarem, então - fez uma expressão amarga. - Bem, suponho que mais vale que seja ela do que muitas outras - afirmou contrariada. - E pode viver na corte sob a minha atenção. Posso tomar conta dela e controlá-la com mais facilidade do que poderia fazer com uma rapariga mais velha, e sabemos que sabe comportar-se. É obediente. Aprenderá os seus deveres comigo. E as pessoas gostam dela.

- Falarei com o embaixador espanhol hoje. Ela pensou que nunca tinha visto uma alegria tão evidente seu rosto.

- Presumo que conseguirei ensiná-la - apontou para os li que tinha à sua frente**.** - Tem muito que aprender.

Direi ao embaixador que o proponha a Suas Majestades da anha. e falarei com ela amanhã. _ Ireis visitá-la novamente, tão depressa? - perguntou ela curiosa.

Henrique assentiu com a cabeça. Não lhe diria que, mesmo esperar até ao dia seguinte, lhe parecia demasiado. Se tosse livre de o fazer, teria partido imediatamente para lhe pedir que casasse com ele nessa mesma noite,

como se fosse um humilde escudeiro e ela uma clama, e não o Rei da Inglaterra e a Princesa da Espanha; pai e nora.



Henrique providenciou para que o Dr. de Puebla, o embaixador espanhol, fosse convidado para o Palácio de Whitehall a tempo do jantar, para que lhe fosse oferecido um lugar numa das mesas decima, e para que lhe fosse servido o melhor vinho, em grande quantidade. Carne de veado, que estivera dependurada até atingir o ponto perfeito para ser comida, e que fora cozinhada com um molho de *brandy a* vinho, foi trazida para a mesa do rei. que se serviu de uma pequena porção e enviou a travessa ao embaixador espanhol. De Puebla, que nunca fora alvo de tais atenções, desde a primeira vez que negociara o contrato de casamento da Infanta, encheu o prato com uma colher pesada e mergulhou o melhor pão no molho, satisfeito por comer bem na corte, interrogando-se, por trás do seu silêncio ávido, o que aquilo poderia significar.

A mãe cio rei fez-lhe um sinal com a cabeça, e de Puebla levantou-se do seu lugar para lhe fazer uma vénia.

"Muito agradecido", observou para si mesmo, enquanto se voltava a sentar. "Extremamente. Excepcional."

Não era nenhum palerma, sabia que iam pedir-lhe alguma coisa, em troca de todas estas atenções públicas. Mas dado o horror que tora o ano anterior - em que as esperanças da Espanha haviam sido sepultadas sob a nave da Catedral de Worcester - pelo menos era um bom indício. Era evidente que o rei Henrique descobrira ma nova função para lhe atribuir, além da de bode expiatório do cumprimento do pagamento das dívidas dos soberanos espanhóis.

De Puebla tentara defender Suas Majestades da Espanha perante um rei inglês cada vez mais irritado... Tentara explicar-lhes em cartas longas e detalhadas que era inútil reclamar o quinhão de viúva de Catarina, se não pretendiam pagar o resto do dote. Tentou explicar a Catarina que não podia obrigar o rei inglês a pagar-lhe urna mesada mais generosa para a manutenção da sua residência, nem persuadir o rei espanhol a prestar

apoio financeiro a filha. Ambos os reis eram bastante teimosos, e estavam extremamente determina dos em empurrar o outro para uma posição mais fraca. Nenhum parecia preocupar-se com o facto de, entretanto. Catarina, com apenas dezassete anos ser forçada a sustentar Lima casa com um séquito extravagante, numa terra estranha, praticamente sem dinheiro Nenhum dos reis daria o primeiro passo, nem assumiria ser responsável pelo sustento dela, temendo que tal o obrigasse a sustentá-la assim como ao seu séquito, para sempre.

De Puebla sorriu para o rei, que estava sentado no trono, sob o dossel do estado. Gostava genuinamente do rei Henrique, admirava a coragem com que conquistara e mantivera o trono, agradava--lhe o bom senso directo do homem. E mais do que isso. de Puebla gostava de viver na Inglaterra, estava habituado à sua boa casa em Londres, á importância que lhe era conferida por representar a mais recente e poderosa casa dirigente da Europa. Era-lhe aprazível o facto de as suas origens judaicas e a sua conversão recente serem totalmente ignoradas na Inglaterra, visto todos na corte lerem vindo do nada e terem alterado os nomes ou as filiações, pelo menos uma vez. A Inglaterra interessava a de Puebla, e ele faria todos os possíveis para aí permanecer.

Se isso implicasse servir melhor o Rei da Inglaterra do que o Rei da Espanha, considerava que tal seria uma pequena concessão a lazer.

O rei Henrique levantou-se do trono e fez um sinal, indicando aos criados que podiam levantar os pratos. Estes limparam a mesa e retiraram as mesas de apoio; Henrique passeou pelo meio dos convivas, parando, aqui e ali, para trocar algumas palavras, como um comandante entre os seus homens. Os favoritos da corte Tu dor eram os que tinham arriscado, que haviam colocado as espadas atrás das palavras e invadiram a Inglaterra com Henrique. sabiam o quão valiosos eram para ele, e ele conhecia a dimensão da s ua importância para eles. Continuava a ser muito mais um acampamento de vitoriosos do que uma calma corte de civis.

Por fim, Henrique concluiu o seu percurso, e dirigiu-se a de Puebla.

- Embaixador - saudou-o. De Puebla fez uma profunda vénia.

- Agradeço a vossa oferta do prato de carne de veado -afirmou. - Estava delicioso.

O rei acenou com a cabeça. _ Gostava de falar convosco. _ Com certeza.

- Em privado.

Os dois homens afastaram-se para um canto mais tranquilo do salão enquanto os músicos da galeria afinaram o tom, e começaram a tocar.

- Tenho uma proposta para resolver a questão da Princesa Viúva - disse Henrique, o mais secamente possível.

- De verdade?

- Podeis considerar a minha sugestão invulgar, mas julgo que é bastante recomendável.

"Finalmente", pensou de Puebla para dentro. "Vai propor o casamento com Henrique. Pensei que ia deixá-la afundar-se muito mais. antes de o fazer. Pensei que a ia deixar chegar tão baixo, que poderia cobrar-nos o dobro, por uma segunda tentativa em Gales Mas, que seja. Deus é misericordioso."

- Ah, sim? - disse de Puebla em voz alta.

- Sugiro que esqueçamos o problema do dote - começou Henrique. - Os bens dela ficarão na minha casa. Pagar-lhe-ei uma mesada apropriada, como fazia com a falecida rainha Isabel - Deus a abençoe. Eu próprio casarei com a Infanta. De Puebla estava tão chocado que não conseguia falar.

- Vós?

- Eu. Há algum motivo em contrário?

O embaixador engoliu em seco, respirou fundo, e conseguiu dizer:

-Não, não, pelo menos... Suponho que pode haver uma objecção, com base na afinidade.

- Vou solicitar uma dispensa papal. Presumo que tendes a certeza de que o casamento não foi consumado?

A certeza - respondeu de Puebla numa voz entrecortada.

- Haveis-mo garantido, com base na palavra dela?

- A ama disse...

- Então, não foi nada - decidiu o rei. - Foram pouco mais do que metidos um do outro. Praticamente não foram marido e mulher. - Terei de colocar a questão a Suas Majestades da Espanha -disse Puebla,tentando desesperadamente pôr em ordem o torvelinho de seus pensamentos que o assaltava, esforçando-se por não mostrar quão chocado ficara.

- O Conselho Privado concorda? - perguntou, tentando ganhar tempo. - O Arcebispo da Cantuária?

- Por enquanto, é unia questão só entre nós - afim, Henrique com ar pretensioso. - Ainda e muito cedo para mim viúvo. Quero poder garantir a Suas Majestades que a filha será bem tratada. Foi um ano difícil para ela.

- Se tivesse podido regressar a casa...

- Agora, não vai ser necessário ela regressar a casa. A casa dela é na Inglaterra. Este é o seu país - afirmou Henrique categórica mente. - Ela vai ser rainha aqui, como foi educada para ser. De Puebla mal conseguia falar, de tão chocado que estava corri a sugestão daquele homem velho, que acabara de sepultar a mulher casar com a noiva do filho malogrado.

- Claro. Então, devo dizer a Suas Majestades que estais bastante determinado neste sentido? Não há outro acordo que possamos analisar? - de Puebla clava voltas à cabeça para encontrar uma forma de mencionar o nome do príncipe Henrique, que seguramente era um futuro marido mais apropriado para Catarina. Por fim, foi directo. - O vosso filho, por exemplo?

- O meu filho ainda é demasiado novo para poder ser considerado apto para casar - Henrique rejeitou imediatamente a sugestão. - Tem onze anos e é um rapaz forte e desenvolvido, mas a avó insiste em que não façamos nenhuns planos para ele. nos próximos quatro anos. E, nessa altura, a Princesa Viúva terá vinte e um,

- Ainda será jovem - disse entrecortadamente de Puebla. -Continuará a ser uma mulher jovem e com uma idade próxima da dele.

- Não me parece que Suas Majestades queiram que a filha permaneça na Inglaterra durante mais quatro anos. sem marido ou uma casa própria - disse Henrique numa ameaça aberta. - De certeza que não quereriam que esperasse pela maioridade de Henrique. O que faria durante esses anos? Onde viveria? Propõem comprar-lhe um palácio e organizar o seu séquito? Estão preparados para lhe enviar uma renda? I ma corte, apropriada à sua posição? Durante quatro anos?

- Se ela pudesse regressar a Espanha para esperar? - arriscou de Puebla.

- Pode partir já, se pagar a totalidade do dote e procurar a sua sorte em qualquer outro lugar. Pensais mesmo que ela consegue obter uma proposta melhor do que a de ser Rainha da Inglaterra, pensais, levai-a! Era o impasse a que haviam chegado vezes sem conta no ano transacto. De Puebla sabia que fora derrotado.

- Vou escrever a Suas Majestades esta noite - afirmou.



Sonhei que era um gaivão, voando sobre os montes dourados ***j(i*** *sierra Nevada. Mas, desta vez, voava para norte, o sol quente da tarde estava do meu lado esquerdo, à minha frente podia ver um conjunto de nuvens frias. Depois, de repente, a nuvem ganhou forma era o Castelo de Ludlow, e o meu pequeno coração de pássaro batia descompassadamente ao vê-lo e, ao pensar na noite que chegaria, que ele me abraçaria, se deitaria sobre mim e eu me fundiria de desejo por ele.*

Depois vi que não era Ludlow, mas que as grandes paredes cinzentas eram as do Castelo de Windsor, a curva do rio era o enorme espelho cinzento do rio Tamisa, todo o tráfego que ia e vinha, os grandes navios ancorados, eram a riqueza e o movimento dos Ingleses. Sabia que estava longe da minha casa e, no entanto, estava em casa. Esta seria a minha casa, construiria um pequeno ninho na pedra cinzenta destas torres, tal como teria feito na Espanha. E aqui chamar-me-iam gaivão; um pássaro que voa tão velozmente que nunca ninguém o viu pousar em terra, um pássaro que voa tão alto, que julgam que nunca toca no chão. Não serei Catarina, a Infanta da Espanha. Serei Catarina de Aragão, Rainha da Inglaterra, tal como Artur me chamou-. Catarina, Rainha da Inglaterra.



- O rei está cá novamente - disse Dona Elvira, olhando para fora da janela. - Veio a cavalo com apenas dois homens. Nem sequer trouxe um porta-estandarte ou um guarda - fungou. A informalidade generalizada dos Ingleses era suficientemente má, mas este rei tinha os modos de um criado dos estábulos. Catarina correu para a janela e olhou para fora.

- Que poderá ele querer? - perguntou. - Dizei aos criados que ecantem algum vinho, do que ele enviou. Dona Elvira saiu apressadamente da sala. No momento seguinte, Henrique entrou, sem se fazer anunciar.

- Pensei em vir visitar-vos - disse. Catarina baixou-se numa grande reverência.

- Vossa Graça, honrais-me muito - disse ela. - E pelo menos agora posso oferecer-vos um copo de bom vinho.

Henrique sorriu e esperou. Os dois permaneceram de pé enquanto Dona Elvira voltava à sala com uma dama de companjjj que transportava um tabuleiro mourisco, de latão, com dois conn de vidro veneziano, contendo vinho tinto. Henrique reparou na deli cadeza do trabalhado e calculou, correctamente, que faria parte do dote que os Espanhóis haviam retido.

- A vossa saúde - disse ele, levantando o copo na direcção da princesa.

- Para sua surpresa, ela não se limitou a levantar o copo, mas também os olhos, lançando-lhe um olhar prolongado, atencioso. Ele sentiu um formigueiro, como um menino, quando os seus olhos encontraram os dela.

- Princesa? - disse baixinho.

- Vossa. Graça?

Ambos olharam para Dona Elvira, que estava de pé, a uma i tância pouco confortável, a observar silenciosamente as tábuas do soalho, sob os seus sapatos gastos.

- Podeis deixar-nos - disse o rei.

A mulher olhou para a princesa, à espera das suas ordens não fez nenhum movimento para sair.

- Quero falar em particular com a minha nora - disse o rei Henrique firmemente. - Podeis sair. Dona Elvira fez uma reverência e saiu. e o resto das damas de companhia saiu atrás dela.

Catarina sorriu para o rei.

- Como desejardes - disse.

Ele sentiu as pulsações a aumentar com o sorriso dela.

- De facto, preciso de falar convosco em privado. Tenho u proposta a fazer-vos. falei com o embaixador espanhol e ele escreveu aos vossos pais. "Finalmente. E agora. Por fim", pensou Catarina. "Veio propor que Henrique case comigo. Graças a Deus. que me trouxe ate esU dia. Artur, meu amor, hoje verás que serei fiel à promessa que te rz

- Tenho de voltar a casar - disse Henrique. Ainda sou jovem- pensou que não ia dizer que a sua idade era quarenta e seis anos

- Ainda posso ter mais um ou dois filhos.

Catarina assentiu com a cabeça, educadamente; mas quase estava a ouvir. Estava á espera que ele lhe pedisse para casar o príncipe Henrique.

- Tenho estado a pensar em todas as princesas da Furopa poderiam ser companheiras adequadas para mim - disse. A princesa diante dele continuou em silêncio.

- Não consigo encontrar ninguém que escolhesse.

Ela abriu mais os olhos, para indicar que estava a ouvir atentamente. Henrique continuou.

- A minha escolha incidiu sobre vós - disse directamente -, pelos seguintes motivos. Vós já estais aqui em Londres, já vos habituastes a viver aqui. Fostes educada para ser Rainha da Inglaterra, e sereis rainha, como minha mulher. As dificuldades com o dote podem ser postas de lado. Recebereis a

mesma mesada que pagava à rainha Isabel. A minha mãe está de acordo. Por fim, as palavras dele penetraram na sua mente. Estava tão chocada que quase não conseguia falar. Só olhava para ele.

- Eu?

- Existe uma pequena objecção, com base na afinidade, mas pedirei ao Papa para me conceder uma dispensa - prosseguiu. - Sei que o vosso casamento com o príncipe Artur nunca foi consumado. Nesse caso, não existe uma objecção verdadeira.

- Não foi consumado - Catarina repetiu as palavras de cor, como se já não as compreendesse. A grande mentira fizera parte de uma conspiração para a levar ao altar com o príncipe Henrique, não com o pai. Agora, não podia retirá-la. A sua mente estava tão atordoada que era a única coisa a que se podia agarrar. - Não foi consumado.

- Então, não deve haver obstáculos - disse o rei. - Depreendo que não vos opondes? Apercebeu-se de que quase não conseguia respirar, enquanto aguardava a resposta cicia. Qualquer ideia de que ela tivesse estado a enganá-lo. a provocá-lo até àquele momento, evaporou-se, quando olhou para o seu rosto lívido e chocado.

Pegou-lhe na mão.

- Não façais um ar tão assustado - disse ele, numa voz baixa e terna – Não vou magoar-vos. Isto é para resolver todos os vossos problemas.

Serei um bom marido. Tomarei conta de vós. - E s f o r ç a va -se desesperadamente por dizer alguma coisa que lhe agradasse –comprar-vos-ei coisas bonitas - disse. - Como aquelas safiras de que gostastes tanto, tereis um armário cheio de coisas bonitas, Catarina. Ela sabia que tinha de responder.

- Estou tão surpreendida - disse.

-De certeza que havíeis percebido que vos desejava?



Sufoquei o meu grito de negação. Queria dizer que era evidente que não percebera. Mas não era verdade, Eu percebera, como qualquer mulher jovem teria percebido, pela forma como me olhava pela forma como eu lhe respondera. Desde o primeiro momento ***que*** *o vira, houve esta subcorrente entre nós. Eu ignorei-a. Fingi que era algo mais natural do que era. desenvolvi-a. A culpa foi sobretudo minha. Na minha vaidade, pensei que estava a incentivar um homem mais velho a pensar em mim de uma forma agradável, que podia envolvê-lo, agradar-lhe, até mesmo namoriscar com ele, primeiro como um sogro dedicado e depois para o convencer a casar-me com Henrique. Queria agradar-lhe como filha, queria que me admirasse, que me mimasse. Queria que me adorasse.*

Isto é um pecado, um pecado. Um pecado de vaidade e de orgulho. Suscitei a sua lascívia e o seu desejo. Levei-o a pecar, através da minha loucura. Não me admira que Deus me tenha voltado o rosto e que a minha mãe nunca me escreva. Eu estou muito eirada. Querido Deus, sou uma tonta, e uma louca infantil e vaidosa por fazê-lo. Não atraí o rei para uma armadilha, para minha satisfação, apenas preparei o isco para que caísse na minha armadilha. A minha vaidade e orgulho fizeram-me pensar que podia levá-lo a fazer o que eu quisesse. Ao invés, só consegui despertar o seu desejo, e agora ele fará o que quer. E é a mim que ele quer. E a culpa é estupidamente minha.



- Deveis ter percebido. - Henrique sorriu para ela com ar confiante. - Deveis ter percebido, quando vim visitar-vos ontem, e quando vos enviei o vinho de qualidade?

Catarina acenou ligeiramente com a cabeça. Percebera que algo - tonta como era -, percebera que algo estava a acontecer; e orgulhou-se das suas habilidades diplomáticas, por ser tão inteligente ao ponto de dominar completamente o Rei da Inglaterra. Considerara--se uma mulher do mundo e o embaixador um idiota, por não conseguir obter este resultado de um rei que era tão fácil de manipular. Pensara que tinha o Rei da Inglaterra na mão, quando, de facto, ele tinha o seu próprio plano em mente.

- Desejei-vos desde o primeiro momento que vos vi - disse-lhe ele, muito baixinho. Ela olhou para cima.

- De verdade?

- Sim. Quando entrei no vosso quarto de dormir em Dogmersfield.

Ela recordava um homem velho, sujo da viagem e magro, o pai do homem com quem ia casar. Lembrava-se do odor masculino a suor quando ele forçara a entrada no seu quarto, e de ter permanecido de pé diante dele, pensando: que palhaço, que soldado rude, a forçar a entrada num lugar onde não é desejado. E, depois, chegou Artur, com o cabelo loiro desgrenhado, e o brilho do seu sorriso tímido.

- Oh, sim - disse ela. De qualquer lugar, lá bem no fundo da sua decisão, arrancou um sorriso. - Eu lembro-me. Eu dancei para vós.

Henrique puxou-a para mais perto de si e colocou-lhe um braço em volta da cintura. Catarina obrigou-se a não se afastar.

- Eu observei-vos - disse ele. — E desejei-vos.

- Mas éreis casado - disse Catarina formalmente.

- E agora sou viúvo e vós também - respondeu ele. Sentiu a rigidez do corpo dela através dos ossos duros do estômago e soltou-a. Teria de cortejá-la aos poucos, pensou. Ela podia ter namoriscado com ele, mas agora estava assustada pela mudança que ocorrera. Provinha de uma educação absurdamente protectora e os meses inocentes que passara com Artur praticamente não lhe haviam aberto os olhos. Teria de levar as coisas com calma. Teria de aguardar até ela receber a permissão da Espanha, deixaria o embaixador contar-lhe da riqueza que poderia dirigir, teria de deixar as suas damas de companhia convencê-la dos benefícios daquela união. Era uma mulher jovem, por natureza e experiência, devia ser uma tonta. Teria de lhe dar tempo.

- Agora, vou deixar-vos - disse ele. - Voltarei amanhã.

Ela acenou com a cabeça, e acompanhou-o à porta dos seus aposentos privados. Nessa altura, hesitou:

- Faláveis verdade? - perguntou-lhe, com os olhos azuis subitamente ansiosos. - Pretendíeis que isto fosse uma proposta de casamento e não um

estratagema numa negociação? Quereis mesmo casar comigo? Serei rainha? Ele acenou com a cabeça.

- Sim - começou a aperceber-se do tamanho da ambição dela e sorriu ao descobrir uma forma de se aproximar. - Quereis assim tanto ser rainha?

Catarina assentiu com a cabeça.

- Fui educada para sê-lo - respondeu. - Não quero mais nada - Hesitou, por momentos, quase pensou revelar-lhe que esse fora o último pensamento do filho, mas a sua paixão por Artur era demasiado grande para ser partilhada com quem quer que fosse, mesmo com o pai dele. F, além disso, Artur planeara que ela deveria casar com Henrique.

O rei estava a sorrir.

- Então, não tendes desejo, mas tendes ambição - observou ele algo friamente.

- É apenas o meu dever - replicou ela categoricamente. - Eu nasci para ser rainha.

Ele pegou-lhe na mão e inclinou-se sobre ela. Beijou-lhe os dedos; e impediu-se de os lamber."Calma!" Avisou-se a si mesmo. "É uma menina, e possivelmente ainda é virgem; não é seguramente uma prostituta." Endireitou-se.

- Farei de vós Catarina de Aragão, Rainha da Inglaterra - prometeu-lhe, e viu os seus olhos azuis escurecerem de desejo ao ouvir o título. - Podemos casar assim que tenhamos a dispensa do Papa.



Pensa! Pensa! Digo a mim própria com urgência. Não foste educada por uma idiota para seres uma idiota, foste educada por uma rainha para seres uma rainha. Se isto é um estratagema, devias ser capaz de o adivinhar. Se for uma proposta verdadeira, devias poder voltá-la a teu favor. Não é o cumprimento exacto da promessa que fiz ao meu amado, mas assemelha-se-lhe. Ele queria que eu fosse Rainha da Inglaterra e que tivesse os filhos que ele me teria dado. E qual e o problema de eles serem seus meios-irmãos. em vez de sobrinha e

sobrinho? Não faz diferença.

Encolho-me só de pensar em casar com aquele homem velho, com idade para ser meu pai. A pele do seu pescoço é fina e flácida, como a de uma tartaruga. Não consigo imaginar-me na cama com ele. O seu hálito é azedo, o hálito de um velho; e magro, e deve ser ossudo nas ancas e nos ombros. Mas também me encolho ao imaginar-me na cama com aquela criança, o Henrique. O seu rosto é tão macio e arredondado como o de uma menina. Para dizer a verdade, não suporia a ideia de ser a mulher de outra pessoa que não Artur: e essa parte da minha vida desapareceu.

Pensa! Pensa! Esta pode ser a atitude certa a tomar! Oh, Deus, meu amado, gostava que estivésseis aqui para me dizer. Gostava de poder visitar- vos no jardim para que me dissésseis o que deveria fazer. Tenho apenas dezassete anos, não posso ser mais astuta do que um homem com idade para ser meu pai, um rei com faro para detectar os pretendentes ao trono. Pensa! Não vou ter a ajuda de ninguém. Tenho de pensar sozinha.



Dona Elvira esperou até à hora de a princesa se deitar e até que as clamas de companhia, as aias e os criados do quarto de dormir se tivessem retirado. Fechou a porta e voltou-se para a princesa, que estava sentada na cama, com o cabelo apanhado numa trança, e as almofadas empilhadas atrás de si.

- O que queria o rei? - perguntou sem cerimónias.

- Fazer-me uma proposta de casamento - respondeu Catarina bruscamente. - Com ele.

Por momentos a ama ficou demasiado espantada para falar, depois benzeu-se, como uma mulher que estava a ver algo impuro.

- Deus nos salve - foi tudo o que disse. Depois: - Deus lhe perdoe por sequer pensar nisso.

- Deus vos perdoe - respondeu Catarina inteligentemente. -Eu estou a considerar a hipótese.

- Ele é vosso sogro, e tem idade para ser vosso pai.

-A idade não é importante - disse Catarina com sinceridade. Se eu voltar para a Espanha, não vão procurar-me um marido jovem, mas um que lhes traga benefícios.

- Mas ele é o pai do vosso marido. Catarina apertou os lábios.

- Do meu falecido marido - disse tristemente. - E o casamento não foi consumado. Dona Elvira engoliu a mentira; mas os seus olhos piscaram, só uma vez.

- Como recordais - disse Catarina suavemente.

- Mesmo assim! É contranatura!

- Não é contranatura - afirmou Catarina. - Não houve consumação do casamento, não houve filhos. Por isso, não pode ser pecado contra a natureza. E, de qualquer modo, podemos obter uma dispensa.

Dona Elvira hesitou.

- Podeis?

- Ele diz que sim.

- Princesa, não podeis desejar uma coisa destas? O rosto da princesa estava triste.

- Ele não vai prometer-me ao príncipe Henrique - disse. - Diz que o rapaz é muito novo. Não posso esperar quatro anos até ele crescer. Que mais posso fazer, senão casar com o rei? Nasci para ser Rainha da Inglaterra e mãe do próximo Rei da Inglaterra. Tenho de cumprir o meu destino, foi o destino que me foi atribuído por Deus. Pensei que teria de me forçar a aceitar o príncipe Henrique. Agora, parece que terei de me obrigar a aceitar o rei. Talvez Deus esteja a testar-me. Mas eu tenho força de vontade. Serei Rainha da Inglaterra, e a mãe do rei.

Transformarei este país numa fortaleza contra os Mouros, como prometi à minha mãe, farei dele um país ele justiça e de honestidade, protegido elos

Escoceses, como prometi a Artur.

- Não sei o que vai pensar a vossa mãe - afirmou a ama. - Se soubesse, não vos teria deixado sozinha com ele.

Catarina acenou com a cabeça.

- Não volteis a deixar-nos a sós - fez uma pausa. - A não ser que vos faça sinal com a cabeça -pediu. - Posso fazer-vos um sinal para partirdes, e então, tendes de sair.

A ama estava chocada.

- Ele nem sequer devia ver-vos, antes do dia do casamento. Direi ao embaixador que tem de dizer ao rei que, agora, não pode visitar-vos.

Catarina abanou a cabeça.

- Já não estamos na Espanha - disse agressivamente. - Ainda não percebestes? Não podemos deixar isto nas mãos do embaixador, nem sequer a minha mãe poderá adivinhar o que irá acontecer. Eu terei ele fazer com que isto aconteça. Eu sozinha trouxe as coisas ate aqui, e eu sozinha farei com que aconteça.

Esperei sonhar contigo, mas não sonhei com nada. É como se tivesses partido, para muito, muito longe. Não recebi nenhuma carta da minha mãe, por isso, não sei o que pensará da vontade do rei. Rezo, mas não obtenho respostas de Deus. Ealo com muita coragem do meu destino e da vontade de Deus, mas parecem estar bastante confundidos. Se Deus não me fizer Rainha da Inglaterra, então, não sei como poderei acreditar n' Ele. Se não for Rainha da Inglaterra, enteio, não sei o que sou.

Catarina esperou que o rei a visitasse como prometera. Não veio no dia seguinte, mas Catarina estava segura de que viria no dia a seguir. Passados três dias, foi passear sozinha para a beira-rio, aquecendo as mãos debaixo da capa. Tinha tanta certeza cie que ele voltaria, que se preparara para o

manter interessado, mas sob o seu controlo. Planeara aliciá-lo. mantê-lo sob o seu domínio. Quando não veio, percebeu que estava ansiosa para o ver. Não de desejo -pensava que nunca mais voltaria a sentir desejo - mas porque ele era a sua única via para aceder ao trono da Inglaterra. Quando viu que ele não vinha, sentiu um receio de morte de que ele se tivesse arrependido e que nunca mais viesse.



"Porque é que ele não vem?"pergunto às pequenas ondas do rio, que batem contra as margens enquanto um barco a remos passa. "Porque é que veio um dia. tão apaixonado e sincero, e depois não voltou a aparecer?"

Tenho tanto medo da mãe dele. nunca gostou de mim. e se ela virar a cara. não sei se ele ira em frente. Mas depois lembro-me que ele me dissera que a mãe dera a sua permissão. Depois, temo que o embaixador espanhol possa 1er dito alguma coisa contra o amento - mas não posso acreditar que de Puebla dissesse alguma coisa que contrariasse o rei, mesmo se isso fosse contra os m interesses "Então, porque não vem?"pergunto a mim mesma. Se estava a cortejar-me à moda inglesa, cheio de pressas e informalidades não, devia cá vir todos os dias?"



Mais um dia passou, e depois outro. Por fim, Catarina cedeu ansiedade e enviou uma mensagem ao rei, para a corte, dizendo que esperava que se encontrasse bem. Dona Elvira não disse nada. mas, nessa noite, a sua coluna rígida, enquanto supervisionava a escovagem e a limpeza do vestido Catarina, dizia tudo.

- Sei o que estais a pensar - disse Catarina, enquanto a ama fazia um gesto à criada de quarto, para que escovasse o cabelo de Catarina. - Mas não me posso arriscar a perder esta oportunidade.

- Não estou a pensar nada - respondeu friamente a mulher mais velha. - Estes são os hábitos ingleses. Como me haveis dito não podemos reger-nos pelas regras de decência espanholas. E por isso, não estou habilitada a

falar. É evidente que os meus conselhos não são aceites. Sou um recipiente vazio.

Catarina estava demasiado preocupada para confortara mulher mais velha.

- Não me importa o que sois - disse distraidamente. – Talvez ele venha amanhã. Henrique, ao perceber que a ambição dela era a forma de se aproximar, dera à rapariga alguns dias para analisar a sua posição Pensou que ela poderia comparar a vida que levava na casa de Durham. em reclusão com a sua pequena corte espanhola, com a mobília a tornar-se cada vez. mais gasta e sem vestidos novos, com a vida que poderia levar como jovem rainha no trono de uma das cortes mais ricas da Europa. Pensou que ela tinha o bom senso suficiente para analisar tudo isso a sós. Quando recebeu o bilhete dela, untando como estava a sua saúde, soube que estava certo; e no dii seguinte, cavalgou até à Strand para a visitar. \ sentinela que guardava o portão dela informou que a prin-eSa estava no jardim, a passear com as aias, à beira-rio. Henrique ntrou pt-da porta traseira do palácio, para o terraço, e desceu as cadas até ao jardim. Viu-a à beira do rio, a passear sozinha, à frente das suas aias. a cabeça ligeiramente inclinada, pensando, e sentiu uma sensação antiga e familiar no estômago, ao ver uma mulher que desejava. Fê-lo sentir-se novamente jovem, aquela sensação profunda de desejo, e sorriu para si mesmo, por sentir paixão de um homem jovem, por conhecer novamente o delírio de um jovem.

O pajem, que corria à sua frente, anunciou-o e ele viu-a levantar a cabeça ao ouvir o seu nome, olhar para o outro lado do pátio e vedo. Ele sorriu, estava à espera daquele momento de reconhecimento, entre uma mulher e um homem que a ama - o momento em que os olhos se encontram e ambos conhecem esse instante de alegria intensa, essa situação em que os olhos dizem: "Ah, és tu!" e isso é tudo. Ao invés, como uma pancada seca, percebeu de imediato que não havia palpitação do seu coração ao avistá-lo. Ele sorria timidamente, com o rosto iluminado pela ansiedade; mas ela, num primeiro momento de surpresa, ficou apenas admirada. Ao ser apanhada de surpresa, não fingiu emoção, não tinha o ar de uma mulher apaixonada. Olhou para cima, viu-o - e ele pôde adivinhar de imediato que ela não o amava. Não houve nenhum choque de prazer. Pelo contrário, friamente, observou uma expressão de cálculo atravessar-lhe o

rosto. Era uma rapariga apanhada numa situação imprevista, interrogando-se se conseguiria obter o que pretendia. Era o ar de um vendedor, que avaliava um tonto, pronto para o espoliar. IHenrique, pai de duas raparigas egoístas, reconheceu-o num instante, e soube que o que quer que a princesa pudesse dizer, Por muito doce que pudesse ser. este seria um casamento de conveniência para ela, independentemente do que significasse para ele. . mais do que isso. sabia que ela decidira aceitá-lo. Caminhou sobre a relva cortada rente, para ir ter com ela, e Pegou-lhe na mão.

- Bom-dia, Princesa. Catarina fez uma reverência.

- Vossa Graça.

Ela voltou a cabeça para as damas de companhia.

- Podeis ir para dentro - A Dona Elvira disse: - Preparai refrescos par Sua Graça, quando voltarmos para dentro. - Depois voltou-se novamente para ele. - Quereis caminhar, senhor?

- Sereis uma rainha muito elegante - disse com um sorriso.Dais as ordens com muita suavidade.

Viu-a abrandar o andar e a tensão abandonar o seu corpo magro e jovem, enquanto exalava

- Então. era verdade - respirou fundo. - Quereis mesmo casar comigo.

- Quero - disse ele. - Sereis uma Rainha da Inglaterra muito bonita.

Ela ficou radiante só com a ideia.

- Ainda tenho de aprender muitos hábitos ingleses.

- A minha mãe ensinar-vos-á - respondeu ele tranquilamente - Ireis viver na corte, nos aposentos dela e sob a sua supervisão.

Catarina abrandou o seu passo.

- Com certeza terei os meus próprios aposentos, os aposentos da rainha?

- A minha mãe está a ocupar os aposentos da rainha - di ele. - Mudou-se para lá, após a morte da malograda rainha, Deus abençoe. E vós juntar-vos-ei a ela lá. Ida pensa que sois demasia jovem para terdes os vossos próprios aposentos e uma corte á parte Podeis viver nos aposentos da minha mãe, com as damas de companhia dela e ela pode ensinar-vos como devem ser feitas as coisas. Conseguia perceber que ela estava perturbada, mas esforça -se bastante para não o demonstrar.

- Penso que sei como devem ser feitas as coisas num palácio real - afirmou Catarina, tentando sorrir.

- Um palácio inglês - disse ele firmemente. - Felizmente minha mãe tem gerido todos os meus palácios e castelos e conseguiu reunir uma fortuna, desde que subi ao trono. Ela ensinar-vos -á como se faz.

Catarina calou a sua discórdia.

- Quando pensais que teremos notícias do Papa? - pergunto

- Enviei um emissário a Roma para saber - disse Henrique Teremos de apresentar o pedido em conjunto, os vossos pais e Mas deve ficar resolvido rapidamente. Se todos estivermos de acordo. não pode haver grandes objecções.

- Sim - disse ela.

- E estamos completamente de acordo em relação ao casamento? - procurou ele confirmar.

- Sim - repetiu ela.

Ele pegou-lhe na mão e prendeu-a debaixo do seu braço, Catarina aproximou-se ligeiramente e deixou a cabeça encostada ombro dele. Não usava toucado, apenas o carapuço da sua capa Lhe cobria o cabelo, e o movimento empurrou-o para trás. Ele conseguia sentir a essência de rosas no seu cabelo, o calor da sua cabeça encostada ao seu ombro. Teve de se controlar para não a abraçar. Parou e ela manteve-se perto dele; conseguia sentir o calor dela, por todo o seu corpo.

- Catarina - disse ele, numa voz muito baixa e muito grossa. Ela olhou-o de

relance, viu o desejo no seu rosto, e não se afastou. Felo contrário, aproximou-se um pouco.

- Sim, Vossa Graça? - sussurrou.

Os seus olhos estavam baixados, mas lentamente, no silêncio, levantou-os para ele. Quando o seu rosto estava levantado para olhar o dele. ele não conseguiu resistir ao convite velado, inclinou--se e beijou-lhe os lábios. Não se retraiu, aceitou o beijo dele. a sua boca entregou-se. ele conseguia sentir o seu gosto, os seus braços rodearam-na, apertou--a contra si, sentia o desejo por ela percorrê-lo com tanto fulgor que teve de soltá-la, nesse preciso minuto, ou desgraçar-se-ia. Soltou-a e ficou a tremer com um desejo tão forte que não conseguia acreditar no seu poder, à medida que o invadia. Catarina puxou o carapuço para a frente, como se pretendesse colocar um véu entre si e ele, como se fosse uma rapariga num harém com um véu a tapar-lhe a boca, só mostrando os olhos escuros e promissores, por cima da máscara. Aquele gesto, tão estranho, tão secreto, fê-lo desejar empurrar-lhe o capuz e beijá-la novamente. Puxou-a para si. - Podem ver-nos - disse ela friamente, e afastou-se dele. -Podem ver-nos de casa, e qualquer um pode passar no rio.

Henrique soltou-a. Não conseguia dizer nada, porque sabia que a sua voz iria tremer. Em silêncio, ofereceu-lhe o braço mais uma vez, e ela aceitou-o silenciosamente. Adaptaram o ritmo do andar um ao outro, ele atrasando a sua passada longa, para acompanhar os Passos dela. Caminharam em silêncio por alguns instantes.

- Os nossos filhos serão vossos herdeiros? - perguntou ela, num tom de voz frio e firme, seguindo uma linha de pensamento muito distante do torvelinho de sensações que o invadia. Ele pigarreou.

- Sim, sim, claro.

- E essa a tradição inglesa?

- Sim.

- Estarão à frente dos vossos outros filhos?

- O nosso filho estará à frente da princesa Margaret e de Mary disse. - Mas

as nossas filhas virão depois delas.

Ela franziu ligeiramente as sobrancelhas.

- Como? Porque é que não vêm primeiro?

- Primeiro dá-se prioridade ao sexo, depois à idade - disse - O primeiro rapaz a nascer é o herdeiro, depois vêm os outros rapazes, e, a seguir, as raparigas, por idade. Deus permita que haja sempre um príncipe para herdar. A Inglaterra não tem tradição de rainhas que governem.

- Uma rainha pode governar tão bem como um homem - afirmou a filha de Isabel de Castela.

-Não na Inglaterra - disse Henrique Tudor. Ela não insistiu.

- Mas o nosso filho mais velho seria rei, quando morrerdes prosseguiu ela.

- Deus permita que ainda tenha mais alguns anos para viver disse ele secamente. Ela tinha dezassete anos, não tinha nenhuma sensibilidade relação à idade.

- Claro. Mas quando morrerdes, se tivéssemos tido um filho ele seria o herdeiro?

- Não. O rei a seguir a mim será o príncipe Henrique, Príncipe de Gales.

Ela franziu a testa.

- Pensei que pudésseis nomear um herdeiro? Não pode nomear o nosso filho?

Ele abanou a cabeça.

- Henrique é o Príncipe de Gales. Será rei a seguir a mim.

- Pensei que ele estivesse destinado à Igreja?

- Já não.

- E se tivermos um filho? Não podeis designar Henrique rei dos domínios

franceses ou da Irlanda, e o nosso filho Rei da Inglaterra? Henrique sorriu brevemente.

- Não. Porque isso implicaria destruir o meu reino, que me custou bastante a conquistar e a manter unido. Será tudo de Henrique por direito - viu como ela estava perturbada. - Catarina, vos se Rainha da Inglaterra, um dos mais importantes reinos da Europa, lugar que a vossa mãe e o vosso pai escolheram para vós. Os vossos filhos e filhas serão príncipes e princesas da Inglaterra.

Que m podeis querer?

- Quero que o meu filho seja rei - respondeu-lhe ela bane mente.

Ele encolheu os ombros.

- Não pode ser.

Ela voltou-se ligeiramente, apenas a mão dele, a apertar a sua. a mantinha perto. Ele tentou desanuviar o ambiente, rindo-se:

- Catarina, ainda nem sequer estamos casados. Podeis nem sequer vir a ter um filho. Não precisamos de estragar o nosso noivado por causa de uma criança que ainda nem sequer foi concebida.

- Então, qual seria o objectivo do casamento? - perguntou ela, directa na sua auto-absorção. Ele poderia ter respondido "o desejo".

- O destino, para que sejais rainha. Ela não desistia.

- Pensei ser Rainha da Inglaterra e ver o meu filho no trono -repetiu. - Pensei ser poderosa na corte, como a vossa mãe. Pensei que havia castelos para construir e uma armada para planear, escolas e universidades a fundar. Quero defender o país dos Escoceses nas nossas fronteiras, a norte, e dos Mouros, nas nossas costas. Quero ser uma rainha governante na Inglaterra, foi o que planeei e esperei. Fui nomeada como a próxima Rainha da Inglaterra, praticamente no berço, pensei no reino no qual eu iria reinar, fiz planos. Há muitas coisas que quero fazer. Ele não aguentou, riu-se às gargalhadas do raciocínio daquela rapariga, aquela criança, pretendendo fazer planos para governar o reino dele.

- Descobrireis que eu estou à vossa frente - disse ele friamente. - Este reino será governado como o rei decidir. Este reino é governado como eu decido. Não tive de lutar para conseguir a coroa, para a entregar a uma rapariga com idade para ser minha filha. A vossa tarefa será a de encher o quarto das crianças e o vosso mundo começará e terminará aí.

- Mas a vossa mãe...

- Descobrireis que a minha mãe protege as coisas dela e eu as minhas - disse ele, ainda a rir perante a ideia de aquela criança Planear o futuro na sua corte. - Ela dar-vos-á ordens, como se fôsseis uma filha, e vós obedecereis. Não vos enganeis, Catarina. Vireis para a minha corte e obedecer-me-eis, vivereis nos aposentos da rainha mãe e obedecer-lhe-eis. Sereis Rainha da Inglaterra e tereis a coroa na cabeça. Mas sereis minha mulher, e eu terei uma mulher obediente, como sempre tive. Interrompeu-se, não queria assustá-la, mas o seu desejo por ela não era maior do que a sua determinação em manter o reino pelo qual lutara tão arduamente para conquistar.

- Não sou uma criança como Artur - disse-lhe tranquilamente pensando que o filho, um rapaz meigo, poderia ter feito todo o tipo de promessas a uma mulher jovem e determinada. - Não governareis ao meu lado. Sereis uma noiva-criança para mim. Amar-vos-ei e far-vos-ei feliz. Juro que ficareis feliz por casardes comigo. Serei meigo convosco. Serei generoso convosco. Dar-vos-ei tudo o que desejardes. Mas não farei de vós uma governante Mesmo após a minha morte, não governareis o meu país.



Nessa noite sonhei que era rainha numa corte, com um ceptro numa das mãos e um bastão na outra, e uma coroa na cabeça. Levantei o ceptro e descobri que se transformava na minha mão, era um ramo de uma arvore, o pé de uma flor. não tinha qualquer valor. A minha outra mão já não estava ocupada com o globo pesado do bastão, mas com pétalas de rosa. Podia sentir o seu odor. Levantei a mão para tocar na coroa que tinha na cabeça e senti uma pequena coroa de flores. A sala do trono desapareceu e eu estava no jardim da sultana, no Alhambra, com as minhas irmãs a fazerem coroas ***de*** *margaridas, para porem nas cabeças umas das outras.*

- Onde está a Rainha da Inglaterra'''- alguém chamou do terraço por baixo do jardim. Levantei-me do tapete deflores de camomila e senti o ***odor do*** *perfume agridoce da relva, enquanto tentava correr, passando pela fonte, até ao arco. no fundo do jardim. - Estou aqui!- tentei responder, mas não consegui jazer ouvir a minha voz acima do ruído da água a cair na taça de mármore.*

- Onde está a Rainha da Inglaterra? - ouvi chamarem novamente.

- Estou aqui'- respondi silenciosamente.

- Onde está a Rainha Catarina da Inglaterra?

- Aqui! Aqui! Aqui'



O embaixador, que foi chamado ao romper do dia para ir de imediato à Casa de Durham, não se preocupou em chegar das nove da manhã. Encontrou Catarina à sua espera, nos seus aposentos privados, apenas na companhia de Dona Elvira.

- Mandei chamar-vos há várias horas - disse a princesa irritada.

- Estava a tratar de assuntos para o vosso pai, e não pude vir mais cedo - respondeu suavemente, ignorando a expressão irada do rosto dela. - Há algum problema?

- Ontem falei com o rei e ele repetiu a proposta de casamento - disse Catarina, com um tom orgulhoso na voz.

- De facto.

- Mas ele disse-me que eu viveria na corte, nos aposentos da mãe dele.

-Oh! - o embaixador acenou com a cabeça.

- E disse que os meus filhos só herdariam a seguir ao príncipe Henrique.

O embaixador assentiu novamente com a cabeça.

- Não podemos convencê-lo a esquecer o príncipe Henrique? Não podemos elaborar um contrato de casamento, para o afastar, em favor do meu filho? O embaixador abanou a cabeça.

- Não é possível.

- Um homem deve poder escolher o seu herdeiro?

- Não. Não no caso de um rei estar há tão pouco tempo no trono. Não um rei inglês. E mesmo que pudesse, não o faria.

Ela levantou-se da cadeira e dirigiu-se à janela.

- O meu filho será o neto dos reis da Espanha! - exclamou. -Com séculos de realeza. O príncipe Henrique não é mais do que o filho de Isabel de York e de um pretendente ao trono bem-sucedido. De Puebla soltou um pequeno assobio de horror perante o seu descaramento e olhou para a porta.

- É melhor que nunca lhe chameis isso. Ele é o Rei da Inglaterra.

Ela acenou com a cabeça, aceitando a reprimenda.

- Mas ele não tem a minha linhagem - prosseguiu. - O príncipe Henrique não seria o rei que o meu filho viria a ser.

- A questão não é essa - observou o embaixador. - É uma questão de tempo e de prática. O filho mais velho do rei é sempre o Príncipe de Gales. É sempre ele que herda o trono. O rei, de todos os reis do mundo, não vai transformar o seu herdeiro legítimo num mero pretendente ao trono.

Ele foi perseguido por pretendentes. Não vai criar mais um. Como sempre, Catarina retraiu-se ao pensar no último pretende, Edward de Warwick, degolado para desimpedir o caminho dela.

- Além disso - continuou o embaixador -. qualquer rei preferiria ter um filho robusto de onze anos como herdeiro do que recém-nascido no berço. Vivemos tempos perigosos. Um homem quer ter outro homem para lhe suceder, não uma criança.

- Se o meu filho não vai ser rei, então, qual é o objectiva meu casamento

com um rei? - perguntou Catarina.

- Seríeis rainha - assinalou o embaixador.

- Que tipo de rainha iria ser com Sua Alteza, a Mãe do Rei tomar todas as decisões? O rei não me permite governar o reino ela não me deixaria gerir a corte como pretendo.

- Sois muito jovem - comentou ele, tentando acalmá-la.

- Tenho idade suficiente para saber o que quero - afirmou Catarina. - E quero ser tão rainha na prática, como sou de nome Mas ele nunca mo permitirá, pois não?

- Não - admitiu de Puebla. - Nunca dareis ordens, enquanto ele for vivo.

- E quando morrer? - perguntou sem se retrair.

- Então, sereis a Rainha Viúva - respondeu de Puebla.

- E os meus pais poderão casar-me novamente com outra pessoa qualquer, e eu poderia ter de sair da Inglaterra, de qualquer forma! - terminou ela, bastante exasperada.

- É possível - admitiu ele.

- E a mulher de Henrique seria Princesa de Gales e a nova rainha. Estaria à minha frente, governaria em meu lugar, e todo o m sacrifício não teria valido de nada. E os filhos dela seriam os Reis Inglaterra.

- Isso é verdade.

Catarina atirou-se para cima da cadeira.

- Então, tenho de ser mulher do príncipe Henrique - disse ele.

- Tenho de ser.

De Puebla estava bastante horrorizado.

- Pelo que sei, concordastes casar com o rei! Ele fez-me acreditar que

estáveis de acordo.

- Concordei em ser rainha - disse ela, pálida de determinação.

- Não em ser um objecto. Sabeis o que me chamou? Disse que seria a sua noiva-criança. e que viveria nos aposentos da mãe de como se fosse uma das suas damas de companhia.

- A rainha anterior...

- A rainha anterior era uma santa, para aturar uma sogra daquelas. Toda a vida recuou. Eu não posso fazê-lo. Não é isso que eu quero, não é o que a minha mãe quer, e não é o que Deus quer.

_ Mas se haveis concordado...

_ Quando é que algum acordo foi cumprido neste país? – perguntou Catarina ferozmente. - Vamos quebrar este acordo e fazer outro. Quebraremos esta promessa e faremos outra. Não casarei como rei. Casarei com outro.

_ Com quem? - perguntou ele insensivelmente.

- Com o príncipe Henrique, o Príncipe de Gales - disse ela. -Para que quando o rei Henrique morrer eu seja rainha de facto, assim como de nome.

Instalou-se um breve silêncio.

- Se o assim o desejais - disse de Puebla lentamente. - Talvez. Mas quem é que vai dizer ao rei?



Deus, se estais aí, dizei-me que estou a tomar a atitude certa. Se estais aí, ajudai-me. Se esta é a Vossa vontade, que eu seja Rainha da Inglaterra, precisarei de ajuda para o conseguir. Correu tudo mal. e se isto me foi enviado para me testar, então, vede! Estou de joelhos e tremo de ansiedade. Se fui realmente abençoada por Vós, destinada por Vós, escolhida por Vós, e preferida por Vós, então, porque me sinto tão desesperadamente só?



O embaixador de Puebla encontrou-se na posição desconfortável de ter de levar as más notícias a um dos mais poderosos e irascíveis reis da Cristandade. Levava na mão cartas firmes de recusa de Suas Majestades da Espanha, tinha a determinação de Catarina em sei Princesa de Gales, e tinha a sua própria coragem retraída até ao limite, para este encontro embaraçoso.

O rei decidira recebê-lo no pátio dos estabulos do Palácio de Whitehall, estava a observar uma nova encomenda de cavalos da Barbária que haviam sido adquiridos para melhorar a raça inglesa. De Puebla pensou em fazer uma referência graciosa ao facto de o sangue estrangeiro refrescar as raças nativas, e de a reprodução ser mais produtiva entre animais jovens, mas viu o rosto sombrio de Henrique e percebeu que não haveria uma saída fácil para este dilema. - Vossa Graça - cumprimentou com uma vénia.

- De Puebla - disse o rei secamente.

- Recebi uma resposta de Suas Majestades da Espanha à v honrosa proposta; mas talvez deva falar convosco num momento mais oportuno.

- Aqui serve muito bem. Posso imaginar a resposta deles, pelos vossos paninhos quentes.

- A verdade é... - de Puebla preparava-se para mentir Querem que a filha volte para casa, e não conseguem pôr a hipótese do casamento dela convosco. A rainha é particularmente v mente na sua recusa.

- Porquê? - perguntou o rei.

- Porque quer ver a filha, a sua filha mais nova e mais dc casada com um príncipe da idade dela. É um capricho de uma mulher. - O diplomata fez uma expressão de desprezo. - Apenas um capricho de mulher. Mas temos de reconhecer os desejos de uma mãe, não temos? Vossa Graça?

- Não necessariamente - disse o rei contrariado. - Mas o que diz a Princesa Viúva? Pensei que tivéssemos chegado a acordo. Ela pode dizer à mãe qual é a sua preferência. - Os olhos do rei estavam cravados no garanhão árabe,

que andava de cabeça erguida pelo pátio, com as orelhas a oscilar para a frente e para trás. a cauda levantada, o pescoço curvado como um arco. - Presumo que ela possa dizer o que pretende.

- Ela diz que vos obedecerá, como sempre. Vossa Graça - disse de Puebla com tacto.

- E?

- Mas ela tem de obedecer à mãe. - Recuou com o olhar duro que o rei lhe lançou repentinamente. – Ela é uma boa filha. Vossa Graça. É uma filha que obedece a mãe.

- Eu propus-lhe casamento e ela indicou-me que iria aceitar.

- Nunca recusaria um rei como vós. Como poderia fazê-lo? Mas se os pais não consentem, não apresentarão o pedido de dispensa. Sem uma dispensa do Papa, não pode haver casamento.

- Pelo que sei, o casamento dela não foi consumado. Praticamente não precisamos de uma dispensa. É uma cortesia, uma formalidade.

- Todos sabemos que não foi consumado - confirmou apressadamente de Puebla. - A princesa ainda é uma donzela, esta apta para o casamento. Mas, ainda assim, o Papa teria de conceder uma dispensa. Se Suas Majestades da Espanha não apresentarem o pedido de dispensa, o que podemos fazer? O rei dirigiu um olhar sombrio e duro ao embaixador espanhol.

- Agora, não sei. Pensei que sabíamos o que íamos fazer. Mas estou confundido. Dizei-me vós. O que podemos fazer?

O embaixador apoiou-se na coragem resistente da sua raça. as suas origens judaicas, às quais se agarrava nos momentos mais difíceis da sua vida. Sabia que ele e o seu povo, de alguma forma, sobreviveriam sempre.

_ Não há nada a fazer - afirmou. Tentou esboçar um sorriso de compaixão e sentiu que estava a sorrir com ar afectado. Compôs o rosto com a expressão mais séria. - Se a Rainha da Espanha não apresentar o pedido de dispensa, não podemos fazer nada. E ela está irredutível.

- Não sou um dos vizinhos da Espanha, para ser dominado numa campanha de Primavera - respondeu o rei secamente. - Não sou Granada. Não sou Navarra. Não receio o seu descontentamento.

- E é por isso que eles pretendem a aliança convosco - afirmou de Puebla suavemente.

- Uma aliança como? - perguntou o rei friamente. - Pensei que me estavam a rejeitar.

- Talvez possamos evitar todos estes problemas celebrando um outro casamento - disse o diplomata cuidadosamente, observando o rosto sombrio de Henrique. - Um novo casamento. Para criar a aliança que todos pretendemos.

- Com quem?

Diante da raiva acumulada no rosto do rei, o embaixador ficou sem palavras.

- Senhor... Eu...

- Com quem querem casá-la agora? Agora que o meu filho, a rosa, está morto e sepultado? Neste momento, ela é uma viúva pobre, com apenas metade do dote pago, que vive da minha caridade.

- Com o príncipe - atirou de Puebla. - Ela foi trazida para o reino, para ser Princesa Gales. Veio para cá para ser a mulher do Príncipe, e mais tarde - muito mais tarde, se Deus quiser - ser rainha. Talvez seja esse o destino dela. Vossa Graça. Pelo menos, é assim que ela pensa.

- Ela pensa! - exclamou o rei. - Ela pensa tanto como aquela poldra! Nada que vá além do próximo minuto!

- Ela é jovem - disse o embaixador. - Mas aprenderá. E o príncipe ainda é novo, aprenderão juntos.

-E nós. homens mais velhos, temos de ficar para trás? Ela vos falou de uma preferência, de nenhuma vontade em especial por mim? Apesar de me ter dado claramente a entender que quereria casar comigo? Não dá sinais de

sentir remorsos por esta reviravolta? Não se sente tentada a desafiar os pais e manter a palavra que me deu voluntariamente, de que casaria comigo? O embaixador sentiu a amargura na voz do homem mais velho

- Não lhe é permitido escolher - lembrou ao rei. - Tem de fazer o que lhe é ordenado pelos pais. Penso que, da parte dela havia uma atracção, talvez uma atracção forte. Mas sabe que tem de fazer o que lhe ordenam.

- Eu pensei em casar com ela! Tê-la-ia feito rainha! Teria sido Rainha da Inglaterra - quase sufocava ao pronunciar o título, toda a vida o considerara a maior honra que uma mulher poderia imaginar, tal como o seu título era o mais importante na sua imaginação. O embaixador fez uma pausa por instantes, para permitir que o rei se recompusesse.

- Sabeis, há outras jovens igualmente belas na família dela -sugeriu com cautela. - A jovem Rainha de Nápoles está viúva. Como sobrinha do rei Fernando, traria um bom dote e tem os traços da família. - Hesitou. - Diz-se que é muito bonita e... - fez uma pausa. - Amorosa.

- Ela deu-me a entender que me amava. Devo pensar que é uma fingida? O embaixador sentiu um suor frio ser expelido por cada poro do seu corpo, ao ouvir aquela palavra terrível.

- Não é fingida - disse ele. com um sorriso ligeiramente forçado. - Uma nora amorosa, uma rapariga afectuosa... Instalou-se um silêncio gelado.

- Sabeis como proliferam os pretendentes neste país - disse o rei rigidamente.

- Sim! Mas...

- Se está a brincar comigo, vai arrepender-se.

- Ela não está a brincar nem a fingir! Não é nada disso!

O rei deixou o embaixador sofrer, tremendo ligeiramente de ansiedade.

-Pensei em acabar com toda esta história do dote e do quinhão.- observou Henrique, por fim.

- E é o que pode acontecer. Quando a princesa for prometida ao príncipe, a Espanha pagará a segunda metade do dote e o quinhão da viúva não terá de ser pago - garantiu-lhe de Puebla. Apercebeu-se de que estava a falar demasiado depressa, respirou fundo, e abrandou.

- Todas as dificuldades terminam. Suas Majestades da Espanha ficarão satisfeitas por apresentar o pedido apenas para que a filha case com o príncipe Henrique. Seria um bom casamento para ela, e ela fará o que lhe ordenarem. Isso permite-vos procurar uma mulher para vós, Vossa Graça, e deixa livres receitas da Cornualha, Gales e Chester para vós novamente. O rei Henrique encolheu os ombros e afastou-se do ringue de treino e do cavalo.

- Então, acabou? - perguntou friamente. - Ela não me deseja como pensei que desejava. Confundi as suas atenções para comigo. Pretendia apenas ser filial? - riu-se amargamente do beijo que lhe dera à beira-rio. - Tenho de esquecer o meu desejo por ela?

- Ela tem de obedecer aos pais como Princesa da Espanha -relembrou-lhe de Puebla. - Pela parte dela, sei que havia uma preferência. Ela própria mo disse. - Pensou que o jogo de Catarina podia ser encoberto por aquilo. - Está desapontada, para vos dizer a verdade. Mas a mãe é irredutível.

Não posso ir contra a vontade da Rainha de Castela. Ela está completamente determinada em que a filha regresse a Espanha, ou que case com o príncipe Henrique. E não apresenta mais nenhuma sugestão.

- Que assim seja - disse o rei, numa voz gelada. - Tive apenas um sonho ridículo, um desejo. Pode ficar tudo por aqui.

Voltou-se e afastou-se do pátio dos estábulos, tendo deixado de sentir prazer em cuidar dos cavalos.

- Espero que não guardeis ressentimentos? - acrescentou o embaixador, coxeando rapidamente atrás dele.

- Nenhum - disse o rei por cima do ombro. - De maneira nenhuma. E o noivado com o príncipe Henrique? Posso assegurar a Suas Majestades católicas que irá avançar?

- Oh, de imediato. Farei disso a minha primeira e mais importante obrigação.

- Espero que não tenhais ficado ofendido! - disse o embaixador ao rei, que estava de costas e se retirava. O rei deu meia volta e encarou o embaixador espanhol, com punhos cerrados nas ancas, os ombros rígidos.

- Ela tentou fazer de mim um parvo - disse através dos lábios cerrados. – Não lhe agradeço por isso. Os pais tentaram fazer de mim o que queriam. Penso que descobrirão que enfrentam um dragão, e não um dos seus touros domesticados. Não me vou esquecer disto**.** Vós, Espanhóis, também não o esquecerão. E ela vai arrepender-se do dia em que me tentou enganar, como se eu fosse um rapazinho apaixonado, assim como eu me arrependo agora.

- Está acordado - respondeu de Puebla categoricamente a Catarina. Estava de pé em frente dela. "Como um moço de recados!", pensou indignado, enquanto ela estava a arrancar painéis de veludo de um vestido para o remodelar.

- Vou casar com o príncipe Henrique - disse num tom tão aborrecido como o dele. - Ele assinou alguma coisa?

- Concordou. Tem de esperar pela dispensa. Mas concordou. Ela levantou o olhar para ele.

- Ficou muito zangado?

- Penso que ficou ainda mais zangado do que me mostrou. E o que mostrou foi mau.

- O que vai ele fazer? - perguntou ela.

Ele analisou o seu rosto pálido. Estava branca, mas não receosa. Os seus olhos azuis estavam fechados como os do pai quando planeava alguma coisa. Não parecia uma donzela em apuros, tinha o ar de uma mulher que tentava ser mais inteligente do que um protagonista bastante perigoso. Não era enternecedora. como o teria sido uma mulher em lágrimas, pensou. Era formidável, mas não agradável.

- Não sei o que fará - disse ele. - E de natureza vingativa. Mas não lhe devemos dar nenhuma vantagem, temos de pagar o dote de imediato. Temos de cumprir a nossa parte do contrato, para o obrigar a cumprir a dele.

- A baixela perdeu o valor - disse ela categoricamente. -gasta pelo uso. E eu vendi uma parte. Ele soltou um gemido.

- Vendestes? Mas é propriedade do rei! Ela encolheu os ombros.

- Tenho de comer, Dr. de Puebla. Não podemos ir todos para a corte, sem sermos convidados, e sentarmo-nos na mesa dos comuns. Não vivo bem. mas tenho de viver. E não tenho nenhuma fonte de rendimentos, além dos meus bens - Devíeis tê-los preservado intactos. Ela encolheu os ombros.

_ Nunca deveria ter sido reduzida a isto. Tive de empenhar a minha própria baixela para sobreviver. Se há alguém responsável, não sou eu.

_ O vosso pai terá de pagar o dote, e de vos pagar uma mesa-I, _ disse ele impiedosamente. - Não lhes podemos dar nenhuma desculpa para recuarem. Se o vosso dote não for pago, ele não vos casará com o príncipe. Infanta, devo avisar-vos, ele vai congratular-se com as vossas dificuldades. Prolongá-las-á. Catarina acenou com a cabeça.

- Então, também é meu inimigo.

- Receio que sim.

- Vai acontecer sabeis - disse ela inconsequentemente.

- O quê?

- Casarei com Henrique. Serei rainha.

- Infanta, esse é o meu maior desejo.

- Princesa - respondeu ela.

,

Whitehatt, Junho de 1503 - 1504

- Ireis ser prometido a Catarina de Aragão - disse o rei ao filho, pensando no filho que partira antes. O rapaz loiro corou como uma rapariga.

- Sim. senhor.

Fora perfeitamente treinado pela avó. Estava preparado para tudo, excepto a vida real.

- Não penseis que o casamento vai acontecer - avisou-o o rei. Os olhos do rapaz voltaram-se para cima, surpresos e desceram novamente.

- Não?

- Não. Roubaram-nos e enganaram-nos em todas as situações, tentaram dar-nos a volta, como uma prostituta numa taberna. tentaram iludir-nos e prometeram-nos uma coisa atrás da outra, como uma provocação sob a forma de bebida. Dizem que... – interrompeu-se, o seu olhar espantado lembrava-lhe que falara de homem para homem e ele era apenas um miúdo. Por outro lado, não devia demonstrar o seu ressentimento, por muito forte que fosse.

- aproveitaram-se de da nossa amizade - resumiu. - E agora vamos aproveitar-nos da fraqueza deles.

- Mas vamos continuar a ser amigos?

Henrique fez uma careta, pensando em quão vigarista fora Fernando, e na filha, a beleza fria que o recusara.

- Oh. sim - respondeu. - Amigos leais.

- Então, vou ficar noivo e mais tarde, quando tiver quinze anos, casaremos? O rapaz não percebera nada. Que fosse

- Digamos que aos dezasseis.

- O Artur tinha quinze.

Henrique engoliu a resposta de que servira de muito a Artur Além disso, era indiferente, uma vez que nunca iria acontecer.

- Oh, sim - disse. - Então, aos quinze.

O rapaz sabia que alguma coisa estava errada. A sua testa macia estava franzida.

- Fazemos tenções de cumprir este acordo, não fazemos, Pai? Não quereria enganar uma princesa como esta. É um juramento muito solene, o que vou fazer?

- Oh, sim - disse novamente o rei.



*Na noite antes do meu noivado com o príncipe Henrique, **t**enho um sonho tão maravilhoso que não quero acordar, listou no jardim do Alhambra, a passear de mãos dadas com Artur rindo-me para ele. e mostrando-lhe a beleza em nosso redor, a grande muralha de grés que rodeia o forte, a cidade de Granada por baixo de nós e as montanhas cobertas de neve prateada, no horizonte. - Ganhei - digo-lhe. - Fiz tudo o que querias, tudo o que **pla**neámos. Serei princesa, como me fizeste. Serei rainha, como querias que fosse. Os desejos da minha mãe foram cumpridos, o meu próprio destino ter-se-á cumprido, o teu desejo e a vontade de Deus. Estás feliz agora, meu amor?*

Ele sorri para mim, os seus olhos são calorosos, o seu rosto meigo, um sorriso que só tem para mim.

- Eu tornarei conta de li - murmura. - Sempre. Aqui em al-Yanna.

Eu hesito ao ouvir o som estranho da palavra nas seus lábios e depois percebo que utilizou a palavra moura: "al-Yanna", que significa ao mesmo tempo céu. cemitério e um jardim. Para Mouros, o céu é um jardim, um jardim eterno.

-Virei ter contigo um dia - sussurro, mesmo quando a força com que a sua mão agarra a minha vai diminuindo, e depois desaparece apesar de eu a tentar agarrar.

_ Voltarei a estar contigo, meu amor. Encontrar-te-ei aqui no jardim

_ Eu sei - diz ele. e agora o seu rosto esfuma-se conto a névoa da manhã, como uma miragem no ar quente da sierra.

- Sei que voltaremos a estar juntos, Catarina, minha Catarina, meu amor.



25 de Junho de 1503

Era um dia claro e quente de Junho. Catarina trazia um vestido novo. azul. com um capuz azul, o rapaz de onze anos em frente a ela. radiante de emoção, vestia um fato de tecido dourado. Estavam diante do Bispo de Salisbury com uma pequena corte presente: o rei, a mãe, a Princesa Mary, e algumas testemunhas. Catarina pousou a sua mão fria na palma quente do príncipe e sentiu a rechonchudez da infância sob os dedos. Catarina olhou, para além do rapaz enrubescido, para o rosto sério do pai. O rei envelhecera nos meses após a morte da mulher, e as rugas da sua face haviam-se tornando mais profundas, os olhos encovados. Os homens da corte diziam que estava doente, com uma doença que estava a enfraquecer-lhe o sangue e a esgotá-lo. Outros diziam que estava amargurado com a desilusão: pela perda do seu herdeiro, da mulher e por ver os seus planos frustrados. Alguns diziam que estava apaixonado, que fora enganado por uma mulher. Só algo desse género poderia tê-lo desanimado tão amargamente.

Catarina sorriu timidamente para ele, mas não obteve uma reação calorosa do homem que iria ser seu sogro, pela segunda vez, mas que havia desejado para si. Por momentos, a sua confiança diminuiu. Permitira-se esperar que o rei se tivesse rendido à Permitira-se esperar que o rei se tivesse rendido à sua determinação, às ordens da sua mãe, à vontade de Deus. Agora, vendo o seu olhar frio. viveu um momento de medo de que talvez aquela cerimônia - mesmo algo tão sério e sagrado como um noivado- pudesse não ser mais do que uma vingança de um dos reis mais astutos.

Arrepiada, virou-lhe as costas, para ouvir o bispo recitar as palavras da missa do casamento e repetiu a sua parte, certificando--se de não recordar a última vez que as proferira, há apenas um a quando a sua mão estivera tão fria, agarrando a do homem bonito que alguma vez vira, quando o seu noivo lhe lançara uni g riso tímido de relance, quando cravara os olhos nele através do v-da mantilha e se apercebera dos milhares de rostos que

a observaram, lá em baixo, em silêncio.

O jovem príncipe, que ficara deslumbrado com a beleza noiva, sua cunhada, era agora o noivo. O seu ar radiante era o & um rapaz gabarolas que se encontra na presença de uma mulher bonita e mais velha. Ela fora a noiva do seu irmão mais velho, era a jovem que se orgulhara de escoltar, no dia do casamento Suplicara-lhe para lhe oferecer de presente, pelo seu décimo aniversário, um cavalo da Barbaria. Olhara-a durante a festa de casamento e. nessa noite, rezara para que. também ele, pudesse ter uma noiva espanhola tal como ela.

Quando ela abandonara a corte com Artur, ele sonhara com ela, escrevera poemas e cantigas de amor, dedicando-lhas em segredo. Recebera a notícia da morte de Artur com uma alegria radiante e arrebatada, por ela estar livre. Agora, quando ainda nem tinham transcorrido dois anos, ela estava à sua frente, com o cabelo solto, em tons de bronze e dourado, batendo nos ombros, indicando o seu estado virginal, a mantilha de renda azul a cobrir-lhe o rosto. A mão dela estava na sua, os olhos azuis encontravam os seus, o sorriso dela era só para ele.

O coração infantil e fanfarrão de Henrique estava tão inchado no seu peito que ele quase não conseguia repetir a sua parte da missa. Artur partira, e ele era o Príncipe de Gales; Artur partira, e ele era o favorito do pai, a roseira da Inglaterra. Artur partira, e a noiva dele era sua esposa Manteve-se direito e orgulhoso, repetindo os juramentos num tom de voz claro e agudo. Artur partira, e só havia um Príncipe de Gales e uma princesa: o Príncipe Henrique e a Princesa Catarina.



Novamente Princesa

1504

Posso pensar que ganhei; mas, de facto, não ganhei. Devia ter ganho; mas não ganhei. Henrique faz doze anos e declaram-no Príncipe de Gales, mas não me vêm buscar, não anunciam o nosso noivado nem me investem como princesa. Mando chamar o embaixador. Ele não vem da parte da manhã, nem sequer nesse dia. Vem no dia seguinte, como se os meus problemas não fossem urgentes e nem pede desculpa pelo atraso. Pergunto-lhe porque não fui investida como Princesa de Gales, ao mesmo tempo que Henrique, mas ele não sabe. Sugere que estejam à espera do pagamento do meu dote e que. sem isso, nada pode ser feito. Mas ele sabe, eu sei e o rei Henrique sabe que já não tenho a minha baixela para lhes dar e que, se o meu pai não enviar a sua parte, não há nada que eu possa fazer.

A minha mãe, a rainha, deve saber que estou desolada, mas raramente tenho notícias dela. Sinto-me como se fosse um dos seus exploradores, um Cristóvão Colombo solitário, sem companheiros ou mapas. Enviou-me por esse mundo fora e, se eu cair borda fora ou perder no mar, ninguém pode fazer nada. Não tem nada para me dizer. Receio que tenha vergonha de mim por estar na corte, como uma pedinte, à espera que o príncipe honre a sua promessa. Em Novembro tenho um pressentimento tão forte de que ela está doente ou triste, que lhe escrevo e suplico-lhe que me responda, que me escreva, nem que seja uma só palavra. Mas isto acontece exactamente no dia em que ela morreu e, portanto, nunca chegou a receber a minha carta e eu nunca tive resposta. Abandona-me na morte como me abandonara em vida-, no meio do silêncio e de uma sensação de ausência.

Intuía que iria sentir a sua falta, quando deixei a minha casa Mas confortava-me saber que o sol ainda brilhava nos jardins do Alhambra e que ela ainda lá estava, junto ao tanque bordejado de verde. Não jazia ideia do quanto a sua perda iria piorara minha situação na Inglaterra. O meu pai, que já há muito tempo se recusava a pagar a segunda metade do meu dote, o que fazia parte do seu jogo com o rei da Inglaterra, acaba agora por compreender que

a sua jogada se transformou numa amarga verdade - não pode pagar. Passou a vida, e gastou a sua fortuna, numa cruzada incessante contra os Mouros e não sobrou dinheiro para ninguém. Os enormes rendimentos de Castela são agora pagos a Joana, a herdeira da minha mãe, e o meu pai não tem nada. no tesouro de Aragão, para o meu casamento. Nesta altura, ele não é mais do que um dos muitos reis da Espanha. Joana é a grande herdeira de Castela e, a acreditar nos rumores, está a ficar louca como um cão raivoso, atormentada até à insanidade pelo amor e pelo marido. Quem olhar para mim agora, já não vê uma princesa vinda de uma Espanha unida, uma das mais cobiçadas noivas da Cristandade; vê apenas uma viúva empobrecida, com sangue mau. As fortunas da nossa família estão a desmoronar-se como um castelo de cartas, sem a mão firme, da minha mãe e o seu olhar alento. Nada resta ao meu pai a não ser desespero; e esse é o único dote que ele me pode dar.

Tenho apenas dezanove anos. Será que a minha vida já acabou? E, então, esperei. Incrivelmente, esperei, ao todo, seis anos. Seis anos em que me transformei de uma noiva com dezassete anos numa mulher de vinte e três. Compreendi que a raiva do rei Henrique contra mim era amarga, efectiva e duradoura. Nunca uma princesa, em nenhuma parte do mundo, fora obrigada a esperar tanto tempo, tratada tão duramente ou deixada em tal desespero. Não estou a exagerar, como faria um trovador para enriquecer uma história - que poderia ter-te contado, meu amor, nas escuras horas da noite. Não, não era como uma história, nem sequer era '"na vida. Era como uma pena de prisão, como um refém que não tem hipótese de redenção, era solidão, e o lento reconhecimento de que falhara.

Desiludi a minha mãe e não consegui obter a aliança com a Inglaterra para a qual eu nascera e fora educada. Sentia vergonha telo meu falhanço. Sem o pagamento do meu dote, por parte da Espanha, não podia forçar os Ingleses a honrar o noivado. Com tal inimizade por parte do rei, não podia obrigá-los a fazer nada. H enrique era uma criança de treze anos e eu raramente o via. Também não podia apelar para que fizesse valer a sua promessa. Eu não tinha qualquer poder, negligenciada pela corte e a cair numa vergonhosa pobreza.

Então, Henrique fez catorze anos e o nosso noivado continuou a não se transformar em casamento; e esse casamento não foi celebrado. Esperei um ano. ele cumpriu quinze anos e ninguém me procurou. Henrique chegou ao décimo sexto, ao décimo sétimo aniversário e nada aconteceu. Os anos

passaram. Envelheci. Esperei Fui persistente. Era a única coisa que podia ser.Virei as golas dos meus vestidos e vendi as minhas jóias para comprar comida. Tive de vender a minha preciosa baixela, uma peça de ouro de cada vez. Sabia que era propriedade do rei, quando mandei chamar os ourives. Sabia que. cada vez que penhorava uma peça. atrasava o meu casamento mais um dia. Mas tinha de comer, os meus criados tinham de comer. Não lhes podia pagar os salários. Não os podia mandar pedir para mim. nem abandonados à sua sorte, esfomeados.

Já não tinha amigos. Descobri que Dona Elvira andava a fazer intrigas contra o meu pai. em favor de Joana e do marido, Filipe, e despedi-a, furiosa, mandei-a embora. Não me preocupei em saber se dizia mal de mim ou se me chamava mentirosa. Não quis saber se afirmara, ou não, que Artur e eu havíamos sido amantes. Descobri que traíra o meu pai; será que pensava realmente que eu me aliaria à minha irmã contra o Rei de Aragão? Fiquei tão irada que nem pensei no que a sua inimizade me poderia custar.

Por outro lado, uma vez que não sou idiota, calculei acertadamente que ninguém iria acreditar na palavra dela contra a minha. Ela fugiu para junto de Filipe e Joana, para a Holanda, e nunca mais ouvi falar dela, nem lamentei a minha perda. Fiquei sem o meu embaixador, Dr. de Puebla. Por várias vezes me queixara dele ao meu pai, por considerar a sua lealdade um pouco dividida, da sua falta de respeito e das concessões que fazia à corte inglesa. Mas quando ele foi chamado de volta à Espanha, percebi que ele sabia mais do que eu pensava, que usara a sua amizade com o rei em meu favor e que descobrira a melhor maneira de se mover dentro desta corte tão complicada. Ele fora bem mais meu amigo do que eu pensara e era eu quem ficava mais pobre ao perdê-lo. Por causa da minha arrogância, perdi um amigo e um aliado e lamentava a sua ausência. O seu substituto: o emissário que viera para me levar de volta a casa. Don Gutierre Gomez de Fuensalida, era um tolo arrogante, que considerava a sua presença uma honra para os Ingleses. Estes troçavam dele mesmo á sua frente, riam-se suas costas e eu não era mais do que uma princesa esfarrapa^ com um embaixador extasiado com a sua própria importância

Perdi o meu querido pai em Cristo, o confessor em quem confiava, que fora escolhido pela minha mãe para me guiar e tive de procurar outro, por minha própria iniciativa. Fiquei sem as damas da minha pequena corte, que não estavam dispostas a viver com dificuldade nem na pobreza e eu não podia

pagara mais ninguém para me servir. Por dedicação, Maria de Salinas ficou a meu lado durante todos estes anos de sofrimento, mas as outras damas quiseram partir. Por fim. fiquei sem a minha casa. a minha bela casa na Strand, a que havia sido o meu lar. um pequeno lugar seguro, neste país que me era tão estranho. O rei prometeu-me aposentos na corte e pensei que, finalmente, me perdoara. Pensei que me propunha ir para a corte, para viver em aposentos dignos de uma princesa e para poder ver Henrique. Mas, quando me mudei para lá, descobri que me tinham dado os piores aposentos, quase não tinha criados atribuídos e não tinha hipótese de ver o príncipe, a não ser nas cerimónias de estado mais formais. Num dia terrível, a corte saiu em viagem sem nos avisar e tivemos de correr atrás deles, tentando encontrar o caminho, ao longo de veredas campestres, sem qualquer indicação, tão indesejados e irrelevantes como uma carroça carregada de velhas mercadorias. Quando conseguimos alcançá-los, ninguém dera pela nossa falta e tive de aceitar os únicos aposentos ainda livres: por cima dos estábulos, como uma serviçal.

O rei deixou de pagar a minha mesada e a mãe não o pressionou em meu favor. Não tinha um cêntimo que fosse meu.' Vivia desprezada, nas orlas da corte, com espanhóis que apenas me serviam porque não tinham hipótese de partir. Estavam, como eu, encurralados, vendo os anos passar, envelhecendo, cada vez mais ressentidos. Acabei por me sentir como a princesa adormecida do conto de fadas, acreditando que nunca mais iria acordar.

Perdi a vaidade - a sensação orgulhosa de que conseguia ser '"ais esperta do que aquela relha raposa que era o meu sogro e do que a raposa matreira que era a mãe. Vim a saber que ele me prometera ao filho, o príncipe Henrique, não por gostar de mim ou por me ter perdoado, mas porque esta era a forma mais inteligente e mais cruel de me castigar. Já que não me podia ter, podia, pelo menos, certificar-se de que mais ninguém me teria. Foi bem amargo, o dia em o que percebi.

Por essa altura, Filipe morreu, e a minha irmã Joana ficou uva, como eu. O rei Henrique elaborou, então, um plano para casar com ela, a minha pobre irmã - que perdera o juízo com a morte do marido e colocá-la. em vez de mim, no trono da Inglaterra, onde toda a gente pudesse ver que estava louca, onde todos vissem que partilhava comigo o mesmo sangue mau, num lugar onde percebessem que ele a fizera rainha e me desprezara completamente. Era um plano cruel, destinado a envergonhar-me e a ferir-me. bem como a Joana.

Tê-lo-ia feito, se pudesse. e fez de mim sua cúmplice- forçou-me a recomenda-lo ao meu pai. Por ordem da meu pai, falei ao rei da beleza de Joana; sob ordens do rei aconselhei vivamente o meu pai a aceitar a sua proposta, tendo completa noção de que estava a trair a minha própria consciência. Perdi capacidade de dizer que não ao rei

Henrique, o meu perseguidor, meu sogro e pretenso sedutor iniba medo de lhe dizer não". Estava muito fragilizada, nessa altura. Perdi a vaidade no meu poder de sedução, perdi a confiança na minha inteligência e nas minhas capacidades, mas nunca perdi a vontade de viver. Não era igual à minha mãe. não era como Joana, não virava o rosto para uma parede, a espera que a dor se fosse embora. Não me deixava deslizar para a mágoa dilacerante da loucura, nem me fechava na suave escuridão da apatia. Cerrava os dentes, sou a princesa determinada, não desisto quando todos os outros o Jazem. Segui em frente. Esperei. Mesmo que não pudesse fazer mais nada. podia sempre ficar à espera. Por isso, esperei

Estes não foram os anos da minha derrota: foram os anos em que cresci, e foi um amadurecimento bem amargo. De uma rapariguinha de dezasseis anos. pronta para o amor. tornei-me. aos vinte e três, uma viúva semiórfã e solitária. Foram tempos em que, para conseguir resistir, me agarrei à felicidade da minha infância no Alhambra e ao amor pelo meu marido e jurei que. fossem quais fossem os obstáculos, seria Rainha da Inglaterra. Foram os anos em que a minha mãe. embora morta, voltou a viver através de mim. Encontrei a sua determinação no meu íntimo, descobri a sua coragem dentro de mim. achei o amor e o optimismo de Artur no meu interior. Foram os anos em que. apesar de nada me restar: marido, mãe. amigos, fortuna ou perspectivas, furei que. por mais desprezada, mais pobre que fosse, por mais improvável que isso se apresentasse, ainda riria a ser Rainha da Inglaterra.



As notícias, sempre demoradas em chegar ao conhecimento dos andrajosos espanhóis que viviam nas orlas da corte real, deram a saber que a irmã de Henrique, a Princesa Mary iria casar com grande pompa, com o príncipe Carlos, filho do rei Filipe e da rainha Joana, e neto do imperador Maximiliano e do rei Fernando Espantosamente, nesse preciso momento, o rei Fernando conseguira por fim, dinheiro para o dote de Catarina e enviara-o para Londres.

- Meu Deus. estamos livres! Pode haver um casamento duplo. Eu posso casar com ele - disse Catarina, com grande emoção, ao emissário espanhol, Don Gutierre Gomez de Fuensalida.

Ele estava pálido de preocupação, os seus dentes amarelos mordiam os lábios:

- Infanta, eu quase não sei como dizer-vos. Mesmo com esta aliança, mesmo com o dinheiro do dote - Deus meu, receio que seja tarde de mais. Temo que não nos possa ajudar em nada.

- Como é que é possível? O noivado da princesa Mary só vai aprofundar a aliança com a minha família.

- E se... - começou ele, e calou-se. Mal conseguia falar do perigo que previa. - Princesa, todos os Ingleses sabem que vem aí o dinheiro do dote, mas ninguém fala do vosso casamento. Ah, Princesa, e se eles estiverem a planear uma aliança que não inclua a Espanha? F se estiverem a planear uma aliança entre o Imperador e o Rei Henrique? E se o objectivo dessa aliança for entrarem os dois em guerra contra a Espanha?

Ela voltou a cabeça:

- Não pode ser.

- F se for?

- Contra o próprio avô do rapaz? - perguntou ela.

- Seria apenas um avô, o Imperador, contra outro, o vosso pai.

- Eles não fariam isso - disse ela com determinação.

- São bem capazes de o fazer.

- O rei Henrique não seria tão desonesto.

- Princesa, sabeis muito bem que seria. Ela hesitou:

- O que se passa? - perguntou, subitamente, cheia de irritação - Há mais qualquer coisa. Alguma coisa que não me estais a dizer. O que é?

Ele calou-se, com uma mentira na ponta da língua, mas depois disse-lhe a verdade.

- Tenho medo. tenho muito medo que eles queiram casar o príncipe Henrique com a princesa Eleanor, irmã de Carlos.

- Não podem, ele foi-me prometido a mim.

- Podem planear o assunto dessa maneira, como parte de um grande tratado. A vossa irmã, Joana, casa com o rei, o vosso sobrinho, Carlos, casa com a princesa Mary e a vossa sobrinha, Eleanor, casa com o príncipe Henrique.

- Então, e eu? Agora que o dinheiro do meu dote vem finalmente a caminho?

Ele ficou em silêncio. Era dolorosamente visível que Catarina fora excluída destas alianças, e que nada tinha sido decidido e relação a ela.

- Um verdadeiro príncipe deve honrar a sua promessa - diz ela com paixão.
- Nós fomos prometidos um ao outro por um bis diante de testemunhas, é um voto solene. O embaixador encolheu os ombros, hesitou. Não era capaz d lhe transmitir a pior notícia de todas.

-Vossa Graça, Princesa, tendes de ser forte. Desconfio que possa vir a anular o juramento.

- Ele não pode fazer isso. Fuensalida continuou:

- De facto, receio que ele já tenha sido anulado. O príncipe pode já ter feito isso há alguns anos.

- O quê? - perguntou ela friamente. - Como?

- Um rumor, não posso ter a certeza de que aconteceu. M temo... - O embaixador calou-se.

- Teme o quê?

- Temo que o príncipe possa já ter sido libertado da sua promessa de casamento convosco. - Hesitou, ao notar a súbita alteração no rosto dela -

Pode nem ter sido decisão dele - acrescentou rapidamente. - O pai é que está determinado em afrontar-nos.

- Como é que ele foi capaz? Como é que se pode fazer uma coisa dessas?

- Ele pode ter feito outro juramento, dizendo que na altura e demasiado novo, que o tinha feito sob ameaça. Pode ter declarado que não queria casar convosco. De facto, parece-me que foi o que ele fez.

- Ele não estava sob ameaça! - Catarina exclamou. - Ele estava verdadeiramente entusiasmado. Há anos que está apaixonado por mim e tenho a certeza de que ainda está. Ele queria, realmente, casar comigo.

- Um juramento feito perante um bispo, dizendo que na não estava a agir por sua livre vontade, seria o suficiente lhe assegurar a libertação dessa promessa.

- Isso quer dizer que durante todos estes anos em que eu venho comprometida com ele e em que agi de acordo com esse f todos esses anos em que eu esperei, esperei e aguentei... - não C seguia terminar. - listais a dizer-me que durante lodos estes anos c que acreditei que tínhamos os ingleses manietados, presos por contrato, obrigados, ele era livre?

O embaixador concordou com a cabeça; o rosto dela estava tão Agido e tão chocado que ele quase não conseguia falar.

_ isto é ... uma traição - disse ela -. uma terrível traição. -Engasgou-se com as palavras. - Esta é a pior de todas as traições.

Ele concordou de novo com a cabeça. Seguiu-se um longo e penoso silêncio.

- Estou perdida - disse simplesmente. - Agora reconheço-o. Há anos que estou perdida, sem o saber. Tenho estado a travar uma batalha sem exército, sem ajuda. E, na verdade - sem causa.

Estais a dizer-me que tenho estado a defender uma causa que há muito tempo esta perdida. Eu lutei pelo meu noivado, mas, na verdade, já não estava noiva. Estive sempre sozinha, todo este tempo. E só agora é que fico a saber.

Mesmo assim, não chorou, embora os seus olhos azuis estivessem horrorizados.

- Eu fiz uma promessa - disse com uma voz áspera -, uma promessa solene e vinculadora.

- A do vosso noivado?

Ela fez um pequeno gesto com a mão.

- Não é essa. Fiz uma promessa juramentada. Uma promessa feita a alguém que estava a morrer. E, agora, vós dizeis-me que tudo foi em vão.

- Princesa, permanecestes no vosso posto, como a vossa mãe quereria que tivésseis feito.

- Eles têm estado a rir-se à minha custa! - conseguiu ela arrancar, das profundezas cio seu choque. - Tenho lutado pelo cumprimento de um voto, sem saber que esse voto havia, há muito, sido quebrado. Ele não era capaz de dizer nada. a dor dela era demasiado crua P;ira qualquer palavra de conforto.

Momentos depois ela ergueu a cabeça:

- Todos sabem disto, menos eu? - perguntou friamente. Fie abanou a cabeça.

- Tenho a certeza de que foi tudo mantido no maior segredo.

- Sua Alteza, a Mãe do Rei - vaticinou amargamente -, deve ter sabido. Deve ter sido decisão sua. o rei. o próprio príncipe e, se ele sabia, então, a princesa Mary também sabe - ele deve ter-lhe contado. E os seus companheiros mais chegados... - Ergueu a cabeça- As damas de companhia da mãe do rei, as damas de companhia da princesa. O bispo diante de quem ele fez o juramento, uma testemunha ou duas. Metade da corte, imagino eu - fez uma pausa.

- Pensava que, pelo menos alguns deles, eram meus amigos. O embaixador encolheu os ombros:

- Na corte não há amigos, apenas cortesãos.

- O meu pai vai defender-me desta... crueldade! - exclamou - Eles deviam ter pensado nisso antes de me tratarem desta manei ra! Não haverá mais tratados com a Espanha para a Inglaterra, quando ele souber do que se passa. Vai vingar-se pela maneira como me trataram.

Ele não respondeu mas, no seu rosto inexpressivo, ela reconheceu a pior das verdades.

- Não - disse ela apenas -, ele, não! Ele também, não! O meu pai, não! Ele não sabia. Ele ama-me, nunca faria nada que me magoasse. Ele nunca me abandonaria aqui. Nem nesse momento o embaixador foi capaz de lhe contar. Viu-a respirar bem fundo.

- Ah! Ah, estou a perceber. Vejo tudo no vosso silêncio. Obviamente. Ele sabe, claro que sabe, não é verdade? O meu pai? O dinheiro do dote é apenas mais um truque. Ele tem conhecimento do plano para casar o príncipe Henrique com a princesa Eleanor. Ele tem estado a iludir o rei, para que este pense que se pode casar com Joana. Ordenou-me que incentivasse o rei a casar com Joana. Deve ter concordado com esta nova proposta de casamento para o príncipe Henrique. E, nesse caso, também sabe que o príncipe quebrou o seu juramento para comigo? Que está livre para se casar?

- Princesa, ele não me disse nada. Eu acho que ele deve saber. Mas talvez ele tenha planos para... O gesto dela, fê-lo parar.

- Ele desistiu de mim, estou a compreender. Eu desiludi-o e ele pôs-me de lado. Estou, na verdade, sozinha.

- Assim sendo, devo então tentar arranjar maneira de voltarmos para casa? - perguntou Fuensalida calmamente. Estava deveras convencido de que esse seria o ponto culminante para as suas ambições. Se conseguisse levar esta princesa amaldiçoada de volta a casa, para junto do seu pai infeliz e da irmã, a nova Rainha de Castela, que cada vez estava mais desequilibrada, demonstraria que tinha feito o melhor possível numa situação tão desesperada. Ninguém iria casar com Catarina, agora, que era filha de um reino dividido. Todos podiam ver que a loucura que lhe corria no sangue, estava a transparecer na irmã. Nem mesmo Henrique da

Inglaterra podia fingir que Joana se encontrava em condições de se casar, quando ela prosseguia a sua desvairada travessia da Espanha, acompanhada pelo caixão do falecido marido. A ardilosa diplomacia de Fernando voltara-se contra ele e agora, na Europa, todos eram seus inimigos, com dois dos homens mais poderosos da Europa aliados para lhe declarar guerra. Fernando estava perdido e soçobrava. O máximo que esta azarada princesa podia esperar era um casamento arranjado com algum Grande da Espanha e uma retirada para o campo, onde tivesse hipótese de escapar à guerra que estava para vir. O pior seria ficar presa e na miséria, na Inglaterra, uma refém abandonada, por quem ninguém pagaria um resgate. Uma prisioneira que depressa seria esquecida, até pelos seus carcereiros.

- Que devo fazer? - finalmente aceitava o perigo. Ele reparou que ela começava a aperceber-se da situação. Por fim, compreendera que havia perdido. Viu que ela, uma rainha de corpo inteiro, percebera a profundidade da sua derrota. - Tenho de saber o que devo fazer, ou ficarei refém num país inimigo, sem ninguém que me defenda.

Ele não disse que era assim que a via. desde que chegara.

- Vamos partir - disse ele com firmeza -, se a guerra começar, manter-vos-ão como refém e ficarão com o vosso dote. Que Deus não permita que o dinheiro, que finalmente está a chegar, possa ser usado para pagar a guerra contra a Espanha.

- Eu não posso partir - disse ela convictamente -, se me for embora, nunca mais poderei voltar.

- Está tudo acabado! - gritou ele, numa fúria repentina. - Vós já o percebestes, por fim. Perdemos. Fomos derrotados. Está tudo acabado entre vós e a Inglaterra. Haveis suportado e enfrentado a humilhação e a pobreza como uma princesa, como uma rainha, como uma santa. A vossa própria mãe não teria dado mostras de uma coragem maior. Mas fomos derrotados, Infanta. Perdestes. Temos de voltar para casa o mais depressa possível, temos de correr, antes que nos apanhem.

- Nos apanhem?

- Podem mandar-nos prender, como espiões inimigos e pedir um resgate

por ambos - disse ele.

- Podem apropriar-se daquilo que resta do vosso dote e tomar conta do restante, quando chegar. Deus sabe que vos podem acusar de qualquer coisa e executar-vos, se tiverem suficiente interesse nisso.

- Não se atrevem a tocar-me! Sou uma princesa de sangue real, - disse ela com desdém. - Por muito que me possam tirar, isso não tirarão nunca. Sou Infanta da Espanha, mesmo que não seja mais nada! Mesmo que nunca chegue a ser Rainha da Inglaterra, serei Sempre, pelo menos. Infanta da Espanha.

- Já houve príncipes de sangue real que foram levados para a Torre de Londres e que não voltaram a sair de lá. - disse o embaixador friamente. - Príncipes com sangue real inglês, que viram aquelas grades fechar-se nas suas costas e que nunca mais voltaram a ver a luz do dia. Ele pode acusar-vos de serdes pretendente ao trono. E sabeis o que acontece, na Inglaterra, aos pretendentes ao trono. Temos de partir.

Catarina fez uma vénia diante de Sua Alteza, a Mãe do Rei, mas em troca, não recebeu, sequer, um aceno de cabeça. Assumiu uma atitude rígida. Os dois séquitos haviam-se encontrado a caminho da missa; atrás da velha senhora, estava a sua neta, a princesa Mary, e meia dúzia de damas. Todas se voltaram com um ar gélido para a jovem mulher que devia ser a noiva do Príncipe de Gales, mas que há tantos anos era negligenciada.

- Vossa Alteza - Catarina colocou-se à frente da mulher, esperando que ela reparasse em si. A mãe do rei olhou para a jovem com nítido desagrado.

-Ouvi dizer que há algumas dificuldades relacionadas com o noivado da princesa Mary - disse Catarina.

Catarina olhou para a princesa Mary e a rapariga, escondida atrás da avó, fez-lhe uma careta feia e desmanchou-se num súbito ataque de riso.

- Não sabia de nada - continuou Catarina.

- Podeis não saber, mas o vosso pai sabe com certeza - disse a velha senhora com irritação. - Numa das cartas que lhe escrevei constantemente, poderíeis dizer-lhe que não estará a ajudar em nada a causa dele ou a

vossa, se tentar perturbar os planos da nossa família.

- Tenho a certeza absoluta de que ele não... - começou Catarina a dizer.

- E eu estou absolutamente convicta de que sim, e vós faríeis bem em avisá-lo para não se atravessar no nosso caminho - interrompeu-a duramente a velha senhora, continuando a caminhar um ar majestoso.

- O meu próprio noivado... - começou Catarina, como se nunca tivesse ouvido falar no assunto antes - O vosso noivado? - a mãe do rei repetiu a s palavras, como se nunca tivesse ouvido falar no assunto antes - O vosso noivado?

De repente começou a rir. atirando a cabeça para trás, com a boca escancarada. Atrás dela, a princesa riu também e, depois, todas as damas começaram a rir às gargalhadas só de pensar naquela prin**cesa** sem vintém, que falava assim do seu noivado com o mais cobiçado príncipe da Cristandade.

_ O meu pai vai enviar o meu dote! - gritou Catarina.

- Demasiado tarde! Já é tarde de mais para vós! - respondeu a mãe do rei com uma voz estridente, agarrando-se ao braço da amiga. Catarina, confrontada com uma dúzia de rostos trocistas que riam histericamente, imaginando aquela princesa remendada a oferecer os restos da sua baixela e do seu ouro, baixou a cabeça,abriu caminho pelo meio delas e foi-se embora.

Nessa mesma noite, o embaixador da Espanha e um mercador italiano de considerável riqueza e grande discrição, encontravam-se lado a lado num cais sombrio, num recatado canto das docas de Londres, observando o discreto carregamento de mercadorias espanholas para um navio que ia partir para Bruges.

- Ela não deu autorização para isto? - murmurou o mercador, a face escura iluminada pela trémula luz de uma tocha. - Mas então estamos a roubar o seu dote! O que vai acontecer se os Ingleses, de repente, disserem que o casamento se vai realizar e nós tivermos esvaziado a sala do tesouro da princesa? E se eles descobrem que o dote chegou finalmente a vir da Espanha, mas nunca entrou na sala do tesouro? Irão chamar-nos ladrões!

Seremos considerados ladrões! - Eles nunca irão dizer que o casamento se vai realizar — disse simplesmente o embaixador. - Vão é apoderar-se das coisas dela e metê-la na prisão, na altura em que declararem guerra à

Espanha. E podem fazê-lo a qualquer momento. Não me atrevo a permitir que o dinheiro do rei Fernando vá parar às mãos dos Ingleses. Eles são nossos inimigos, não são nossos aliados. - o que irá ela fazer? Nós esvaziamos o seu tesouro. Não ficou no cofre-forte, a não ser caixas vazias. Deixámo-la na miséria

O embaixador encolheu os ombros:

- Ela já está arruinada de qualquer forma. Se ficar aqui, enquanto a Inglaterra estiver em guerra com a Espanha, será considerada uma refém inimiga e levada para a prisão. Se fugir comigo, não irá ter nenhuma recepção calorosa quando chegar a casa. A mãe já morreu, a família está arruinada e ela também. Não me surpreenderia se ela se atirasse ao Tamisa e se afogasse. A vida dela acabou. Não consigo imaginar o que lhe vai acontecer no futuro. Eu posso salvar o dinheiro dela, se o levardes embora daqui, no vosso barco Mas a ela, não posso salvar.



Sei que tenho de sair da Inglaterra-, Artur não quereria que eu ficasse para enfrentar tal perigo. Tenho pavor da Torre e do cepo que só seria apropriado se eu fosse uma traidora e não uma princesa que nunca fez nada de errado, a não ser dizer uma grande mentira. E mesmo isso foi por uma boa causa. Seria a maior graça de todos os tempos, se eu tivesse de pousar a cabeça, e morrer, no mesmo cepo em que Warwick foi morto. Eu, uma pretendente espanhola ***ao*** *trono pelo qual ele morreu, por ser um Plantageneta.*

Isso não pode acontecer. Reconheço que já não tenho qualquer poder. Não sou doida, a ponto de pensar que ainda posso dar ordens. Já nem sequer rezo. Já nem peço pelo meu destino.

Mas posso fugir. E parece-me que é chegado o momento de o jazer.



Fizestes o quê? - perguntou Catarina ao embaixador. O inventário tremia na sua mão.

- Eu tomei a liberdade de levar o tesouro do vosso pai para fora do país. Não podia arriscar...

- O *meu* dote. - Ela levantou a voz.

- Vossa Graça, ambos sabemos que o tesouro não vai ser necessário para um casamento. O príncipe nunca irá casar convosco. Eles apoderar-se-iam do vosso dote e. mesmo assim, ele nao casaria convosco. ,

- Era o meu trunfo! - gritou ela - Eu ainda tenho esperança-Mesmo que mais ninguém a tenha! Tenho deixado de comer, derxe a minha própria casa, para não ter de empenhar esse tesouro. Quando faço uma promessa, cumpro-a, custe o que custar!

- O rei iria usá-lo para pagar aos soldados, para que lutassem contra o vosso pai. Ele iria lutar contra a Espanha, com o ouro do vosso pai!- - exclamou tristemente Fuensalida. - Eu não podia permitir que tal acontecesse.

- E por isso, haveis-me roubado! Ele debateu-se com as palavras:

- Eu levei o vosso tesouro para um lugar seguro, na esperança de . . .

- Ide-vos embora! - ordenou ela abruptamente.

- Princesa?

- Traístes-me, como Dona Elvira, como todos os outros me têm traído - disse ela com amargura. - Podeis ir embora. Nunca mais vos voltarei a chamar. Nunca. Podeis ter a certeza de que nunca mais falarei convosco. Mas vou contar ao meu pai o que fizestes. Vou escrever-lhe imediatamente e anunciar-lhe que haveis roubado os valores do meu dote, que sois um ladrão. Nunca mais sereis recebido na corte, na Espanha.

Ele fez uma vénia, tremendo de emoção, e depois voltou-se para sair da sala, demasiado orgulhoso para se defender.

- Não passais de um traidor! - gritou Catarina, no momento em que ele estava a chegar à porta. - Se eu fosse rainha, e tivesse os poderes de uma rainha, mandava-vos enforcar por traição.

O embaixador ficou parado, voltou-se para ela e fez uma nova vénia. Quando voltou a falar, a sua voz parecia de gelo.

- Por favor, Infanta, não vos ridicularizeis, insultando-me desse modo. Estais redondamente enganada. Foi o vosso pai quem me ordenou que devolvesse o vosso dote. Eu estava apenas a obedecer a uma ordem directa. O vosso próprio pai quis que fosse retirado do tesouro tudo que tivesse valor. Foi ele quem decidiu fazer de vós uma pedinte. Ele quis que o dinheiro do dote fosse devolvido, porque já perdeu qualquer esperança no vosso casamento. Quis que o dinheiro ficasse bem guardado e que fosse levado em segurança para fora da Inglaterra.

- Mas devo dizer-vos - acrescentou com calculada malícia -que ele que não deu ordens para que eu me certificasse de que *ficáveis* em segurança. Não me deu ordens para que vos levasse em segurança para fora da Inglaterra. Pensou no tesouro, mas não Pensou em vós, apenas deu ordem para garantirmos a segurança dos bens. Nem sequer mencionou o vosso nome. Parece- me que já deve ter perdido definitivamente a esperança, em relação a vós. Mal as palavras lhe saíram da boca. o embaixador desejou nunca as ter pronunciado. O ar de sofrimento no rosto dela foi a pior coisa que vira em toda a sua vida.

- O meu pai mandou-vos devolver o ouro, mas disse-vos que me deixasse ficar para trás? Sem nada?

- Estou seguro de que...

Às cegas, ela virou-lhe as costas e dirigiu-se para a janela de maneira a que ele não pudesse ver o tremendo horror espelhado na sua face.

- Ide - ela repetiu. - Ide embora.



*Eu sou a princesa adormecida da história, uma princesa **de** neve, abandonada num país frio e que já se esqueceu do que é **sen**tir o sol. O Inverno tem sido*

longo, mesmo para a Inglaterra. ***Ainda*** *agora, que já estamos em Abril, a relva, pela manhã, está tão* ***cober****ta de geada, que, quando me levanto e vejo o gelo nas janelas* ***do*** *meu quarto, a luz que deixam passar é tão branca, que* ***parece que*** *esteve a nevar toda a noite. A água da bacia que está ao lado* ***da*** *minha cama já está congelada quando é meia-noite e não* ***temos*** *dinheiro para manter a lareira acesa pela noite fora. Quando* ***vou*** *lã para fora caminhar sobre a relva gelada, ouço-a estalar ruidosamente debaixo dos meus pés e posso sentir-lhe o frio através das* ***finas*** *solas das minhas botas. E, este Verão, eu sei, vai ter toda* ***a suave*** *doçura de um Verão inglês, mas tenho imensas saudades do* ***calor*** *escaldante da Espanha. Quero que o calor, mais uma vez,* ***faça eva****porar de mim todo o desespero. Sinto-me como se tivesse estado* ***enre****gelada durante sete anos e creio que, se nada vier para me aquecer, acabarei simplesmente por morrer assim, derretida pela* ***chuva ou*** *levada pelo vento, como a neblina que se ergue de um rio. Se o* ***rei*** *estiver realmente a morrer, como dizem os rumores da corte,* ***e o*** *príncipe Henrique aceder ao trono e casar com Eleonor,* ***pedirei*** *autorização ao meu pai para tomar o véu e retirar-me-ei* ***para um*** *convento.*

Não pode ser pior do que viver aqui. Não pode ser mats humilde, mais frio ou mais solitário. O meu pai esqueceu ***claramen****te o seu amor por mim e desistiu de me ajudar, como se eu* ***tivesse*** *morrido ao mesmo tempo que Artur. Jurei que nunca desesperaria - as mulheres da minha família dissolvem-se no desespero como melaço em água. Mas este gelo no meu coração não se parece com desespero. É como se a minha determinação inabalável em ser rainha me tivesse transformado pedra. Não penso que esteja a deixar-me avassalar pelos sentimentos, como Joana; só sinto que os coloquei no lugar errado, Transfransformei-me num bloco, num pingente de gelo, na princesa das neves eternas.*

Tento rezar a Deus, mas não consigo ouvi-l'O. Receio que Ele se tenha esquecido de mim, como fizeram todos. Perdi toda a noção da Sua presença, perdi o medo da Sua vontade e a alegria na Sua bênção, Não consigo sentir nada por Ele. Já não penso que sou a Sua filha dilecta, escolhida para ser abençoada. Já não me consolo com a ideia de ser a Sua filha preferida, a que foi escolhida para ser posta à prova Ele afastou o Seu rosto de mim. Não sei por que razão, mas se o meu pai terreno me consegue esquecer, se esqueceu, como o fez, que eu era a sua filha mais querida, suponho então que o meu Pai Celeste me pode também esquecer.

Descobri que, no mundo inteiro, só restam agora duas coisas que ainda me interessam; ainda consigo sentir o meu amor por Artur, como um coração ainda quente e a bater, num pequeno pássaro caído de um céu gelado, paralisado pelo frio. E ainda tenho saudades da Espanha, do Palácio de Alhambra, do al-Yanna, o jardim, o lugar secreto, o paraíso.

Só suporto a minha vida porque não lhe posso escapar. Todos os anos tenho esperança de que a minha sorte mude; em cada ano, quando chega o aniversário de Henrique e o nosso noivado não se transforma em casamento, percebo que mais um ano da minha vida fértil chegou e partiu. Todos os anos, em meados do Verão, no dia, em que se vence o prazo para a chegada do meu dote e o meu pai não dá notícias, sinto vergonha. É como se uma doença me atacasse o ventre.

E, doze vezes por ano, durante sete anos, o que perfaz oitenta e quatro vezes, as minhas regras vieram e partiram. Cada vez que sangro, penso que se desperdiçou mais uma oportunidade de eu poder gerar um príncipe para a Inglaterra. Aprendi a afligir-me com a mancha na minha roupa interior, como se tratasse de uma criança que eu tivesse perdido. Oitenta e quatro possibilidades de eu ter um filho, em todo o fulgor da minha juventude- oitenta e quatro oportunidades perdidas. Começo a perceber o que significa um aborto. Estou a aprender o que é a mágoa de perder uma criança.

Iodos os dias, quando vou rezar, olho para o Cristo crucificado e digo - Seja feita a Vossa vontade". Isto acontece há sete anos, seja, duas mil, quinhentas e cinquenta e seis vezes. É esta, a aritmética da minha dor. Digo - Seja feita a Vossa vontade", mas o que quero dizer é - " Exercei a Vossa vontade contra estes cruéis conselheiros ingleses e o seu desprezível e impiedoso rei inglês, e contra a velha bruxa, a mãe dele. Concedei-me os meus direitos. ***Faze*** *mim rainha. Eu lenho de ser rainha, tenho de ter um filho ou transformar-me-ei numa princesa de neve".*



21 de Março de 1509

"O rei morreu", escreveu o embaixador Fuensalida, na nota que enviou a Catarina, sabendo que cia nào o receberia pessoalmente, sabendo que nunca iria perdoar-lhe por ter roubado o dote e por lhe ter chamado pretendente ao trono, por lhe ter dito que o pai a abandonara. "Sei que nào me recebereis, mas tenho de cumprir o meu dever, e avisar-vos de que, no seu leito de morte, o rei disse ao filho que era livre de se casar com quem quisesse. Se desejardes que eu alugue um barco que vos leve de volta a Espanha, disponho de fundos pessoais para o lazer. Pessoalmente, nào vejo o que podereis ganhar, ficando neste país. para além de insultos, ignomínia e. talvez, perigo."

- Morto - disse Catarina.

- Como? - perguntou uma das suas aias.

Catarina amarrotou a carta na mão. Actualmente, nào confiava nada a ninguém.

- Nada - disse -, vou dar um passeio. Maria de Salinas levantou-se e colocou a capa remendada Catarina nos seus ombros. Era a mesma capa que ela usara, enrolada em volta de si, no frio cio Inverno, quando cia e Artur partiram de Londres para Ludlovv, sete anos antes

- Quereis que vos acompanhemos:' - ofereceu a aia, sem entusiasmo?* dando uma olhadela ao

céu cinzento do outro lado janelas.

-Não.



*Caminho ao longo do rio. com o chão de cascalho a ferir-me plantas dos pés através do cabedal fino, como se estivesse a ten fugir da própria esperança. Será que há alguma hipótese de que minha sorte mude, de que já possa estar a mudar? O rei que me desejou e que depois me odiou por eu o ter recusado, está morto. Dizia-*ç 0 *que estava doente, mas Deus sabe que ele nunca enfraquecia. Achava que ele iria reinar para sempre. Mas agora está morto. Agora, desapareceu. Será o príncipe a decidir.*

São me atrevo a ter esperança. Depois de todos estes anos de jejum, temo que a esperança me embriague, se eu colocar nem que seja apenas uma gota nos lábios. Mas tenho esperança num pequenino gosto a optimismo, só um pouquinho do sabor, que não faz parte da minha dieta habitual de profundo desespero. Porque eu conheço o rapaz, Henrique. Juro que o conheço. Tenho-o observado, e avaliado, como um falcoeiro vigia uma ave cansada. Tenho observado, avaliado e comparado o meu julgamento com o seu comportamento, vezes sem conta. Sou capaz de ler nele. como se estivesse a estudar o catecismo. Conheço as suas forças e as suas fraquezas, e creio que tenho uma débil, muito débil razão, pura ter esperança.

Henrique é vaidoso, um pecado de um rapaz jovem e não o censuro por isso, mas tem-no em grande quantidade. Por um lado. isso pode fazer com que queira casar comigo, pois vai querer que o vejam a fazer o que é correcto - a honrar a sua promessa, ou até. a salvar-me. Só de pensar em ser salva por Henrique, tenho de inter-romper o meu passeio e de cravar as unhas nas palmas das mãos. por baixo da minha capa. Também posso aprender a suportar mais essa humilhação. Henrique pode querer salvar-me e eu serei obrigada a ficar-lhe grata. Artur teria morrido de vergonha só de imaginar o seu jactancioso irmão mais novo a salvar-me; mas Artur morreu precocemente, a minha mãe morreu precocemente e eu terei de suportar tudo sozinha.

Mas a sua vaidade pode, de igual modo, funcionar contra mim. Se enfatizarem a riqueza da princesa Eleanor, a influência da sua família Habsburgo, a glória da ligação com o Sagrado operador Romano - ele pode ser seduzido. A avó irá certamente dizer mal de mim e as palavras dela têm sido a sua lei. Ela aconselhá-lo-á a casar com a princesa Eleanor e ele vai sentir-se atraído como qualquer jovem pateta - pela ideia de uma beldade desconhecida. Mas mesmo que queira casar com ela, terá sempre a dificuldade de decidir o que fazer comigo.Ficaria mal visto se me mandasse embora, e não pode seguramente ter o descaramento de casar com outra mulher, comigo ainda na corte, à espera. Sei que Henrique seria capaz de fazer qualquer coisa para não parecer ridículo. Se eu conseguir arranjar maneira de permanecer aqui até que tenham de pensar a sério no seu casamento, ficarei, de facto, numa posição forte.

Começo a caminhar mais lentamente, olho em volta para o rio gelado e para os barqueiros que passam, escolhidos nas suas capas de Inverno, protegendo-

se do frio. "Deus vos abençoe. Princesa!" diz alto um dos homens, ao reconhecer-me. Eu ergo a mão. em resposta As pessoas deste estranho e mal-humorado país gostaram de mim desde o dia em que se acotovelaram, para me poderem ver, no pequeno porto de Plymouth. Isso também vai contar a meu favor, com um príncipe recém-chegado ao trono e ansioso por afecto.

Henrique não é avarento. Ainda não tem idade suficiente para conhecer o valor do dinheiro e sempre lhe deram tudo o que queria, Não irá discutir por causa do dote ou do meu quinhão, tenho a certeza. Preferirá tomar uma atitude magnânima. Vou ter de me certificar de que Fuensalida e o meu pai não propõem o meu regresso a casa, como maneira de abrir caminho para a nova noiva. Já há muito que Fuensalida perdeu a esperança na nossa causa, mas eu agora tenho fé. Terei de resistir ao seu pânico e aos meus receios. Tenho de ficar aqui, para me manter em campo. Não posso retirar--me agora.

Henrique sentiu-se atraído por mim, em tempos, eu sei. Foi Artur quem me falou nisso pela primeira vez e me disse que o rapazinho tinha gostado de me levar ao altar, no meu casamento, para além de ter ficado a sonhar que ele é que era o noivo e eu a sua noiva. Tenho continuado a alimentar a sua paixão, e cada vez que o encontro, presto-lhe uma atenção particular. Quando a irmã se ri dele e não lhe dá atenção, eu olho para ele, peço-lhe que cante para mim e fico a observá-lo com admiração, quando está a dançar. Nas raras ocasiões em que consegui ter uns momentos a sós com ele. pedia-lhe para me ler qualquer coisa e discutíamos as nossas ideias acerca de grandes escritores. Procuro certificar-me de que saiba que o acho brilhante. É um rapaz esperto e não é nenhum sacrifício conversar com ele.

O meu problema é que todos o admiram tanto, que o meu modesto carinho quase não tem peso para ele. Quando a avó. Sua Alteza, Mãe do Rei, declara que ele é o mais belo príncipe da Cristandade, o mais instruído, o mais promissor, que posso eu dizer--lhe que se compare? Como é que alguém pode elogiar um rapaz que já é adulado até à extrema vaidade, que já acredita ser o mais importante príncipe que o mundo conheceu? Estas são as minhas vantagens. Mas, contra elas. há o facto de ele me ter sido prometido seis anos atites e de que talvez me veja como uma escolha do pai, uma escolha bastante aborrecida para ele.

Que tenha jurado perante um bispo que eu não fui escolhida por ele para sua noiva, e que não quer casar comigo. Pode decidir manter esse juramento, declarar que nunca me quis e negar o roto dos nossos esponsais. Ao imaginar Henrique a anunciar ao mundo que eu lhe fora imposta e que agora se sentia feliz por se ver Urre de mim, hesito novamente. Mas isso, eu também consigo suportar,

Estes anos não têm sido bondosos para comigo. Ele nunca me viu rir com alegria, nunca me viu a sorrir ou descontraída. Só me tem visto vestida pobremente e preocupada com a minha aparência. Nunca fui chamada para dançar á sua frente ou para cantar para ele. Quando a corte vai caçar, o meu cavalo é sempre dos mais fracos e eu não consigo acompanhá-los. Tenho sempre um ar cansado e estou sempre ansiosa. Ele é jovem e frívolo e adora o luxo e o requinte do vestuário. A minha imagem na sua mente pode ser a de uma mulher pobre, uma maçada para a sua família, uma viúva pálida, um fantasma que surgiu no meio da festa. Sendo um rapaz habituado a viver bem, pode escusar-se a cumprir o seu dever. É frívolo e volúvel e mandar-me embora pode ser-lhe indiferente. Mas eu tenho de ficar. Se me for embora, ele esquece-se de mim num instante. Disso, pelo menos, tenho a certeza. Tenho de ficar.



Fuensalida, chamado ao conselho real, entrou de cabeça bem erguida, tentando não parecer oprimido, seguro de que o haviam chamado para lhe dizer que partisse e levasse a indesejada Infanta consigo. O seu vincado orgulho espanhol, que tanto, e tantas vezes n° passado, os ofendera, acompanhou-o ao atravessar a porta e enquanto se dirigia até à mesa do Conselho Privado. Os novos ministros do rei estavam sentados em volta da mesa e tinham-lhe dado um lugar vago, exactamente no centro. Sentiu-se como um miLido, chamado à presença dos seus tutores, para ouvir uma reprimenda.

- Talvez eu possa começar por explicar a condição da Princesa de Gales - disse ele em tom de desafio. - O dote está guardado em segurança, fora do país, e pode ser entregue em...

- O dote não tem importância - disse um cios conselheiros.

- O dote? - Fuensalida quase perdeu a fala. — Mas, e a baixela da princesa?

- O rei tem a intenção de ser generoso para com a sua noiva.

O embaixador ficou petrificado.

- A sua noiva?

- O assunto mais importante, neste momento, é o poderio do Rei da França e o perigo das suas ambições em relação à Europa Tem sido assim, desde Agincourt. O nosso rei está muito interessado em restaurar a glória da Inglaterra. E agora temos um rei, tão pode roso como o era Henrique, preparado para fazer da Inglaterra um país novamente grandioso. A segurança da Inglaterra depende de uma aliança tripartida entre a Espanha, a Inglaterra e o Imperador **o** jovem rei acredita que o seu casamento com a Infanta irá assegurar o apoio do Rei de Aragão a esta grande causa. Presumo que seja este o caso?

- Certamente - disse Fuensalida completamente atordoado. -Mas a baixela...

- A baixela não importa - repetiu um dos conselheiros.

- Pensava que os bens da princesa...

- Não têm importância.

- Terei de informá-la desta... mudança... no seu destino. Todo o Conselho Privado se pôs em pé.

- Fazei-o, por favor.

-Voltarei aqui quando tiver... quer dizer... quando tiver falado com ela.

Não fazia sentido, pensou Fuensalida, dizer-lhes que ela ficara tão zangada com ele por aquilo que considerara uma traição, que não tinha a certeza de que o recebesse. Não valia a pena revelar que, na última vez que a vira, lhe dissera que estava perdida, que a causa dela estava perdida e que todos o sabiam há vários anos. Caminhou, cambaleando, para fora da sala e quase esbarrou com o jovem príncipe. O jovem, que ainda não fizera dezoito anos.

estava radiante.

- Embaixador!

Fuensalida deu um salto para trás e pousou um joelho no chão.

- Vossa Graça! Devo... apresentar as minhas condolências pela morte do...

- Sim, sim. - ele afastou a compaixão com um gesto. Não era capaz de se apresentar com um ar grave. Todo ele era sorrisos, e estava mais alto que nunca. - Fazei o favor de dizer á princesa que proponho que o nosso casamento se realize o mais depressa possível. Fuensalida gaguejou, sentindo a boca completamente seca.

- Com certeza,senhor!

- Vou enviar à princesa uma mensagem a interceder por si -disse o jovem com generosidade. Riu-se. - Sei que não estais nas boas graças dela. Sei que recusou receber-vos, mas tenho a certeza de que irá fazê-lo, atendendo ao meu pedido.

- Fico-vos muito agradecido! - disse o embaixador.

O príncipe despediu-o com um gesto da mão. Fuensalida ergueu-se da sua vénia, e dirigiu-se para os aposentos da princesa, percebeu que seria difícil para os Espanhóis adaptarem-se às benesses deste novo rei inglês. A sua generosidade, a sua ostentosa generosidade, era esmagadora.

Catarina fez o embaixador esperar, mas recebeu-o ao fim de uma hora. Ele teve de admirar o autodomínio por ela demonstrado e que a fez estar a vigiar o relógio, enquanto o homem que trazia as notícias sobre o seu destino ficava cá fora, à espera para lhas dar. - Emissário - disse ela serenamente.

Ele fez uma vénia. O debrum do seu vestido estava esfarrapado. Conseguia distinguir os pontos pequenos e perfeitos, nos sítios em que ele fora remendado e novamente esgaçado, devido ao uso. Teve uma sensação de grande alívio ao pensar que, independentemente do que lhe pudesse vir a acontecer depois deste inesperado casamento, ela nunca mais teria de usar um vestido velho.

- Princesa Viúva, fui chamado ao Conselho Privado. Os nossos infortúnios chegaram ao fim. Ele quer casar convosco.

Fuensalida imaginara que ela iria gritar de alegria, que se lançaria nos braços dele ou que iria cair de joelhos, agradecendo a Deus. Mas ela não teve nenhuma dessas atitudes, apenas inclinou a cabeça, lentamente. A folha de ouro manchado na sua touca brilhou com a luz.

- Fico feliz por sabê-lo! - foi tudo o que disse.

- Disseram que o dote não é problema! - não conseguia impedir que o júbilo transparecesse na sua voz. Ela voltou a acenar com a cabeça.

- O dote terá de ser pago. Vou providenciar para que o enviem volta de Bruges. Tem estado num local seguro, Vossa Graça. Tenho-o mantido em segurança, para vós. - a sua voz fraquejou, não conseguia evitá-lo.

Mais uma vez, ela concordou, com um aceno de cabeça. Ele colocou um joelho no chão.

- Princesa, alegrai-vos! Sereis Rainha da Inglaterra.

Quando se voltou para ele. os seus olhos azuis eram duros como as safiras que há muito vendera.

- Emissário, eu sempre soube que seria Rainha da Inglaterra.



Consegui. Meu Deus. consegui. Ao fim de sete intermináveis anos de espera, depois das dificuldades e da humilhação, consegui Vou para o meu quarto de dormir e ajoelho-me diante do meu oratório, fechando os olhos. Mas é com Artur que falo. não com o Senhor ressuscitado. "Consegui", digo-lhe. "Henrique vai casar comigo, fiz tudo o que querias que eu fizesse." Por um momento consigo ver o seu sorriso, vejo-o como o ria tantas vezes quando olhava para ele de lado. à mesa do jantar, e o apanhava a sorrir para alguém que estava no fundo da sala.

À minha frente surge novamente o brilho do seu rosto, a escuridão dos seus olhos, a linha definida do seu perfil. E mais do que qualquer outra coisa, sinto

o seu cheiro, a verdadeira essência do meu desejo. Mesmo ajoelhada diante do crucifixo, dou um pequeno suspiro de saudade. "Artur, meu adorado, meu único amor. Casarei com o teu irmão, mas serei sempre tua." Por momentos, recordei o aroma da sua pele. pela manhã, ainda tão nítido, como o sabor que nos fica, ao provar as primeiras cerejas do ano. Ergo o rosto, e parece que consigo sentir o seu peito contra a minha face quando se inclina para mim e me abraça com força. Artur", digo eu num ***mur****múrio. Sou, e serei sua, para todo o sempre.*



Catarina teve de vencer uma prova. Quando se dirigia para ° jantar, com um vestido novo feito à pressa, um colar de ouro no péscoço e brincos de pérolas, foi conduzida para uma mesa diferente, colocada na parte principal do salão; fez uma vénia ao seu futuro marido e ele i respondeu-lhe com um largo sorriso, mas, depois voltou-se para a sogra e deparou-se com o olhar de basilisco de Lady Margaret Beaufort.

_ Sois afortunada - disse a velha dama, quando os músicos começaram a tocar e as mesas foram retiradas.

- Sou? - respondeu Catarina, de forma deliberadamente seca. _ Casastes com um grande príncipe da Inglaterra e perdeste-lo; agora, parece que ireis casar com outro.

_ isso não é nada surpreendente - observou Catarina num francês perfeito uma vez que há seis anos que estou comprometida com ele. Seguramente, Vossa Alteza, não creio que tenhais alguma vez duvidado de que este dia chegaria. Não é possível que pensásseis que um príncipe tão honrado poderia quebrar a sua promessa sagrada.

A velha senhora disfarçou bem a sua derrota.

- Eu nunca duvidei das nossas intenções - retorquiu ela. - Nós mantemos a nossa palavra. Mas quando retirastes o vosso dote e o vosso pai renegou os pagamentos, fiquei sem perceber quais eram as vossas intenções. E tive dúvidas acerca da honra da Espanha.

- Então foi muito bondoso da vossa parte, não dizer nada ao rei que o pudesse perturbar - disse Catarina muito docemente. -Porque ele

acreditou em mim, eu sei. E eu nunca duvidei do vosso desejo de me ter como neta. E, vede! Agora vou ser vossa neta, serei Rainha da Inglaterra, o dote está pago e tudo está como deve ser.

Catarina deixou a velha senhora sem palavras - e poucos tinham capacidade para o fazer. - Bem, em todo o caso, teremos de esperar que sejais fértil -concluiu com azedume.

- E porque não seria? A minha mãe teve seis filhos. - Disse Catarina docemente. - Vamos ter esperança de que o meu marido e eu possamos ser abençoados com a fertilidade da Espanha. A minha divisa é a romã - um fruto espanhol, cheio de vicia. Sua Alteza, a Avó do Rei, desapareceu, deixando Catarina sozinha. Catarina fez uma vénia, quando ela já lhe tinha virado as costas e levantou-se, de cabeça bem erguida. Não fazia diferença o que Lady Margaret pudesse pensar ou dizer, o importante era o que Poderia fazer.

Catarina não achava que ela tivesse capacidade para pedir o casamento, e era apenas isso que lhe importava.

Palácio de Greenwich, 11 de Junho de 1509

Estava com receio do casamento, do momento em que iria ter de proferir as palavras dos votos matrimoniais, as mesmas que, anteriormente, dissera a Artur. Mas, afinal, a cerimônia foi tão diferente daquele dia glorioso na Catedral de S. Paulo que eu consegui passar por ela com Henrique em frente a mim. e Artur bem escondido na parte mais remota da minha mente.

Estava afazer isto por Artur era exactamente o que me ordenara, a única coisa em que insistira - e não podia arriscar-me a pensar nele. Não havia uma grande multidão numa catedral, não havia embaixadores a assistir, nem fontes que jorrassem vinho. Fomos casados dentro das paredes do Palácio de Greenwich, na igreja dos Frades Observantes, com apenas três testemunhas, e meia dúzia de pessoas presentes. Não houve nenhuma celebração sumptuosa, música ou dança, não houve, na corte, pessoas embriagadas nem confusão. Ninguém nos foi acompanhar até á cama. Eu temera esse momento - o ritual de permanecerem no quarto até nos deitarmos e de mostrar ao público os lençóis manchados de sangue, na manhã seguinte; mas o príncipe - o rei.

agora tenho de lhe chamar assim - é tão tímido como eu e. assim, jantamos calmamente com os membros da corte e retiramo-nos juntos. Eles bebem, brindando à nossa saúde, e deixam-nos ir embora. A avó dele está presente, o seu rosto parece uma máscara, os olhos frios. Eu demonstro-lhe toda a cortesia, já não me importo com o que ela pensa. Já não pode fazer nada. Não há sinal de que eu vá viver nos seus aposentos, sob a sua supervisão. Pelo contrário, ela mudou-se, deixando os aposentos para mim. Estou casada com Henrique, sou Rainha da Inglaterra e ela não é mais do que a avó de um rei.

As minhas damas despem-me em silêncio. Este e também o seu triunfo, a sua salvação da pobreza, da mesma maneira que o é mim. Ninguém quer recordar a noite em Oxford, a noite em Burford, as noites em Ludlow. A sorte delas, bem como a minha depende do sucesso desta grande falsidade. Se eu lhes pedisse, negariam a própria existência de Artur.

Além disso, já se passou tudo há tanto tempo, sete longos anos. Quem, a não ser eu, se recorda do que aconteceu num tempo tão longínquo? Quem, a não ser eu, alguma vez conheceu a felicidade de esperar por Artur, com a luz da lareira a atravessar as coloridas cortinas da cama e a luz das velas a iluminar os nossos membros entrelaçados? Os sussurros ensoñados, nas primeiras horas da manhã: "Conta-me uma história!"

Vestem-me uma das minhas doze requintadas camisas de dormir novas, e retiram-se em silêncio. Eu espero por Henrique, como, há muito tempo, costumava esperar por Artur. A única diferença é a total ausência de alegria.



Os homens de armas e os nobres do quarto de dormir trouxeram o jovem rei até à porta do quarto da rainha, bateram e fizeram--no entrar nos aposentos dela. Catarina estava de camisa de noite, sentada junto da lareira, com um xaile ricamente bordado pelos ombros. A divisão estava quente, acolhedora. Ela ergueu-se quando ele entrou, e fez uma vénia. Henrique levantou-a, com um toque no cotovelo. Ela reparou imediatamente que ele estava corado de embaraço e sentiu a mão dele a tremer.

- Quereis beber uma taça de cerveja nupcial? - convidou ela, enquanto tentava não recordar Artur a trazer-lhe um copo, dizendo que era para lhe

dar coragem.

- Sim, quero - disse ele. A sua voz, ainda tão jovem, era insegura no seu registro. Ela virou-lhe as costas, para verter a cerveja no copo, de modo a que ele não a visse sorrir.

Ergueram os copos e brindaram um ao outro.

- Espero que este dia não vos tenha parecido demasiado calmo Para o vosso gosto - disse ele inseguro. - Pensei que, com a morte tão recente do meu pai, não deveríamos ter um casamento demasiado alegre. Eu não quis perturbar Sua Alteza, a mãe dele.

Ela concordou com a cabeça, mas não disse nada.

-Espero que não estejais desiludida - continuou ele. - O vosso primeiro casamento foi tão grandioso.

Catarina sorriu.

- Mal me recordo dele, já foi há tanto tempo. Ele pareceu contente com a resposta, reparou Catarina. - Foi, não foi? Nos éramos todos pouco mais do que crianças. - Sim - disse ela -, demasiado jovens para nos casarmos.

Ele mexeu-se, na cadeira. Ela sabia que os cortesãos que preferiam o ouro dos Habsburgos deviam ter falado contra ela. Os inimigos da Espanha deviam ter dito coisas contra si. A própria avó avisara-o contra este casamento. Este jovem transparente ainda se sentia ansioso relativamente à decisão que tomara, por mais ousado que se quisesse mostrar.

- Não tão jovens assim, vós já tínheis quinze - recordou ele Uma jovem mulher.

- E Artur tinha a mesma idade - disse ela. atrevendo-se a dizer o seu nome. - Mas ele nunca foi muito forte, penso eu. Ele não conseguia ser um marido para mim. Henrique emudeceu, e ela receou ter ido longe de mais. Mas depois viu o lampejo de esperança no rosto dele.

- É então, de facto, verdade que o casamento nunca foi consumado? - perguntou ele, corando de embaraço. - Lamento... eu não tinha a certeza...

sei que dizem isso... mas talvez...

- Nunca - disse ela calmamente. - Ele tentou, uma ou duas vezes, mas deveis lembrar-vos que ele não era forte. Até se pode ter gabado de o ter feito, mas, pobre Artur, isso não significava nada.



"Farei isto por ti", digo eu corajosamente ao meu amado em pensamento. "Tu querias esta mentira. Eu levá-la-ei até ao fim. Se isto tem de ser feito, sê-lo-á, completamente. Terá de ser feito com coragem, convicção e nunca poderei voltar atrás."



Em voz alta, Catarina disse:

- Casamos em Novembro, estais recordado? Em Dezembro, passamos a maior parte do tempo em viagem, para Ludlow, e viajamos separados. Ele já não estava bem a seguir ao Natal e. depois. morreu, em Abril. Tive muita pena dele.

- Ele nunca foi vosso amante? - perguntou Henrique, ansioso por ter a certeza.

- Como poderia ter sido? - ela sacudiu ligeiramente os ombros com ar suplicante, o que fez com que a sua camisa de noite escorregasse deixando descoberta uma pequena parte do seu ombro macio.Viu os olhos dele serem atraídos para a pele exposta e reparou que engolia em seco. - Ele não era forte. A vossa própria mãe dera ela opinião que ele deveria ter voltado sozinho para Ludlow, durante o primeiro ano. Quem me dera que tivesse sido assim. A mim. não me teria feito qualquer diferença e podia ser que se tivesse salvado. Foi como um estranho para mim, todo o tempo que durou o nosso casamento. Vivíamos como crianças, num infantário real- Quase nem éramos companheiros.

O rei suspirou, como se o tivessem libertado de um fardo, e o rosto que voltou para ela, era alegre.

- Eu não podia deixar de sentir medo - disse ele. - A minha avó dizia...

- Ah, as mulheres velhas andam sempre a coseuvilhar pelos cantos - disse ela, sorrindo, ignorando os seus olhos muito abertos, perante aquela falta de respeito casual. - Graças a Deus que somos jovens e não temos de nos preocupar com isso.

- Então, eram apenas mexericos - disse ele, adoptando o tom despreocupado dela. - Coscuvilhice de mulheres velhas.

- Nós não temos de lhe dar ouvidos - disse ela, desafiando-o a continuar. - Vós sois o rei, eu sou rainha e tomaremos as nossas decisões. Não precisamos dos seus conselhos. Porquê? - Foram os conselhos dela que nos mantiveram separados, quando poderíamos ter estado juntos.

Ele nunca se apercebera daquilo.

-De facto - disse, enquanto o seu rosto endurecia. - Ambos fomos privados disso. E ela sempre insinuou que vós éreis a mulher de Artur, no casamento e na cama, e que eu deveria procurar outra Pessoa.

. - Eu sou virgem, tal como era quando vim para a Inglaterra -afirmou ela arrojadamente. - Podeis perguntá-lo à minha ama ou a qualquer uma das minhas aias. Todas sabiam, e a minha mãe também. Sou uma virgem que nunca foi tocada. Ele deu um pequeno suspiro como se tivesse libertado de uma preocupação.

- É bondade vossa dizer-mo - disse. - É preferível que tais assuntos fiquem claros, para que saibamos, para que ambos saibamos. Para que ninguém tenha dúvidas. Seria terrível cometer um pecado.

- Somos jovens - disse ela. - Podemos falar destas questões entre nós. Podemos ser honestos e destemidos um com o outro. Não temos de temer rumores ou calúnias. Não precisamos de recear o pecado.

- Também vai ser a minha primeira vez - admitiu ele envergonhado. - Espero que não fiqueis com má impressão a meu peito.

- É claro que não - disse ela com ternura. - Quando é que vos permitiram sair daqui? A vossa avó e o vosso pai mantiveram-vos aprisionado como um falcão precioso. Estou feliz por irmos estar juntos, por ser a primeira vez, para ambos, ao mesmo tempo.

Henrique levantou-se e estendeu a mão:

- Então, vamos ter de aprender juntos - disse. - Teremos de ser pacientes um com o outro. Eu não vos quero magoar, Catarina

Deveis dizer-me, se alguma coisa vos magoar. Sem dificuldade, aninhou-se nos braços dele e sentiu todo aquele corpo a tornar-se hino. com o seu toque. Com graciosidade deu um passo para trás. como se movida por modéstia, mas mante ve a mão pousada no ombro dele. para o encorajar a avançar, até ter a cama atrás de si. Nessa altura, deixou-se cair para trás até ficar deitada sobre as almofadas, sorrindo-lhe, vendo os seus olhos azuis escurecer de desejo.

- Eu desejei-vos desde que vos vi pela primeira vez - disse ele, ofegante. Acariciou-lhe o cabelo, o pescoço e o ombro nu, com movimentos apressados, querendo tudo o que havia nela. de uma vez.

Ela sorriu.

- E eu, a vós.

- A sério?

Ela assentiu, com a cabeça.

- Sonhei que era eu quem casava convosco, naquele dia. - Ele estava corado, ofegante.

Lentamente, Catarina soltou as fitas da camisa de dormir, deixando o algodão acetinado deslizar para os lados, cie maneira a que ele lhe pudesse ver o pescoço, os seios firmes e redondos, a cintura, a sombra negra entre as suas pernas. Henrique soltou um pequeno gemido de desejo ao vê-la.

- Já devia ter acontecido há tanto tempo! - sussurrou ela -Nunca tive outro homem. E agora, finalmente, estamos casados.

- Ah, Deus, pois estamos - disse ele veementemente. Estamos casados, por fim.

Mergulhou o rosto no calor do pescoço dela. que podia sentir--lhe a

respiração, rápida e urgente, no cabelo, e o corpo a exerce pressão contra o seu. Catarina sentiu-se reagir. Recordou o toque de Artur e mordeu ligeiramente a ponta da língua, para não esquece que nunca deveria dizer o nome dele em voz alta. Deixou que Henrique se apertasse contra ela, a forçasse e, de repente, ele estava dentro dela. Soltou um pequeno grito de dor simulada, mas percebeu imediatamente, com um baque de terror, que não fora suficiente Não gritara o suficiente, o seu corpo não lhe resistira o suficiente Fora demasiado calorosa, demasiado acolhedora. Fora fácil mais. Não tinha grandes conhecimentos, este rapaz inexperiente, mas percebeu que não tinha sido suficientemente difícil. Mesmo dominado pelo desejo, quis confirmar. Sabia que alguma coisa não correra como deveria. Olhou para baixo, para ela:

- *Sois* virgem - disse ele pouco seguro. - Espero não vos estar a molestar muito.

Mas percebeu que ela não o era. No seu íntimo, compreendeu que ela não era virgem. Não sabia grande coisa, este rapaz superprotegido, mas isso, sabia. Em algum ponto da sua mente, com preendeu que ela estava a mentir.

Ela olhou para cima, para ele:

- Eu era virgem até este momento - disse, com um sorriso controlado -. mas a vossa força conseguiu vencer-me. Sois tão forte. Deslumbrastes-me.

O rosto dele continuava perturbado, mas o desejo não lhe permitia esperar. Começou a mover-se, novamente, não conseguia resistir ao prazer.

- Fui dominada por vós - encorajou-o ela -, sois o meu marido, haveis tomado aquilo que vos pertence. - Reparou que ele começava a esquecer a desconfiança, à medida que o seu desejo ia aumentando.

- Vós haveis conseguido aquilo que Artur não foi capaz de fazer - murmurou ela. Foram as palavras certas para lhe despoletar o desejo. O jovem soltou um gemido de prazer e caiu sobre Catarina, a sua semente jorrando dentro dela, o acto inegavelmente consumado.

Não me volta a fazer a mesma pergunta. Quer tanto acreditar em mim. que não me volta a perguntar nada, com receio de obter uma resposta que não lhe agrade. Nisto, é cobarde. Está habituado a receber as respostas que quer ouvir e prefere uma mentira agradável a uma verdade desagradável.

Em parte, é o seu desejo de me possuir, e quer-me como eu era quando me viu pela primeira vez:, uma virgem vestida de branco. Por outro lado. quer provar que todos os que ***o*** *avisaram contra a armadilha que eu lhe preparara estavam errados. Mas acima de tudo, odiava e invejava o meu adorado Artur e só me quer porque eu fui a noiva do irmão - que Deus lhe perdoe por ser um segundo filho, rancoroso e invejoso. Quer que eu lhe diga que é capaz de Jazer algo que Artur não conseguia, que pode ler qualquer coisa que* ***o*** *irmão não conseguiu. Apesar de o meu adorado mando estar -frio e sepultado sob a nave da Catedral de Worcester, a criança que agora usa a sua coroa, continua a querer triunfar sobre ele. A maior mentira de todas não está em dizer a Henrique que sou virgem, mas em convencê-lo de que é um homem melhor, muito mais homem do que o irmão. E também fui capaz de o fazer.*

De madrugada, enquanto ainda dorme, pego no meu canivete e faço um corte na planta do pé, num local onde ele não possa reparar na cicatriz, e deixo pingar o sangue no lençol em que nos tínhamos deitado, o suficiente para passar como prova numa inspecção de Sua Alteza, a Avó do Rei. ou qualquer outro inimigo mal--humorado e desconfiado, que ainda procure criar-me problemas. Não haverá exposição dos lençóis de um rei e da sua noiva, mas sei que todos irão fazer perguntas e será melhor que as minhas aias possam dizer que todas viram a mancha de sangue, e que eu me queixo de dores.

De manhã, faço tudo o que se esperaria de uma noiva. Digo que estou fatigada e fico a descansar toda a manhã. Sorrio, olhando o chão, como se tivesse descoberto um doce segredo. Caminho com alguma dificuldade e recuso-me a sair a cavalo para caçar, durante uma semana. Faço tudo, para dar a ideia de que sou uma jovem mulher que perdeu a virgindade. Consigo convencer toda a gente. Mas, também, ninguém quer acreditar numa versão diferente. O corte no pé fica a doer-me durante muito, muito tempo e incomoda-me. cada vez que tenho de calçar os sapatos novos, aqueles com grandes fivelas de diamantes. É como uma lembrança da mentira que eu prometi a Artur que contaria. A grande mentira, com a qual terei de viver durante o resto da minha vida. Não me aflige a pequena pontada de dor

que sinto, quando enfio o pé direi to dentro do sapato. Isso não é nada, comparado com a dor que sinto no mais profundo do meu ser, quando sorrio para o rapaz que e rei, sem o merecer, e lhe chamo "marido", com o meu novo tom de voz adulador.



Henrique acordou durante a noite e a sua imobilidade silêncio osa despertou Catarina. - Meu senhor? - perguntou.

_ Continuai a dormir - disse ele - ainda não é de dia.

Ela saiu da cama e acendeu uma pequena vela nas cinzas avermelhadas da lareira, e em seguida acendeu uma candeia. Deixou que ele a visse, com a camisa de noite meia aberta, as suas ancas macias apenas parcialmente tapadas pela roupa.

- Gostaríeis de beber um copo de cerveja? Ou de vinho?

- Um copo de vinho - disse ele - e um para vós, também. Ela colocou a candeia no suporte de prata e voltou para a cama, para junto dele, com os copos de vinho na mão. Não conseguia decifrar o que lhe ia na mente, mas controlou o seu acesso de irritação, pois, fosse o que fosse, ela tinha de se manter acordada, perguntar-lhe o que estava a incomodá-lo, tinha de lhe demonstrar a sua preocupação.

Com Artur, num segundo, seria capaz de descobrir o que queria, no que estava a pensar. Mas qualquer coisa era suficiente para distrair Henrique, uma canção, um sonho, um papel lançado pela multidão. Qualquer coisa podia perturbá-lo. Fora educado e habituado a partilhar os seus pensamentos, habituado a ser guiado. Necessitava de ter pessoas à sua volta, amigos e admiradores, tutores, mentores, os pais. Gostava de ter sempre com quem conversar. Catarina tinha de fazer o papel de todos eles.

- Tenho estado a pensar na guerra - disse ele.

- Ah.

- O rei Luís pensa que nos pode evitar, mas nós vamos obrigá-lo a entrar em guerra. Dizem-me que quer a paz, mas não aceitarei isso. Sou o Rei da

Inglaterra, o vencedor de Agincourt. Vai per ceber que eu sou uma força com que terá de se confrontar.

Ela concordou. O pai fora bem claro, ao dizer-lhe que Henrique devia ser encorajado nas suas ambições de fazer guerra contra o Rei da França. Escrevera-lhe, em termos muito carinhosos, chamando-lhe a sua filha mais querida, e aconselhou que, qualquer guerra entre a Inglaterra e a França, fosse iniciada, não na costa norte - o local onde os Ingleses geralmente começavam a invasão -, mas na fronteira, entre a França e a Espanha. Sugeria que os Ingleses reconquistassem a região da Aquitânia, que ficaria muito feliz por se libertar da França e que pegaria nas armas, em apoio dos invasores. A Espanha daria todo o seu apoio, seria uma campanha fácil e gloriosa.

- De manhã vou mandar fazer uma nova cota de armas - disse Henrique. - Não um fato para torneios, quero uma armadura pesada, para o campo de batalha.

Ela esteve quase a dizer-lhe que não deveria ir para a guerra com tanta coisa para fazer no país. No momento em que o exército inglês partisse para a Franca, os Escoceses, mesmo tendo uma inglesa no trono, iam certamente aproveitar a oportunidade para invadir o Norte. Todo o sistema de impostos estava crivado de ganância e injustiça e tinha de ser reformado, havia novos planos, para escolas, para um conselho real, para fortalezas e uma armada de navios que defendesse a costa. Estes eram os planos de Artur para a Inglaterra, deviam ter prioridade em relação à vontade de Henrique de entrar em guerra.

- Nomearei a minha avó regente, quando for para a guerra -disse Henrique. - Ela sabe o que deve ser feito.

Catarina hesitou, pondo em ordem os seus pensamentos.

- Sim, de facto - disse -, mas a pobre senhora já está tão velha' Já fez. tanto, talvez seja um fardo demasiado pesado para ela.

Ele sorriu.

- Não para ela! Sempre controlou tudo. É ela que trata das contas reais, sabe o que há a fazer. Penso que nada será demasiado para ela, desde que

nos mantenha a nós, os Tudor, no poder.

- Sim - disse Catarina, abordando o ressentimento dele -, e reparai como ela vos controlou tão bem! Nunca vos deixou sair de perto dela, nem por um minuto. Na verdade, não' me parece que vos deixasse sair, mesmo agora, se o pudesse evitar. Quando éreis um rapazinho, nunca vos deixava entrar em lutas, não vos deixava jogar, nunca permitiu que tivésseis amigos. Dedicou-se â vossa segurança e bem-estar. Não vos poderia ter mais preso, se fôsseis uma princesa - riu-se.

- Parece-me que ela pensou que éreis uma princesa, e não um rapaz robusto. Não será já altura de descansar um pouco? E de vós terdes alguma liberdade?

O olhar dele. vivo e sombrio, disse-lhe que estava a ganhar esta luta.

- Além do mais - continuou, com um sorriso -, se lhe for dado algum poder sobre o país, vai, de certeza, dizer ao conselho que vos tereis de voltar para casa. porque a guerra é demasiado perigosa para vós.

- Dificilmente poderia impedir-me de ir para a guerra - disse ele. endireitando-se. - Eu sou o Rei! Catarina franziu as sobrancelhas.

- Fazei o que quiserdes, meu amor, mas penso que ela vos cortar os fundos, se a guerra começar a correr mal. Se ela e o Conselho Privado não confiarem da vossa maneira de conduzir guerra, não precisam de fazer nada a não ser ficar de braços cruzados não recolhendo os impostos necessários para o vosso exército. podereis vir a ser traído pelo vosso país - traído pelo amor dela, eu dizer - enquanto estiverdes a ser atacado no estrangeiro. podereis vir a descobrir que as pessoas do costume vos impedem de fizer o que quereis. Como sempre tentam fazer. Ele estava consternado.

- Ela nunca faria nada contra a minha vontade.

- Deliberadamente, não — Catarina concordou. - Ela iria sempre pensar que estava a defender os vossos interesses. Só que...

- O quê?

- Ela irá sempre pensar que sabe muito mais do que vós. Para ela. sereis sempre um rapazinho. Reparou que ele corava, incomodado.

- Para ela, sereis sempre um segundo filho, o que veio depois de Artur. Não o verdadeiro herdeiro. O que não tem capacidades para ocupar o trono. As pessoas de idade não conseguem mudar de ideias, nem ver que tudo está diferente, agora. E realmente, como é que ela pode confiar nas vossa decisões, se passou a vida toda a controlar-vos? Para ela. sereis sempre o príncipe mais novo, o bebé.

- Não me deixarei controlar por uma velha mulher - jurou ele.

- O vosso tempo chegou - concordou Catarina.

- Sabeis o que farei? - perguntou. - Far-vos-ei regente, quando for para a guerra! Ireis governar o país, enquanto eu estiver fora. Comandareis as nossas forças dentro do país. Não confiaria em mais ninguém, governaremos juntos. E vós tereis de me apoiar, de acordo com as minhas ordens. Credes que sereis capaz de o fazer?

Ela sorriu para ele.

- Sei que sou. Não falharei - disse. - Nasci para governar a Inglaterra. Manterei o país em segurança enquanto estiverdes ausente.

- É do que eu preciso - disse Henrique. - E a vossa mãe foi uma grande comandante, não foi? Apoiava o marido. Sempre ouvi dizer que ele comandava as tropas, mas ela é que angariava o dinheiro e formava o exército.

- E verdade - respondeu, um pouco surpreendida pelo inte-"esse dele -, ela estava sempre lá. por trás das linhas, planeando as campanhas, certificando-se de que ele tinha as forças de que necessitava. angariando fundos e soldados; por vezes esteve mesmo na frente das batalhas. Tinha a sua própria armadura e cavalgava juntamente com o exército.

- Falai-me dela - pediu ele, recostando-se nas almofadas -, falai- me da Espanha, de como era, quando éreis uma rapariguinha nos palácios da Espanha. Como era viver em. como é que se chamava, Alhambra?

Era demasiado parecido com o que acontecera antes, como uma sombra se tivesse espalhado sobre o seu coração.

- Ah, quase já não me lembro de tudo aquilo - disse ela s rindo para o seu rosto ansioso. - Não há nada para contar.

- Vá lá, contai-me uma história acerca desse lugar.

- Não, não vos posso dizer nada. Sabeis bem que há muito tempo que sou uma princesa inglesa. Não vos poderia contar absolutamente nada sobre esse assunto.

De manhã Henrique estava cheio de energia, entusiasmado com a ideia de mandar fazer a sua cota de armas, à procura de uma razão para declarar guerra imediatamente. Acordou-a com beijos e deitou-se em cima dela, como uma criança ansiosa, enquanto ela acordava. Ela apertou- o contra si, deixou-o ter o seu prazer rápido e egoísta e sorriu quando ele se levantou e saiu da cama num salto, batendo com força na porta, chamando os seus guardas aos gritos, para que o levassem para os seus aposentos.

- Hoje, quero ir andar a cavalo antes da missa - disse. -um dia tão bonito. Quereis vir comigo?

- Encontrar-me-ei convosco na missa - prometeu Catarina. - E depois podeis tomar o pequeno-almoço comigo, se quiserdes.

- Tomaremos o pequeno-almoço no salão - decidiu ele. - E depois temos de ir caçar. O tempo está demasiado agradável para não levar os cães a passear. Vireis comigo, não é verdade?

- Irei - prometeu ela, sorrindo pela sua exuberância. - E podíamos fazer um piquenique.

- Sois a melhor das esposas! - exclamou ele. - Um piquenique seria maravilhoso. Podeis dizer-lhes que tragam alguns músicos, para podermos dançar? E trazei as damas, trazei todas as damas, e dançaremos todos.

Ela conseguiu alcançá-lo antes de ele sair pela porta.

- Henrique, posso mandar chamar Lady Margaret Pole? Vós gostais dela, não é verdade? Posso tê-la como minha dama de companhia?

Ele entrou novamente no quarto, abraçou-a e beijou-a apaixonadamente.

_ Podeis escolher quem quiserdes para vos servir. Sempre, quem vós quiserdes. Mandai chamá-la imediatamente, sei que ela é verdadeira senhora. E escolhei também Lady Isabel Bolena, ela está de volta à corte, depois do seu afastamento. Teve outra rapariga.

- Que nome lhe vai dar? - perguntou Catarina, divertida.

- Maria, creio, ou Ana. Não me recordo. Agora, quanto à nossa dança...Ela sorriu para ele.

_ Vou arranjar um grupo de músicos e bailarinos e , se conseguir descobrir zéfiros com voz suave, também os levarei.

Riu-se da felicidade patente no rosto dele. Já conseguia ouvir os passos da guarda real a chegar à porta.

- Encontramo-nos na Missa.



Casei com ele por causa de Artur, pela minha mãe, por Deus, pela nossa causa e, por mim mesma. Mas, pouco tempo depois, comecei a amado. É impossível não amar um rapaz tão bondoso, enérgico e bem-humorado como Henrique, nestes primeiros anos do seu reinado. Nunca conheceu nada que não fosse admiração e bondade, não espera menos do que isso. Acorda alegre, todas as manhãs, cheio de confiança e expectativa num dia feliz. E, uma vez que é o rei, e que está rodeado de cortesãos e bajuladores, tem sempre um dia feliz. Quando o trabalho o preocupa ou algumas pessoas se aproximam dele com queixas desagradáveis, olha em volta, à procura de alguém que o liberte daquele aborrecimento. Nas primeiras semanas, era a avó que governava; aos poucos, fui-ine assegurando de que era a mim a quem confiava o fardo de governar o Reino.

O Conselho Privado aprendeu a vir ter comigo para averiguar 0 que o rei poderia pensar. É- lhes mais fácil apresentar uma carta ů uma sugestão, se

eu já o tiver preparado antecipadamente. Em Pouco tempo, os cortesãos percebem que qualquer coisa que o leve a aJastar-se de mim, qualquer atitude que faça o país afastar-se da C'cl'J"lça com a Espanha, m e desagradará, e que Henrique não gosta e me ver franzir o sobrolho. Homens que procuram uma situação elhor, defensores pedindo ajuda, suplicantes que pedem justiça, já c°s compreenderam que o caminho mais rápido para obterem uma solução justa e expedita, é visitar, em primeiro lugar ()S sentas da rainha, e esperar, depois, que eu os apresente. Nunca tenho de pedir a ninguém que se dirigia a ele com tact Todos sabem que qualquer pedido lhe deve chegar às mãos com fosse original, feito pela primeira vez. Sabem que a auto-estima num jovem é algo muito recente, muito vivo. que nunca deve ser ensombrado. Têm um bom exemplo na pessoa da avo dele que está co gentileza, mas implacavelmente, a ver-se posta de lado, porque não se coíbe de o aconselhar diante de toda a gente, por tomar decisões sem o consultar, porque uma vez - insensatamente - o repreendeu Henrique é um rei tão despreocupado que seria capaz de entregaras chaves do seu reino a qualquer pessoa em quem confiasse. O meu estratagema é fazer com que confie só em mim.

Tenho a preocupação de nunca o culpar por não ser Artur. Durante os sete anos da minha viuvez, ensinei a mim mesma que a vontade de Deus se cumpriu, quando levou Artur para longe de mim e, não faz sentido culpar os que sobreviveram, só porque o melhor príncipe morreu. Artur morreu, levando consigo a minha promessa, e posso considerar-me. de Jacto, muito afortunada, poro casamento com o seu irmão não ser uma promessa que eu tenha de suportar, mas uma promessa que me faz feliz.

Gosto de ser rainha. Gosto de possuir coisas bonitas, jóias valiosas, um cão de regaço e um grupo de aias cuja companhia é um prazer. Agrada-me poder pagar a Maria de Salinas a longa dívida que tinha para com ela, vê-la encomendar uma dúzia de vestidos novos e apaixonar-se. Tico feliz por poder escrever a Lady Margaret Pole, chamando-a para a minha corte, por cair nos seus braços, chorando de alegria por voltar a vê-la, com a promessa que m e faz, de ficar sempre a meu lado. Agrada-me ter a certeza de que a sua discrição é absoluta; nunca diz uma única palavra acerca de Artur. Mas fico feliz por ela saber quanto me custou aceitar este casamento, e a razão porque o fiz. Gosto que me veja construir a Inglaterra de Artur, mesmo que seja Henrique quem está no trono.

O primeiro mês do nosso casamento não é. para Henrique, mais do que uma sequência de festas, celebrações, caçadas, passeios, viagens de lazer, passeios de barco, espectáculos de teatro e torneios. Parece um rapazinho que esteve fechado numa sala de aulas demasiado tempo e a quem foram subitamente concedidas férias de Verão. O mundo, para ele, está tão cheio de divertimento, que a minha experiência lhe dá o maior prazer. Adora caçar- nunca o tinham autorizado a ter um cavalo veloz. Adora [yarticipar em torneios, mas o pai e a avó nem sequer permitiam que o seu nome aparecesse nas listas. Aprecia a companhia de homens experientes que. cuidadosamente, adaptam as suas conversas e os seus divertimentos ao gosto dele. Adora a companhia das mulheres, mas - graças a Deus - a devoção infantil que tem por mim faz com que me seja fiel. Gosta de conversar com mulheres bonitas, jogar cartas com elas, de as ver dançar e de as recompensar com valiosos prémios por coisas insignificantes - mas olha sempre para mim, para se certificar de que aprovo a sua atitude. Está sempre a meu lado. olhando-me, do alto da sua grande estatura física, com um ar de tão grande devoção, que me torna impossível deixar de ser carinhosa com ele, por tudo aquilo que me proporciona; dentro de pouco tempo acabarei certamente por amá-lo, pela pessoa que é.

Rodeou-se de uma corte de homens e mulheres jovens, que são um contraste tão grande com a corte do pai que, só com a sua presença, já demonstram quanto tudo mudou. A corte do pai estava repleta de homens velhos, homens que tinham passado juntos por tempos difíceis, alguns deles, endurecidos pelas batalhas; todos eles, pelo menos uma vez, haviam perdido e reconquistado as suas terras. A corte de Henrique está recheada de homens que nunca conhece-ram dificuldades, que nunca foram postos à prova. Fiz questão de nunca dizer fosse o que fosse para o criticar, ou ao grupo de jovens irreverentes que se juntam ã sua volta. Designam-se a si próprios como os "Minions", os Favoritos, e incentivam-se mutuamente com apostas loucas e disparates, durante todo o dia e - segundo as más-línguas - também metade da noite. Henrique foi mantido tão sossegado e isolado durante toda a sua infância que me parece natural que queira agora sentir-se livre e que aprecie estes jovens que se vangloriam de grandes bebedeiras e brigas, de perseguições e de ataques, das

raparigas que seduzem e dos pais delas, que os perseguem com bastões. O seu melhor amigo é William Compton; andam os dois por aí, durante metade do dia, com o braço por cima do ombro um do outro, como se estivessem a preparar-se para dançar ou para entrar numa luta. Não há malícia em

William, é apenas tão tonto como o resto da corte. Adora Henrique, como um bom camarada e finge uma tão grande adoração por mim que nos faz rir a todos. Metade dos Favoritos finge estar apaixonada por mim e eu deixo-os dedicarem-me versos e cantarem-me canções, mas tomo as providências necessárias para que Henrique saiba sempre que as suas canções e os seus poemas são os melhores.

Os membros mais idosos da corte desaprovam e têm jeito críticas severas aos amigos turbulentos do rei, mas eu não digo nada. Quando os conselheiros vêm ter comigo com queixas, digo-lhe o rei é um jovem e que tudo isto é próprio da sua juventude. Não há nada de perigoso em nenhum dos seus companheiros; quando bebem, são jovens adoráveis.Um ou dois, como o Duque de Buckingham, que há já muito tempo me recebera, ou como o jovem Thomas Howard. são jovens óptimos, que seriam apreciados qualquer corte. A minha mãe teria gostado deles. Mas quando os rapazes estão bem bebidos, tornam-se barulhentos e brigões, facilmente excitáveis, como todos os jovens; quando estão sóbrios só dizem patetices. Olho para eles com os olhos da minha mãe e percebo que estes são os rapazes que virão a ser os oficiais do nosso exército. Quando entrarmos em guerra, a sua coragem e energia serão exactamente as qualidades de que iremos necessitar. Os jovens mais ruidosos e os que provocam mais confusão em tempo de paz são exactamente os chefes de que vou precisar em tempo de guerra.



Depois de ter enterrado um marido ou dois, a nora, um neio por fim, o seu querido príncipe. Lady Margaret. a avó do rei, estava um pouco cansada de lutar pelo seu lugar no mundo e Catarina tinha muito cuidado para não provocar a sua velha inimiga e criar uma guerra aberta. Cracas à discrição de Catarina, a rivalidade entre as duas mulheres não era um espectáculo publico -- qualquer pessoa que esperasse ver Lady Margaret tratar mal a mulher do seu neto, como havia anteriormente insultado a mulher do seu filho, ficaria desapontada. Catarina esquivava-se aos conflitos.

Uma vez, Lady Margaret tentou reclamar o seu direito de precedência, querendo chegar ao salão de jantar alguns passos a frente de Catarina, mas esta, uma Princesa por Sangue. Infanta da Espanha e, agora, Rainha da Inglaterra, recuou imediatamente e deixou-a passar primeiro, com um ar tão generoso que toda a gente reparou no belo gesto da nova rainha.

Catarina fez com que mulher mais velha seguisse à sua frente, de um modo que contrariava todas as regras de precedência e que, de certa forma, enfatizava a tosca correria de Lady Margaret para conseguir chegar à mesa principal, antes da neta. Também viram Catarina recuar subtiltumente, e todos comentaram a graça e a bondade da mulher jovem.

A morte do filho de Lady Margaret, o rei Henrique, abalara duramente a velha senhora. Não era tanto por ter perdido um filho adorado, mas mais por ter perdido uma causa. Sem ele, não conseguia ter forças para obrigar o Conselho Privado a informá-la dos assuntos, antes de se dirigir aos aposentos do rei. A despreocupação com que Henrique perdoara aos devedores do pai e libertara os seus prisioneiros fora. para ela, um insulto à memória de Henrique e à sua própria governação. A súbita mudança na corte, agora cheia de juventude liberdade e divertimento, fazia com que se sentisse velha e mal-humorada. Ela, que em tempos fora o comandante da corte e a ditadora das suas regras, fora posta de lado. A sua opinião já não tinha qualquer peso. O grande livro, pelo qual todos os acontecimentos da corte deveriam ser geridos, tinha sido escrito por ela; mas, de repente, surgiam festividades que não estavam previstas no livro, inventavam-se passatempos e actividades, sem que alguém a consultasse.

Culpava Catarina por todas as mudanças que lhe desagradavam e Catarina sorria docemente, continuando a incentivar o jovem rei a ir à caca. a dançar e a deitar-se tarde. A velha senhora resmungava com as suas aias. dizendo que a rainha era irreflectida e frívola e que acabaria por levar o príncipe á desgraça. De maneira insultuosa, chegou mesmo a afirmar que não se admirava que Artur tivesse morrido, se era deste modo que a rapariga espanhola considerava que uma casa real devia ser conduzida.

Lady Margaret Pole discutia com a sua antiga amiga com o maior tacto.

- Alteza, a rainha tem uma corte alegre, mas é incapaz de agir contra a dignidade do trono. Aliás, sem ela, a corte seria bem mais indomável. É o rei quem insiste num prazer atrás do outro. A rainha e que controla o comportamento da corte. Os rapazes adoram-na e ninguém bebe ou se comporta indignamente, diante dela.

- Mas é a rainha quem eu considero culpada - disse, zangada, a velha mulher. - A princesa Eleanor nunca se teria comportado esta maneira.

Teria ficado alojada nos meus aposentos, e a corte ena conduzida de acordo com as minhas regras.

Tacticamente. Catarina não sabia de nada. nem mesmo quando as pessoas vinham ter com ela e lhe repetiam as calúnias Ignorava, simplesmente, a avó do marido e a torrente constante das suas criticas. Não poderia ter feito nada que a irritasse mais. Era o horário tardio que a corte agora observava o que provocava -mais queixas da velha senhora. Tinha de esperar cada vez mais tempo para que o jantar fosse servido. Queixava-se que já era tão tarde seria impossível que os criados acabassem de servir o jantar antes que fosse madrugada, e retirava-se para os seus aposentos mesmo que a corte ainda não tivesse acabado de comer.

- Deitais-vos muito tarde - disse ela a Henrique. - É um disparate, precisais de dormir. Ainda sois um rapazinho, não devíeis passar toda a noite a divertir-vos. Eu não consigo aguentar este horário e é um desperdício de velas.

- Sim. senhora minha avó. mas vós já tendes quase setenta anos - disse ele pacientemente -. certamente que precisais do vosso repouso. Deveis retirar-vos quando quiserdes. Catarina e eu somos jovens, é natural que queiramos ficar acordados até tarde. Gostamos de nos divertir.

- Ela devia estar a descansar, tem de conceber um herdeiro! -disse Lady Margaret com irritação.

- Não irá consegui-lo. andando **a** abanar-se numa dança com um bando de imbecis. Mascaradas, todas as noites! Quem ouviu falar de tal coisa? E quem vai pagar tudo isto?

- Estamos casados há menos de um mês! - exclamou ele, já um pouco irritado. - Estes são os festejos do nosso casamento. Parece-4 -me que nos podemos divertir com passatempos agradáveis e ter uma corte alegre. Gosto de dançar.

- Agis como se o dinheiro não tivesse fim - cortou ela. -Quanto vos custou este jantar? E o da noite passada? Só as ervas aromáticas devem custar uma fortuna. E os músicos? Este país tem de amealhar a sua riqueza, não se pode dar ao luxo de ter um rei esbanjador. Não faz parte dos hábitos ingleses ter um peralvilho no trono e uma corte de mascarados.

Henrique corou e preparava-se para dar uma resposta dura.

- O rei não é um esbanjador - interrompeu Catarina rapidamente. - Isto apenas faz parte dos festejos do casamento. O vosso filho, o falecido rei, sempre pensou que a corte devia ser alegre, que as pessoas deviam saber que a corte era rica e animada. O rei Henrique está apenas a seguir as pisadas do seu sensato pai.

- O pai dele não era um jovem tolo, controlado pela sua esposa estrangeira! - disse a velha senhora com desdém.

Os olhos de Catarina abriram-se ligeiramente e ela colocou a mão na manga de Henrique, para evitar que ele falasse.

- Eu sou a sua parceira e sua ajudante, como Deus me exige-- disse ela suavemente. - Exactamente como vós gostaríeis que fosse, tenho a certeza.

A velha senhora resmungou.

- Ouvi dizer que vos gabais de ser mais do que isso - começou ela a dizer.

Os dois jovens aguardaram. Catarina podia sentir a agitação de Henrique, sob a leve pressão da sua mão.

_ Ouvi dizer que o vosso pai vai retirar o seu embaixador. Estou certa? - olhou para ambos com um olhar feroz. -provavelmente, já não precisa de um embaixador. A própria mulher do Rei da Inglaterra está ao serviço da Espanha, ela é que vai ser o embaixador da Espanha. Como é isto possível?

- Senhora, minha avó ... - explodiu Henrique, mas Catarina manteve-se muito calma.

- Eu sou uma princesa da Espanha, certamente seria capaz de representar o meu país de nascimento junto do meu país por casamento. Tenho orgulho em poder desempenhar essa tarefa. É claro que direi a meu pai que o seu adorado filho, meu marido, está bem. que o país é próspero. Obviamente, direi a meu marido que o meu querido pai o quer ajudar, tanto na paz como na guerra.

- Quando entrarmos em guerra... - começou Henrique a dizer.

- Guerra? - perguntou a velha senhora com expressão sombria - Porque haveríamos de entrar em guerra? Nós não temos desentendimentos com a França. Só o pai dela está interessado na guerra com a França, mais ninguém. Dizei-me que nem vós seríeis tão louco ao ponto de nos levar para a guerra, para lutar pela Espanha! O que sois vós agora? O moco de recados deles? Seu vassalo?

- O rei da Franca é um perigo para todos nós! - disse Henrique intempestivamente. - E a glória da Inglaterra tem sido sempre...

- Tenho a certeza de que Sua Alteza, a vossa avó não pretendia discordar da vossa opinião, senhor - disse Catarina com suavidade. - Estes são tempos de mudança e não podemos esperar que as pessoas de idade compreendam sempre, quando as coisas mudam tão depressa.

- Ainda não estou senil! - disse ela com cólera. - E sei reconhecer o perigo, quando o vejo. E reconheço interesses divididos Quando os vejo. E reconheço uma espia espanhola...

- Vós sois um valiosa conselheira - assegurou-lhe Catarina – e o senhor, meu rei, e eu, sentimo-nos muito felizes com os vossos conselhos. Não é verdade, Henrique?

Ele ainda estava zangado.

- Agincourt foi...

- Estou cansada - disse a velha senhora - e vós distorceis tudo, vezes sem conta. Vou para o meu quarto.

Catarina fez-lhe uma profunda e respeitosa vênia. Henrique apenas inclinou a cabeça, num mínimo de delicadeza. Quando Catarina se voltou a erguer, a velha senhora já tinha desaparecido.

- Como pode ela dizer tais coisas? - perguntou Henrique Como é que suportais ouvi-la, quando diz coisas destas? Ela faz-me ter vontade de berrar, como um urso apanhado numa armadilha.

Não compreende nada, e insulta-vos! E vós ficais parada a ouvi-la Catarina riu-se, tomou a sua cara zangada entre as mãos, e beijou-o nos lábios. Ah,

Henrique, quem se importa com o que ela pensa quando não pode fazer nada? Já ninguém presta atenção ao que ela diz

- Vou declarar guerra á França, independentemente do que ela pensa - prometeu ele.

-E evidente que sim, quando chegar a altura própria.



Disfarço a minha vitória sobre ela mas saboreio o seu gosto, e é doce. Penso comigo mesma que. um dia destes, as outras pessoas que atormentaram a minha viuvez, as princesas, irmãs de Henrique, também irão ficar a conhecer o meu poder. Mas posso esperar. Lady Margaret pode ser idosa, mas nem as pessoas mais velhas da corte consegue reunirá sua volta. Conhecem-na desde sempre, os vínculos de parentesco, de tutoria, a rivalidade e as contendas, correm pelo meio deles como veios no mármore sujo. Nunca gostaram dela, nem como mulher, nem como mãe do rei. Era descendente de uma das grandes famílias do país mas, quando conseguiu subir tão alto. depois de Bosworth. começou a ostentar a sua importância.

Apesar de gozar de uma reputação considerável como mulher erudita e santa, não é estimada. Sempre fez questão de evidenciar a sua posição social como mãe do rei, acabando por criar um fosso entre si e os outros membros da corte. À medida que se vão afastando dela. tornam-se meus amigos: Lady Margaret Pole. obviamente, o Duque de Buckingham e as suas irmãs, Isabel e Ana. Thomas Howard e os seus filhos. Sir Thomas ***e*** *Lady Isabel Bolena, o mais querido de todos, William Warham, Arcebispo da Cantuária. George Talbot e Sir Henry Vernon. que eu já conhecia de Gales. Todos eles sabem que, apesar de Henrique negligenciar os assuntos do reino, eu estou aqui, para tomar conta de tudo.*

Consulto-os para saber a sua opinião, partilho com eles as esperanças que eu e Artur tínhamos. Em conjunto com os homens Conselho Privado, estou a transformar o reino num país poderoso e pacífico. Estamos a começar a pensar no que devemos fazer para que as leis sejam observadas de costa a costa, de igual modo. ao longo dos baldios, das montanhas e das florestas. Começámos a trabalhar nas linhas de defesa da costa. Estamos afazer uma investigação, para saber que barcos podem ser integrados numa força naval

e a criar listas de homens que irão formar um exército. Eu tomei as rédeas do reino nas minhas mãos e descobri que sei o que devo fazer.

Política de Estado é o trabalho da minha família. Costumava sentar-me aos pés da minha mãe. na sala do trono do Palácio de Alhambra e ouvia o meu pai, na dourada e lindíssima Sala dos Embaixadores. Aprendi, no mesmo sítio e nas mesmas lições, a arte e a capacidade de reinar, a conhecer o que é belo, a música e a arte da construção. O meu gosto por belos mosaicos, por delicados rendilhados de estuque iluminados pela brilhante luz do sol e o meu interesse pelo poder, foram adquiridos ao mesmo tempo. Tornar-me Rainha Regente foi conto se tivesse voltado a casa. Sinto-me feliz como Rainha da Inglaterra. Ocupo a posição para a qual nasci e fui educada.



A avó do rei estava deitada no seu leito ornamentado, cujas espessas cortinas estavam corridas para que a sombra a protegesse. Aos pés cia cama uma das damas de companhia segurava, sem se queixar, uma custódia, para que ela pudesse ver o Corpo de Cristo na sua branca pureza,através do vidro lapidado em forma de diamante. A moribunda fixou os olhos nele e, de vez em quando, olhava para o crucifixo de marfim que estava na parede junto à cama, 'gnorando o suave murmúrio das orações à sua volta.

Catarina ajoelhou-se ao fundo da cama. com a cabeça inclinada para a frente e um rosário de coral nas mãos, rezando silenciosamente. Lady Margaret, confiante num bem merecido lugar no Céu, deslizava lentamente, para fora do seu lugar na Terra. Do lado de fora, na antecâmara, Henrique esperava que lhe dissessem que a avó tinha morrido. O último elo da sua infância subjugada quebrar-se-ia com a morte dela. Os anos em que fora Penas o segundo filho - esforçando-se um pouco mais para con-eguir que reparassem nele. sorrindo mais alegremente, tentando Parecer o mais esperto - seriam passado. Dali em diante, todos os qtie viessem a conhecê-lo, vê-lo-iam apenas como o membro mais velho da família, o mais importante da sua linhagem. |á não ria mais nenhuma velha dama Tudor, faladora e mordaz, para v' este ingénuo príncipe, para o rebaixar com uma M> palavra, no ciso momento em que ele começava a desabrochar. Quando eh morresse, ele poderia ser um homem, e fazer o que entendesse nào haveria ninguém que visse nele uma criança. Embora,

exibisse um ar devoto, enquanto esperava a notícia da sua mo por dentro, ansiava que lhe dissessem que ela já tinha partido q ele se tornara verdadeiramente independente, finalmente um homem e um rei. Não fazia ideia de que necessitava ainda, desesperadamente, dos seus conselhos.

-Ele não deve entrar em guerra - disse, da cama, com voz rouca, a avó do rei.

A dama de companhia susteve a respiração, admirada cora súbita clareza de discurso da sua patroa. Catarina levantou-se.

- Que haveis dito. Alteza?

Ele nào deve entrar em guerra - repetiu. - O que deve fazer é manter-nos afastados das guerras intermináveis da Eur ficarmos para cá dos mares, em segurança, longe de todas aq rixas entre príncipes. O que devemos fazer é manter o reino em paz.

- Nào - disse Catarina com firmeza - O que devemos fazer é levar a cruzada até ao coração cia Cristandade e mais além. É fazer da Inglaterra o principal país a levar a Igreja a toda a Europa, à Terra Santa, à Africa, aos Turcos, aos Sarracenos, ate ao fim do mundo.

- Os Escoceses ...

- Eu derrotarei os Escoceses - disse Catarina com firmeza. Estou bem ciente desse perigo.

- Nào lhe permiti que casasse convosco para vós o levar para a guerra. - Os olhos negros flamejavam de ressentimento.

- Vossa Alteza nem sequer permitiu que ele casasse comic Sempre se opôs. desde o princípio - disse Catarina arrojadamen - E eu casei com ele, precisamente para que ele organizasse uma grande cruzada.

Catarina ignorou o pequeno soluço da aia para quem uflM mulher que estava quase a morrer nào deveria ser contrariada.

- Tendes de me prometer que nào o deixareis entrar cm ra - disse a velha senhora, num murmúrio. - A promessa feita a moribunda, feita no meu

leito de morte. Exijo-o de vós, no meu de morte, como um dever sagrado.

- Nào - Catarina negou com a cabeça. - Eu nào, outra vez, Eu já fiz uma promessa a um moribundo e isso transformou a m vida num inferno. Nào farei outra, muito menos a vós. Vives vossa vida e construístes o vosso mundo como quisestes. Agora é a minha vez. Hei-de ver um filho meu ser Rei da Inglaterra e, talvez, da Espanha. Hei-de ver o meu marido comandar uma cruzada gloriosa contra os Mouros e os Turcos. Quero ver o meu país, Inglaterra, ocupar o seu lugar no mundo, o lugar a que tem direito. Verei a Inglaterra no coração da Europa, como líder da Europa. E serei eu quem o vai defender e manter seguro. Eu é que vou ser a Rainha da Inglaterra, como vós nunca fostes.

- Não... - disse a velha senhora num suspiro.

- Sim - jurou Catarina intransigente. - Agora sou eu a Rainha da Inglaterra e hei-de sê-lo até morrer.

A velha senhora ergueu-se, lutando para conseguir respirar.

- Rezai por mim! - ordenou à jovem, quase como se lhe lançasse uma maldição. - Cumpri o meu dever para com a Inglaterra, para com os Tudor. Fazei com que o meu nome seja lembrado como o de uma rainha.

Catarina hesitou. Se aquela mulher não tivesse lutado por si própria, pelo seu filho e pelo seu país, os Tudor não estariam no trono.

- Rezarei por vós - concordou de má vontade -, e sempre que houver uma missa cantada na Inglaterra, enquanto a Santa Igreja Católica Romana existir na Inglaterra, o vosso nome será lembrado.

- Para sempre! - disse a velha senhora feliz, acreditando que algumas coisas nunca iriam mudar.

- Para sempre - concordou Catarina.



Menos de uma hora depois, morreu, e eu tornei-me rainha, uma rainba governante, com inegável poder, sem rival, mesmo antes da coroação.

Ninguem, na corte sabe o que fazer não há ninguém que saiba dar um ordem coerente. Henrique nunca teve de organizar um funeral real, como poderia saber por onde começar? Como poderia avaliar a amplitude das celebrações que deveriam ser dedicadas á sua avó? Quantas pessoas deviam ser convidadas para o funeral Quanto tempo de luto se deveria decretar? Onde deveria enterrada? Como deveria ser conduzida toda a cerimónia? Mando, chamar o meu mais antigo amigo na Inglaterra, o Duque de Buckingham. que me recebera, anos antes, quando cá Mestre-de-Cerimónias, e peço-lhe que mande Lady Margaret Pole rir à minha presença. As minhas aias trazem-me o enorme volume do cerimonial. "O Livro Real' pela própria avó do rei falecida e dou início à tarefa de organizar' meu primeiro evento público na Inglaterra.

Tenho sorte, pois, escondidas na capa do livro, encontro três páginas com instruções, escritas a mão. A vaidosa senhora tinha determinado a ordem do cortejo que queria para o seu funeral. Lady Margaret e eu ficámos espantadas com o numero de bispos cuja presença ela determinava, o número de pessoas que deveriam trans portar o caixão, as pessoas que deviam segui-lo em silêncio, as carpideiras, as decorações nas ruas, a duração do período de luto.

Mostrei-as ao Duque de Buckingham, em tempos seu defensor, que não diz uma palavra mas que, num discreto silêncio, apenas sorri, abana ndo a cabeça. Escondendo a minha indigna sensação triunfo, pego numa pena, mergulho-a em tinta preta, corto quase tudo pela metade e. então, começo a dar ordens.



Foi uma cerimónia tranquila, com suave dignidade, e toda gente ficou a saber que tinha sido dirigida e encomendada noiva espanhola. Os que ainda não o sabiam compreenderam ago que a rapariga que esperara sete anos para chegar ao trono Inglaterra não tinha desperdiçado o seu tempo. Conhecia o temperamento dos Ingleses, sabia como organizar um espectáculo que apreciassem. Conhecia as tendências da corte, o que considerava elegante, o que definiam como indigno. E, tendo nascido princesa sabia como governar. Naqueles dias. antes da sua coroação.

Cata estabeleceu-se como rainha inquestionável e, aqueles que a havia

ignorado, durante os seus anos de pobreza, descobriam agora dentro de si mesmos, um enorme afecto e respeito pela princesa.

Aceitava essa admiração, do mesmo modo que aceitara o seu desinteresse, com uma tranquila delicadeza. Percebeu que, ao organizar o funeral da avó do rei, se transformara na mulher mais importante da nova corte, o árbitro de todas as decisões relacionadas c a vida da corte. Com este desempenho único e brilhante, tornara-o mais avançado líder da Inglaterra, segura de que, depois de triunfo, nunca ninguém seria capaz de a suplantar.



Decidimos não cancelar a cerimónia da nossa coroação, apesar de ela ter sido precedida pelo funeral de Sua Alteza, a Avó do Rei. já está tudo preparado e consideramos que não devemos fazer nada que impeça a alegria da cidade ou do povo, que veio de todas as partes do país para ver o jovem Henrique receber a coroa que tinha pertencido ao seu pai. Dizem que alguns fizeram todo o caminho desde Plymouth. os mesmos que me viram desembarcar, uma rapariguinha assustada e enjoada, há tantos anos. Não lhes vamos dizer que a grande celebração pela ascensão de Henrique ao trono e pela minha coroação foi cancelada, só porque uma velha e amarga senhora decidiu morrer numa altura Inconveniente. Concordamos no facto de que o povo está à espera de uma grande festa, e que não lha podemos negar.

Vara dizer a verdade, é Henrique, quem não suporta um contratempo. 'linha prometido a si próprio um grande momento de glória e não iria perdê-lo, por nada neste mundo. E. de certeza que não o faria por causa da morte desta velha mulher, que passara os últimos anos da sua vida a impedi-lo. em tudo, de fazer o que queria. Concordo com ele. Na minha opinião, a avó dele conquistou o poder e gozou a sua vida; agora é a nossa vez. Sei que é da vontade do povo e da corte celebrar a subida de Henrique ao trono, comigo a seu lodo. Ma realidade, para alguns, aqueles que sempre se interessaram por mim, é uma grande alegria ver que eu. finalmente, vou ser coroada. Decido - e não há mais ninguém que o possa fazer - que vamos em frente. E é isso que fazemos. Sei que a dor de Henrique pela morte da avó é apenas superficial; o seu luto é só para os outros verem. Vi-o, quando saí do quarto da avó e ele percebeu, uma vez que eu tinha abandonado a cabeceira dela, que devia ter morrido. Os seus ombros alargaram e ergueram-se, como se subitamente se tivesse libertado do fardo do controlo dela, como se a sua mão magra,

carinhosa e manchada idade, tivesse sido um peso enorme, no seu pescoço. Reparei no breve sorriso – na sua felicidade por estar vivo, jovem e cheio de energia e por ela ter desaparecido. Depois, vi-o compor, cuidadosamente, uma expressão convencional de tristeza, dirigi-me a ele, também com uma expressão grave, e disse-lhe, numa voz baixa e triste, que ela tinha morrido, o que ele me respondeu no mesmo tom. A sala da corte, no Palácio de Alhambra, tem muitas portas; o meu pai disse-me que um rei deve poder sair por uma porta e entrar por outra, sem que as pessoas saibam o que lhe vai na mente. Sei que para governar é necessário ser prudente. Henrique é um rapaz por agora, mas um dia será um homem e terá de tomar as suas decisões e ser sensato. Não me posso esquecer de que ele pode dizer uma coisa e pensar outra.

Mas aprendi algo mais a respeito dele. Ainda bem que descobri que ele também sabe ser hipócrita Quando vi que não cho rara, nem uma lágrima verdadeira, pela avo. percebi que este rei o nosso Henrique dourado, tem um coração frio em que ninguém pode confiar. Ela fora como uma mãe para ele, a figura dominante da sua infância. Tratara dele. tomara couta dele. ela própria o ensinara. Supervisionara todos os seus momentos despertos e protegera-o de tudo o que pudesse ser desagradável; mantivera-o afastado de tutores que lhe pudessem ensinar coisas mundanas e só o deixava passear em jardins criados por ela. Passara horas de joelhos, rezando por ele e insistira para que aprendesse as regras e o poder da igreja. Mas, quando se atravessou no seu caminho, negando-lhe certos prazeres, ele passou a vê-la como uma inimiga. São é capaz de perdoar a alguém que lhe recuse algo que deseje. Por isto, sei que este rapaz, este rapaz amoroso, tornar-se-á um homem cujo egoísmo irá constituir um perigo para ele mesmo e para os outros à sua volta. Um dia, todos poderemos desejar que a avo o tivesse educado melhor.



24 de Junho de 1509

Catarina foi transportada da Torre para Westminster como uma princesa inglesa. Viajou numa liteira feita de pano de ouro, transportada no alto de quatro palafréns brancos, para que todos a pudessem ver. Levava um vestido de cetim branco e uma tiara enfei tada de pérolas, o cabelo penteado para trás. caído sobre os ombros. Henrique foi coroado em primeiro lugar e, em seguida. Catarina bai xou a cabeça e recebeu o óleo

sagrado da coroação, na cabeça e no peito; depois, estendeu a mão para segurar o ceptro e a vara de marfim, tomando consciência de que. finalmente, era uma rainha, como a sua mãe. Uma rainha ungida, um ser superior aos meros mortais, um passo mais perto dos anjos, escolhida por Deus para governar o Seu país, sob a Sua proteção especial. Sabia que, por fim, cumprira destino para o qual nascera, ocupara o seu lugar como prometera fazer. Ocupou um trono um pouco mais baixo do que o do Henrique e a multidão que aclamava o jovem e belo rei que ascendia ao trono, também a ovacionou, a princesa espanhola, que foi determinada contra as adversidades e que, por fim, fora coroada Rainha Catarina da Inglaterra.



Esperei tanto tempo por este dia que, quando ele chega, parece um sonho, os sonhos que tivera com os meus maiores desejos. Revejo a cerimónia da coroação; o meu lugar no cortejo, a minha cadeira do trono, a leveza da vara de marfim na minha mão, a minha outra mão agarrando firmemente o pesado ceptro, o aroma intenso e profundo do óleo sagrado na minha testa e peito, tudo como se fosse mais um sonho em que sinto a falta de Artur.

Mas desta vez é real. Quando saímos da Abadia e ouço a multidão ovacionado e a mim, volto-me para olhar o meu marido que está ao meu lado. Fico chocada nessa altura, com um choque súbito, como quando acordamos de repente no meio de um sonho- por não ser Artur. Não é o meu amor. Esperara ser coroada juntamente com Artur, acedermos ao trono ao mesmo tempo. Mas, no lugar do rosto belo e pensativo do meu marido está o semblante redondo e corado de Henrique. Em vez da graça tímida e juvenil do meu marido, tenho a meu lado a insolência exuberante de Henrique.

Apercebo-me nesse momento de que Artur está realmente morto, que me abandonou de vez. Estou a cumprir a minha parte da nossa promessa, casando com o Rei da Inglaterra, apesar de se tratar de Henrique. Queira Deus que Artur esteja a cumprir a sua Parte, tomando conta de mim, lã no al-Yanna, e à minha espera. dia. quando a minha tarefa estiver cumprida e eu puder ir ter com o meu amado, viverei com ele para sempre.

- Estais feliz? - pergunta-me o rapaz, gritando para se fazer ouvir acima to repicar dos sinos e das ovações da multidão. – Estais feliz, Catarina? Estais

contente por eu ter casado convosco?

Por serdes Rainha da Inglaterra, por eu vos ter dado esta coroa?

- Estou muito feliz - assegurei-lhe.

- Eu sou Rainha da Inglaterra - diga eu. recordando Artur,quando disse as mesmas palavras -Sou a Rainha Catarina da Inglaterra.

- Muito bem! - exclamou ele. - É fantástico, seremos o Rei Henrique e a Rainha Catarina.

Este é o rei. mas não é Artur, é Henrique. Eu sou a rainha Catarina - uma verdadeira inglesa e não a rapariguinha que em tempos, esteve tão apaixonada pelo Príncipe de Gales.





Catarina, Rainha da Inglaterra

Verão de 1509

A corte, embriagada de felicidade, comprazendo-se na sua própria juventude, com liberdade, passou o Verão a divertir-se. As viagens de uma casa bonita e acolhedora para outra duraram dois longos meses, enquanto Henrique e Catarina caçavam, jantavam nos bosques verdejantes, dançavam até à meia-noite e gastavam dinheiro como água. As grandes carroças de carga da casa real seguiam pelas veredas poeirentas da Inglaterra para que a próxima casa pudesse brilhar com o ouro e as tapeçarias, de modo a que o leito real - que compartilhavam todas as noites - pudesse ser preparado com as melhores roupas e as peles mais macias.

Henrique não tratava de nenhum assunto. Escreveu uma vez ao sogro, para lhe contar que era muito feliz, mas o resto do trabalho da responsabilidade do rei, seguia-o dentro de caixas, de um castelo ou de uma mansão, situados no meio de um belíssimo parque, para outro. As caixas eram abertas e a correspondência lida apenas por Catarina, Rainha da Inglaterra, que mandava os escriturários escrever as suas ordens para o Conselho Privado, e que depois eram mandadas por ela ao rei, para assinar.

Só em meados de Setembro é que a corte voltou para Richmond, mas Henrique declarou imediatamente que a festa devia continuar. Porque haviam de deixar de se divertir? O tempo estava bom, podiam caçar e passear de barco, fazer torneios de tiro com arco ou dg ténis, festas e bailes de máscaras. Os nobres e os fidalgos afluíam a Richmond, para se juntarem à festa que não tinha fim: as famílias cujo poder e nome eram

mais antigos do que os Tudor e os novos, cuja riqueza e nome iam emergindo juntamente com a subida da maré Tudor, flutuando com a fortuna dos Tudor Os vitoriosos de Bosworth, que haviam arriscado as suas vidas e corrido grandes riscos pela coragem dos Tudor, encontravam-se agora ao lado de arrivistas que faziam fortuna com nada mais do que os divertimentos dos Tudor.

Henrique recebia toda a gente com despreocupada alegria qualquer um que fosse divertido e bem-educado, encantador ou' bom desportista, podia ter um lugar na corte. Catarina sorria para toda aquela gente, nunca descansava, nunca recusava um desafio ou um convite, e tomou a seu cargo manter o seu marido adolescente entretido durante todo o dia. Devagar, mas com firmeza, foi tomando nas suas mãos a gestão dos entretenimentos, da casa real, dos negócios do rei e, depois, do próprio reino.



A Rainha Catarina tinha as contas da casa real espalhadas à sua frente, um escrivão de um lado, um registador de contas, com o seu enorme livro, do outro, os homens que trabalhavam como tesoureiros da família, por trás dela. Estava a verificar os livros dos grandes departamentos da corte: a cozinha, a adega, o guarda-roupa, os criados, os pagamentos de serviços, os estábulos, os músicos. Cada departamento da corte tinha de compilar as suas despesas mensais e enviá-las ao tesoureiro da rainha - exactamente como faziam antes com Sua Alteza, a Mãe do Rei, para que ela aprovasse os seus negócios. Se tivessem gasto de mais, podiam contar com uma visita de um dos tesoureiros do Fundo Privado, para lhes perguntar directamente se eram capazes de explicar a razão por que os custos tinham aumentado tão subitamente.

Todas as cortes da Europa estavam envolvidas na luta pelo controlo dos custos de manutenção das populosas casa reais feudais, atendendo às manifestações de riqueza e exibicionismo que haviam tornado moda. Todos os reis queriam ter muita gente a volta, como senhores medievais: mas agora queriam cultura, riqueza. arquitectura e também grande ostentação. A Inglaterra era mais bem gerida do que qualquer outra corte europeia. A Rainha Catarina aprendera a gerir a sua casa da forma mais difícil, quando

tentara gerir Durham House como achava que uma casa real devia ser gerida, mas sem rendimentos. Sabia até ao cêntimo qual era o preço do pão, conhecia a diferença que existia entre o peixe salgado e peixe fresco, sabia o preço do vinho barato importado da Espanha e do vinho caro que era trazido da França. Ainda mais rigoroso do que o de Sua Senhoria, a Avó do Rei, o escrutínio que Rainha Catarina fazia aos livros da casa real, obrigava os cozinheiros a discutir com os fornecedores às portas da cozinha, para conseguirem os melhores preços para uma corte extravagantemente consumista.

Uma vez por semana, a rainha Catarina supervisionava as despesas dos diferentes departamentos da corte, e todos os dias, ao alvorecer, enquanto o rei ia caçar, lia as cartas que chegavam para ele e escrevia um rascunho das respostas. Era um trabalho constante e implacável, manter a corte a funcionar como um bem ordenado centro do país, e manter os assuntos do rei sob controlo apertado. A Rainha Catarina, decidida a compreender o seu novo país, não lamentava as horas que passava a ler cartas, a ouvir os conselhos do Conselho Privado, as suas objecções e aceitando as suas opiniões. Tinha visto a sua própria mãe dominar um país através da persuasão. Por intermédio de acordos, Isabel da Espanha conseguira libertar o seu país de uma colecção de reinos e senhorios rivais, oferecendo-lhes uma administração central, livre de problemas e barata, um sistema nacional de justiça, o fim da corrupção e do banditismo e um infalível sistema de defesa. A filha percebeu imediatamente que estas vantagens podiam ser transferidas para a Inglaterra.

Mas estava igualmente a seguir as passadas do seu sogro Tudor, e quanto mais trabalhava com os papéis dele e lia as suas cartas, mais admirava a firmeza do seu julgamento. Estranhamente, sentia agora que gostaria de o ter conhecido como governante, Pois teria certamente beneficiado com os seus conselhos. Através "os seus registros, podia ver como ele equilibrara o desejo de independência dos senhores ingleses, em relação às suas terras, com a sua própria necessidade de os vincular à coroa. Astutamente, concedera aos senhores do Norte, maior liberdade, mais riqueza e status do que a quaisquer outros, uma vez que eles constituíam o seu aluarte contra os Escoceses. Catarina tinha mapas das terras nortenhas dependurados por toda a sala do conselho e percebeu que a fronteira com a Escócia não era mais do que uma mão-cheia de territórios disputados numa zona difícil. Uma fronteira como a que nunca poderia vir a tornar-se

segura contra um vizinho ameaçador. Os escoceses eram os Mouros da Inglaterra: o país nunca poderia ser dividido com eles. Teriam de ser completam^ derrotados.

Compartilhava os receios do sogro em relação aos superpode rosos senhores da corte inglesa e aprendeu com ele a sentir inveja da riqueza e poder que detinham. Quando Henrique, num monien to de exuberância, pensou em atribuir a um determinado homem uma pensão elevada, foi Catarina quem lhe fez notar que ele já era um homem rico. não havendo necessidade de tornar a sua posição ainda mais forte. Henrique queria ser um rei conhecido pela sua generosidade, amado pela súbita catadupa dos seus presentes Catarina sabia que o poder seguia a riqueza e que os reis recém--chegados ao trono tinham de acumular riqueza e poder.

- O vosso pai nunca vos avisou em relação aos Howard? - perguntou, enquanto estavam os dois sós a observar um concurso de tiro com arco. Henrique, em mangas de camisa, com o arco na mão, tinha obtido a segunda pontuação mais alta e esperava pela sua vez para voltar ao torneio.

- Não - respondeu. - Devia tê-lo feito?

- Ah, não - respondeu ela rapidamente. - Ku não queria sugerir que eles vos pudessem trair, são o amor e a lealdade em pessoa; Thomas Howard tem sido um grande amigo da nossa família, tem mantido o Norte seguro ao vosso serviço e Edward é o meu cavaleiro, o mais querido de todos.

Só que a riqueza deles tem aumentado tanto e as suas alianças familiares são tão fortes que fiquei a pensar qual seria a opinião que o vosso pai teria sobre eles.

- Não faço ideia! - disse ele com ligeireza. - Nunca lhe faria essa pergunta. De qualquer forma, ele também nunca me iria dizer nada.

- Nem mesmo sabendo que vós iríeis ser o próximo rei? Ele abanou a cabeça.

- Ele pensava que eu não iria ser rei tão cedo - disse el Ainda não tinha concluído a minha educação. Considerava que eu ainda não estava preparado para enfrentar o mundo. Ela abanou a cabeça.

- Quando tivermos um filho, teremos de nos certificar de que começará a estar preparado para o seu reinado desde muito cedo. Imediatamente, Henrique colocou as mãos em volta da sua cintura.

- Achais que vai ser em breve? - perguntou ele.

- Por favor, meu Deus. - disse ela com suavidade, reprimindo uma secreta esperança. - Sabeis de uma coisa? Tenho pensado nome que lhe iremos dar.

- A sério, minha querida? E que pensais de Fernando, como o vosso pai?

- Se assim o quiserdes, mas eu julgo que poderia ser Artur -disse cuidadosamente.

- Como o meu irmão? - o seu rosto endureceu imediatamente.

- Não, como Artur da Inglaterra! - disse ela rapidamente. -Quando olho para vós, penso que sois parecido com o Rei Artur da Távola Redonda e que estamos em Camelot. Nós estamos a criar uma corte mais bonita e mágica do que a de Camelot.

- É isso que pensais, minha pequena sonhadora?

- Penso que vós podereis ser o mais importante rei que a Inglaterra já conheceu, desde Artur de Camelot - respondeu ela.

- Então, será Artur! - disse ele, apaziguado pelo elogio. - Artur Henrique!

- Sim.

Chamaram-no ao alvo, pois era a sua vez de atirar e tinha de obter uma pontuação elevada. E lá foi, atirando-lhe um beijo com um gesto. Catarina teve o cuidado de ficar a observá-lo enquanto ele disparava a seta e, quando olhou para ela, como sempre fazia, pôde constatar que a sua atenção estava completamente concentrada nele. Os músculos das suas costas magras retesaram-se quando puxou a seta para trás, parecia uma estátua, perfeitamente equilibrada, e depois, como um bailarino, soltou a corda, e a seta voou - mais rápida do que a visão -exactamente para o centro do alvo.

- Em cheio, no alvo!

- Venceu!

- Vitória para o Rei!

O prémio era uma seta de ouro e Henrique, radiante de felicidade, veio ajoelhar-se aos pés dela, para que se inclinasse e o beijasse em ambas as faces, e de seguida, amorosamente, na boca.

- Ganhei-a para vós! - disse ele. - Apenas para vós. Dais-me sorte e eu nunca falho quando estais a observar-me. Ficareis com a seta do vencedor.

- É a seta de Cupido - respondeu ela -, e guardá-la-ei para me recordar a outra que está dentro do meu coração.

- Ela ama-me.

Ele ergueu-se, voltou-se para a corte e ouviu-se uma enorme explosão de aplausos e risos. Triunfantemente, gritou:

- Ela ama-me!

-Quem poderia não vos amar? - exclamou com arrojo Lady Babel Bolena, uma das clamas de companhia.

Henrique olhou para ela e depois, da sua grande estarjá ceu os olhos para a sua pequena esposa.

- Quem pode não a amar? - perguntou, sorrindo para Catarina.



Nessa noite ajoelho-me diante do meu oratório e coloco as mm sobre o ventre. É o segundo mês em que não me vem o período e lenho quase a certeza de que estou grávida. "Artur", digo num murmúrio, de olhos fechados. Quase o consigo ver como ele era. nu. á luz das velas, no nosso quarto em l.udlow. "Artur meu amor. ele diz que posso dar a esta criança o nome de

Artur Henrique. Assim, será realidade a nossa esperança-dar-te um filho chamado Artur, fim hora eu saiba que não gostaras do teu irmão, terei por ele o respeito que lhe devo. li um bom rapaz e rezo para que se torne um bom homem. Darei ao meu filho o nome de Artur

Henrique, em homenagem aos dois. Não sinto qualquer culpa pelo meu crescente afecto por este jovem, Henrique, embora ele nunca possa vir a ocupar o lugar do irmão, Artur. É correcto que eu ame o meu marido, e Henrique é um jovem enternecedor. O conhecimento que tenho dele. por o ter observado durante tantos anos. de tão perlo, como se fosse um inimigo, deu-me plena consciência do tipo de rapaz que c. li egoísta como uma criança, mas tem a generosidade e a ternura simples de um menino. Para dizer a verdade, é vaidoso e ambicioso, tão presumido como um actor de uma troupe, mas ri-se e chora com facilidade, está sempre pronto a mostrar a sua compaixão e a suavizar as dificuldades. Será um bom homem, se for bem guiado, se o ensinarem a refrear os seus desejos e se aprender cptais são as suas obrigações para com o seu país e para com Deus.

Tem sido muito mimado pelas pessoas que o deviam ter ensinado, mas ainda não é tarde para o transformar num homem bom. É tarefa minha e meu dever evita que se deixe levar pelo egoísmo. Como qualquer jovem, pode vi transformar-se num tirano. Uma boa mãe tê-lo-ia disciplinado, vez uma boa esposa o possa refrear. Se eu o puder amar e fazer com que me ame, consigo fazer dele um grande rei. E a Inglaterra precisa de um grande rei.

Talvez este seja um dos serviços que posso prestar à Inglaterra ,guiá-lo, com suavidade, mas com firmeza, para longe da sua infância mimada e conduzi-lo a uma idade adulta, responsável. O p a i e a avó trataram-no sempre como se fosse uma criança: talvez seja tarefa minha ajudá-lo a transformar-se num homem adulto.

Artur, meu adorado Artur", digo baixinho, enquanto me levanto e me dirijo para a cama. E desta vez estou a falar para ambos - o marido por quem me apaixonei pela primeira vez e a criança que, lenta e calmamente, vai crescendo dentro de mim.



Outono de 1509

Numa noite de Outubro, depois de Catarina se ter recusado, durante as três últimas semanas, a dançar depois da meia-noite, insistindo em ficar apenas a ver Henrique dançar com as suas damas, disse-lhe que esperava um filho, e obrigou-o a jurar que manteria segredo.

-Quero contar a toda a gente! - exclamou ele.

Henrique tinha vindo para o quarto dela. em camisa de noite, e tinham-se sentado um de cada lado. ao calor da braseira, antes de irem para a cama.

- Podereis escrever ao meu pai. no próximo mês - determinou ela -, mas não quero que todos saibam, para já. Dentro de pouco tempo, irão perceber.

- Tendes de descansar! - disse ele imediatamente. - E precisais de comer comidas diferentes?

Sentis desejos de algo em especial? Posso mandar alguém ir buscar seja o que for. imediatam te, podem ir acordar os cozinheiros. Dizei, meu amor. o que qu reis?

- Nada! Nada! - disse ela rindo-se. - Reparai, temos biscoitos vinho. Alguma vez como outras coisas a estas horas da noite.

- Ah, normalmente não! Mas agora é tudo diferente!

- De manhã perguntarei ao médico - disse ela -. mas ag não preciso de nada. A sério, meu amor.

- Eu quero ir buscar-vos qualquer coisa - disse ele. – Quero tomar conta de vós.

- Já o fazeis - assegurou-lhe ela. - E eu estou bem alimentada,sinto-me bem.

- Não vos sentis enjoada? Isso é sinal de que é um rapaz, tenho a certeza.

-Tenho-me sentido um pouco enjoada, pela manhã – disse Catarina, observando o seu ar de felicidade. Tenho a certeza de que é um rapaz. Espero que seja o nosso Artur Henrique.

- Ah. já pensáveis nele quando falastes comigo no torneio de tiro com arco.

- Sim, estava. Mas nessa altura ainda não tinha a certeza e não vos quis dizer cedo de mais.

- Quando credes que vai nascer?

-No princípio do Verão, creio eu.

- Não pode demorar assim tanto tempo! - exclamou ele.

- Meu querido, parece-me bem que sim!

- Vou escrever ao vosso pai, amanhã - disse ele. - Dir-lhe-ei que aguarde grandes notícias para o Verão. Talvez nessa altura já tenhamos regressado de uma grande campanha contra os Franceses. Talvez eu traga uma vitória para vos oferecer e vós tereis um filho para me dar.



Henrique mandou chamar o seu médico pessoal, o homem mais competente de Londres, para me observar. O homem fica de pé de um lado do quarto, e eu estou sentada numa cadeira, no outro lado. Não me pode examinar, obviamente - o corpo de uma rainha não pode ser tocado por ninguém, a não ser pelo rei. Não pode perguntar se as minhas regras e os meus intestinos são regulares. - também são sagrados. Está tão paralisado com o emba-raço de ter sido chamado para me ver, que mantêm os olhos fixos chão e só me faz perguntas curtas, numa voz baixa e entrecortada. Fala em inglês e tenho de me esforçar para o ouvir e perceber o que diz.

Pergunta-me se tenho comido bem, se tenho tido enjoos. Digo- lhe que tenho comido bastante bem. mas que fico enjoada com o cheiro e quando olho para as carnes cozinhadas. Sinto falta da da fruta e dos legumes que jaziam parte da minha dieta diária, na Espanha, tenho enormes desejos de bolinhos de baklava, feitos com mel, ou de um tagine, preparado com legumes e arroz.

Ele responde que isso não tem importância, uma vez que comer legumes ou fruta não tem qualquer benefício para os humanos e que, na verdade, me desaconselhava de comer produtos crus durante a minha gravidez. Pergunta-me se sei quando fiquei grávida. Respondo-lhe não sei dizer com certeza, mas sei em que altura tive as últimas regras. Ele sorri, conto um sábio que ri de um ignorante, e diz-me que isso não é grande ajuda, para se saber quando a

criança vai nascer. Eu já tinha visto médicos mouros calcularem a data do nas cimento de um bebé com a ajuda de um ábaco especial. Ele diz que nunca ouviu falar de tais coisas e que esses objectos pagãos deviam ser contra a natureza e não deveriam ser usados no tratamento de uma criança cristã.

Sugere-me que descanse. Pede-me para o mandar chamar sempre que não me sentir bem, pois virá imediatamente, para me ai car sanguessugas. Confessa que é um grande adepto de que os façam, com frequência, sangrias ás mulheres, para evitar que aqueçam demasiado. Em seguida, faz uma vénia e vai embora.

Eu olho espantada para Maria de Salinas que está de pé. ao canto do quarto, a assistir a esta imitação de consulta.

- É este, o melhor médico da Inglaterra? — pergunto-lhe. -melhor que eles têm?

Ela abana a cabeça, perplexa.

- Será que podemos mandar vir alguém da Espanha?- digo pensando alto.

- O vosso pai e a vossa mãe fizeram com que todos os homens sábios desaparecessem da Espanha - diz ela. e nesse momento quase que sinto vergonha deles.

- Os seus conhecimentos eram heréticos - digo eu na defensiva, ela encolhe os ombros.

- Bem. a Inquisição prendeu a maior parte deles e os outros fugiram.

- Para onde foram? - pergunto.

- Para onde vão todos. Os judeus, para Portugal, e depois para a Itália, a Turquia, para toda a

Europa, creio eu. Suponho que os mouros foram para a África e para o Oriente.

-Não será possível encontrar alguém da Turquia?- sugiro eu. Não um pagão, certamente.

Mas alguém que tenha estudado com um médico mouro? Devem existir médicos cristãos que saibam algu ma coisa, que saibam mais do que este.

-Vou perguntar ao embaixador- disse ela.

-Tem de ser um cristão - estipulo eu. - Sei que vou precisar um médico melhor do que este tímido ignorante, mas não quero ir contra a autoridade do minha mãe e da Santa Igreja. Se dizem que uma tal ciência é pecado, então, terei certamente de aceitar a ignorância. É o meu dever. Não sou uma estudiosa e será melhor que me guie pelas leis da Santa Igreja. Mas será que Deus deseja realmente que neguemos o conhecimento? E se essa ignorância me custar o filho e herdeiro da Inglaterra?



Catarina não reduziu o seu trabalho, dirigindo os secretários do rei, ouvindo petições dos que precisavam de justiça real, discutindo as notícias do reino com o Conselho Privado. Mas escreveu para a Espanha, sugerindo ao pai que talvez fosse bom ele enviar um embaixador para representar os interesses espanhóis, principalmente porque Henrique estava determinado em declarar guerra à Franca, aliado à Espanha, logo que começasse a época de guerra, na Primavera, pelo que iria haver muita correspondência entre os dois países.

"Ele está muito determinado em relação á vossa proposta", escreveu Catarina ao pai, traduzindo cuidadosamente cada palavra para o complexo código que ambos usavam. "Tem consciência de que nunca esteve numa guerra e está ansioso para que tudo corra bem com um exército anglo-espanhol. Estou muito preocupada, de facto, receando que ele se exponha ao perigo. Não tem um herdeiro, mas mesmo que tivesse, este é um país difícil para herdeiros menores de idade. Quando ele for para a guerra convosco, confiá-lo-ei a vossa protecção. Por certo, de deverá sentir que está a experimentar plenamente o que é a guerra, deverá aprender convosco a maneira de preparar as campanhas. Mas terei de confiar em vós para que o mantenhais afastado de qualquer perigo real.

Não me interpreteis mal neste ponto" escreveu ela, com decisão. "Ele tem de sentir que esta no centro da guerra, tem de aprender como se ganham as batalhas; mas não deverá, nunca, ter de enfrentar um perigo real.

Para além disso", acrescentou "nunca deverá perceber que nós o Protegemos." O rei Fernando, de novo na posse de Castela e de Aragão govirava como regente, em vez de Joana, de quem se dizia que não tinha qualquer hipótese de subir ao trono, perdida no seu mundo de dor e loucura. Em resposta à filha mais nova, garantiu-lhe tranquilamente que não precisava de se preocupar com a segurança do seu marido durante a guerra, pois ele iria tomar as devi precauções para que Henrique não ficasse exposto a mais nada para alem da excitação. "E não deves deixar que os teus receios d e esposa o afastem do seu dever", recordou-lhe o pai. "Em todos anos que viveu comigo, a tua mãe nunca se esquivou ao perigos. Tens de ser a rainha que ela gostaria que fosses. Esta e uma guerra que tem de ser feita, para segurança e proveito de todos nós e o jovem rei tem de desempenhar o seu papel, ao lado do velho rei e do velho imperador. É uma aliança entre dois velhos cavalos de guerra e um jovem potro: e ele vai querer fazer parte dela." Deixou um espaço em branco na carta, como se estivesse a pensar, e depois acrescentou uma nota. "É claro que nós os dois nos certificaremos de que, para ele, vai ser como uma brincadeira. E é obvio que nunca o irá saber.'

Fernando tinha razão. Henrique estava desesperado por fazer parte de uma aliança que pudesse derrotar a França. O Conselho Privado, os sensatos conselheiros do prudente reinado do seu pai, ficaram assombrados, ao perceber que o jovem estava plenamente convencido de que, para ser rei, tinha de ir para a guerra e não conseguia imaginar uma maneira melhor de demonstrar que tinha herdado o trono. Os jovens ávidos e jactanciosos que formavam a nova corte, ansiosos por mostrar a sua própria coragem, pressionavam Henrique para que entrasse em guerra. Os Franceses eram odiados há tanto tempo, que parecia incrível que alguma vez se tivesse declarado tréguas e que a paz tivesse durado tanto. Parecia fora do normal, estar em paz com a França - o estado normal de guena devia ser retomado, logo que se pudesse dar uma vitória como certa. E a vitória, com um novo e jovem rei e uma nova corte formada por jovens, era agora mais do que uma certeza.

Nada do que Catarina contrapusesse calmamente poderia apaziguar a febre da guerra, e Henrique foi tão belicoso com o embaixador da França no seu primeiro encontro que o espantado representante relatou ao seu amo que o novo e jovem rei estava fora de si com tanta cólera, negando ter alguma vez. escrito ao Rei da França uma carta pacífica, que o Conselho

Privado enviara na sua ausência. Felizmente, o encontro seguinte correu melhor, pois Catarina fez questão de estar presente.

- Cumprimentai-o delicadamente - recomendou Catarina a Henrique, quando viu o homem aproximar-se.

- Não vou fingir bondade, quando estou a pensar em guerra.

- Tendes de ser hábil - disse ela baixinho -, deveis aprender dizer uma coisa e a pensar outra.

_ Nunca fingirei. Nunca irei negar o meu justo orgulho. _ Não. não tereis exactamente de fingir. Mas deixai-o, na sua ignorância. compreender-vos mal. Há mais do que uma forma de fazer guerra e o importante é ganhá-la, não é fazer ameaças. Se acreditar que sois seu amigo, poderemos apanhá-los desprevenidos Porque haveríamos de os avisar do ataque?

Henrique ficou perturbado e olhou para ela, franzindo a testa. _ Eu não sou um mentiroso.

- Pois não, da última vez, dissestes-lhe que as vãs ambições do seu rei iriam ser corrigidas por vós. Não podemos deixar os Franceses capturar Veneza. Temos uma velha aliança com Veneza...

- Temos?

- Oh, sim - disse Catarina com firmeza. - A Inglaterra tem uma antiga aliança com Veneza e. para mais, Veneza é a primeira muralha da Cristandade contra os Turcos. Atacando Veneza, os Franceses vão ficar à beira de deixar os infiéis entrar na Itália. Deviam ter vergonha de si próprios. Mas da última vez que falastes com ele, haveis avisado o embaixador francês. Não poderíeis ter sido mais claro. Por isso. deveis cumprimentá-lo, agora, com um sorriso. Não necessitais de lhe falar da vossa campanha. Guardaremos as nossas intenções só para nós, não as devemos compartilhar com pessoas como ele.

-Já lhe disse tudo uma vez, não preciso de lho dizer novamente. Eu não me repito! - disse Henrique, irritado com a ideia.

- Não devemos gabar-nos da nossa forca - disse ela. - Sabemos o que

podemos fazer, e sabemos o que vamos fazer. Poderão descobrir por si próprios, quando isso for do nosso interesse.

- De tacto! - disse Henrique, descendo do pequeno estrado Para cumprimentar com grande amabilidade o embaixador francês. Foi para Henrique uma recompensa, ver o homem fazer uma desabitada vénia e gaguejar, quando se dirigiu a ele.

- Enganei-o completamente! - disse ele. radiante, para Catarina.

- Um verdadeiro mestre! - assegurou-lhe ela.

Se ele fosse um imbecil, eu teria de engolir a minha impaciência e controlar o meu temperamento com mais frequência do que o que faço. Mas ele não e estúpido, é inteligente e esperto, taivez até tão vivo quanto Artur. Enquanto Artur fora formado para pensar, educado desde o berço para ser rei. este segundo filho fora deixado apetrechado apenas com o seu encanto e uma resposta pronta Achavam-no simpático e não o incentivavam a ser mais do que agradável. Henrique tem uma boa cabeça e sabe ler, debater e pensar com clareza - mas apenas se o tópico lhe despertar interesse e mesmo assim, é por pouco tempo. Ensinaram-no a estudar, mas apenas como um meio de demonstrar a sua esperteza. É preguiçoso, tremendamente preguiçoso - não se importa nada que seja outra pessoa a fazer o trabalho detalhado em seu lugar, e isto é uma grave falha num rei. pois coloca-o ã mercê dos seus escrivães. Um rei que não trabalhe estará sempre nas mãos dos seus conselheiros. É a receita para produzir conselheiros com demasiado poder.

Quando começamos a discutir os termos do contrato entre a Espanha e a Inglaterra pede-me para o redigir por ele, não gosta de ser ele a fazê-lo, gosta de ditar e de ter um escrivão que o faça como deve ser. Nunca irá preocupar-se em aprender o código, o que significa que todas as cartas entre ele e o imperador, entre ele e o meu pai, terão de ser escritas ou traduzidas por mim. Vejo-me envolvida no meio dos planos emergentes para a guerra, quer queira, quer não.

Não tenho outro remédio senão tornar-me a responsável pela tomada de decisões, no seio desta aliança, porque Henrique põe-se de parte. É claro que não sinto relutância em cumprir o meu dever. Nenhuma verdadeira filha da minha mãe se escusaria alguma vez ao esforço, especialmente a este, que conduzia ã guerra com os inimigos da Espanha. Fomos todos educados para

saber que ser rei é uma vocação, não é um presente. Ser rei significa governar, e governar ê sempre um trabalho exigente. Nenhum verdadeiro filho do meu pai teria resistido a estar no centro de decisão e planeamento, preparando-se para a guerra. Não há ninguém na corte inglesa mais preparada do que eu para levar o nosso país para a guerra.

Não sou tola. Percebi, desde o princípio que o meu pai tencionava usar as nossas tropas inglesas contra os Franceses e. enquanto os entretemos na hora e no local de sua escolha, aposto que tenciona invadir o reino de Navarra. Devo tê-lo ouvido dizer uma dúzia de vezes à minha mãe que, se conseguisse conquistar Navarra, poderia completar a fronteira norte de Aragão; além do mais, Navarra é uma região rica que produz uvas e trigo. O meu pai tem-na cobiçado desde que subiu ao trono de Aragão. Sei que se ele tiver uma oportunidade em relação a Navarra, conseguirá conquistá-la. e, se conseguir que os Ingleses façam o trabalho por ele. melhor ainda.

Mas não vou entrar nesta guerra para agradar ao meu pai embora o deixe pensar que sim. Não irá usar-me como seu instrumento. Eu é que vou usá-lo como o meu. Desejo esta guerra causa da Inglaterra e de Deus. O próprio Papa determinou que os Franceses não deviam invadir Veneza, e está a colocar o seu santo exército em campo, contra os Franceses. Nenhum verdadeiro filho ou filha da Igreja precisa de uma causa maior do que esta: saber que o Santo

Padre está a pedir ajuda. E, para mim, há outra razão, ainda mais forte. Nunca esqueço o aviso da minha mãe, de que os Mouros voltarão a atacar a Cristandade e de que eu devia estar tão preparada para isso na Inglaterra, como ela sempre o esteve na Espanha. Se os Franceses derrotarem os exércitos do Papa e tomarem Veneza, quem pode duvidar que os Mouros irão ver nisso a sua oportunidade para, por sua vez, roubarem Veneza aos Franceses? E mal os Mouros tenham, de novo, uma base de apoio no coração da Cristandade, a guerra da minha mãe, terá de ser feita mais uma vez, desde o princípio. Eles atacarão a partir do Oriente, de Veneza, e a Europa Cristã ficará à sua mercê. O meu próprio pai disse-me que Veneza, com todo o seu comércio, o seu arsenal e os seus poderosos estaleiros navais, nunca poderá ser tomada pelos Mouros, nunca deveremos permitir que eles conquistem uma cidade onde podem construir barcos de guerra numa semana, armá-los em dias e guarnecê-los numa manhã. Se tiverem os estaleiros e os construtores navais, perderemos os mares. Eu sei que este dever me foi

imposto, imposto pela minha mãe e por Deus

- enviar ingleses para o serviço do Papa, para defenderem Veneza de qualquer invasor. É fácil persuadir Henrique a pensar do mesmo modo.

Mas também não esqueço a Escócia. Nunca me esqueço do medo que Artur tinha da Escócia. O Conselho Privado tem espiões ao longo da fronteira, e Thomas Howard, o velho conde de Surrey, foi lá colocado deliberadamente, creio eu, pelo velho rei. O rei Henrique, meu sogro, deu grandes propriedades no Norte a Thomas Howard, para que ele, entre tantos outros, mantivesse a fronteira segura. O velho rei não era nenhum idiota, não deixava que outras pessoas tratassem dos seus assuntos nem confiava nas suas capacidades. Amarrava-as ao seu sucesso. Se os Escoceses invadirem a Inglaterra, terão de passar através das terras dos Howard, e Thomas Howard está tão interessado como eu em que isso não aconteça. Assegurou-me que os Escoceses não nos atacarão este Verão, pelo menos em maior número do que costumam vir, nas habituais incursões de bandidos. Todas as informações que conseguimos obter de mercadores ingleses na Escócia ou de viajantes preparados para manterem os olhos bem abertos confirmam a opinião do conde. Pelo menos durante este Verão, estaremos seguros.

Posso aproveitar a ocasião para enviar o exército inglês para a guerra contra Franceses. Henrique pode marchar para fora do país em segura os e aprender a ser um soldado.



Catarina observava as danças durante os festejos de Natal aplaudia o marido quando ele fazia girar outras senhoras em volta da sala, ria com os mascarados e autorizava, com a sua assinatura as contas da corte, com enormes quantias para vinho, cerveja, carne de vaca e tudo o que havia de mais raro e requintado. Oferecera a Henrique uma belíssima sela embutida, como prenda de Natal, e algumas camisas que ela mesma tinha costurado e bordado com um belo ponto, típico da Espanha.

-Quero que todas as minhas camisas sejam feitas por vós -disse ele, encostando a bonita peça de roupa à sua face. - Não quero usar nada que

outra mulher tenha tocado. Apenas as vossas mãos poderão fazer as minhas camisas.

Catarina sorriu e puxou-lhe o ombro para baixo, até ele ficar à sua altura. Ele inclinou-se para a frente, como uma criança grande e ela beijou-lhe a testa.

- Sempre - prometeu-lhe. - Costurarei sempre as vossas camisas.

- E agora, a minha prenda para vós - disse ele. Empurrou uma grande caixa de couro para junto de Catarina, que a abriu. Lá dentro estava um enorme conjunto de jóias magníficas, um diadema, um colar, dois braceletes e brincos a condizer.

- Oh, Henrique!

- Gostais delas?

- Adoro-as! - disse ela.

- Quereis usá-las esta noite?

- Vou usá-las esta noite e na festa da Décima Segunda Noite -prometeu ela.

A jovem rainha estava radiante de felicidade, neste primeiro Natal do seu reinado. As saias rodadas do seu vestido já não conseguiam esconder a curva do seu ventre. Para qualquer lado que fosse, o jovem rei ordenava que lhe levassem uma cadeira, pois ela não devia estar nunca de pé. nem se podia cansar. Compôs para ela canções especiais, que eram tocadas pelos seus músicos; danças espectáculos de mímica foram criados em sua honra. A corte, encantada. com a fertilidade da jovem rainha, com a saúde e energia cio em rei. consigo própria, divertiu-se até bastante tarde na noite e Catarina ficou sentada no seu trono, os pés ligeiramente afastados para acomodar a curva do seu ventre, sorrindo de felicidade.

Palácio de Westminster, Janeiro de 1510

Acordo durante a noite com dores e uma sensação estranha. Sonhei que a

maré estava a subir no rio Tamisa e que uma frota de barcos, com velas negras, subia o rio. Pois o que devem ser os Mouros, que me vêm buscar, mas depois parece-me que é uma frota espanhola - uma armada, mas estranha e perturbadora meu te. minha inimiga, inimiga da Inglaterra. Na minha aflição reviro-me na cama e acordo com uma sensação de horror, descobrindo que é algo mais grave que o sonho, os meus lençóis estão empapados de sangue e a dor no meu ventre é bem real.

Dou um grito, aterrorizada, e o meu grito acorda Maria de Salinas, que dormia junto de mim. "O que aconteceu?" pergunta. Depois, repara na minha expressão e chama, ansiosa, pela criada que está aos pés da cama e manda-a ir a correr chamar as minhas aias e as parteiras, mas, num canto qualquer da minha mente, já percebi que não há nada que possam fazer. Arrasto-me para a minha cadeira, com a minha camisa toda manchada de sangue e sinto a dor, às voltas na minha barriga. Quando elas chegam, saídas à pressa da cama e todas atarantadas com sono, eu estou ajoelhada no chão, como um cão doente, rezando para a dor passar e para que me deixe intacta. Já sei que não adianta rezar pela salvação do meu filho. Já sei que o perdi, lenho a sensação de que alguma coisa se está a romper dentro de mini. à medida que ele vai saindo, lentamente.

Ao fim de um longo e amargo dia, em que Henrique vem à porta do meu quarto, vezes sem conta, e eu o mando embora com alegre, para lhe dar confiança, embora tenha de morder as Palmas das minhas mãos para não começar a gritar, a criança nasce, morta. A parteira mostra-ma, uma menina, uma coisinha pequena e frágil: pobre bebé, meu pobre bebé. O meu único conforto é que não era o rapaz que eu prometera a Artur. É uma menina uma menina morta, mas depois o meu rosto contorce-se de desgosto quando me lembro que. em primeiro lugar, ele gostaria de ter tido unta filha e que ela se deveria chamar Maria.

Não consigo falar com o desgosto, não consigo enfrentar Henrique e dizer-lhe eu mesma. Não suporto sequer pensar no anúncio que tem de ser feito ã corte e não sou capaz de escrever ao meu pai para lhe dizer que falhei para com a Inglaterra, com Henrique com a Espanha e, pior que tudo- mas isto nunca poderia dizer fosse a quem fosse-falhei para com Artur. Fico no meu quarto, fecho a porta a todos aqueles rostos ansiosos, às parteiras que me querem obrigar a beber tisanas de folha de morangueiro, às minhas damas que me querem contar que também tiveram nados-mortos, como as mães

delas, mas que acabaram por ter finais felizes; afasto-as de mim e ajoelho-me ao fundo da cama. comprimindo a cara contra as cobertas.

Murmuro entre soluços, muito baixinho, para que ninguém, a não ser ele. possa ouvir. Perdoa-me, perdoa-me, meu amor. Tenho tanta pena de não ler sido capaz de ler o leu filho. Não sei porquê, tido sei por que razão haveria o nosso bom Deus de me dar um desgosto tão grande lenho tanta pena, meu amor. Se alguma vez tiver outra oportunidade, farei tudo que puder, o máximo que puder, para ter o teu filho, para o manter em segurança até ele nascer e depois. Fá-lo-ei. juro quê sim. Tentei, desta vez. Deus sabe. eu daria tudo para ter o teu filho e para lhe ter dado o nome de Artur por tua causa, meu amor. lento acalmar-me, quando as palavras começam a sair, em turbilhão, da minha boca. sinto que estou a perder o controlo, sinto que os soluços me começam a sufocar.

Espera por mim", digo eu mansamente. "Espera aí por mim. Espera por mim junto às quietas águas do jardim, onde caem a pétalas das rosas brancas e vermelhas. Espera por mim e, quando e eu tiver tido o teu filho Artur e a tua filha Maria, quando tiver cumprido o meu dever aqui, irei ter contigo. Espera por mim no jardim e eu não mais te desiludirei. Irei ter contigo, amor.

Meu amor.



O médico do rei foi imediatamente ter com ele, quando saiu dos aposentos da rainha.



- Vossa Graça, tenho boas notícias paia vós.

Henrique virou para ele a sua face amargurada, como a de uma criança a quem roubaram a alegria.

- Tendes?

- Na verdade, tenho.

- A rainha está melhor? Tem menos dores? Vai ficar bem?

- Vai ficar melhor que bem - disse o medico. - Embora tenha perdido uma criança, ficou com outra. Ela estava grávida de gémeos, Vossa Graça. Perdeu uma criança, mas o seu ventre ainda esta dilatado e ela continua grávida. Por momentos o jovem não compreendeu aquelas palavras.

- Ainda está grávida?

- Sim. Vossa Graça - clisse o médico, sorrindo.

Foi como se lhe tivessem suspendido a execução. Henrique sentiu o coração dar uma volta, cheio de esperança.

- Como é possível?

0 médico estava confiante.

- Sou capaz de o dizer, por vários motivos. O seu ventre ainda continua firme, a hemorragia parou. Estou certo de que ainda ficou outra criança. Henrique benzeu-se.

- Deus está do nosso lado - disse ele contente. - Isto é o sinal da Sua Graça.

Fez um pausa...

- Posso vê-la?

- Sim, ela está tão feliz quanto vós, com estas notícias. Henrique subiu as escadas até aos aposentos de Catarina. A sua antecâmara estava vazia, mas os visitantes menos informados, a corte e metade da cidade sabiam que ela estava de cama e que não receberia ninguém. Henrique passou pelo meio da multidão que, num murmúrio, o abençoava e â rainha, passou pelos seus salões privados, onde as suas aias costuravam e bateu â porta do quarto dela.

Maria de Salinas abriu-a e afastou-se, para deixar passar o rei. A rainha estava fora da cama. sentada no banco da janela, com o livro de orações virado para a luz.

- Meu amor - exclamou ele. - O Dr. Fielding veio ter comigo para me dar a melhor das notícias.

O rosto dela estava radiante.

- Eu ordenei-lhe que vos dissesse em privado.

- Foi isso que ele fez. Mais ninguém sabe. Meu amor. estou tão contente!

Os olhos dela estavam cheios de lágrimas.

- É como uma redenção - disse ela. - Sinto-me como se u cruz tivesse sido tirada dos meus ombros.

- Irei a Walsingham, no momento em que o nosso filho nas para agradecer a Nossa Senhora pela graça concedida - promet ele. — Dotarei o santuário com uma fortuna, se for um rapaz

- Por favor, meu Deus, que seja essa a Vossa vontade - murmurou ela.

- E porque não seria? - perguntou Henrique. - Se é esse nosso desejo, se é bom para a Inglaterra e se nós o pedimos como bons filhos da Igreja?

- Amém! - disse ela muito depressa. - Se for essa a vontade Deus.

Ele agitou a mão, como se desse uma chicotada no ar.

- E claro que deve ser essa a Sua vontade - disse ele. - Age tendes de ter cuidado e descansar. Catarina sorriu.

- Como vedes.

- Tem mesmo de ser assim, e tudo o que quiserdes, tereis.

- Eu digo aos cozinheiros, se quiser alguma coisa.

- E as parteiras deverão estar ao vosso serviço dia e noite, para terem a certeza de que estais bem.

- Está bem - concordou ela -. e. se Deus quiser, teremos um filho.

Foi Maria de Salinas, a minha verdadeira amiga que comigo da Espanha e

ficara comigo durante os nossos meses pobres os anos difíceis, que descobriu o mouro. Estava ao serviço de um rico mercador que viajava de Génova para Paris. Tinham-no chamado a Londres para avaliar artigos de ouro e Maria soube da sua precinco. através de uma mulher que oferecera cem libras a N Senhora de Walsingham, na esperança de ter um filho.

- Dizem que consegue fazer mulheres estéreis ter filhos - diz-ela baixinho, certificando-se de que nenhuma das outras da estava suficientemente perto fiara ouvir

Eu benzo-me, como se estivesse a afastar uma tentação.

- Então, deve usar magia negra.

- Princesa, ele é considerado um grande médico, treinado mestres que ensinavam na Universidade de Toledo.

- Não o quero receber.

$ó porque achais que ele usa magia negra?

- Porque ele é um inimigo e inimigo da minha mãe. Ela sabia conhecimentos dos Mouros eram adquiridos ilegalmente, vindos do Diabo e não da verdade revelada por Deus. Expulsou os Mouros e as suas artes mágicas da Espanha.

- Vossa Graça, ele pode ser o único doutor na Inglaterra que sabe alguma coisa acerca das mulheres. - Não o vou receber.

Maria aceitou a minha recusa e deixou passar algumas semanas até que uma noite acordei com uma dor muito forte e senti o sangue a sair lentamente. Apressou-se a chamaras criadas, que vieram com toalhas e um jarro de agua para me lavar. Quando voltei para a cama e percebemos que não era nada mais do que o meu período que regressava, ela veio calmamente, colocar-se à cabeceira da minha cama.

- Vossa Graça, por favor, recebei este médico.

- Ele é um mouro.

- Sim, mas eu penso que ele é o único homem neste país que será capaz de

descobrir o que vos está a acontecer. Como podeis ter as vossas regras, estando grávida? Podeis estar a perder esta segunda criança. Pendes de receber um médico em quem possamos confiar.

- Mana. ele é meu inimigo, um inimigo da minha mãe. Ela passou a sua vida a expulsar o povo dele da Espanha.

-Com eles, perdemos a sua sabedoria - diz Maria suavemente. Há quase uma década que não viveis na Espanha, não sabeis como as coisas estão por lá. agora. Quando me escreve, o meu irmão conta-me que as pessoas adoecem e não há hospitais que os possam curar. As freiras e os monges fazem o que podem, mas não têm conhecimentos. Se uma pessoa tiver um tumor, ele tem de ser extraído por um medico de cavalos; se alguém partir um braço, ou uma perna , é o ferreiro que trata da pessoa. Os barbeiros são cirurgiões, os tira dentes trabalham no mercado e partem os maxilares dos doentes. As parteiras fazem de tudo, desde enterrar um homem o de chagas, até chegarem aos partos, e são tantas as crianças que perdem, como aquelas que ajudam a nascer. As técnicas usadas pelos médicos mouros, com o conhecimento que têm do corpo, as ervas que aliviam as dores, os seus instrumentos de cirurgia e a sua insistência na limpeza - tudo isto se perdeu.

- Se era uma ciência pecaminosa, é melhor que tenha desaparecido- digo com teimosia.

- Porque haveria Deus de estar do lado da ignorância da sujidade e da doença perguntou ela destemidamente - Perdoai -me. Vossa Graça, mas não faz sentido. E estais a esquecer o que vossa mãe queria. Sempre disse que as universidades deviam ser reabertas para ensinar o conhecimento cristão. Mas, por essa altura, já matara ou banira todos os professores que sabiam alguma coisa.

- A rainha não quer ser consultada por um herege - disse Lady Margaret com firmeza -nenhuma dama inglesa consultaria um mouro.

Maria volta-se para mim.

- Por favor, Vossa Graça. tenho tantas dores que não suporto uma discussão.

- Podem sair as duas - digo eu. - Deixai-me dormir. Lady Margaret sai do quarto, mas Maria pára. para fechar as portadas, para eu ficar na penumbra.

- Oh. deixai-o vir, então - digo eu -, mas não. enquanto eu estiver assim. Pode vir na próxima semana.

Ela terá pela escadaria secreta que vem desde a adega, através de uma passagem para os criados, até aos aposentos privados da rainha, no Palácio de Reymond. Eu estou cansada, vestindo-me para o jantar, e deixo-o entrar no meu quarto, antes de me apertarem os laços, apenas com uma camisa e uma capa curta por cima. Faço uma careta, só de pensar no que diria a minha mãe. se soubesse que um homem tinha entrado no meu quarto Mas sei. dentro do meu coração, que tenho de ser vista por um medico que me saiba dizer como posso dar um filho à Inglaterra. E sei, se quiser ser honesta, que há qualquer coisa de errado com esta criança que eles diz? que tenho dentro de mim.

Reconheço nele um pagão, no momento em que o vejo. É negro conto o ébano, os seus olhos são escuros como azeviche, a sua é grande e sensual, o seu rosto é alegre e compadecido, tudo mesmo tempo. As costas das suas mãos são negras, escuras como a sua face, tem dedos longos e unhas rosadas, as palmas das mãos são castanhas com linhas profundamente vincadas com a sua cor. Se eu soubesse ler a sina. poderia traçar a sua linha de vida naquelas mãos africanas, onde os vincos pareciam sulcos de carroças num campo de terracota. Percebo imediatamente que é um mouro e um núbio e apetece-me mandado sair dos meus aposentos. Mas, ao mesmo tempo- também reconheço que ele é capaz de ser o único médico neste país que possui a sabedoria de que eu preciso.

O poro deste homem, infiéis e pecadores que viraram os seus negros rostos a Deus. tem medicamentos que nós não lemos. Por alguma razão. Deus e os anjos não nos revelaram a ciência que estas pessoas procuraram e encontraram. Eles leram em grego tudo o que os médicos gregos pensavam e depois exploraram por si próprios, com instrumentos proibidos, estudando o corpo humano, como se fosse o de um animal, sem medo ou respeito. Inventam teorias fantásticas com pensamentos proibidos e experimentam-nas, sem superstição. Estão preparados para pensar seja no que for reflectir sobre qualquer coisa, nada para eles é tabu.

Estas pessoas são educadas, enquanto nós santos uns ignorantes, eu sou uma ignorante. Poderia olhar para ele com superioridade, como se proviesse de uma raça de selvagens, como um infiel, condenado ao Inferno, mas preciso de

ter noção do que ele sabe. Se ele me disser.

-Eu sou Catarina, Infanta da Espanha e Rainha Catarina da Inglaterra'- digo eu rudemente, para que ele saiba que está a falar com uma rainha, a filha de uma rainha que derrotou o seu povo.

Ele inclina a cabeça, orgulhoso como um barão.

- Eu sou Yusuf filho de Ismail - diz ele.

- É um escravo?

- Sou filho de um escravo, mas sou um homem livre.

- A minha mãe não permitia a escravatura - digo-lhe. - Dizia que não era permitida pela nossa religião, a nossa religião cristã.

- Apesar disso, mandou o meu povo para a escravidão - retorquiu ele. - Talvez devesse ter tido em consideração que os grandes Princípios e as grandes intenções morrem na fronteira.

-Já que o seu povo não quer aceitar a salvação de Deus, não "'porta o que possa acontecer aos seus corpos mortais

O rosto dele iluminou-se. divertido, e soltou uma deliciosa e irreprimível risada.

- Para nós, importa, acho eu - diz ele. - A minha nação admite a escravatura, mas não a justificamos desse modo. E o mais importante de tudo, não se pode herdara a escravidão. Quando nascemos, seja qual for a condição da nossa mãe, nascemos livres. Essa é a lei, penso que é muito boa.

- Bem. não interessa o que pensa - digo eu rudemente - porque não tem razão!

Ele riu alto, de novo, verdadeiramente divertido, como se tivesse dito alguma coisa engraçada.

-Como deve ser bom ter sempre a certeza de que se tem razão - diz ele. - É possível que vós tenhais sempre a certeza da vossa razão. Mas eu gostaria de vos sugerir, Catarina da Espanha e Catarina da Inglaterra, que por vezes, é

preferível saber as perguntas do que as respostas. Depois disto, hesito.

- Mas eu só preciso das suas respostas - digo - Sabe de medicina.'' Se uma mulher é capaz de conceber um filho ou não? Se ela está gravida?

- Por vezes pode saber-se- diz ele. - Outras vezes, está nas mãos de Alá. louvado seja o Seu santo nome, e às vezes, ainda não sabemos o suficiente para termos a certeza. Ao ouvir o nome de Alá. benzo-me. tão depressa como uma velha que cospe numa sombra. Ele sorri com o meu gesto, sem se perturbar minimamente.

- Que quereis saber? - pergunta ele, com a sua voz repleta de bondade. - O que quereis tanto saber, para terdes necessidade de mandar chamar um infiel para vos aconselhar? Pobre rainha, dei eis estar muito só. se necessitais da ajuda de um inimigo.

Os meus olhos começam rapidamente a encher-se de lágrimas, com a simpatia que há na sua voz. e eu faço-as desaparecer com a mão.

- Perdi um filho - resumo eu. - uma filha. O meu médico diz que ela era um de dois gémeos, e que ainda há outra criança dentro de mim. que haverá um novo parto.

- Então, porque me mandaram chamar?

- Eu quero ter a certeza - digo eu. - Se há outra criança, terei um novo parto, com toda a gente a observar-me. Quero saber se a criança que está dentro de mim. ainda está viva. se é um rapaz, e se irá nascer.

- Por que motivo duvidais da opinião do vosso médico? Afasto os olhos do seu olhar inquiridor e honesto.

- Não sei - digo deforma evasiva.

- Infanta, penso que sabeis.

- Como posso saber'-'

- Com o instinto, próprio de uma mulher.

_ Não o tenho.

Ele sorri com a minha teimosia.

- Bom. nesse caso, mulher sem instintos, o que vos diz a vossa inteligência, já que decidistes negar o que o vosso corpo vos diz?

- Como é que eu sei o que devo pensar? - pergunto eu. - A minha mãe morreu. O meu melhor amigo na Inglaterra... - interrompo-me, antes que diga o nome de Artur. - Não tenho ninguém ciit quem possa confiar. Uma parteira diz uma coisa, outra diz uma coisa diferente. O médico tem a certeza... mas ele quer ter a certe-zci. O rei só o recompensa se as notícias forem boas. Como posso saber a verdade?

- Era capaz de jurar que sabeis, mesmo que não o queirais reconhecer - insistiu ele. com gentileza. - O vosso corpo irá dizer--vos. Suponho que as vossa regras não tenham voltado a surgir.

- Não, já sangrei - admito sem querer- na semana passada.

- Com dor?

- Sim.

- Os vossos seios estão sensíveis'

- Estavam.

- Estão maiores do que o normal?

- Não.

- Sentis a criança? Ela move-se dentro de vós?

- Não consigo sentir nada, desde que perdi a menina.

- Sentis dores, agora? —Já não. Sinto...

- Sim?

- Nada, nao sinto nada.

Ele não diz nada, fica sentado calmamente, respirando com tanta suavidade

que parece um gato preto, deitado ao meu lado, dormindo tranquilamente. Olha para Maria.

- Posso tocar-lhe?

- Não!— diz ela. - Ela é uma rainha. Ninguém pode tocar-lhe. Ele encolhe os ombros.

- Ela é uma mulher, como outra qualquer. Quer ter um filho, como qualquer outra. Porque é que não posso tocar-lhe o ventre, como faria com outra mulher?

- Ela é a rainha! - repete Maria. - Não pode ser tocada. Tem um corpo consagrado.

Ele sorri, como se a verdade sagrada fosse divertida.

-Bem, espero que alguém lhe tenha tocado, se não, não pode existir qualquer criança -responde ele.

-O marido, um rei consagrado - diz Maria com frieza. - Etende cuidado com a maneira como falais. Estes são assuntos sagrados.

- Se não a posso examinar, terei de dizer o que penso, basean-do-me apenas naquilo que vejo. Se ela não pode ser examinada, terá de se contentar com suposições.

Ele tira-se para mim.

- Se fosseis uma mulher normal, e não uma rainha, eu tomaria as vossas mãos nas minhas- Porquê?

- Porque é duro, o que tenho para vos dizer. Devagarinho, estendi as minhas mãos, com os dedos cheios de valiosos anéis. Ele segura-as com delicadeza nas suas mãos escuras, macias como a pele de uma criança. Os seus olhos negros olham os meus sem receio, a sua expressão é terna, comovida.

- Se tendes o período, o mais provável é que o vosso útero esteja vazio - diz ele.

- Não há criançan nenhuma.

Se os vossos seios não estão cheios, então é porque não se estão a encher de leite, o vosso corpo não se está a preparar para alimentar uma criança. Se não sentis a criança mexer dentro de vós, no sexto mês, ou a criança está morta, ou não está aí nenhuma criança. Se não sentis nada, então o mais provável é que não haja nada para sentir.

- O meu ventre continua inchado - afasto a minha capa e mostro-lhe a curva da minha barriga, por baixo da camisa. - Está duro, e eu não sou gorda, estou como estava antes de perder a primeira criança.

- Pode ser uma infecção - diz ele pensativo. - Ou - que Alá não o permita - pode ser um inchaço, um tumor. Ou pode ser um aborto que ainda não foi expelido.

Eu retirei as minhas mãos das dele.

- Estais a rogar-me uma praga!

- Nunca! - diz ele. - Para mim, aqui e agora, vós não sois Catarina, Infanta da Espanha, mas apenas uma mulher que me pediu ajuda. Tenho pena, por vós.

- Que grande ajuda! - Maria de Salinas interrompe-o zangada. - Que grande ajuda que nos destes!

- De qualquer maneira, eu não acredito nisso - digo eu. - E ssa é a sua opinião, o Dr. Fielding tem uma diferente. Porque haveria de acreditar mais em si. do que num bom cristão?

Ele olha para mim durante longo tempo, com um ar terno.

- Gostaria de vos poder dar uma opinião melhor - diz ele mas imagino que haja muitas pessoas que lhe possam dizer mentiras agradáveis. Penso que se deve dizer a verdade. Rezarei por vós.

-Não quero as suas preces pagãs - digo eu rudemente. - Pode ir embora, e leve a sua opinião negativa e as suas heresias consigo.

-Ficai com Deus. Infanta!- diz ele com dignidade, como se eu não o tivesse insultado, fazendo uma vénia. - E uma vez que não quereis as minhas preces ao meu Deus, louvado seja o Seu santo nome, espero, então que, quando

chegar a vossa hora de aflição, o vosso médico esteja certo, e que o vosso Deus esteja convosco.

Eu deixo-o partir, silencioso como um gato negro, pela escadaria secreta, e não digo nada. Consigo ouvir o ruído das suas sandálias nos degraus de pedra, igual ao das passadas abafadas dos criados na minha casa. Ouço o sussurro da sua longa túnica, tão diferente do áspero roçar dos tecidos ingleses. Sinto o ar a perder gradualmente o aroma dele. o odor quente e picante da minha terra.

E quando se foi embora de vez, a porta do andar de baixo foi fechada e ouço Maria de Salinas rodar a chave na fechadura, para a trancar, nessa altura, percebo que só me apetece chorar- não apenas porque ele me deu tão más notícias, mas porque uma das poucas pessoas no mundo que alguma vez me disse a verdade se foi embora.



Primavera de 1510

Catarina não disse nada ao seu jovem marido acerca da visita do médico mouro, nem sobre a opinião negativa que ele. tão honestamente, lhe dera. Não mencionou a visita dele a ninguém, nem mesmo a Lady Margaret Fole. Agarrou-se à sua percepção de destino, ao orgulho e à esperança de que Deus ainda lhe concedia graças especiais, e prosseguiu com a sua gravide/, não admitindo qualquer dúvida, nem sequer a si própria.

Tinha boas razões para o fazer. O médico inglês. Dr. Fielding, continuava confiante, as parteiras não o contradiziam, a corte comportava-se como se Catarina fosse ter uma criança em Março ou Abril. For isso, Catarina atravessou a Primavera, observando os jardins, que ficavam cada vez mais verdes e as árvores que se cobriam de folhas, com um sorriso sereno e a mão pousada suavemente sobre o ventre redondo.

Henrique andava entusiasmado com o iminente nascimento d° seu filho; planeava um grande torneio que se realizaria em Greenwich, mal a criança nascesse. O facto de ter perdido a filha, não o tornara mais cuidadoso e gabava-se. diante de toda a corte, de que uma criança saudável iria nascer,

em breve. Só o tinham aconselhado a não dizer que ia ser um rapaz Dizia a toda a gente que não se importava que o seu primeiro filho fosse príncipe ou princesa - que iria amar esta criança por ser o primogénito, e p° ter surgido, para ele e para a rainha, no auge da sua felicidade

Catarina sufocou as suas dúvidas e. nem sequer a Maria de Salinas foi capaz de dizer que não sentira os pontapés do bebé, que sentia cada vez mais fria, que cada dia se sentia mais distante de tudo. Cada vez passava mais tempo de joelhos, na sua capela, mas peus não falava com ela; mesmo a voz da mãe parecia ter-se silenciado. Percebeu que sentia saudades de Artur - não com o apaixonado desejo de uma jovem viúva, mas porque ele fora o seu amigo mais querido na

Inglaterra e o único a quem ela teria confiado as suas dúvidas naquele momento.

Em Fevereiro, assistiu aos grandes festejos da Terça-Feira de Entrudo, brilhando e rindo para toda a corte. Todos notaram a acentuada curva do seu ventre e viram a sua confiança, enquanto celebravam o início da Quaresma. Mudaram-se para Greenwich, convencidos de que a criança iria nascer logo a seguir à Páscoa.



Vamos para Greenwich para que o meu filho nasça lá. Os quartos estão a ser preparados de acordo com as instruções do "Livro Real", de Sua Alteza, a Avó do Rei - revestidos com tapeçarias com cenas agradáveis e encorajadoras, o chão é coberto com tapetes sobre os quais espalharam ervas aromáticas. Hesito, quando chego à porta e, por trás de mim, os meus amigos erguem os copos de vinho com especiarias. É aqui que cumprirei o meu maior dever para com a Inglaterra, é o momento do meu destino. Foi para isto que nasci e fui criada.

Respiro fundo e entro. A porta fecha-se atrás de mim. Não voltarei a ver os meus amigos, o Duque de Buckingham, o meu querido cavaleiro Edward Howard, o meu confessor, o embaixador espanhol, até o meu filho nascer.

As minhas aias entram comigo. Lady Isabel Bolena coloca um incensário com

um odor doce na minha mesa-de-cabeceira, Lady Isabel e Lady Ana, irmãs do duque de Buckingham, endireitam "ma tapeçaria, uma de cada lado, rindo, enquanto tentam descobrir se ela está mais inclinada para um lado ou para o outro. Maria de Salinas sorri, ao lado da cama, onde penduraram cortinas "oras e escuras. Lady Margaret Pole está a preparar o berço para o bebe. aos pés da cama. Ergue os olhos e ri-se para mim quando entro e eu lembro-me de que ela também é mãe, saberá o que deve ter feito.

- Quero que fiqueis encarregada do infantário real- disse-lhe a impiamente. A minha afeição por ela e a minha sensação de precisar dos conselhos e do carinho de uma mulher mais velha são demasiado fortes para mim.

Noto uma leve agitação e algum divertimento entre as minhas aias. Sabem que normalmente sou bastante formal e que este tipo de escolha devia surgir através do chefe da minha casa. depois de dezenas de pessoas terem sido consultadas.

Lady Margaret sorri para mim.

- Eu sabia que isso ia acontecer- diz ela. falando num tom tão familiar como o meu. -Já estava a contar com isso.

- Sem um convite real?- brinca. Lady Isabel Bolena. - Que vergonha, Lady Margaret! Insinuar-se dessa maneira! Isto faz-nos rir a todas, com o ridículo de imaginar Lady Margaret, uma mulher tão digna, a tentar obter qtialcpier beneficio

-Sei que olhareis por ele, como se fosse vosso filho - digo-lhe baixinho.

Ela pega na minha indo e ajuda-me a deitar. Sinto-me pesada e deselegante e tenho esta dor constante na barriga, que tento esconder.

-Se Deus quiser- diz ela calmamente.

Henrique vem despedir-se. O seu rosto está corado de emoção e a boca treme-lhe; parece mais um rapazinho do que um rei. Pego--lhe nas mãos e beijo-o ternamente na boca.

- Meu amor - digo - rezai por mim. Tenho a certeza de que tudo vai correr bem para nós.

- Irei á Nossa Senhora de Walsingham para agradecer- diz-me novamente. - Escrevi para convento das freiras e prometi-lhes grandes recompensas se elas intercederem por vós. junto de Nossa Senhora. Elas estão a rezar por vós, meu amor. Prometeram-me que iriam estar sempre a rezar.

- Deus é bom - digo eu. Penso por momentos no médico mouro que me disse que não estava grávida e afasto a sua loucura pagã da minha mente. - Este é o meu destino, o desejo da minha mãe e a vontade de Deus.

- Gostaria tanto que a vossa mãe pudesse estar aqui! - diz Henrique desajeitadamente. Não deixo que me veja vacilar.

- Certamente - digo suavemente -, mas tenho a certeza de que ela está a tomar conta de mim. lá do al-Yanna - calo-me. antes de conseguir dizer as palavras -, do Paraíso - digo docemente do Céu.

- Posso trazer-vos alguma coisa? - pergunta. - Antes ir embora, posso ir buscar-vos alguma coisa?

- Não me rio, ao pensar Henrique- que nunca sabe onde está nada - a fazer-me recados, nesta altura.

- Tenho tudo de que necessito - asseguro-lhe -, e as minhas aias cuidarão de mim. Ele endireita-se, numa pose de rei, e olha em volta para elas.

- Sirvam bem a vossa ama - diz com firmeza, voltando-se depois para Lady Margaret. - Por favor, mandai-me chamar imediatamente, se houver notícias, a qualquer hora. de dia ou de noite.

Depois, despede-se muito carinhosamente de mim. com um beijo e. quando sai. elas fecham a porta e eu fico sozinha com as minhas aias. no retiro para o meu parto. listou contente por estar em retiro. O quarto, sossegado e sem muita luz. será o meu porto de abrigo, posso descansar durante algum tempo, na companhia familiar das minhas aias. Posso parar de representar o papel de uma rainha fértil e confiante, e ser eu mesma. Ponho de lado todas as dúvidas. Não quero pensar, nem preocupar-me. Vou esperar, pacientemente, até que o meu filho chegue e então, dá-lo-ei à luz. sem medo e sem gritar. Quero acreditar que esta criança, que sobreviveu ã perda do seu gémeo, será um bebé forte, li eu, que sobrevivi à perda do meu primeiro filho, serei uniu mãe corajosa. Talvez seja verdade que tenhamos conseguido

superar a dor e a perda juntos, esta criança e eu.

Espero. Espero durante todo o mês de Março e peço-lhes que tirem a tapeçaria que cobre a janela, para que eu possa sentir o cheiro da Primavera que anda no ar e ouvir as gaivotas, quando elas gritam por cima das grandes marés, no rio. Nada parece estar a acontecer, nem com o meu bebé, nem comigo. As parteiras perguntam se lenho dores, e eu não tenho. Nada, para além daquela dor maçadora que já tenho há muito tempo. Perguntam se a criança tem dado pontapés, se a sinto dar-me pontapés, mas. para dizer a verdade, não compreendo o que onerem dizer, lilás olham umas para as outras e dizem muito alio. com grande ênfase, que isso é um bom sinal, que um bebé calmo e "'" oebé forte, que ele deve estar a descansar.

Afasto imediatamente de mim a preocupação que tenho sentido desde o início desta segunda gravidez. Não quero pensar no aviso do médico mouro, nem na compaixão do seu rosto. Estou decidida a não me deixar dominar pelo medo, a não correr atrás da desgraça. Mas Abril chega, e eu consigo ouvir o tamborilar da chuva nas janelas,' depois sinto o calor do sol, e continua a não acontecer nada. Os meus vestidos, que me estavam tão apertados na barriga durante o Inverno, estão muito mais largos em Abril e vão-me ficando cada vez mais largos.

Mando sair todas as aias excepto Maria - desaperto o vestido, mostro-lhe a minha barriga e pergunto-lhe se acha que estou a perder cintura.

- Não sei - diz ela, mas posso ver pela aflição do seu rosto que a minha barriga está mais pequena, que é óbvio que não há lá detj tro qualquer criança, pronta para nascer.

Ao fim de mais uma semana, torna-se evidente para toda a gente que a minha barriga está a diminuir, que estou a ficar novamente magra. As parteiras tentam dizer-me que. por vezes, a barriga das mulheres diminui, pouco antes do parto, uma vez que a criança desce, para poder nascer, ou qualquer outra teoria do género. Olho friamente para elas, e sinto que gostaria de poder mandar chamar um médico decente, que me possa dizer a verdade.

- A minha barriga está mais pequena e as minhas regras voltaram, hoje mesmo - digo-lhes sem preconceitos. - Estou a perder sangue. Como vocês sabem, tenho sangrado todos os meses, desde que perdi a menina. Como é que

posso estar grávida?

Elas torcem as mãos e não conseguem dizer nada. Não sabem. Dizem-me que devo fazer estas perguntas ao respeitável médico do meu marido. Eora ele a dizer, em primeiro lugar, que eu tinha outra criança, não elas. Elas nunca haviam dito que eu estava grávida, haviam sido chamadas apenas para me assistir no parto. Não haviam sido elas quem dissera que eu estava à espera de tuna criança.

- Mas o que é que pensaram, quando ele disse que havia um gémeo? - pergunto. - Não é verdade que concordaram, quando ele disse que eu tinha perdido uma criança mas que mantivera a outra!1 As mulheres abanaram a cabeça, não sabiam.

- Devem ter pensado alguma coisa! - digo com impaciência. -Viram-me perder o bebé, viram a minha barriga continuar grande. O que pode ter causado isso, a não ser outra criança?

- A vontade de Deus! - diz uma delas, desanimadamente.

-Amém!- digo eu, e custa-me bastante dizê-lo.



-Quero falar outra vez com aquele médico - disse Catar calmamente, a Maria de Salinas.

Vossa Graça, pode dar-se o caso de não estar em Londres, viaja com o séquito de um conde francês. Pode já ter partido.

_ Tentai descobrir se ele ainda está em Londres, ou quando esperam que regresse - disse a rainha. - Não deveis dizer a ninguém que fui eu que perguntei por ele.

Maria de Salinas olhou com simpatia para a sua ama.

- Quereis que ele vos aconselhe sobre o que deveis fazer para terdes um filho? - perguntou em voz baixa.

- Não há nenhuma universidade na Inglaterra onde se estude a medicina! -

disse Catarina com amargura. - Não há uma única que ensine línguas. Nenhuma ensina astronomia ou matemática, geometria, geografia, cosmografia, nem sequer há o estudo dos animais ou das plantas. As universidades da Inglaterra têm tanta utilidade como um mosteiro, cheio de monges que passam o seu tempo a colorir as margens dos textos sagrados.

Maria de Salinas deu um pequeno suspiro, chocada com a audácia de Catarina.

- A Igreja diz...

- A Igreja não precisa de médicos competentes. A Igreja não precisa de saber como se concebem os filhos - interrompeu Catarina. - A Igreja pode continuar com as revelações dos santos, não precisa de nada, para além de escrituras. A Igreja é formada por homens que não estão preocupados com as doenças e as dificuldades das mulheres. Mas para aqueles que estão a fazer a sua peregrinação, hoje, aqueles que vivem no mundo, especialmente as mulheres - é preciso um pouco mais.

- Mas vós haveis dito que não aceitaríeis sabedoria pagã. Disseste-lo mesmo, ao próprio médico, e ainda, que a vossa mãe tivera razão ao fechar as universidades dos infiéis.

- A minha mãe teve seis filhos - respondeu Catarina zangada. - Mas eu digo-vos, se ela tivesse encontrado um médico que pudesse salvar o meu irmão, tê-lo-ia chamado, nem que ele tivesse sido ensinado no próprio Inferno. Ela errou ao voltar as costas à sabedoria dos Mouros. Estava enganada. Nunca pensei que ela fosse perfeita, mas agora, a minha consideração por ela diminuiu. Cometeu um grande erro ao expulsar os sábios professores mouros, juntamente com as suas heresias.

- A própria Igreja disse que os seus ensinamentos são uma heresia - fez Maria notar. - Como poderia existir uma coisa sem a outra?

- Tenho a certeza de que não sabeis nada sobre o assunto -disse a filha de Isabel, quando se sentiu encurralada. - Não é um tema que deva ser discutido por vós e, além disso, já vos disse o que quero que façais.



O mouro. Yusuf não se encontra em Londres, mas as pessoas da casa onde se costuma alojar dizem que já reservou aposentos pois vai regressar dentro de uma semana. Tenho de ter paciência Vou esperar, no meu retiro, e tentar ser paciente.

Ele é muito conhecido, informa a criada de Maria. As suas i e vindas são um acontecimento naquela rua. Os africanos são raros na Inglaterra que se transformam num espectáculo - e ele é um homem bonito, generoso, sempre a dar pequenas moedas, por serviços insignificantes.

Contaram à criada de Maria que ele exige sempre água limpa no quarto, para se lavar, que se lava todos os dias, várias vezes ao dia, e que - maravilha, das maravilhas - toma banho, três ou quatro vezes por semana, usando sabão e toalhas, espalhando água pelo chão todo, uma grande inconveniência para, as criadas da casa e um perigo para a sua própria saúde.

Não consigo deixar de rir quando imagino aquele mouro, alto e fastidioso, dobrando-se todo para entrar numa banheira, ansioso por um banho de vapor, um banho tépido, uma massagem, um chuveiro frio e depois, um longo e meditativo descanso, fumando o seu cachimbo de água, enquanto bebe um chá de menta, forte e doce. Faz-me recordar o meu horror, quando cheguei a Inglaterra e descobri que os Ingleses quase nunca tomam banho e só lavam as pontas dos dedos, antes de comer. Parece-me que ele foi mais inteligente do que eu - trouxe consigo o amor pela sua terra, e reconstrói sua "casa", em qualquer lugar onde esteja. Na minha ânsia de ser Rainha Catarina da Inglaterra, desisti de ser Catarina da Espanha.



Trouxeram o mouro, a coberto da escuridão, até ao quarto no qual Catarina estava em retiro. À hora combinada, ela mandou sair as aias, dizendo que queria ficar só. Estava sentada na sua cadeira junto da janela de onde tinham retirado as tapeçarias para deixar entrar o ar. Quando entrou, a primeira coisa que ele viu, quando ela se levantou, foi a sua esguia silhueta, iluminada pela luz das velas contrastando com a escuridão da janela. Ela notou o pequeno gesto de simpatia no rosto dele.

- Não havia criança nenhuma.

- Não - disse ela. - Amanhã vou sair do meu retiro.

- Tendes dores?

- Nenhuma.

- Bem, fico contente por isso. Estais a sangrar?

- Tive o meu período normal, na semana passada. Ele assentiu com a cabeça.

- Nesse caso, deveis ter tido uma doença que já passou – disse ele, - Deveis estar em condições de conceber outra criança. Não deveis perder a esperança.

- Eu não desespero - disse ela secamente. - Nunca perco a esperança. Foi por isso que o mandei chamar.

- Quereis conceber uma criança, o mais depressa possível -calculou ele.

- Sim.

Ele ficou a pensar durante alguns momentos.

- Bem. Infanta, uma vez que já houve uma criança, mesmo que não a tenhais conseguido levar até ao termo, sabemos que vós e o vosso marido são férteis. Isso já é bom.

- Sim - disse ela, surpreendida com a ideia. Ficara tão deprimida com o aborto, que nem se lembrara que a sua fertilidade tinha ficado comprovada. - Mas por que razão falais da fertilidade do meu marido?

O mouro sorriu.

- É preciso um homem e uma mulher para conceber uma criança.

- Aqui, na Inglaterra, pensam que é só a mulher.

- Pois. mas nisto, como em tantas outras coisas, estão errados. Todo o bebé necessita de duas partes: o sopro da vida que vem do homem e a dádiva da mãe, a carne.

- Dizem que. quando se perde uma criança, a culpa é da mulher, que talvez ela tenha cometido um grande pecado.

Fie franziu a testa.

- E possível - anuiu - mas pouco provável. Por essa ordem de ideias, como é que as assassinas poderiam alguma vez dar à luz? Porque teriam animais inocentes de ter abortos? Penso que, daqui a algum tempo, vai ser possível descobrir que há humores e infecções que provocam o aborto. Eu não culpo as mulheres, isso não faz qualquer sentido para mim.

- Também dizem que se uma mulher é estéril, é porque o seu casamento não foi abençoado por Deus.

- Falais do vosso Deus — respondeu ele, racionalmente. -

Credes que Ele seria capaz de tornar uma mulher infeliz, só para provar que é Ele quem decide? Catarina não respondeu.

- Todos me irão culpar, se eu não conseguir dar à luz urna criança viva - observou ela, muito baixinho.

- Eu sei - disse ele -, mas a verdade é esta: tendo tido urna criança, mesmo que se tenha perdido, há todos os motivos para pensar que podeis ter outra. E creio que não deve existir qualquer razão para que não possais conceber novamente.

- Tenho de conseguir levar a próxima criança até ao fim do tempo.

- Se pudesse examinar-vos, poderia saber mais. Ela abanou a cabeça.

- Não é possível.

O olhar que ele lhe lançou era alegre.

-Ah, vocês, que selvagens! - disse suavemente. Divertida, ela soltou um pequeno suspiro como se tivesse fie do chocada.

- Esquece-se de quem é!

- Nesse caso. mandar-me embora. Isto fê-la parar.

- Pode ficar - disse ela -, mas é claro que não me pode observar.

- Nesse caso, vamos pensar no que vos poderá ajudar a conceber e a ter uma criança - disse. - O vosso corpo precisa de estar forte. Costumais andar a cavalo?

- Sim.

- Podeis cavalgar á vontade antes de conceber, mas depois, deveis usar uma liteira. Caminhai todos os dias, nadai, se possível. Podereis conceber uma criança, cerca de duas semanas após o fim das vossas regras. Descansai, nesses dias, e fazei os possíveis por estardes com o vosso marido, nessa altura. Tentai comer moderadamente em cada refeição e tentai beber o mínimo possível daquela maldita cerveja.

Catarina sorriu, por ver nele o reflexo dos seus próprios preconceitos.

- Conhece a Espanha?

- Nasci lá. Os meus pais fugiram de Málaga quando a vossa mãe trouxe a Inquisição e compreenderam que iriam ser tortura até à morte.

- Lamento - disse ela, sentindo-se pouco à vontade.

- Mas, voltaremos, está escrito - disse ele num tom seguro despreocupado.

- Devo avisá-lo de que isso não vai acontecer.

- Eu sei que vai. Eu próprio vi a profecia. Ficaram ambos calados.

- Devo dizer-vos o que aconselho? Ou é melhor ir já embora? perguntou ele, como se a resposta lhe fosse indiferente.

- Diga - disse ela - e depois vou pagar-lhe, e pode ir embora. Nascemos para ser inimigos, não o deveria ter mandado chamar.

-Somos ambos espanhóis, ambos amamos o nosso país. Ambos servimos a Deus. Talvez tenhamos nascido para ser amigos. Ela teve de se controlar para não lhe dar a mão.

- Talvez - disse com aspereza, virando a cabeça -, mas fui ensinada a odiar

o seu povo e a sua fé.

- A mim, ensinaram-me a não odiar ninguém - disse ele gentilmente. - Talvez seja essa a primeira coisa que eu vos deva ensinar, antes de tudo.

- Ensine-me apenas o que fazer para ter um filho - repetiu.

- Muito bem. Bebei apenas água que tenha sido fervida, deveis comer toda a fruta e os legumes que puderdes encontrar. Tendes aqui legumes para fazer saladas?



Por momentos volto ao jardim de Ludlow e ele olha para mim. com os seus olhos brilhantes.

- Acetaria?

- Sim, salada!

- Que é isso, exactamente?



Ele reparou no brilho da face da rainha.

- Em que estais a pensar?

- No meu primeiro marido. Disse-me que eu podia mandar vir Jardineiros que plantassem legumes para salada, mas nunca o fiz.

- Eu tenho sementes - disse surpreendentemente o mouro. - Posso dar-vos algumas e podereis cultivar os legumes de que necessitais.

-Tem sementes?

- Sim, tenho.

- E seria capaz de mas dar... de mas vender?

- Sim, seria capaz de vos dar as sementes. Por instantes emudeceu, perante

a generosidade dele.

- É muito bondoso - disse, por fim. Ele sorriu.

- Somos ambos espanhóis e estamos muito longe de casa. Será que isso não é mais importante do que o facto de eu ser negro e vós serdes branca? De que eu adore o meu Deus virado para

Meca e de vós adorardes o vosso voltada para o Ocidente?

- Eu sou filha da religião verdadeira e vos sois um infiel - disse Catarina com menos convicção do que habitualmente.

- Somos ambos pessoas de fé - disse ele calmamente.

- Os nossos inimigos deveriam ser aqueles que não têm fé, nem em Deus. nem nos outros, nem neles próprios. As pessoas que deveriam ter de enfrentar a nossa cruzada, são aqueles que enchem o mundo de crueldade, sem outro motivo, a não ser quererem alcançar o poder para si mesmos. Há suficiente pecado e maldade contra que lutar; não há razão para se pegar em armas contra povos que crêem num Deus misericordioso e que tentam levar uma vida boa.

Catarina não sabia o que responder. Por um lado, estavam os ensinamentos da sua mãe, por outro, estava a bondade simples que irradiava daquele homem.

- Não sei! - disse, finalmente, e foi como se as próprias palavras a tivessem libertado. - Não sei, teria de colocar a Deus essa questão, teria de Lhe pedir que me guiasse. Não quero fingir que sei.

- Ora, esse é o verdadeiro princípio da sabedoria - disse ele, com gentileza. - Disso, pelo menos, tenho a certeza. Reconhecer que não sabemos é perguntar com humildade, não é responder com arrogância. Este é o princípio da sabedoria. Agora, vamos ao que e importante. Vou para casa, e farei uma lista com as coisas que não deveis comer e enviarei alguns medicamentos para fortificar os vossos humores. Não permitais que vos coloquem ventosas, não deixeis que usem sanguessugas e não permitais que vos convençam a tomar quaisquer venenos ou poções. Sois uma mulher jovem que tem um marido jovem. O bebé há-de chegar.

Foi como uma bênção.

- Está seguro? - disse ela.

- Tenho a certeza - respondeu ele. - E muito em breve.

Palácio de Greenwich, Maio de 1510



Mando chamar Henrique, devo ser eu a dizer-lhe. Ele vem sem grande vontade. Encheram-no de receios em relação aos segredos das mulheres, das coisas que só dizem respeito às mulheres e não gosta de entrar num quarto que foi preparado para um parto. Mas, há mais qualquer coisa: uma falta de carinho, que noto no seu rosto, voltado para outro lado. É o modo com que evita o meu olhar. Mas não posso estar a confrontá-lo em relação à sua frieza para comigo, quando tenho tão más notícias para lhe dar antes. Lady Margaret deixa-nos a sós, fechando a porta atrás de si. Sei que vai impedir que alguém fique lá fora, a tentar ouvir. Todos irão saber, em breve.

- Meu esposo, lamento, mas tenho tristes notícias para vos, dar - digo eu. Encara-me com um ar preocupado.

- Percebi que não devia ser nada de bom, quando Lady Margaret me foi chamar. Não resolve nada ficar irritada, terei de me controlar, bem como a ele.

- Não estou grávida - digo eu abruptamente. - O médico deve ter-se enganado. Só havia uma criança, e essa, perdi-a. Este retiro foi um erro. Amanhã, regresso ã corte.

- Como é que ele se pode enganar numa coisa destas?

Eu encolho ligeiramente os ombros. Apetecia-me dizer: porque ele e um ignorante e um vaidoso e trabalha para vós. E vós rodeais--vos de pessoas que só vos dão as notícias boas, pois têm medo de vos dar cts más. Mas, em vez

disso, digo numa voz neidra: "Deve ter-se enganado".

-Vou fazer figura de idiota.'- explodiu ele. - Estivestes fora da coite durante quase três meses, e não há nada para o justificar.

Durante alguns momentos não consegui dizer nada. Não adiantava desejar estar casada com um homem que se preocupasse com mais alguma coisa, para além da sua aparência, um homem que pudesse pensar em mim, em primeiro lugar.

~ Ninguém vai pensar absolutamente nada - digo eu com firmeza. - Se disserem alguma coisa vai ser que eu é que sou uma idiota. Por não saber se estava ou não grávida. Mas, pelo menos, tivemos um bebé, o que significa que poderemos ter outro.

- A sério?- pergunta, já esperançado. - Mas porque será que a perdemos? Deus está desagradado connosco? Teremos cometido algum pecado? Isto é um sinal de que Deus está zangado.

Mordo o lábio inferior para não lhe repetir a pergunta do mouro: "Será que Deus é tão vingativo ao ponto de matar uma criança inocente para castigar os pais por um pecado tão venial que eles nem sabiam que tinham cometido?"

- A minha consciência está tranquila - digo com firmeza

- A minha também! - diz ele rapidamente, depressa de mais Mas a minha consciência não está tranquila. Nessa noite, ajoelho-me em frente da imagem do senhor crucificado e. ao menos desta vez, rezo a sério, não sonho com Artur nem recorro ã memória que tenho da minha mãe. Fecho os olhos e rezo.

"Senhor, foi uma promessa feita a um moribundo", digo lentamente. "Ele pediu-mo. Era para o bem da Inglaterra. Para guiar o reino e o novo rei nos cantinhos da Igreja. Era para proteger a Inglaterra dos Mouros e do pecado. Sei que me trouxe riqueza e o trono, mas não o fiz por interesse. Se é um pecado, então, mostrai--mo agora, Senhor. Se eu não devo ser sua mulher, dizei-mo agora. Porque eu creio que procedi bem, julgo que estou a fazer o que é certo. E acredito que não me iríeis tirar o meu filho, só para me castigar por isso. Creio que sois um Deus de misericórdia e penso que fiz o que é certo, por Artur, por Henrique, pela Inglaterra e

por mim."

Sento-me nos calcanhares e espero durante bastante tempo, uma hora. talvez mais. para o caso de o meu Deus, o Deus da minha mãe, querer falar comigo, na Sua raiva. Mas Ele não fala. Por isso, vou continuar a assumir que estou a fazer o que é certo. Artur tinha razão quando me exigiu a promessa, eu estava certa quando disse a mentira, a minha mãe estava certa quando me disse que eu seria Rainha da Inglaterra, por vontade de Deus e, aconteça o que acontecer, nada mudará isso.

Lady Margaret Pole vem sentar-se junto de mim. esta noite, a minha última noite no retiro, e senta-se no banco, do outro lado da mrttseira, suficientemente perto para que não nos possam ouvir.

- Tenho uma coisa para vos dizer- diz ela.

Olho para ela, e o seu rosto está tão calmo, que percebo imediatamente que alguma coisa má aconteceu

- Dizei - digo imediatamente.

Ela faz um pequeno gesto de desgosto.

- Lamento trazer-vos o diz-que-diz da corte.

- Muito bem, falai.

- É sobre a irmã do Duque de Buckingham.

- Isabel? - pergunto-lhe, pensando na bela jovem que viera ter comigo quando soube que eu ia ser rainha e me pediu para ser minha dama de companhia.

- São, Ana.

Aceno que sim, com a cabeça. É a irmã mais nova de Isabel, uma rapariga de olhos negros, com uni jeito brincalhão e que adora a companhia masculina. É muito popular na corte, entre os rapazes mas - pelo menos quando estou presente - comporta-se com toda a graça recatada de uma jovem das melhores famílias do país, ao serviço da rainha.

- O que se passa com ela?

- Tem andado com William Compton, sem dizer a ninguém. Têm tido encontros. O irmão dela está muito aborrecido. Contou ao marido dela e ele ficou furioso por ela estar a pôr em risco a sua reputação e o nome dele, num namorico com o amigo do rei.

Penso no assunto por alguns momentos. William Compton é um dos mais insensatos amigos de Henrique e os dois são inseparáveis.

- William só deve estar a divertir-se - digo eu. - É um quebra--coraçòes.

- Acontece que deram por falta dela durante um espectáculo de "lascaras, uma vez, durante o jantar e outra vez, o dia inteiro. Viando a corte estava a caçar. Abano a cabeça, em concordância. Isto já é muito mais sério.

-Há algum indício de que eles sejam amantes? Bia encolhe os ombros.

~O irmão dela. Edward Stafford, está furioso, naturalmente. Foi queixar-se a Compton e houve uma discussão. O rei defendeu Compton.

Aperto os lábios para não deixar escapar uma crítica, de tão irritada que fico. O Duque de Buckingham é um dos mais antigos amigos tia família Tudor, com enormes propriedades e muitos cria dos. Foi ele que me recebeu, juntamente com o príncipe Henrique ha tantos anos, e agora, é considerado pelo rei. como o homem mais importante do país. Tem sido um bom amigo para mim desde essa época. Mesmo quando eu tinha sido desprezada, recebia sempre dele um sorriso e uma palavra bondosa. Todos os anos. no Verão, me fazia uma oferta de caça e havia semanas em que essa era a única carne que víamos. Henrique não pode discutir com ele. como se ele fosse um comerciante e Henrique um rude lavrador. Estamos a falar do rei e do mais importante homem de estado da Inglaterra. O velho rei Henrique não teria sequer conseguido conquistar o trono, sem a ajuda de Buckingham. Um desentendimento entre os dois não é um assunto privado, é um desastre nacional. Se Henrique tivesse um mínimo de bom senso não se teria envolvido nessa discussão entre os seus insignificantes cortesãos. LadyMargaret acena-me com a cabeça, não preciso de lhe dizer nada, compreendeu que desaprovo.

- Será que não posso deixar a corte por um momento sem que as minhas aias saltem pelas janelas dos seus quartos para correr atrás de homens?

Ela inclina-se para a frente e dá-me uma pequena palmada na mão.

- Parece que não. É uma corte jovem e insensata, Vossa Graça, e precisam de vós para os controlar. O rei disse palavras muito desagradáveis ao Duque, e este está muito ofendido.

William Compton diz que não falará do assunto com ninguém, por isso todos pensam o pior. Ana foi praticamente aprisionada pelo marido, Sir George, e nenhuma de nós a viu hoje. Desconfio que quando sairdes do vosso retiro ele não a vai deixar continuar ao vosso serviço e aí. a vossa honra também será envolvida - faz uma pausa. - Achei que devíeis saber agora, em vez de serdes surpreendida por tudo isto, amanhã de manhã. Embora seja contra o meu feitio ser a portadora deste tipo de histórias.

- É ridículo! - digo eu. - Tratarei do assunto amanhã quando sair do retiro. Mas, de facto, o que estão eles todos a pensar? Que isto é o recreio duma escola? William devia ter vergonha e surpreende--me que Ana tenha esquecido a sua posição para andar atrás dele. E quem é que o marido dela pensa que é? Algum cavaleiro de Camelot, para a prender numa torre?



A rainha Catarina saiu do seu retiro sem aviso e regressou aos seus aposentos habituais no Palácio de Greenwich. Não poderia haver cerimónias religiosas para assinalar o seu regresso á vida normal, uma vez que nenhuma criança tinha nascido. Não iria haver um baptizado, pois não havia qualquer criança para baptizar. Catarina abandonou o seu quarto escuro sem que se comentasse, como se ela tivesse tido alguma doença secreta e vergonhosa e todos agiam como se ela tivesse estado fora apenas algumas horas, em vez dos quase três meses de ausência.

As suas damas de companhia, que se tinham habituado a uma vida descansada, durante o retiro da rainha, apareceram relativamente depressa nos seus aposentos e as criadas apressaram-se a espalhar ervas frescas e a colocar velas novas.

Catarina detectou vários olhares furtivos entre as suas damas e presumiu que, também elas, tinham a consciência pesada devido a maus comportamentos durante a sua ausência, mas depois reparou que as conversas sussurradas paravam sempre que levantava a cabeça. Era claro que alguma coisa se passara, mais grave do que o problema de Ana, e

tornava-se ainda mais evidente que ninguém lhe queria dizer nada.

Fez sinal a uma das aias. Lady Madge, para que se aproximasse.

- Lady Isabel não vem ter connosco esta manhã? - perguntou, quando reparou que não havia sinal da mais velha das irmãs Stafford.

A rapariga corou até às orelhas.

- Eu não sei - gaguejou. - Penso que não.

- Onde é que ela está? - perguntou Catarina. A rapariga olhou desesperadamente em volta, à procura de ajuda, mas todas as outras damas na sala ficaram, subitamente, muito interessadas na costura, nos seus bordados ou nos seus livros. Isabel Bolena dava as cartas, prestando enorme atenção ao que fazia, como se tivesse apostado uma fortuna naquele jogo.

- Não sei onde ela está - confessou a rapariga.

- Talvez na casa de banho? - sugeriu Catarina. - Nos aposentos do Duque de Buckingham?

Parece-me que ela se foi embora - disse a rapariga rudemente. Ouviu-se um ligeiro arfar e depois ficou tudo em silêncio.

- Foi-se embora? - Catarina olhou em volta. - Alguém me pode dizer o que se passa? -perguntou, num tom razoavelmente alto. - Para Onde foi Lady Isabel? E como é que saiu sem a minha autorização?

A rapariga deu um passo atrás. Nesse momento, Lady Margaret Pole entrou na sala.

- Lady Margaret - disse Catarina alegremente -, Madge está dizer-me que Lady Isabel deixou a corte sem a minha autorização sem se despedir de mim. O que se passa?

Catarina sentiu o seu sorriso divertido gelar no seu rosto quan do a sua velha amiga abanou ligeiramente a cabeça e Madge ali viada, voltou para o seu lugar.

- O que se passa? - perguntou Catarina, de uma maneira mais calma.

Embora parecesse que não se tinham movido, todas as damas se inclinaram para a frente, para ouvirem o que Lady Margaret tinha para dizer, acerca dos últimos acontecimentos.

- Creio que o rei e o Duque de Buckingham tiveram uma forte discussão - disse Lady Margaret suavemente. - O Duque abandonou a corte e levou ambas as irmãs com ele.

- Mas elas são minhas damas de companhia, estão ao meu serviço. Não podem ir embora sem minha autorização.

- Foi um grave erro, da parte delas, de facto - disse Margaret. Alguma coisa, na maneira como ela torcia as mãos no regaço e no seu olhar, tão fixo e calmo, avisaram Catarina de que não devia insistir.

- Então o que têm feito durante a minha ausência? - perguntou Catarina, voltando-se para as damas, na tentativa de aliviar o ambiente da sala.

De repente, ficaram todas com um ar submisso.

- Aprenderam canções novas? Dançaram em algum baile de máscaras? - perguntou Catarina.

- Eu aprendi uma canção nova - informou uma das raparigas. - Quereis que a cante?

Catarina concordou e imediatamente uma das outras mulheres pegou num alaúde. Parecia que todas tinham pressa em distraí-la. Catarina sorriu e foi marcando o ritmo com a mão. no braço da cadeira. Percebia, como mulher nascida e criada numa corte de conspiradores, que havia, de certeza, qualquer coisa de muito errado.

Ouviu-se o ruído de pessoas que se aproximavam e os guardas de Catarina abriram a porta para o rei e a sua corte passarem. As damas levantaram-se, sacudiram as saias e morderam os lábios, para os tornar vermelhos, brilhando de ansiedade. Alguém riu alegremente sem motivo. Henrique entrou, ainda com as roupas de mon tar, rodeado pelos amigos, de braço dado com William Compton.

Catarina reparou, mais uma vez, que havia alterações no comportamento do marido. Quando entrou, não a abraçou, nem a e jou na cara. Não veio até ao centro da sala para lhe fazer uma vénia, entrou, agarrado ao seu melhor amigo, parecendo que se escondiam um atrás do outro, como rapazinhos apanhados a fazer uma asneira: meio envergonhados, meio fanfarrões. Vendo o olhar crítico de Catarina, Compton afastou-se atrapalhado, e Henrique cumprimentou a esposa sem entusiasmo, com olhos baixos, pegando--lhe na mão e beijando-a na face, não na boca.

-Já estais bem, agora? - perguntou ele.

- Sim - disse calmamente. - Estou muito bem. E vós, como estais, senhor?

- Oh! - disse ele despreocupadamente. - Estou bem. Tivemos uma grande caçada esta manhã.

Gostaria que pudésseis ter estado connosco. Parece-me que chegamos até metade do caminho para Sussex.

- Amanhã irei - prometeu-lhe Catarina.

- Será que já estais em condições de o fazer?

- Estou perfeitamente bem - repetiu. Ele pareceu aliviado.

-Pensei que iríeis ficar doente durante muitos meses - deixou ele escapar.

Sorrindo, ela abanou a cabeça, tentando imaginar quem lhe teria dito aquilo.

- Vamos quebrar o jejum - disse ele. - Estou esfomeado. Pegou na mão dela e conduziu-a para o salão principal. A corte seguiu, informalmente, atrás deles. Catarina podia ouvir o zunzum muito excitado dos sussurros.

Inclinou a cabeça para o lado de Henrique para que ninguém ouvisse as suas palavras:

- Ouvi dizer que tem havido algumas discussões na corte.

- Oh, já vos falaram da nossa pequena tempestade? - disse ele. Falava alto de mais e estava demasiado jovial. Estava a representar o papel de um

homem que não tinha qualquer peso na consciência. Lançou uma risada por cima dos ombros e procurou alguém que se juntasse ao seu divertimento forçado. Meia dúzia de homens e mulheres começaram a sorrir, ansiosos por compartilhar o seu bom humor. - É importante, mas, ao mesmo tempo, não tem importância nenhuma. Tive uma discussão com o vosso grande amigo. o Duque de Buckingham. Ele deixou a corte, num acesso € fúria! - Voltou a rir-se, ainda com mais vontade, olhando de lado para ela. para ver se ela se ria, tentando avaliar se já saberia de tudo.

- A sério? - perguntou ela friamente.

- Ele insultou-me - disse Henrique, mostrando um ar ofendido. Pode ficar longe, até estar preparado para me pedir desculpa.

É um homem tão vaidoso, vós sabeis. Acha sempre que sabe tudo E a sua irritante irmã. Isabel, também pode ir.

- Ela é uma boa clama de companhia e uma amiga generosa para mim - observou Catarina. - Estava à espera que me viesse cumprimentar hoje. Não tenho qualquer problema com ela nem com a irmã, Ana. Penso que vós também não!

- Em todo o caso, estou muito desagradado com o irmão delas — disse Henrique. - Podem ir

todos embora.

Catarina calou-se e respirou fundo:

- Ela e a irmã fazem parte do meu séquito - observou. - tenho o direito de escolher e despedir asm minhas próprias aias.

Ela viu um rápido clarão do seu temperamento infantil.

- Deveis fazer-me o favor de as mandar embora do vosso séquito! Sejam quais forem os vossos direitos. Espero não ter de discutir direitos convosco!

Por trás deles, a corte ficou imediatamente em silêncio. Todos queriam ouvir a primeira discussão real.

Catarina soltou a mão e deu a volta à mesa principal, para ocupar o seu lugar. Isso deu-lhe uns minutos para se lembrar que devia acalmar-se. Quando ele veio para o seu lugar, junto do dela, ela respirou fundo e sorriu para ele:

- Como quiserdes - disse serenamente. - Não tenho grandes preferências nesse assunto. Mas, como posso organizar uma corte como deve ser, se despeço jovens mulheres de boas famílias que não fizeram nada de errado?

- Não tendes estado aqui, por isso não fazeis ideia do que ela fez ou não! - Henrique andava à procura de um motivo para se queixar, e descobriu um. Fez um gesto com a mão, autorizando a corte a sentar-se, e deixou-se cair na sua cadeira:

- Vós haveis decidido encerrar-vos, longe daqui, durante meses. Que podia eu fazer sem vós? Como é que quereis que os assuntos possam ser bem geridos se vos ides embora, deixando tudo para trás?

Catarina abanou a cabeça, mantendo uma expressão absolutamente serena. Tinha completa noção de que os olhos de toda a corte estavam postos nela, como vidro a arder sobre papel fino:

- Não estive fora por divertimento - observou ela.

- Tem sido muito desagradável para mim - disse ele, pegando nas palavras dela -, muito desagradável. Está tudo muito bem para vós, ficar de cama durante semanas a fio, mas como pode a corte ser dirigida sem uma rainha? As vossas damas ficaram sem disciplina, ninguém sabia como se deviam fazer as coisas, eu não vos podia ver tive de dormir só... - calou-se.

Catarina compreendeu, tardiamente, que a jactância dele escondia uma genuína sensação de sofrimento. No seu egoísmo, transformara o longo período de dor e receio que ela tivera de suportar numa dificuldade para si próprio. Chegara à conclusão de que o retiro dela, sem resultado visível, fora uma forma voluntária de o abandonar, de o deixar sozinho a dirigir uma corte desequilibrada; aos olhos dele, ela deixara-o e desapontara-o.

- Parece-me que, no mínimo, deveis fazer o que vos peço — disse ele rabugento. - Já tive problemas suficientes, nestes últimos meses. Tudo isto

tem um mau reflexo na minha pessoa, obrigando--me a fazer papel de idiota. E vós não me ajudastes em nada.

- Muito bem - disse Catarina concordando. - Mandarei Isabel embora, juntamente com a irmã dela, Ana, já que mo pedis. Com certeza.

Henrique recuperou o sorriso, como se o sol estivesse a aparecer por detrás das nuvens.

- Está bem, e agora que vós regressastes, tudo pode voltar ao normal.



Nem uma palavra para mim, nenhuma palavra de conforto, nenhuma compreensão. Eu podia ter morrido, a tentar trazer aquela criança ao mundo, sem esta criança tenho de enfrentar a tristeza, a pena e um assombroso medo do pecado. Mas ele nem sequer pensa em mim. Tenho sempre um sorriso, para responder ao dele. fã sabia, quando casei, que ele era um rapaz egoísta e também sabia que se iria tornar um homem egoísta. Impus a mim mesma a tarefa de o guiar e de o ajudar a ser um homem melhor, o melhor que ele consiga ser. E natural que surjam ocasiões em que eu pense que ele não e o homem que devia ser. E quando essas ocasiões surgem, como agora, tenho de reconhecê-lo como um erro meu, por não o ter sabido guiar. Tenho de lhe perdoar.

Sem o meu perdão, se eu não esticar a minha paciência até ao limite, o nosso casamento será mais pobre. Está sempre pronto a apaixonar-se de uma mulher que se preocupe com ele -, aprendeu isso com a avó. E eu, que Deus me perdoe, penso mais depressa no marido que perdi, do que naquele que tenho. Ele não é o homem que

Artur era, e nunca será o rei que Artur teria sido, mas é o meu mari do e o meu rei e devo respeitá-lo. Na verdade: respeitá-lo-ei, quer ele mereça quer não.



A corte estava subjugada durante o pequeno-almoço, e poucos

conseguiam afastar os olhos da mesa principal onde, por baixo d grande dossel do poder, sentados nos seus tronos, o rei e a rainha conversavam, parecendo já reconciliados.

- Mas será que ela já sabe? - segredava um cortesão a uma damas de Catarina.

- E quem seria capaz de lhe contar? - respondeu ela. - Se Ma de Salinas e Lady Margaret ainda não lhe disseram, então não sabe. Era capaz de apostar os meus brincos em como não sabe.

- Apostado - disse ele. - Aposto dez xelins em como ela de cobre.

- Até quando?

- Amanhã - disse ele.



Juntei mais uma peça ao puzzle, quando fui verificar as co tas relativas às semanas em que estivera em retiro. Nos primeiros dias em que estive ausente, não houvera despesas extraordinárias Mas depois, as contas dos divertimentos haviam começado a crescer. Havia contas de cantores e actores que ensaiavam as celebrações em honra do bebé que ia nascer, contas para pagar organista, aos elementos do coro. de cortinados e tecido para fazer flâmulas e estandartes, criadas extra para polir a pia baptismal. de ouro. Depois, havia pagamentos de fatos, em verde Lincoln, para disfarces, a cantores que deviam cantar debaixo da janela de Lady Ana, a um escrivão que escreveu a letra da no canção do rei, ensaios para um novo espectáculo com baile,a realizar no Dia de Maio, e fatos de cena para três damas que iriam actuar, uma das quais Lady Ana, que representaria o papel de Beleza Inatingível.

Levantei-me da mesa onde tinha estado às voltas com ***os*** *papéis e fui até à janela, olhar para baixo, para o jardim. Pinha* ***sido*** *monta da uma arena para a luta, e os jovens da corte estavam apenas em mangas de camisa. Henrique e Charles Brandan estavam presos nos braços um do outro, como ferreiros numa feira. Enquanto eu estava a olhar, Henrique fez o amigo cair, atirou-o ao chão e deixou cair* ***todo*** *o seu peso em cima dele, para o manter no chão. A princesa Mary aplaudiu e a corte ovacionou-o.*

Afastei-me da janela. Comecei a pensar se Lady Ana teria provado que era realmente inatingível. Fiquei a imaginar quão felizes é ***que*** *eles teriam estado na manhã do Dia de Maio, enquanto eu acordava sozinha, triste, no meio do silêncio, sem ninguém a cantar debaixo da minha janela. E por que razão haveria a corte de pagar aos cantores, contratados por Compton, para seduzir a sua nova amante?*



O rei mandou chamar a rainha aos seus aposentos, da parte da tarde. Tinham chegado algumas mensagens do Papa e ele queria o seu conselho. Catarina sentou-se junto dele. ouviu o relato do mensageiro e esticou-se para segredar ao ouvido do marido. Ele concordou, abanando a cabeça

- A rainha faz-me recordar a nossa famosa aliança com Veneza, - diz ele pomposamente - e, na verdade, ela não precisa de mo recordar. Não me esqueço de uma coisa dessas. Podeis contar com a nossa determinação para proteger Veneza, e toda a Itália, das ambições do rei francês.

Os embaixadores acenaram com a cabeça, respeitosamente.

-Enviar-vos-ei uma carta sobre este assunto - disse Henrique num tom majestoso.

Eles fizeram uma vénia e retiraram-se

- Importais-vos de lhes escrever? - pediu ele a Catarina. Ela concordou.

- Certamente - disse ela. - Penso que haveis tratado muito bem deste assunto.

Ele sorriu pela aprovação dela.

- É tudo muito melhor quando estais aqui - disse ele. - Nada Corre bem quando estais ausente.

- Bem, agora já voltei! - disse ela, pousando uma das mãos n(> ombro dele. Podia sentir a força dos seus músculos na sua mão. Henrique, agora, já era um homem, com a forca de um homem.

-Meu querido, lamento tanto a vossa discussão com o de Buckingham! Debaixo da sua mão, sentiu o ombro dele contrair-se livrar da mão dela.

- Não tem importância - disse ele. - Ele terá de pedir-m dão, e tudo será esquecido.

- Mas talvez ele pudesse apenas voltar para a cone - sem as irmãs, já que não as quereis ver...disse ela

-Inexplicavelmente, ele soltou uma enorme gargalhada:

- Oh, trazei-os todos de volta, por favor - disse ele. - Se esse é o vosso real desejo, se achais que isso vos faz. feliz. Nunca deve ríeis ter entrado em retiro, não havia criança nenhuma, qualquer pessoa podia perceber que não havia qualquer criança.

Ela ficou tão chocada que mal conseguia falar.

- Isto tem alguma coisa que ver com o meu retiro?

- Nunca teria acontecido sem ele. Mas toda a gente pôde perceber que não haveria qualquer criança. Foi tempo perdido.

- O vosso próprio médico...

- Que é que ele sabia? Só sabe o que vós lhe dizeis.

- Ele garantiu-me...

- Os médicos não sabem nada! - disse ele com violência. - São sempre levados pela mulher, todos sabem disso. E uma mulher pode dizer o que lhe apetecer. Existe um bebé. não existe? Será que ela é virgem, não é virgem? Só a própria mulher sabe a resposta e nós somos todos enganados.

Catarina sentiu o seu pensamento a correr, tentando descobrir o que o tinha ofendido, o que lhe poderia dizer.

- Eu confiei no vosso médico - disse ela. - Ele tinha a certe Assegurou-me de que eu estava grávida e por isso me retirei, próxima vez, já saberei o que

fazer. Lamento muito, meu amor.

Tem sido um grande sofrimento, para mim.

- Só me fez parecer um completo idiota! - lamuriou-se. - Nao admira que eu...

- Que vós, o quê?

- Nada - disse Henrique amuado.



"Está uma tarde tão bonita, vamos dar um passeio . digo alegremente para as minhas aias. lady Margaret far-me-á companhia." Saímos, trazem-me a minha capa. colocam-ma pelos ombros e calçam-me as luvas. O caminho que desce até ao rio está molhado e escorregadio e Lady Margaret dá-me o braço e descemos as escadas juntas. As primaveras abundam por todo o lado e parecem manteiga desnatada nas sebes, o sol brilha. Há cisnes brancos no rio, mas quando passam as barcas ou os botes, as aves afastam-se do seu cantinho- como que por magia. Respiro fundo, é tão bom sair daquele quarto pequeno e voltar a sentir o sol no rosto que quase não me apetece voltar ao assunto de Lady Ana.

- Sabeis, de certeza, o que aconteceu! - digo-lhe secamente.

- Ouvi alguns rumores — diz ela pausadamente. - Nada de concreto.

- O que irritou tanto o rei? - pergunto eu. - Ele está aborrecido com o meu retiro e está zangado comigo. O que é que o preocupa? De certeza que não é o namorico da rapariga Stafford com Compton!

O rosto de Lady Margaret fica sério.

- O rei é muito ligado a William Compton - disse ela - e não gostou que o insultassem.

- Parece-me que a parte insultada, foi a outra - digo eu -, pois Lady Ana e o marido é que foram desonrados. Seria de esperar que o rei tivesse ficado zangado com William. Lady Ana não é uma rapariga que se possa derrubar

atrás de uma parede. Há que ter em consideração a sua família e a família do marido. Obviamente, o rei devia ter dito a Compton que se comportasse.

Lady Margaret encolhe os ombros:

- Eu não sei - diz ela. - Nenhuma das raparigas quer falar comigo. Estão tão silenciosas, que o assunto deve ser grave.

- Mas. porquê, se não passou de um namoro sem importância? Juventude atrai juventude, na Primavera, não é verdade?

Ela abana a cabeça.

- De facto, não sei. Poderíamos pensar que foi apenas isso, mas se foi só uma paixão sem importância, porque ficaria o duque tão ofendido? Para quê discutir com o rei? Porque será que as outras raparigas não estão a rir-se de Ana por ter sido descoberta?

- E há ainda outra coisa... - digo eu.Ela fica à espera.

- Porque teria o rei pago o namoro de Compton? A verba para os cantores foi incluída nas contas da corte. Ela franziu a testa:- Por que razão haveria ele de incentivar essa situação? O rei sabia, certamente, que o duque se sentiria bastante ofendido. Por que razão O rei haveria ele de incentivar essa situação? Certamente, que o duque se sentiria bastante ofendido.

- E Compton continua a ser considerado um amigo?

- São inseparáveis.

Traduzo em palavras o pensamento que me gela o coração:

- Portanto, achais que Compton é apenas o escudo e que o *romance é entre o rei. meu esposo, e Lady Ana? A expressão severa de Lady Margaret diz-me que a minha suspeita é o seu próprio receio.*

- Eu não sei - diz ela, honesta como sempre. - Como vos disse as raparigas não me contam nada e eu não fiz essa pergunta a ninguém.

- Porque tendes receio de não gostar da resposta? Ela acena que sim. com a cabeça. Viro-me lentamente, e rolamos para trás, ao longo do rio, em silêncio.

Catarina e Henrique seguiram à frente da corte, para o jantar no salão principal e sentaram-se lado a dado debaixo do dossel de estado, feito de ouro, como sempre faziam. Havia um grupo de cantores especiais que tinham vindo da corte francesa para a Inglaterra e que cantavam sem instrumentos, muito afinados, e com várias partes diferentes. Era complicado e belo e Henrique estava encantado com a música. Quando os músicos pararam, ele aplaudiu e pediu--lhes para repetirem a canção. Eles sorriram com o seu entusiasmo, e cantaram outra vez. Ele voltou a pedir, novamente, e depois, de mesmo lhes cantou a parte de tenor da melodia, no tom certo.

Foi a vez de o aplaudirem, e convidaram-no a cantar com eles a parte que aprendera tão depressa. Catarina, sentada no trono, inclinou-se para a frente e sorriu, enquanto o seu belo e jovem esposo cantava, com a sua voz límpida e jovem e as damas da corte batiam palmas de apreço. Quando entraram outros músicos e a corte começou a dançar, Catarina desceu do estrado sobre o qual se encontrava a mesa principal e dançou com Henrique, com uma cara radiante de felicidade, um sorriso terno. Henrique, incentivado por ela, dançou como um italiano, com passos rápidos e elegantes e grandes saltos. Catarina batia palmas, encantada, e pediu uma nova dança, como se nunca tivesse tido qualquer problema em toda a sua vida. Uma das sua damas inclinou-se para o cortesão que tinha aceitado a aposta t e que Catarina não iria descobrir o que se passara.

- Parece-me que não vou ficar sem os meus brincos — disse ela. Ele conseguiu enganá-la. Fê-la passar por idiota e agora está livre ira qualquer uma de nós. Ela perdeu o controlo sobre ele.

Espero até ficarmos a sós. espero até ele me ter amado com uma alegrici ansiosa e depois saio da cama e tragodbe uma taça de cerveja.

- Agora dizei-me a verdade, Henrique - cligodbe simplesmente. - Qual é a verdade acerca da discussão entre vós e o Duque de Buckingham, e o que é que tendes andado afazer com a irmã dele?

O seu rápido olhar de soslaio, diz-me mais do que quaisquer palavras. Está a preparar-se para me mentir. Ouço as palavras que me diz: uma história sobre um disfarce, com todos eles mascarados, as damas a dançar com eles, Compton e Ana a dançarem um com o outro, e eu sei que ele está a mentir.

É uma experiência mais dolorosa do que eu poderia esperar ter com ele. Estamos casados há quase um ano, vai fazer um ano no próximo mês, e ele sempre olhou para mim de frente, com toda a sua juventude e honestidade no olhar. Nunca ouvi nada a não ser a verdade na sua voz: presunção, certamente, a arrogância de um homem jovem, mas nunca a fala a tremer deste modo inseguro e decepcionante. Está a mentir-me, e eu quase preferia ouvir uma crua confissão de infidelidade do que vê-lo olhar para mim, com olhos azuis e a doçura de um rapazinho, e um saco de mentiras na boca.

Interrompo-o, na verdade não suporto ouvi-lo.

- Basta! - digo. - Sei o suficiente para, pelo menos, saber que isso não é verdade. Ela era vossa amante, não era? E Compton o vosso amigo e o vosso escudo?

O seu rosto está alterado.

- Catarina...

- Dizei-me apenas a verdade.

A boca dele treme. Não consegue admitir aquilo que fez.

- Eu não queria...

-Eu sei que não - digo eu. - Tenho a certeza de que fostes excessivamente tentado.

- Estivestes longe durante tanto tempo...

- Eu sei.

Cai um terrível silêncio. Calculara que ele me iria mentir e que c'" iria apanhá-lo na mentira, que iria confrontá-lo com as suas mentiras e com o adultério, que sería uma rainha guerreira cheia de merecida fúria. Mas

sinto apenas tristeza e uma sensação de derta. Se Henrique não consegue manter-se fiel enquanto eu estou em retiro, esperando o nascimento de um filho, o nosso filho, que tanto desejamos, então como poderá ser-me fiel até à morte, corno poderá obedecer à promessa de renegar todas as outras, quando pode ser distraído com tanta facilidade? Que posso eu fazei; o que pode unia mulher fazer quando o marido é suficientemente tonto para desejar uma mulher por uns momentos, em vez da mulher à qual prometeu unir-se para toda a eternidade?

- Querido esposo, foi um grande erro - digo tristemente.

- Foi só porque eu tinha tantas dúvidas. Por alguns momentos pensei que nós não éramos casados - confessou.

- Esquecestes-vos de que éramos casados?-pergunto incrédula.

- Não!- ele ergue a cabeça, os olhos azuis, repletos de lágrimas, o rosto coberto de arrependimento. - Pensei que, já que o nosso casamento não era válido, não teria de o respeitar.

Fico completamente espantada.

- O nosso casamento? F porque não haveria de ser válido? Ele abana a cabeça, demasiado envergonhado para falar. Eu pressiono-o:

- Porque não?

Ele ajoelha-se junto da minha cama e esconde a cara nos lençóis:

- Eu gostei dela, desejei-a e ela disse algumas coisas que me fizeram sentir...

- Sentir o quê?

- Levou-me a pensar...

- Pensar o quê?

- E se vós não fósseis virgem, quando casei convosco?

Fico imediatamente alerta, como um criminoso junto da cena do crime, como um assassino,quando um cadáver sangra na sua presença.

- Que quereis dizer com isso?

- Ela era virgem...

- Ana?

- Sim. Sir George é impotente. Toda a gente sabe.

- Sabem?

- Sabem. Por isso ela era virgem. E não era... - ele esfrega o rosto nos lençóis da nossa cama. -Ela não era como vós. Ela... tropeça nas palavras. - Ela gritou de dor. Sangrou, fiquei com medo quando vi tanto sangue, muito mesmo... - volta a calar-se. - Ela não pôde continuar, na primeira vez. Tive de parar. Ela chorava e eu abracei-a. Ela era virgem. É isso que acontece quando nos deitamos com uma virgem, pela primeira vez. Eu fui o seu primeiro amante, percebi isso. O seu primeiro amor. Há um longo e frio silêncio.

-Ela enganou-vos - digo eu cruelmente, destruindo a reputação dela e o carinho que ele sentia por ela. tudo ao mesmo tempo, fazendo dela uma prostituta e dele um idiota, mas os fins justificam os meios.

Ele levanta a cabeça, chocado:

- Enganou?

- Ela não estava assim tão dorida, estava a fingir - abano a cabeça, ao pensar nos pecados que as jovens são capazes de cometer. - É um velho truque. Ela devia ter uma bolsa com sangue na mão. e rasgou-a, para vos mostrar que havia sangue. Deve ter gritado muito. Deve ter soluçado e dito que não era capaz de suportar a dor, desde o início.

Henrique estava estarrecido.

- Foi isso que ela fez.

- Ela queria que sentísseis pena dela.

- E senti.

- É claro que sim. Ela quis fazer-vos crer que lhe havíeis tirado a virgindade, a

sua honra, eportanto teríeis de a proteger.

- Foi isso que ela disse!

- Ela armou-vos uma cilada - disse eu. - Não era virgem, estava a representar, como se fosse. Eu era virgem, quando entrei na vossa cama e, na primeira noite que nos tornámos amantes, tudo foi simples e doce. Recordais?

- Sim - disse ele.

- Não houve choros nem gritos, como os dos actores, num palco. Epi tudo tranquilo e carinhoso. Esse deve ser o vosso ponto de comparação - digo eu. - Eu era uma virgem verdadeira. Fomos o primeiro amante um do outro. Não houve necessidade de representações ou exageros. Deveis ser fiel ã verdade do nosso amor, Henrique. Vós fostes enganado por uma impostora.

- Ela disse... — começou ele.

- Ela disse o quê?- Não tenho medo. Estou decidida a não deixar Ana Stafford destruir o que Deus e a minha mãe juntaram.

- Ela disse que vós devíeis ter sido amante de Artur- ele hesita ao ver a minha cara, pálida de fúria. - Que vos deitastes com Artur e que...

- Não é verdade.

- Eu não sabia.

- Não é verdade.

- Oh. está bem.

- O meu casamento com Artur não foi consumado. Era vit quando casei convosco, vós fostes o meu primeiro amante Ha alguém que se atreva a dizer o contrario?

- Não - diz ele rapidamente. - Não. Ninguém dirá o contrário do que vós dizeis.

- Nem do que vós dizeis.

- Nem do que eu digo.

- Alguém será capaz de dizer na minha frente que eu não s o vosso primeiro amor, uma virgem intocada, a vossa verdadeira esposa e a Rainha da Inglaterra?

- Não - repetiu ele. mais uma vez.

- Nem mesmo vós.

- Não.

- Querem desonrar-me - digo furiosa. - E quando c que parar a maledicência? Será que também vão sugerir que vós não podeis reclamar o trono, porque a vossa mãe não era virgem no dia do casamento?

Ele fica petrificado com o choque.

- A minha mãe? Que dizem eles da minha mãe?

- Dizem que ela era amante do tio. Ricardo, o usurpador- digo friamente. - Imaginai.' E dizem que foi amante do vosso pai antes de se casarem, mesmo antes de estarem noivos. Dizem que ela estava longe de ser virgem no dia do casamento, embora tenha levado o cabelo solto e se tenha vestido de branco. Dizem que foi duplamente desonrada, pouco mais do que uma prostituta que subia ao trono. Podemos permitir que se digam tais coisas solve uma rainha''

Deveis ser impedido de subir ao trono por causa de tais mexericos' E eu também? E o nossofilho?Henrique fica sem respiração, com este choque. Adorava a mãe c nunca pensara nela como um ser sexuado.

- Ela nunca teria... Era muitíssimo... Como podem ...

- Compreendeis? Isto é o que acontece se permitirmos qu4 pessoas digam mal dos seus superiores. - Crio a lei que me irá p teger. - Se permitirdes que alguém me desonre, o escândalo jamais terá fim. Será um insulto para mim. mas é uma ameaça para vos. Quem sabe onde isto irá parar, depois de começar? A maledicência contra uma rainha abala o próprio trono. Tende cuidado, Henrique.

- Ela disse-o! - exclamou. - Ana disse que eu não estaria i pecar, ao deitar-me com ela, porque eu não era realmente casado!

-Ela mentiu-vos- digo eu. - Fingiu a sua virgindade e caluniou-me. O rosto dele estava vermelho de fúria. É para ele um alivio, poder entregar-se à raiva.

- Que prostituta! - exclama com crueldade. - Que prostituta, enganou-me para me levara pensar... Que truque de mulher mais vil!

- Não se pode confiar em raparigas novinhas - digo calmamente. - Agora, que sois Rei da Inglaterra, deveis ter cuidado, meu amor. Elas vão andar a correr atrás de vós, e tentarão enfeitiçar-vos e seduzir-vos, mas deveis ser-me fiel. Eu fui a vossa noiva virgem. Fui o vosso primeiro amor. Não me renegueis. Ele toma-me nos seus braços.

-Perdoai-me! - murmura, entre soluços.

- Nunca mais voltaremos a falar deste assunto - digo com solenidade. - Não o tolerarei e não permitirei que ninguém desonre a minha pessoa, nem a da vossa mãe.

- Não - diz ele com fervor. - Diante de Deus. Nunca mais falaremos disto nem permitiremos que qualquer outra pessoa volte a falar.

Na manhã seguinte Henrique e Catarina acordaram juntos e foram calmamente para a missa na capela do rei. Catarina foi ter com o seu confessor e ajoelhou-se para confessar os seus pecados. Não demorou muito, observou Henrique, não devia ter grandes pecados para confessar. Ainda o fez sentir pior ver que a confissão dela tinha sido curta e que voltava com uma expressão tão serena. Sabia que ela era uma mulher de sagrada pureza, como a mãe dele. Arrependido, com o rosto entre as mãos, concluiu que Catarina não só nunca fora infiel à palavra dada, como nunca devia ter dito uma mentira em toda a sua vida.

Saio com a corte para caçar, vestida com um fato de veludo vermelho, decidida a mostrar que estou bem. que voltei para a corte, que tudo vai ser

como era antes. Temos de fazer uma longa e *difícil cavalgada, correndo atrás de um belo veado que foge por um caminho cheio de curvas, á volta do parque grande. Os cães conseguem levá-lo para o ribeiro e o próprio Henrique entra n água, rindo, para lhe cortar a garganta. A água do rio fica toda tingida de vermelho á sua volta e mancha-lhe as roupas e as màos Eu rio, juntamente com a corte, mas a visão do sangue faz-me ficar maldísposta.*

Voltamos para casa devagar, a cavalo, e eu mantenho o sorriso *no meu rosto, tentando esconder o cansaço e as dores nas coxas na barriga e nas costas. Lady Margaret! traz o seu cavalo para o lado do meu e olha-me de relance:*

- Seria melhor ficardes a descansar esta tarde.

- Não posso - digo imediatamente.

Ela não tem necessidade de perguntar porquê. É uma princesa sabe que uma rainha tem de ser vista, independentemente daquilo que sente.

-Já sei a história, se é que quereis ter a maçada de ouvir unia coisa destas.

- Sois uma boa amiga - digo. - Podeis coutar-ma em poucas palavras. Penso que já conheço a parte pior.

- Depois que partimos para o vosso retiro para o parto, o rei e os jovens, começaram a ir para o centro da Cidade, à noite.

- Com guardas?

- Não, sozinhos e disfarçados. Reprimo um suspiro.

- Ninguém tentou impedi-los?

-O Conde de Surrey. Deus o abençoe. Mas os filhos dele faziam parle do grupo e era apenas uma brincadeira, e vós sabeis (pie o rei não gosta (pie lhe neguem os seus passatempos. Aceno com a cabeça.

- Uma noite entraram disfarçados na corte, fingindo ser mercadores de Londres. As damas dançaram com eles e foi tudo muito divertido. Eu não estava aqui, nessa noite, eslava convosco no retiro, mas alguém me contou no dia seguinte. Não dei grande importância ao assunto, mas. segundo parece,

um dos mercadores escolheu Lady Ana, e dançou com ela toda a noite.

- Henrique!- digo eu. e consigo perceber a amargura no meu sussurro.

- Sim. mas todos julgavam que era William Comptoir Eles são mais ou menos da mesma altura e lodos usavam barbas postiças e chapéus. Vós sabéis o que costumam fazer?

- Sim sei - digo.

- Aparentemente, marcaram um encontro e. enquanto o Duque pensava (pie a irmã eslava junto de vós, ela andara a escapar. e a encontrar-se com o rei. Quando esteve desaparecida durante uma noite inteira, a irmã dela não aguentou. Isabel foi falar com o irmão, e avisou-o do que Ana andava a fazer. Ele contou ao marido dela e os três confrontaram Ana, e exigiram saber com quem andava a encontrar-se, mas ela disse que era com Compton. Mas, de outra vez que ela desapareceu, pensaram que estava com Compton, até que se encontraram com ele.

Nessa altura perceberam que não era Compton, era o rei. Abano a cabeça.

- Lamento muito, minha querida!- diz-me Lady Margaret com gentitileza. - Ele é jovem. Penso que não deve ser mais do que vaidade e irresponsabilidade. Concordo, sem dizer nada. Verifico o que se passa com o meu cavalo, que está a bater com a cabeça contra as minhas mãos. porque eu tenho as rédeas muito curtas. Estou a pensar em Ana, gritando de dor, na altura em que o seu hímen foi rasgado.

- E o marido dela, Sir George, é impotente? - pergunto eu. - Até agora, ela era virgem?

- É o que dizem!- diz Lady Margaret secamente. - Quem sabe o que se passa dentro de um quarto?

- Sabemos o que se passa no quarto do rei - digo amargamente. - Eles não foram nada discretos.O mundo é assim - diz ela calmamente. — E quando vós estiverdes em retiro, é natural que ele arranje uma amante. Volto a concordar. É a pura verdade. O que me surpreende é sentir uma dor tão grande.

- O Duque deve ter ficado muito ofendido - digo eu. pensando na dignidade do homem, precisamente aquele que ajudara a colocar os Tudor no trono.

- Sim - diz, hesitante. Qualquer coisa na sua voz me diz que há algo mais. e que ela não sabe se deve, ou não. dizer-me.

- O que se passa, Margaret? - pergunto. - Conheço-vos suficientemente bem. para perceber que há mais alguma coisa.

- E uma coisa que Isabel disse a uma das raparigas, antes de partir- diz ela.

-Oh!

-Isabel diz que a irmã não achava que fosse um romance sem consequências, que só duraria enquanto vós estivésseis em retiro e esquecido depois.

- Que mais poderia ser?

- Ela achava que a irmã tinha certas ambições.

- Ambições em relação a quê?

Ela achava que conseguiria que o rei se apaixonasse por eia para o manter preso.

- Durante uma estação do ano!- digo com desprezo.

- Não. por mais tempo - diz ela. - Ele falou em amor. É um jovem romântico. Prometeu ser dela até morrer- reparando no meu ar, inter rompe o discurso.
- Perdoai-me, não vos devia ter dito nada disto

Penso em Ana Stafford. gritando de dor. dizendo-lhe que é virgem, uma virgem verdadeira, e que. por isso. não pode continuar Que ele foi o seu primeiro amor. o seu único amor. Sei quanto isso lhe deve ter agradado.Olho novamente para o meu cavalo, (pie está a morder o freio

- Que quereis dizer com isso de ela ter ambições!'

- Parece-me que ela pensou que, dada a posição da sua família, e o amor que havia entre ela e o rei, poderia vir a ser a mulher mais importante da corte inglesa. Fecho os olhos.

- E eu seria o quê?

- Deve ter pensado que, com o tempo, ele poderia afastar-se de vós e ficar com ela. Penso que devia ter esperanças de vos suplantar. no amor dele. Concordo, acenando a cabeça.

- E se eu morresse ao ter a criança, talvez pensasse que poderia anular o seu casamento não consumado, para casar com ele.

- Esse seria o ponto mais alto para a sua ambição - diz Lady Margaret. - E já aconteceram coisas mais estranhas. Elizabeth Woodville chegou ao trono da Inglaterra só por ser bonita.

- Ana Stafford era minha dama de companhia - digo eu - e escolhi-a. entre muitas outras, pela sua honra. Não tinha deveres para comigo? Não me tinha amizade? Será que nunca pensou em mim? Se estivesse ao meu serviço, na Espanha, teríamos vivido juntas, de dia e de noite...Calo-me. Não há maneira de explicara segurança e o afecto do harém a uma mulher que passou a sua vida a recear o olhar dos homens.Lady Margaret abana a cabeça.

- As mulheres são sempre rivais - diz com simplicidade-, mas até agora, todos achavam que o rei só tinha olhos para vós. Agora, todos sabem que não é bem assim. Não há agora nenhuma rapariga bonita no país que não ache que a coroa está ao seu alcance.

- Ainda é a minha coroa!- sublinho eu.

- Mas as raparigas terão esperanças de a conseguir- diz ela. O mundo é assim!

- Vão ter de esperar pela minha morte! — digo secamente. — pode ser uma espera muito longa, mesmo para a rapariga mais ambiciosa.

Lady Margaret concorda. Faço-lhe u m sinal e ela olha para trás. As damas de companhia estão espalhadas pelo meio dos caçadores e dos cortesãos, cavalgando, rindo e namoriscando. Henrique tem a princesa Mary de um lado e uma das damas dela do outro. É uma rapariga nova na corte, jovem e bonita. Uma virgem, sem dúvida, outra virgem bonita.

- E qual destas vai ser a seguinte?-pergunto com azedume. — Da próxima vez que tiver de ir para um retiro, e não as puder vigiar como u m falcão

agressivo? Será uma Percy ou uma Seymour? Uma Howard? Uma Neville? Qual será a próxima rapariga a aproximar-se do rei, para, através do seu encanto, conseguir encontrar o caminho para a cama dele e para o meu lugar?

- Algumas das vossas damas gostam muito de vós - diz ela.

- E algumas delas usarão a sua posição a meu lado para se aproximarem do rei - digo eu. -Como já viram que é possível, ficarão ã espera da sua oportunidade. Vão perceber que o caminho mais fácil para chegar ao rei é entrarem nos meus aposentos, fingir que são minhas amigas, oferecer-me os seus serviços. A princípio irá mostrar amizade e lealdade para comigo, mas vai estar sempre ã espreita de uma oportunidade. Já sei que uma delas irá fazê-lo, só não sei qual será.

Lady Margaret inclina-se para a frente e acaricia o pescoço do seu cavalo, com um semblantesério.

- Sim - concorda.

- E uma delas, uma de muitas, será suficientemente esperta para virar a cabeça ao rei - digo amargamente. — É jovem e vaidoso e fácil de enganar. Mais tarde ou mais cedo, uma delas irá voltado contra mim e vai querer ficar com o meu lugar.

Lady Margaret endireita-se e olha-me de frente, os seus olhos cinzentos mais honestos que nunca.

- Tudo isto pode ser verdade, mas parece-me que não podereis fazer nada para o evitar.

- Eu sei - digo tristemente.



-Tenho boas notícias para vós - disse Catarina a HenriqUe Tinham aberto as janelas do quarto dela. de par em par deixar entrar o fresco ar da noite. Kra uma noite quente de Maío^ por uma vez, Henrique decidira ir para a cama cedo.

- Dai-me boas notícias - disse ele. - Hoje o meu cavalo cortie eou a coxear e não posso montá-lo amanhã. Seria bom receber boas notícias.

- Creio que estou à espera de um filho. Ele deu um salto na cama.

- Estais?

- Penso que sim - disse ela sorrindo.

- Queira Deus! Estais mesmo?

- Tenho a certeza.

- Deus seja louvado! Irei a Walsingham no momento em que derdes à luz o nosso filho. Irei a Walsingham de joelhos! Irei de rastos, ao longo da estrada! Vestirei um fato toclo branco. Ofererecerei pérolas à Nossa Senhora.

- Nossa Senhora tem sido bondosa connosco, na verdade.

- Agora todos vão ficar a saber como sou potente! Saída do retiro na primeira semana de Maio e grávida no final do mês. lies vão ver! Isso vai provar que eu sou um marido como deve ser.

- Provará, certamente - disse ela, concordando.

- Ainda não é demasiado cedo para ter a certeza?

- Não tive o período e sinto enjoos pela manhã. Dizem-me que é um sinal seguro.

- E vós, estais segura? - não tinha tacto para expressar a sua ansiedade através de palavras delicadas. - Tendes a certeza, desta vez? Tendes a certeza de que não há qualquer engano?

Ela acenou que sim.

- Tenho a certeza. Tenho todos os sintomas.

- Deus seja louvado. Sabia que isto ia acontecer. Sabia que um casamento feito no céu teria de ser abençoado.

Catarina concordou, sorrindo.

- Teremos de ir devagar nas nossas viagens, não deveis caçar. Iremos de barco durante parte do caminho, em barcaças.

- Creio que não devo viajar de maneira nenhuma, se vós o permitirdes - disse ela. - Quero ficar sossegada num só lugar este Verão, nem sequer pretendo andar de liteira.

- Bem, eu seguirei em viagem com a corte, mas depois volto para casa, para vós - disse ele. - E que grande festa vamos ter quando nascer o nosso filho. Quando vai ser?

- Depois do Natal - disse Catarina. - No Ano Novo.



Inverno de 1510

E*u devia ter sido adivinho, já que mostrei a minha capacidade de previsão, mesmo sem um ábaco mourisco. Estamos a celebrar a festa do Natal em Richmond e a corte está alegre com a minha felicidade. O bebé está grande na minha barriga e dá pontapés com tanta força que, quando Henrique coloca a mão em mim, consegue sentir o pequeno calcanhar a fazer pressão contra a mão dele. Não há dúvida que ele está vivo e forte, e a sua vitalidade alegra toda a corte. Quando estou sentada no Conselho, por vezes estremeço com a estranha sensação de o sentir mexer dentro de mim e a pressão do seu corpo contra o meu; alguns dos conselheiros mais velhos - que já viram as suas próprias mulheres na mesma situação - riem-se com a alegria de saberem que, finalmente, vai surgir um herdeiro para a Inglaterra e para a Espanha.*

Rezo para que seja rapaz, mas não estou a contar com isso. Um filho para a Inglaterra, um filho para Artur, é tudo o que quero. Se for a filha que ele queria, dar-lhe-ei o nome de Maria, como pediu.

O desejo de ter um filho, e o seu amor por mim, fizeram com que Henrique se tivesse tornado, por fim. mais atencioso. Preocupa-se comigo, como nunca acontecera antes. Parece-me que está a ficar adulto, o rapaz egoísta está a transformar-se, afinal, num homem bom e o receio que me tem perseguido desde o seu romance com a rapariga Stafford está a diminuir. É possível que tenha amantes, como os reis têm sempre, mas pode ser que evite apaixonar-se por elas e fazer-lhes as promessas loucas que qualquer homem faz, mas que um rei não deve fazer. Talvez ainda venha a adquirir o bom senso que tantos homens parecem aprender, divertindo-se com uma outra mulher, mas mantendo-se fiéis, no coração, à sua esposa Se continuar a ter este bom feitio, vai. de certeza, ser um bom pai Imagino-o a ensinar o nosso filho a andar a cavalo, a caçar e a lidar Nenhum rapaz poderia ter melhor pai. para lhe ensinar desportos e passatempos, do que um filho de Henrique. Nem mesmo Artur teria sido um pai tão companheiro. A educação do nosso filho as técnicas da vida na corte, a sua formação como cristão, a sua aprendizagem como governante, ficará a meu cargo. Aprenderá a ter a

coragem da minha mãe e os conhecimentos do meu pai. E de mim - penso que poderá aprender o que é constância e determinação. São estes os meus dons.

Penso que entre os dois. Henrique e eu. seremos capazes de educar um príncipe que deixará a sua marca na Europa, que manterá a Inglaterra a salvo dos Mouros, dos Franceses, dos Escoceses e de todos os nossos inimigos.

Terei de entrai- novamente em retiro, mas adio-o para o mais tarde possível. Henrique jura-me que não haverá outra, enquanto eu estiver fora, que é meu, só meu. Adio a minha ida até à noite da festa de Natal. Nessa altura, bebo o meu vinho com especiarias junto dos membros da corte, desejo-lhes um Natal feliz, enquanto me desejam um parto rápido e volto mais uma vez para a tranquilidade do meu quarto.

Na verdade, não me importo de perder o baile e as bebedeira Estou cansada e é difícil carregar este bebe. Levanto-me e deito com o sol de Inverno, raramente acordo antes das nove horas da manhã e, às cinco da tarde, já estou pronta para dormir. Passo muito tempo a rezar por um parto bem sucedido e pela saúde da criança que se mexe com tanta energia, dentro de mim.

Henrique vem ver-me, em privado, quase todos os dias. O "Livro Real'' é bem explícito ao dizer que a rainha deve estar em isolamento absoluto antes do nascimento do seu filho: mas o "Livro Real foi escrito pela avó de Henrique e eu sugiro que devemos fazer conforme nos apetecer. Não vejo porque haveria ela de me dar ordens, lá do seu túmulo, quando foi uma mentora tão pouco cooperativa, em vida. Além do mais, para usar a franqueza de uma aragonesa, não cofio em Henrique sozinho com a sua corte. Na véspera de Ano Novo janta comigo, antes de ir para a festa no salão principal, e oferece-me um colar de rubis, com pedras tão grandes como o tesouro de Crist Colombo. Coloco-as no pescoço e reparo nos seus olhos, brilhantes desejo, enquanto Incidem na brancura e no volume dos meus sei

- Agora já não falta muito - digo a sorrir. Sei exactamente n que está a pensar.

- Irei a Walsingham mal a criança nasça e quando regressa, haverá uma cerimónia religiosa em vossa honra - diz ele.

- E, a seguir, parece-me que pensais em fazer uma nova criança - digo eu com

fingida preocupação

- E vou fazer! - responde ele, o rosto resplandecente de riso. Despede-se de mim com um beijo, deseja-me felicidade para o novo ano, regressa aos seus aposentos através da porta secreta que há no meu quarto e, de lá, segue para a festa. Peço às criadas para me trazerem a água fervida que continuo a beber, obedecendo ao. conselhos do mouro e sento-me junto da lareira, a costurar um pequenino fato para o meu bebé, enquanto Maria de Salinas lê em voz alta, em espanhol.

De repente, parece que a minha barriga se vira do avesso, como se eu estivesse a cair de uma grande altura. A dor é tão intensa, não diferente de qualquer outra que tenha sentido antes, que deixo cair a costura das mãos, agarro-me aos braços da cadeira e solto um gemido, antes de conseguir falar. Percebo imediatamente que o bebé está para chegar. Receara não saber o que estava a acontecer, temera sentir apenas um dor como a que senti quando perdi a minha pobre menina. Mas isto é como a enorme força de um rio profundo, a sensação de algo poderoso e maravilhoso que começa a fluir. Fico cheia de alegria e de um temor sagrado. Sei que o bebé vem a caminho e que é forte, que sou jovem, e que tudo vai correr bem.

Assim que digo às minhas aias, a câmara enche-se de confusão. Sua Alteza, a Mãe do Rei, pode ter determinado que tudo deveria ser feito com sobriedade e calma, a preparação do berço e a das duas camas para a mãe, uma para o parto e a outra para o repouso; mas. na vida real, as aias correm por todo o lado como galinhas numa capoeira, cacarejando alarmadas. As parteiras são chamadas da festa, para onde todas se tinham ido divertir, na esperança de não serem necessárias na véspera de Ano Novo. Uma delas está completamente embriagada e Maria de Salinas expulsa-a do quarto, antes que caia e parta alguma coisa. Não há maneira de encontrar o médico e os pajens são despachados por todo o palácio, à procura dele.

As únicas pessoas que estão tranquilas e determinadas são Lady Margaret, Maria de Salinas e eu. Maria, porque já é calma por natureza, Lady Margaret, porque tem estado confiante desde o inicio deste retiro, e eu, porque sinto que nada impedirá este bebé de nascer; com uma tias mãos agarro a corda e com a outra seguro a minha relíquia da Virgem Maria, fixo os olhos no meu pequeno altar, ao canto da sala. e rezo a Santa Margarida de Antioquiapara que me conceda um parto rápido e fácil e uma criança saudarei

Inacreditavelmente. dura pouco mais que seis horas - embora cada uma delas pareça que dura um dia - e. então, sinto um empurrão e qualquer coisa a escorregar e a parteira murmura baixinho: Que Deus seja louvado": depois. ouve-se um choro alto e irritado, quase um grito, e compreendo que há uma nova voz dentro do quarto, a do meu bebé.

- É um rapaz, Deus seja louvado, um rapaz! - diz a parteira e Maria olha para cima, para mim. e vê-me radiante de felicidade.

- A sério? V pergunto. - Deixem-me vê-lo!

Elas cortam o cordão e passam-me o bebé. ainda nu e coberto de sangue, a pequena boca muito aberta jxira gritar, os olhos muito apertados, com a fúria. É o filho de Henrique.

- Meu filho - digo baixinho.

- Filho da Inglaterra - diz a parteira. - Deus seja louvado. Encosto a cara à sua cabecinha quente, ainda pegajosa, e cheiro-o como uma gata cheira a sua ninhada. "Este é o nosso filho", murmuro para Artur, que sinto tão perto como se estivesse a meu lado. olhando por cima do meu ombro fiara este pequeno milagre que vira a cabeça e a esfrega no meu peito, com a boquinha aberta. "Oh, Artur, meu amor, este é o rapaz que te prometi dar e à Inglaterra. Este é o filho que oferecemos à Inglaterra e vai ser rei."

Primavera de 1511

1 de Janeiro de 1511

A Inglaterra inteira enlouqueceu quando soube, no dia de Ano Novo. que tinha nascido um rapaz. Todos lhe chamaram imediatamente Príncipe Henrique, não havia outro nome possível. Nas ruas. assaram bois e embebedaram até ficarem inconscientes. Nas aldeias, tocaram os sinos das igrejas e levaram a cerveja para a igreja, para brindar à saúde do herdeiro Tudor, o rapaz que manteria a Inglaterra em paz, aliada com a Espanha, e a protegeria dos seus inimigos e que derrotaria os Escoceses, de uma vez por todas.

Henrique veio ver o filho, desobedecendo às regras do retiro, entrando cuidadosamente em bicos de pés, como se as suas passadas pudessem abanar a sala. Espreitou para o berço, quase com medo de respirar perto do menino adormecido.

- É tão pequenino! - diz. ele. - Como pode ser tão pequeno?

- A parteira diz que é grande e forte - corrigiu-o Catarina, imediatamente, em defesa do seu bebé.

- Decerto! Só que as mãos dele são... e vede, tem unhas! Unhas a sério!

- E nos pés também - disse ela.

Ficaram os dois lado a lado. a olhar, maravilhados, para a perfeição que tinham feito, em

conjunto.

- Tem pezinhos gorduchos e os dedinhos mais pequeninos que possais imaginar.

-Mostrai-me - disse ele.

Com cuidado, ela tirou os pequenos sapatinhos de seda que o bebé tinha calçados. - Vede - disse, com uma voz cheia de ternura. - Agora tenho de lhos calçar outra vez, para não apanhar frio.

Henrique inclinou-se por cima do berço e segurou carinhosa mente o pequeno pé na sua mão enorme.

- Meu filho - disse maravilhado. - Deus seja louvado, eu tenho um filho.



Fico na cama, como a mãe do velho rei determinava no "Livro Real", e recebo os convidados de honra. Tenho de esconder um sorriso riso quando penso na minha mãe a dar-me à luz durante uma campanha, numa tenda, como qualquer amante de soldado. Mas esta é a maneira inglesa de fazer as coisas, e eu sou uma rainha inglesa, e este bebé há-de ser Rei da Inglaterra.

Nunca senti uma alegria tão simples. Quando durmo, acordo com o coração cheio de felicidade, mesmo antes de me lembrar porquê. Depois, lembro-me. Tenho um filho para oferecer à Inglaterra, a Artur e a Henrique; sorrio e viro a cabeça, e a pessoa que está a tomar conta de mim, seja ela quem for, responde à pergunta, mesmo antes de eu a fazer, "Sim, o vosso filho está bem, Vossa Graça."

Henrique anda demasiado ocupado com os assuntos do nosso filho. Entra e sai para me ver mais do que vinte vezes ao dia. fazendo perguntas e trazendo notícias dos preparativos que está a organizar. Já escolheu um grupo de não menos de quarenta pessoas para servirem este minúsculo bebé, e também escolheu as salas, no palácio de Westminster, onde ficará a sua Sala do Conselho, quando for jovem. Eu sorrio e não digo nada. Henrique está a planear o maior baptizado que alguma vez foi visto na Inglaterra, nada é bom de mais para este Henrique, que será Henrique IX. Por vezes, quando estou sentada na cama, supostamente a escrever carias, desenho o seu monograma. Henrique IX: o meu filho. Rei da Inglaterra.

Os seus protectores são escolhidos cuidadosamente: a filha do Imperador, Margarida da Áustria e o Rei Luís XII da França. Pelo que se vê, ele já está a trabalhar, este pequeno Tudor, para encobrir as suspeitas francesas em

relação a nós e para manterá nossa aliança com a família Habsburgo. Quando mo trazem e coloco o meu dedo na palma da sua pequenina mão, os dedos dele enrolam-se a volta do meu, como se quisesse agarrar-se a mim. Como se me estivesse a dar a mão. Como se estivesse a devolver-me o meu amor por ele. Deixo-me estar tranquila, vendo-o dormir, com o meu dedo na sua mão e a outra mão segurando a sua cabecinha macia, onde consigo sentir uma forte pulsação a palpitar.

Os seus padrinhos são o Arcebispo Warham, o meu querido e leal amigo Thomas Hotvard, o Conde de Surrey e o Conde e a Condessa de Devon. A minha queridíssima Lady Margaret vai dirigir o seu berçário, em Richmond. É o mais recente e o mais limpo de todos os palácios que ficam perto de Londres e, independentemente do local onde estivermos a viver, Whitehall, Greenwich ou Westminster, ser-me-á fácil ir visitá-lo.

Quase não consigo suportar ter de o deixar ir embora, mas é melhor para ele estar no campo do que na cidade. E hei-de ir vê-lo, no mínimo, uma vez por semana, Henrique prometeu-me que o irei visitar, todas as semanas.



Henrique foi ao santuário de Nossa Senhora de Walsingham, como prometera, e Catarina pediu-lhe para dizer às freiras que tomavam conta do santuário que iria lá quando ficasse novamente grávida. Quando o próximo bebé estivesse no ventre da rainha, ela iria dar graças pelo nascimento feliz do primeiro e rezar para que o segundo nascesse sem problemas. Pediu ao rei que dissesse às freiras que as iria visitar, de cada vez que ficasse grávida e que esperava poder lá ir muitas vezes.

Entregou-lhe um pesado saco de ouro.

-Podeis dar-lhes isto, como prenda minha, e pedir as suas orações?

Ele pegou no saco.

- Para elas, rezar pela Rainha da Inglaterra, é um dever -disse ele.

-Só queria recordar-lhes.

Henrique regressou à corte, para o maior torneio a que Inglaterra já

assistira, e Catarina levantou-se e saiu da cama, para o organizar para ele. Ele mandara fazer uma armadura nova, antes de Partir, e ela encarregou o seu favorito, Edward Howard, o talentoso filho mais novo da casa Howard, de se certificar de que a armadura ficaria com as medidas exactas do esbelto corpo do rei e de que o trabalho ficasse perfeito. Ela mandou fazer bandeiras, pendurar tapeçarias, preparar máscaras com temas gloriosos, ouro por todo lado; bandeiras e cortinas feitas com tecido de ouro, fitas, pratos taças de ouro, ponteiras de ouro para as lanças ornamentais, escudos embutidos de ouro. ouro até na sela do rei.

- Vai ser o maior torneio que a Inglaterra já viu - disse-lhe Edward Howard. - A dignidade inglesa e a elegância espanhola Será uma ocasião belíssima.

- É a maior celebração que já tivemos - disse ela sorrindo. - £ é pelo melhor dos motivos.



Sei que preparei uma exibição extraordinária para Henrique mas, quando ele entra a cavalo no recinto onde estavam montadas as tendas, sustenho a respiração. Segundo a tradição, os cavaleiros que participam no torneio têm de escolher um lema-, por vezes, compõem um poema ou representam uma cena de uma peça de teatro antes de montarem. Henrique manteve o seu lema em segredo e não me disse o que ia ser Ele mesmo mandou fazer o seu galhardete e as damas, cheias de risinhos, esconderam-no de mim. enquanto bordavam, na seda verde Tudor, as palavras que escolhera. Na verdade, não fazia ideia do que lã estaria escrito, até ao momento em que ele se curva numa vénia, à minha frente, no camarote real. Ú galhardete se desenrola e o arauto proclama o título dele para o torneio. "Sir Coração Fiel". Levanto-me e tapo a cara com as mãos, para esconder o tremor da minha boca. Os meus olhos enchem-se de lágrimas, não consigo evitá-lo. Designou-se a si próprio como "Sir Coração

Fiel" - desta forma, declarou ao mundo a renovação da sua devoção e do seu amor por mim. As minhas damas afastam-se para que eu possa ver o dossel que ele mandara pendurar, a toda a volta do camarote real Mandara decorá-lo todo com pequenos emblemas de ouro em que aparecia um H e um C, entrelaçados. Para qualquer lado que eu olhasse, qualquer canto do relvado

do torneio, qualquer bandeira, qualquer poste, havia um C e um H, unidos. Usou este torneio, o mais bonito e majestoso que a Inglaterra já viu, para dizer ao mundo que me ama, que é meu, que o seu coração me pertence e me e fiel.

Olho em volta para as minhas damas, sentindo-me completamente triunfante. Se pudesse dizer livremente o que sinto, dir-lhes-ia "Aí está! Vejam-no como um aviso. Fie não é o homem que imaginavam. Não é homem que se afaste da sua legítima esposa. Não é um homem que fossam seduzir, por mais inteligentes que sejam os nossos truques, por mais insidiosas que sejam as vossas intrigas contra mim. Ele entregou-me o seu coração, e tem um coração fiel. "Passo os olhos por elas, as raparigas mais bonitas, pertencentes às melhores famílias da Inglaterra, e percebo que cada uma delas, secretamente, pensa que poderia ocupar o meu lugar. Se tivesse sorte, se conseguisse seduzir o rei, se eu morresse, poderia ocupar o meu trono.

Mas o galhardete dele diz-lhes: "Não é assim ". O galhardete dele diz-lhes. os C e H dizem-lhes, o pregão do arauto diz lhes que ele será apenas meu, para sempre. O desejo da minha mãe, a promessa que fiz a Artur, o destino dado por Deus à Inglaterra trouxeram-me finalmente até aqui: um filho e herdeiro no berço da Inglaterra, o Rei da Inglaterra declarando publicamente a sua paixão por mim e a minha inicial, em ouro, entrelaçada com a dele, por todo o lado para onde eu olhe.

Toco os lábios com a mão e estendo-a para ele. A sua viseira está levantada, os olhos azuis ardem de paixão por mim. O seu amor por mim aquece-me como o sol quente da minha infância Sou unta mulher abençoada por Deus, especialmente favorecida por Ele. de facto. Sobrevivi à viuvez e ao desespero de ter perdido Artur O namoro do velho rei não me seduziu, a sua inimizade não me derrotou, o ódio da sua mãe não me conseguiu destruir. O amor de Henrique faz-me feliz, mas não me redime. Com a especial protecção de Deus, consegui salvar-me, por mim mesma. Por mim mesma consegui sair da escuridão da pobreza e chegar ao brilho da luz

Sozinha, lutei contra a terrível queda no puro desespero. Obriguei -me a transformar-me numa mulher capaz de enfrentar a morte, a vida, capaz de suportar ambas. Lembro-me de uma cena de quando era apenas uma rapariguinha: a minha mãe estava ajoelhada a rezar, antes de uma batalha, depois levantou-se, beijou a pequena cruz de marfim, voltou a colocá-la no

lugar e acenou â sua dama de companhia para lhe trazer a couraça e para lha apertar.

Eu corri para ela e supliquei-lhe que não fosse, perguntando -lhe porque tinha de sair a cavalo se Deus nos dera a Sua bênção. S fomos abençoados por Deus, por que razão temos também de lutai Ele não pode simplesmente afastar os Mouros para longe de nós?

"Fui abençoada, porque fui escolhida para O servir. Ajoelhou-se e pôs um braço em volta de mim. "O que querias dizer, era, por que não deixar o problema nas mãos de Deus, pode ser que Ele envie uma tempestade para cima dos Mouros cruéis?"

Eu assenti com a cabeça. Eu sou a tempestade " disse ela sorrindo. "Sou a tempestade de Deus que irá expulsados. Hoje. Ele não escolheu uma tempestade escolheu-me a mim. E nem eu. nem as nuvens negras podemos recusar o nosso dever."

Sorrio para Henrique, enquanto ele baixa a viseira e afasta Q cavalo do camarote real. Compreendo agora o que a minha mãe queria dizer com a tempestade de Deus. Deus chamou-me para ser o Seu sol na Inglaterra. E meu dever, divinamente imposto, trazer felicidade, prosperidade e segurança à Inglaterra. Faço-o. aconselhando o rei a tomar decisões certas, garantindo a sua sucessão e protegendo a segurança das fronteiras. Sou a Rainha da Inglaterra, escolhida por Deus e sorrio para Henrique enquanto o seu enorme e brilhante cavalo negro trota lentamente até ao fim da liça. sorrio para o povo de Londres que chama por mim e grita Deus abençoe a Rainha Catarina/". E sorrio para mim mesma, porque estou a Jazer como a minha mãe queria, como Deus decidiu e Artur está à minha espera no al-Yanna. o jardim.

22 de fevereiro de 1511

Dez dias mais tarde, quando estava no auge da felicidade trouxeram à

Rainha Catarina as piores notícias da sua vida.



Ainda é pior do que a mor/e do meu marido. Artur. Nunca pensei que poderia haver algo pior do que isso; mas já percebi que sim. É pior do que os meus anos de viuvez e de espera. Pior do que ter notícias da Espanha, dizendo que a minha mãe morrera, que falecera no dia em que lhe escrevi, pedindo-lhe que me desse noticias. Pior do que os piores dias que já vivi.

O meu bebe morreu. Mais do que isto, não sou capaz de dizer, não consigo sequer ouvir. Parece-me que Henrique está comigo, durante algum tempo, e Maria de Salinas. Penso que l.ady Margaret Pole está aqui e vejo o rosto abatido de Thomas Howard junto do ombro de Henrique; William Compton agarra desesperadamente o ombro de Henrique; mas as faces parecem nadar diante dos meus olhos e não tenho a certeza de nada. Vou para o meu quarto e mando fechar as portadas e trancar as portas. Mas já é demasiado tarde, já me deram a pior noticia da minha vida: fechar a porta não vai impedir que chegue até mim. Não suporto a luz. Não suporto o som da vida normal que não pode parar. Ouço um pequeno pajem a rir no jardim, perto da minha janela, e não consigo compreender conto pode ler sobrado alguma felicidade e alegria no mundo, agora que o meu bebé partiu.

A coragem a que me agarrei durante toda a vida acaba por ser apenas uma quimera, uma teia de aranha, o nada. A minha forte convicção de estar a seguir o caminho de Deus e de que Ele me protege não é mais do que uma ilusão, um conto de fadas infantil. Nas sombras do meu quarto, mergulho até ao fundo na escuridão que a minha mãe conheceu quando perdeu o filho, a escuridão a que Joana não conseguiu escapar quando perdeu o marido, a mesma que foi a maldição da minha avó e que atinge todas as mulheres da minha família como uma veia envenenada. Afinal, não sou diferente. Não sou uma mulher que consegue sobreviver ao amor e ã perda, como tinha pensado. O que acontece e que, até agora, nunca tinha perdido ninguém que fosse mais importante para mim do que a própria vida. Quando Artur morreu, o meu coração ficou despedaçado. Mas, agora, que o meu bebé morreu, não quero nada. só gostaria que o meu coração parasse de bater.

Não consigo encontrar uma razão para continuar a viver, e para que aquela criança inocente e sem pecado, me tenha sido tirada. Não vejo qualquer

razão para isso. Não consigo compreender um Deus que seja capaz de mo tirar. Não posso compreender um mundo que pode ser tão cruel. No momento em que me disseram: "Alteza, deveis ter coragem, temos más notícias do príncipe", perdi a minha fé em Deus. Perdi a vontade de viver. Perdi até a vontade de governar a Inglaterra e de manter o meu país em segurança.



Ele tinha olhos azuis e umas mãozinhas pequeninas e muito perfeitas. Tinha unhas que pareciam pequenas conchas. Os seus pezinhos... Os seus pezinhos...



Lady Margaret Pole. que tinha sido a responsável pelo berçári da criança morta, entrou no quarto sem bater à porta, sem qualquer convite, e ajoelhou-se diante da Rainha Catarina, que estava sentada na sua cadeira junto da lareira, no meio das suas damas, não vendo, nem ouvindo tosse o que fosse.

-Vim pedir o vosso perdão, embora não tenha feito nada ele errade) - disse ela corajosamente.

Catarina levante)u a cabeça:

- O quê?

- O vosso bebé morreu ao meu cuidado. Vim pedir o vosso perdão. Não fui descuidada, juro. Mas ele está morto. Lamento. Princesa!

- Estais sempre aqui - disse Catarina com calma e desprezo - nos meus momentos mais negros, sempre está a meu lado, como a má sorte.

A mulher mais velha vacilou.

- É um facto, mas não é esse o meu desejo.

- E não me chameis "Princesa".

- Esqueci-me.

Pela primeira vez em várias semanas, Catarina levantou-se e olhou para o rejste) de outra pessoa, olhou-a nos olhos, viu as novas linhas em redor da boca dela e compreendeu que a perda do seu bebé não era uma dor apenas sua.

- Oh, meu Deus, Margaret! - disse ela inclinando-se para a frente. Margaret Pole agarrou-a e abraçou-a.

- Meu Deus, Catarina - disse ela junto ao cabeio da rainha.

- Como é que pudemos perdê-lo?

- Vontade de Deus. É a vontade de Deus, temos de acreditar nisso. Temos de nos curvar perante isso.

- Mas, porquê?

- Princesa, ninguém sabe por que razão uns são levados e outros são pempados. Lembrais-vos? Sentiu, pelo estremeção, que a mulher rece)rdava a morte do marido através clesta, a do seu filho.

- Nunca esqueço. Lembro-me todos os dias. Mas. porquê?

- É a vemtacle de Deus - repetiu Lady Margaret.

- Creio que não consigo suportar isto - Catarina falou tão baixinho que nenhuma das aias conseguiu ouvir. Ergueu o rosto manchado de lágrimas do e)mbro da amiga.

- Perder Artur foi como uma tortura, mas perder o meu filho é como uma. morte. Não me parece que consiga suporta Margaret.

O sorriso da mulher mais velha era infinitamente paciente.

- Oh, Catarina. Aprendereis a suportá-lo. Nâo há mais nada a lazer, senão aguentar. Podeis encher-vos de raiva ou podeis chorai mas, no fim. aprendereis a suportar.

Lentamente, Catarina sentou-se de novo na cadeira; Margarel permaneceu, muito calma, ajoelhada no chão aos seus pés, segurando as mãos da amiga.

- Tereis de me ensinar a ter coragem, mais uma vez - murmurou Catarina.

A mulher mais velha sacudiu a cabeça:

- Sé) é preciso aprender uma vez - disse ela -, e vós já sabeis já aprendestes em Ludlow. Não sois uma mulher que se deixe destruir pelo sofrimento. Sofrereis, mas vivereis, tereis de enfrentar o mundo de novo. Amareis. Concebereis uma nova criança, esss criança há-de viver, aprendereis outra vez a ser feliz.

- Não sou capaz de prever uma coisa dessas - disse Catariní desoladamente.

- Esse tempo há-de chegar.



A batalha por que Catarina esperara tanto tempo surgiu quan do ainda estava ensombrada pela dor da morte do filho. Mas nad; conseguia penetrar a sua tristeza.' Grandes notícias, as melhores notícias do mundo!" escreveu (pai. Sem entusiasmo, Catarina traduziu o código para espanhol e depois, para inglês. "Vou comandar uma cruzada contra os Mouros na África. A sua existência é um perigo para a Cristandade, os seu ataques aterrorizam todo o Mediterrâneo e colocam em perigo ; navegação, da Grécia ao Atlântico. Enviai-me os vossos melhore cavaleiros - já que dizeis viver na nova Camelot. Enviai-me os vos sos chefes mais corajosos, à frente dos vossos homens mais valen tes, e eu levá-los-ei até à África e destruiremos os reinos infieis como sagrados reis cristãos."

Sem forças, Catarina levou a Henrique a carta traduzida. El estava a sair cio campo de ténis, com um lenço enrolado em volt do pescoço e o rosto corado. Sorriu quando a viu, mas o ar alegr desapareceu rapidamente do seu rosto e foi substituído por ur esgar de culpa, como o de um rapazinho apanhado numa brinca cleira secreta. Por aquela expressão passageira, por aquele brev mas revciadoi' momento, percebeu que cie esquecera que o filh tinha morrido. Estava a jogar ténis com os amigos, tinha ganho, viu a mulher que ainda amava, estava feliz. A alegria surgia com tanta facilidade para os homens da família dele como o sofrimento para as mulheres

da sua. Sentiu-se invadir por uma onda de ódio tão forte que quase conseguia sentir na boca o sabor. Ele conseguia esquecer, nem que fosse por um momento, que o seu filhinho morrera.

Pensou que nunca lhe iria perdoar, nunca.

- Recebi uma carta do meu pai - disse, tentando transmitir algum interesse, através da sua voz áspera.

- Oh? - mostrou-se preocupado. Chegou junto dela e deu-lhe o braço. Ela teve de cerrar os dentes para não lhe gritar "Não me toqueis!"

- Disse-vos que devíeis ter coragem? Escreveu-vos palavras de conforto?

A falta de habilidade do jovem era insuportável. Ela conseguiu mostrar o seu melhor sorriso.

- Não. Não é uma carta pessoal. Sabeis que raramente me escreve nesses termos. É uma carta acerca de uma cruzada. Convida os nossos nobres e senhores a levarem os seus regimentos, e a irem com ele combater os Mouros.

- Convida? De verdade? Que sorte!

- Não para vós - disse ela, cortando rente qualquer ideia que Henrique pudesse ter de partir para a guerra sem terem um filho. -É só uma pequena expedição. Mas o meu pai gostaria que os ingleses participassem, e eu penso que deveriam ir.

- Sim, também me parece que ele gostaria.

Henrique voltou-se e gritou para os amigos que se tinham deixado ficar para trás, como garotos de escola que se sentiam culpados por terem estado a divertir-se. Não se sentiam bem junto de Catarina desde que ela se tornara tão pálida e calada. Gostavam dela quando era a rainha do torneio e Henrique, "Sir Coração Fiel". Ela fazia-os sentir pouco à vontade, quando aparecia para jantar como um fantasma, não comia nada e ia embora cedo.

- Alguém quer ir para a guerra com os Mouros?

Um coro de gritos entusiasmados respondeu ao seu chamado. Catarina pensou que não valiam nada, que não passavam de uma ninhada de cachorros excitados, com Lord Thomas Darcy e Edward Howard à cabeça. - Eu quero ir.

- E eu, também.

- Mostrem-lhes como lutam os Ingleses! - incitou-os Henrique - Eu próprio pagarei os custos da expedição.

- Vou escrever ao meu pai, informando-o de que tendes voluntários, ansiosos por partir - disse Catarina calmamente. - Vou fazê-lo agora mesmo.

Voltou-lhes as costas e dirigiu-se rapidamente para a porta que dava para as escadas que conduziam ao seu quarto. Sentia que não aguentava ficar junto deles, nem mais um minuto Aqueles eram os homens que teriam ensinado o seu filho a andai a cavalo. Os homens que teriam sido seus estadistas, o sei Conselho Privado. Teriam sido responsáveis por ele, na sua primeira comunhão, teriam sido suas testemunhas quando se com prometesse em casamento, teriam sido padrinhos dos filhos dele E ali estavam, rindo, clamando por guerra, competindo entre si em altos berros, pela aprovação de Henrique, como se o filho deli não tivesse nascido, não tivesse morrido. Como se o mundo continuasse a ser o mesmo de sempre; mas Catarina sabia que mudara completamente.



Ele tinha olhos azuis. E os pezinhos mais pequeninos e mai perfeitos.



Mas, na verdade, a grande cruzada, não chegou a existir. O cavaleiros ingleses chegaram a Cádis, mas a cruzada nunca se fez ao mar em direcção à Terra Santa, nunca enfrentou uma cimitarra afiada, brandida por um infiel com um coração negro. Catarina traduziu as cartas entre Henrique e o seu pai, nas quais o pai explica va que ainda não conseguira juntar as tropas, que ainda não estava preparado para partir. E então, um dia, foi ter com Henrique, com uma carta na mão e um rosto chocado, diferente do seu

ar trist habitual.

- O meu pai enviou-me as mais terríveis notícias.

- O que está a suceder? - perguntou Henrique, preocupado. Vede, acabei de receber uma carta de um mercador inglês que esi na Itália, e não consigo perceber nada. Diz que os Franceses e Papa estão em guerra. - Henrique estendeu-lhe a carta. - Como isso possível? Não consigo compreender.

- É verdade. Esta carta é do meu pai. Diz que o Papa determinou que os exércitos franceses deviam sair da Itália - explicou Catarina. - E o Santo Padre colocou as suas próprias tropas em campo, contra os Franceses. O rei Luís declarou que o Papa não irá continuar a ser Papa.

- Como é que se atreve? - perguntou Henrique extremamente chocado.

- O meu pai diz que devemos esquecer a cruzada e ir imediatamente em auxílio do Papa. Vai tentar negociar uma aliança entre nós e o Sagrado Imperador Romano. Temos de formar uma aliança contra a França. Não podemos permitir que o rei Luís tome Roma. Não pode avançar para a Itália.

- Deve estar louco para pensar que eu o permitiria! - exclamou Henrique. - Alguma vez deixaria que os Franceses tomassem Roma? Julga que eu aceitaria um Papa francês que não passasse de uma marioneta? Será que já se esqueceu do que pode fazer um exército inglês?

Quererá uma nova Agincourt?

- Devo dizer a meu pai que nos uniremos a ele contra a França? - perguntou Catarina. - Podia responder-lhe imediatamente.

Ele pegou na mão dela e beijou-a. Desta vez ela não a retirou e ele puxou-a para perto de si, e colocou o braço em volta da sua cintura.

- Ficarei convosco enquanto escreveis e ambos assinaremos a carta. O vosso pai deve ficar a saber que a sua filha espanhola e o seu filho inglês estão absolutamente unidos para o ajudar. Graças a Deus que as nossas tropas já estão em Cádis - exclamou Henrique quando deu conta da sua

boa sorte.

Catarina hesitou, enquanto um pensamento se formulava lentamente na sua cabeça.

- E... fortuito.

- É uma sorte - disse Henrique alegremente. - Fomos abençoados por Deus.

- O meu pai vai querer tirar daqui qualquer benefício para a Espanha - Catarina abordou cuidadosamente a sua suspeita, enquanto se dirigiam para os seus aposentos. Henrique diminuía as suas passadas, para acompanhar o passo dela. - Nunca dá um passo sem ter já tudo bem planeado.

- É natural, mas vós protegereis os nossos interesses, como sempre fazeis - disse ele confiante. - Eu confio em vós, meu amor, como confio nele. Agora ele é o único pai que tenho, não é?



Verão de 1511

Lentamente, à medida que os dias vão ficando mais quentes e o sol se parece mais com o da Espanha, começo também a aquecer, e a ficar mais parecida com a rapariga espanhola que fui outrora. Não consigo reconciliar-me com a morte do meu filho, acho que nunca aceitarei a sua perda, mas consigo perceber que ninguém é culpado pela sua morte. Não houve falta de cuidado, nem negligência, morreu como um passarinho no seu ninho quente, e tenho de me convencer de que nunca irei saber o motivo pelo qual isso aconteceu.

Agora sei que foi um disparate culpar-me a mim mesma. Não cometi nenhum crime, nenhum pecado tão grave que levasse Deus, o misericordioso Deus das minhas orações de criança, a punir-me com um desgosto tão grande como este. Não pode existir nenhum Deus bom que leve um bebé tão meigo, tão perfeito, com olhos azuis conto aqueles, apenas como exercício da Sua divina vontade. Dentro do meu coração, reconheço que tal não é possível, que um Deus assim não pode existir. Mesmo que nos piores momentos de expressão da minha dor me tenha sentido culpada e O tenha considerado culpado, sei agora que não foi um castigo por qualquer pecado.

Sei que cumpri a minha promessa, a promessa de Artur pelos motivos mais nobres; e que Deus me tem ã Sua guarda. O facto terrível, paralisante e tenebroso da perda do meu bebé parece estar a regredir com a horrível e fria escuridão do Inverno inglês. Uma manhã, o bobo veio para junto de mim e fez algumas pequenas brincadeiras, e eu ri-me alto. Foi como se uma porta, há muito trancada, se tivesse aberto. Percebi que consigo rir-me, que é possível ser feliz, que o riso e a esperança podem voltar para mim que. talvez, eu consiga conceber uma outra criança e voltar a sentir aquela ternura avassaladora.

Começo a sentir que estou viva de novo, que sou uma mulher com esperança e perspectivas, a mulher em que aquela rapariguinha da Espanha se transformou. Descubro a sensação de estar viva, parada a meio do percurso, entre o meu futuro e o meu passado. É como se estivesse a verificar se está tudo bem comigo, como um cavaleiro depois de uma queda perigosa, apalpando os braços e as pernas, todo o meu corpo frágil, ã procura de qualquer lesão permanente. A minha fé em Deus regressa, absolutamente inabalada firme como sempre foi. Só me parece ter havido uma grande alteração: a confiança que depositava na minha mãe e no meu pai foi afectada. Pela primeira vez na minha vida, penso que, na verdade, podiam estar enganados.

Recordo a bondade do médico mouro para comigo, e vejo-me forçada a emendar a minha opinião sobre o seu povo. Ninguém que tenha visto uma inimiga numa situação tão extrema, como ele me viu, e que tenha conseguido olhar para ela com tanta compaixão, pode ser apelidado de bárbaro, de selvagem. Pode ser um herege -Impregnado de equívocos - mas tem certamente direito a tirar as suas próprias conclusões, a partir dos seus motivos. E, pelo que conheço dos homens, deve ter muito boas razões.

Gostaria de poder enviar um padre bondoso que lutasse pela alma dele, mas não posso dizer, como a minha mãe teria dito, que está morto espiritualmente, que não merece nada a não ser a morte. Ele pegou nas minhas mãos para me dar más notícias, e eu vi a ternura de Nossa Senhora nos seus olhos. Não posso continuar a desprezar os Mouros, a considerá-los hereges ou inimigos. Tenho de vê-los como homens e mulheres, falíveis como nós, fiéis ao seu credo, como nós somos ao nosso.

E, por sua vez, isto leva-me a duvidar da sabedoria da minha mãe. Antes, seria capaz de jurar que ela sabia tudo, que o que dizia devia ser lei em toda a parte. Mas agora tenho idade suficiente para a analisar com mais sensatez. Vivi na pobreza durante a minha viuvez, porque o contrato que assinou fora formulado sem qualquer salvaguarda. Fui abandonada, sozinha num país estrangeiro, porque - embora me tenha dito para voltar para casa com uma urgência aparente - na realidade, tudo não passara de uma encenação; ela não queria, de forma alguma, que eu voltasse para a Espanha. Endureceu o seu coração contra mim. desligou-se dos planos que fizera para mim, e deixou-me. a sua própria filha, ao abandono.

E, por fim, fui obrigada a procurar um médico em segredo e a consultado às escondidas, porque ela cumprira o seu papel, expulsando da Cristandade os melhores médicos, os melhores cientistas e as mentes mais brilhantes do mundo. Considerara a sabedoria deles um pecado, e o resto da Europa deixou-se levar pelas suas ideias. Expulsou da Espanha os judeus, a sua técnica e a sua coragem, expulsou os Mouros com a sua instrução e os seus dons. Ela, uma mulher que apreciava o conhecimento, baniu aqueles a que chamam "Os Povos do Livro". Ela, que lutara pela justiça, tinha sido injusta.

Não consigo prever o que este afastamento possa vir a significar para mim. A minha mãe já morreu e não posso criticá-la, nem discutir com ela, a não ser na minha imaginação. Mas sei que estes meses produziram em mim uma mudança profunda e duradoura. Adquiri uma compreensão do meu mundo que não tem nada que ver com a compreensão que ela tinha do dela. Não apoio uma cruzada contra os Mouros, ou contra seja quem for. Não concordo com a perseguição ou a crueldade contra eles pela cor da sua pele ou pelas crenças que os seus corações defendem Sei que a minha mãe não é infalível, já não me parece que ela e Deus pensem da mesma maneira. Embora ainda ame a minha mãe, já não a venero. Parece-me que, finalmente, estou a tornar--me adulta.



Aos poucos, a rainha foi emergindo da sua dor e começou a interessar-se novamente pela gestão da corte e do país. Londres fervilhava de notícias segundo as quais corsários escoceses haviam atacado um navio mercante inglês. Todos sabiam o nome do corsário era Andrew Barton, que navegava com cartas de autorização concedidas pelo rei Jaime da Escócia. Barton era impiedoso com os barcos ingleses e a crença geral, nas docas de Londres, era de que Jaime autorizara deliberadamente o pirata a pilhar os barcos ingleses, como se os dois países já estivessem em guerra.

- Temos de o fazer parar - disse Catarina a Henrique.

- Ele não se atreve a desafiar-me! - exclamou Henrique. Jaime só manda salteadores de fronteira e piratas contra mim. por que não se atreve a enfrentar-me ele mesmo. Jaime é um cobarde e não cumpre os juramentos

que faz.

- Sim - concordou Catarina. - Mas o mais importante em relação a esse pirata. Barton, é que ele não constitui um perigo apenas para o nosso comércio, é um precursor de coisas piores, que se seguirão. Se deixarmos os Escoceses tomar conta dos mares, estaremos a deixá-los controlar o nosso país. A Inglaterra é uma ilha e os mares devem pertencer-nos. da mesma forma que o território, senão, não teremos qualquer segurança.

- Os meus barcos estão prontos e vamos partir ao meio-dia. Vou capturá-lo vivo - prometeu Edward Howard, o almirante da frota, a Catarina, quando foi despedir-se dela. Ela achou que ele parecia muito jovem, tão imberbe quanto Henrique; mas a sua inteligência e a sua coragem eram inquestionáveis. Herdara toda a capacidade táctica do pai, mas aplicara-a à recém-criada marinha. Por tradição, aos Howard era atribuído o posto de Lorde Almirante, mas Edward estava a revelar-se excepcional. - Se não o conseguir capturar com vida, afundarei o seu navio e trá-lo-ei morto.

- Que vergonha para vós! Um inimigo cristão! - disse ela a brincar, estendendo a mão para que ele a beijasse.

Ele olhou para ela, com um ar sério.

- Garanto-vos, Vossa Graça, que os Escoceses constituem um perigo maior para a paz e a riqueza deste país do que os próprios Mouros.

Ele reparou no seu sorriso pensativo.

- Não sois o primeiro inglês a dizer-mo - disse ela. - Eu própria cheguei a essa conclusão nos últimos anos.

- E tendes de estar cena - disse ele. - Na Espanha, o vosso pai e a vossa mãe não descansaram enquanto não expulsaram os Mouros das montanhas. Para nós, na Inglaterra, o inimigo mais próximo são os Escoceses. São eles que estão nas nossas montanhas, são eles que devem ser reprimidos e subjugados, se alguma vez quisermos viver em paz. O meu pai passou a vida a defender as fronteiras do Norte e, agora, eu vou lutar contra o mesmo inimigo, mas no mar.

- Voltai, são e salvo - pediu ela.

- Tenho de correr riscos - disse ele, despreocupado. - Não sou homem de ficar em casa.

- Ninguém duvida da vossa bravura e a minha frota precisa de um almirante - disse-lhe ela. - Quero ter o mesmo almirante por muitos anos. Preciso do meu campeão, no próximo torneio, preciso do meu par. para dançar comigo. Voltai para casa são e salvo, Edward Howard!



O rei estava apreensivo por ver o seu amigo Edward Howard fazer-se ao mar contra os Escoceses, mesmo que fosse apenas um corsário escocês. Esperara que a aliança que o seu pai fizera com a Escócia, reforçada pelo casamento da princesa inglesa, pudesse garantir a paz.

- Jaime é um hipócrita, prometendo paz e casando com Margaret, por um lado, e a autorizar estes ataques por outro. Vou escrever a Margaret e pedir-lhe para avisar o marido de que não podemos aceitar ataques aos nossos barcos. Além disso, deviam manter-se dentro das suas fronteiras.

- Se calhar, ele não lhe vai dar atenção - alvitrou Catarina.

- Ela não pode ser criticada por isso - disse ele rapidamente. - Nunca se devia ter casado com ele. Era demasiado jovem e ele estava muito determinado em fazer o que queria, e é um homem de guerra. Mas se ela puder, vai fazer com que haja paz, sabia que esse era o desejo do meu pai e sabe que temos de viver em paz. Agora somos da mesma família, somos vizinhos.

Mas os senhores da fronteira, os Percy e os Neville, relataram que os Escoceses, recentemente, se haviam tornado mais arrojados nos seus ataques às terras nortenhas. Era inquestionável que Jaime se estava a preparar para a guerra, era indubitável que tinha intenção de tomar terras em Northhumberland e declará-las suas. A qualquer momento, poderia marchar para sul, tornar Berwick e continuar até Newcastle.

- Como se atreve? - perguntou Henrique. - Como se atreve a marchar por aqui dentro, a tomar o que é nosso e a perturbar o nosso povo? Não sabe que eu posso reunir um exército e usá-lo contra ele amanhã?

- Seria uma campanha difícil - fez notar Catarina, pensando nas terras bravias da fronteira e no longo percurso para lá chegar. Os Escoceses teriam tudo a seu favor, com as terras ricas do Sul espalhadas à sua frente, e os soldados ingleses nunca queriam lutar quando estavam longe das suas aldeias.

- Seria fácil - contrapôs Henrique. - Toda a gente sabe que os Escoceses não conseguem manter um exército em campo. Não passam de um bando de salteadores. Se eu levasse um grande exército inglês, devidamente equipado e ordenado, acabaria com eles num só dia.

- Certamente que sim - Catarina sorriu. - Mas não vos esqueçais de que temos de reunir o nosso exército para lutar contra os Franceses. De certeza que preteris ganhar as vossas esporas contra os Franceses, num campo de bravura que ficará na história, do que numa reles querela de fronteira



. Catarina conversou com Thomas Howard, Conde de Surrey, pai de Edward Howard. no final da reunião do Conselho Privado, na altura em que os homens saíram dos aposentos do rei.

-Senhor? Tendes notícias de Edward? Sinto falta do meu jovem *Chevalier.*

O velho senhor sorriu para ela.

- Recebemos hoje um relatório. O próprio rei vos dirá. Sabia que ficaríeis contente por tomardes conhecimento de que o vosso favorito conseguiu uma vitória.

- Conseguiu?

- Capturou o pirata Andrew Barton e dois dos seus barcos - o orgulho transparecia sob a sua falsa modéstia. - Limitou-se a fazer o que qualquer rapaz Howard tem obrigação de fazer.

- Ele é um herói! - disse Catarina entusiasmada. - A Inglaterra precisa tanto de grandes marinheiros como de soldados. O futuro da Cristandade está no domínio dos mares. Temos de dominar os mares, como os Sarracenos dominam os desertos. Temos de expulsar os piratas dos mares e transformar os barcos ingleses numa presença constante. E que mais? Já iniciou o caminho de volta?

- Vai trazer os seus barcos até Londres e o pirata acorrentados Vamos julgá-lo e enforcá-lo na beira do cais, mas o rei Jaime não vai gostar.

-Julgais que o rei dos Escoceses quer a guerra? - perguntou--lhe Catarina sem rodeios. - Seria capaz de entrar em guerra por uma causa como esta? Estará o país em perigo?

- De todas as que já assisti na minha vida, esta é a situação de maior perigo para a paz do reino - disse o velho senhor honestamente. - Conseguimos subjugar os Galeses e trazer a paz ás **nossas** fronteiras a ocidente, agora teremos de dominar os Escoceses. Depois disso, teremos de resolver o problema dos Irlandeses.

- É um país independente, com os seus próprios reis e as suas leis - objectou Catarina.

- Também os Galeses eram, até os derrotarmos - sublinhou ele. - Este território é demasiado pequeno para três reinos. Os Escoceses terão de ser subjugados e ficar sob o vosso domínio.

- Talvez lhes pudéssemos oferecer um príncipe - pensou Catarina em voz alta. - Como fizeram com os Galeses. O segundo filho poderia ser o Príncipe da Escócia, da mesma forma que o primogénito e o Príncipe de Gales. Teríamos um reino governado pelo rei inglês.

Ele ficou surpreendido com a ideia.

-É verdade - disse ele. - Essa seria a melhor maneira de o conseguir. Atingi-los em cheio e. depois, oferecer-lhes uma paz honrosa. De outra forma, vamos tê-los a morder-nos os calcanhares para sempre.

- O rei pensa que o exército deles deve ser pequeno e fácil de derrotar - observou Catarina.

Howarcl conseguiu dominar uma gargalhada.

- Sua Majestade nunca esteve na Escócia - disse. - Nunca esteve na guerra. Os Escoceses são um inimigo formidável, quer em batalha campal, quer em ataques de passagem. São um inimigo muito pior do que a cavalaria francesa da imaginação dele. Não respeitam as leis de cavalaria, lutam para ganhar e lutam até à morte Temos de enviar uma forca poderosa, sob as ordens de um comandante experiente.

- Seríeis capaz de o fazer?

- Posso tentar - respondeu ele honestamente. - Neste momento, sou a melhor arma que tendes à mão, Vossa Graça.

-Julgais que o rei seria capaz de o fazer? - perguntou ela baixinho.

Ele sorriu:

- É um jovem - disse ele - e não lhe falta coragem. Ninguém que o tenha visto num torneio pode duvidar da sua coragem. E habilidoso, a cavalo. Mas uma guerra, não é um torneio, e ele ainda não percebeu isso. Precisa de cavalgar à frente de um exército arranjado. de ficar calejado por algumas batalhas, antes de travar a grande guerra da sua vida - a guerra pelo seu próprio reino.

Não põe um potro numa carga de cavalaria a primeira vez que sai c estabulo. Tem de aprender O rei. mesmo sendo um rei. tem **i** aprender.

- Não lhe ensinaram nada sobre táctica de guerra - disse e - Não teve de estudar outras batalhas. Não faz ideia de como observa o tipo de terreno e como se devem posicionar as forças Não sabe nada de abastecimentos e de como manter um exercito em movimento. O pai não lhe ensinou nada.

- O pai não sabia quase nada - disse o conde muito baixo, de maneira a que só ela ouvisse. - A sua primeira batalha foi Boswonh e ele ganhou-a. em parte, por sorte, e, em parte, devido aos aliados que a mãe conseguiu pôr em campo para o ajudar. Era bastante corajoso, mas não era nenhum general.

- Mas. porque é que ele não fez com que Henrique apre desse a táctica de

guerra? - perguntou a filha de Fernando, qu fora criada num acampamento e aprendera o que era um plano campanha, mesmo antes de aprender a costurar.

- Quem haveria de pensar que ele teria necessidade de saber essas coisas? - perguntou-lhe o velho conde. - Todos pensávamos que seria Artur.

Ela fez um esforço para que o seu rosto não deixasse transparecer a súbita aguilhoada de dor, perante a menção inesperada daquele nome.

- Tendes razão - disse ela. - É óbvio que pensavam. Tinha-esquecido. Mas é claro que pensavam.

- Neste momento, ele teria sido um grande comandant Interessava-se pelos empreendimentos guerreiros, lia. Estudava, conversava com o pai. massacrava-me com perguntas, listava bem cien te do perigo que os Escoceses representavam e tinha uma grande noção do modo de comandar os homens. Costumava fazer-me perguntas sobre as terras da fronteira, onde se situavam os castelos, que tipo de terreno era. Fodia ter conduzido um exército contra os Escoceses com alguma esperança de sucesso. O jovem Henrique será um grande rei. quando aprender a táctica.

Mas Artur já sabia tudo isso. Estava-lhe no sangue. Catarina nem sequer se permitiu o prazer de falar sobre ele.

- Talvez - foi tudo o que disse. - Entretanto, o que podemos fazer para limitar os ataques dos Escoceses? Pensais que os senh res das fronteiras deviam receber reforços?

- Penso que sim, mas é uma fronteira muito extensa, e difícil de defender. O rei Jaime não tem medo de um exército inglês liderado pelo rei. E não teme os senhores da fronteira.

- Como é que ele não tem medo de nós?

Ele encolheu os ombros, demasiado cortês para dizer qualquer palavra que o atraiçoasse.

- Bem, Jaime é um velho guerreiro, há duas gerações que ***t*** esta a preparar para a luta.

- Quem é que poderia fazer com que Jaime nos receasse, de maneira a que permanecesse na Escócia, enquanto reforçamos a fronteira e nos preparamos para a guerra? O que o faria adiar o ataque, permitindo-nos ganhar tempo?

- Nada - declarou ele, abanando a cabeça. - Não há ninguém que consiga detê-lo, se estiver decidido a atacar. Excepto, talvez, o Papa, se assim lho ordenasse. Mas quem iria convencer

Sua Santidade a intrometer-se entre dois monarcas cristãos que discutem por causa de um ataque de piratas e um pedaço de terra? E o Papa tem os seus próprios problemas, com o avanço dos Franceses. Além do mais, uma queixa nossa só iria provocar um contra-ataque da Escócia. Porque haveria Sua Santidade de intervir em nosso favor?

- Não sei - disse Catarina. - Não sei o que poderia fazer com que o Papa tomasse o nosso partido. Se ao menos conhecesse o nosso problema! Se usasse os seus poderes para nos defender!



Richard Bainbridge, o Cardeal Arcebispo de York, está, por acaso, em Roma, e é um bom amigo meu. Escrevo-lhe nessa mesma noite, uma carta informal, como a que se escreve a um conhecido que está longe de casa, contando-lhe as novidades sobre Londres, sobre o clima, as perspectivas para as colheitas e o preço da lã. Depois, falo-lhe na inimizade do rei escocês, do seu pecaminoso orgulho, do seu apoio cruel aos ataques aos nossos barcos e - pior do que tudo - das suas constantes incursões nas nossas terras do Norte. Digo-lhe que receio bastante que o rei se veja forçado a defender as suas terras do Norte e que, por isso, não tenha possibilidade de ir em auxílio do Santo Padre, na sua luta contra o rei francês. Seria uma grande tragédia, escrevo eu, se o Papa se visse atacado e nós não tivéssemos possibilidade de ir em seu auxílio por causa da crueldade dos Escoceses. Temos planos para nos juntarmos à aliança do meu pai e defender o Papa; mas será difícil juntarmo-nos ao Papa, se o nosso país não estiver em segurança. Se eu conseguir convencê-lo, nada afastara o meu marido da sua aliança com o meu pai, com o Imperador e com o Papa, mas que posso eu, uma pobre mulher, fazer? Uma pobre mulher,

cuja fronteira indefesa está sob ameaça constante?

O que poderia ser mais natural do que Richard, meu irmão em Cristo, ter decidido levara carta, em mãos, a Sua Santidade, o Papa, e falar-lhe na minha grande perturbação, causada pela ameaça que o rei Jaime da Escócia representava para a paz do meu país? E de como toda a aliança para salvar a Cidade Eterna poderia estar ameaçada por esta má vizinhança?

O Papa, ao ler a carta que escrevi a Richard, compreende o que está implícito e escreve imediatamente ao rei Jaime, ameaçando excomungá -lo, se ele não respeitar a paz e as fronteiras justamente acordadas de um outro rei cristão. Afirma-se chocado pelo jacto de Jaime querer perturbar a paz da Cristandade. Considera a sua conduta muito grave e ameaça-o com grandes sanções. O rei Jaime obrigada a aceder aos desejos do Papa, obrigado a pedir desculpa pelas suas incursões, escreve uma carta agreste a Henrique, dizendo-lhe que não devia ter contactado unilateralmente o Papa, que aquilo fora apenas uma querela entre os dois e que não houvera motivo para Henrique ir a correr fazer queixa ao Santo Padre, nas suas costas.



-Não sei do que está ele a falar! - queixou-se Henrique a Catarina, ao encontrá-la no jardim, jogando à apanhada com as suas damas de companhia. Estaca demasiado perturbado para entrar no jogo, como costumava fazer: apanhava a bola no ar, atirava-a com força contra a rapariga que estivesse mais perto e desatava aos gritos, todo contente. Estava preocupado de mais para jogar com elas. - O que é que ele está a dizer? Eu nunca apelei para o Papa, não lhe contei nada, não sou nenhum queixinhas!

- Pois claro que não, e deveis dizer-lho - disse Catarina serenamente, enfiando o seu braço no dele, afastando-se das outras mulheres.

- E vou dizer! Não contei nada ao Papa, e posso prová-lo.

- É possível que eu tenha mencionado as minhas preocupações ao arcebispo e que ele as tenha feito chegar aos seus superiores - disse Catarina casualmente. - Mas vós não podeis ser acusado só porque a vossa esposa diz ao seu conselheiro espiritual que esta preocupada.

- Exactamente - disse Henrique. - É o que lhe vou dizer. E vos não precisais de vos preocupar, nem um bocadinho.

- Eu sei, e o mais importante é que Jaime saiba que não nos pode atacar impunemente. Sua Santidade assim o determinou. Henrique hesitou.

- Não era vossa intenção que Bainbridge tosse contar ao Papa, pois não?

Ela lançou-lhe um pequeno sorriso

- Claro - disse ela -, mas mesmo assim, não tostes vós quem se queixou de Jaime, ao Papa. O abraço dele apertou-se em volta da cintura dela.

- Sois um adversário temível. Espero que nunca tenhamos de estar em campos opostos. Eu perderia, de certeza.

- Nunca estaremos - disse ela docemente -. pois eu nunca serei outra coisa que não seja a vossa esposa leal e fiel e rainha.

- Consigo reunir um exercito num instante, vós sabeis - recordou-lhe Henrique. - Não tendes de recear Jaime. Não necessitais sequer de tingir que tendes medo. Sou capaz de exterminar **OÍ** Escoceses. Posso fazê-lo tão bem como outro qualquer, e vós sabeis.

- É claro, claro que sei. E, graças a Deus. agora não precisai; de o fazer.



Outono de 1511

Edward Howard trouxe os corsários escoceses para Londres acorrentados, e foi recebido como um herói inglês. A sua popularidade deixou Henrique - sempre preocupado com a aprovação do povo - bastante invejoso. Cada vez falava mais numa guerra contra os Escoceses e o Conselho Privado, embora receoso pelo custo dessa guerra e, em particular, duvidando das capacidades militares de **1** [enrique, não podia negar que a Escócia era uma ameaça sempre presente para a paz e a segurança da Inglaterra.

Foi a rainha que fez com que Henrique esquecesse a sua inveja de Edward Howard e era também a rainha que lhe recordava constantemente que a sua primeira experiência guerreira deveria **ter** lugar, sem qualquer dúvida, nos importantes campos da Europa e não numas montanhas semiescondidas na fronteira. Quando Henrique da Inglaterra partisse para a batalha teria de ser contra o rei francês, aliado aos dois mais importantes reis da Cristandade. Henrique, inspirado desde criança pelas histórias acerca de Crécy e Agincourt. deixou-se seduzir facilmente por ideias de glória contra a França.

Primavera de 1512

Foi difícil para Henrique não embarcar pessoalmente, quando a armada partiu para se juntar ao rei Fernando, na sua campanha contra os Franceses. Foi uma partida gloriosa: os barcos fizeram- se ao mar, exibindo os estandartes da maior parte das mais importantes. famílias da Inglaterra e eram a força mais bem equipada e guarnecida que partira da Inglaterra nos últimos anos.

Catarina estiver; bastante ocupada, supervisionando a tarefa interminável de aprovisionar os barcos, abastecê-los de armamento e equipar os soldados Recordava-se do trabalho constante da mãe quando o pai estava em guerra, e aprendera a grande lição da sua infância - que um batalha só podia ser ganha se tivesse sido preparada de modo exaustivo -e fiável.

Enviou uma frota expedicionária que estava mais bem organizada do que qualquer outra que alguma vez partira da Inglaterra, ela estava convencida de que, sob o comando do seu pai. o Ingleses poderiam defender o Papa, derrotar os Franceses, conquistar territórios na França e, com isso, tornar os Ingleses, mais um vez, os maiores proprietários de terras na França. Os que, n Conselho Privado, defendiam a paz, estavam preocupados, com era seu hábito, pois temiam que a Inglaterra se visse arrastada par outra guerra interminável; mas Henrique e Catarina estavam cor vencidos, influenciados pelas previsões confiantes de Fernando, d que a vitória seria rápida e que daí surgiriam importantes beneficie para a Inglaterra.

Durante toda a minha infância vi o meu pai comandar uma campanha atrás de outra. Nunca o vi perder. Entrar em guerra e revivera minha infância. A cor os sons e a excitação de um país em guerra são para mim uma profunda

alegria. Desta vez, o facto de estar aliada ao meu pai, como parceiro igual, de ter a possibilidade de lhe enviar a força do exército inglês, faz-me sentir como se estivesse a entrar na idade adulta. Era o que esperava de mim, é o ponto culminante da minha vida como filha dele. Foi para isto que suportei os longos anos de espera pelo trono inglês. É este o meu destino. Finalmente, sou um comandante, como o meu pai e como a minha mãe. Sou uma rainha militante e, nesta manhã cheia de sol em que vejo a armada partir, não tenho qualquer diívida de que serei uma rainha triunfante.



De acordo com o plano, o exército inglês iria encontrar-se com o exército espanhol para invadirem o Sudoeste da Franca: Guienne e o Ducado de Aquitânia. Na mente de Catarina não existiam dúvidas de que o pai iria querer receber o seu quinhão dos despojos de guerra, mas acreditava que ele respeitaria a promessa de marchar juntamente com os ingleses para a Aquitânia. que voltaria a pertencer à Inglaterra. Pensava que o plano secreto do pai consistia na divisão da França em fragmentos, o que faria com que aquele país superpoderoso voltasse a ser o aglomerado de pequenos reinos e ducados que fora anteriormente, esmagando assim as suas ambições por uma geração. De facto, Catarina sabia que ò pai considerava que seria mais seguro para a Cristandade se a França fosse reduzida. Não era um país em que se pudesse confiar, com o poder e a riqueza que lhe advinham daquela união.



Maio de 1512

Foi um entretenimento tão agradável como qualquer outro da corte, observar os barcos a atravessarem a barra e fazerem-se ao mar, empurrados por um vento forte, num dia de sol; e Henrique e Catarina regressaram a Windsor cheios de confiança, uma vez que os seus exércitos eram os mais fortes da Cristandade e não podiam falhar.

Catarina aproveitou o momento e o entusiasmo de Henrique pelos barcos para lhe perguntar se não achava que deviam mandar construir galés,

barcos de guerra movidos a remos. Artur percebera imediatamente ao que ela se referia quando lhe falara em galés; já tinha visto ndesenhos e lido textos sobre a maneira como podiam ser utilizadas. Henrique nunca vira uma batalha no mar. nem uma galé virar de rumo num instante, sem que houvesse vento, e atacar um navio de guerra imobilizado por falta de vento. Catarina tentou explicar-lhe, mas Henrique, inspirado pela visão da armada com as velas desfraldadas, afirmou que só queria barcos à vela, barcos grandes, conduzidos por tripulações livres, destinados à glória.

Toda a corte concordou com ele, e Catarina percebeu que não adiantava fazer frente a uma corte que se deixava sempre levar pela última moda. Motivados pelo belo efeito produzido pela armada ao fazer-se ao mar, todos os jovens queriam ser almirantes, como Edward Howard, da mesma maneira que no Verão anterior haviam desejado ser cruzados. Não adiantava discutir as debilidades de um grande barco à vela, em combate cerrado - todos queriam navegar com todas as velas ao vento. Todos queriam ter o seu próprio barco. Henrique passava dias inteiros com mestres e construtores navais e Edward Howard lutava por ter uma frota cada vez maior.

Catarina concordava que a frota era muito boa, que os marinheiros da Inglaterra eram os melhores do mundo, mas lembrava que talvez fosse melhor escrever para o arsenal de Veneza, perguntando qual era o preço de uma galé, se poderiam construí-la por encomenda, ou se concordariam em enviar as peças e os planos para a Inglaterra, para que fosse montada por construtores ingleses, nos estaleiros ingleses.

- Nós não precisamos de galés - disse Henrique desinteressado. - As galés só servem para ataques nas praias. Não somos piratas. Queremos barcos grandes que possam transportar os nossos soldados. Queremos barcos fortes que possam atacar os barcos franceses em alto mar. O barco é uma plataforma a partir da qual lançamos o ataque. Quanto maior for a plataforma, mais soldados poderemos levar. Tem de ser um barco grande, próprio para uma batalha marítima.

- Estou segura de que tendes razão - disse ela. - Mas não devemos esquecer os nossos outros inimigos. Os mares são uma fronteira e temos de dominá-los com barcos grandes e pequenos Mas a nossa outra fronteira também tem de se tornar segura.

- Estais a referir-vos aos Escoceses? Já receberam um aviso do Papa. Penso que não teremos de nos incomodar com eles.

Ela sorriu. Nunca discordaria dele abertamente.

-Com certeza - disse ela. - O arcebispo garantiu-nos algum espaço para respirarmos. Mas no próximo ano, ou no ano seguinte, teremos de ir contra os Escoceses.



Verão de 1512

Depois, não havia nada para Catarina fazer, a não ser esperar. Parecia que todos estavam à espera. O exército inglês estava em Fuenterrabia, esperando que os Espanhóis se lhes juntassem para invadirem o Sul da França. O calor do Verão desceu sobre eles durante todo aquele tempo de espera em que comiam mal e bebiam como loucos sedentos. De todos os que faziam parte do Conselho de Henrique, apenas Catarina sabia que o calor do meio do Verão na Espanha podia matar um exército que não tinha nada para fazer, a não ser esperar por ordens. Escondia de Henrique os seus receios, e do Conselho, mas, em privado, escreveu ao pai. perguntando-lhe quais eram os seus planos, e abordou o embaixador dele, querendo saber o que esperava o pai que o exército inglês fizesse e quando é que deveria prosseguir.

O pai, que cavalgava com o seu próprio exército, em movimento, não respondeu: e o embaixador não sabia. O Verão chegou ao fim e Catarina não voltou a escrever. Num momento de amargura, que nem para si mesma quis reconhecer, percebeu que, afinal, não era uma aliada do pai no tabuleiro de xadrez da Europa - chegou à conclusão de que, nos planos dele, não passava de um mero peão.

Nem foi preciso perguntar qual era a estratégia dele; apesar de ter o

exército inglês a postos, não o utilizou, e isso fez com que ela adivinhasse. O tempo arrefeceu na Inglaterra, mas na Espanha ainda estava calor. Por fim, Fernando precisou dos seus aliados, mas. quando os mandou chamar e lhes ordenou que passassem o Inverno em campanha, eles recusaram-se a atender ao chamado. Amotinaram-se contra os seus comandantes e exigiram voltar para casa.

Inverno de 1512

Não foi nenhuma surpresa para Catarina, nem para os cínicos do Conselho, quando o exército inglês voltou para casa, em Dezembro, vestindo farrapos desonrosos. Lorde Dorset, perdendo a esperança de alguma vez chegar a receber ordens e reforços do rei Fernando, confrontado pelas tropas esfomeadas e cansadas, com a morte de dois mil homens por doença, voltou para casa em desgraça, quando os tinha levado para a guerra com tanta glória.

- O que é que pode ter corrido mal? - Henrique correu para os aposentos de Catarina e fez um gesto às damas de companhia para que saíssem. Estava quase a chorar de raiva, envergonhado por aquela derrota. Não queria acreditar que as suas forças, que haviam partido com tanta bravura, pudessem ter regressado em tal estado. Recebera cartas do sogro, queixando-se do comportamento dos aliados ingleses, ficara mal visto na Espanha e completamente desprestigiado face ao seu inimigo, a França. Fugiu para junto de Catarina, a única pessoa no mundo com quem poderia partilhar o seu choque e desalento. Quase gaguejava, com tanta preocupação. Era a primeira vez no seu reinado que alguma coisa tinha corrido mal e ele pensara - como uma criança - que nunca nada lhe correria mal.

Pego-lhe nas mãos. Tenho estado à espera disto desde o primeiro momento, no Verão, quando ainda não havia um plano de batalha para as tropas inglesas. Quando lá chegaram e não foram solicitados, percebi que tínhamos sido enganados. Pior, compreendi que tínhamos sido enganados pelo meu pai.

São sou nenhuma imbecil. Conheço o meu pai como comandante e como homem. Ao ver que não tinha lançado os ingleses na batalha no dia em que lá

chegaram, percebi que tinha outros pla nos para eles, e que esse plano tinha sido escondido de nós. O meu pai nunca deixaria homens valentes num acampamento, a fazerem intrigas, a embebedar-se e a adoecer. Eu estive em campanha com o meu pai durante a maior parte da minha infância e nunca o vi deixar os homens sem nada para fazer. Obriga-os a manterem-se sempre em movimento, a trabalhar e longe de confusões. Não há, nos estábulos do meu pai, nenhum cavalo que tenha um quilo de gordura a mais: os seus soldados são tratados do mesmo modo.

Se os ingleses foram deixados a apodrecer no acampamento foi porque ele precisava deles exactamente no sítio onde estavam - acampados. Não quis saber se estavam a adoecer e a tornar-se preguiçosos. Isto fez-me estudar novamente o mapa, e percebi o que estava a fazer. Estava a servir-se deles como contrapeso, como uma manobra de diversão inactiva. Li os relatórios dos nossos comandantes, assim que foram chegando, queixando-se daquela imobilidade sem sentido, dos exercícios que faziam na fronteira, durante os quais podiam avistar o exército francês e ser avistados por ele, mas sem receberem ordens para o confrontar; e percebi que estava certa. O meu pai manteve as tropas inglesas a passear no local, em Fuenterrabia, para que os franceses, alarmados por terem uma força tão poderosa no seun flanco, colocassem o seu exército em defesa. Enquanto estavam de guarda aos ingleses não podiam atacar o meu pai que, orgulhosamente só e sem estorvos, marchou à cabeça das suas tropas em direcção ao desprotegido reino de Navarra, conseguindo, desta maneira, alcançar aquilo por que ansiava há tanto tempo, sem problemas e sem perigo para si próprio.

- Meu querido, os vossos soldados não foram considerados culpados - digo ao meu marido jovem e desesperado. - Não esta em causa a coragem dos ingleses. Não pode haver dúvidas a esse respeito.

- Ele diz... — acena-me com a carta.

- O que diz é indiferente - digo eu pacientemente -, tendes de olhar para o que ele faz. O rosto que volta para mim é tão sofrido que eu não sou capaz de lhe dizer que o meu pai o usou. que o fez passar por idiota, que usou o seu exército, que me usou. até a mim. para conseguir conquistar Navarra.

- O meu pai recebeu a sua paga antes de fazer o trabalho, é tudo - digo eu com veemência. - Agora só temos de o obrigar a fazer o trabalho.

- Que quereis dizer com isso? - Henrique estava ainda baralhado.

- Que Deus me perdoe por dizer isto, mas o meu pai é um mestre a enganar as pessoas. Se vamos assinar tratados com ele, temos de aprender a ser tão espertos como ele. Ele fez um tratado connosco e prometeu ser nosso parceiro na guerra contra a França, mas a única coisa que fizemos foi garantir-lhe Navarra, ao enviar-lhe o nosso exército e ao mandá-lo regressar.

- Eles foram envergonhados. Eu fui envergonhado. Não consegue compreender o que estou a tentar dizer-lhe.

- O vosso exército fez precisamente o que o meu pai queria que fizesse. Nesse sentido, foi uma campanha muito bem sucedida.

- Eles não fizeram nada! Ele queixou-se, dizendo que não serviam para nada!

- Com esse nada, mantiveram os franceses imobilizados. Pensai nisso! Os Franceses perderam Navarra.

- Quero levar Dorset a tribunal marcial!

- Sim. podemos fazer isso. se o desejardes. Mas o mais importante é que continuamos a ter o nosso exército, só perdemos dois mil homens e o meu pai é nosso aliado. Este ano, ele ficou em dívida para connosco. No próximo ano, podeis voltar a França e, dessa vez. terá de ser ele a lutar por nós; e não nós por ele.

- Ele diz que vai conquistar a Guienne para mim, e di-lo como se eu não fosse capaz de o fazer por mim próprio! Pala contigo conto se eu fosse um fraco, com um exército de inúteis!

- Óptimo! - digo eu. para sua surpresa. - Deixai-o conquistar Guienne para nós.

- Ele quer que lhe paguemos.

- E pagaremos. O que importa isso. desde que o meu pai esteja do nosso lado quando entrarmos em guerra com os Franceses? Se ele conquistar Guien ne para nós, o interesse será nosso: se não o fizer, e se apenas conseguir manter os Franceses distraídos enquanto nós invadimos o Sorte, através de Calais,

também será bom para nós. Por momentos fica a olhar para mim, com a cabeça a andar à roda. Depois percebe o que eu queria dizer.

- Ele mantém os Franceses imobilizados enquanto nos avançamos, como fizemos com ele?

- Precisamente.

- Vamos usá-lo, do mesmo modo que ele nos usou?

- Sim.

Pie fica espantado.

- O vosso pai ensinou-vos a fazer estas coisas - a planear ante» cipadatnente, como se uma campanha fosse um tabuleiro de xadrez e vós tivésseis de mover as peças?

Eu abano a cabota.

- Não o fez propositadamente. Mas não se pode viver com um homem como o meu pai sem se aprender a arte da diplomacia. Sabeis que o próprio Maquiavel lhe chamou o príncipe perfeito' Não se podia viver na corte do meu pai, como eu vivi. ou estar em campanha com ele. como eu estive, sem perceber que ele passa a vida a procurar obter vantagens. Ele ensinava-me todos os dias. e eu não podia deixar de aprender, bastava-me observá-lo. Sei como a mente dele funciona. Sei como pensa um general.

- Mas o que vos leva a querer invadir por Calais'

- Oh, meu querido, por onde mais é que a Inglaterra poderia invadir a França? O meu pai pode combater no Sul, por nós. e veremos se é capaz de conquistar a Guienne. Podeis estar certo de que o fará, se for do seu interesse. E. de qualquer forma, enquanto estiver a fazê-lo, os Franceses não poderão defender a Normandia. A confiança de Henrique regressa num instante.

- Eu mesmo irei - declara. - Eu próprio irei para o campo de batalha. O vosso pai não poderá criticar o comando do exército inglês, se for eu a comandá-lo.

Hesito, por momentos. Brincar às guerras já é um jogo perigoso e, enquanto

não tivermos um herdeiro. Henrique é precioso de mais. Sem ele. a segurança da Inglaterra ficará completamente desfeita entre uma centena de pretendentes. Mas nunca serei capaz de manter a minha influencia sobre e/e se o tentar prender, como fizera a avó. Henrique terá de aprender a natureza da guerra e eu sei que estará muito mais seguro numa campanha comandada pelo meu pai, que tem tanto interesse em que eu permaneça no trono quanto eu: e estará, de longe, muito mais seguro com os cavalheirescos franceses do que com os bárbaros escoceses. Tenho um plano secreto que requer que ele esteja fora do pais

- Ireis, com certeza — digo eu. - E tereis a melhor armadura, o cavalo mais forte e a melhor guarda, entre todos os reis que estiverem em campo.

- Thomas Howard diz que devíamos abandonar a nossa luta contra a Trança, até que os Escoceses estejam subjugados. Abano a cabeça.

-Ireis lutar na França com a aliança dos três reis - asseguro--Ihe eu. - Será uma guerra poderosa, uma guerra que todos irão recordar. Os Escoceses são um perigo menor, podem esperar, no máximo, lançarão um ataque insignificante na fronteira. Ese invadirem o Norte enquanto estiverdes na guerra, são tão pouco importantes que até eu poderia comandar uma expedição contra eles, enquanto vós estiverdes na verdadeira guerra, na França.

-Vós? - pergunta ele.

- E porque não? Não somos um rei e uma rainha jovens, que subimos ao trono na flor da idade? Quem pode negá-lo?

- Ninguém! Não deixarei que me façam mudar de opinião -afirma Henrique. - Vou conquistar, na França, e vós protegereis o nosso país dos Escoceses.

- Fá-lo-ei! - prometo-lhe. É precisamente isto que eu quero.

Primavera de 1511

Durante todo o Inverno, Henrique não falou de outra coisa a não ser da guerra e, na Primavera, Catarina começou a reunir um grande número de homens e grandes quantidades de material para a invasão do Norte da França. O tratado com Fernando acordava que ele deveria invadir a Guienne, em nome da Inglaterra, ao mesmo tempo que as tropas inglesas tomavam a Normandia. O Sagrado Imperador Romano, Maximiliano, iria juntar-se ao exército inglês na batalha, no Norte. Era um plano infalível, se as três partes atacassem ao mesmo tempo, se tivessem plena confiança uns nos outros.

Para mim, não foi nenhuma surpresa descobrir que o meu pai andava a negociar a paz com a França, precisamente na mesma altura em que eu tinha pedido a Thomas Wolsey, o meu braço direito, o oficial da Casa Real encarregado de distribuir esmolas aos pobres, que escrevesse para todas as cidades da Inglaterra, perguntando quantos homens poderiam disponibilizar para o serviço do rei, quando partíssemos para a guerra na França. Eu sabia que o meu pai só pensava na sobrevivência da Espanha: a Espanha acima de tudo. Não o censuro por isso. Agora que sou uma rainha, compreendo um pouco melhor o que significa amarmos um pais com tal paixão, que somos capazes de trair seja quem for - até um filho nosso, como ele está a fazer- para o manter em segurança. O meu pai, antevendo, por um lado, a perspectiva de uma guerra problemática e com poucos dividendos e, pelo outro, uma hipótese de paz, em que lhe interessava apostar, escolhe a paz e a França como amigo. Ele traiu-nos, em absoluto segredo, e até a mim conseguiu enganar.

Quando a sua enorme perfídia se torna pública, atribui todas as culpas ao seu embaixador e a hipotéticas cartas que se teriam perdido. É uma fraca desculpa, mas eu não me queixo. O meu pai irá juntar-se a nós, mal lhe pareça que vamos ganhar. O importante para mim, agora, é fazer com que

Henrique parta para a sua campanha na França e me deixe só, para lidar com os Escoceses.

- Ele tem de aprender a comandar os homens numa batalha -diz-me Thomas Howard. - Não são propriamente um grupo de rapazes que visitam um lupanar-perdoai-me, Vossa Graça.

- Eu sei! - respondo eu. - Ele tem de ganhar as suas esporas. Mas é tão arriscado. O velho soldado coloca a sua mão sobre a minha.

- Muito poucos reis morrem em batalha - diz ele. - Não deveis pensar no rei Ricardo, porque ele é que correu para as espadas. Ele percebeu que o tinham traído. A maior parte das vezes, os reis são libertados através de um resgate. Não tem nem metade do perigo, comparado com aquele que vós correreis se equipardes um exército e o enviardes através do estreito para a França e tentardes combater os Escoceses, com o que cã sobrar.

Fico calada durante algum tempo. Não me tinha apercebido de que ele adivinhara o que eu planeava fazer.

- Quem é que pensa que é que vou fazer?

- Apenas eu.

- Haveis falado disso a alguém?

- Não - diz ele estoicamente. - O meu primeiro dever é para com a Inglaterra, e penso que tendes razão. Temos de acabar com os Escoceses, de uma vez por todas, e será melhor que isso aconteça enquanto o rei estiver a salvo, do outro lado do mar.

- Vejo que não vos preocupa demasiado a minha própria segurança!- observo.

Ele encolhe os ombros e sorri.

-Vós sois uma rainha — diz ele — muito querida, talvez. Mas é sempre possível arranjar uma outra rainha. Não temos é mais nenhum rei Tudor.

- Eu sei- digo eu. - E unia verdade clara, como água. Eu posso ser substituída, mas Henrique não. Enquanto eu não tiver um filho Tudor.

Thomas Haward adivinhou o meu plano. Não tenho qualquer duvida em relação aos meus deveres. Foi isso que Artur me ensinou - o maior perigo para a segurança da Inglaterra vem do Norte, dos Escoceses e, por isso. é para norte que tenho de marchar. Henrique tem de ser encorajado a vestir a sua mais bela armadura para ir, com os seus amigos mais queridos, participar numa espécie de grande torneio contra os Franceses. Mas a guerra na fronteira norte vai ser sanguinária; se conseguirmos aí uma vitória, ficaremos em segurança durante várias gerações. Se quiser fazer da Inglaterra um país seguro, para mim e para o meu filho por nascer, e para os reis que vierem depois de mim, tenho de derrotar os Escoceses.

Mesmo que eu nunca venha a ter um filho, mesmo que nunca chegue a ir a Walsingham agradecer a Nossa Senhora pelo filho que ela me tenha dado, terei sempre cumprido o meu primeiro e maior dever, minha adorada Inglaterra, meu país, se derrotar os Escoceses. Mesmo que morra ao fazê-lo. Sustento a decisão de Henrique, não o deixo perder a paciência, nem a vontade. Luto contra o Conselho Privado, que prefere ver na impossibilidade de se poder confiar no meu pai um novo sinal de que não devemos entrar em guerra. Em parte, concordo com eles. Parece--me que não temos nenhum motivo forte contra a França e que os ganhos não vão ser muitos. Mas sei que Henrique está louco por ir para a guerra, e pensei que a França é sua inimiga e o rei Luís seu rival. Quero Henrique fora do meu caminho este Verão, a altura em que tenciono destruir os Escoceses. Sei que a única coisa que o pode distrair é uma guerra gloriosa. Eu quero que haja guerra, não porque esteja zangada com os Franceses ou porque queira mostrar a nossa capacidade bélica ao meu pai; quero a guerra porque temos os Franceses a sul e os Escoceses a norte, e tenho ele enfrentar seriamente um destes inimigos e brincar com o outro, para manter a Inglaterra segurei.

Passo horas ajoelhada na capela real; mas é com Artur que falo. em longos e silenciosos devaneios. "Tenho a certeza de que estou certa, meu amor", murmuro para dentro das minhas mãos mudas. Estou certa ele que tínheis razão quando me avisaste acerca do perigo que os Escoceses representavam, lemos de dominei-los ou nunca teremos um reino onde se possa dormir em paz. Se conseguir fazer o que quero, este será o ano em que se decidirá o destino da Inglaterra. Se conseguir, enviarei Henrique contra os Franceses, irei contra os Escoceses e o nosso destino poderá ficar traçado. Sei que os Escoceses são o perigo maior. Todos pensam que são os Franceses - o teu irmão não pensa em mais nada, para além dos Franceses - mas são homens

que não conhecem nada da realidade da guerra. O inimigo que está do outro lado do mar, por muito que o detestemos, é um inimigo muito mais fraco do que aquele que pode marchar através da nossa fronteira numa noite."

Quase consigo vedo na escuridão sombria, por trás dos meus olhos fechados. "Oh, sim", digodbe com um sorriso. "Podes pensar que uma mulher não consegue usar uma armadura. Mas eu sei mais sobre guerra do que a maioria dos homens desta corte pacífica. É uma corte dedicada aos torneios, todos os jovens pensam que a guerra é um jogo. Mas eu sei o que é a guerra, fá a vi. Este é o ano em que me verás partir a cavalo, como fazia a minha mãe, o ano em que me verás enfrentar o nosso inimigo - o único que tem realmente importância. Este é, agora, o meu país, tu mesmo fizeste dele o meu país. E eu vou defendê-lo por ti, por mim e pelos nossos herdeiros.



Os preparativos cios Ingleses para a guerra contra a França avançaram rapidamente. Catarina e Thomas Wolsey, o seu fiel ajudante, trabalhavam todos os dias, preparando as listas de convocatórias para as diferentes cidades, no aprovisionamento de mantimentos para o exército, na forja de novas armaduras e na instrução cios voluntários, que tinham que aprender a marchar, a preparar-se para atacar ou para retroceder, de acordo com as vozes de comando. Wolsey reparou que Catarina tinha duas listas de convocatórias, quase como se estivesse a preparar dois exércitos.

- Estais a pensar que teremos de lutar contra os Escoceses e os franceses, ao mesmo tempo? -perguntou-lhe.

- Tenho a certeza que sim.

- Os Escoceses vão atirar-se a nós, mal as nossas tropas partam para França - disse ele. - Teremos de reforçar as fronteiras.

- Espero fazer mais do que isso - foi tudo que ela disse.

- Sua Graça, o rei, não se deixará demover da sua guerra contra a França - avisou ele. Catarina não confiava nele, como ele gostaria.

- Eu sei. Temos de nos assegurar de que ele dispõe de um grande exército para levar para Calais. Não deverá ter de se preocupar com mais nada.

- Vamos ter de deixar ficar alguns homens para trás, para nos defenderem dos Escoceses, é mais que certo que vão atacar-nos -avisou-a ele.

- Guardas de fronteira - disse ela, para finalizar a conversa.

O belo e jovem Edward Howard, com a sua capa nova em tom azul-marinho, veio despedir-se de Catarina, quando a frota se preparava para partir, com ordens de bloquear os Franceses no porto ou de se confrontar com eles, se possível, em alto mar.

-Deus vos abençoe! - disse a rainha, sentindo a sua voz tremer um pouco de emoção - que Deus vos abençoe, Edward Howard, e que a vossa sorte vos acompanhe, como sempre.

Ele fez uma profunda vénia.

- Tenho a sorte de um homem protegido por uma grande rainha que serve um grande país -disse ele. - É uma honra servir o meu país, o rei... - baixou a voz para um sussurro íntimo - e a vós, minha rainha!

Catarina sorriu. Todos os amigos de Henrique tinham tendência para se imaginarem como protagonistas das páginas de um romance. Camelot nunca andava muito distante dos seus pensamentos. Desde que se tornara rainha, viam em Catarina a personagem da dama do mito cortês. De entre todos os jovens, era de Edward Howard que ela mais gostava. A sua alegria genuína, a sua afectuosidade exuberante, faziam com que todos gostassem dele e a sua paixão pela marinha e pelos barcos que estavam sob o seu comando haviam-no aproximado de Catarina, que acreditava que a segurança da Inglaterra só poderia ser assegurada com o controlo dos mares.

- Vós sois o meu cavaleiro e eu confio-vos a tarefa de conquistar a glória, em vosso nome e em meu - disse-lhe ela, reparando no brilho de satisfação nos seus olhos, quando ele baixou a cabeça escura para lhe beijar a mão.

- Vou trazer-vos alguns barcos franceses - prometeu ele. - Já vos trouxe piratas escoceses,agora, tereis galeões franceses.

- E bem preciso deles - respondeu ela com sinceridade.

- Ireis tê-los, nem que eu morra a tentá-lo. Ela ergueu o dedo.

- Nada de mortes! - avisou ela. - Também preciso de vós. Estendeu-lhe a outra mão.

- Pensarei em vós todos os dias, e nas minhas orações - prometeu ela.

Ele ergueu-se e, rodando a sua nova capa, retirou-se.



Estamos na festa de S.Jorge, ainda sem notícias da frota inglesa, quando entra um mensageiro com um ar grave. Henrique está a meu lado quando o rapaz nos relata, finalmente, o que se passava na batalha naval que Edward tinha tanta certeza de ganhar e na qual nós confiávamos para provar a supremacia dos nossos barcos sobre os dos Franceses. Com o pai dele a meu lado, tomei conhecimento do destino de Edward, o meu cavaleiro, Edward, que tinha absoluta certeza de que traria um galeão francês para o porto de Londres.

Edward imobilizara a armada francesa em Brest, e os Franceses não se atreveram a sair do porto. Estava demasiado impaciente para esperar que eles dessem o primeiro passo, era demasiado jovem para jogar um jogo longo. Era um louco, um louco amoroso, como metade da corte, com a certeza de que são invencíveis. Foi para a batalha como um rapazinho que não tem medo da morte, que não sabe o que é a morte, que não tem, sequer, o bom senso de recear a sua própria morte. Como os Grandes da Espanha da minha infância, acreditava que o medo era uma doença que nunca contrairia. Pensava que Deus o protegia mais do que a qualquer outro, e que nada lhe poderia acontecer.

Com a armada inglesa impossibilitada de prosseguir e com os Franceses encurralados dentro do porto, pegou numa mão-cheia de barcos a remos e mandou-os avançar, expostos às armas francesas. Foi um desperdício, um terrível desperdício de homens e de si mesmo - e tudo isto apenas porque era demasiado impaciente para esperar, jovem de mais para raciocinar.

Arrependo-me por o termos enviado, querido Fdward, meu jovem louco querido, para a sua própria morte. Mas então, recordo que o meu marido não é mais velho do que ele e que não é, certamente, mais ajuizado, tendo até

menos experiência daquilo que é o mundo da guerra; percebo que, até eu, uma mulher de vinte e sete anos, casada com um jovem que acabou de atingir a maioridade, posso cometer o erro de julgar que nunca falharei.

O próprio Edward comandou o grupo de barcos no ataque ao navio do almirante francês - um acto de extrema bravura - e, quase de imediato, os seus homens deixaram de o apoiar, que Deus lhes perdoe, pedindo-lhe que se retirasse, quando a batalha se tornou demasiado perigosa para eles. Saltaram do convés do barco

francês para os seus barcos a remos, lendo alguns saltado mesmo para o mar, na sua ânsia de fugir dali. enquanto os tiros soavam à sua volta como pedras de granizo. Abandonaram-no, deixando-o ficar a lutar como um louco, de costas voltadas para o mastro, agitando a espada em volta de si mesmo, enfrentando sozinho vários inimigos. Deu uma corrida para um dos lados1 do navio e, se algum dos seus barcos lá tivesse estado, poderia ter saltado lá para dentro. Mas eles já tinham desaparecido. Arrancou do pescoço o apito de ouro, que era a sua insígnia, atirou-o para longe, para o mar, para que os franceses não pudessem apanhá-lo e, depois, voltou para trás, para lutar novamente. Tombou, sempre a lutar, foi ferido por várias espadas, mas continuava a lutar quando escorregou e caiu, defendendo-se apenas com um braço, a espada em constante movimento. Então, uma lâmina esfomeada decepou-lhe o braço que segurava a espada e ele deixou de lutar. Os franceses podiam ter recuado, em honra da sua coragem-, mas não o fizeram. Continuaram a ataca-lo, lançando-se sobre ele como cães esfaimados sobre uma carcaça no mercado de Smithfield. Morreu, depois de ter recebido mais de cem punhaladas.

Atiraram o seu corpo ao mar, não valia nada para eles, aqueles soldados franceses que se dizem cristãos. Portaram-se como selvagens, como mouros, pela caridade cristã que demonstraram. Nem se lembraram de lhe dar a Extrema-Unção, de rezar uma oração pelos mortos, não se preocuparam em dar-lhe uma sepultura cristã, embora um padre o tenha visto morrer. Atiraram-no ao mar, como se não fosse mais do que comida estragada para servir de alimento aos peixes.

Mais tarde, perceberam que se tratava de Edward Howard, o meu Edward Howard, o almirante da marinha inglesa, o filho de um dos mais importantes homens da Inglaterra, e arrependeram-se de o terem atirado, borda fora

como se fosse um cão morto. Não por motivos dignos- quem?

Eles? Nada disso!- mas porque poderiam ter pedido resgate por ele ã família, e Deus sabe que teríamos pago o que fosse preciso para que nos devolvessem o nosso adorado Edward.

Mandaram os marinheiros em barcos, à procura dele, com ganchos, para o içarem para fora da água. Mandaram-nos ir à pesca do seu pobre corpo morto, como se ele fosse um mero destroço de um naufrágio. Esventraram o seu corpo como se fosse uma carpa, arrancaram-lhe o coração e salgaram-no como se fosse bacalhau, roubaram as suas roupas como troféu, e enviaram-nas para a corte francesa. O que sobrou do seu corpo estraçalhado foi enviado para cá, para o pai epara mim.

Esta historia de selvajaria faz-me lembrar Hernán Pérez del Pulgar, que comandou o ataque desesperadamente audacioso ao Alhambra. Se o tivessem apanhado, tê-lo-iam morto, mas penso que nem os Mouros teriam arrancado o seu coração, só por divertimento. Tê-lo-iam reconhecido como um inimigo valente, um homem que devia ser respeitado. Teriam devolvido o seu corpo, num dos seus grandes gestos de cavalheirismo. Sabe Deus se. ao fim de uma semana, não teriam composto uma canção sobre ele, se em quinze dias. não a estaríamos todos a cantar em toda a Espanha ou se, passado um mês, não teriam já construído uma fonte que comemorasse a sua beleza. Eram Mouros, mas tinham a delicadeza da qual estes cristãos são totalmente desprovidos. Quando penso nestes franceses fico envergonhada por chamar bárbaros' aos Mouros.

Henrique está muito abalado com esta história e com a nossa derrota; e o pai de Edward envelhece dez anos nos dez minutos que o mensageiro demora a dizer-lhe que o corpo do filho está lá em baixo, numa carroça, mas que as suas roupas foram levadas como despojos e entregues a Madame Claude, a filha do rei da Erança, e t/ue o seu coração foi dado, como recordação, ao ai mirante francês. Não consigo confortar nenhum dos dois. o meu jiróprio choque é demasiado grande. Vou para a capela e entrego a minha dor a Nossa Senhora, que sabe bem o que significa amar um jovem e vê--Lo partir ao encontro da morte. E enquanto estou ajoelhada, juro que os Franceses irão lamentar o dia em que abateram o meu defensor. Terão de prestar contas por este acto indigno. Nunca terão o meu perdão.



Verão de 1513

A morte de Edward Howard fez com que Catarina trabalhasse ainda mais na preparação do exército inglês que ia partir para Calais. Henrique podia até ir para uma guerra teatral, mas teria de usar munições verdadeiras, canhões, espadas e setas e ela queria que tudo isso fosse bem fabricado e que a pontaria estivesse afinada. Toda a vida conhecera a realidade da guerra, mas com a morte de Edward Howard, Henrique pôde perceber, pela primeira vez, que a guerra não era como diziam os livros de histórias, não era como um torneio. Um jovem cheio de qualidades, brilhante como Edward, podia sair de casa num dia cheio de sol e regressar, esquartejado, em cima de uma carroça. Honra lhe seja feita, Henrique não perdeu a coragem, quando teve de se deparar com esta realidade, quando viu o jovem Thomas Howard oferecer-se para ocupar o lugar do irmão, ao ver o pai de Edward reunir os seus lugares-tenen-tes e chamá-los a cumprir as suas obrigações de fornecerem tropas para vingar o filho.

Em Maio. enviaram a primeira parte do exército para Calais, e Henrique preparou-se para os seguir, em Junho, com a segunda leva de tropas. Andava mais sombrio do que alguma vez estivera.

Catarina e Henrique viajaram lentamente, através da Inglaterra, de Greenwich até Dover, onde ele iria embarcar. As cidades começaram a festejá-los e a oferecer os seus homens, à medida que iam prosseguindo o seu caminho. Henrique e Catarina tinham grandes cavalos brancos iguais; Catarina cavalgava como um homem, com uma perna para cada lado do cavalo, com o seu longo vestido azul espalhado à sua volta. Henrique, cavalgando ao lado dela. tinha um ar majestoso, mais alto do que qualquer

outro homem nas fileiras, mais forte do que a maior parte deles, com o seu cabelo dourado e sorrindo para todos.

De manhã, quando saíam de uma cidade, ambos usavam armadura; fatos iguais em prata dourada. Catarina usava apenas um peitoral e um elmo, feitos de um metal finamente forjado, enfeitado com motivos em ouro. Henrique usava, todos os dias, uma armadura completa que o cobria dos dedos dos pés até à ponta dos dedos das mãos, independentemente da temperatura que fizesse. Seguia com a viseira levantada, os olhos azuis dançando e um pequeno disco de ouro em volta do elmo. Os porta-estandartes, levando o emblema de Catarina de um lado e o de Henrique elo outro, seguiam ao lado de cada um deles e quando o povo via a romã de Catarina e a rosa ele Henrique, gritava "Deus abençoe o Rei!" e "Deus abençoe a Rainha!". Quando saíam ele uma cidade, com as tropas a marchar atrás ele si e os archeiros à sua frente, o povo aglomerava-se aos lados da estrada, por mais de uma milha, para os ver, atirando pétalas e botões de rosa para o caminho onde os cavalos iam passar. Todos os homens marchavam com uma rosa na lapela ou no chapéu e cantavam, à medida que iam prosseguindo, canções jocosas da velha Inglaterra, mas também algumas baladas, compostas por Henrique.

Levaram quase duas semanas a chegar a Dover, mas não foi tempo desperdiçado, pois conseguiram reunir mais mantimentos e novos recrutas em todas as aldeias. Todos os homens do país queriam fazer parte do exército, para defenderem a Inglaterra da França. Todas as raparigas queriam poder dizer que o seu rapaz tinha partido para ser soldado. O país inteiro estava unido, no desejo de vingança contra os Franceses. E todo o país estava confiante de que, com o jovem rei à cabeça do exército, isso seria possível.



Sinto-me mais feliz, decididamente mais feliz, do que alguma vez me senti desde a morte do meu filho. Estou mais feliz do que imaginara possível. Henrique deita-se na minha cama, todas as noites, durante a marcha até à costa: há festejos e bailes e eu fico com a certeza de que ele me pertence, em pensamentos, palavras e obras. Vai partir numa campanha organizada por mim. está em segurança, afastado da guerra verdadeira que vou ter de travar, e nunca tem um pensamento ou uma palavra que não partilhe

comigo. Rezo. para que numa destas noites de marcha, cavalgando juntos para sul, em direcção à costa, com a elevada tensão provocada pela guerra, possamos gerar uma outra criança, outro rapaz, uma nova rosa para a Inglaterra, tal como era Artur.



Graças a Catarina e a Thomas Wolsey, os preparativos para o embarque haviam sido programados na perfeição. Nesta armada inglesa não havia lugar para os habituais atrasos, enquanto eram dadas ordens de última hora e se procurava, desesperadamente, encontrar bens essenciais que haviam sido esquecidos. Os navios de Henrique - quatrocentos - pintados de cores brilhantes, com os seus pendões a esvoaçar e as velas correctamente armadas - aguardavam, para levar as tropas até à França. O próprio barco de Henrique, reluzindo de folha de ouro, com o dragão vermelho esvoaçando à popa, balanceava na doca. A sua guarda real, perfeitamente treinada, nos seus novos uniformes em verde Tudor e branco com lantejoulas brilhantes, permanecia em formação no cais. As duas armaduras de Henrique, com embutidos em ouro, foram guardadas a bordo e os seus dois cavalos brancos, especialmente treinados, já estavam nas baias. Os preparativos haviam sido tão meticulosos como os da mais elaborada festa de máscaras da corte, e Catarina sabia que muitos daqueles rapazes ansiavam tanto pela guerra como por um divertimento da corte.

Estava tudo pronto para Henrique embarcar e partir para a França quando, numa cerimónia simples, na praia de Dover, ele pegou no grande sinete de estado e, diante de todos, investiu Catarina como regente durante a sua ausência, Governador do Reino e Capitão General das forças inglesas que ficavam a defender o território.



boca, para lhe desejar boa sorte. Mas, à medida que o barco dele vai sendo levado, rebocado pelas barcaças, atravessa a barra do porto, abre as velas a todo o pano para apanhar o vento e parte para França, só me apetece cantar de alegria. Não verto lágrimas pelo marido que se vai embora, pois ele deixou-me com tudo que eu sempre quis. Sou mais do que Princesa de Gales, sou mais do que Rainha da Inglaterra, sou o Governador do Reino, sou o Capitão

General do exército, este é na verdade o meu país, e eu sou o seu único governante. E a primeira coisa que farei na verdade, talvez a única coisa que farei com o poder que me foi investido, a única coisa que terei de fazer com esta oportunidade que me foi dada por Deus - é derrotar os Escoceses.



Mal chegou ao Palácio de Richmnond, Catarina deu ordens a Thomas Howard, o irmão mais novo de Edward, para levar os canhões que estavam na armaria da Torre, e partir com toda a armada inglesa para Newcastle, por mar, para defender as fronteiras dos Escoceses. Ele não era o almirante que o irmão tinha sido, mas era um jovem sensato e Catarina considerava que podia confiar nele para cumprir a tarefa de levar as armas vitais para o Norte do país. Todos os dias, Catarina recebia notícias da França, através de mensageiros que colocara ao longo do percurso. Wolsey tinha instruções precisas para enviar à rainha o relatório do desenvolvimento da guerra. Ela exigia-lhe uma análise exacta, pois sabia que Henrique só lhe enviaria uma perspectiva muito optimista. Nem tudo eram boas notícias. O exército inglês tinha chegado à França, e houvera grande excitação em Calais, com festejos e celebrações. Houve desfiles e exibições e Henrique fora muito elogiado pela sua bela armadura e pelas suas tropas elegantes. Mas o Imperador Maximiliano não havia conseguido formar o seu próprio exército para apoiar os Ingleses. Em vez disso, alegando falta de dinheiro, mas fazendo juramento do seu entusiasmo pela causa, veio ao encontro do jovem príncipe para oferecer a sua espada e os seus serviços.

Foi, nitidamente, um momento importante para Henrique, que em toda a sua vida nunca tinha ouvido o som de um tiro disparado com raiva, ter à sua frente o Sagrado Imperador Romano oferecendo os seus préstimos, submetendo-se a autoridade do glamoroso jovem príncipe. Catarina franziu a testa, ao ler esta parte do relatório de Wolsey. calculando que Henrique tivesse de contratar o Imperador por uma quantia inflacionada, pagando, assim, a um aliado que prometera vir às suas custas, para que ele arranjasse um exército de mercenários. Reconheceu imediatamente o jogo duplo que, desde o início, caracterizara esta campanha. Mas, pelo menos, isso significava que o imperador iria estar com Henrique na sua primeira batalha, e Catarina sabia que podia confiar naquele homem, experiente e mais velho, para manter o impulsivo jovem rei fora de perigo.

Por conselho de Maximiliano, o exército inglês montou cerco a Therouanne - uma cidade que o Sagrado Imperador Romano há muito cobiçava, mas sem valor táctico para a Inglaterra - e Henrique, a uma distância segura das armas de curto alcance montadas nas muralhas da pequena cidade, atravessou sozinho o seu acampamento, à meia-noite, deixando palavras de conforto aos seus soldados de vigia, e teve a oportunidade de disparar um canhão, pela primeira vez.

Os Escoceses, que só tinham estado à espera que a Inglaterra ficasse indefesa, com o rei e o exército na França, declararam guerra aos Ingleses, e iniciaram a sua própria marcha, para sul. Wolsey escreveu a Catarina, alarmado, perguntando-lhe se queria que algumas das tropas de Henrique regressassem, para fazer frente a esta nova ameaça. Catarina respondeu-lhe, dizendo que pensava ser capaz de se defender de uma escaramuça de fronteira, e deu início a uma nova convocação de tropas vindas de todas as cidades do país, usando as listas que preparara anteriormente.

Ordenou a convocação da milícia de Londres e, vestida com a armadura e montada no seu cavalo branco, foi inspeccioná-la, antes do início da marcha para norte.



Olho-me ao espelho, enquanto as minhas aias apertam o meu peitoral e a minha criada segura no elmo. Vejo a tristeza nos seus rostos, a maneira como a tonta criada segura no elmo, como se fosse demasiado pesado para ela, como se nada disto devesse estará acontecer, como se eu não tivesse nascido para este momento: o presente. O momento do meu destino.

Deixo escapar um suspiro silencioso. Fico tão parecida com a minha mãe, de armadura, que poderia ser o seu reflexo no espelho, tão calma e orgulhosa, com o seu cabelo puxado para trás. e os olhos a brilhar como o ouro polido do seu [reitoral: entusiasmada com a perspectiva da batalha, luzindo de alegria, com confiança na vitória.

- Não tendes receio? - pergunta-me Maria de Salinas suavemente.

- Não!- e digo a verdade. - Passei toda a minha vida à espera deste momento. Sou uma rainha, filha de uma rainha que teve de lutar pelo seu país. Cheguei

a este país. o meu, no exacto momento em que ele precisa de mim. Não estamos em tempos de ter uma rainha que queira apenas sentar-se no trono, para entregar os prémios dos torneios. Precisamos de uma rainha que tenha a valentia e a coragem de um homem. Eu sou essa rainha. Irei partir, ã frente do meu exército.

Há uma manifestação de constrangimento.

- Partir ã frente do exército? Mas não para norte? Talvez passar revista ã parada, mas por certo não pensais seguir com eles? Mas, não será perigoso?

Pego no meu elmo.

- Irei cavalgar com eles para norte, ao encontro dos Escoceses. E se os Escoceses atacarem, vou combatê-los. E quando começarmos a lutar, estarei lá, até os derrotar.

- E que fazemos, nós? Sorrio para as mulheres.

- Três de vós irão comigo, para me fazerem companhia e o resto ficará aqui - digo com firmeza.

- As que ficam, continuarão a fazer bandeiras e a preparar ligaduras, que me devem enviar. E devem comportar-se!- digo com ar duro. - As que vêm comigo terão de se comportar como soldados em campo. Não permitirei qualquer lamúria.

Há um novo acesso de aflição que eu evito, dirigindo-me para a porta

- Maria e Margaret, vinde comigo, imediatamente - digo.

As tropas estão reunidas em frente ao palácio. Passo lentamente, a cavalo, por entre as fileiras, pousando os meus olhos num rosto e depois noutro. Tinha visto o meu pai fazer isso. e a minha mãe também. O meu pai dizia-me que cada soldado devia saber que era importante, deveria perceber que tinha sido reconhecido como um ser individual no meio da parada, deveria sentir cine era uma parte essencial dentro do grupo que formava o exército. Quero que cada um deles fique com a certeza de que os vi todos, um por um, de que os conheço a todos. Quero que me conheçam. Depois de ter passado em revista cada um dos quinhentos soldados, dirijo-me para a sua frente e tiro o

elmo, para que me possam ver o rosto. Agora, já não sou a Princesa Espanhola, com o cabelo escondido e a cara coberta por um véu. Sou a Rainha Inglesa, de cabeça e cara descobertas. Levanto a voz, para que todos me possam ouvir.

- Homens da Inglaterra!- digo. - Vós e eu marcharemos juntos para lutar contra os Escoceses, e nenhum de nós pode hesitar nem falhar. Não regressaremos enquanto não recuarem. Não descansaremos até que estejam mortos. Juntos, vamos derrotá-los, pois estamos ao serviço do céu. Esta não é uma briga provocada por nós; é uma invasão cruel perpetrada por Jaime da Escócia que, desta forma, quebra o seu próprio tratado e insulta a sua esposa inglesa. É uma invasão indigna, condenada pelo próprio Papa, uma invasão contrária à ordem de Deus. Há anos que ele estava a planeá-la. Esteve ã espera, como um cobarde, pensando que nos iria encontrar enfraquecidos. Mas está enganado, porque, neste momento, somos poderosos.

Vamos derrotá-lo, esse rei herege. Nós venceremos. Posso garantir-vos, pois sei qual é a vontade de Deus, nesta matéria. Ele está connosco. E podeis estar seguros de que a mão de Deus protege sempre os homens que lutam pelos seus lares.

Ouve-se um grande bramido de aprovação e eu volto-me e sorrio para um lado e depois para o outro, para que todos possam constatar a minha alegria pela sua coragem. Para que todos possam ver que não tenho medo.

- Óptimo! Em frente, marchar! - digo simplesmente para o comandante que está a meu lado e o exército vira e marcha para fora da parada.



Enquanto o primeiro batalhão de defesa de Catarina marchava para norte, sob o comando do Conde de Surrey, reunindo mais homens à medida que prosseguiam, os mensageiros corriam desesperadamente para sul, para Londres, para lhe trazerem as notícias por que ela esperava. O exército de Jaime tinha atravessado a fronteira escocesa e avançava pelo relevo acidentado da região fronteiriça, recrutando soldados e roubando comida pelo caminho.

- Um ataque de fronteira? - perguntou Catarina, sabendo que não devia ser

isso.

O homem abanou a cabeça.

- O meu amo ordenou-me que vos dissesse que o rei francês prometeu ao rei escocês que o reconheceria, se ele ganhasse esta batalha contra vós.

- Que o reconheceria? Como quê?

- Como Rei da Inglaterra.

Ele estava à espera que ela gritasse de indignação ou de receio, mas ela apenas sacudiu a cabeça, como se houvesse mais qualquer coisa a considerar.

- Quantos homens? - perguntou Catarina ao mensageiro. Ele abanou a cabeça.

- Não posso dizer ao certo.

- Quantos, na vossa opinião?

Ele olhou para a rainha, viu a forte ansiedade nos seus olhos, e hesitou.

- Dizei-me a verdade!

- Receio que sejam uns sessenta mil, Vossa Graça, talvez mais.

- Quantos mais? Aproximadamente?

Ele hesitou novamente. Ela levantou-se da cadeira e foi até à janela.

- Por favor, dizei-me o que pensais - disse ela. - Não me ajudais se, por vossa causa, ao tentar poupar-me de aflições, eu e o meu exército tivermos de nos deparar com um inimigo em maior número do que eu esperaria.

- Cem mil, calculo eu - disse ele baixinho.

Esperava que se mostrasse horrorizada mas, quando olhou para ela, reparou que estava a sorrir.

- Oh, não tenho medo deles.

- Não tendes receio de cem mil escoceses? - perguntou ele. -Já vi coisas piores! — disse ela.



Agora sei que estou preparada. Os Escoceses estão a surgir por todos os lados, através da fronteira, em toda a sua força. Capturaram os castelos do Norte com uma irrisória facilidade, uma vez que a fina flor do comando inglês e os melhores homens se encontram do outro lado do mar, na França. O rei francês pensa que nos vai derrotar, através dos Escoceses, no nosso próprio território, enquanto o nosso exército de fachada anda às voltas, no Norte da França, preocupado em fazer evoluções elegantes. Este é o meu momento. Agora é comigo e com os homens que me sobraram. Mando tirar os estandartes reais e as bandeiras do grande guarda- roupa. Desfraldado à frente do exército, o estandarte real mostra que o Rei da Inglaterra está presente no campo de batalha. E serei eu.

- Não serieis capaz de cavalgar com o estandarte real, pois não?- pergunta uma das damas.

- Quem mais poderia ser?

- Devia ser o rei.

- O rei está a lidar contra os Franceses. Eu lutarei contra os Escoceses.

- Vossa Graça, uma rainha não pode pegar no estandarte do rei e sair para a luta.

Sorrio para ela, não estou a fingir que tenho confiança, tenho a firme convicção de que este é o momento pelo qual esperei toda a minha vida. Prometi a Artur que seria uma rainha guerreira; e agora sou-o.

-Uma rainha pode usar o estandarte do rei, se estiver convencida de que é capaz de vencer.

Mando chamar as restantes tropas; este será o meu exército. Tenciono mandá-los formar em ordem de batalha, mas há mais comentários.

- Não estais a pensar em cavalgar à frente deles, pois não?

- Onde quereríeis vós que eu me colocasse?

- Vossa Graça, talvez não devêsseis, sequer, ir.

- Eu sou o Comandante Supremo - digo simplesmente. - Não deveis ver-me como uma rainha que fica em casa, que influencia a política secretamente, e que passa a vida a maltratar os seus filhos. Sou uma rainha que governa, como a minha mãe. Quando o meu país está em perigo, eu estou em perigo. Quando o meu país triunfa, como vai acontecer, será o meu triunfo.

- Mas, e se...? - A dama de companhia cala-se, com o meu duro olhar.

- Eu não sou louca, previ a hipótese de sermos derrotados -digo-lhe. - Um bom comandante fala sempre em vitória, mas tem um plano, em caso de derrota. Sei exactamente onde terei de retro ceder, onde poderei reagrupar, em que ponto deverei retomar a batalha e, se falhar aí, sei onde poderei reagrupar novamente. Não esperei tantos anos por este trono, para agora deixar que o rei da Escócia e aquela tonta da Margaret mo tirem.



Os homens de Catarina, quarenta mil, seguiram ao longo da estrada, atrás da guarda real, carregados com as armas e os sacos de comida, ao calor do sol do fim do Verão. Catarina, à frente da comitiva, montava o seu cavalo branco, de modo a que todos a pudessem ver, com o estandarte real por cima da cabeça, para que os seus homens a pudessem reconhecer, agora, durante a marcha e depois, mais tarde, durante a batalha. Duas vezes por dia, percorria toda aextensão da fileira com uma palavra de encorajamento para todos aqueles que lutavam contra as suas forças, à retaguarda, mal conseguindo respirar, por causa do pó levantado pelas carroças que seguiam à frente. Observava um horário monástico, levantando-se de madrugada para Ouvir a missa, comungando ao meio-dia e deitando-se ao anoitecer, acordando à meia-noite, para rezar pela segurança do seu reino, pela do rei e pela sua.

Os mensageiros moviam-se constantemente entre o exército de Catarina e a força comandada por Thomas Howard, Conde de Surrey. De acordo com o plano que tinham traçado, Surrey deveria confrontar-se com os

Escoceses mal tivesse oportunidade para o fazer, na tentativa de deter o seu avanço célere e destruidor em direcção ao Sul. Se Surrey fosse derrotado, os Escoceses continuariam o seu caminho e Catarina iria ao encontro deles, com as suas tropas, atacando-os, em defesa dos condados do Sul da Inglaterra. Se os Escoceses conseguissem passar por eles, Catarina e Surrey tinham elaborado um plano final, para a defesa de Londres.

Deveriam reagrupar-se, convocariam um exército formado por cidadãos que iriam erigir fortificações feitas de terra, em volta da Cidade e, se tudo o resto falhasse, retirariam para a Torre, que poderia ser defendida por bastante tempo, até que Henrique lhes enviasse reforços, a partir da França.



Surrey está apreensivo por eu lhe ter ordenado que conduzisse o primeiro ataque contra os Escoceses, preferia esperar que as minhas tropas se juntassem às dele; mas eu insisto em que o ataque seja feito de acordo com o que foi planeado. Seria mais seguro unir os nossos dois exércitos, mas estou afazer uma campanha defensiva. Tenho de manter um exército de reserva, para impedir os Escoceses de progredirem para sul, no caso de ganharem a primeira batalha.

Não estamos a travar uma batalha única. É uma guerra que destruirá a ameaça dos Escoceses por uma geração, talvez até para sempre. Também me sinto tentada a ordenar-lhe que espere por mim. tal é a minha vontade de participar na batalha: não sinto qualquer medo. só uma espécie de alegria selvagem, como se fosse um falcão aprisionado por demasiado tempo e subitamente libertado. Mas não vou lançar os meus preciosos homens numa batalha que deixaria aberto o caminho para Londres, no caso de perdermos. Surrey acredita que, se unirmos as duas forças, ganharemos com toda a certeza, mas eu sei que na guerra não há certezas, que qualquer coisa pode correr mal. Um bom comandante tem de estar preparado para o pior. e eu não me vou arriscar a que os Escoceses nos vençam numa única batalha, e depois avancem pela Grande Estrada do Norte até à minha capital e que protagonizem uma coroação, com o apoio dos Franceses. Não passei tantas dificuldades para alcançar o trono, para agora o perder numa luta precipitada. Tenho um plano de batalha para Surrey, e outro para mim, uma

posição para onde retroceder, e mais uma série de posições subsequentes. Eles podem ganhar uma batalha, podem até ganhar mais do que uma, mas nunca me hão-de tirar o trono. listamos a sessenta milhas de distância de Londres, em Buckingbam. É uma boa velocidade para um exército em marcha, mas dizem-me que é uma velocidade tremenda para um exército inglês; os Ingleses são conhecidos por perderem tempo na estrada com ninharias. Estou cansada, mas não estou exausta. A agitação e - para ser honesta - o medo do dia seguinte, fazem-me sentir como um cão de caça, preso por uma trela, sempre agitado, lutando para seguir em frente e começar a caçada.

E agora tenho um segredo. Todas as tardes, quando desmonto do meu cavalo, salto da sela e a primeira coisa que faço, antes de mais nada. é ir aos sanitários, à tenda, ou a qualquer lugar onde possa estar só, levanto as minhas saias e verifico a minha roupa interior. Estou à espera do período, e já é segundo mês em que não aparece. A minha esperança, uma forte e doce esperança, é que Henrique me lenha deixado grávida quando partiu para Franca.

Não vou dizer nada a ninguém, nem mesmo ás minhas damas. Imagino a confusão que seria, se soubessem que passava o dia a andar a cavalo e me preparava para uma batalha estando grávida ou até apenas imaginando que podia estar. Não me atrevo a contar-lhes, pois, na verdade, não me atrevo a fazer nada que possa ameaçar o equilíbrio desta campanha em nosso desfavor. É evidente que nada poderia ser mais importante do que um filho para Inglaterra - excepto isto: garantir que haja uma Inglaterra para esse filho herdar. Tenho de cerrar os dentes pelo risco que estou a correr, e aceitá-lo. de qualquer maneira.

Os homens sabem que sigo à sua frente e que lhes prometi uma vitória. Marcham bem e hão-de lutar bem porque depositaram a sua fé em mim. Os homens de Surrey, que estão mais perto elo inimigo do que nós, sabem que por trás deles, para os apoiar de formei fiável, está o meu exército. Sabem que sou eu, pessoalmente, quem está a comandar os seus reforços. Esta situação já provocou muitos comentários em todo o país e sentem-se orgulhosos por terem uma retinha que se alistou por causa deles. Se lhes virasse a cara, voltasse para Londres e lhes ordenasse que avançassem sem mim, por ter um trabalho próprio de mulher para fazer, também regressariam a casa - é tão simples quanto isto. Pensariam que eu perdera a confiança, que não tinha fé neles ou que já estava a prever uma derrotei, já correm rumores suficientes

acerca ele um exército imparável ele escoceses - cem mil homens furiosos elas Terras Altas — sem que eu faça aumentar os seus temores.

Além disso, se eu não conseguir salvar o meu reino para o meu filho, não fará grande sentido ter esse filho. Tenho de derrotar os Escoceses, tenho de ser um grande general. Quando esse dever estiver cumprido, poderei voltara ser. novamente, uma mulher. À noite, recebo notícias de Surrey, dizendo que os Escoceses esteio acampados numa densa serrania, em posição de batalha, num local chamado Flodden. Envia-me um plano do local, mostrando os Escoceses acampados num terreno elevado, de onde podem controlar tudo o que se passa a sul. Uma olhadela ao mapa diz-me que os Ingleses não devem atacar subindo o monte ao encontro dos Escoceses, que esteio fortemente armados. Os archeiros escoceses dispararão cá para baixo e, depois, os homens das Terras Altas descerão a encosta para atacar os nossos homens. Nenhum exército consegue resistir a um ataque deste gênero.

- Dizei ao vosso chefe que deverá enviar espiões para tentarem descobrir um caminho quale permita chegar à retaguarda dos Escoceses, de maneira a que possam ser atacados pelo Norte - digo eu ao mensageiro, enquanto observo o mapa. - Dizei-lhe que o aconselho a usar um estratagema, que deixe bastantes homens na frente dos Escoceses, para os manter no local, mas que leve os outros embora, como se dirigisse para norte. Se tiver sorte, pode ser que o persigam e tê-los-eis em campo aberto. Se não tiver sorte, terá de conseguir atingi-los pelo Norte. O terreno é seguro? Ele desenhou um curso de água neste esboço.

- É terreno pantanoso - confirmou o homem. - Podemos não conseguir atravessá-lo. Mordo o lábio.

- É o único caminho que consigo ver— digo eu. - Dizei-lhe que este e o meu conselho, mas não são as minhas ordens. Ele é que é o comandante em campo, terá de avaliar a situação por si.

Mas déreis dizer-lhe que estou certa de que ele tem de conseguir tirar os Escoceses daquele monte, que não pode atacá-los subindo a encosta. Terá de ir em coita e surpreendê-los pela retaguarda ou, então, atraí-los cá para baixo, para longe da encosta. O homem faz uma vénia e vai embora. Queira Deus que ele consiga fazer passar a minha mensagem para Surrey. Se ele pensa que pode lutar com um exército de Escoceses na encosta do monte,

esta perdido. Uma das damas vem ter comigo, na altura em que o mensageiro sai daminha tenda e treme de fadiga e medo.

- Que vamos fazer, agora?

- Avançamos para norte - digo eu.

- Mas eles podem começar a lutar, em qualquer altura!

- É verdade, e se ganharem, poderemos ir para casa. Mas se perderem, estaremos entre os Escoceses e Londres.

- E fazemos o quê?— murmura ela.

- Derrotamo-los! - digo simplesmente.



10 de Setembro de 1513

- Vossa Graça! - um jovem pajem entrou a correr na tenda de Catarina, fazendo uma vénia bastante atrapalhada. - Chegou um mensageiro com notícias da batalha! Um mensageiro da parte de Lorde Surrey.

Catarina deu uma volta, com a alça da sua cota de malha ainda por apertar.

- Mandai-o entrar!

O homem já estava dentro da sala. ainda coberto pela sujidade da batalha, mas com o sorriso de alguém que traz boas notícias, noticias fantásticas.

- Sim? - perguntou Catarina, quase sem respirar, devido à emoção.

- Vossa Graça venceu! - disse ele. - O rei da Escócia morreu, juntamente com vinte grandes senhores, bispos, condes e padres, também. É uma derrota da qual nunca hão-de recuperar.

Metade dos seus homens mais importantes morreu num só dia. Reparou que a cor fugia do rosto dela. mas, depois, ficou subitamente muito corada.

- Ganhamos?

- Vós ganhastes! - confirmou ele. - O conde ordenou-me que vos dissesse que os vossos homens, criados, treinados e armados por vós, fizeram o que lhes haveis ordenado, A vitória é vossa, e haveis salvado a Inglaterra.

A mão dela dirigiu-se imediatamente para o ventre, por baixo da curva de metal do seu peitoral.

- Estamos salvos - disse ela. Ele concordou, com a cabeça.

- Ele enviou-vos isto...

Estendeu-lhe um manto, terrivelmente rasgado, cheio de golpes e manchado de sangue.

- Isto é o quê?

- O manto do rei da Escócia. Retirámo-lo do seu cadáver, como prova. O corpo dele está na nossa posse. Está a ser embalsamado. Ele está morto e os Escoceses foram derrotados. Fizestes o que nenhum rei inglês conseguiu fazer desde o tempo de Eduardo I. Haveis libertado a Inglaterra da invasão escocesa.

- Deveis entregar-me um relatório por escrito - disse ela com ar decidido. - Ditai-o para o escrivão. Tudo o que sabeis e tudo o que o Lorde Surrey disse. Tenho de escrever ao rei.

- Lorde Surrey perguntou...

- Sim?

- Perguntou se deveria avançar para a Escócia e destruir tudo? Ele crê que haverá pouca ou nenhuma resistência. Esta é a nossa oportunidade. Poderíamos destruí-los, estão completamente á nossa mercê.

- Claro! - disse ela imediatamente, calando-se em seguida. Seria a resposta que qualquer rei da Europa teria dado. Um vizinho arruaceiro, um inimigo

inveterado estava enfraquecido.

Qualquer rei da Cristandade teria avançado para tirar a sua desforra.

- Não. Não, esperai um momento!

Voltou-lhe as costas e foi ate a entrada da tenda. Lá fora, os homens preparavam-se para mais uma noite na estrada, longe das suas casas. Havia pequenas fogueiras para cozinhar por todo o campo, tochas a arder e os odores de comida, estrume e suor pairavam no ar. Era o mesmo cheiro da infância de Catarina, uma infância passada, durante os seus primeiros sete anos. num estado de guerra permanente contra um inimigo que foi obrigado a recuar cada vez mais, até à escravatura, ao exílio e à morte.



Pensa, digo a mim mesma ferozmente. Não penses com o coração, pensa com a cabeça fria, pensa como um soldado. Não penses como uma mulher que espera um filho, uma mulher que sabe que esta noite muitas mulheres ficaram ruivas na Escócia, pensa como uma rainha. O meu inimigo foi derrotado, o seu país está aberto à minha frente, o seu rei está morto, a sua rainha é uma jovem tonta, uma cunhada minha. Posso cortar este país aos bocados, posso retalhá-lo. Qualquer comandante com alguma experiência poderia agora destruí-los e deixá-los desfeitos para toda uma geração. O meu pai não hesitaria, a minha mãe já teria dado a ordem.

Detenbo-me. Eles estavam enganados, a minha mãe e o meu pai. Consigo, finalmente, dizer o indizível, o impensável. Eles estavam errados, o meu pai e a minha mãe. Podem ter sido soldados geniais, estavam certamente convencidos disso, eram apelidados de reis cristãos- mas estavam errados. Demorei a vida toda para percebê-lo.

Um estado constante de guerra é uma espada de dois gumes, fere tanto o vencedor como o vencido. Se perseguirmos os Escoceses neste momento, poderemos destroçar completamente o seu país. podemos destruí-los por varias gerações vindouras. Mas as únicas coisas que nascem no meio da destruição são ratazanas e pestilência. Ao fim de algum tempo, iriam recompor-se e voltariam a atacar--nos. Os seus filhos atacariam os nossos filhos e a batalha cruel teria de ser travada de novo. O ódio gera mais ódio. O

meu pai e a minha mãe expulsaram os Mouros para lá do mar, mas todos sabem que. ao fazê-lo, apenas ganharam uma batalha, numa guerra que só terminará quando cristãos e muçulmanos estiverem preparados para viver lado a lado, em paz e harmonia. Isabel e Fernando destroçaram os Mouros, mas os seus filhos, e os filhos dos seus filhos, terão de enfrentar uma jihad, uma guerra santa, em resposta às cruzadas. A guerra não é a resposta para a guerra, uma guerra não termina outra guerra. A única solução para acabar com ela é a paz.



-Tragam-me um novo mensageiro - disse Catarina por cima do ombro, e ficou à espera que o homem aparecesse. - Deveis ir ter com Lorde Surrey e dizer-lhe que lhe agradeço pelas óptimas notícias desta vitória maravilhosa. Dizei-lhe que deve ordenar aos Escoceses que entreguem as suas armas e que os mande embora, em paz. Eu mesma escreverei à rainha dos Escoceses, prometendo--lhe paz, se tornar uma boa irmã e uma boa vizinha. Nós vencemos, devemos ser misericordiosos. Transformaremos esta vitória numa paz duradoura, não numa batalha furtiva e numa desculpa para a selvajaria.

O homem fez uma vénia e partiu. Catarina voltou-se para o outro soldado.

- Podeis ir, e comei qualquer coisa - disse ela. - Podeis dizer a toda a gente que ganhámos uma grande batalha e que vamos voltar para as nossas casas, sabendo que poderemos viver em paz.

Dirigiu-se à sua mesinha e puxou para si a caixa com os seus utensílios de escrita. A tinta estava guardada dentro de uma pequena garrafa de vidro, tapada com um rolha de cortiça, a pena, fora especialmente aparada para caber na pequena caixa. O papel e o lacre para selar estavam à mão. Catarina colocou uma folha de papel à sua frente e hesitou. Escreveu uma saudação ao marido e disse-lhe que lhe estava a enviar o manto do falecido rei dos Escoceses



Deste modo, Vossa Graça poderá comprovar que eu cumpro as minhas promessas, enviando-vos, como estandarte, o manto de um rei. Pensei em

enviar-vos o próprio rei, mas os nossos corações ingleses não o suportariam. Faço uma pausa. Com esta grande vitória posso regressar a Londres, descansar e preparar-me para o nascimento da criança, de que, tenho a certeza, estou à espera. Gostaria de dizer a Henrique que estou outra vez grávida; mas quero que seja o único a saber. Esta caria - como todas que lhe escrevo - será semipública. Ele nunca abre as suas próprias cartas, tem sempre um escrivão para lhas abrir e ler e raras vezes escreve pessoalmente as suas respostas.

Então, recordo-me de lhe ter dito que, se Nossa Senhora me abençoasse com outra criança, iria imediatamente ao seu santuário de Walsingham, para lhe agradecer. Se ele se lembrar disso, pode servir como um código só nosso. Qualquer pessoa poderá ler-lhe a carta, mas ele vai perceber o que quero dizer, que lhe contei o segredo de que vamos ter um filho, talvez um rapaz.

Sorrio e começo a escrever, com a certeza de que ele me vai entender e sabendo a alegria que esta carta lhe vai dar. Vou terminar, pedindo a Deus que vos mande de volta a casa dentro de pouco tempo, pois, sem isso, não pode haver alegria, e também rezo por ela, a caminho da Nossa Senhora de Walsingham, que há tanto tempo prometi visitar.

A vossa humilde esposa e fiel serva, Catarina



Walsingham, Outono de 1513



Catarina estava de joelhos, no santuário de Nossa Senhora de Walsingham, com os olhos postos na estátua sorridente da Mãe de Cristo, mas sem ver nada.

Meu querido, meu querido, consegui. Enviei a Henrique o manto do rei

escocês e fiz questão de enfatizar que é uma vitória dele, não minha. Mas é tua. É tua. porque quando vim para ti e para o teu país, com a cabeça cheia de receios dos Mouros, foste tu que me ensinaste que, aqui. o perigo vinha dos Escoceses Depois, a vida ensinou-me uma lição mais dura, meu amor; é melhor perdoar a um inimigo do que destruí-lo. Se nós tivéssemos médicos, astrónomos e matemáticos mouros neste país, estaríamos muito melhor Pode vir o tempo em que também iremos precisar da coragem e dos conhecimentos dos Escoceses. Pode ser que, com a minha proposta de paz, nos perdoem pela batalha de Flodden.

Já tenho tudo o que sempre quis - excepto tu. Consegui, para este reino, uma vitória que o irá manter seguro durante a próxima geração. Concebi uma criança, e tenho a certeza de que este bebé vai sobreviver. Se for rapaz, dar-lhe-ei o nome de Artur, como tu. Se for uma menina, vou chamar-lhe Maria. Sou a Rainha da Inglaterra, tenho o amor do povo e Henrique vai ser um bom marido e um bom homem.

Sento-me nos calcanhares e fecho os olhos, para que as lágrimas não escorram pelo meu rosto. "A única coisa de que sinto falta é de ti, meu amado. Será sempre de ti. Sempre."

- Vossa Graça, não vos sentis bem? - a voz calma da freira chama-me à realidade, e eu abro os olhos. As minhas pernas estão entorpecidas, por ter estado tanto tempo de joelhos. - Não vos quisemos perturbar, mas já passaram algumas horas.

- Oh, sim - digo eu, tentando sorrir-lhe. - já vou. Deixai-me só, agora.

Volto para o meu sonho com Artur, mas ele já lá não está.

-Espera por mim no jardim - murmuro-lhe. - Irei ter contigo. Irei um dia destes, em breve. No jardim, quando o meu trabalho aqui estiver concluído.





Blackfriars Hall O Legado Papal está reunido em tribunal para julgar o Importante Caso do Rei, Junho de 1529

As palavras têm peso, o que foi dito não pode ser retirado, o seu significado é como uma pedra que cai num lago; as ondas espalham-se e não se pode saber em que margem se vão desfazer.

Eu disse uma vez: "Amo-te, sempre te amarei" a um jovem, durante a noite. Uma vez, disse: "Prometo". Essa promessa, feita há vinte e sete anos para consolar um rapaz moribundo, para cumprir a vontade de Deus, para fazer a vontade à minha mete e - para dizer a verdade -satisfazer a minha ambição, essa palavra volta para mim, como pequenas ondas que vão até à beira de uma taça de mármore e que, no refluxo, regressam ao centro.

Eu sabia que teria de responder pelas minhas mentiras diante de Deus. Nunca pensei que tivesse de responder perante o mundo. Nunca pensei que o mundo me pudesse interrogar por algo que eu prometera por amor, algo sussurrado em segredo. E, assim, orgulhosamente, nunca respondi por isso. Em vez de o fazer, mantive-me fiel a essa promessa.

Acredito que qualquer mulher na minha situação teria feito o mesmo. A nova amante de Henrique, a filha de Isabel Bolena, minha dama de companhia, acabou por ser aquela que eu sabia que devia temer: aquela que tem uma ambição ainda maior do que a minha. Na verdade, ela é ainda mais insaciável do que o rei. A sua ambição é a maior que eu alguma vez vi, tanto num homem como numa mulher. Ela não deseja Henrique como homem - tenho visto as suas amantes chegar e partir, e aprendi a lê-las como a um livro de histórias acessível. Esta não deseja o meu marido, quer o meu trono. Tem tido muito trabalho para o conseguir mas é persistente e determinada. Penso que percebi, a partir do momento em que ele lhe começou a dar ouvidos, a contar-lhe os seus segredos e a confiar nela, que ela havia, com o tempo, de descobrir o caminho - como uma doninha que sente o cheiro de sangue numa

coelheira - até ao meu lugar. E que quando o encontrasse, iria fazer um festim.

O arauto proclama "Catarina de Aragão, Rainha da Inglaterra, apresentai-vos perante o tribunal!", e faz-se um enorme silêncio, pois não esperam ter resposta. Não há, ali, advogados à espera para me ajudarem e eu não tenho qualquer defesa preparada. Já tornei muito claro que não reconheço competência a este tribunal. Estão à espera de poder continuar sem mim. De facto, o arauto está prestes a chamar a próxima testemunha...

Mas eu respondo.

Os meus homens abrem, de par em par, as portas duplas do salão que conheço tão bem, e eu entro, de cabeça bem erguida, destemida como sempre fui. toda a minha vida. O dossel real, de ouro, está colocado no outro extremo do salão e o meu falso, mentiroso, traidor e infiel marido, com a sua imerecida coroa, está sentado por baixo, no seu trono.

Num estrado, abaixo do dele, estão dois cardeais, igualmente sob um dossel em tecido de ouro, sentados em cadeiras douradas, com almofadas douradas. Wolsey, aquele escravo traidor, de rosto enrubescido, nas suas vestes vermelhas de cardeal, não consegue olhar-me nos olhos, e é bom que não o faça; e aquele falso amigo. Campeggio. Os seus três rostos, o do rei e os dos seus procuradores, são espelhos da sua grande inquietação.

Pensavam que me haviam perturbado e confundido tanto, separando-me dos meus amigos, destruindo-me, que eu não teria coragem para aparecer. Estavam convictos de que eu iria afundar--me no desespero, como a minha mãe, ou na loucura, como a minha irmã. Estão a apostar no facto de me terem assustado e ameaçado, de me terem tirado a minha filha e de terem feito tudo o que podiam para me partirem o coração. Nunca sonharam que eu teria a coragem de aparecer, altivamente, á frente deles, de ficar à frente deles, tremendo de honradez, de os Loucos, esquecem-se de quem eu sou. Foram aconselhados pela tal Bolena, que nunca me viu de armadura, levados por ela. que nunca conheceu a minha mãe, que nunca viu o meu pai. Ela conhece-me como Catarina, a velha Rainha da Inglaterra, devota, gorda, aborrecida, Não faz ideia de que, por dentro, continuo a ser Catarina, a jovem Infanta da Espanha. Sou anta princesa, nascida e treinada para lutar. Sou uma mulher que teve de lutar por tudo aquilo em que

acredita, e continuarei a lutar e a acreditar e hei-de vencer.

Não foram capazes de prever o que eu faria para me proteger a mim e à herança da minha filha. Ela chama-se Maria, a minha Maria, o nome escolhido por Artur: a minha adorada filha. Maria. Alguma vez eu permitiria que ela fosse posta de lado. em favor de um bastardo qualquer concebido por essa tal Bolena?

Este é o seu primeiro erro.

Ignoro completamente os cardeais. Ignoro os amanuenses, sentados em bancos, à frente deles e os escribas, com os seus longos rolos de pergaminho, escrevendo o relatório oficial desta mascarada. Ignoro o tribunal, a cidade, e até o povo. que sussurra o meu nome com carinho. Não olho para ninguém, a não ser para Henrique.

Conheço Henrique, conheço-o melhor do que qualquer pessoa no mundo inteiro. Conheço-o melhor do que a sua favorita alguma vez conhecerá, pois vi-o como rapaz e como homem. Observei-o quando era um rapaz, uma criança de dez anos, que veio ter contigo e tentou convencer-me a oferecer-lhe um cavalo da Barbaria. Conheci-o nessa altura, quando era um rapaz que podia ser conquistado com palavras meigas e com presentes. Vi-o através dos olhos do irmão, que dizia - acertadamente - que ele era uma criança excessivamente mimada, tratada com demasiada indulgência e que. por esse motivo, viria a ser um homem egoísta, um perigo para todos nós. Conheci-o quando era um adolescente e consegui chegar ao trono alimentando a sua vaidade. Eu era o melhor prémio que ele poderia desejar, e permiti que me conquistasse.

Conheci-o como homem, vaidoso e ambicioso como um pavão, quando lhe cedi os créditos da minha guerra; a maior vitória alguma vez conseguida pela Inglaterra. A pedido de Artur, disse a maior mentira que uma mulher pode dizer, e hei-de repeti-la até ao túmulo. Sou uma Infanta da Espanha, não faço promessas que não cumpro. Artur, o meu amado, pediu--me. no seu leito de morte, que fizesse um juramento, e eu fi-lo. Pediu-me para dizer que nunca havíamos sido amantes e ordenou--me que casasse com o irmão, e que fosse rainha. Fiz tudo o que lhe prometi, fui fiel ã minha promessa. Nada, em todos estes anos. abalou a minha f é de que é vontade de Deus que eu seja Rainha da Inglaterra, e que o seja até morrer. Ninguém poderia ter salvo a Inglaterra

dos Escoceses, a não ser eu - Henrique era demasiado /orem e inexperiente para comandar um exército em campo. leria proposto um duelo, leria arriscado qualquer esperança fugaz, teria perdido a batalha e morrido em Flodden, e a sua irmã. Margaret. leria sido Rainha da Inglaterra em meu lugar.

Isso não aconteceu, porque eu não permiti. Era desejo da minha mãe e vontade de Deus que eu fosse Rainha da Inglaterra, e hei-de ser Rainha da Inglaterra até morrer.

Não me arrependo da mentira. Acreditei nela. e fiz com que todos acreditassem, independentemente das dúvidas que pudessem ter. A medida que Henrique foi aprendendo mais sobre as mulheres, e me foi conhecendo melhor, percebeu, como. de certeza, percebera na nossa noite de núpcias, que era mentira, eu já não era virgem quando casei com ele. Mas durante os vinte anos de casamento em que estivemos juntos, só uma vez teve coragem para me desafiar, logo no início: e eu entro no tribunal, totalmente convencida de que ele nunca vai ter coragem para me desafiar novamente, nem mesmo agora.

Entro no tribunal, com lodo o meu processo alicerçado sobre a sua fraqueza. Tenho a certeza de que, quando eu estivera sua frente e ele for obrigado a olhar-me nos olhos, não se vai atrever a dizer que eu já não era virgem quando casei com ele, que eu já tinha sido mulher de Artur e amante de Artur, antes de lhe pertencer. A sua vaidade não lhe vai permitir dizer que eu amava

Artur com uma paixão verdadeira e que ele me amava. Que, em verdade, eu viverei e morrerei como mulher e amante de Artur, e que. assim, o casamento de Henrique comigo pode ser dissolvido, de acordo com a lei.

Não me parece que ele tenha a minha coragem. Acredito que, se eu conseguir manter-me firme e repetir mais uma vez a grande incutira, ele não se atreverá a levantar-se para dizer a verdade. "Catarina de Aragão. Rainha da Inglaterra, apresentai-vos perante o tribuna/.'" repete estupidamente o arauto, enquanto o eco das portas a bater atrás de mim se repercute por toda a sala do tribunal, que está em choque, e todos podem cerque eu já estou lá dentro, de pé, diante do trono, como um valente lutador.

É a mim que chamam por este título. Foi esperança do meu marido, na hora

da sua morte, desejo da minha mãe e vontade de Deus. que eu fosse Rainha da Inglaterra e. por eles e pelo país, serei Rainha da Inglaterra até morrer.

"Catarina de Aragão, Rainha da Inglaterra, apresentai-vos perante o tribunal'" Sou eu. Este é o meu momento. Este é o meu grito de batalha.

Dou um passo em frente.

